

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

RUA DE JÚLIO DE ANDRADE, 6 — LISBOA

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TÔMO VII — FASCÍCULOS 1
HOMENAGEM A GONÇALVES VIANA



OFICINAS FERNANDES — RUA DA CRUZ DOS POAIS, 103

1940

Sumário:

JOSÉ PEDRO MACHADO, <i>Gonçalves Viana</i>	1-16
FRANCIS MILLET ROGERS, <i>Gonç. Viana and the study of Portuguese Phonetics</i>	17-29
JOSEPH M. PIEL, <i>A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português</i>	31-47
JOSÉ PEDRO MACHADO, <i>Acréscimos de Gonçalves Viana às suas «Apostilas». Outras notas a propósito</i>	49-112

Aos Ex.^{mos} Colaboradores

Por representar grande vantagem para a publicação do *Boletim de Filologia*, pede-se o favor de os originais virem escritos de maneira muito legível ou dactilografados, sendo possível.

A redacção não se obriga a enviar provas tipográficas desde que os autores dos artigos não residam em Portugal, ou quando a organização do fascículo assim o exija.

Pede-se ainda que os *originais venham em redacção definitiva* para que as provas não tragam emendas da exclusiva responsabilidade dos autores, que só servem para complicar, encarecer e demorar a publicação do *Boletim*.

Assinatura anual:

Portugal e Espanha	30\$00
Colónias e Estrangeiro	35\$00
Fascículo avulso	7\$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

RUA DE JÚLIO DE ANDRADE, 6 (AO CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA)

LISBOA (PORTUGAL)

PEDIDOS À LIVRARIA ENCICLOPÉDICA

RUA DA CRUZ DOS POIAIS, 95

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13 — LISBOA

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TÔMO VII



OFICINAS FERNANDES
RUA DA CRUZ DOS POIAIS, 103 — LISBOA

1944

Índice do T6mo VII

Estudos :

AMARAL (VASCO BOTELHO DE), <i>Diccionario de Dificuldades da Língua Portuguesa</i>	435-445	P. 100
CORLEHO (JACINTO DO PRADO), <i>S6bre a poesia de Teixeira de Pascoais</i>	387-400	
LOPES (DAVID), <i>Cousas luso-marroquinas</i>	245-260	Fer. to
MACHADO (JOSÉ PEDRO), <i>Gonçaves Viana</i>	1-10	Fer. to
— <i>Acerescidos de Gonçaves Viana às suas «Apostilas». Outras notas a propósito</i>	49-112	Fer. to
— <i>Idem</i>	121-160	
X — <i>Inéditos de Gonçaves Viana</i>	261-292	
— <i>Acerescidos de Gonçaves Viana às suas «Apostilas». Outras notas a propósito</i>	293-356	
— <i>A Língua Árábica do Andaluz segundo os «Proleg6menos» de Iben Caldune</i>	401-418	
MALMEBERG (BERTIL), <i>Défense de la méthode cymographique</i>	113-120	
PIEL (JOSEPH M.), <i>A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português</i>	31-47	Zeit.
— <i>Os nomes germânicos na toponímia portuguesa</i>	357-386	Fer. to
ROGERS (FRANCIS MILLET), <i>Gonçaves Viana and the Study of Portuguese Phonetics</i>	17-30	
SARAIVA (ANTÓNIO), <i>Para uma futura edição da Écloga de Crisfal</i>	431-434	
SPITZER (LEO), <i>Le calcul par vingtaines</i>	425-426	
TILANDER (GUNNAR), <i>Rol</i>	419-424	
VIANA (A. R. GONÇALVES), <i>Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise — D'Après le Dialecte Actuel de Lisbonne</i>	161-243	Fer. to

Necrologia :

LOPES (PROF. DR. DAVID DE MELO), por Carlota Almeida de Carvalho	427-430
--	---------

Recensões críticas :

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, <i>Documentos inéditos de Marrocos. Chancelaria de D. João II (JOAQUIM FIGANIER)</i>	447-448
---	---------

Boletim de Filologia

publicado pelo

Centro de Estudos Filológicos

Tomo VII

1940

Fascículos 1 - 2

For the

Gonçalves Viana¹

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana nasceu em Lisboa, aos 6 de Janeiro de 1840. Foi baptizado na igreja de Nossa Senhora dos Anjos, em cuja freguesia moravam então seus pais.

Estes eram D. Maria dos Anjos e Epifânio Aniceto Gonçalves Viana.

Seu pai era nem mais nem menos do que o célebre actor Epifânio. Como na vida teatral encontrara outro actor também Viana e já assim conhecido vulgarmente, Epifânio deixou de usar esse apelido. Porém seus filhos (Torcato e Aniceto) usaram-no sempre desde o colégio.

Sóbre o que foi a infância do futuro lingüista consegui saber duas coisas apenas: que seu pai «era, no dizer do dr. Leite de Vasconcelos, de carácter dócil, amável, sensibilissimo e carinhoso quanto ser podia para com a família e filhos, sendo de todos assíduo enfermeiro à mínima doença... Foi imensamente respeitado e amado pela sua família, por seus dois filhos, pelos quais tinha o maior extremo e desvelo. O dia em que trazia um mimo a qualquer pessoa da família, e não se contavam poucas d'esses dias, era uma festa para todos e principalmente para elle».

¹ Conferência lida no Centro de Estudos Filológicos, no dia 6 de Janeiro de 1940, em comemoração do primeiro centenário do grande filólogo.

«Os cuidados e vigilância constante de que cercava os filhos; a jovialidade, a integridade e branda severidade com que os tratava, tão branda que nunca teve para nenhum delles uma palavra aspera, quanto mais um mau trato, eram em tal extremo, que a minima reprehensão não a dava directamente, mas transmitia-a por intermédio da mãe, tão amante de seus filhos como elle, porém mais austera¹.»

Mas, por outro lado, entre 1846 e 1848, aquella familia soffreu «grandes privações, visto que o theatro raras vezes dava recitas, chegando a estar elle (o actor Epifânio) e os seus d'uma vez mais de 24 horas sem comer, sem que os pequenos, . . . , soltassem um queixume, imitando a resignação dos pais.»

Dos seis filhos do casal, Toreato e Aniceto foram os únicos que chegaram à adolescência: mas em 1857 surge um flagelo terrível: a febre amarela, que não tarda em arrastar para a sepultura o irmão daquelle a quem hoje prestamos homenagem.

O actor Epifânio sentiu profundamente a perda de este filho.

Errando pelas ruas de Lisboa e sempre obcecado pela máguia de tan grande desgosto, apanhou uma soalheira. Foi esta o chamariz da mesma doença que matara seu filho e, tal como succedeu com este, também lhe cortou a vida.

Nessa época já Aniceto tinha acabado o curso do liceu e frequentava o curso commercial. Tinha dezassete anos quando a perda do pai o obrigou a abandonar os estudos e a empregar-se, tanto mais que tinha a seu cargo três pessoas da familia.

Conseguiu o lugar de aspirante na Alfândega do Consumo, parece que com o interêsse do ministro da Fazenda de então: António José de Ávila.

Foi nomeado a 9 de Janeiro de 1858.

Ai foi subindo a escada hierárquica sempre por concurso; sabe-se que em 1869 foi promovido a 3.º official; em 1877 a 2.º e em 1881 a 1.º

Naquele mesmo ano de 1869 fez a sua matrícula no curso de grego que António José Viale regia na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Em 1878 foi chamado para exercer em comissão o cargo de chefe das secções do pessoal, ou da contabilidade na Direcção

¹ *Gonçalves Viana*, no vol. X do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, pp. 634-635.

Geral das Alfândegas. Parece que não tinha grande vontade de se deslocar para aí, visto que só foi devido às repetidas instâncias do ministro da Fazenda, Henrique de Barros Gomes.

Apesar-disso lá se manteve até 1882, ano em que, a seu pedido, regressou à Alfândega.

Entretanto em 1878 e 1879 não perdeu a ocasião de frequentar a cadeira de Sânscrito do Curso Superior de Letras, regida por Guilherme de Vasconcelos-Abreu, onde teve como condiscípulos Zófimo Consiglieri Pedroso e o meu antigo professor de liceu, José Barbosa Bettencourt.

Não foi, porém, aquela a única comissão de serviço para que foi nomeado; de muitas outras fez parte, quer fôsem de reforma de serviços, quer de inspecção e inquérito.

Em 1880 foi nomeado secretário do 3.^o Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, celebrado em Lisboa nêsse ano.

A acção de Gonçalves Viana foi particularmente importante: «Como consta do prefácio escrito e assinado pelo falecido general Joaquim Filipe Neri da Encarnação Delgado, que succedera a Carlos Ribeiro na Direcção dos Trabalhos Geológicos, organizou Gonçalves Viana, e em parte redigiu em francês êsse relatório, volume de setecentas páginas, que foi publicado em 1884, accumulando êle, sem nenhum estipêndio mais, e voluntariamente, êste serviço com o que desempenhava nas Alfândegas, como funcionário delas. Para o mesmo Congresso traduziu em francês uma memória de Martins Sarmento, versão que está encorporada no relatório e se intitula: *Les Lusitaniens*.

«Em reconhecimento dêstes desinteressados serviços foi, pelo então Ministro das Obras Públicas, o professor António Augusto de Aguiar, expedida uma portaria de louvor, porque se recusou Gonçalves Viana a aceitar a comenda de S. Tiago, que lhe fôra oferecida pelo mesmo ilustre professor e estadista.

«De todo o trabalho de coordenação e revisão se incumbiu também, além da vastíssima correspondência epistolar que êsse notável documento exigiu, visto que uma parte dos estudos e memórias, apresentados ou lidos no Congresso, foram feitos pelos numerosos estrangeiros que a êle concorreram, e que dêsses trabalhos deixaram escassos esboços, que ao depois ampliaram, ou meros apontamentos, que foram por Gonçalves Viana aproveitados para redigir as actas das sessões. Quatro eram os secretários portugueses ao Congresso: Guilherme de Vasconcelos-Abreu, Francisco Adolfo Coelho, Ramalho Ortigão e Gonçalves Viana. Vasconcelos-Abreu

adocceu gravemente, e os outros dois, pela impossibilidade de disporem de tempo, não o puderam coadjuvar. Pode afirmar-se que, sem a espontânea cooperação de G. Viana, que com o encerramento do Congresso havia terminado a sua ingerência nos trabalhos d'ele, apresentando as actas respectivas, que elaborara, tais documentos importantísimos difficilmente haveriam sido publicados, doente como estava Carlos Ribeiro, e ausente em Inglaterra, em serviço do Estado, . . . Jorge Cândido Berkeley Cotter, funcionário competentíssimo . . . e que felizmente ainda poudo no seu regresso auxiliar uma parte da laboriosa revisão das provas. Por falecimento de Carlos Ribeiro, assumiu a responsabilidade da publicação do relatório o seu sucessor Neri Delgado, que no prefácio, . . . presta homenagem aos que intervieram em tão árdua tarefa e assinaladamente a G. Viana»¹.

Em 1881 foi nomeado sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde ficou com o n.º 498. Fez parte da respectiva direcção duas vezes: em 1895 e 1900-1902.

Em 1888 apparece-nos sócio da Associação dos professores de linguas vivas.

A 16 de Março de 1893 é nomeado sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, passando a efectivo a 17 de Novembro de 1910. A assembléia geral desta instituição científica nomeou-o vogal da Comissão do Dicionário da Língua Portuguesa a 2 de Março de 1911. A Segunda Classe por uma vez nomeou-o a 23 de Maio de 1912 para a comissão apreciadora do «Manual Internacional de transcrição dos nomes da lingua mandarina». Antes, por portaria de 15 de Maio de 1900, fora chamado para a comissão encarregada de rever a nomenclatura geográfica portuguesa. Foi para esta comissão que redigiu o admirável folheto denominado *Bases da transcrição portuguesa de nomes estrangeiros*.

Em 1903 funda-se a *Gesellschaft für Romanische Literatur* que logo nomeia Gonçalves Viana seu sócio.

Em 15 de Fevereiro de 1911 o Ministério do Interior publicou uma portaria onde era nomeado membro da Comissão de Reforma Ortográfica. Foi aí encontrar D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho e J. Leite de Vasconcelos. Dias depois (a 16 de Março) foram nomeados também António José

¹ Álvaro Nexes, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana no Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, X, pp. 975-77.

Gonçalves Guimarães, A. G. Ribeiro de Vasconcelos, Epifânio da Silva Dias (que depois pediu escusa), Júlio Moreira, J. Joaquim Nunes e M. Borges Grainha.

Apesar-de se tratar só de nomes ilustres foi G. Viana o escolhido para relator e mais ainda: o plano da reforma assentou em trabalhos seus anteriores.

Esta comissão viu coroados de êxito os seus esforços pela portaria de 1 de Setembro dêsse mesmo ano.

Finalmente no dia 13 de Setembro de 1914 faleceu em Lisboa, com a idade de 74 anos.

Antes de terminar esta primeira parte do meu trabalho julgo útil transcrever uns passos do artigo do Dr. Leite de Vasconcelos já várias vezes citado. Nêles se foca a personalidade física e psicológica daquele cujo centenário hoje comemoramos:

«Viana era magro, alto, e andava de vagar, dando extensas passadas, como canchas. Quando falava, fazia-o com ênfase, como pessoa nervosa, e nas discussões perdia a serenidade. O mesmo arrebatamento se manifestava também nos julgamentos: tanto punha em elevar até os astros, como descer até os infernos, uma obra ou um autor. Levava-se muito das primeiras impressões. Às vezes porém vinha-lhe a calma, sobretudo se, a sós ou por escrito, se insistia com êle acêrca de qualquer ponto com que a princípio não se conformava: isto, porque Gonçalves Viana tinha como base moral do seu espirito a candura. Não havia ninguém mais sincero, mais puro, mais verdadeiro. Incapaz de uma impostura, de uma mentira, se uma vez ou outra contrapunha injustamente palavras asperas a quem o rebatia, não procedia assim por malquerença ou de proposito: dominava-o o seu nervosismo, a sua imaginação. Muito desprendido de si, nem sequer pensou em deixar testamento, do que resultou o desperdiçarem-se os seus livros na bruta voragem de um leilão judicial. Embora possuisse extenso saber, não espalhafatava nunca, e apenas, quando se oferecia a ocasião, mostrava a serio que sabia. Os seus conhecimentos consistiam principalmente em línguas e literaturas modernas. Faltava-lhe talvez um pouco de disciplina, porque em novo não seguira com intensidade estudos regulares. Estes convem sempre, por modestos que sejam, a quem haja de se dedicar à sciencia, porque obrigam a metodo e a ordem. No campo da Filologia, Viana cultivou de preferencia, como já sabemos, a Fonetica viva, tanto portuguesa como geral. A Literatura medieval bem como a Sintaxe e a maior parte da Morfologia

eram-lhe menos familiares. Viana não tinha paciência para se embrenhar em arquivos, decifrar manuscritos, ou obras arcaicas, meditar contextura de frases, e tomar notas trabalhosas. Nem todos podem servir para tudo! Gostava mais de ler cousas correntes e modernas, como se vê das citações que ele faz nos seus livros. Grande parte do que escrevia, saía-lhe de um jacto. Parecia-se aqui um tanto com Gaston Paris, que, referindo-me em uma ocasião em sua casa aos seus apontamentos, me respondeu com espanto: «tenho tudo aqui», e bateu na testa com a ponta do dedo indicador. Só quem dispõe de grande memória é capaz de tais maravilhas¹. . . »

«As anotações de Viana aos seus próprios livros, e especialmente a refundição quasi total da *Orthografia*, mostram que o nosso filólogo era espirito progressivo, sempre desejoso de se aperfeiçoar². »

A obra de Gonçalves Viana, para ser estudada de molde a poder fazer-se dela uma idéia mais ou menos justa, deve ser considerada sob três aspectos principais: o *fonético*, o *ortográfico* e o *linguístico* em geral.

Não pretendo evidentemente estudar agora com minúcia cada um deles; para isso era necessário conhecer muito de perto a obra do nosso homenageado, era necessário ter «engenho e arte» e era necessário ainda não temer transformar estas palavras tam desprezenciosas como singelas, numa fonte de erudição pesada, não pelo conteúdo, mas pela forma.

Pretendo apenas lançar mão dum ou doutro ponto de cada um desses aspectos e mostrar aquêles que possam testemunhar a importância *actual* de Gonçalves Viana.

Comeremos pelo aspecto *fonético*.

Para esta ordem de estudos possuía êle duas qualidades que bastante o ajudavam. Eram, segundo o testemunho nunca demais invocado do sr. Doutor Leite de Vasconcelos, «o ouvido apuradissimo, que fazia que ele distinguisse os sons mais subteis ou os menos perceptíveis» e «um dom de memória que lhe permitia não só falar ou entender muitas lingoas, mas conservar de cór e reproduzir facilmente longos trechos literarios, e até poemas³. »

¹ *Boletim da Segunda Classe*, X, pp. 628-629.

² *Idem*, p. 644.

³ *Idem*, pp. 607-608.

Primeiro do que ninguém, foi também o Doutor Leite de Vasconcelos quem viu o principal valor de Gonçalves Viana neste assunto: «O seu aparecimento no nosso país até constitue um phenomeno muito notável: Viana, como foneticista, formou-se a si mesmo, sem mestres, sem tradições, sem laboratorios, e sem sair de cá, pois que só tarde, já depois de ser conhecido, se relacionou com muitos filólogos, e viajou por fora de Portugal (França, Alemanha, etc.)¹.»

Com alguns teve apertados laços de amizade, como Paulo Passy e Foulché-Delbosc.

Foi elle o criador entre nós da Fonética científica. Em quatro trabalhos lançou as suas bases, e de tal maneira, que hoje nada se poderá escrever sem o seu conhecimento prévio. São elles:

Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue Portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne, publicado no vol. XII² (1883) da *Revista Romania*³;

Exposição da Pronuncia Normal Portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros. Memoria destinada á X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas (1892);

Portugais. Phonologie. Morphologie. Texte, (1903) moldado no *Elementarbuch des gesprochenen Englisch*, de M. H. Swest; e finalmente a

Orthografia Nacional. Simplificação e unificação sistemática das orthografias portuguezas.

O ouvido apurado de que dispunha como poucos, ao lado do «honesto estudo» prepararam-no capazmente para a obra empreendida.

Ao estudar a fonética portuguesa Gonçalves Viana soube encarar e resolver satisfatoriamente um problema da maior das importâncias: o do dialecto padrão.

Enfrentando o problema há bons quarenta anos não estava em condições de prever onde se chegaria, embora pudesse verificar por onde se caminhava.

O autor da *Orthografia Nacional* não era dos que passava o tempo a admirar-se, nem dos que dormia sobre louros passados. Era, pelo contrário e como já transcrevi, «um espirito progressivo, sempre desejoso de se aperfeiçoar», por isso lia, lia e anotava

¹ *Boletim de Segunda Classe*, X, pp. 629-630.

² Pp. 29-98.

³ A propósito d'este trabalho q. v. *Boletim de Segunda Classe*, X, p. 980

continuamente. As suas obras, os livros que lhe passavam pelas mãos demonstram-no cabalmente.

As suas anotações à margem ou em papéis encadernados juntamente com os volumes, são por vezes autênticas lições.

Gonçalves Viana estava perfeitamente ao facto do que se passava lá fora e por isso tinha indiscutível autoridade. Os seus juízos, as suas conclusões não eram arquetetadas no momento, não tinham pés de barro.

Baseado na sua experiência e na sua vasta cultura podia falar: as suas palavras além de serem sábias *eram sobretudo actuais para a sua época*, mas da actualidade exacta, da actualidade indiscutível, não da actualidade vaporosa, etérea, que um simples piparote deitava por terra. Nessa não intervinha ele, porque essa não lhe interessava.

Mas voltemos ao dialecto padrão, ao português que deve ser tido como base do tratado de fonética que depois bastante serviria para a elaboração de um sistema ortográfico.

Como vimos nos títulos das obras que acima citei como fundamentais, o dialecto padrão para G. Viana era o de Lisboa, o da capital.

Hoje o acôrdo é completo. É assunto que *hoje* já ninguém discute.

O dialecto duma capital deve ser padrão fonético, como o deve ser ortográfico. Os fenómenos dialectológicos devem ser considerados, mas isso é já para estudos especiais e para a melhor compreensão da *Lingua geral*. Quando se diz *português* deve-se antes de mais nada pensar na forma por que ele é falado em Lisboa, tal como succede com o *inglês* em relação ao dialecto Londrino. São de Leonardo Bloomfield estas palavras:

«O progresso da lingüística histórica mostrou que a lingua padrão (*standard language*) não era de modo nenhum o tipo mais antigo, mas surgira sob condições históricas particulares, de dialectos locais. Inglês padrão, por exemplo, é a forma moderna não do velho inglês literário, mas do velho dialecto local de Londres que se tornou primeiramente numa lingua provinciana e depois numa lingua padrão e nacional, absorvendo, no entanto, um bom número de formas de outros dialectos locais e provincianos¹.»

¹ *Language*, p. 322

A razão da preferência do dialecto da capital para padrão é simples: a sua centralização, a sua importância social, política e administrativa e até por vezes a sua maior densidade da população, tudo isso, são razões que me parecem indiscutíveis, mesmo perante excepções (como a do italiano), que na sua maior parte não representam mais do que reflexos de casos muito especiais, que não servem para invalidar o que se acaba de dizer.

L. Bloomfield é um dos maiores nomes da Filologia moderna; os seus conhecimentos representam o que de melhor se tem conseguido ultimamente no campo da Lingüística Geral e estão resumidos na obra donde extrai os passos acima transcritos: *Language*.

Por aí se pode ver onde se está; lá se encontrarão passos que jogam perfeitamente com outros que o nosso filólogo escreveu.

O aspecto fonético foi o que maior atenção mereceu a Gonçalves Viana. Era dos conhecimentos larguissimos adquiridos em laboriosas investigações que êle partia para todos os seus trabalhos.

Para êle, como para Ernesto Gamillscheg, a «Fonética é a Tabuada da Filologia¹». As leis fonéticas são na linguagem um factor muito mais importante do que as semânticas, porque nela o acto involuntário, mecânico é muito mais normal do que o voluntário, o espiritual.

Quem dá mais largas e mais importância ao elemento semântico arrisca-se a cair, na maioria dos casos, no diletantismo filológico, para não dizer na fantasia, como manda a boa justiça.

Houve até quem chegasse ao ponto de pretender formar uma filosofia da linguagem; pois ela foi unanimemente rejeitada por filólogos e por filósofos².

Mas afinal o que fizeram?

O material foram-no buscar aos contrários, aos caturras, aos que não acreditam nessas altas lucubrações espirituais. Sucedeu até que em certa obra é quasi tudo tirado mais ou menos fiel e declaradamente de Meyer-Lübke e Brunot; as explicações é que são do signatário do livro e elas no dizer de Max Kutner, nem

¹ *Zeits. f. franz. Spr. u. Lit.*, 1927, p. 238.

² Gerard Rohlfs, *Sprache und Kultur*, p. 9.

sempre «ressaltam incontestavelmente dos próprios factos ¹.»

Faltava-lhes aquilo que é a base fundamental das obras de Viana: o conhecimento indispensável do estudo fonético, da evolução histórica e da herança lingüística.

A *Ortografia* para Gonçalves Viana devia ser a simplificada «Que se opere larga simplificação nas convenções gráficas até agora empregadas, muitas das quais são de origem moderna, e teem contribuído muitíssimo para agravar a já complicada escrita herdada pelo XIX século, e que lhe fôra legada pelo anterior...

«Não é. . . , sòmente preciso uniformizar as inúmeras ortografias, que aí se usam, sistemáticas, ou assistemáticas; é também indispensável que a uniformização e reforma sejam ditadas, não pelo capricho individual, ou por opiniões desconexas e arbitrárias sôbre êste ou aquele vocábulo ou preceito, mas sim pelo estudo reflectido de tôda a questão ortográfica, e pelo conhecimento histórico da língua e das suas modificações sucessivas...

«Para se evitar êste grave estôrvo à reforma — os arbítrios fundamentados — torna-se preciso que as modificações, alterações e simplificações necessárias para se obter a uniformidade que se deseja, tenham explicação fácil e compreensível a todos, e, na sua maior parte, exemplo autorizado, ou razões fundamentais que as determinem ou aconselhem, e sejam rigorosa dedução de princípios estabelecidos, pouco numerosos, firmes e, quanto possível, incontestáveis: pois, na verdade, o fito a que principalmente deve tender a reforma das ortografias portuguesas é o de resumir em regras certas, com pouquíssimas excepções, ou nenhuma se possível fôsse, todos os preceitos sôbre a escrita dos vocábulos, de qualquer origem ou natureza que êles sejam.

«É inquestionável que, no interesse da instrução geral e dos nossos foros de nação que possui língua culta, será de grande vantagem a simplificação da ortografia, pautando-se esta pela simplicidade das dos dois idiomas que com o nosso teem maior afinidade, o castelhano e o toscano. Em Espanha, como em Itália, são raras as cacografias e os erros da leitura, porque a singeleza racional dos seus sistemas ortográficos é estôrvo eficaz ao capricho individual, e dá margem a poucas dúvidas ².»

¹ *Die Neueren Sprachen*, XXX (1922), p. 443. As últimas citações foram tiradas do importante trabalho do Sr. Doutor Manuel de Paiva Boléo, denominado *Orientações da Filologia Românica na Alemanha*, pp. 20 e 21.

² *Ortografia Nacional*, p. 5-6.

Mas Gonçalves Viana não pretendia simplificar à *doida*.

«A base para a regularização da ortografia portuguesa tem de ser a história da língua no tempo e no espaço; convém saber, o exame detido e científico dos seus monumentos escritos, desde os primeiros tempos, e o conhecimento metódico dos seus vários dialectos actuais. As línguas estranhas, cujo conhecimento se torna necessário para frisar, e sobretudo para aplicar essa ortografia, são a latina e a castelhana, estas duas mesmas somente como auxilio para resolver os casos duvidosos; e em muito menor grau algumas das outras línguas românicas, o asturiano, o italiano, o provençal, pois que o romeno, o francês e os dialectos réticos, ou os gálio-italicos fraco subsidio ministrarão ao estudo do português. Para a applicação da ortografia, o próprio estudo do latim, ou do castelhano poderá ser sumariissimo, porque os casos duvidosos se reduzem a pequenas séries de vocábulos, que podem ser ensinadas dogmáticamente...»

«Desconhecer ou menosprezar as formas portuguezas anteriores às actuais para entroncar estas com o latim literal, é erro insanável de método, porque, desprezando-se as formas intermédias, se eliminam os factores mais importantes nessa evolução, a transformação lenta e successiva¹.»

Mas havia (e há) quem não concordasse com estas palavras; não se lembravam, diz elle, «de que a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho do pedantismo, que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a consequente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quasi sem protesto².»

O que succedia com a ortografia, succedia com a questão da língua vernácula, que para tantos é o português de certos escritores dos séculos XVI e XVII.

Querem apresentar como português digno de ser seguido ou imitado, como o português mais puro, o de meia dúzia de indivíduos que escreveram de uma maneira que ninguém falava e que ainda por cima viveram há bons 300 ou 400 anos. Estes caem

¹ *Ort. Nac.*, p. 7-8.

² *Idem*, p. 8-9.

num caso de negação científica: o pretender imitar coisas passadas, com desprezo absoluto da evolução que é nem mais nem menos do que o próprio sentido progressivo que sempre tem animado e há-de animar a humanidade.

Limitemo-nos à ortografia: ela deve representar sempre a língua viva, a língua da época, deve ser, dentro do possível, o seu retrato mais fiel.

Se vamos atrás de etimologias e do que escreveram os nossos clássicos, o que conseguimos?

Um monstro inverosímil porque nenhuma realidade representa.

Dizem que «uma linguagem apresenta-nos em certo momento uma estrutura estável de léxico e de hábitos gramaticais, e há até um período em que se apresenta com maior capacidade expressiva devido aos esforços dos escritores puristas.»

«Isto é, todavia, uma ilusão, responde L. Blomfield¹. Cada língua sofre, em todos os tempos, um lento mas incessante processo de *alteração lingüística*. Temos evidência directa desta alteração no caso das comunidades que possuem monumentos escritos dos seus mais antigos falares», e apresenta exemplos ingleses, como eu poderia aqui fazer com portugueses.

Os «monumentos escritos, continua ele, dão-nos informação directa sobre os hábitos lingüísticos do passado, o primeiro passo no estudo da alteração lingüística, por toda a parte onde existam monumentos escritos, é o estudo destes monumentos»².

Servem para um estudo histórico que nos ajuda a compreender melhor o estado actual das coisas, mas nunca para tornar estas iguais às passadas.

Como se acaba de verificar também neste aspecto, Gonçalves Viana pode ser seguido à vontade, porque está de acôrdo com o que *hoje* se pensa.

Pena foi que a Comissão da Reforma Ortográfica de 1911 em vez de adoptar «para base da discussão o Questionário ortográfico» de Viana, o não adoptasse antes para ser seguido o mais de perto possível. Os membros dessa Comissão deviam lembrar-se que o autor tinha passado uma boa parte da sua vida a estudar o assunto e podia falar por cima acerca dele.

Hoje já se estaria com uma ortografia muito mais razoável e

¹ *Language*, p. 281.

² *Idem*, p. 282.

sem um certo número de disparidades que tanta impressão causam a quem começa ou quem medita dois segundos.

No número de 22 de Julho de 1923 (?) da *Gazeta de Notícias* do Brasil, certo estudioso brasileiro muito conhecido lá e cá como pouco conveniente em palavras, escreveu umas linhas não muito cortezes a respeito de Cândido de Figueiredo, de Gonçalves Viana e de José Leite de Vasconcelos.

A propósito do nosso homenageado escreveu isto: «Gonçalves Viana estuda a prosódia também *contemporânea*, e faz alguns excursos asiáticos, não sem se prevenir com o seu Hobson Jobson.»

Pretendem estas palavras agredir ou menosprezar o valor da facêta *lingüística* do filólogo português.

Eu reputo de muito curiosa a afirmação que se faz no fim daquelas linhas, e curiosa porque (se bem a compreendo) me parece inexacta.

Devo começar por dizer que não sei o que pensava êsse crítico do *Hobson-Jobson* e ainda menos se de facto êle o conhecia praticamente.

Não sei igualmente se êle estaria em condições de o poder apreciar, o que sei é que pela obra que êle nos deixou estou em dizer que não. Cf. até a propósito o que escrevi numa obra do A. na *Bibliografia Filológica*, no verbete n.º 546.

Desconheço também se se refere só a determinado livro do autor da *Ortografia Nacional*, ou se a esta sòmente.

Mas num caso ou noutro posso garantir, porque verifiquei o facto, que aquela afirmação é inexacta, visto que o trabalho de G. Viana onde o livro do Yule aparece citado mais vezes são as *Apostilas*, e mesmo aí não sai fora do normal e deve-se ter ainda em conta que se trata de um trabalho de carácter lexicológico. Na *Ortografia* (obra de 327 páginas de texto) fazem-se duas citações dessa obra (nas pp. 168 e 223).

Mesmo que se utilisasse dela a miude podia fazê-lo, porque êsse livro «é, no dizer insuspeito de M. Delgado¹, um tesouro de erudição e judicioso critério, e uma mina de preciosas informações, particularmente com relação à nossa literatura concernente ao

¹ *Boletim da Segunda Classe*, X, p. 661-662.

ultramar»; não é portanto qualquer livreco de somenos importância.

Mas Gonçalves Viana sabia que para dominar os problemas de que se occupava, para melhor estudar a língua portuguesa, era necessário ir muito mais além do que quasi todos os seus antecessores, que julgavam o latim como sufficiente para tudo.

Gonçalves Viana não era filólogo do século XVIII.

Ele sabia que o estudo de uma língua (qualquer que ela seja) é um problema complexo, cuja comprehensão completa, ou pelo menos aproximada, só é possível a quem possa ter diante de si o fenómeno lingüístico em geral, para dêle poder partir em direcção às particularidades dessa mesma língua.

Gonçalves Viana foi um dos maiores estudiosos de todos os tempos e a sua superioridade indiscutível está, quanto a mim, nisso mesmo.

O seu horizonte lingüístico não parava diante de determinada parede. A sua capacidade era grande, porque os seus horizontes eram larguíssimos.

À primeira vista isto pode parecer um motivo para dispersão intellectual.

É um engano.

Se o espírito é ordenado, nada há que o desordene. Agora se o não é...

Gonçalves Viana possuía as melhores armas de que um filólogo pode dispôr: a Fonética e a Lingüística geral, que fizeram dêle o gigante onde todos vamos beber.

Os filólogos de hoje são assim. Meillet, Vendryes, Jespersen, Pedersen, Bloomfield, Bolling, Meyer-Lübke, Gamillscheg, Gerard Rohlfs, Gilliéron, Meinhof, Speiser, Millardet, Grammont, Schuchardt, Arnaldo Steiger, M. L. Wagner e muitos outros, atestam o que eu acabo de dizer. São os mestres indiscutíveis. Nas suas obras não devemos só ir buscar informações, devemos sobretudo ir buscar o método, porque o dêles é bom, é superior e é devido a elle que são grandes, muito grandes mesmo.

Gonçalves Viana sabia isto. Nada escreveu (que eu saiba) sobre o assunto.

Foi pena!

O interêsse criava-se e hoje mais alguma coisa haveria.

Que nos sirva então de modelo a sua vasta obra e que ela ponha ao menos a caminho os que meditam sobre ela.

A Fonética não era para Gonçalves Viana, como não o é para

os estudiosos de hoje, o estudo mais ou menos árido de meia dúzia de sons; ela hoje estuda os sons da linguagem e sobretudo as suas relações com os outros fenómenos lingüísticos, com o auxilio e conhecimento das condições físicas e fisiológicas da linguagem. Ela, só por si, pode hoje resolver e estabelecer problemas de lingüística¹.

Nós sabemos que o número de fonemas de uma língua é muito mais reduzido, do que o dos possíveis e conhecidos. Estes são tantos que, no dizer de Vendryes², nenhum instrumento musical pode emitir sons tam variados como o aparelho humano.

Mas para se estudar a fonética de uma língua há a necessidade de conhecer a das outras, tal como para se estudar com profundidade o português, por exemplo, é indispensável o conhecimento prévio de latim, gótico, árabe, espanhol, catalão, provençal, francês, italiano e romeno *principalmente*.

Verificamos, portanto, que ao lado do elemento puramente fonético, há outro de carácter mais geral: o comparativo.

Foi com ambos que G. Viana trabalhou e foi com êles que triunfou de maneira indiscutível.

Sabendo teórica e praticamente uma infinidade de línguas êle estava em posição superior para enfrentar os problemas que o preocupavam.

Estudando e aprendendo sempre ia-se preparando, porque por cada passo que dava um novo horizonte lhe surgia na frente.

Por isso nos deixou obras que, passem-se os anos, passem-se os séculos, sempre serão tidas como fundamentais não só pelo seu valor histórico, mas também pelo científico.

Há três que bem se podem apresentar exemplificadoras do que acabo de dizer: a *Orthografia Nacional*, o *Português* e as *Bases da Transcrição*.

Para terminar resta-me só fazer esta afirmação: Gonçalves Viana com José Leite de Vasconcelos e David Lopes são os filólogos portugueses mais conhecidos e considerados como mestres cá e no estrangeiro.

É necessário que a geração moderna queira caminhar, porque a estrada está aberta e a direcção a tomar nela foi indicada por êles.

¹ Roudet, *Éléments de Phonétique Générale*, § 1.

² *Langage*, p. 40.

Resta-me só referir à obra de Gonçalves Viana.

É muito vasta e anda dispersa. A única tentativa, que eu conheça, para a reunir em bibliografia foi realizada pelo sr. Álvaro Neves no *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa na última parte do volume x, que, como já disse, foi consagrado à memória do grande foneticista.

Essa lista parece-me completa.

Apenas lhe tenho a acrescentar o seguinte: existem na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa uns manuscritos encadernados de Gonçalves Viana. Tenciono fazer diligências para conseguir a indispensável licença da sua publicação.

JOSÉ PEDRO MACHADO

Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics

In my opinion, one of the most fitting ways to commemorate the one hundredth anniversary of the birth of Aniceto dos Reis Gonçalves Viana is to draw up a brief history of the study of Portuguese phonetics. The role of the man whom we are honoring this year will be so outstanding in such a history as to require no further comment.

A history of the study of Portuguese phonetics¹

1. The first study of the sounds of the Portuguese language made since the advent of the science of phonetics was a paper by Prince Bonaparte² entitled *On Portuguese simple sounds*, read before the Philological Society on November 21, 1879. To quote the author: «These sounds are given as I hear them used amongst cultivated society in Lisbon, and as they are generally admitted by João de Deus in his highly approved «Diccionario Prosodico», Lisbon, 1878.» Thus the sole written work to which the Prince refers is this dictionary, a fact for which Sweet later criticized him, as we shall see.

The next article on the subject, the first written by a Portuguese and the first to appear in Portugal, was Gonçalves Viana's review of Schuchardt's *Die «Cantes Flamencos»*, containing many important notes on Portuguese phonetics and many observations on

¹ To be read in conjunction with the «Bibliography of works on the phonetics of standard Portuguese (arranged chronologically)», at the end of this article.

² Prince Bonaparte, who was born in 1813 and died on November 4, 1891, was a nephew of Napoleon I. His title was conferred on him by Napoleon III. He dedicated his life, not to politics, but to science, especially linguistics, and was a famous polyglot. See Gonçalves Viana, *O Príncipe Luís Luciano Bonaparte*, in *RL*, II (1890-2), 351-2, and also the *Correspondance philologique* of the two scholars.

the dialects. This review inaugurated in Portugal the scientific study of phonetics, as Dr. Leite de Vasconcelos has pointed out¹.

Inasmuch as Gonçalves Viana is to play a very prominent role in the history which we are writing, let us look into his life in order to become better acquainted with him as an individual.

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana² was born in Lisbon on January 6, 1840, just one hundred years ago. He was the son of the famous actor Epiphânio Aniceto Gonçalves and of Maria dos Anjos, both natives of the capital. The couple had six children, but only two attained adolescence, Torquato and Aniceto dos Reis. On October 5, 1857, Torquato died of yellow fever; ten days later the father also succumbed to the same malady.

Aniceto dos Reis thus found himself obliged, at the age of seventeen, to support his mother, had to abandon the commercial course he was taking, and on January 9, 1858, entered as an *aspirante* in the *Alfândega de Consumo* in Lisbon. He continued to work there all his life, eventually becoming chief of the *1.ª Repartição da Alfândega de Lisboa*. He died on September 13, 1914.

Gonçalves Viana inherited an extraordinary memory from his father, and is said to have known by heart Tasso's *Gerusalemme liberata*! He also had a fine ear; and, without a master, or laboratory, of foreign residence, or established tradition, he became a great phonetician. Only later in life, after having become known, did he travel a little abroad (France, Germany); he was in Paris in 1889. In addition to being a renowned phonetician he was a distinguished polyglot.

Personally, Gonçalves Viana was very nervous and very modest; he did not even trouble to make a will, and most of his books, which he was accustomed to annotate fully, were lost in an official auction after his death. Moreover, Gonçalves Viana was very fastidious about his dress.

The famous customs official is perhaps best known for his work in Portuguese and general phonetics, and for his efforts to simplify Portuguese spelling. The latter bore fruit in 1911, were the government adopted the reformed orthography. He also translated from foreign languages (for example *Die Leiden des jungen Wer-*

¹ RL. III, 372; *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris and Lisbon, 1901), p. 68.

² He earlier spelled his name *Vianna*, and indeed in *Ortografia Nacional* it appears as *Gonçalves Vianna*. Cf. *Vasconcellos*, old for *Vasconcelos*.

thers, published as *Mágoas de Werther* in 1885), wrote school text-books, and did a large amount of work in Portuguese lexicology and etymology. He was a member of the *Sociedade de Geografia de Lisboa*, of the *Academia das Ciências de Lisboa*¹, and of other learned societies².

2. The following stage in the development of Portuguese phonetics is twofold. Independently of each other and without knowing one another's work, Henry Sweet and Gonçalves Viana were engaged in writing important treatises. The Portuguese scholar was the first to publish, the treatise being his well known *Essai* (1883). Sweet's paper, in which he employs a somewhat unusual system of spelling English, was already set up in type, when Mr. Furnivall called my attention to an article on Portuguese sounds in the *Romania*,... as he tells us in the «Concluding Remarks», page 233. Sweet then goes on to cite points of agreement or disagreement between the two articles, and concludes, p. 236: «If my paper had appeared before M. Vianna's, I might have claimed the merit of having added considerably to our knowledge of the language; as it is, I can only claim that of having, with the help of Visible Speech, perhaps defined the formation of some of the sounds more closely...» I might add that Sweet's employ of Melville Bell's Visible Speech³ does not prevent the reader unfamiliar with that alphabet from fully understanding the article, in spite of Paul Meyer's remark in his notice: it is very easy to learn the symbol for the corresponding Portuguese sound and follow through the article⁴.

¹ See *Parecer acerca da candidatura do sr. Gonçalves Viana a sôco efectivo* [he had been *sócio correspondente*], in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, V (1911), 401-2.

² For biographies of Gonçalves Viana, see Cláudio Basto, *A. B. Gonçalves Viana*, in *RL*, XVII (1914), 209-21; J. Leite de Vasconcelos and J. J. Nunes, *Vida e obras de Gonçalves Viana*, in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, X (1915-6), 607-48 (here we find photographs of the phonetician and of his father); Alvaro Nêves, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, in *Boletim da Segunda Classe*, X, 972-1010 (here we find a good bibliography of his writings); and Oscar de Pratt, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, in *Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal*, II, 2.^a parte, 93-98.

³ Alexander Melville Bell (1819-1905) was the father of Alexander Graham Bell (1847-1922).

⁴ As Meyer remarked, Sweet had explained the mechanism of the alphabet in *Sound-Notation*; in *Transactions of the Philological Society*, 1880-1, Part II (1881), 177-235.

Sweet tells us on the first page that his article is based on a careful study with an educated native of Lisbon, aided by Prince Bonaparte's *Simple sounds*, Vieyra's dictionary, and João de Deus *Diccionario prosodico*. Lisbon, 1878. Thus he was not acquainted with Gonçalves Viana's article in *O Positivismo*. Sweet adds: «But my appreciation of the sounds differs considerably in sum respects from that of Deus, whom the Prince generally follows,» and says he had heard that João de Deus was from the Algarve, suggesting that there may possibly have been dialectal influence in his work.

Prince Bonaparte was slightly piqued by Sweet's remark that he generally followed João de Deus¹, and in reply wrote his article *Portuguese vowels, according to Mr. R. G. Viana* [i. e., in *Essai*, not in *O Positivismo*, with which the Prince was not acquainted at this time]. *Mr. H. Sweet, and myself* (1885), in which he carefully compared his own previous article, the *Essai*, and Sweet's article, confining himself to the vowels and accompanying the comparison with an elaborate chart. He said that in a future note he would perhaps speak of the consonant sounds, but such a note was never published to my knowledge².

3. After Gonçalves Viana's review of Dr. Leite de Vasconcelos *A Evolução da linguagem*, which contains many useful notes on Portuguese phonetics, we find that the subject of Portuguese Phonetics became known and cultivated elsewhere on the continent of Europe. Jules Cornu, professor of Romance Philology at the University of Prague, who had been in Lisbon on two different occasions, in 1878 and in 1880, and who was to return in 1891³, published his article on the Portuguese language in Gröber's *Gundriss* in 1888, devoting pp. 715-717 to the pronunciation of the modern language.

¹ In *Correspondance philologique*, which contains the correspondence between the two scholars from July 13, 1884, to October 24, 1887, the Prince admits (p. 17) that «João de Deus («Vocabulario Sonico») m'a quelquefois induit en erreur.»

² Concerning Bonaparte, *Essai*, and Sweet, see *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, I (1890), p. 1; *Phonetische Studien*, VI (1893) 200-1; and Hermann Breymann, *Die phonetische Literatur von 1876-1895* (Leipzig, 1897), p. 91.

³ See sheet 144 of the *Bibliografia Filológica Portuguesa*. In *Essai*, p. 35, n. 2, Gonçalves Viana says he knew Cornu in Lisbon in 1881.

The following year Gonçalves Viana published his first article in *Le Maître phonétique*; it contains a few notes on Portuguese phonetics, with a transcription of Garrett, *Folhas caídas*. This article appeared in the July, 1889, issue (7), and in the November issue (9) we find the Portuguese phonetician listed as a new member of the *Association phonétique des professeurs de langues vivantes*. His review of Wulff's work, in the same organ, contains notes on Portuguese [A], [a], and *uh*. The transcription of the *Lusiadas* is also accompanied by good notes on Portuguese phonetics¹.

From 1890 on, Gonçalves Viana wrote several articles (cf. *a moyen*), reviews (cf. those of the works of Edwards and of Jespersen²), and notes³ for *Le Maître phonétique*, many of them shedding some light on the problems of Portuguese phonetics, of which he was most certainly the master during the pre-instrumental days: in the opinion of Rodrigues Lapa⁴ and of João da Silva Correia⁵, Gonçalves Viana's own hearing was his kymograph.

4. In the meantime Gonçalves Viana published his *Exposição* (1892), destined for a congress of orientalists which was to take place in Lisbon, but which never met⁶. Two years later he published his essay on the literary languages of Spain and Portugal, an article which gives a résumé of the chief phonetic features of Spanish, Portuguese, and Catalan.

In this same year (1894) Foulché-Delbosc published his grammar,

¹ In *Le Maître phonétique* the author's name is not given, but in the errata in the back of *Exposição* Gonçalves Viana admits the authorship.

² Some statements in the review of Jespersen prompted a polemic between Gonçalves Viana and Julio Saavedra à propos of 'ab, d, g hispaniques'. See *Le Maître phonétique*, 1906, 59-61, 79-80, 1907, 70-2.

³ See 1890, 105; 1893, 23, 176-8; 1896, 105-7; 1898, 72-3; 1902, 105; 1903, 74; 1904, 26-8, 154; 1905, 67-8; 1906, 112; 1907, 48-9; 1908, 82. Moreover, there is a phonetic transcription of Portuguese by Gonçalves Viana in *Exposé des principes de l'Association Phonétique Internationale*, 1900, p. 13, and another, unsigned, in *Aims and principles of the International Phonetic Association*, 1904, p. 17. Because he did not think the transcription of a Portuguese text in the supplement to the *Maître phonétique* of Sept.-Oct., 1912 (*The Principles of the International Phonetic Association*), was quite correct, António F. Botelho, although admitting he had no competence, furnished a transcription for *Le Maître phonétique*, 1928, p. 69.

⁴ *A Língua Portuguesa*, II, 286-7.

⁵ *O problema da norma ortoépica na língua portuguesa* (in *Bíblas*, IX, 1933, 1-22), p. 2.

⁶ See *Revista Lusitana*, III, 373.

of which Dr. Sá Nogueira wrote in the *Bibliografia Filológica Portuguesa*: «É particularmente notável o primeiro capítulo, que é consagrado à pronúncia.» I find, to the contrary, that this chapter is quite mediocre, indeed, in some cases definitely erroneous¹. In 1895 the Portuguese scholar went into one of the many problems of Portuguese phonetics in his review of Radermacher's book, where he censures the German for having accepted João de Deus' three *e*'s²; the reviewer himself furnished several good notes on the value of this letter.

5. The next two works of capital importance are Gonçalves Viana's *Portugais* and his *Ortografia Nacional*. In 1906 we have the following studies: the second edition of Cornu's article, with modern Portuguese phonetics discussed (pp. 917-924) at greater length than in the first edition; Gonçalves Viana's *Quantidade prosódica*, in which that distinction in vowel length which makes possible a pun like «Matei hoje uma galinha, comia ontem» (see p. 26) is discussed; and the first edition of Passy's *Petite phonétique comparée*, which, in common with the later editions, contains a few notes on Portuguese and a transcription in that language of the text which the author transcribes into several other languages.

The last purely phonetic work which Gonçalves Viana published was his review of Josselyn, containing a few remarks on Portuguese phonetics.

6. Next follows a long period of inactivity, broken only by Rolin's article in 1910³, by the introduction into the United States in 1925 of a sound doctrine of Portuguese phonetics based primarily on Gonçalves Viana's *Portugais*⁴, and by Wengler's study in 1926, which is a «Mitteilung eigener Beobachtungen, die ich im Verlauf der Sommermonate 1925 in Coimbra, Vianna do Castelo,

¹ Cf. p. 8: *alh* se prononce comme les *ll* mouillés des mots français *filie*, *puille*...

² For further discussion, see Sweet, *Spoken Portuguese*, and the 2nd ed. of Cornu's article in the *Grundriss*.

³ Rolin presents old and well known material concerning a few questions of Portuguese pronunciation, chiefly as regards the unstressed vowels. He has largely copied his material from Gonçalves Viana without giving specific citations.

⁴ The section on pronunciation (pp. 1-34) in Hills, Ford, and Coutinho's grammar combines the doctrine of *Portugais* with a number of shrewd and very valuable original observations, especially concerning the so-called «close ê» and concerning the closed *o*.

Porto und Lissabon gesammelt habe.» Wengler had attended the first summer course for foreigners of the University of Coimbra¹; some of his observations are extremely good and very valuable.

As Rodrigues Lapa pointed out, «O labor de Gonçalves Viana não frutificou, como devia; o fonetista não deixou discípulos, nem era fácil deixar, isolado como andou do nosso meio universitário, onde, de resto, se não cura também de preparar sucessores...»² It was not until 1936 that Gonçalves Viana's work was really to fructify, with the founding of the excellent *Laboratório de Fonetica Experimental* in the University of Coimbra, under the direction of Dr. Armando de Lacerda.

And yet the subject of experimental phonetics was taught in the Faculty of Letters of the University of Lisbon during the school year 1918-19 by Alfredo Apell, and the five lectures of the course were published³. Although Apell was praised in March, 1919, in a session of the Council of the Faculty, on the motion of Dr. Leite de Vasconcelos, «por ter introduzido em Portugal o estudo da fonética experimental»⁴, no one continued his studies and teaching, the first book published in Portugal on Portuguese phonetics since 1904 being Oliveira Guimarães' work (1927), although on June 24, 1926, at the University of Coimbra, M. le Chanoine J.-M. Meunier gave a lecture on various applications of experimental phonetics, a lecture that was published in the *Bulletin* of the *Institut de Coimbra*⁵.

7. At the present time in Portugal, two centers for the study of the Portuguese language are functioning. One is the *Centro de Estudos Filológicos* in Lisbon, which was founded by decree No. 21,429 on June 30, 1932, as a dependent organism of the *Junta de Educação Nacional* (today the *Instituto para a Alta Cultura*). The management of the *Centro* was established by the

¹ See *Die neueren Sprachen*, XXXIV (1926), 57-60.

² *A Língua Portuguesa*, II, 287.

³ Alfredo Apell, *Algumas lições de fonética experimental na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*; in *Arquivos da Universidade de Lisboa*, VII, Lisbon, 1920, 42 pp. with 13 illustrations.

⁴ *A Língua Portuguesa*, II, 289.

⁵ Le Chanoine J.-M. Meunier, *Applications de la phonétique expérimentale à l'étude des langues vivantes et à la thérapeutique, c'est à dire à la correction des vices du langage et à la rééducation des sourds. Conférence donnée le 24 juin 1926 à l'Université de Coimbra*; in *Bulletin de l'Institut de Coimbra*, 1927.

Diário do Governo No. 263 (2nd series, November 9, 1932), and Dr. Rodrigo de Sá Nogueira was named secretary in the *Diário do Governo* No. 265 (2nd series, November 11, 1932)¹.

Dr. Sá Nogueira has dedicated himself not only to Portuguese phonetics but also to Portuguese philology in general. An ample discussion of his recent *Elementos para um tratado de fonética portuguesa* is to be found in the bibliography appended to this brief history.

9. The other center is the *Laboratório de Fonética Experimental* of the Faculty of Letters of the University of Coimbra, which was created by Decreto-lei No. 26, 994 and founded on September 10, 1926, by the *Instituto para a Alta Cultura*². Its director has been, since the beginning, Dr. Armando de Lacerda.

Dr. Lacerda studied experimental phonetics for a number of years in Germany, first with Professor Giulio Panconcelli Calzia in Hamburg, and then with Professor Paul Menzerath in Bonn. He has written many articles on general experimental phonetics³, treating of such subjects as coarticulation, orientation (or «steering»), sound delimitation, phonic and sonic structure, tone inflection, and sonic structure, tone inflection, and criticism of the kymographic method. He is, moreover, the inventor of the chromographic method of registering speech, a method which is fully described in *Sons dependentes*.

Although many of his articles on general experimental phonetics contain notes concerning Portuguese phonetics⁴, Dr. de Lacerda is now working specifically on Portuguese intonation. His article entitled *Die Flexion des Sprechtones im Portugiesischen*

¹ I am obliged to Dr. José Pedro Machado for these notes, as well as for many kindnesses shown me. I am also very much obliged to Dr. Sá Nogueira for having permitted me to work in the excellently organized and very well stocked library of the *Centro de Estudos Filológicos*.

² For a description of the laboratory, see *Laboratório de Fonética Experimental. Universidade de Coimbra. Publicação comemorativa por ocasião das festas do IV centenário do estabelecimento definitivo da Universidade de Coimbra*; Coimbra, 1937. 11 pages.

³ For a complete list of Dr. de Lacerda's publications, see the bibliography of Lacerda and Rogers, *Sons dependentes da fricativa palatal áfona, em português*.

⁴ See also Paul Menzerath, *Die phonetische Struktur* (in *Acta Psychologica*, I, 1935. 241-62), p. 242, for an important note concerning the nature of Portuguese nasalization.

laid the foundation of the study, and *Sous dependentes* represents the application of these new discoveries of experimental phonetics to the Portuguese language¹.



We have now terminated our brief history of the study of Portuguese phonetics, and are in a position to realize what a great debt we all owe the first Portuguese phonetician, the man whose memory we are honoring this year. Non-Portuguese students of the language of Camoëns in particular are constantly, dependent on the *Essai*, the *Exposição*, *Portugais*, and *Orthografia Nacional*. Cornu in Prague, Passy in France, Rolin in Germany, and Hille, Ford, and Coutinho in the United States have one and all based themselves on the studies of Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.

Bibliography of works on the phonetics of standard Portuguese (arranged chronologically)

1. Carvalho, Antonio José de, and João de Deus, *Dicionário prosódico de Portugal e Brazil*; Lisbon, 1st ed., 1877, 2nd. ed., 1878, 3rd. ed., 1885.

There were other later editions, but only the first three interest the student of Portuguese phonetics.

2. Bonaparte, H. I. H. Louis Lucien, *On Portuguese simple sounds, compared with those of Spanish, Italian, French, English, etc.*; in *Transactions of the Philological Society*, 1880-1. Part I (1880), 23-41.

NOTICES: *Romania*, XI (1882), 622-3 (P[aul]. M[eyer].); Breymann, 91.

3. Gonçalves Viana, Aniceto dos Reis, Review of H. Schuchardt, *Die «Cantes Flamencos»*; in *O Positivismo*, Oporto, IV (1882), 71-80, 164-70.

4. Idem, *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*; in *Romania*, XII (1883), 29-98.

NOTICES: *Biblio. Filol.*, 205-6 (Sá Nogueira)²; Breymann, 91.

¹ It is curious to note that I found the Seminary in Angra do Heroísmo, on the island of Terceira, in the Azores, to be quite a center of interest in experimental phonetics, due chiefly to the priests' acquaintance with Jean Larrasquet, *La phonétique expérimentale et ses applications pratiques*; in *Almanach catholique français pour 1931*, pp. 229-39. See the newspaper *A União*, Angra, July 26, 1939.

² For a discussion of this very useful bibliography, known as the *Bibliografia Filológica Portuguesa* (*Dicionários, Gramáticos, Ortografias, etc.*), and published in Lisbon by the *Centro de Estudos Filológicos* beginning in 1935, see

5. Sweet, Henry, *Spoken Portuguese*; in *Transactions of the Philological Society*, 1882-3-4, Part II (1883), 203-37.

NOTICES: *Romania*, XIV (1885), 309 (P[aul]. M[eyer].).

6. Bonaparte, *Portuguese vowels, according to Mr. R. G. Vianna, Mr. H. Sweet, and myself*; in *Transactions of the Philological Society*, 1882-3-4, Part III (1885), 404-8.

NOTICES: *Romania*, XIV (1885), 618 (P[aul]. M[eyer].).

7. Gonçalves Viana, Review of J. Leite de Vasconcelos, *A Evolução da Linguagem*; in *Revista Lusitana*, I (1887-9), 74-86.

8. Cornu, Jules, *Die portugiesische Sprache*; in Gustav Gröber's *Grundriss der romanischen Philologie*, Strassburg, 1st ed., vol. I (1888), 715-803, 2nd ed., vol. I (1906), 916-1037.

The 2nd ed. was also published apart and entitled *Grammatik der portugiesischen Sprache*, 123 pp.

NOTICES: *Biblio. Filol.*, 141-4 (M. Paiva Boléo).

9. Gonçalves Viana, *Portugais*; in *Le Maître phonétique*, 1889, 79-80.

10. Idem, Review of Fredrik Wulff, *Un chapitre de phonétique avec transcription d'un texte andalou*; in *Le Maître phonétique*, 1890, 105-7.

11. Idem, *Portugais (os Lusíadas)*; in *Le Maître phonétique*, 1892, 21-2, 37-8, 53-4, 69-70, 85-6, 100-1, 113-4, 125-6, 137-38, 153-4, 1893, 20-1, 37-8, 52-3.

12. Idem, *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*; Lisbon, 1892, 106 pp.

Part II, i. e., pp. 43-101, with part of 96 omitted, was inserted in F. de Salles Lencastre, *Os Lusíadas, Canto I*, Lisbon, 1892, i-lx.

NOTICES: *Revista Lusitana*, III (1885), 372-3 (J[osé]. L[eite]. de V[asconcelos].); Breymann, 91; *Romania*, XXII (1893), 337 (Gaston Paris); *Le Maître phonétique*, 1894, 74-5 (P[aul]. P[assy].).

13. Idem, *Les langues littéraires de l'Espagne et du Portugal*; in *Revue Hispanique*, I (1894), 1-21.

14. Foulché-Delbosc, R., *Abrégé de grammaire portugaise*; Paris, 1894, 270 pp. Chapter I (pp. 1-28) treats of «Prononciation».

NOTICES: *Biblio. Filol.*, 64 (Sá Nogueira).

15. Gonçalves Viana, Review of Clemens Radermacher, *Lehrbuch zweier altportugiesischen Heiligenleben*; in *Revista Lusitana*, III (1895), 91-4.

16. Bonaparte and Gonçalves Viana, *Correspondance philologique (entre le 13 juillet 1884 et le 24 octobre 1887)*; *Revue Hispanique*, VI (1899), 5-51.

17. Gonçalves Viana, *a moyen*; in *Le Maître phonétique*, 1902, 138-40.

18. Idem, *Portugais. Phonétique et phonologie. Morphologie. Textes*; Leipzig, 1903, vi & 148 pp. *Skizzen lebender Sprachen* herausgegeben von Wilhelm Viëtor. 2. Portugiesisch.

NOTICES: *Biblio. Filol.*, 139-40 (Sá Nogueira); *Revista Lusitana*, VIII

the prologue of the bibliography, 1-6, and also *A Lingua Portuguesa*, V, 80 81-4, 111, and *Boletim de Filologia*, IV, 84-91.

The Centro also publishes another bibliography, called the *Bibliografia Científico-Literária do Centro de Estudos Filológicos*, consisting of printed filing cards.

(1903-5), 236-7 (J[osé]. L[cite]. de V[ascencelos].); *Romania*, XXXIV (1905), 165.

REVIEWS: *Le Maître Phonétique*, 1905, 127-9 (P[aul]. P[assy].); *Le Maître Phonétique*, 1907, 67-70 (Oskar Nobiling).

19. Idem, Review of Ernest Richard Edwards, *Étude phonétique de la langue japonaise*; in *Le Maître phonétique*, 1903, 69-73.

20. Idem, *Ortografia Nacional. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*; Lisbon, 1904, XVI & 454 pp.

NOTICES: *Biblio. Filol.*, 68-71 (Sá Nogueira).

21. Idem, Review of Otto Jespersen, *Lehrbuch der Phonetik*; in *Le Maître Phonétique*, 1904, 128-37.

22. Idem, *Quantidade prosódica das vogais em português, Diferenciações de sentido*; in *Revue Hispanique*, XV (1906), 24-7.

23. Passy, Paul, *Petite phonétique comparée des principales langues européennes*; Leipzig & Berlin, 1st. ed., 1906, 2nd ed., 1912, 3rd ed., 1922.

24. Gonçalves Viana, Review of F.-M. Josselyn, *Études de phonétique espagnole*; in *Revue Hispanique*, XV (1906), 849-56.

25. Rolin, Gustav, *Beiträge zur Kenntnis portugiesischer Orthoepie*; in *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen (Herrigs Archiv)*, CXXV (1910), 373-92.

NOTICES: *Revista Lusitana*, XVI (1913), 176-7 (Z.).

26. Hills, E. C., J. D. M. Ford, & J. de Siqueira Coutinho, *A Portuguese Grammar*; Boston, 1925, X & 393 pp. Heath's Modern Language Series¹.

27. Wengler, Heinrich, *Bemerkungen zur Aussprache des heutigen Portugiesischen*; in *Die neueren Sprachen*, XXXIV (1926), 456-9.

28. Oliveira Guimarães, [Joaquim José de], *Fonética Portuguesa. Compêndio da ortologia nacional (Trabalho Fonético da Faculdade de Letras)*; Coimbra, 1927, 161 pp.

NOTICES: *Revue critique d'histoire et de littérature*, LXIII^e année, no. 1, Janvier, 1929, 40-1 (G. Le Gentil); *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, XXIX (1929), 157 (A[ntoine]. M[illet].).

REVIEWS: *A Lingua Portuguesa*, II 1930-1, 286-96 (Rodrigues Lapa); 374-80 (Sá Nogueira); 381-5 (Rodrigues Lapa); 412-7 (Sá Nogueira); 418-26 (Rodrigues Lapa).

29. Botelho, António F., *Une transcription phonétique du portugais*; in *Le Maître phonétique*, 1928, 69.

30. Sá Nogueira, Rodrigo de, *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*; Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1938, xxxi & 380 pp.

As the author, in this work, merely republished, for the most part, many articles which he had published elsewhere, slightly altering them in some cases, I shall here draw up a list of correspondences:—

¹ Three years later another Portuguese grammar was published by an American: Joseph Dunn, *A Grammar of the Portuguese Language*; Washington, 1928, xi & 669 pp. On pp. 2-63 and 92-100 we find a long treatise on Portuguese pronunciation, based largely on the works of Gonçalves Viana.

- Chapter I, «Breves noções de fonética geral», is presented for the first time.
- Chapter II, «Classificação dos fonemas portugueses», is § 86 (vol. II) of *Subsídios para o estudo da assimilação em português*¹.
- Chapter III, «Conceito de vogais, semi-vogais e consoantes», is *Assimilação*, § 88 (vol. II).
- Chapter IV, «Classificação e descrição das consoantes portuguesas», is *Assimilação*, §§ 89-115 (vol. II), with a long addition to § 102, i. e., § 51 of *Elementos*.
- Chapter V, «Classificação e descrição das vogais portuguesas», in *Assimilação*, §§ 14-40 (vol. I).
- Chapter VI, «Alfabeto fonético», is *Alfabeto fonético*, in *Boletim de Filologia* IV (1936), 14-23. § 87 of vol II of *Assimilação*, which is a provisional explanation of the author's transcription, is naturally omitted in *Elementos*.
- Chapter VII, «Assimilação», is *Assimilação*, §§ 1-13 (vol. I), 41-67 (vol. I, with a long addition to § 66, i. e., § 131 of *Elementos*), 68-85 (vol. II), and 116-44 (vol. III). § 13 of *Assimilação* is § 105 of *Elementos*, 41 is 106, 67 is 132, 68 is 133, 85 is the first paragraph of 150, 116 is the rest of 150, and 144 is 178.
- Chapter VIII, «Dissimilação», is *Subsídios para o estudo da dissimilação em português*, in *Boletim de Filologia*, V (1937)-8), 115-62. This article is republished intact, although at the end in the *Boletim* the author has «(Continua).»
- Chapter IX, «Metátese», is *Subsídios para o estudo da metátese em português* in *Boletim de Filologia*, I (1932-3), 33-40.
- Chapter X, «Onomatopeias», is *Subsídios para o estudo das onomatopeias em português*, in *Boletim de Filologia*, IV (1936), 221-84. This article is republished intact, although the index in the *Boletim*, § 133, is combined with the general index in *Elementos*, pp. 345 ff.
- Chapter XI, «Fonética Histórica Portuguesa», is Chapter X, «Fonologia vocabular histórica portuguesa», of his *Curso de Filologia Portuguesa, I Parte: Noções gerais de fonética histórica*, Lisbon, 1932, pp. 35-106, with many of the foot-notes left out. The glossary published in *Curso*, pp. 109-23, is included in the index in *Elementos*, pp. 345 ff.

¹ *Boletim de Filologia*, I (1932-3), 249-72; II (1933-4), 153-72, 241-74; III (1934-5), 77-98.

This *Curso*, moreover, is a republication under separate cover of the series of articles which appeared under the same title in *A Língua Portuguesa*, I (1929-30), 30, 67-8, 86-92, 113-21, 158-62, 163-4, 188-96, 232-40, 287-97, 327-31, 377-84, II (1930-1), 33-8, 77-80, 117-9, 154-8, 428-33, III (1932-3), 75-81, 94, 146-8, and 207.

The bibliography, «Índice de termos fonéticos», and notes to *Elementos* are published for the first time.

31. Lacerda, Armando de, *Die Flexion des Sprechtones im Portugiesischen*; in *Proceedings of the Third International Congress of Phonetic Sciences, Ghent, 1938*, Ghent, 1939, 396-402.
32. Lacerda, Armando de, & Francis Millet Rogers, *Sons dependentes da fricativa palatal áfona, em português*; in *Biblos*, XV (1939). Also apart, Coimbra, 1939, 127 pp.

FRANCIS MILLET ROGERS

Cambridge, Massachusetts
January, 1940.

NOTA DA REDACÇÃO:— Na página 21 representou-se por *nh* o símbolo correspondente da Associação de Fonética Internacional que, devido à rapidez que é necessária na composição do *Boletim de Filologia*, não pôde ser fundido a tempo.



A formação dos nomes de lugares¹ e de instrumentos em português

I. Pretendemos refinar e estudar neste capítulo da formação dos substantivos aqueles sufixos, que têm a particularidade de designar um determinado lugar (sítio, localidade), ou de um instrumento (utensílio, alfaia). O critério que nos guia não é por conseguinte o do aspecto fonológico do sufixo, nem o da língua, de que procede, mas o do seu valor semântico. Ora é sabido que a maior parte dos sufixos não têm um significado único, exclusivo, e que pelo contrário flutua e é sujeito a evoluções. Nos sufixos que vamos examinar, apenas *-il*, *-êdo*, *-ariça* e *-eira* possuem um valor inequívoco, ao passo que os outros, *-iço*, *-al*, *-oso*, *-osa*, *-eiro*, *-alho*, *-eiro*, *-eira*, *-dor* e *-ão*, são ambíguos, podem exprimir, segundo o caso, noções diversas. Convém advertir que, segundo o princípio adoptado, apenas se estudará a função local-instrumental destes sufixos, embora de passagem se faça referência às outras. Assim o sufixo *-ão* só nos interessa aqui na medida em que forma designações de instrumentos, entrando o estudo das outras significações nos capítulos destinados aos nomes agentes, os aumentativos e os abstractos, o que não quer dizer que não seja um trabalho interessante, e até necessário, examinar numa monografia todos estes significados. O método que seguimos é naturalmente o histórico. Partindo da forma latina dos sufixos, examinaremos se a sua função actual corresponde à antiga, e, no caso contrário, qual a função nova, e como se deve explicar. Seguindo o critério adoptado por Meyer-Lübke na sua Gramática Histórica da língua francesa², trataremos ao mesmo tempo dos sufixos locais e instrumentais, porque muitos

¹ Com o fim de se evitarem equívocos, seria talvez indicado distinguir entre *nomes de lugares* = nomes comuns que designam um lugar, e *nomes de lugar* = topónimos, embora muitos nomes da primeira categoria procedam de nomes da segunda.

² Historische Grammatik der französischen Sprache, II, 42-52.

sufixos exprimem simultâneamente estas duas noções, explicando-se uma pela outra. Com efeito o lugar destinado a uma determinada actividade é muitas vezes inseparável do instrumento que serve para a sua realização. Um *bebedeiro* não é unicamente o lugar para onde se levam os animais para beberem, mas também a pia, onde bebem. Esta dupla função aparece mais freqüentemente naqueles sufixos, que provêm de sufixos adjectivios latinos que exprimem apenas a idéia de uma relação qualquer existente entre a palavra radical e a derivada, como succede com *-eiro*, *-eira*, e *-doiro*, facto que explica a sua antigüidade na formação de substantivos. Um fenómeno que merece a nossa atenção é o de alguns sufixos pessoais, quer dizer que formam nomes de agentes, entrarem também na formação de nomes de instrumentos. Trata-se neste caso de uma antropomorfização, ou, por outras palavras: o instrumento próprio para uma determinada acção é equiparado à pessoa que a executa.

2. O sufixo *-il*, do lat. *-ile*, associando-se a nomes de animais indica o lugar onde estes se recolhem: *ovil* < *ovile*, *cabril* < *caprile*, *touril*, que deve ser formação portuguesa, *canil* < **canile* REW 1588 (a par de *canzil*, tirado do plural). No latim havia ainda *equile* «cavalariça», < *borile*, que se mantém no esp. *boil* (que parece precisamente ter sido substituído em português por *touril*), e *suile* «casa de porcos», de que devia existir o sinónimo **porcile*, a avaliar pelo it. *porcile*, ant. fr. *porcil* e o derivado port. e esp. *porcũga* < **porcil-ica*¹. A estes exemplos podem acrescentar-se ainda *redil* «curral»², *coril* < *cubile*, *fenil* < *fenile*, onde a palavra radical já não é nome de animal, mas que contudo exprime a idéia de «lugar onde se recolhe alguma coisa», tratando-se nos dois primeiros casos de animais, e finalmente *hastil* ant. «chaste; cabo de lança;

¹ Cf. Garcia Diego, *Rev. Fil. Esp.*, VII, 138.

² Propuseram-se duas etimologias para esta palavra: Ou se trata de um derivado de *rete rede* (Díez), ou de *aries*, *-ete* «arietes» (com a pronúncia vulgar *arrete*) segundo Schuchardt, *Zeitschr. f. rom. Phil.* XL, 100. Meyer-Lübke, REW 645, observa: «span. *redil* zu *rete* Díez 482 liegt begrifflich ferner». Eu acho pelo contrário a etimologia de Díez como a única possível, pela simples razão de se construírem de facto currais com rede, e por *aries* não existir em nenhum dos idiomas e dialectos peninsulares. Além disto, o que predomina num rebanho não são precisamente os arietes, que, ao que parece, nem sequer têm um nome popular bem definido, visto *carneiro* designar o animal castrado como o não castrado.

medida agrária de 25 palmos de largo» < *hastile. Funil e barril* só aparentemente fazem parte desta categoria de palavras¹.

Formalmente *-ile* representa o neutro do sufixo adjectivico *-ilis*, que está em *hostilis, puerilis civilis*, etc., e que exprime apenas a noção de «o que é particular, o que é próprio de alguém ou de alguma coisa». O que é curioso, é que nos casos que examinámos, *-ile* tenha adoptado a significação tão precisa de «lugar onde são recolhidos os animais», que de modo algum é inerente a este sufixo. De facto verifica-se aqui uma concretização do valor de *-ilis* (a ausência de um significado concreto é precisamente uma característica dos sufixos, embora proviessem com muita probabilidade de palavras primitivamente autónomas)², o que faz que uma palavra como *orde* seja, no ponto de vista do significado, uma palavra composta, visto que exprime duas noções diferentes e ambas concretas. Ora como explicar que um adjectivo em *-ilis* possa adquirir, sob uma forma substantivada, esta nova significação? A esta pergunta respondeu E. Gamillscheg numa análise tão clara como penetrante³. Diz ele que foi a decadência de *-ilis* na sua qualidade de sufixo adjectivico, decadência provocada pela concorrência de *-alis* (com função equivalente), que preparou o terreno à substantivação e evolução semântica de *-ile*, e foram as próprias palavras radicais das formações populares em *-ile* que criaram a nova função particular do sufixo.

3. Idêntica especialização de um sufixo observa-se em *-ariça*, que exprime a mesma noção que *-il*, e se associa à mesma categoria de palavras. Apenas posso citar um exemplo moderno: *cavalariça*, mas a avaliar pelos nomes de lugar *Vacariça*⁴ e *Pocariça*⁵, aquêle elemento deve ter possuído uma expansão maior. Formal-

¹ *Funil* parece proceder do prov. *fonilh* < *fundibulum*, ao passo que *barril* corresponde ao ant. fr. e prov. *baril*, cf. REW 3583 e 1038.

² Em palavras como *biqu-bris, ebo-ber*, etc., quem dirá que a terminação se prende com *ferre* «trazer»?

³ Grundzüge der galloromanischen Wortbildung, 6-8.

⁴ Nome de um antigo convento e actual freguesia do conc. de Mealhada (Coimbra), e dum lugar do conc. de Ponte de Lima (Viana do Castelo).

⁵ Topónimo que aparece uma dúzia de vezes. É nome de uma freguesia do conc. de Cantanhede (Coimbra), que disfarçaram modernamente, com certeza por vergonha, em *Pocariça*; de 5 lugares que se distribuem pelos distritos de Braga (1), Leiria (1) e Lisboa (3); de 5 casas: Braga, Santarém, Lisboa, Portalegre e Castelo Branco e de uma quinta no distr. da Guarda.

mente trata-se de um sufixo composto de *-arius* mais *-icius*, o primeiro elemento exprimindo de preferência o agente, o segundo a propriedade. Isto não quer dizer que *cavalaria* seja formado de *cavaleiro*, mais *-ica*: a terminação *-arica* forma pelo contrário um todo¹, e pode comparar-se *cavalaria* com *cabalum carruaticum*: «qui carrum trahit» (Lex Salica), com a única diferença de em *cavalaria* o valor do sufixo se ter acentuado e precisado, como sucedeu com *-ile* fenómeno já antigo como o mostram *vaccaritia* e *berbicaritia* (*-itia* é grafia por *-icia*)², e os topónimos franceses como *Bouresses*, *Bergeresse*, *Vacheresse*, etc. Aparentemente *-arica* representa a forma feminina de *-ariceus*, no fundo porém trata-se de um neutro do plural com valor colectivo, facto que explica a substantivação do sufixo. Contudo não parece que tenha sido possível formar-se um nome em *-arica*, nos casos em que não existia um nome agente correspondente em *-eiro*.

4. O simples *-ico*, lat. *-icius*, conservou em português a sua função primitiva, de formar adjectivos que exprimem a propriedade, cf. *chegadico*, *inteirico*, *moredico*, *escorregadico*. Contudo também neste caso se pode produzir a concretização, e daí a substantivação do sufixo, como mostram *ladrico* «corda que prende ao travão o pé do cavalo», de REW 4925a *latericius* «o que se encontra de lado», e *feitico*, de REW 3132 *facticius* «factício».

5. O sufixo *-etum*, port. *-edo*, junta-se de preferência a nomes de plantas e árvores para designar um lugar onde estes se encontram com abundância: *arboretum*, *cupressetum*, *pometum*, *rosetum*, *pometum*, *olivetum* — *figueiredo*, *olivedo*, *arvoredo*, *vinhedo*, *folhedo*. Em português antigo as formações deste tipo eram sensivelmente mais numerosas, o que se explica pela circunstância de o sufixo *-al* *-ale*³ ter a pouco e pouco usurpado o lugar de *-edo*. Existem com efeito na toponímia numerosos nomes em *-edo*, que correspondem a antigos nomes comuns: *Areledo* < **acelanedo*, *Azedo* de **azevo* «azevinho», cf. REW 113 < *acifolium*, *Ervedo* (cf. *êrvodo*), *Carraredo* de **Carrascetum* (cf. *carrasco*, *-a*), *Carvalhedo*, *Macedo* <

¹ Um exemplo para ilustrar como se deu a fusão dos dois elementos: *sigillaria* é o nome de uma festa, em que se oferecem pequenas figuras (*sigillum*). Estas dádivas chamavam-se *sigillaria dona*.

² Cf. Gamillscheg, 8. Infelizmente não pude consultar o trabalho de A. Thomas sobre o ant. fr. *-erez* publicado nos *Nouveaux Essais*, 62 sgs.

³ Veja-se o parágrafo que se segue.

<*maçanedo, Nuzedo, Castedo <*castanedo, Brunhede de abrunho, Cerquedo de *cerco <quercus REW 6951, Louredo, Malvedo, Robored, Teiredo, Ortezede <*artice-tum, etc.¹. Visto o sufixo -etum não exprimir apenas uma idéia local, mas também colectiva (a de uma aglomeração), não nos podemos admirar de se encontrar a variante -eda, que remonta ao neutro do plural -eta: Arelede, que corresponde a Areledá, Codessede, de codêso REW 2447 cytisus, Freireda, Izeda <*ilic-eta (de ilen), Brunheda, Salzedo <*salic-eta, Maceda e muitos outros. Uma variante fonética de -edo é constituída por -ido: Arelaído, Codessido, Lourido, Cerquido, Gestido, de giesta <genista, Salzido, Beduido de *bedo «vidoeiro, betula pubescens Ehrh.», cf. REW 1068 *betulus e o gal. bido(o). Em -ido deu-se, a meu ver, uma espécie de metáfora. Assim como o e aberto de mētus se fechou em português sob a influência da vogal final fechada, pronunciando-se hoje mēdo, embora o português não altere normalmente as antigas qualidades vocálicas do latim vulgar, assim o e fechado de -eto fechou-se ainda mais até se pronunciar i. Esta evolução esporádica de -edo para -ido corresponde absolutamente àquela que observamos em sēso >siso e esca >isca, para só citar dois exemplos que me ocorrem². Trata-se de um fenómeno assimilatório relativamente antigo, segundo mostram topónimos medievais como Salzido (1258), Carralido (1069), Codessido (1258), etc. Que os nomes formados com -etum datam de uma época bastante remota, é demonstrado por nomes que reflectem o genetivo -eti: Murtede³, ant. vila Mirteti

¹ Sobre o sufixo -etum na toponímia consulte-se Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* III, 376-408 («Topónimos provindo da flora»), e J. J. Nunes, «A vegetação na toponímia portuguesa», *Bol. Acad. Ciênc., Classe de Letras*, XIII, 131-175.

² Acção análoga é exercida pelo o (u) final sobre o o fechado de bido < bta, que, quando substantivado, e daí articulado com mais energia, passa para tido.

³ Sobre -ede veja-se o notabilíssimo estudo de Joaquim da Silveira, *Rev. Lus.*, XIX, 215-17, que interpretou muito bem os numerosos topónimos da região de Coimbra formados com este elemento. Salienta-se a explicação de *Cantanhede*, ant. *Villa Cantaniede* «quinta da pedreira de cantaria» (cf. REW 1616 *canthus*). O que significam *Antez-ede*, *Treir-ede*, *Tavar-ede*? Qual a razão de estes nomes se encontrarem numa área tão bem delimitada? Não se tratará de uma região que conservou certos tipos toponímicos da época romana, devido à circunstância de nunca ter sido despovoada? Sabemos que o carácter primitivo do onomástico foi em parte destruído, no Norte pelas presúrias, no Sul pela colonização, sendo o Centro mais conservador sob este aspecto, facto atestado também pelos numerosos nomes em -ã < ana (*Ançã*, *Lousã*, *Corvilhã*, etc.) que datam do tempo da romanização da Lusitânia, e que são quasi inexistentes no Norte e no Sul.

«quinta do murtal», *Freixede*, ant. *Fraxineti*, *Arazede*, ant. *Ara-ceti* < **ericeti* «quinta do urzal», *Macide* < **maçan-eti*, *Meixide*, onde foi o *i* longo que provocou o «umlaut», e finalmente *Castende* < **castaneti*, em que o *n* do tema se deslocou, formando grupo com o *d* do sufixo.

No próprio latim ainda, *-etum* passou também a indicar um lugar onde havia muitas pedras, rochas, etc.: *saretum*, *sepulcretum*. O português apresenta hoje *fraguêdo*, *penedo* (tirado de *pena*), *rochêdo*, *lagêdo*. Nalguns casos o significado colectivo, e daí o abstracto prevaleceu sobre o local, como vemos em *passarêdo*, *folguêdo*, *brinquêdo*, *bruxêdo*. O simples *-tum*, que em latim tinha o mesmo valor que *-etum*, e que se encontra p. ex. em *fūctum*, port. ant. *feito*, mod. *fêto*, morreu como sufixo, por ser átono.

6. Como já tivemos ocasião de observar, *-êdo* foi quasi completamente suplantado por *-al*, do lat. *-ale*, que nos idiomas peninsulares também serve para designar uma aglomeração de plantas e árvores: *pínhal*, *carvalhal*, *choupal*, *freixial*, *tojal*, *canarial*, *olival*, *amendoal*, *laranjal*, *ervilhal*, *hercançal*, *milharal*, *espínhal*, *troviscal*, etc. Este *-al* é o neutro substantivado do sufixo adjectivico *-alis* que exprime a idéia de «o que é próprio de alguma coisa»: *corporalis*, *finalis*, *mortalis*¹. Como sucede com *-êdo*, o sufixo *-al* indica também um lugar onde há muitas pedras, etc.: *pedregal*, *seixal*, *areal*, *penhascal*, assim como sítios pantanosos: *lamaçal*, *lodaçal*, *barral*, *morraçal*, *almargeal*, *sapal*, «terra alagadiça, paul»². Por vezes encontramos-lo combinado com outros sufixos: *olm-ed-al*, *mat-ag-al* (cf. *pedr-eg-al*), *herr-aç-al*, *can-iç-al*. Visto *-al* ser, como *-êdo*, um sufixo caracteristicamente geográfico, é natural que o encontremos inúmeras vezes na toponímia: *Cardal*, *Gestal*, *Zimbral*, *Sabugal*, *Murtal*, *Vínhal*, *Codessal*, *Funchal* cuja interpretação não oferece dificuldade, e *Vidual* (de REW **betulus*), *Carrizal* (*carex-ice*), *Edral* (*hedera*), *Cercal* (*quercus*), *Urgal* (*ulx*), *Folgar* (*filer*), (REW **prunex*), etc.

No próprio latim ainda *-ale* podia adoptar a forma dissimilada *-are*, port. *-ar*, quando a palavra radical possuía um *l*, p. ex. *tal-are* de *talus*, *cochle-are* de *cochlea*, cf. em português

¹ *-alis* é um sufixo especificamente latino, que deve proceder de *talis*.

² Sobre estes significados especializados do sufixo *-al* veja-se M. L. Wagner, *Zum spanisch-portugiesischen Suffix -al*, in «Volkstum und Kultur der Romanen» III (1930), 87-92.

lugar < *locale*, *vilar*, *lagar*, *limiar* < **limin-are*. Nalguns casos -*ar* é simplesmente analógico a tais formas, p. ex. em *pomar* e no topón. *Poiãres*, sinónimo de *Poiãis*, plur. de *poiãl* < **podī-ale*.

Entre os significados muito variados que podem ter em latim os derivados em -*ale* destacava-se um, particular também às línguas românicas: associando-se a nomes de partes do corpo, -*ale* forma vocábulos que designam peças de vestuário e de equipamento: *tibiāle* «meia», de *tibia*, *talare* «túnica que chega até ao tornozelo», de *talus*, *focale* «lenço para o pescoço», de *fauz*, em português: *braçal* < *brachiale*, *colar* < *collare*, *frontal* < *frontale*, *dedal* < *digitale*, *peitoral* «correia que cinge o peito do cavalo», bras. «pedaço de pele com que o vaqueiro resguarda o peito», *manqual* < REW 5331 *manuale*, *punhal*, *cabeçal*, *nasal* ant. «parte do capêlo de ferro destinado a defender o nariz», *gorjal* ant. «parte da armadura que defende o pescoço». Em muitos casos -*al* não tem um significado bem definido, exprimindo qualquer variação da idéia primitiva, o que o seu carácter primitivo de adjectivo facilmente explica. Predomina contudo a noção local-colectiva, e a instrumental: *soalhal* pop. «lugar exposto ao sol», *estendal* «estendadoiro», *colmeal*, *palhegal* «terra onde há muita palha» — *torçal* «cordão feito de fios de retrós», *vergal* «correia que prende as bestas ao carro», *ladral* < **laterale* «costal de madeira que se levanta sobre a chêda», *frechal* «viga em que se pregam os caibros, à beira dos telhados». Em palavras como *queiral* e *bragal*, à letra «o que se destina ao fabrico de bragas», reconhece-se ainda perfeitamente a primitiva função adjectivica de -*alis*. Finalmente existem palavras, em que o sufixo não traz nenhuma idéia nova, substituindo-se simplesmente à palavra radical, cf. *lugar*, que semânticamente equivale ao antigo *logo* < *locu*, *curral*, que significa o mesmo que *curro*, *beiral*, o mesmo que *beira*, etc.

7. O sufixo -*oso*, -*osa*, lat. -*osu*, -*osa*, que forma adjectivos que indicam abundância ou qualidade (*palavroso*, *guloso*) pode também indicar um lugar onde se encontram em abundância determinadas plantas ou animais, e rivalizar com -*edo*, -*al* e -*eira*. Na verdade este significado se encontra apenas na toponímia: *Carralhos*, -*osa*, *Carrascoso*, -*osa*, *Vimioso*, *Gestosa*, *Murtosa*, *Sabroso*, -*osa* (*suber*), *Coelhoso*, -*osa*, etc.

8. Com o sufixo -*arium*, port. -*eiro*, formam-se nomes que indicam o lugar onde se encontram ou se arrecadam determinadas

coisas: *granarium* «celeiro», *apiarium* «colmeia», *armarium* «armário», *panarium* «cesto para o pão», *carnarium* «sítio onde se conserva a carne», *ritarium* «lugar onde se guardam animais vivos», cf. *riceiro*. Da mesma maneira forma-se em português *palheiro*, *milheiro*, *cruzeiro*, *chiqueiro* «curral de porcos» (cf. minh. *chico* «porco»), *formigueira*, *lameiro*, *tinteiro*, *fruteiro*, *faqueiro*, *cinzeiro*, *braseiro*, *loiceiro*, *candieiro*. Da noção local há só um passo para a instrumental: *trasfoqueiro* «tôro de lenha ou travessão de ferro em que se apoiam as achas, na lareira», *isqueiro*, *tempereiro* «utensílio com que as tecedeiras esticam o pano no tear». Combinando-se com temas do participio *-eiro* indica o lugar onde se exerce uma determinada actividade, concorrendo nesta função com *-doiro*¹: *paradeiro*, *malthadeiro*, *picadeiro*, *fiadeiro* (= *fiadoiro*), *resvaladeiro*, etc. Noutros casos o significado é vagamente local, como em *tibeiro*, *terreiro*, *sendeiro*² e, (formado de adjectivos *outeiro* < **alt-ariu*, *travesseiro*, de *tr(au)sversus*.

9. A forma latinizante de *-eiro*: *-ario*, (ant. *-airo*), é igualmente muito freqüente para designar o sítio onde se encontra uma coisa: *aquário*, *frascário*, *relicário*, *ostiário*, *vestiário*, *herbário*, *armário*, *glossário*, *vocabulário*, *dicionário*, *horário*, *abecedário*, *itinerário*, *cartulário*, *calendário*, *bestiário*, *lapidário*, *campanário*, etc.

10. O feminino de *-eiro*: *-eira*, lat. *-aria*, designa também, e até com maior freqüência que *-eiro*, o receptáculo, o local onde se encontra o objecto expresso pela palavra primitiva: *garrafeira*, *chapeleira*, *tabaqueira*, *caldeira*, *queijeira*, *azeiteira*, *borralheira*, *prateleira*, *cartucheira*, *cascalheira*, *cafeteira*, *coelheira*, *estrumeira*, *pesqueira*, *fogueira*, *lareira*, *montureira*, etc. Associado a temas verbais do participio, o sufixo forma nomes de instrumentos próprios à realização da acção expressa pelo verbo: *assadeira*, *calçadeira*, *passadeira*, *gramadeira*, *lançadeira*, *andadeira* prov. «mó que gira», *segadeira* gal. «foice», *cevadeira* «saco em que se dá cevada», *colhedeira* «utensílio de pau com que os pintores reúnem as tintas que moem». Entre as palavras formadas com *-eira*, encontram-se também nomes de peças de vestuário: *ombreira*. Predomina a idéia local em *costeira* ant. «costa marítima» prov. «encosta», *ladeira*,

¹ Veja-se o parágrafo 11.

² A substituição de *semita* por **semitariu* deve-se ter produzido ainda no latim, cf. fr. *sentier*, esp. *sendero*.

ribeira (de *riba* < *ripa*), *ribanceira*, *fronteira*, *carreira*, e, tirados de preposições, *deanteira*, *traseira*. Estes diversos significados explicam-se pela circunstância de *-aria* ser primitivamente a forma feminina de adjectivos em *-arius*, que se substantivaram. No próprio latim encontramos *argentaria* «mina de prata», onde se deve subentender *fodina*, *calcearia* «sapataria», onde se deve pensar em *taberna*, *accaria* «lugar onde se explora minério», etc., cf. em português *porta carreira* «porta por onde passam os carros» a par do substantivo *carreira* «caminho por onde podem passar carros». É sabido que *-eira* forma também nomes de plantas e árvores: *murteira*, *lentisqueira*, *laranjeira*, *figueira*, *cerejeira*, em que o género é determinado por *arbor*: *arbor ficaria* «árvore que traz figos».

II. O sufixo **-orius**, port. **-eiro** (*-oura*) formava primitivamente adjectivos, combinando-se com os temas do particípio (*-torius*, *-doiro*, *-sorius*, *-suiro*). O português conservou em parte esta função, segundo mostram *falecedeiro*, *casadoiro*, *compridoiro*, *pagadoiro*. Na maioria dos casos, porém, o sufixo substantivou-se, como já sucedia em latim, onde encontramos a forma do neutro (*-orium*) para exprimir a noção de instrumento que serve para determinada actividade, ou lugar onde esta se exerce¹: *calcere* «pisar»; *calcatorium* «lugar»; *caedere* «cortar»; *cisorium* «instrumento para cortar»; *scalpere* «rapar»; *scalpatorium* «rapadoira»; *traicere* «verter para outro lado»; *trajectorium* «funil»²; *sedere* «estar sentado»; *sessorium* «cadeira»; *loqui* «falar»; *loratorium* «consultório»; *recubare* «descançar»; *recubatorium* «banco de repouso»; *consistere* «reunir-se»; *consistorium* «lugar de reunião»; *deambulare* «passear»; *deambulatorium* «sítio onde se pode passear». Num estudo tão claro como profundo, Gamillscheg examinou todas as formas em *-orium* que se encontram em escritores populares latinos, chegando à conclusão que, de um modo geral, aos verbos transitivos correspondem derivados que são nomes de instrumentos, ao passo que dos intransitivos são tirados nomes que indicam um lugar. Basta comparar os dois grupos de palavras que acabamos de apontar, para nos convenceremos que esta observação está absolutamente certa³.

¹ Cf. ant. *donzela pagadoira* «donzela de aspecto agradável», do ant. *pagar-se* com «ter prazer com alguma coisa ou alguém».

² Ob. cit. 30-31.

³ Na realidade a distinção que o autor faz é mais subtil: Tratando-se de

Em português são poucas as palavras em *-doiro*, *douro*, que significam instrumentos, função que transitou quasi por completo para a forma feminina *-doira*¹. Apenas se podem citar *cingidoiro* «cinto», *liadoiro* «pedra que liga duas paredes», *babadoiro* e *tapa-doiro* «tampa». Nos outros casos, em que *-doiro* é instrumental, este significado não exclui o local: *comedoiro* «lugar ou vaso em que comem os animais»², *batedoiro* «pedra em que as lavadeiras batem a roupa: lugar em que se batem quaisquer objectos», *bebedoiro* «lugar, vaso, pia em que os animais bebem água». O significado locativo é contudo o predominante e, tirando os exemplos que acabámos de indicar, o exclusivo: *ancoradoiro*, *carregadoiro*, *enrugadoiro*, *suadoiro*, *matadoiro*, *miradoiro*, *lavadoiro*, *ceradoiro*, *achadoiro*, *pajadoiro* «determinado ponto da coxa do boi» (de *pojar* < *podiare*), *sangradoiro* «sítio mais próprio para a sangria», *varadoiro* «lugar onde se fazem encalhar as embarcações para as consertar», *pousadoiro*, *logradoiro* «terreno contíguo a uma habitação; terreno público ou pastagem para os gados de uma povoação». De temas em *e*: *fervedoiro* «movimento, como o de um líquido que ferve», *sorvedoiro* «remoínho de água», *escondedoiro*, *estendedoiro*. De temas em *i*: *sunidoiro* e *surgidoiro*. Um lugar àparte ocupa o antigo latinismo *ajudoiro*, de *adjutorium*, com significado abstracto: «ajuda»³.

12. De *-oiro* existe a forma alatinada *-ório*, que encontramos em palavras eruditas e em neologismos como: *audatório*, *cartório*, *conservatório*, *consultório*, *dormitório*, *escritório*, *laboratório*, *oratório*,

um verbo objectivo (transitivo), a derivação resultará num nome de instrumento, quando o predicado lógico reside no objecto (complemento). Nos casos, porém, em que este faz parte do sujeito lógico. Assim Gregório de Tours emprega a palavra *missorium* não no sentido de «instrumento para arremessar», mas no de «tigela», ou «lugar onde se coloca alguma coisa», porque no latim vulgar o verbo *mittere* adoptou o significado muito vago de «pôr, colocar», cf. o fr. *mettre*. Numa expressão como *pungere vulnus* «lancear uma ferida», o predicado lógico (entenda-se por esta expressão a idéia representada quando da enunciação do sujeito) reside no objecto. Dai *punctorium* «instrumento para picar». Quando porém em latim tardio se diz *mittere cappellum supra tabulam* «pôr o chapéu sobre a mesa», o predicado lógico é representado por *tabulam*.

¹ Veja-se o parágrafo que se segue.

² A estas duas significações vem juntar-se ainda uma terceira: «que é bom para comer» (adj.).

³ Cf. ... *deos em meu ajudoiro resguarda* (Leal Conselheiro, ed. de Roland, 83), das palavras da Missa: *domine in adjutorium meum festina*.

promontório, purgatório, refeitório, repositório, território e, finalmente, *lavatório* e *suspensório*

13. A forma feminina **-(d)oirá, -(d)oura** serve em português, como já tivemos ocasião de observar, quasi exclusivamente para formar nomes de instrumentos, encontrando, como é natural, principalmente na terminologia rústica. São raros em latim os vocábulos em *-oria*. Têm a sua origem provavelmente no neutro do plural, como sucede com *tonsoria*¹ > *tesoira*, ou em substantivações do tipo *fals messoria* «fouce destinada a ceifar» (de *mētore messus*), que se pode muito bem comparar com o actual *seitoira* beir. e trasm. «foice para ceifar pão», de *sectoria*², onde também se devia ter subentendido primitivamente *fals*³. Prevaecem os derivados de temas fracos: *dobadoira, debadoira* (RL XIX, 278) *mangadoira, rapadoira, roçadoira, tornadoira, varredoira*⁴, *corredoira* «mó de moinho» que se opõem a outros, tirados de participios fortes do latim, e que sem dúvida foram formados ainda dentro desta lingua. Estes são naturalmente caracterizados apenas por *-oirá*. É o caso de *tesoira* de REW 8784 *tonsoria*, (do part. *tonsus*, de *tondere*), e de *seitoira* de *sectus*, a que já nos referimos; *vasoira* < *rasoria*, de *radere, rasus*; *vassoira* < *versoria*, de *vertere versus*⁵; (a) *juntoira* < **junctoria* «pedra que atravessa uma parede em toda a sua espessura», e finalmente *treitoira* trasm. «o mesmo que treitoeira; cada um dos paus que descem das chedas, e entre os quais se move o eixo do carro» < **tractoria* cf. REW 8826 *tractorius*⁶.

14. O sufixo **-aculum**, port. **-alho**, formava em latim vulgar substantivos derivados de todas as classes de verbos. Examinando uns cincoenta vocábulos formados com este elemento, E. Gamillscheg

¹ «Instrumento formado de duas lâminas cortantes».

² No Minho significa «espécie de temão que tem numa extremidade a soga de ferro, e que pela outra se prende ao jugo». Cf. também o ant. *seitar* «ceifar», e hoje *seita* prov. «o mesmo que soga», minh. «espede ou leira, que o ferro do vassadoiro levanta e deita aos lados».

³ Cf. a expressão *fouce roçadoira*, em que *roçadoira* é ainda adjectivo.

⁴ A estes exemplos pode juntar-se ainda *empoladoiras* minh. «estadulhos curtos, que se espetam de baixo para cima, atravessando os couções e chedas, e abraçando o eixo do carro».

⁵ Cf. REW 9245 *versorium* 1. «arado»; 2. «joeira».

⁶ Cf. *trentoira* minh. beir. «parte do vassadoiro, encaixada por meio da chavelha no tamociro».

distinguiu uma tripla função de *-aculum*, que forma: 1.º nomes de instrumentos: *gubernaculum* «leme», *obturaculum* «rôlha», *conceptaculum* «recipiente» (de *concipere*), *umbraculum* «guarda-sol», *novaculum* «navalha»; 2.º nomes que indicam o lugar onde uma acção se realiza: *cenaculum* «sala de jantar», *auguraculum* «nome do castelo em Roma de onde os augúrios examinavam o vôo das aves», *habitaculum* «lugar de habitação», *pugnaculum* «lugar onde se combate, muralha»; 3.º abstratos deverbais, que por vezes adoptam um significado concreto, designando o resultado de uma acção: *spetaculum* «espectáculo», *miraculum* «milagre», *tutaculum* «protecção»¹. Como no caso de *-orium*, os verbos transitivos formam nomes de instrumentos, por ser esta a idéia que lhes anda mais intimamente associada, principalmente quando para uma determinada actividade só entra em linha de conta um único e determinado instrumento, ao passo que nos verbos intransitivos é a noção do lugar que se impõe, caso a actividade expressa pelo verbo ande ligada a um determinado lugar. No terceiro grupo, encontram-se derivados tanto de verbos transitivos, como de intransitivos, mas trata-se de verbos que não suscitam nenhuma idéia concreta, nem de instrumento, nem de lugar, sendo a noção que se impõe aquela, que está mais próxima do verbo, quer dizer, a abstracta. Das observações de Gamillscheg resulta por conseguinte, que muitas vezes o significado de uma palavra derivada depende menos da natureza do sufixo, do que do significado inerente à palavra radical².

Se agora examinarmos as palavras portuguesas formadas com o sufixo *-alho* < *-aculum*³, verificaremos que o português não conservou, tirando *navalha*, que mudou de género, nenhuma das derivações latinas que apontamos, mas que em compensação possui muitas outras, das quais uma grande parte deve remontar ao latim vulgar, ao passo que a outra é de formação portuguesa.

Podem citar-se os seguintes exemplos: *pregalho* cabo que serve de adriça aos toldos; *entralho* «fio ou cabo com que se cose ou se

¹ Obra cit., 20-26.

² «Das Suffix *-aculum*... ist ursprünglich reines Formelement, das zu vorhandenen Verbalbegriffen die im Denkzusammenhang zunächst stehenden Substantiva schafft. Enthält das Suffix nicht schon in der Form den Hinweis auf ein lebendiges, handelndes Subjekt, dann ist das zu Verben gebildete Substantiv zunächst reines Verbalabstraktum. Gehen diese Verbalabstrakta aus irgendwelchem Grunde in Konkreta über, dann teilen sich die ursprünglich zusammengehörigen Wörter in mehrere Gruppen». Obra cit., 25.

³ *-alho* pode também derivar de *-alium*.

liga o chumbo às redes»; *trogalho* «pequena corda para atar», trasm. «pessoa desageitada», que se deve explicar como representando *torquaculum*, de *törquēre* «torcer»¹; *soalho*, que parece vir de **solaculum*, de *solum* «solo»²; *ugalho* «espécie de ancinho ou varredoiro nas salinas», tirado do verbo *ugar* prov. «o mesmo que igualar; apertar mólhos; ser igual», de *aequare*, cf. ant. esp. *eguar*³; *espantalho*, de *espantar*, cf. o fr. *épouvantail*; *negalho* «pequeno novêlo ou pequena porção de linhas para coser; cordel, atilho», de **ligaculum*⁴.

Finalmente não se pode passar em silêncio REW 1672b **caraculum* «pequeno pau», vocábulo particular às línguas hispânicas que tomou o significado que se sabe, e que tem um paralelo semântico no fr. *vît, rectis* «alavanca». Se nas formas apontadas não pode haver dúvida quanto à identidade de *-alho* com *-aculum*, o mesmo já não sucede com outras — em parte também nomes de instrumentos — como *vergalho*, *chocalho*, *cangalho*, *orralho*, *borralho*, onde o sufixo pode representar a forma masculina correspondente a *-alha*, do lat. *alia*, que formava primitivamente colectivos⁵.

¹ Todas as formas românicas provêm de **törquēre*, que substituiu o clássico *törquēre*, cf. REW 8798. A sonorização do *c* té esta a pronúncia que *qu* adoptou diante de *u* deve-se à metátese do *c*, que fôz com que aquela oclusiva se tornasse intervocálica. É claro que neste caso a metátese deve remontar a uma época bastante antiga. Do tema *törqu-* existe uma numerosa família de palavras portuguesas: *trocha* ant. «caminho sinuoso; atalho que por desvios conduz a um lugar», que Meyer-Lübke faz derivar do esp. *trocha*, mas que sem dificuldade se pode explicar como provindo directamente de uma forma **törçella* (passando por *torela*, cf. *sarcûla* > *sacho*); *trochar* «torcer para reforçar (cano de espingarda)»; *trochado* «antigo lavor em seda ou tecidos», adj. bras. «diz-se do cano da espingarda, feito de uma fita de aço em espiral»; *trêcho* «pau tôcco, bordão»; *trochala* «pancada com trêcho; qualquer pancada».

² Não pude consultar o artigo dedicado a esta palavra por Nobiling, no «Archiv für das Studium der neueren Sprachen» 127, 312, ignorando se a minha explicação concorda com a d'este autor. Admito a existência de uma forma vulgar **sölaculum*, por não aparecer em português uma forma tradicional de *solum*, que deveria soar *sô*, *solum* foi manifestamente substituído por *platum clão*, sendo *solo* um latinismo.

³ Parece que em *ugar* a semi vogal *u* foi atraída pela vogal inicial, como no pop. *cuga*, por *egua* < *ëqua* reduzindo-se o novo ditongo *eu* a *u* por ser átono. De *ugalho* é derivado *ugallar* «o mesmo que apancar; o mesmo que ugar».

⁴ Cf. o esp. *legaço*, que tem o mesmo significado. O *n* de *negalho* provém da dissimilação dos dois *t* que é a mesma que a que observamos em *novêlo* < **tovelo* < *glôbëlla*.

⁵ Veja-se o parágrafo 16.

Inclino-me de facto para esta segunda hipótese, por se tratar de palavras derivadas de substantivos, e o significado instrumental, quando existe, estar inerente à própria palavra radical. A noção que exprimem concilia-se aliás perfeitamente com a função de *-alia*, *-ália*¹.

15. Os latinismos em *-áculo* não oferecem um interesse especial, tanto mais que o sufixo nesta sua forma culta não é produtivo. Têm todos um sabor pronunciadamente literário e erudito, cf. *cenáculo*, *habitação*, *hibernáculo*, *propugnáculo*, *receptáculo*, *tabernáculo*, *tenáculo*, *sustentáculo*, *espectáculo*, *pináculo*, etc. Lembremos ainda a palavra eclesiástica *orago*, a par de *oráculo*, em que *-aculum* adoptou a forma *-ago*, intermédia entre *-alho* e *-áculo*. Trata-se ou de um latinismo medieval aportuguesado, ou de uma daquelas palavras que no próprio latim vulgar mantiveram a pronúncia culta, não suprimindo a vogal postónica, como sucede também com *artigo*, ant. *artigoo* de *articulum*².

16. Talvez seja este o lugar de nos referirmos a *-ilho*, *-ilha*, que formam nomes de instrumentos e que procedem ou de *-ículu*, *-ícula*, ou de *-ília*³. Não pensamos em casos como *gatilho*, *fornilho*, *rodilha*, *forquilha*, onde a idéia instrumental reside na palavra simples, sendo o sufixo puramente diminutivo, mas em *barbilho*, *espartilho*, *peitilho*, *sarilho*⁴, *fundilho* «parte posterior das calças», *boquilha*, *braguilha*, *almilha*, ant. «peça de vestuário que se usava entre a camisa e o gibão» e, tirados de temas verbais, *atilho* «fita para atar», *escardilho* «instrumento para escardear», *empecilho* «obstáculo» (tirado de *empecer*), *fiadilho* «cadarço, a parte que se não fia, dos casulos da seda», *cortilha* «instrumento com que os pasteleiros recortam as massas; cortadeira», *andilhas*⁵ «cadeirinhas», *armadilha*, *presilha*, *estampilha*, onde a idéia instrumental

¹ Sobre *orvalho* < **orralia*, *-iu*, cf. D. Carolina. *Rev. Lus.* II, 364. *Chocalho* é derivado de *choca* < REW 1995 **clocca*.

² Veja-se a este respeito o nosso estudo «Da evolução dos grupos consonânticos com *l* em português e espanhol», publ. na revista *Bíbelos*, vol. XI.

³ Estas formas com vogal longa substituíram em muitos casos as tradicionais com *i* breve: *ículu*, *-ícula*, *-ília*.

⁴ Este vocábulo é de formação latina, cf. REW 7849 **sericula* (de *sera* «rípa»).

⁵ Talvez fôsse melhor excluir esta palavra que deve provir de *andas* < *hamites* (ant. *ámedes*) e não do verbo *andar*.

vem exclusivamente do sufixo. Se admitirmos o étimo *-icula*, *-a*, havemos de lembrar-nos de que os sufixos diminutivos facilmente adoptam significados diversos, porque com a idéia de pequenês se combinam ligeiramente outras, que podem parecer mais importantes. É contudo possível que fôsse *-ilia* que deu origem a *-ilho*, *-ilha*, sendo neste caso a primeira destas formas analógica à segunda¹. *-Ilia* é o plural de *-ile*, e forma no latim tardio colectivos como *alia*, cf. *scopilia*, «varreduras», noção que também pode evoluir para a instrumental. Visto *-icula* e *-ilia* se terem confundido na sua evolução, não nos podemos pronunciar a favor de uma ou de outra das duas hipóteses. É possível que determinadas palavras em *-ilho*, *ilha*, procedam de *-icula*, e outras de *-ilia*². Assim *vinclho* «vime, vêrga ou corda de palha para atar feixes, etc.» concordaria semânticamente melhor com REW 9339* *vinclia*, do que com **vinc-icula*³. Por outro lado não custa nada a imaginar que o facto dos dois sufixos latinos se terem confundido formalmente, originasse também uma fusão funcional, quer dizer que o sufixo português *-ilho* passasse a exprimir determinadas noções (bastante vagas, aliás) independentemente da sua dupla origem. Além disto pode em certos casos ter havido troca de sufixo, e *-ilho* estar por *-elho* < *-icula*.

17. Formam-se também nomes de instrumentos com o sufixo **-dor**, lat. **-tore**, cuja função principal é a de criar nomes agentes (*caça-dor*) e que se combina exclusivamente com temas verbais: *atacador*, *coador*, *regador*, *esquentador*, *despertador*, *torcador*, *escarador*, *apertador*, *atizador*, *esfregador*, *mostrador*, *calçador*, *rebocador*, *abanador*, *tosador*. De temas em *e*: *torcedor*, *batedor*. **-dor** é freqüente na terminologia técnica: *acumulador*, *multiplicador*, *condensador*, *auscultador*, *elevador*, etc. Acontece por vezes que o significado pessoal e o instrumental se encontrem reunidos numa e na mesma palavra. Um *passador* é aquele que passa (p. ex. moedas

¹ Os vocábulos em *-ilho* relacionar-se-iam com os em *-ilha* como *ribeiro* com *ribeira* < *riparia*.

² Em casos como *mortilha* «matança de porcos», *quadrilha*, *postilha*, *esquadilha*, *pequilha* «comêço de alterações» em que *-ilha* tem um valor pronunciadamente colectivo-abstracto, o sufixo representa com muita probabilidade o lat. *-ilia*.

³ É verdade que existe também a variante *vinclho*, e é difícil saber se *-elho* se substituiu a *-ilho*, ou vice-versa.

falsas), ou um utensílio que serve para passar alguma coisa. É raro encontrar-se o feminino *-dora* com esta última função. Podem citar-se *metralhadora* e *debulhadora*, que me parecem influenciadas no género pelo fr. *mitrailleuse* e *battuse*¹, a não ser que no caso de *debulhadora* se deya subentender a palavra máquina. Também a forma latinizante *ascensor* formada dum tema forte latino, deve certamente a sua existência ao fr. *ascenseur*.

18. Outro sufixo primitivamente pessoal, e que pode adoptar um significado instrumental, é *-ão*, lat. *-one*, que se liga a temas verbais e nominais para individualizar: *strabus* «vêsgo», *strabo*, *-onis* «indivíduo vêsgo»², *intrujar* – *intrujão*, *rebrantar* – *rebrantão*. Em português *-ão* tem principalmente um significado aumentativo (*porto* – *-portão*), depreciativo (*palavra* – *palavrão*) ou abstracto (*purar* – *purão*). Nos casos em que *-ão* designa um instrumento, esta função deve-se certamente a um antropomorfismo análogo àquele que se observou em *-dor*, cf. *fornão*, tirado de *formar* (e não de *forma*), *ferrão*, de *ferrar*, *agulhão*, de **aguihar* < **accul-are*³, cf. o ant. esp. *aguijar* «picar o cavalo com as esporas; cavalgar», *travão*, de *travar*, *tendão*, de *tender* etc. Em *cabeção* «gola larga e pendente; colarinho largo de senhoras; cabresto para domar uma cavalgadura», e *fogão*, tirados de temas nominais, é possível que a idéia instrumental derive da aumentativa. Na palavra *fogão*, a noção de instrumento anda aliás acompanhada da local, visto que significa também «lareira; lugar em que se acende lume». Finalmente pode lembrar-se ainda *charão*, que não significa apenas «chave grande», mas também «fôrma, molde para bolos», vocábulo que nesta última acepção preferiria derivar de um suposto verbo **charar*, sinónimo de *cravar*, e que exprimiria a idéia de um instrumento que se crava (na massa).

JOSEPH M. PIEL

¹ *-euse* é frequente em francês para designar máquinas, cf. *moissonneuse*, *couveuse*, *fauçonneuse*, *balayeuse*, etc.

² É sabido que é esta a origem do nome Estrabão.

³ Ou melhor de uma forma com dissimilação do primeiro u **aguiquare*, cf. o fr. *aiguille*.

Índice dos sufixos examinados¹

-áculo, 15	-duro, 11	-ilha, 16
-aculo, 14, 15	-êdu, 5	-tília, 4
-al, 6	-êdo, 5	-oira, 13
-ale, 6	-eira, 10	-oira, 11
-alhe, 14	-eiro, 8	-one, 18
-ão, 18	-eta, 5	-oria, 13
-aria, 10	-etane, 5	-ório, 12
-ariga, 3	-igo, 4	-orin, 11, 12
-ário, 9	-ícula, 16	-osa, 7
-ar-ítia, 3	-icula, 16	-osa, 7
-arria, 8, 9	-ido, 5	-oso, 7
-doira, 13	-il, 2	-osu, 7
-doiro, 11	-ile, 2	-tore, 17
-dor, 17	-ília, 16	-toria, 13
-doura, 13	-ilha, 16	-torin, 11

¹ Os números indicam os parágrafos.



De 1.º

Acrescentos de Gonçalves Viana às suas “Apostilas”. Outras notas a propósito

A biblioteca do Centro de Estudos Filológicos possui um exemplar das *Apostilas aos Dicionários Portugueses* de Gonçalves Viana anotado pelo seu autor. Éle próprio escreveu debaixo do título, na guarda da obra: «Exemplar anotado pelo autor e por éle corrigido e augmentado».

Algumas das notas foram escritas nas margens da obra, mas a maioria apparece-nos em folhas do chamado *papel comercial*, que o grande filólogo, conforme o seu costume, mandara colocar no interior da obra quando esta foi a encadernar.

Gonçalves Viana era daqueles estudiosos que lia e anotava; mais: que relia e actualizava as suas obras.



Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado publicou umas observações a essa obra.

Vêm no volume X (pp. 686-795) do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa. Como se sabe, a segunda parte desse volume é consagrada à memória do nosso homenageado, então recém-falecido.

Pareceu-me vantajoso publicar não só as notas de Gonçalves Viana, mas também as de M. Dalgado.

Como eu possuía igualmente algumas observações a essa obra, resolvi também publicá-las, embora não pretenda nem pôr-me ao lado desses dois sábios, nem tampouco emendá-los. Pretendo, quando muito, actualizar as suas doutrinas que, em certos pontos, estão forçosamente antiquadas, ao mesmo tempo que me esforço, com o aproveitamento de dezenas de abonações que eu possuo, por auxiliar a lexicologia portuguesa.

Monsenhor Dalgado começa em geral por apresentar ao leitor o passo das *Apostilas* sobre o qual versa o seu comentário. Eu reproduzo nas suas notas os passos respectivos. Vão em itálico e é por elles que começam os seus comentários.

Muitas obras que pertenceram a ilustres estudiosos estão a ser manuseadas por leitores mais ou menos cuidadosos em bibliotecas públicas, sem que ninguém se lembre de publicar as notas manuscritas com que alguns deles as enriqueceram. Por muito simples ou despretençiosas que elas sejam, sempre representam observações de quem tinha talento e capacidade indiscutíveis para as escrever.

Eu algumas obras conheço nestas condições. Em breve começarei a publicar as que puder.

Por agora limito-me às *Apostilas*, mas em breve outras virão.



O sistema que sigo na disposição das notas é extremamente simples: ponho em primeiro lugar as de Viana que vão indicadas com a letra **V**. Depois apresento as de M. Dalgado, antecedidas por um **D** e finalmente aparecem as minhas com um **M**.

Os artigos que Viana, ou qualquer anotador, acrescenta vêm indicados com um asterisco (*) nas palavras que as originaram e que por isso lhes servem de título.



Também anoto alguns passos das *Palestras Filológicas*. Esses são indicados desta maneira: «(Pal.)».

Julgo que desta maneira actualizo ainda mais a obra do grande filólogo português, tanto mais que M. Dalgado também comentou alguns artigos dessa obra.



No fim do trabalho farei uma resenha das obras consultadas e citadas nestas anotações.

P. XII.

— «Os ápices sobre *õ, ã* significam *ö, ã* alemães, *eu* (aberto), *u* franceses; *o* o *õ* fechado alemães de *schön*, *eu* francês de *feu*», emenda para: «Os ápices sobre *õ, ã* significam *ö, ã* alemães, *eu* (aberto) *u* franceses; *o*, o *õ* fechado alemão de *schön*, e o *eu* francês de *feu*».

Aba

V. — «Esta mesma forma (*ábate*, na Estremadura Espanhola) é também usada em Leão, como vemos na monografia de Júlio Puyol y Alonso, *Vocabulos usados en León*, publicada na «Revue Hispanique», t. xv. — «Ábate, no te caigas — Ábate, no te mates».

D. — «Devemos todavia conjecturar que não é «aldeanos» castelhanismo, pois ainda é usada na Índia Portuguesa a forma «aldeano», abonada por Monsenhor Rodolfo Dalgado».

«Não somente temos na Índia *aldeano*, substantivo e adjectivo, empregado por Filinto Elísio, mas também o substantivo *coaldeano*, «morador na mesma aldeia ou freguesia». Não sei se em Portugal está em voga algum termo correspondente; parece-me que se diz «conterrâneo», ou, mais communmente, «da mesma terra», «da mesma pia» (baptismal).

«A palavra *freguesia* é pouco usada na Índia, e sómente no sentido eclesiástico. Diz-se geralmente *aldeia*, em equivalência ao canani *gān* (= *gão*), do sânsc. *grāma*. Antigamente o *grāma* era uma espécie de comuna ou município em ponto pequeno, de que ainda hoje restam alguns vestígios nas comunidades aldeanas de Goa¹».

M. — Meyer-Lübke (*REW*, 310) apresentou o lat. **alapa*, asa, que não oferece dificuldades fonéticas.

¹ «1915. — «Foi significativa a festa que alguns amigos, seus *coaldeanos*, realizaram a 14 do passado, em Ucassair, em homenagem ao sr. dr. Mariano José Saldanha, illustre professor do Lyceu Nacional, pelo seu regresso á terra do berço.» — *O Ultramar*, de 1 de Março.»

«1915. — «É certo que o seu *coaldeano* sr. Chrysologo Viegas, offendido pelo tal redactor, cá appareceu a pedir-nos, sob sua responsabilidade, o combater por todos os modos.» — *O Ultramar*, de 30 de Setembro.»

«1915. — «O *coaldeano* com quem devia andar feito era esse outro empregado do correio.» — *O Futuro*, de 4 de Dezembro.»

A palavra *aba* também se empregava com a significação de *margem*: «*Abeses*. Nome que Strabo dá ás *abas* do mar Roxo», no *Índice Geral das Quatro Décadas da Asia*, de João de Barros, p. 2.

Abada

V. — «V. *Revista Lusitana*, XIII, p. 46 a 65».

D. — «Qualquer que seja o sentido em que os nossos escritores antigos empregaram este vocábulo, ou designando a fêmea do rinoceronte, como é a opinião geral, ou referindo-se a outro paquiderme análogo, como declara Rafael Bluteau... tem-se-lhe atribuído duas origens diversas, uma arábica e a outra malaia.»

«Já está demonstrado, quica *usque ad nauseam*, em outro trabalho meu (*Contribuições para a Lexicologia Luso-oriental*), que *abada* é forma protética de *bada*, que provém do malaio *badaq*, «rinoceronte em geral», compreendendo o macho e a fêmea, e que, gramaticalmente, o nome é do género feminino. Foram os portugueses que transmitiram a palavra a outras nações europeias; por isso, o que quer que elas digam, não nos pode servir de norma.»

M. — A forma *bada* é abonável em mais passos da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto:

«... chegamos ao outro dia a hũa serra muyto alta & de muytas ribeyras de agoa que se chamava Botinafau, em que avia muytos tigres, *badas*, lioês, caleus, onças, zevras, & outra muyta diversidade de bichos, os quais saltando & preando só pela inclinação das suas robustas e feras naturezas, fazião cruel guerra a outras sortes de bichos & animaes de natureza mais fraca...», cap. LXXIII;

«Em outras partes ha muytos almazês de infinidade de mantimentos, & outras tantas casas como terecenas muyto compridas, em que chacinão, salgão, empesaõ, & defumão todas as sortes de caças & carnes quantas se criaõ na terra, em que ha umas muyto altas de lacoês, marrãs, toucinhos, adês, patos, groues, batardas, emas, veados, vacas, bufaros, antas, *badas*, cavalos, tigres, caês, raposas, & toda a mais sorte de animais que a terra cria...», cap. XXVII;

«... tem esta cidade cento & sessenta casas de açongues ordinárias, em cada hũa das quais avia cem talhos de todas as carnes quãtas se crião na terra, porque de todas esta gente come, vitella,

carneyro, bode, porco, cavallo, bufara, *bada*, tigre, leão, cão, mularo, burro, zevra, anta, lontra, texugo, & finalmente todo o a que se pode pôr nome...», cap. CVII:

«Apos estes sacerdotes, mais atras hum pequeno espaço hião quarenta carros com duas *badas* em cada carro, cheyos até cima de infinidade de armas, com muytas bandeiras a rasto...», cap. CXXXI.

Monsenhor Dalgado (*Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, IX, p. 703) mostrou que *abada* ou *bada* era o mesmo que rinoceronte. Para chegar a esta conclusão citou bastantes passos abonatórios de autores portuguezes dos séculos XVI e XVII, onde isso se afirma

Trataremos agora da etimologia:

Conforme G. Viana já o disse, pela existência da forma *abada* somos levados a concluir que o acento é na sílaba *ba*, e neste caso teremos de optar pelo malaio *bādaq* «rinoceronte», como étimo.»

Ouçamos agora o que ditou a competência indiscutível nestes assuntos de Monsenhor Dalgado (*obra citada*, p. 715):

«Mas o termo (*bādaq*) não é privativo do malaio: outros ramos do grupo também o possuem na acepção geral de «rinoceronte» e não na de «rinoceronte *exclusivo* habitante de Sumatra.» Tais como achinês, *batta* (Samatra), sundanês (Sunda), daiaque (Borneu): *bādak*; javanês *warak*; búguí e macaçarês (Célebes): *bāda*.

«Fonéticamente, a derivação oferece duas dificuldades: o *-q* ou *-k* final do étimo, que não aparece no derivado, e o *a-* inicial, que se não vê no vocábulo malaio. Mas é fácil a resolução:

«O *q* final de *bādaq* e outras palavras análogas é, como observa Gonçalves Viana, quasi imperceptível, particularmente ao ouvido estrangeiro, e é proferido na faringe; os idiomas de Célebes dispensam-no¹. Cai, por isso, geralmente na transição da voz para português, às vezes com tonificação da vogal antecedente...

«Quanto ao *a-* inicial, cumpre primeiro averiguar qual das duas formas — *bada* ou *abada* — é mais antiga e mais autorizada.»

Chega à conclusão que a mais antiga era *bada*, por isso julga «mais provável que o *a* é simplesmente protético, como se vê em tantas outras palavras...»

«Daqui se vê também que a esdruxulação de *abada* (*ābada*), adoptada pelo *Dicionário Contemporâneo*, é injustificada por falta de fundamento etimológico, e que a geminação de *b* (*abada*) é

¹ Cf. a este propósito: Leonardo Bloomfield, *Language*, p. 310 (Nota de J. P. M.).

inteiramente arbitrária, de que há muitos exemplos nos escritores antigos, e ouvida nos modernos, sem apoio na fonologia nem na etimologia. É admissível a influência ortográfica de *abbada* não sómente na geminação, mas até na prótese.»

Lokotsch (*Etymologisches Wörterbuch der Europäischen... Wörter Orientalischen Ursprungs*) cita só o étimo malaio (no N.º 152).

Abismo

V. — Ao dizer que o «adjectivo *abyssus*, correspondente ao adjectivo grego *ábussos*, que se observa nas *Setenta*», põe esta nota: «V. p. 539».

M. — A palavra *abismo* veio-nos pelo francês (*REW*, 31 e Piel. *Notas*). A forma fr. *abîme* (arc. *abisme*) deriva de um **abismus*, que era um divergente popular de *abyssus* (= gr. ἄβυσσος). No latim medieval era vulgar *abysmus* (Græber, *Arch. Lat. Lex.*, I, 233; Berger, *Lehnwörter*, 40).

Abyssus também passou às línguas românicas. Em port. arc. é atestável *avisso* (*REW*, 56 e Piel, *Notas*).

O *Elucidário* de Viterbo (2.^a ed.) apresenta, sem abonar, a forma *abiso*.

Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (II, p. 167) apparecem *avismo* e *abismo* muito próximos:

«... como o dito bispo chegasse a huum *avismo* muy fundo, e cheo de almas, veyo o dito frey Pedro que o dito bispo fora lançado dentro por os demonios em aquele *avismo* por força. E, como o dito frey Pedro preguntase ao angeo que o guiava que significavam as sobreditas cousas, respondeo o angeo que o paaço era parayssso e a fonte purgatorio, mais o *abismo* senificava o inferno.»

Absent(e)ista, Absent(e)ismo

V. — Acrescenta: «—appareceriam os exploradores da terra e cessaria o absentismo ou a ausência do proprietário». Alexandre Herculano já se servira do termo, na 4.^a carta sobre a emigração, como n.º (?) adverte o sr. Gómez de Brito: — «temos o *absenteismo*, posto que menos frequente e esgottador do que o foi na Irlanda, mas temos além d'isso o semi-absenteismo — a lavoura feita de longe, com o que se tenta conciliar a gloriola ou a necessidade de ser cultivador e as diversões que só encontram nos grandes centros de população» [*Opúsculos*, IV, p. 175].

Acrescenta: «Em castelhano diz-se *absentismo*. — «el absentismo fué causa da la Revolución francesa¹.»

A nota 2 com os acrescentos de Gonçalves Viana fica assim: «de 9 de julho de 1905, e antes, em 12 de janeiro de 1896.»

Abside, ábside

V. — «Em português antigo temos a forma *ousia*, correspondente a outra forma latina *absīda*².»

M. — Realmente existia em latim *absis*, *īdis* que correspondia ao gr. ἀψίς; porém este tinha aí um correspondente mais directo: *apsis*, *īdis*. Ambas as formas, portanto, não apresentam vestígios da aspiração helénica que, segundo Ernout e Meillet³, só tem um exemplo em Plínio, o Moço.

A palavra *absida*, a que Gonçalves Viana se refere no acrescento, é da língua da Igreja; foi tirada sem dúvida do acusativo grego ἀψιδῶς⁴.

Note-se que Meyer-Lübke também citou no *REW* (45) o port. arc. *ousia* como um representante da *absida*.

Acém

M. — A palavra é na realidade da origem arábica. Foi recentemente explicada pelo prof. Max Leopold Wagner na sua obra *Sobre alguns arabismos do Português*, p. 416. Deriva de السمن (*aç-çemm*). É uma forma marroquina que significa *gordura*.

Acenha, azenha

V. — «No Alentejo a forma é igualmente *acenha* (*acenha*)⁵. V. p. 539.»

M. — *Acenha* é forma arcaica e dialectal.

A forma arábica é السانية (*aç-çānia*), que na realidade «confirma

¹ Vidã intelectual, I, p. 28.»

² *Revista Lusitana*, III, p. 178.»

³ *Diction, Étym. Lat.*, s. v. *apsis*.

⁴ Meillet, obra citada.

⁵ *Revista Lusitana*, t. VIII, p. 198.»

a preferência que se deve dar ao *c*, com prejuízo do *z*. Essa evolução, porém, não deve ser tomada como esporádica, visto que há mais exemplos: *azaria*, *azimute*, *azofra*, etc. Estes vocábulos têm na forma originária um *cine* na sílaba onde está um *zê* em português; *azebre* é um exemplo também curioso, porque o *zê* representa a evolução de um *cade*.

A lei da polarização também se pode observar aqui: passo a exemplificá-la: os *cês* de *acepipe* e *acafrão* por sua vez representam a evolução de *zás*.

O *Glosario* de Eguílaz y Yanguas deve ser *precioso* na realidade, mas apenas «pelas muitas observações fidedignas que o ilustram». Quanto ao resto...

Na língua arcaica havia *açenia*: «Las *açenias* et los molinos maquilent a uez, et qui ita non maquilauerit pectet III morabitos si firmare potuerit...», *Leges*, I, 808.

Havia também o derivado *açenero* (= acenheiro): «... el molinero aut *açenero* qui heredero ibi fuerit, non sit molinero ad foro nec sit excusatus», *Leges*, I, 808.

* Acertar

M. — Era vulgaríssimo neste verbo o sentido de *acontecer*: «... *acertousse* que em chegando o Conde aaquelle lugar, onde havia de desembarcar com aquelles... pareceo a guarda que passava pello muro com certa gente, com huma facha de fogo, a qual deu huma grande grita...», Azurara, *Cron. D. Duarte de Men.*, cap. 135, p. 338 do 3.^o vol. dos *Inéditos*; «... que pelo mar *acertou* de parir...», Barros, *Décadas*, I, I, p. 27. Para mais passos em Barros q. v. *Mem. de Literat. Port.*, III, p. 118. «E andãdo os buscãdo *acertario* de chegar a Malaca quatorze lancharas del rey de Bintão...», Castanheda, *História*, VI, cap. LVIII, p. 122; «... tendo já huma filha que seria doze a treze annos de muy gentil parecer e desposiçam, *acertou* que andando ella sobre a tarde com Marília... passeando ao longo do rio...», Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial*, p. 120 da ed. de 1867; «... o pobre de mim *acertou* de ser hum dos desta companhia», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXVI.

Achada, chada

V. — A significação fica assim: «*chã*, *chapada*, *chapadão*, planície elevada, pequena».

M. — G. Viana derivou bem de *planata*. Existia também no port. arc. *achaar* (ou *achâar*): «... e leuaron-nos fora da uila, antre a uila uelha e a noua, onde chamam o Almecem, e mandaron-lhes *achaar* todo aquelle caminho, que era muy fragoso...». Frei João Álvares, *Cron. do Inf. D. Fern.*, cap. xxiv, p. 64.

De *planare*.

* Achádego

M. — Esta palavra ainda foi empregada por D. Francisco Manuel de Melo: «Logo dalli fuy correndo a folha a comadres, discipulas, affilhadas, & devotas, mostrando a todas seu *achadego*...», *Apólogos*, p. 92, ed. de 1920.

Achaque

V. — «Em catalão é *vacra*; mas a ortografia moderna catalã é tam caprichosa, que não podemos tirar dela induções seguras.»

M. — Com a idéia de *pretextar* também se empregava a expressão pôr *achaque*.

Quanto ao étimo ainda hoje não se chegou infelizmente a uma conclusão satisfatória.

Recentemente o prof. Henry Richardson pretendeu na *Hispanic Review* (vii, pp. 337-344) explicar a palavra pelo árabe. Não o conseguiu. Cf. o que escrevi a esse propósito no *Boletim de Filologia*, t. vi.

Achar, achar (substantivo)

V. — Na p. 14 depois de se ocupar do esp. *hallar* acrescenta: «Não omitirei porém aqui que ao siciliano *aziari*, pronunciado *axári*, com o mesmo significado, se dá como étimo igualmente *afflare*¹.»

A nota dessa mesma página tem o seguinte acréscimo: «Veja-se sobre o étimo de *achar* > *afflare*, aceitando-o como possível, e citando Meyer-Lübke, *Romania*, xxxvii, p. 476.»

D. — «Achar, substantivo, como nome de uma conserva de frutas, hortaliças em azeite e vinagre com outros adubos, é o persiano *achar*, que pelo malaio passou às linguas europeias.»

«A definição é deficiente. Também se faz na Índia muito *achar* em

¹ *Revue de dialectologie romane*, I, 254.»

salmoira, como o de mangas, bilimbins, ambasés, anvalés¹. O termo é corrente em ázio-português, em indo-inglês e indo-francês (*achar* ou *achars*), e, conforme os lexicógrafos antigos, era muito usado no continente². O Conde de Fialho declara que é conhecido em cozinhas de Portugal.

«Yule acha provável prender-se o persa *achār* ao lat. *acetaria*, empregado por Plínio (xix, 19). Rafael Bluteau traduz *achar* por *acetaria*, fundado na mesma autoridade³.»

M. — Segundo o *Hobson-Jobson* os ingleses receberam o substantivo dos portugueses.

Affare ainda hoje é considerado como o étimo provável do verbo port. *achar*. Cf. Serafim Neto, *Fontes do latim vulgar* (*O Appendix Probi*), p. 161. Cf. também o que diz Gerard Rohlfs na *Z r Ph.*, 1932, p. 69.

* Achega

M. — Ajuda, concurso, cooperação: «Lembrandome que na penna, e estilo deste doctissimo Paulo Jovio, as minhas *achegas* ficavam postas em edificio de perpetua memória», Barros, *Décadas*, I. IX, l. Materiais para a construção dum edificio: «Nam podia fazer a casa forte de pedra e cal. por nam achar estas *achegas* prestes», idem. ibidem. III, III. 7.

¹ «1563. — Fazem delle (anacardo) quando he verde, conserva com sal para comer (a que chamão qua *achar*) e vendese nas praças como azeitona ácerca de nós» — Garcia de Orta, col. XII.

«1908. — *Achar*, acepipe do caril, conservas em água salgada». — Alberto Osório de Castro, *Flores de Coral*, p. 138.

«1623. — ... e tuttiquesti, conditi in vna maniera assai buona, ch'essi chiamano *Acciào*; é vna specie di nostri conditi con aceto, ò con *salimola*, come quella delle nostre coline.» — Pietro della Valle, *Viaggi*, III, p. 244.

² «1712. — Por esta palavra *Achar* entendem os Portugueses humas raizes, ou frutos, como pepinos, sinouras, etc. que postos de molho em vinagre, se comem crus, e despertão appetito. Também se fazem manjares em *Achar*, v. g. Mexilhões em *Achar*» — Bluteau.

³ «1658. — ... bases sint celebris istius compositionis *Achar* dictae, quae in Europam inuenta inter delitias habetur palatum doctis, et à me quoque non semel curso voluptate gustate.» — G. Piso, *Mantissa Aromatica*, p. 185.

«1675. — they (mulheres de Goa) sing and play on the lute, make confectiōns, pickle *achars* (the best mango *achars* coming from them).» — Fryer, *East India*, p. 28

«1786. — Dal midollo dell'albero (coquerio) si fa l'*aciara*, cioè, pezzetti confettati, eccellenti companatico per il riso.» — Fra Paolino, *Viaggio*, p. 116.

* **Acolheita**

M. — No séc. xvi já se empregava esta palavra na acepção de *covil*, *esconderijo de animais*: «Ilhas de Arguim, onde o pescado tinha alguma *acolheita*», Barros, *Décadas*, I, I, 10. No mesmo autor aparece também com a significação de *refúgio*, *agasalho*, *pousada*: «Sabia ser aquele porto *acolheita* do Corsario Timojá», I, VIII, 9. Também podia significar *pôrto*, *enseada*: «A qual ribeira por ser muy pejada, e cuja com ilhetas, e restingas, nam tem tantas *acalheitas*, e portos», II, VIII, 1.

* **Açoteia**

M. — Uma abonação quinhentista: «como as suas casas são terreas com seus terrados por cima, posto que em cima tinham outras casas, o debaixo he bom, e são de maneira *daçoteas*...», *Cron. Reis de Bisn.*, p. 119.

* **Acotovelar**

M. — Este verbo já se empregava no séc. xvi: «... assi para me acreditar contigo, como para tapar a boca aos murmuradores, que se *acotovelão* quando me ouvem...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXIII.

Açougue

V. — «Veja-se *sôco*».

M. — *Açougue* não era o mesmo que *talho*. A primeira palavra designava o sítio onde o gado era morto; a segunda aquele onde a carne respectiva era vendida; «... avia muyta quantidade de gado vacũ, & de sindeyros & egoas, aos quais guardavão muytos homês a cavallo para os vêderem aos merchantes que os cortão nos *açougues* como a outra carne», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xc; «Affirmarãonos tãhem estes chins que tem esta cidade cento & sessenta casas de *açougues* ordinarios, em cada hũa das quais avia cem *talhos* de todas as carnes quãtas se crião na terra...», Idem, idem, cap. cvii: «... tẽ esta cidade oitocentos mil vizinhos & vinte e quatro mil casas de Mādaris, & sessenta e duas praças muyto grãdes, & cẽto & trinta casas de *açougues* de oitenta *talhos* cada hũa...», idem, idem, cap. LXXXVIII.

De *açougue* saíram os seguintes derivados:

Açougada: «... foi tamanha a *açougada* que até parecia o dia do juízo», Manuel Ribeiro, *Planície Heróica*, I, cap. 3, p. 68 do 6.º milheiro.

Açougagem: cf. *Leges*, p. 591 e Herculano, *História de Portugal*, VIII, pp. 220-225, 232-233, 235-241 da 8.ª ed.

Açougueiro: cf. Herculano, *História de Portugal*, VIII, p. 229.

* Acredor

M. — O mesmo que *crêdor*. É uma palavra pouco abonada. Aí vai um passo que me parece interessante: «... que lhes confessava que se não atrevia tornar a Malaca a ver o rosto aos seus *acretores*, porque arreceava que o quisessem elles obrigar pelas escrituras que lhes tinha feito a lhes pagar o que lhes devia, o que elle então por nenhũa via podia fazer», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXVIII.

Acúdia, acudia

V. — Na p. 20, o início do último período fica assim: «A explicação é esta. Em alemão *Esche*, também escrito *Äsche*, quiere dizer «freixe», e *Asche*, «cinza». O tradutor...»

* Acupar

M. — O mesmo que *ocupar*: «Hum me dizia que não *ocupasse* a grãdeza de seu entender», Fernão de Oliveira, *Gramática*, p. 13.

* Acurvar

M. — Dois exemplos: «Quando chegou à porta achou Affonso Dalboquerque, e muyta pedrada que lhe tiravam, de que elle ouve huma com hum canto, que o fez *acurvar*», Barros, *Décadas*, II, II, 4; «... apesar das suas grandes forças, já se ia sentindo *acurrar* à continuação d'aquelle pêso», Arnaldo Gomes, *Última Dona*, p. 301 da ed. da Livraria Escolar do Porto.

* Adaga

M. — A forma *adaga* era vulgaríssima: «... levãdo de hũa *adagu* que tinha na cinta, o quisera matar...», F. Mendes Pinto,

Peregrinação, cap. LXXIV; «... apresentou hũa batega douro, e nella levava huma *adaga* cheia de peçonha...»; *Cron. dos Reis de Bisnaga*, p. 10.

Na *Crónica do Condestabre* aparece, porém, a forma *daga*: «... e escudeiros tâbê de cotas e bracaães: e espadas e *dagas*», cap. LXXII.

* Adara

M. — Segundo Júlio de Castilho esta palavra era o mesmo que *saio de malha* entre os mouros: «Atravessam, aqui, ali, de caminho para mercados ou bazares, as opas brancas da moirisma civil, as *addaras* ou saios de malha...», *Lisboa Antiga*, t. p. 330¹.

* Adarga

M. — Esta forma era vulgar em textos antigos; «Homês que serviam de espada, e *adarga*», Barros, I, IV, 8; «Traziam hũas *adargas* de vaca crua». idem, II, I, 4; «Hum abano de papel grande da figura de hũa *adarga*», idem, III, II, 5; «el-rey como era homê que ssabya muy bem jugar de espada e *adarga*, melhor que nenhum dos do seu reyno...», *Cron. dos Reis de Bisnaga*, p. 10.

Modernamente Camilo também a utilizou: «Mas, deseseis moxillas com as lanças e *adargas*...», *Perfil do Marquês de Pom-bal*, p. 34 da 2.^a ed.

De *adarga* derivou-se *adargueiro*: «... corenta mil homes de pee, os melhores de todo seu reyno, *adargueyros*, archeiros...», *Cron. dos Reis de Bisnaga*, p. 27-28.

* Adedentro

M. — Êste advérbio significa *interiormente*, *dentro*. É abonável nos seguintes passos: «Todo o seu marítimo he de muytos recifes de pedra, em que as náos que aly estam com qualquer vento travesam correm muyto risco, se nam estam *adedentro* dalgumas Calhetas com que o már quebra no recife, e nam no costado dellas», Barros, III, v, 5; «Cometer a força que os mouros tinham feito *adedentro* dello», idem, III, III, 5.

¹ Edição de 1935.

Adega

D. — «Ainda hoje chamamos botica do chèche a uma loja de miudezas diversas, expressão que provavelmente nos proveio de Macau, e aí quererá dizer o mesmo, e na qual o epíteto deve corresponder ao chinês chau-chau, «conservas», ou a outro vocábulo análogo.»

«É bem possível que chèche seja corrupção de chau-chau; mas não me consta que assim se use em Macau; chau-chau, sim.

«Também não são quaisquer conservas as que tem tal nome em ázio-português e anglo-chinês, mas tão sómente as que são de diversas espécies de frutas, cascas e raízes. A idea principal é de «mixordia» ou «miscelânea», e neste sentido também se emprega figuradamente¹ tais conservas se exportam da China em grande quantidade para a Índia em boiões de louça². Chau em chinês é qualquer comida, e a reduplicação denota «variedade».

«Bluteau, no Suplemento, registando o substantivo *botiqueiro* diz: — «Em Goa e outras cidades da India Oriental, *Butiqueiro* é tendeiro, porque os portuguezes da India chamam Butica á loge ou tenda.»

«O Novo Dicionário também insere o vocábulo, mas com anotação de «desusado». *Desusado*, onde? Não consta que em Portugal estivesse jamais em uso: na Índia está em pleno vigor, do mesmo modo que *botica*³.»

¹ «Cháo-cháo, dos povos do Oriente.» — *Tu-ssi-yang-Kuó*, II, IV, 5.

² «Chow-chow, Pigeon-English for mixed preserves imported from China.» — *Ceylon Glossary*.

³ «1534. — «Onde a gente da terra acodio com cousas de comer a vender, em que se fez bazar, e *botiqueiros* canarys, e começou a crescer a povoação.» — Gaspar Correia, *Lendas*, III, p. 586.

«1559. — «E vos mando que façaes avenças com todos os *botiqueiros* e pessoas que quiserem ter boticas.» — *Provisão* de D. Constantino, in *Archivo Portuguez-Oriental*, V, p. 420.

«1567. — «Não entrarão nestes rois *botiqueiros* das minhas rendas, nem fisiquos.» — *Carta de lei* do vice-rei D. Antão de Noronha, *ibid.*, IV, p. 69.

«1567. — «Os *botiqueiros* não tenham as *buticas* abertas nos dias de festa, senão depois da missa da terça.» — *Decreto* do Concílio de Goa, *ibid.*, IV.

«1619. — «Cada *Butiqueiro* paga da sua *Botica* doze barganins brancos e oito leaes de direitos.» — *Regimento* do Vedor Nuno Vaz.

«1630. — «Darão licença pello modo nella declarado para ficarem nesta

Adema, Adémia

M. — Nos documentos antigos também aparecia a forma *adema*: «... os termos do qual herdamento som estes, contra aguyom o dyto meu reguengo, contra a trauessia a *adema* contra aurego o termo de Azambuia...», doc. de 1301, em P. Azev., *Os reguengos da Estrem.*, p. 603; «... con sas entradas e con todas sas saídas e com todas sas perteenças e con ssas *ademhas*...», doc. de 1310, *idem, ibidem*, p. 619; «... con sas entradas e saídas e todas sas pertenças com ssas *ademhas* a todolos pobradores...», *idem, ibidem*, p. 620.

Segundo Leite de Vasconcelos (*Rev. Lus.*, xxvi, p. 114) ocorre ainda nas *Diss. Cron.* de J. Pedro Ribeiro, v, pp. 376, 389, etc.

* Ademanes

M. — Palavra de raras abonações: «... fôra capitão de cavalaria, com um bizarro sorriso de côrte e *ademanes* duma selecção rara», Camilo, *Brasileira*, cap. x, p. 100 da 4.^a ed. Cf. Aquilino, *Via Sin.*, p. 313.

cidade... e os *botiqueiros* que lhe pareceram necessários, com alguns servidores.» — *Archivo*, V, p. 1396.

«1645. — «Hum soldado dos nossos Castelhanos querendo comprar de hum China *botiqueiro*, sôbre o preço se descompuzerão.» — *Apud* Frei Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 143.

«1699. — «Temos alimpado as ruas, recolhido os pobres, visitado os Boticarios, e examinado suas mezinhas, castigado aos *Botiqueiros*, e enmendado a falta do pezo do pão.» — *Apud* Frei Agostinho de Santa Maria, *História*, 207.

«1837. — «Faço saber aos *Botiqueiros*, Rendeiros, Taberneiros, e outros vendedores de differentes artigos.» — F. N. Xavier, *Collecção de Bandos*, I, p. 160.

«1842. — «*Botiqueiros* ou homens de loja.» — *Annoes Muritinos* (1845), p. 146.

«1912. — «Tambem foi levado preso um *botiqueiro* por nome Luonhló.» — *O Ultramar*, de 12 de Fevereiro.

«1915. — «... e alguns brâmenes de Salcôte, *botiqueiros*, possorecares ou merceeiros.» — *Heraldo*, de 23 de Dezembro.

«1697. — «Fecharão as logeas, ou como dizemos na India *boticas* das sedas e mantimentos.» — P. Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado*, I, I, 2.

«1850. — «*Botica*: Diz-se em geral de qualquer loja, em que esteja fazenda a vender.» — F. N. Xavier, *O Gabinete Litterario*, IV, p. 260.

«1883. — «Entreí em muitas boticas, como ali (em Macau) se chamam as lojas e casas de comércio.» — Adolfo Laureiro, *No Oriente*, I, p. 313.

Adiça, Adiceiro

M. — O top. *Adiça* foi explicado satisfatoriamente pelo Doutor David Lopes na sua *Toponímia Árabe de Portugal* (*Rev. Lus.*, XXIV, p. 257). É o ár *الديسة* (*ad-diça*), «nome de certa espécie de «junco», comestível para os cavalos e utilizável para cordoarias: é a graminéa «ampelodesmos tenax», vulgaríssima em todo o norte de África.»

Adiceiro já aparece em edições posteriores do *Novo Dicionário*. Verifiquei na 5.^a (póstuma).

Esta última palavra pode ser documentada nas *Leges*, I, 286.

Adil

V. — «O termo *adil* é também usado em Leão, com o significado de — «terreno sin dueño, erial» —¹.

* Adonai

M. — Correia Garção empregou o vocábulo: «Ante o solio de estrelas recamado, foi do grande *Adonai* o nome cantas», *Obras*, p. 57 da ed. de 1888. Esta palavra aparece várias vezes nos *Trechos Portugueses dos Séculos XIV e XV* que Pedro de Azevedo publicou no *Boletim da Segunda classe* da Academia das Ciências de Lisboa.

Cf. ainda nesta mesma publicação as páginas 214, 216, 217, 219 e 221 do vol. VII.

* Adonairar

M. — Uma abonação que julgo boa: «... e a iluminar tarjava os livros, e *adonairara* as iniciais dos capítulos...», Arnaldo Gama, *Última Dona*, p. 37 da ed. da Livraria Escolar do Porto.

* Adrede

M. — Uma abonação dèste vocábulo hoje relativamente raro: «... vinde buscar um pouco de meyrim que *adrede* mandei vir de França para vós fazerdes um hábito...», Arnaldo Gama, *Última Dona*, p. 242.

¹ *Revue Hispanique*, t. XV, 3.

Adua

V. — «Eis aqui um exemplo de *adua* em documento antigo: — «[os muros] ham de serem feitos por *aduas* dos lavradores» — ¹».

M. — Já agora aproveito também a ocasião para citar um passo tirado duma carta de D. Fernando de 1376, onde ocorre este vocábulo: «Nos inviarom pedir, que pois a dita Villa está em tal lugar, que he tão compridoiro ao nosso serviço: que os escusasemos da dita *Adâa* de Freixo», cit. por Viterbo s. v. *compridoiro*.

O étimo é na verdade o ár. *أدلة* (*ad-dūla*), *rebanho*, *gado*. Esta explicação foi há pouco confirmada por M. L. Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 433).

Adufe

M. — A forma *addafo*, dada no volume único do Dicionário da Academia para explicar esta palavra, não satisfaz. Mas não me parece que se possa atribuí-la só a êrro tipográfico. O autor da etimologia podia ter sido arrastado pela forma magrebina (*ad-daff*) a que acrescentou uma escusada desinência casual (*addafo*). Nesta é que há sem dúvida um lapso na falta de geminação do *f*.

No Andalús a forma era *ad-duff*. Cf.

Iassirū an-nuqra n'aj'alū 'd-duff'

li — 'l — iad

Aben — Cuzmāne, canç. xii²

«Andai de espaço com o tambor e agarrai depressa o *adufe*».

* Afábelmente

M. — Êste advérbio pode-se abonar com o seguinte passo de Fernão Mendes Pinto: «... chegarão também a nós, & depois de nos saudarem *afábelmente*, & com mostras de terê piedade de nossas lágrimas...». *Peregrinação*, cap. LXXXVI.

¹ De 1439, in *Archeologo português*, xiii, p. 64.»

² *El cancionero de Aben Guzmán*, ed. da A. R. Nykl. Madrid, 1933.

Afagar, fagueiro

V. — Depois de se referir aos vocábulos castelhanos *lagotear*, *lagotero*, (no fim da p. 23) acrescenta:

«Semelhantemente, o sentido do verbo *açambarcar* e *çambarca*, é material e equivale a «cingir», «apertar»¹.»

M. — Julgo que ainda hoje se espera uma explicação satisfatória dêstes vocábulos.

* Aferrar

M. — Mais algumas abonações. *Fundear*: «... donde atravessamos a terra firme, & *aferrando* o porto de Iunçalão, corremos com ventos bonanças dous dias & meyo...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XIX. *Abordar*, *arpoar*: «... nos cometeo com dous juncos muyto grandes... & *aferrando* hum delles o junco de Mem Taborda, o teve quasi rendido...», idem, ibidem, cap. LXVI; «... defenderão cõ a artelharia que lhes não chegassem como chegarão, & os forão *aferrar* quatro grandes lâcharas», Castanheda, *História*, VI, cap. LVIII, p. 122 da ed. de 1833. *Segurar*, *agarrar*: «... juntando à ameaça a imprudência de o *aferrar* por um abraço». Arnaldo Gama, *Última Dona*, p. 43

* Afestoado

M. — «Havia dous mastros de castanheiro descascados, *afestoados* de buxos, alecrim e camélias...», Camilo, *Bras. de Pra-zins*, p. 117.

* Afilado

M. — Eis um passo onde este vocábulo se mostra na acepção de *afenido*: «... sem respeitos nenhûs mundanos, perturbadores do fiel da balança, cujos pesos o mesmo Deos tinha *afilados* na inteyreza da sua divina justiça», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. CI.

¹ V. J. Leite de Vasconcelos, *O Doutor Stork*, 1910, p. 133.»

*** Afincado**

M. — Um passo que apresenta a aceção de *fixado*, *cravado*, *apoado*: «O pedreiro quedou-se longo tempo sentado com as mãos *afincadas* na cabeça», Camilo, *Bras. de Prazins*, p. 167.

*** Afogadilho**

M. — Estar *de afogadilho* é estar *com pressa*: «Falai prestes, que *estou de afogadilho* e nada azado para muita parola», Arnaldo Gama, *Última Dona*, cap. I, p. 14.

*** Afonsinhos**

M. — *Tempo dos Afonsinhos*: «... sai com os livros velhos empacotados em duas bulas de 1816 e 1817 que a sr.^a Joaquina, com um riso scéptico, indisciplinado, me disse serem do *Tempo dos Afonsinhos*», Camilo, *Bras. de Prazins*, Introd., p. 7.

*** Afortalezar**

M. — Uma abonação moderna: «... o bispo, lançando um olhar de indignação sobre a casa, onde se *afortalezara* o fidalgo, que tam vilâmente o iludira», Arnaldo Gama, *Última Dona*, cap. XVII, p. 310.

*** Afouteza**

M. — «... fizeram hũa taõ grande união com a gente do povo que o Moulana tinha per sy, & com cuja *afouteza* fallava tão solto...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. VI.

*** Afracar**

M. — Tornar fraco; rebaixar: «E bem, moça, tão pecos covardes cuidas tu que foram os homens d'armas de Nun'Alvares, que assim me *afraque* por uma negra pedrada!», Arnaldo Gama, *Última Dona*, p. 329, da ed. de 1933. Mas esta palavra é abonável já no séc. XVI: «Foram-se todas meter em huma enseada, por *afracar* a viraçam», Barros, I, IX, 4; «... nem com tanta multidão de mouros *afraquassem* dando-lhe batalha...», D. Galvão, *Cron. de Afonso Henriques*, pag. 74.

Afreimar

M. — Uma abonação: «Voto a Barrabás! que se me *afreimas*, irei já n'esta hora fallar com o perro do bispo», Arnaldo Gama, *Última Dona*, p. 329, ed. de 1933.

De *afreimar* fêz-se o adj. *afreimado*: «Valha-me Deus! — disse a velha afreimada — êste berzabum do negalho parece que tem cousa má!», Camilo, *O Romance de um Homem Rico*, p. 39.

*** Afunilar**

M. — Dar forma de funil. Como reflexo: tomar a forma de funil; estreitar-se: «A calça de prégas, ampla, à cavalaria, *afunilava-se* no artelho, quebrando no peito do pé», Camilo, *Bras. de Prazins*, cap. x, p. 97.

*** Afusado**

M. — Adj. com a forma de fuso: «Com as mãos magras e de *afusados* dedos», João Grave, *Reinado Trágico*, p. 26.

*** Agacé**

M. — Nome dado ao soberano da Etiópia: «Ao preste lhe chamão universalmente em sua lingua negus e *agacé*, que na nossa quer dizer rei ou imperador», Castanheda, *História*, III, cap. 96, p. 321.

*** Agalardoar**

M. — Êste empregava-se [e emprega-se?] com o mesmo sentido de *galardoar*: «Porem querendolhe *agalardoar* como a nos perteece...», Carta de 1434, na *Cron. D. João I* de Fernão Lopes, p. XLV da ed. de Braamcamp Freire; «Aos quaes elle *agalardoava* de seus trabalhos, posto que nam conseguissem o fim principal», Barros, *Décadas*, I, III, 12. Êste último autor também emprega *galardoar* (II, III, último capítulo).

*** Ageazado**

M. — Preferível a grafia *ajeazado*.

* Ageolhado

M. — Ver artigo seguinte.

* Ageolhar

M. — O mesmo que *ajoelhar*: «Deu-lhe per cima do capacete hum golpe tam pezado, que ficou *ageolhado* em terra», Barros, II, III, 2; «No perigo em que estava quando *ageolhou* foi socorrido com ajuda doutra gente nossa», no mesmo capítulo.

* Agomia

M. — Dicionários há que ao registarem êste vocábulo dão-lhe a acepção de «vaso de duas asas», ao lado da de determinada espécie de «faca».

Nada há que justifique essa definição que vem desde Viterbo. Êste autor, no seu *Elucidário* (s. v.), tem lá mesmo a demonstração do erro em que caiu êle e os seus sucessores. Como abonação dá um passo do documento pelo qual «El-Rei D. João I deo por armas a Gonçalo Lourenço de Gomide, seu Escrivão da Puri-dade... Sinco *gomis* de ouro em campo azul, e por tñubre hum dos *gomis* do escudo». Como facilmente se verifica *gomis* não é o plural de *agonia*, mas de *gomil*.

Alexandre Herculano era muito lido em textos arcaicos. Para informação devia consulta miudamente a obra citada de Viterbo. Eis a razão que explica o facto de êle ter empregado a palavra *agomia* em vez de *gomil*: «depois tornou ao armario e veio collocar sobre a mesa uma grande *agomia* de cõbre cheia de vinho e duas taças de estanho», *Monge de Cister*, I, p. 158.

Agostadouro

V. — Acrescenta «No Alentejo *agostadouro* é «restólho»⁴.»

Agra, agro: campo, agreia, agrelo

M. — *Agro* é vulgar em vários autores: «A causa da esterili-

⁴ *Revista Lusitana*, t. VIII, p. 95.»

dade foy huma praga de gafanhotos que sobreveo aos *agros*», Barros, *Décadas*, II, III, 4; «Ordenaram huma procissam ao modo de quando cá per ladainhas, vam sobre os *agros*...», Idem, ibidem, II, III, 4. Cf. Aquilino Ribeiro, *Via Simosa*, p. 76, 308, etc.

No período arcaico da lingua também era vulgar; assim na tradução quatrocentista do foral de Tomar de 1174 lê-se o seguinte: «Se alguen en defendimento de seu *agro*, ou de ssa vinha, ou de ssa almoynha esbulhar o danador...», cit. da Viterbo, *Elucidário*, s. v. *Almoynha*; «... mandamos, que toda besta travada, ou peada, que entrar em almuya, ou em orta, ou em *agro* alheo, que nom peito coomha...». Posturas de Évora de 1318 (cit. de Viterbo, *Elucidário*, s. v. *Besta travada*); «A mym parecia que andavamos todos legando os moolhos eno *agro*...», Fr. Fortunato, *Inéditos*, II, p. 58.

A propósito destes vocábulos e da sua significação medieval são curiosas estas palavras de Alberto Sampaio:

«... n'esta época as aguas não estavam laqueadas, nem se tinha operado a terraplanagem artificial de grande parte de glebas, o que só foi possível mais tarde com o augmento de capitaes, escolheram-se para a produção cerealífera os terrenos com uma certa seccura e de superficie plana ou quasi, onde o arado podesse trabalhar com facilidade; pois os cereaes então usados não eram cultiváveis em terras carregadas de humidade. As chans das encostas, as planuras dos outeiros, as planícies enxutas dos valles, realisavam naturalmente estas condições, sem exigirem obras d'arte: os terrenos d'esta qualidade, comprehendidos na demarcação das villas, receberam a denominação de *ager*, *agri*, na significação restricta de que depois a neo-linguagem formou *agro*, *agra*, *agrelho*, *agrelha*, que se fixaram na toponímia, designando ainda hoje ora terrenos na situação indicada — *Agra do Salvador*, *Agra de Lustosa*..., ora sitios ou logares a que se estendeu a denominação primitiva d'uma parte d'elles; — *Agra* (S. Torquato, Guimarães; Palmeira, Santo Thirso, etc.). *Agrella* (Santo Thirso, etc.). Com o uso popular estão de accordo os documentos que a cada passo mencionam estas parcelas», *Vilas do Norte de Portugal*, p. 69.

«O lat. *ager*, ao passar para o português, seguiu dois processos de evolução. Em época mais remota, o *-g-* do grupo *-gr-* vocalizou-se em *-i-* resultando *airo*, que figura na toponímia: *Castro Dairo*¹, lê-se num documento, aliás relativamente recente, de 1572

¹ Hoje é *Castro Daire*.

[*Rev. Lus.*, xvi, p. 126]. A conservação do -g-, em *agro*, deve sêr de data posterior á sua vocalização. Nas *Cantigas de Santa Maria*, p. 252, cant. 178, est. 4, ha a forma *ero*: levou o padre seu filho / ao *ero* u lavrava — Provirá de *airo*, através de **eiro*... com redução do *ei*- inicial a *e*- por influência castelhana. J. J. Nunes, *Gram.* (2), p. 120, 122-23. *Ero* ocorre também no *Foral de Évora de 1166*, Viterbo, I, p. 292. — Têm origem totalmente diversa o patronimico *Ero*, que representa o germânico *hairus*, «espada». J. L. Vasconcelos, *Autrop.*, pp. 39, 105. *A Lingua Port.* I, 7», Augusto Magne, *Dic. Etim.* na *Rev. Phil. e Hist.*, I, p. 508.

Segundo Leite de Vasconcelos (*Opúsculos*, I, p. 334 nt.), *agra* é «popular no Minho, na acepção de «campo». Esta palavra supõe o plural *agra* tornado singular; cf. *fada* de *fata*... Segundo o mesmo Professor (J. Cornu), *aro* vem de *agrum* e então seria outra forma paralela a *agro*.»

*Agrura

M. — Terreno íngreme: «Podem passar a pé enxuto ao longo desta *agrura* de penedia», Barros, *Décadas*, I, III, 8; «Como que os nossos eram aves, que aviam de subir pela *agrura* da penedia sobre que o muro estava feito», idem, III, IV, 9.

*Aguadeiro

M. — Como adj., dizia-se da capa que servia para resguardar da chuva: «Item *capa agouadeira* / e gibam de satim rraso», *Canc. Res.*, I, 154.

*Aguado

M. — Regado: «Ali arvores, ali flores, / Verdes, brancas, encarnadas, / E de outras muitas cores, / Nacidas de minhas dores, / E com lagrimas *agoadas*», Bern. Rib., *Ecl.*, v, vv. 480-484.

*Água dura

V. — «A água calcárea, a que os jardineiros chamam *água dura*» —¹.

¹ *Gazeta das aléias*, de 20 de Outubro de 1907».

* Água-furtada

V. — Em Baião diz-se: — o telhado desta casa «tem quatro águas, três, duas ou uma só água». Quere isto dizer que o telhado tem quatro, três, duas, ou uma só superfície de escoamento de águas. Ora, para se abrir uma janela na superfície dum telhado é preciso cortar ou *furtar* ali o escoamento da água. ¿Poderá isto explicar a água-furtada?¹ «De certo; deve de ser essa a origem de tam estranha expressão.»

* Aguajem

M. — Movimento das águas do mar; corrente marítima: «Todavia ha primeira face deve ser muy peryguoso o descubrimento por que no Rosto da Ilha de Cunda e no de Camatra sam os ponentes travessões e devem eles ser muy fortes pelo comprimento do mar e mays he na corda das Ilhas de Maldiva e portanto ha de ser cousa muy perygosa poderem vir de mar em fora demandar este boqueyrão e mays as *aguajens* correm a partes deversas», *Bras Baião no extremo Oriente em 1540*, publicação de Pedro de Azevedo na *Revista da História*, vol. I. O passo citado vem na p. 109, cl. 1.

Agude, agúdia, agúida

V. — Na linha 14 dèste art. emenda *aibto* para *aibeto*.

* Águila

M. — Êste vocábulo é facilmente abonável, porque ocorre em centenas de passos dos nossos escritores quinhentistas. Como é sabido, a *águila* é uma planta da Índia, de madeira resinosa e muito aromática.

Garcia da Orta referiu-se-lhe no Colóquio xxx.

Parece-me curioso anotar e abonar o emprêgo que esta madeira tinha nas fogueiras fúnebres dos orientais, sobretudo indianos:

«E no espaço que duron esta cerimonia com outras dez ou doze

¹ Carta do sr. Álvaro de Azevedo, de 14 de Março de 1907.»

mais que se aly fizerão, se sacrificarão reys grepos mancebos & gentis homês, bebendo de hum vaso douro que estava nũa mesa hum licor amarello tão peçonhento, que em o acabando de beber matava logo supitamente, os quais por isto que fazião erão tidos por santos, & por isso erão envejados por todos. E daly dõde sayrão mortos os tomarão logo, & nũa procissão os levarão a queimar em hũa grandissima fogueyra que estava feita de sandalo & beijuim & aguila, onde forão todos feitos em cinza», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. CLXVII.

«Estes reys tem às vezes guerra hũs com os outros, & eles mesmos entrão nas batalhas & pelejão se he necessario: quando morrê queimãnos fora dos paços em hũ reccio cõ muyta lenha de sandalo & aguila, & ao queimar se ajuntão todos seus irmãos & parentes mais chegados: & todos os grãdes do reyno, & ate serẽ todos jũtos se espera tres dias âtes que ho queimarẽ, pera verẽ se faleceo de sua morte, ou se ho matarão, porque matãdoho alguẽ sam obrigados a vîgalo», Castanbada, *História*, I, cap. XIV.

Da aguila os sacerdotes orientais extraíam um perfume que servia para incensar os seus deuses:

«A estes dous diabolicos monstros, no tempo que aly chegamos, estavam incensando doze bonzos com seus incensarios de prata, cheyos de muytos cheyros de aguila, & beijoim...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xc.

Como era natural, o valor da aguila variava com as regiões, com as épocas, com as moedas em que êsse valor era expresso e até com os escritores. Alguns passos onde se mostra o valor desta substância e outras equivalências:

«Aguila val la farazuola fanoes ccc, in cccc», Ramusio, I, fl. 323. O capítulo onde ocorre êste passo chama-se *Delle drogherie & delli prezzi che uagliano in Calicut, & nel paese di Malabar*.

«O baar d'aguilla fina tem 20 faraçollas...», *Subsídios*, I, 8.

«Aguilla fina o ser ser trynta fedeas», *idem*, III, 44.

«... um arratel de aguila, da muito boa, vale tres cruzadas...», Orta, *Colóquio* xxx, p. 48 do vol. II.

«... he a fina Aguila Calambua muy estimada antre hos Indios e Mouros, e val em Calecut ho arratel dela trinta e corenta par-daos; eles ho querem pera ho mesturarem com sandalo, almisquere, e agoa rosada, pera se untarem», Duarte Barbosa, cit. do Conde Ficalho nos *Colóquios* de Garcia da Orta, II, p. 64.

Cf. ainda esta obra do Conde de Ficalho, na p. 65 do II vol.

Agüista

V. — Acrescenta: «O agüista, como todos os doentes, é um doente amavel e affectuoso¹».

*** Aiabeba**

M. — Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, tomo VI.

*** Ajeazado**

M. — O mesmo que *ajeazado*. Geralmente aparece grafado com *g*: «... até onde foi com um cavalo *ageazado* do arreo que lhe levou...», Castanheda, *História*, I, cap. 33; «... caualgando em hũa mula *ageazada* de ricos goarnecimentos...», idem, IV, cap. 38.

*** Alá**

M. — Nome da divindade entre os muçulmanos: «É *Alá* o nome por que os Mouros conhecem a Deus», Fr. Luis de Sousa, *História*, I, 4, 5.

Alagar, alago

V. — Na p. 33 ao confrontar «o vocábulo *alago* com *alagar* no passo de João de Barros, citado» acrescenta a palavra *estrago* na definição que fica, portanto: «ruína, estrago».

A definição de *alagar* passa a «deitar a baixo, arrasar».

Acrescentar ao artigo: «, ainda no de «destruir», «escan-galhar»; por exemplo, — «o meu irmão alagou o pífaru». António Feliciano de Castilho usou o vocábulo *alagar* no sentido clássico de «arrasar»: — «massas monstruosas (de penedos) penduradas ameaçando despenhos, e cuja minima parte sobrosia a alagá-los».

«Outro tanto faz Cândido de Figueiredo: — «Mas afinal a *débâcle* não alaga como os vulcões (Estrangeirismos, II, 81, 1912).»

«Em escrito moderno vemos este verbo empregado, no mesmo sentido, no passo seguinte: — «As paredes da casinhotá, começa-

¹ *Diário de Notícias*, de 27 de Agosto de 1909.»

vam a alagar-se¹». — No trecho seguinte, porém, a significação de *alagar* é ambigua: — «bombas, lenha e agua para minar, queimar e *alagar* as galerias» —².

«Camões empregou este verbo com sentido duvidoso também:

Que o meu fraco batel se alague cedo³.»

M. — A propósito de *alagar* q. v. *Palestras Filológicas*, p. 5 (2.^a ed.).

* Alambre

M. — Q. v. *ambar*.

* Alardo

M. — Esta palavra significava muitas vezes revista de tropas; resenha dos soldados: «Feito *alardo* da gente que tinham, acharam-se per todos cento e oitenta pessoas», Barros, *Décadas*, III, v, 10; «Aquelle mesmo dia... se fez *alardo* da gente para se saber o que tinha custado o cometimento da tranqueyra, & se acharão dos oitenta soldados os quinze mortos, & cinquenta e quatro feridos...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XI; «Feito este apercebimento... se fez *alardo* geral de toda a gente que hia na armada, & se acharão por todas quinhentas pessoas, assi de peleja como de serviço...», idem, cap. LVIII; «E fazendose *alardo* da gente que podia aver para este feito, se acharão tresentos homens...», idem, cap. LXIV; «... cavallga o rao, e vay fazer *alardo* da gente dos capitães...», *Cron. Reis da Bsn.*, p. 67. Cf. pp. 112 e 117.

* Alarve

M. — Esta palavra é antiga na lingua e, como se sabe, começou por designar os árabes: «... abriram a tea e acharom em ela

¹ V. Barbosa de Bettencourt, *Trechos escolhidos de auctores portuguezes*, 1907, p. 44?

² Acácio de Paiva, *O casarão*, in *Supl. do Seculo*, de 27 de Junho de 1907; conto traduzido do castelhano *El Casarón de Don Cândido*, publicado na *Vida Intelectual* (I, p. 60); o original diz assim: — «los cuarteados muros de la vivienda habían empezado à hundirse.» —

³ *O Oriente Português* (IV, p. 256), reprodução de um documento do século XVIII. V. também *Gazêta das Aldeias*, de 11 de Abril de 1909, Vocabulário, de Gil Moreno.»

⁴ *Lusiadas*, VII, 76.»

alarves segurados com toucas em suas cabeças...», *Cron. Geral de Espanha* (séc. XIV), in *Florilégio*, p. 92. Neste passo de Barros é nítida esta acepção: «E ao tempo que os *alarves* entrarão em Espanha...», *Clarimundo*, III, c. 4, p. 397 da ed. de 1742.

Depois a palavra passou a designar um individuo de maneiras grosseiras, bruto, estúpido: «Estes são aquelles a que os mouros chamam Baduiis, nome commum, como cá entre nós chamamos *alarves* a gente campestre», Barros, *Décadas*, I, VIII, 4; «... como não ha (justiça), e a sua navalha mais dia menos dia vira o fio nas guellas de algum miseravel, ainda espero vê-lo feito homem de ferro na procissão do Corpo de Deus, ou carregando fardos ás costas na Alfandega. Forte *alarve!*», Rebêlo da Silva, *De noite*, cap. I, p. 16 da 3.^a ed.

Havia ainda a variante *alarave*: «muitos viuem na montanha A maneira *dalaraues*», *Descrição das terras da Índia Oriental*, p. 10.

* Afavão, alabão

M. — Uma boa parte da doutrina de Gonçalves Viana neste artigo não pode ser estudada sem ter presente o valioso trabalho do prof. Max Leopold Wagner, denominado *Sobre Alguns Arabismos do Português*, saído na *Biblos*¹. Este filólogo, tal como Schuchard² e Meyer-Lübke³, deriva os vocábulos que servem de título a este artigo do lat. *allevamen*, cardume.

* Alavercado

M. — Um passo curioso que abona bem a acepção de *humilhado*, *aborrecido*, desta palavra: «... eles os fazião padecer a fome que padecião & auião de fazer perder ho reyno a el rey: & assi ontras cousas com que os mouros andauão muy *alauercados*», Castanheda, *História*, VI, cap. XCI, p. 199.

* Albarrada

M. — Uma abonação interessante que exemplifica o sentido de

¹ Vol. X, pp. 427-453.

² *Z. r. Ph.*, XXXII, p. 87.

³ *RWE.*, s. v. *allevamen*.

vaso para líquidos: «... e 7 *albarradas* de prata de bastiões que inteiramente pesaram 30 marcos...», *Cartas de Quitação de D. Manuel*, doc. 5.

* **Albudieca**

M. — Muitos dicionários registam este vocábulo como «variante ortográfica de *albudeca*».

Isto não é verdade por duas razões:

1. — *Albudieca* não pode ser variante ortográfica em relação a *albudeca*, porque a articulação dos vocábulos também é atingida nessa variante.

2. — *Albudieca* não é vocábulo português. O passo abonatório que todos os dicionaristas apresentam é de Garcia da Orta (*Colóquios*, colq. 58, vol. II, p. 381 da ed. de 1895). Ei-lo: «... a mata destas *patecas* he muyto deferente da que dá os melões de Portugal, e tambem as *albudiecas*, e *sandias* de Castella sam deferentes das *patecas* da India».

Do passo citado se depreende facilmente que se trata dum castelhanismo.

É, portanto, um vocábulo intruso.

* **Alça**

M. — Imposto: «... dam a elrey de dereytura sete ssoldos de pedida do mordomo hũa teiga de trigo pella uelha e dous maranjdijs *dalça*», Brito Rebêlo, *Um Primo de Francisco de Sá de Miranda*.

* **Alcanço**

M. — Encalço, perseguição: «... e derom no *alcanço* aos de Pilatus atee as portas da cidade...», *Vespasiano*, p. 76; «A tempo que ainda ouve vista dos mouros, em *alcanço* dos quaes foy tanto, té dar com elles em seco», Barros, *Décadas*, III, 1, 3.

* **Alcatruz**

M. — Na Beira esta palavra usa-se muito na aplicação de púcaro.

* **Alcorão**

V. — «V. em *minarete* e *muezzin*, V. p. 540.»

D. — (Emendas, p. 540): «*Eis aqui uma abonação bem característica da palavra alcorão no sentido de «tôrre»: — «para o sul da barra principal, que chamam do Alcorão, por razão de uma tôrre ou pirâmide alta que parece serve de divisa para conhecimento da barra.» — F. Palestras».*

«Neste sentido o vocábulo é freqüentemente empregado pelos escritores antigos, como António Tenreiro (*Itinerário*, cap. 7), Simão Botelho (*Tombo*, p. 225), Castanheda (VIII, cap. 194), Barros (Déc. II, VII, 2), Gaspar Correia (I, p. 820), Frei Luís de Sousa (*Annaes*, p. 69), P. Manuel Godinho (*Relação*, p. 100).

«Mas a palavra arábica *al-qur'ân* designa sómente o «livro sagrado dos maometanos», geralmente chamado *muçafô* pelos escritores antigos. A acepção da «tôrre donde os almoadens chamam os muçulmanos à oração» é dada pelos portugueses por extensão. «Ha duas maneiras de *Alchorões*; hũa dellas significa summa ou copia de preceytos, e mandamentos, e este he o que tem nas suas Mesquitas escrito na lingoa Arabica. A segunda maneira de *Alchorão* he o que responde entre elles a torre dos sinos: e este modo de fallar não he tão proprio, mas secundario.» — Frei Gaspar de S. Bernardino, *Itinerário*, p. 216».

M. — No meu trabalho *Alguns Vocábulos de Origem Árabe* tratei dêste vocábulo¹. Não sabia que M. Dalgado se occupara dêle no seu artigo *Gonçalves Viana e a Lexicologia Portuguesa de Origem Asiático-Africana* de que tanto me estou a utilizar nestas observações às *Apostilas*. Se soubesse que se occupara também do assunto, não deixaria de recorrer a êste manancial de informações seguras, como era tudo o que saía das mãos do erudito autor do *Glossário Luso-Asiático*.

Mas infelizmente cometi a involuntária imprudência de não consultar esta obra, onde afinal o problema já estava resolvido.

Poder-se-á julgar que fui lá buscar a doutrina e que depois lhe chamei minha.

Tal não é verdade. Não cometi nenhum furto. O próprio desenvolver da doutrina o pode demonstrar: ao passo que M. Dalgado depreendeu a explicação do texto de Fr. Gaspar de S. Bernardino², eu tirei a minha do de Pedro Teixeira.

¹ *Boletim de Filologia*, VI, p. 3.

² Eu também citei êste passo, mas incompletamente, porque não foi colhido por mim no texto de Fr. Gaspar.

Para a minha M. Dalgado com alguma coisa contribuiu: foi no seu *Glossário* que encontrei transcrito o passo daquele autor, o que já não me parece pouco.

Uma satisfação me resta: M. Dalgado chegou à mesma contribuição a que muito mais tarde eu (pobre de mim!) também cheguei.

Só este motivo é sufficiente para de certo modo me compensar o aborrecimento causado pelo meu descuido.

Muitos passos abonatórios têm sido apresentados para abonar *alcorão* na acepção de torre. Cf. o que eu escrevi a propósito no citado trabalho.

No entanto lá vão mais alguns:

«O qual titulo lhe veyo este anno da casa de Meca, pelo presente das alâpadas douro que lá mandam de esmola ao *alcorão* do seu Mafamede, como custuma fazer todos os annos», F. M. Pinto, *Peregrinação*, cap. XVIII.

O seguinte passo até é curioso porque se refere a Marrocos, o que ainda parece justificar mais o emprêgo do vocábulo nessa região e com a mesma significação: «... & apos estes entraram outros que todos sobiram pelas scadas do *alcoram* atté ho mais alto, onde se hos mouros tinham recolhido, hos quaes depois de se defenderem per hũ bõ spaço foram todos mettidos á spada, com hum dos quaes ho adail Vasco fernãdez cesar adou a braços, & ho lançou do *alcorã* abaixo, que por ser mui alto se fez todo em pedaços...», Damião de Goes, *Cron. de D. Manuel*, IV, cap. XXXIX.

Camões empregou a palavra *Alcorão* para designar o livro sagrado dos muçulmanos:

«Hums caiem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do *Alcorão*.»

Lusiadas, III, est. 50.

Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do *Alcorão* — duro tributo! —.

Idem, VII, est. 13.

Fernão Mendes Pinto também a usou: «... & porque não ficou satisfeito, tornou a pedir mais agoa, disendo que se o fartassem bê della, prometia pela ley de Mafamede, & por todo seu *alcorão*

de confessar tudo quanto quisessem saber delle...», *Peregrinação*, cap. LI.

Cf. ainda: «Estes mouros tem muitas misquitas homrrão muito o alcorão de mafamede». *Descrição das terras da Índia Oriental*, p. 6.

M. Dalgado voltou a ocupar-se de *alcorão* numas observações às *Palestras Filológicas* de G. Viana. Transcrevo-as mais adiante s. v. *alporão*, *alcorão*.

Alcouce

M. — A propósito do étimo desta palavra cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 16 e depois nos *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v.

* Aleive

M. — Um passo interessante: «... elle, com outros sseus complices, companheiros e conjurados, conspirou e trahtou, machinou e hordenou, maldade, *aleive* e traíçam contra nos...», *Conspiração*, II, 29.

* Alentejo (Manta do)

M. — Q. v. *Manta do Alentejo*.

* Alfa

V. — Acrescenta: «No Ribatejo *alfa* equivale a *elfa*, isto é, «régo para sementeira» (*Gazeta das Aldeias*, de 11 de abril de 1909).»

* Alfacinha; tripeiro

V. — Abona *alfacinha* com este passo: «as nossas compatriotas que nos mercados alfacinhas moirejam, negociando com as fructas, hortaliças, creação diversa e também com flores» — 2.

A nota 2 passa a 3 e a *tripeiro* acrescenta: «com relação a *tripeiro*, no *Diário da Tarde*, de 14 de junho de 1907 é contada assim a origem: — «Já para uma armada de D. João I elle (o Pôrto)

se desabastecen por completo de carnes, sujeitando-se a alimentar-se de tripas. Donde o seu glorioso *sobriquet* de tripeiros.»

«Assim será, com o bordão enfadonho do «por completo» e o apatetado *sobriquet*, como se em português, e tratando-se de Portugal, não houvesse a palavra *alcunha*. Artigo de jornal, em que não figure pelo menos uma palavra francesa já com dificuldade se encontra. ¿Por quem diabo seria o artigo escrito?»

As notas 4 e 5, passam respectivamente a 5 e 6.

* Alfândega

M. — Peço licença para corrigir num ponto o étimo desta palavra dado por U.: julgo preferível derivar as formas portuguesas e espanholas (*alhondiga* e *fonda*) do nome de unidade da palavra citada. Será, portanto, de *al-fundeqa* que aquelas palavras derivam.

Nas *Palestras Filológicas* (p. 237 da 2.^a ed. vem *fínduq*).

Alfavaca, alfabega, alfadega

M. — O étimo está no ár. *al-habāqa* (*Rev. Lus.*, XIII, p. 230). Na língua arc. havia *alfāvega*: «Se o juchago flor de danamêto ou de ferjda, rraya-lhe todo muy bem, e desy filha alosna e *alfauega* de cooura», *Livro de Alveitaria* de Mestre Giraldo (na *Crest. Arc.* de J. J. Nunes, p. 128 da 2.^a ed.).

Alfeça, alfece, alferça, alferce

V. — No texto emenda «está pelo *enze*» (p. 43) para «está pela *enze*».

M. — Como se pode verificar facilmente nos passos seguintes, a palavra significava na verdade *enxada*, *picareta*: «... e fezeron-lhes quebrantar pedras com piçdoes e *alfereces*», Álvares, *Cron. Inf. D. Fern.*, p. 64; «... machados, martelos, marrões, *alferces*, alviões, sachos...», *Cartas de Quitação de D. Manuel*, doc. IV.

O étimo está no ár. *al-fāça*, a enxada.

Não é temeridade, como pareceu a G. Viana, «identificar os dois vocábulos, *alfece* e *alferce*». Há muitos exemplos que plenamente comprovam êsse fenómeno: *axarca*, (*Rev. Lus.*, XXIV, 270), *alicerce*, *Gibraltar*, *celestre*, *celestial* (arc., *Textos Arcaicos*, 60),

mastro, *listra*¹, *listrado* (*Elucidário*, I, p. 64, cl. 2.^a), *Arzida*, *lastro*, *aldraba*, *aldrum*, *bonecro*, *açudre*, *açurde*, *mofatra*, *rosto* (F. Lopes. *Cron. D. Pedro*, 98; *Vespasiano*, 45), *Murça*, *elástico*, *chefre*, *astribordo* (Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XI), *alcôfra* (*Rev. Lus.*, XVI, p. 150), *rastro* (Freire, *Reflexões*, II, p. 126), *registro*, (idem, II, p. 129), *Jacinto* (*Rev. Lus.*, XXI, p. 336), *bracamarte*, *umbrigo*², etc.

Notar-se-á porventura a falta de *estrêla* nesta pequena lista. Não se julgue por isso que eu aceito ou que, pelo menos, contemporizo com a explicação que para aí anda. Segundo essa tal, o *r* nesta palavra deve-se à influência de... *astro*. No meu artigo «*Saga*» não «*Zaga*» aludi a este assunto e apresentei já aí alguns dos exemplos acima citados. Repito agora o que aí escrevi: os que defendem essa doutrina «possivelmente também querem ver este último vocábulo (*astro*) como o agente causador dos *rr* de» e citei os tais exemplos (*Boletim de Filologia*, v, p. 176 nt.a). É tempo de se liquidar (e de vez) essa explicação.

A propósito do *r* epentético nas línguas românicas cf. M. Niedermann, *Zur Beurteilung der R- Epenthese im Romanischen*³, onde ainda se pretende explicar o catalão *estrella* pela influência de *astre*. Como se dizem estas coisas... mas deixemos isto.

Não há, portanto, inconveniente em aproximar os dois vocábulos.

Não consigo atinar com a razão por que Gonçalves Viana tendo emendado (e bem) o género do nome do sinal gráfico arábico, não lhe deu também uma ortografia portuguesa, o que, afinal, era facilímo: *hameza*.

* Alféres

M. — Alféres era antigamente o que nos exércitos levava o pendão; era portanto o mesmo que porta-bandeira, porta-estandarte. Em Bernardo Rodrigues, porém, aparece este passo curioso, por parecer pleonástico: «...lhe matarão Diogo Rodriguez, filho de Artur Rodriguez, *alférez da bandeira* e criado do Conde». *Anais*, I, p. 19.

* Algarabia

M. — Q. v. *algaravia*.

¹ É hoje popular. Castanheda tem um exemplo: «hũa touca de seda brãca cõ viuos douro, outra de seda & douro cõ *listras* azuis cõ viuos douro...», *História*, II cap. xiii, p. 41.

² «E pdehe pannos molhados nelle sobre o *umbrigo*», Garcia da Orta, *Colóquios*, I, p. 35.

³ Na *Festschrift Louis Ganchat*, pp. 40-51.

Alfóstico, alfóstigo, fóstico

M. — A doutrina etimológica dêste artigo parece-me bem. A doutrina de Viana ainda hoje é a seguida. Cf. Steiger, *Contribución*, p. 114. Note-se, porém, que hoje, ao lado da forma arábica *fuṣṭuṭ* (que explica a nossa), corre também *fuṣṭuḡa*, nome de unidade.

Alfresses, alfrezes

M. — Conforme Viana afirma, a primeira forma é que é a correcta. Eu já tinha aceiteado a sua doutrina nos meus *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v. *alfrezes*.

No entanto tenho um pequeno reparo a fazer à doutrina etimológica exposta nas *Apostilas*: Viana, decerto por lapso, esqueceu a indicação da quantidade da sílaba *far* do vocábulo árabe; como esse *a* é longo, a sua transcrição deve ser *al-fārre*.

Algar(a)via

V. — Na p. 46 põe a seguinte nota à frase «confusão de vozes» da definição do vocábulo dada pelo *Novo Dicionário*: «*Algarabía de aliende* — ó de allende — se llamaba á la lengua árabe, ó mas bien á la jerga de los moriscos» nota 557, do sr. Américo Castro à comédia de Tirso de Molina, «*El Vergonzoso en palacio*»; *Clásicos Castellanos*, t. 1910, p. 122.»

M. — O *Dicionário Contemporâneo* deixou-se arrastar pela semelhança que existe entre esta palavra e Algarve.

D. Francisco Manuel de Melo empregou a variante *algarabia*: «Preguntou-lhe então o mouro, muito socarrão em sua má *algarabia*», *Apólogos*, p. 267. Esta era a forma espanhola e que pode ser documentada neste passo do romance *La Morilla Burlada*: «Yo m'era mora Moraina, / Morilla de un bel cantar: / Cristiano vino á mi puerta, / Cuitada, por m'engañar. / Háblome en *algarabia* / Como aquel que bien la sabe», *Romancero Morisco*, t. p. 7.

* Algarrafa

M. — Palavra ainda não registada nos léxicos. Vale o mesmo que *garrafa*: «hũu page que sempre lhe traz hũu barril daguoa

ou *alguarrafa*, guarneçada de prata...», *Descrição das Terras da Índia Oriental*, p. 27.

* Alguasadabra

M. — Que substância será esta? Cf.: «A corja da mão *dalguasadabra* vall cymquoenta tamgas», *Subsídios*, III, 48.

Aliás

V. — Acrescenta: «Eis aqui dois exemplos do vocábulo: — «não parece bem... que as minhas aleas... estejam presas» — «Duas aliás, hũa delas tem altura de cinco covodos e meo, e a outra cinco covodos e hũ quarto —¹», v. p. 541.»

D.¹ — «*Fêmea do elefante: Frei Gaspar de Santo Agostinho, Itinerario da Índia, cap. xv. Esta nota foi-me subministrada pelo sr. Guilherme de Vasconcelos Abreu.*

«Há duas inexactidões na informação: o nome do autor é Frei Gaspar de S. Bernardino, e *aliás* do texto está no plural: «Nem os (dentes) tem as *aliás* ou fêmeas, mas só os Elephantes machos.» —

D.² — (*Emendas*, p. 541): «*O Padre Manuel Bernardes (aliás Barradas) na «Descrição da cidade de Colombo» (Ceilão) usa a forma alea: — «Em lugar de azemolas se serrem de aleas. Alea é todo o elefante sem dentes, quer seja macho, quer seja fêmea.» — Mas, ¿dere ler-se álea ou aléa?*»

«Nem uma nem outra cousa, mas sim *aliá*, do singalês *aliyá*, elefante sem dentes². Já expliquei nas *Contribuições* a evolução sematológica da dição. Suponho que o citado autor escreveria *aleá*; mas a primeira edição (que desloca muitos acentos) acentua *alêa* e a segunda, *aléa*.»

* Alicorno

M. — «... e 3 pedaços de *alicorne*...», *Cartas de Quitação*, doc. 5.

¹ «Carta do raja Singaaoos holandeses», in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 25.ª Série, p. 38 e 74».

² 1614. — «Os *ridanás* (empregados) das *aliás* com que os (elefantes) caçam,

* Alifante

M. — Esta palavra era vulgaríssima: «... um arratel de dentes de *alifante*...», *Cartas de Quitação*, doc. 13.

O feminino era *alifanta*: «A rainha lia encima de hũa *Alifanta*, cõ sòs quarenta ou cinquenta homês velhos cõsigo...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXII.

* Alionado

M. — A melhor grafia é, como se sabe, *aleonado*. Barros, no entanto, empregou esta: «tem por cima aquella cor *alionada*, e por dentro, he alvo», *Décadas*, III, III, 7.

* Alivar

M. — Verbo algo vulgar no século XVI na acepção de *aliviar*: «O que estes tristes corações *aliva* / Do pezar igualmente, & do prazer / Passado...», Sá de Miranda, Soneto 24 da ed. de 1784.

Aljamia, aljemia aljám(i)a?

M. — Gonçalves Viana não tem razão ao afirmar que *aljamia* significa também «assemblea», embora acrescenta que «esta talvez tenha de acentuar-se *aljámia*, visto que a forma dada por Viterbo no *Elucidário* é *aljamas*, «congregações»...»

As razões são:

1. — Era difícil aceitar a identidade entre as duas formas por causa da acentuação.

serão postos pelo capitão geral... e o dito capitão geral dará ordem ao vidanã, para acudir com as *aliás* da caça para a dos elephantes e para os amansar.» — *Doc. da Índia*, III, p. 55.

«1635. — Levando à sua mão esquerda o rei da Tangú, seu primo, em cima de uma *aliã*, que é a femca do elefante.» — António Bocarro, *Déc.* XIII, p. 149.

«1685. — «... sómente com dous Cornacas, e algumas *Aliãs*, que são as femeas.» — João Ribeiro, *Fatalidade Histórica*, I, cap. 17.

«1687. — «As femeas não tem dentes, que propendão fora da boca, e chamão-lhe *Aleaz*.» — P. Fernão de Queiroz, *Conquista de Ceylão* (1916), p. 56.

«1827. — «Encontramos uma *aliã* ou elephanta, que só à força de mais de cem tiros de espingarda podêmos derrubar.» — No *Panorama*, de 16 de Maio de 1838.»

2. — Era difícil aceitar a identidade entre as duas formas por causa do sentido.

3. — Não há a menor dúvida que têm origens diversas: *aljamia* deriva do ár. *al-ʿajamīa*, *aljama* de *al-jamāʿa*.

Aljarabia

M. — Esta palavra aparece com as variantes *aljararia* e *aljereria*: «Outras mercadorias, como as alquicis, os lambéis, as *aljararias*, os bordates vinham de países muçulmanos...», David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, na *Hist. da Exp. Port. no Mundo*, t. p. 181; «... e de *aljererías* de tenez, 1073 peças; de *aljererías* pequenas...», *Cartas de Quitação*, doc. 18.

Aljibe, aljibé (?), aljube

M. — Não há dúvida que *aljibe* e *aljube* são originários do mesmo radical arábico: *aljubb* que significa, não *calabouço*, como diz Gonçalves Viana, mas *cisterna*, *pôço*. Cf. os meus *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v.

Aljube é abonável cédo. Dois casos:

«... mandamos, que fosse metido e posto em huia cova e *aljube* e carcer perpetuū, que fosse hordenado, no qual jouvesse e estivesse pera sempre...», Braamcamp Freire, *As Conspirações no Reinado de D. João*, no *Arq. Hist. Port.*, II, p. 29.

Aljibe, conforme também o diz Gonçalves Viana, é a forma castelhana. Pois foi desta palavra que se formou, por intervenção francesa, a palavra *ogiva*. Cf. o tam erudito como curioso artigo do prof. Georges S. Colin na *Romania*, LXIV, p. 377.

Aljofaina

M. — O étimo de Gonçalves Viana está bem. Esta palavra deve derivar na verdade do ár. *al-jufaina*, diminutivo de *jafna*, alguidar, escudela.

Viana não diz se a etimologia foi achada por elle, ou se a encontrou em qualquer obra. Podia-a ter encontrado no *Dicionário* da Academia Espanhola que a explica de maneira acertada. Diz até que a palavra *jafna* é vasilha em forma de taça, de grande diâmetro e pouca profundidade, que serve principalmente para lavar a cara e as mãos. Em Rabate (Brunot, p. 117) designa uma espécie de celha, em forma de gamela, que serve para lavar a roupa. Também se prepara nela o cuscus, quando para uma grande refeição.

Steiger (*Contribución*, p. 118) aceitou esta doutrina.

A palavra *aljabana*, que se pode confundir com esta, provém, segundo Brunot (*Récipients*, s. v.), de *al-jabana*.

* Almadafe

M. — Não encontro este substantivo registado nos dicionários que consultei: no entanto do passo que vou citar parece-me ser fácil deduzir que se trata de um tecido: «... de *almadafes*, 10 peças...», *Cartas de Quitação*, doc. 18.

* Almagra, almagre

M. — Vocábulo conhecido no séc. XVI: «... porque depois que se estes senhores forão pera terra mandauão resgatar á frota hũs panos dalgodão que tinhão hũas marcas *dalmagra*», Castanheda, *História*, I, cap. IV.

A palavra já existia no espanhol arcaico, como posso demonstrar com este passo do Arcipreste de Hita: «Estava en un palacio pintado de *almagra*», est. 1306.

O étimo está no ár. *al-magra*, ocre vermelho.

* Almalafa

M. — Palavra raramente abonada. Como se sabe, a *almalafa* era uma vestimenta de mouro que cobria inteiramente o corpo. Era usado especialmente pelas mulheres sobre todo o restante vestuário. Abonação: «trazem huns panos grandes como *almalafas* mouriscas», *Descrição das Terras da Índia Oriental*, p. 10.

Almandra, almandrilha

M. — Segundo Dozy *almandra* é alteração de *almandraque*, *almadraque*.

Almanxar, almeixar, elmeixiar, almixar, almexar, almexiar

V. — Acrescenta: «Francisco Correia da Silva Leotte escreve também erradamente *almanchar* com *ch*: «Os figos, logo depois de colhidos, são levados em canastras de vime para o *almanchar* — recinto soalheiro, fechado por um muro — e ali espalhados sobre esteiras de funcho ou de cannas delgadas, sendo preferidas as primeiras por abrigarem melhor do orvalho da noite¹.» —»

M. — A doutrina etimológica de Dozy parece-me a boa.

* Almecegado

M. — Na acepção de *misturado com almêcega* cito este passo curioso: «... as auguoas que bebem sam hũn pouquo *almeceguadas*...», *Descrição das Terras da Índia Oriental*, p. 27.

Almeidina

V. — Acrescenta: «Com efeito, na *Gazeta das Aldeias* de 29 de março de 1908 lêmos: — «A *cassoneira* produz... látex... de onde por coagulação se extrai uma substância abrançada... conhecida no comércio pela designação de *almeidina*.» — E em nota acrescenta-se: — «De Almeida, por assim sér appellidado o indivíduo que primeiro a exportou de Angola.» —»

M. — O passo extraído da *Gazeta das Aldeias* vem na p. 150 do número citado.

* Almezar

M. — Esta palavra tem as seguintes variantes em português: *almeizar* e *almiazar*. A que serve de título a este artigo julgo-a ainda não registada nos dicionários. É abonável neste passo: «... estes mouros durmuz se trazem muito bem vistidos De hũas camisas aluas dalgnodam delguadas compridas debaixo Seus Currues mesmo de pano de alguodam muitas daquelas Roupas são de seda muito Ricas outras de chamalotes e de grrãa, çemgidos com

¹ *Arboricultura algarvia*, Lisboa, 1900, p. 74.

muito bôos *almezares* nas çintas hûuas adaguas...», *Descrição das Terras da Índia Oriental*, p. 27.

As outras estão já registadas. A palavra não designa uma «espécie de pano ou toalha mourisca», como se diz na *Enciclopédia*, s. v. *almeizar*. Aí cita-se um passo extraído dum documento de 1480 por onde se verifica que se trata duma peça de vestuário. O que citei mais acima mostra o mesmo. Cf. ainda este do *Álbum da História de Portugal* de Chagas Franco e João Soares: «... e *almeizares* ornados de prata e de rubis...», p. 20 (?).

Ramusio define assim o *almaizar* (como aí se escreve): «*almáizares*, cioè mantelli alla Moresca...», I, fl. 204. Diz-se aí que esta peça de vestuário era usual em Ormuz, no que concorda com a outra citação.

O étimo está no árabe *الميزار* (*al-maizar*) que significa *vén. vestido, manto*. Esta palavra é formada do mesmo radical que *الآزار* (*azâr*), *vén. muito amplo*.

A explicação, que eu saiba, foi dada pela primeira vez por Engelmann.

* Almilha

M. — Os dicionários dão a esta palavra a significação de «peça de vestuário, que se usava entre a camisa e o gibão.» Trazem a nota de *Ant.* Julgo que quasi os lexicógrafos a foram buscar às *Reflexões* de Francisco José Freire, onde (III, p. 13) se diz que ela era «frequente nas escripturas anteriores ao reinado d'El-Rei D. Manuel.»

Alminha, Alminhas

V. — Corta o *s* de *almas*.

* Almirantado

M. — Esta palavra é atestável em português logo nos princípios do séc. XVI: «foros e direitos que com o dito *almirantado* per direito deve aver...», *Almirantado*, 20.

* Almofala

M. — Aparece por vezes registado nos dicionários a palavra *almahala*, que realmente é atestável em alguns autores: «el-rei sentio muito polo ardil ser seu e dos de Fêz, e se foi para o

Nexuão, donde tinha a sua *almahala* e arraial», Bern. Rodrigues, *Anais*, I, p. 72. A existência, porém, desta forma em textos não implica a sua entrada nos léxicos, visto que se trata da reprodução dum vocábulo estrangeiro.

A forma ar. é *al-mahalla*, acampamento, posto. Desta saiu normalmente o port. *almofala*.

Almuadem, almuédano, muezzim

V. — Faz preceder estas palavras por *almoadem*.

M. — *Almuadem* é, na verdade, a boa forma portuguesa.

Não se julgue, porém, que *muezzim* é um galicismo de data recente. É já atestável em Fr. Gaspar de S. Bernardino: «O seu Domingo he a sexta feira: neste dia, e todos os mais, custuma sobir ao mais alto do Alchorão... hum turco, que serue como de thezoureyro, a quem elles chamão telismano, ou *Megzim*», *Itinerário*, p. 215 da 2.^a ed.

A frase de Fr. Gaspar «a quem elles chamão... *Megzim*» faz-nos pensar que foi assim que ele os ouviu pronunciar. Desta maneira a sua qualidade de galicismo deve ser entendida de maneira muito mais restrita.

Almoçadeira

V. — Em *chicara de almôço* pôde esta nota: « — *Gazeta das aldeias*, de 11 de abril de 1909.»

* Alongar

M. — No passo seguinte este verbo aparece empregado na acepção de *prolongar, demorar*: «atrevendosse de lhe fazerem muitas bulrras e lhe *alongarem* suas paguas», *Monopólio*, II, p. 49.

Aloquete

M. — Neste artigo há duas coisas que eu não percebo:

1. — Porque preferiu G. Viana a grafia *aloquete*.

2. — Porque considera esta palavra «uma forma derivada com a prostético, variante da palavra *loquete*.»

Julgo que é preferível escrever-se *aluquete* e que o *a-* não é

prostético, mas o vestígio regular do artigo arábico. Cf. a propósito o meu trabalho *Alguns Vocábulos de Origem Árabe*, p. 11.

* Alpartaz

M. — No *Arqueólogo Português* (v. p. 148) transcreve-se um documento, onde ocorre este passo: «hũ *alpartaz* de malha muito ferrugenta e podre.»

A palavra *alpartaz* não está ainda registada em nenhum dicionário. Será o mesmo que *cota*?

Alporão, alcorão (Pal.)

D. — (*Emendas*, p. 540) — «*Eis aqui uma abonação bem característica da palavra alcorão no sentido de «tôrre»: — «para o sul da barra principal, que chamam do Alcorão, por razão de uma tôrre ou pirâmide alta que parece serve de divisa para conhecimento da barra».* — V. Palestras.»

«Neste sentido o vocábulo é freqüentemente empregado pelos escritores antigos, como António Tenreiro (*Itinerário*, cap. 72), Simão Botelho (*Tombo*, p. 225), Castanheda (viii, cap. 194), Barros (Déc. II, vii, 2), Gaspar Correia (I, p. 820), Frei Luís de Sousa (*Anaes*, p. 69), P. Manuel Godinho (*Relação*, p. 100).

«Mas a palavra arábica *al-qu'rân* designa sómente o «livro sagrado dos maometanos», geralmente chamado *muçafô* pelos escritores antigos. A acepção de «tôrre donde os almoadens chamam os muçulmanos à oração» é dada pelos portugueses por extensão. «Ha duas maneiras de *Alchorões*; hũa dellas significa summa ou cópia de preceytos, e mandamentos, e este he o que tem nas suas Mesquitas escrito na lingoa Arabica. A segunda maneira de *Alchorão* he o que responde entre elles a torre dos sinos: e este modo de fallar não he tão proprio, mas secundario». — Frei Gaspar de S. Bernardino, *Itinerário*, p. 216.»

M. — Realmente nos autores portugueses dos séculos XVI e XVII que trataram de coisas do Oriente apparecem centenas de abonações da palavra *alcorão* no sentido de *tôrre da mesquita*.

No meu trabalho *Alguns Vocábulos de Origem Árabe* (Bol. de Filol., VI, p. 3) mostrei a minha concordância com o que escreveu alguns anos antes M. Dalgado: deve tratar-se de uma alteração semântica do vocábulo que designa o livro sagrado dos muçulmanos.

Mas há uma questão que eu agora proponho: no árabe oriental da época já se empregaria a palavra com esse sentido?

Eis uma pergunta cuja resposta não me parece muito fácil.

No entanto o passo de Frei Gaspar de S. Bernardino, que M. Dalgado citou acima, parece responder afirmativamente.

Apesar de tudo é de desejar que se façam mais investigações sobre o assunto para se poder dar uma resposta mais categórica, qualquer que ela seja.

D. — «Com relação a alcorão, a que o sr. David López se refere com certa estranheza, é fora de dúvida que a palavra se applicava em português para designar a torre da Mezquita.»

«Não admira que o Sr. David Lopes, insigne arabista como é, estranhasse que se attribuisse à palavra uma aceção que a língua originária não autoriza, e que é um produto inteiramente nacional¹. Vid. *Apostilas*.

«Eis um facto curioso: um autor inglês emprega a expressão *alcoranas* no sentido português², e Yule (*Glossary*) não sabe se está bem escrita e a que vocábulo se refere. E o editor da segunda edição observa que o *Stanford Dictionary* considera o vocábulo como distinto de *Alcorân*, livro sagrado, e sugere *Al-qorân*, «os cornos», ou *al-quíran*, «os vértices»!

«Outro caso análogo, que vem corroborar a minha asserção de que é indispensável o conhecimento cabal dos nossos indianistas se querermos, nacionais ou estrangeiros, desencantar as verdadeiras etimologias dos vocábulos peregrinos que figuram nas obras dos escritores antigos: João Fryer (1675), emprega mais de uma

¹ 1597 — «Pousava [Pero Fernandes] no terreiro da fortaleza [de Dio], e todas as madrugadas se sobia a hum cirado alto que tinha, e como *Mouro em cima do Alcorão* bradava tão alto, que o ouvião por toda a fortaleza, chamando aos officiaes ao trabalho.» — Diogo do Couto, Déc. VI, IV, Sp.»

² «Some (mosques) have their *Alcorana's*, high, slender, round steeples or towers, most of which are terraced near the top, like the standard in cheapside, but twice the height.» — Herbert, *Travels*, 3d ed., 164.»

vez a palavra *Puckeries*¹, com referência a Ormuz. E Guilherme Crooke, seu erudito editor, glosa: «Esta palavra não tem sido satisfatoriamente investigada. O professor Browne sugere o persa *pākrīz*, «filho»: mas tal palavra não parece ser realmente usada neste sentido. O persa *baghafī* é outra sugestão (veja-se Wills, . . .) Estes vasos devem ter sido como o *surahī* (vulgarmente conhecido por *serai*) da Índia» (Yule, *Hobson-Jobson*, 812).

«Ora, por mais que se revolve a língua persiana, é impossível extrair daí o *púcaro* português: «Ha casas [em Ormuz] que às portas vendem agoa em muytos *pucaros* e talhinhas, como na ribeira de Lisboa.» — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 815. Vid. *Influência*.»

M. — A *Grande Enciclopédia* e a 5.^a ed. do *Dicionário* de Cândido de Figueiredo registam este vocábulo com a nota de antigo e dão-lhe estas acepções: «tôrre de mesquita: almenara, alcorão, almádena. Mesquita.»

Gonçalves Viana occupou-se desta palavra nas *Palestras Filológicas*, p. 8 (2.^a ed.), no mesmo artigo onde falou sobre *alcorão* (tôrre de mesquita).

Julgo que o facto de o douto A. das *Apostilas* as ter comentado juntamente e das observações de Dalgado se referirem também a ambas, levou os dicionaristas a considerar *alporão* como um sinónimo de *alcorão*, o que não é exacto.

Com respeito a *alcorão*, q. v. o que escrevi s. v. nestes *Acrescentos*.

De *alporão* tratarei quando chegar a *porão*.

* Alquieze, alquiez

M. — A maioria dos nossos dicionários não regista o sentido medieval d'este vocábulo. Designava a marca gravada na parede à entrada do castelo ou residência senhorial, que servia de medida-padrão nos domínios d'esse senhorio. Por essa marca se deveriam aferir tôdas as medidas.

¹ «The water is preserved in Jars, and drank out of **Puckeries**, that keep it Cooler than any where else.» — «Besides Earthen Jars for water, and **Puckeries**, which are porous Vessels to keep their Liquor Cool.» — *East India*, II, p. 163, III, p. 133.»

Alquilar, alquilé

V. — Depois de citar «o português *aluguel*», acrescenta «catalão *lloguer*, e». No fim do artigo acrescenta «V. p. 541».

* Alquitão

M. — A maioria dos dicionários não trazem bem definida esta palavra. A única obra portuguesa (que eu saiba) que a regista bem é o Glossário que acompanha a edição da *Crónica da Guiné* de Azurara, realizada por José de Bragança. Apesar de todos os defeitos desta edição, este assunto vem bem tratado, embora muito resumidamente.

O prof. Roberto Ricard já se tinha ocupado d'este vocábulo. No tomo XXIV (p. 135) da preciosa revista *Hespéris* chega à conclusão que «il ne s'agit nullement de charrettes ou de voitures, mais de tentes : c'est l'arabe *al-qitôn*, qui désigne généralement une petite tente de toile.»

* Altobasso

M. — Certa qualidade de veludo : «E fallaram um espaço juntos, e entrementes o paxá mandou trazer dois gibões de velludo *altobasso* com vários bordados de ouro...», no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, v série, p. 533, citado pelo Dr. David Lopes nos *Extractos da História da Conquista de Yaman pelos Othmanos*, p. 95.

Alude

V. — Depois da abonação comprovativa da existência de *alude* em português acrescenta «e também esta : «elle (o islamita) se despenhará como um alude sôbre essas raças e camadas de cães infiéis⁴.» — »

M. — Hoje ainda não se foi além do que escreveu Gonçalves Viana neste artigo. Cf. a propósito o *Diccion. Etim.* de Antenor Nascentes, s. v. *aludel*. Note-se até que esta última obra fez bastante confusão, pois as palavras *alude* e *aludel* são estudadas no mesmo artigo,

⁴ «*Republica*, de 8 de Agosto de 1913 »

quando elas são distintas na forma, no sentido e possivelmente até no étimo. *Aludel* deriva, como se sabe, do árabe أَلْأُذَلْ (*al-uthāl*). V. Dozy e Steiger¹.

* Alumiar

M. — No séc. XVI já aparecem exemplos do emprêgo dêste verbo metaforicamente no sentido de *instruir*, *ilustrar*: «Fez ainda outra obra no tombo deste reyno. que *alumiou* muyto as cousas dello», Barros, *Décadas*, I, II, 2.

Alustre

V. — Modifica o título do artigo: «alustre, alustrar», e acrescenta «Em Chaves *alustrar* é «relampejar»².»

* Alva

V. — «V. p. 541.»

M. — Na p. 541 diz-se que *alva* é «uma extensão grande de areal, poeirenta, no distrito de Leiria, *Alva* de Pataias. Esta freguesia é notável pela quantidade enorme de fornos de cal que ali trabalham.»

Alva tem portanto sete sentidos:

1.º — A primeira claridade da manhã. É atestada desde muito cedo: «Levantou-s'ia velida, / levantou-s' *alva* / e vai lavar camisas . eno alto: / vai-las lavar *alva*», D. Denis, nas *Cant. de Amigo*, II, p. 20. Em certa altura começou a aparecer na expressão *alva da manhã*: «Polla qual rrazon teve outra vez conselho de hijr a elles hũa *alva de manhaã* com trezentas lanças...», *Cron. Condest.*, cap. XXXIV: E hũa *alva de manhaã* Nunalurez entrou a villa», *idem*, cap. XXXVII. Também existia a forma *alba*: «Al *alba* vêide, (meu) bon amigo, / Al *alba* vîide», *Crest. Arc.*, p. 445.

2. — Veste eclesiástica: «... sabio della vestido com hũa alva com amito, estola e manipolo e hũa capa (serica) em cima...», Lopo de Almeida, *Cartas da Itália*, p. 9: «... o Emperador se foi vestir hũa *alva* com a sua estola e amito e manipolo e almatica e em cima hũa capa...», *idem*, *ibidem*, pp. 14-15.

3. — A parte branca do ôlho.

4. — Casta de videiras de uva branca.

¹ *Contribución*, p. 124, nt. 1.

² *Gazeta das Aldrias*, de 11 de Abril de 1909».

5. — Pá de roda hidráulica.

6. — Nome dado ao excremento do cão, nas antigas farmacopeias. Servia para composição de vários medicamentos.

7. — O dado por Gonçalves Viana nas *Apostilas*.

* Alvalade

M. — Quási todos os dicionários no artigo relativo a êste vocábulo dão-lhe a significação de «campo ou pátio murado» (Cândido de Figueiredo).

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* além dessa acepção, que eu não sei onde se foi arranjar, dá ainda mais esta: «Estrado ou tablado erguido do chão e destinado a permitir que dêle se veja (*sic*) solenidade ou espectáculo.» Trás como abonação um passo do *El Rey Seleuco* de Camões, que é, na íntegra, como segue: «Mas tornando ao que importa, vossas merces he necessario que se cheguem hũs para os outros, para darem lugar aos outros senhores que hão de vir, que dontra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro *alvalade*...», p. 83 da admirável edição do prof. Marques Braga.

Julgo que o passo é bem claro: *Alvalade* não quer dizer nada do que se lhe atribui na *Enciclopédia*!

A palavra que tem aquela acepção é *palanque*.

Camões quis muito simplesmente dizer na sua o seguinte: se por ventura os espectadores não se apertassem, quando chegassem os retardatários era necessário mandar construir outro *Alvalade*, mas o *Alvalade* topónimo, o *Alvalade* sitio correspondente ao actual Campo Grande.

Note-se que o meu querido mestre também entendeu assim êste passo, como se pode verificar na nota que pôs a esta palavra na sua edição de os *Autos* de Camões.

Que processo de fazer dicionários...

* Alvanar

M. — Num apontamento tirado não sei donde tenho esta significação para esta palavra: «aqueducto subterrâneo, às vezes descoberto, e que serve para enxugar terras húmidas.»

Nada mais possuo que possa autenticar êste vocábulo. Se o leitor encontrar uma abonação onde fique bem esta acepção aí a tem, se não deite fora o que acima escrevi.

* **Alvissaras**

M. — Gonçalves Viana não se occupou desta palavra nas *Apostilas*, mas sim na *Orthografia Nacional* (p. 113).

Defende aí a grafia desta palavra com *ss*. Infelizmente o facto de Gonçalves Viana (o mestre dos mestres) ter escrito isto em 1904 na sua *Orthografia* e depois no *Vocabulário* e de eu (pobre de mim!) me ter também occupado disso no *Boletim de Filologia* (vi, p. 12), nada parece impedir que em determinado jornal lisboeta de grande expansão se continue a escrever esta palavra *sempre* com *ç*.

A doutrina de Gonçalves Viana, conforme já o demonstrei no citado artigo, carece de uma observação: a palavra dada como étimo não pode explicar satisfatoriamente as formas românicas conhecidas, embora justifique a grafia com *ss*.

Não será البشارة (*al-biṣāra*) que explica o vocábulo português, mas البشري (*al-buṣrā*)¹.

Oxalá desta vez se consiga emendar a doutrina de certos *filólogos*.

Escusam de me vir dizer que Jorge Ferreira de Vasconcelos (*Ulissipo*, 3, 4; *Eufrosina*, p. 222) e outros escreveram *alvícera*, porque, como resposta, dir-lhes-ei apenas o seguinte:

1. — D. Nunes de Leão (*Cron. Af. II*, f. 146 r.), Lucena, (*Vida de S. Francisco Xavier*, iv, cap. 12 e v, cap. 14) e Barros (ii, 5, 8) também escreveram *alvissera*.

2. — Estes autores e os apontados mais acima são do século xvi, época em que a confusão entre *ç* e *ss* era já um facto. Os exemplos apresentados no parágrafo anterior bastam para prová-lo.

Aguardemos para ver.

* **Alvite**

M. — Palavra ainda não registada. Ocorre neste passo de Duarte Galvão: «Tanto que El-Rei Ismar houve nova, mandou requerer toda a mourama dos lugares, e outras partes do redor, mandando seus *alvites*, que elles entre si hão por homens de santa vida, que fossem pregar, e requerer da parte de Mafamede, que acorressem á terra que estava em ponto de se perder», *Cron. Afonso. Henr.*, cap. xiii².

O passo parece-me bem claro para a significação da palavra. Esta deve ter a sua origem no árabe, mas não sei onde.

¹ Steiger, *Contribución*, p. 199, dá o mesmo étimo que G. Viana.

² Bibliotheca dos Classicos Portuguezes.

* Alxarife

M. — Palavra ainda não registada nos dicionários. É o mesmo que *xarife*: «E tinha a villa por elle um seu alcaide mór, que chamavam Alvandro, que era seu *alxarife*», Rui de Pina, *Cron. D. Afonso III*, 11.

Ama

M. — Realmente, em certas regiões, é vulgar o emprêgo desta palavra na aceção de *criada*.

Lembro-me ter visto não sei onde, um documento onde se falava num *amo de el-rei*. À primeira vista tal expressão pode parecer disparatada. Tratava-se afinal dum indivíduo que era casado com uma mulher que tinha sido *ama* (amamentadora) de D. João III (?).

Ámago, amago

M. — D. Carolina Michaëlis não aceitou a explicação de Júlio Cornu (*Rev. Lus.*, III, 150). A mesma senhora occupou-se do assunto¹, mas acabou por confessar que não conseguia uma explicação.

Esta palavra aparece em Mendes Pinto com a significação de *interior*: «& outros de outras muytas terras & reynos que pelo *amago* deste sertão habitão», *Peregrinação*, cap. XCV.

Francisco José Freire, *Reflexões*, III, p. 14, regista «*amágo*»: o mesmo que *ameaça*. Trata-se, portanto, de outro vocábulo que pode ser abonado com o seguinte passo: «em mim chegou a ser destrôço o que em vós não chegou a ser *amago*», *Academia dos Singulares*, II, p. 17².

* Amame

M. — Este adjectivo de dois géneros emprega-se para designar um cavalo de duas côres, malhado preto e branco. Modernamente Arnaldo Gama não desprezou o uso desta palavra: «Era este (cavalo) *amame* e de forte corporatura», *Última Dona*, cap. XIV, p. 237.

¹ *Revista Lusitana*, III, p. 249.

² Citação tirada da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s. v.

* **Amanhecente, amanhecer**

M. — Que amanhece, que desponta: «... onde chegaram sexta-feira *amanhecente*». Duarte Galvão, *Cron. Afonso Henriques*, p. 101.

É curioso este sentido do verbo *amanhecer*: encontrar-se, aparecer de manhã em determinado estado: «... quando veyo ao outro dia pela manhã, dous do conto dos nove *amanhecerão* mortos...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. vi.

* **Amargoz**

M. — Adjectivo de dois géneros sinónimo de *amargo*, *amargoso*: «... que elles chamão o mar de Gilaão, que he hũa lagôa de agoa *amargoz*...», Ant. Tenreiro, *Itinerário*, cap. xviii; «Depois de tres jornadas, chegámos a hum lago de agoa *amargoz*, que está em Armenia baixa...», idem, *ibidem*, cap. xxi; «... e nellas se crião alguns palmares de tâmaras, e póços de agoa *amargoz*», idem, *ibidem*, p. 73.

* **Amarlotado**

M. — «Vos andays *amarlotado*». G. Rêsende, *Canc. Geral*, v, p. 415. Cf. *amorlotado*.

Amassaria

V. — Acrescenta «(q. v.)» no último período depois das palavras «J. Leite de Vasconcelos define a *perruma*».

* **Âmbar, ambre, alambre**

M. — Diz a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (s. v.) que a segunda destas palavras é «o mesmo que *âmbar*, que é mais usual.»

A questão é outra. *Ambre* é a forma antiga, quincentista sobretudo: «... hum pedaço de *ambre*, tamanho como a cabeça de hum homem...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 37; «... preparar, e concertar o *ambre*, que he hũa cousa que muito se usa antre os mouros. Porque a maior parte dos que são ricos antre elles, tem em as suas camas, e paramentos dellas guarnecidos de seda, e muitas perilhas de *ambre* dependuradas...», idem, *ibidem*, p. 83; «Fez resgate de

muita quantidade de *ambre*», Barros, *Décadas*, III, I, 1. Nos *Colóquios* é ainda *ambre* a forma usual. Aí emprega-se a primeira forma, que eu saiba, apenas uma vez. Neste passo: «*Ambar* dizem os Arabios, e *ambarum* os Latinos, por o costume da variação latina e uso, e as outras nações e lingoas, quantas eu sey, todas o chamão assi, ou varião muito pouco», I, p. 45. Como se verifica, Orta escreveu *ambar* para indicar como se diz em árabe. A forma desta língua é *عنبر* (*anbar*). A transcrição não ficou nada má. Tomaram muitos modernos.

Ámbar é a forma moderna.

A palavra arábica entrou também em português acompanhada do artigo: *alambre* que é muito vulgar em textos antigos: «Os *alambres* se pesão por maticaes de xiraas, e não tem picotaa», *Subsídios*, I, 14; «Valle o *alambre* lourado meudo a marlota», idem, III, 41.

Em Fr. João de Ceita, *Sermões*, I, p. 134, ocorre a variante *alâmbar*. (Cit. do *Dic. da Academia*).

* Ambarages

M. — Dos passos que cito em seguida depreende-se na verdade o sentido que a *Enciclopédia* traz: designação dos servidores ou escravos dos reis de Malaca. Cf.: «No trabalho das quaes obras se aproveitou Affonso d'Albuquerque de humra gente do povo de Malaca chamada *Ambarages*, que quer dizer escravos d'ElRey, como em verdade o eram d'ElRey», Barros, *Décadas*, II, 2, p. 87; «... era tomar todolos criados que foram d'ElRey de Malaca, a que elles chamam *Ambarages*», idem, ibidem, III, I, p. 87.

* Amborrajá

M. — Nobre nos reinos malaíos. Vem já registado na *Enciclopédia*, assim como o primeiro dos passos seguintes: «... onde o Bendara, Governador do reyno me estava esperando, acompanhado de muytos Ouroballões, & *Amborrajás*, que he a mais nobre gente da corte, porem os mais delles, ou quasi todos pobrissimos no trato de suas pessoas, & nos seus vestidos, por onde entendi que não era esta terra tão rica como em Malaca se cuydava», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XV; «... morto Alibomcar seu marido, com mais cinco mil *Amborrajás*, & Ouroballões, gente principal que comsigo tinha...», idem, ibidem, p. XXXI.

* Ambos

M. — Mais algumas abonações que podem servir para completar o que Júlio Moreira escreveu nos *Estudos da Língua Portuguesa*, I, p. 13 (2.^a ed.).

Ambos sem artigo: «Era já tamanha a volta, e arroido de *ambas* partes...», Duarte Galvão, *Cron. D. Afonso Henri.*, p. 107; «Ima-rão *ambos* ada hũ em nome de seu senhor», Cast., v, cap. xxvii.

Quando precedido dos pron. pes. compl. também não leva por vezes artigo «... ou qualquer de nos *ambos* ficar ninos se hũ de nos morrer...», *Livro de D. João de Portel*, doc. cxlviii.

No séc. x há exemplos: «... que iace inter *ambas* Labrugias...», Leite de Vasç., *Text. Arc.*, p. 11 (ano 907).

Ambos com artigo: «... que possa levar agulha, ha de ser de *ambas as partes*...», *Livros de Falcoaria* no *Bol. de Fil.*, I, p. 216; «... começo de tirar ao câpo e a lhe dar a comer no rol *dambas* partes atado», idem, ibidem, p. 213.

Ambos de dois: «... se sobiram no muro *ambos de dous* sem armas...», *Vespasiano*, 65; «... quando o emperador entendeo as pallavras dambos *de dous*, respondeo...», idem, 85; «... antes de lhe respõder mandou dar a *ambos de dous* senhos panos dalgo-dão...», Castanheda, *História*, I, cap. xv; «... & a *ambos da dous* deu cavalos & Togas...», idem, III, c. xlvii.

Ambos os dois: Esta forma é vulgar na linguagem corrente do povo. Posso documentá-la com esta quadra de S. Mamede de Riba Tua:

Compadre faz-me um cigarro,
Se tens tabaco faz dois.
Fumas tu e fumo eu
Fumamos *ambos os dois*.

O it. tem *ambidue* e na *Canção de Roldão* (v. 2240) ocorre este verso:

Contre le ciel *amsdous* ses mains ad juinz

* Ambrador

M. — Forma antiga ainda atestável no *Cancioneiro Geral*. Designava o indivíduo que ensinava a andadura aos cavalos.

De *ambulatore*.

* **Ambre**

M. — Q. v. *âmbar*.

* **Ambude**

M. — A *Enciclopédia* regista esta palavra e dá-lhe uma significação que me parece bem: ferrolho, cadeado. O que não me parece digna de confiança é a citação que aí se faz e isso por uma razão muito simples: no cap. citado aí da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão (o 28.º) não ocorre tal vocábulo, mas sim no 32.º Por sua vez o passo dêste capítulo não corresponde ao dado pela *Enciclopédia*. O passo é como segue: «... os quais correram mui prestes a quebrar as portas com um machado que lhe fora dado de fora, e britadas as fechaduras, e *ambudes* entrou El-Rei a pé com os seus...»

* **Amenidão**

M. — Esta palavra deve ter aparecido nas edições antigas dos *Serões da Província* de Lisboa ou por lapso ou por tentativa de criação vocabular de Júlio Denis.

Cândido de Figueiredo registou-a, mas notando a circunstância de nas edições modernas daquela obra vir substituída por *amenidade*.

Julgo que é este o caminho a seguir: *amenidão* não deve ter entrada nos dicionários como vocábulo da língua vulgar, porque não o é.

Trata-se muito simplesmente dum vocábulo sem foros de realidade e que por isso mesmo deve ser escoraçado.

* **Amerade**

M. — A *Grande Enciclopédia* é, que eu saiba, o primeiro dicionário português que regista este vocábulo. Define-o assim: «Entre os sarracenos, funcionário público incumbido do governo duma província ou distrito».

Tanto o vocábulo como a significação respectiva deviam ter sido tirados da *Enciclopédia Espasa*, onde se diz que o *Amerade* era o «funcionario público, encargado del gobierno civil de una provincia, demarcación ó distrito entre los sarracenos».

É uma palavra estranha de que não conheço abonações.

Deve tratar-se duma forma derivada do ár. *amīr*.

*** Amerger-se**

M. — Curvar-se, dobrar-se. É curioso este passo: «... foi por cima da caza de um oleiro, ao muro a poer a escada, em uma aste a fundo, e deu no telhado fazendo grande som; do que D. Mendo havendo grande pezar de pela ventura, espertarem as velas *amerger-se*, e de li a pouco fez assentar curvo, um mancebo, e por cima delle poz a escada mais entregue ao muro...», Duarte Galvão, *Crón. de D. Af. Henr.*, cap. 32, p. 106.

*** Amisclado**

M. — Não encontro este adjectivo registado em nenhum dicionário. O que significará?

Ocorre neste passo: «... de panelas de cobre *amiscradas*...», *Cartas de Quitação de D. Manuel*, doc. 18.

*** Amórfico**

M. — É curioso assinalar que este adjectivo, tam usual, ainda não appareceu registado em nenhum dicionário.

*** Amorlotado**

M. — É o mesmo que *amarlotado*, amarfanhado, amarrotado: «...ouçamos este Representador, que vem mais *amorlotado* dos encontros...», Camões, *Seleuco*, v. 157.

Amorlotado deve ser uma variante de *amarlotado*, de *amarlotar*, que, por sua vez se formou de *marlotar*.

A respeito dêste verbo García de Diego escreven o seguinte:

«*Marlotar* es una falsa corrección cultista (como *cado*, *bacalado*) originada por la contraposición de *Carlos*, *mírlo*, *charla*, *perla* con los vulgares *Calras*, *milro*, *chatra*, *pelra*. Tal vez pudiera pensarse

em um tipo de compuesto instrumental, como *mamparar*, *manlevar*, significando originalmente «destruir com las manos», pero nunca baseado em la etimologia *rotare* del Dicionário da la Academia, sino em el compuesto *mǎnũ raptũ*, o a lo más *mǎnũ *ruptǎrẽ*, *Rev. di Fil. Esp.*, VII, p. 126.

Mais tarde, nesta mesma revista, Leo Spitzer escreveu o seguinte:

«...le galicien présentant *marna* «marga», on peut bien voir dans *malrotar*, *marlotar* un *maria* parallèle à l'anc. fr. *marle*, prov. *marle* = mod. fr. *marne*, soit un *margila* «marne», (*REH*, 5354). L'esp. *marlotar* se décomposerait donc, non pas **man-rotar* (> *mal-rotar*), mais *marl-ot-ar*», idem, XIV, p. 248.

* Amouco

M. — Esta palavra é facilmente abonável em autores que trataram das cousas do Oriente: «... achãdo nella obra de quatrocentos Achês occupados no despojo dalgum pouco fato que ainda nella avia, incitando os seus a se fazerem *amoucos*, & trazendo-lhes à memoria com muytas lagrimas, a obrigação que para isso tinhão...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXVIII; «...o Rei Achê sabio logo em pessoa da cidade com mais de cinco mil *Amoucos*, & deu nos Batas com muyto impeto...», idem, cap. XVII.

Mas a palavra passou a designar qualquer individuo que em combate se lança doidamente sobre o inimigo: «...o perro com os seis que com elle estavam se sayrão por outro escotilhão que estava mais abaixo, & feitos a *amoucos* arremeterão aos nossos...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLIII; «...com as quais malditas palavras o diabo as esforçou de maneyra, que fazendo-se todos num corpo *amoucos*, tornaraõ a voltar tão esforçadamente, que era espanto ver como se metião nas nossas espadas», idem, cap. LIX. No continente a palavra também era conhecida: «Pois se vós, bem que secreta, / não me dais alguma treta, / que ninguem me empeça um mal, que, posto me faça *amouco*, / nem por toque, ou por remoque...», Franc. Man. de Melo, *Fidalgo Aprendiz*, 1.^a jornada, cena 3.^a, p. 9 da ed. de 1915.

Sobre o que eram os *amoucos* é curioso este passo de Castanheira: «E ficado os Naires de Cochim muyto tristes pela morte dos principes, & por seu rey ser vécido. Quatorze delles que ho mais sentirão determinarão de vingar esta injuria, & morrer sobrisso, & assi ho jurarão, & deixará crescer os cabelos das barbas e das cabeças. E a estes tais chamão na lingua Malabar Chauer que na

nossa quer dizer morto, & assi se tem elles por mortos quando assentão em tais determinações, & geralmente lhes chamão na India *Amouncos*, & estes são muyto temidos dos outros homens porque sabem que vão a morrer, & por medo da morte não hão de deixar de notar quem quisesse», *Hist. da India*, I, cap. LIII.

Sobre o significado e origem desta palavra q. v. *Hobson-Jobson*, s. v. *A. Muck*.

* Ampulheta

M. — É curioso este passo de D. Francisco Mameel de Melo: «Durava apenas huma hora o espediente dos Tribunaes, & suposto que as *ampulhetas*, ou Relógios de area, me desmentião a cada hora...», *Apólogos Dialogais*, p. 19.

Amuado

V. — Depois de transcrever os versos de Torcato de Tasso acrescenta «confrontem-se *burrão e prender o burro*, por «*amuuar-se*».

Amuso

V. — Acrescenta: «Este adjectivo era já latino, *amuseum*, derivado do grego «*AMOUSOS* > A, privativo, e *MOUSA*, «Mus» —».

* Anaçado

M. — Ver artigo seguinte.

* Anaçar

M. — Este verbo era conhecido da nossa lingua medieval. A *Enciclopédia* abona-o com um passo extraído do *Lirro de Alveitaria* de Mestre Giraldo.

Como se sabe, significava bater, mover, agitar, revolver um liquido. Ainda se empregava no século XVI: «Entenderam que isto eram balsas daquelle lastro de coral arrincadas com a força do impeto do mar, quando os nortes lhe *anaçam* as agoas debaixo acima», Barros, *Décadas*, II, VIII, 1.

De *anaçar* fêz-se o adj. *anaçado*: «Faz huma maneira de aguagens, que saem debaixo do mar *anaçadas* em grande altura do movimento do mar», Barros, *Décadas*, III, V, 5.

* **Anagaça**

M. — Esta palavra pode ser abonada em autores quinhentistas: «Fusta de que ainda acharam casco, que os mouros nam quizeram desfazer com propósito que seria *anagaça* aos nossos quando aly tornassem,» Barros. I, l. 13.

* **Anca**

M. — Esta palavra entra em várias expressões curiosas: *Fender anca* é *portar-se com soberba*; «... hũs muito bem almofadados que com dous ceytis, *fendẽ a anca* pelo meio», Camões, *Filodemo*, v. 521-22; «E querem com dous ceitis, / *Fender anca* pelo meio», Camões, *Disparates*, v. 23-24. *Sofrer anca* emprega-se para dizer que o cavalo se deixa montar e manobrar à vontade e, em sentido figurado, emprega-se com as pessoas que se deixam maltratar, que que são passivas. Uma abonação muito curiosa onde se observa o sentido figurado, embora não se perca de vista o seu uso com os cavalos: «tendes vòs muy boa redea, / *Sofreis ancas?*», Camões, *Seleuco*, v. 428. Outra abonação: «... a ninguém *sofrem ancas*» desprezam tudo», Ferr. de Vasconc., *Eufrosina*, p. 150.

Ancestral: **avito**

V. — Acrescenta: «Eis aqui um exemplo de *ancestral*, errôneo, por *avito*: «porque tambem a considero arma ancestral» — ¹.»

«O vocábulo *avito* é empregado em italiano, na mesma acepção: — «i veri signori andavano impoverendo nello sonembraroi (?) delle famiglie e dei patrimoni aviti» — ².»

* **Anchaci**

M. — A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* define esta palavra como «juiz provincial na China». Fernão Mendes Pinto umas vezes diz que designava um cargo judicial idêntico ao corregedor, outras que era o mesmo que juiz: «Esta noiva, segundo depois se soube, era filha do *Anchacy* de Coleman, que he como cor-

¹ O Archeologo Português, xiii, 229.»

² Pietro e Maria, in «La Lettura», Maio de 1910.»

regedor entre nós...», *Peregrinação*, cap. XLVII; «Passado este mês & meyo o *Anchacy* do feito, que era homem dos dous juizes perante quem isto corria ordinariamente...», cap. LXXXV.

De *anchaci* derivou-se *anchacilado*: «...drey o que disso tenho sabido & ouvido por algũas vezes a homẽs que antigamente governaraõ este *Ancharilado*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLV; «...o que tenho ouvido a algũs antigos que por tutões & chaẽs governarãõ em outro tempo este *anchacilado* de Ainhão», idem, ibidem, cap. XLV, cf. ainda capitulos LXXXIII, LXXXVIII, XC, etc.

Anchão

D. — «*Em Goa esta palarrra significa boião*».

«Quando incluí o vocábulo em uma publicação¹, ignorava o seu étimo, mas presumia-o de origem chinesa. Sei agora que é do chinês cantonense *ham*, «tampa», e *chõum*, «malga» — boião, composta. É usado em ázio-português, *anchom* ou *anchõum* em malaista. O malaio tem *anchong*, que parece importado².»

Ancinho, ancinhar

V. — Depois das palavras «sendo em ambos os casos o *e* pretónico em latim?» acrescenta: «Em francês do Hainaut *hamzin*³, com *z*, «anzol», vem com certeza de *hamicinum*».

A propósito de *imbigo* diz ainda: «(já no latim popular *imbilicium*)⁴».

* Andalim

M. — Cândido de Figueiredo define esta palavra como «espécie de sargaço»; a *Enciclopédia* diz que é «espécie de sargaço».

No *Livro de Pesos e Medidas (Subsidios, III, 47)* diz-se que «a corja de çarguça *dandayns* pequeno vall oytenta tangas...»

¹ *Dialecto Indo-português de Goa*.

² 1880 — «Eu já mandá dõs *anchõm* di achar di gamen, un-ha (uma) balsa di sueri pedra, dõs jara di jagra.» — Dialecto de Macau, in *Bol. S. G. I.*, II, cap. 169.

³ 1900 — «*Anchom*, uma espécie de boião com tampa (é termo chinês).» — *Ta-ssi-Yang-kuó*, de Abril.

⁴ *Romania*, XXXVI, p. 272.

⁵ No *Appendix Probi*, apud Lindsay, *The Latin Language*, 1894, c. II, § 16.

e mais adiante que «A corja de çarguça *andalym* pequeno vall cymcoemta tamgas».

Deve tratar-se de uma espécie de *sarguça*, que eu não sei o que seja.

* Andilha

M. — Mais uma abonação: «... & trazénos (aos bois) albardados com albardas castelhanas de tabua & sobrelas hūs paos que fazē feyção *dādilhas* & nelas ãdão», Castanheda, *História*, I, cap. 3.^a, p. 12.

* Andor

M. — Eis uma palavra de abonação fácil em autores do século XVI. O estudo de M. Dalgado (*Boletim de Segunda Classe*, IX, p. 744 e ss.) e o *Hobson-Jobson* trazem bastantes abonações. Eu tenho a indicação de mais estas: «E do batel foy levado em hū *andor* que el rey mandou para isso», Castanheda, *História*, I, cap. 34.^a, p. 103; «... matouho tão perto dele que ho encheo de sangue: & el rey se baqueou do *ãdor* com medo, cheo de sangue», idem, ibidem, I, cap. 75.^a, p. 219; «todos os capitães deste reyno se servem *dandores* e palanques que são como amdas, as quoaes trazem homêes as costas, os quoaes não podem amdar nelles, comvem a saber, nos *andores* se são homêes de cavalleiros para cima... e ha sempre na corte omde elrey está vinte mil *andores* e palanques», *Cron. dos Reis da Bism.*, p. 74-75.

Sôbre o sentido, emprêgo e forma dos andores é de aconselhar uma leitura do artigo acima citado de M. Dalgado.

O étimo é, segundo o mesmo autor, o malaiala *andōla* (*ob. citad.*, p. 757), que por sua vez deriva do sânserito *hindola*, «redoíça, maca».

Aneiro

V. — Depois de citar o passo da *Gazeta das Aldeias*, acrescenta: «Este significado é confirmado, com relação ao Douro, por Júlio Moreira».

Na nota 1 acrescenta ainda: «*Correio do Norte* de 26 de Julho de 1908.»

* Aneixo

M. — Todos os dicionários que consultei limitam-se a dizer que esta palavra é o mesmo que *anexo*, mas não abonam. Eis um passo:

«Qual foy o Rei da China que fez o muro que divide os dous imperios da China & da Tartaria, & da prisão *aneira* a elles», título do cap. xcv da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

* Anel

M. — Como se sabe emprega-se esta palavra como medida de água: «...por razão de pagarem a el Rey por cada anel d'agua sete cruzados...», *Une description du Maroc* publ. par le Comte Henry de Castries, p. 72.

Cada *anel* valia quatro penas.

* Anexim

M. — Há já abonações quinhentistas dêste vocábulo, mas no passo que se vai transcrever significa *dito engraçado, chistoso*: «trazia grandes *anexims*, e dictos para comprazer à gente», Barros, *Décadas*, II, X, 8.

* Angarilha

M. — Nesta acepção julgo que ainda não foi registado: «...dahi a hũa hora partimos da Eybem contra minha vontade por a grande febre que levava, sem embargo que hũa dentro em hũa *angarilha* que são hũas casinhas feitas de pao cubertas por cima com seus arcos e fato por amor do sol, em que cabe hũa pessoa que vai de hũa banda do camelo, e da outra hũ fardo, ou outra *angarilha* quando vão duas pessoas, a que os mouros chamão casavas», Ant. Tenreiro, *Itinerário*, p. 146.

Cf. ainda o *Suplemento do Glossário Luso-Asiático* de M. Dalgado.

* Animalia

M. — Era vulgar o emprêgo desta forma na acepção de animal, alimária, animal inferior: «...nem podem neella teer tall guarda como nas outras *animallias*...», *Liv. de Falcoaria de Pero Menino*, p. 33 (14); «...nõ lhe podem assy sobcorrer e algũs porcos ou algũuas outras *animallias*...», *idem*, p. 49 (18); «...nã sómente, que viveram o que as *animalias* tem por igual connosco...», D. Galvão, *Cron. Afonso Henriques*, p. 26; «Mandou então lançar o corpo às aves, e *animalias*, que o comecem...», *idem*, *ibidem*, p. 79.

Antenal ; mangas de veludo

V. — O título do art. passa a ser: «Antenal (entenal); mãgas de veludo». No fim do primeiro período acrescenta, «com esta forma». E no fim do art. diz mais: «Bluteau incluiu-o com a forma *antenaís*, e cita Pimentel, *Roteiro da Índia*, 330⁴.»

D. — «Este vocábulo empregado como substantivo, e que propriamente parece ser um adjectivo substantivado, derivado de *antena*, não ocorre, que eu saiba, em dicionário algum da lingua portuguesa, mas só num bibingue.»

«Antes de Roquete incluir *antenal* no seu dicionário português-francês, Morais havia-o registado, em 1813, com o significado de «ave marítima», e com referência à *História trágico-marítima*; e Vieira, em 1871, como «nome de uma ave marítima».

Se as duas expressões antenal (pl. antenaís, e não antenales) e mangas-de-veludo, como denominações vulgares, impostas provavelmente por marítimos, figuram, ou não, em escritores portugueses do século XVI, ou posteriores, e se ainda são usuais em qualquer parte do reino, é o que não ousarei afirmar, nem negar.»

«A palavra *antenaís* figura na obra de Henrique Dias (1561): «Vinhão conosco muitos *Antenaes*, e outros passaros, a que chamam *Borelhas*.» — *Hist. trágico-marítima* (1.^a ed.), I, p. 396.

«*Mangas de veludo* ocorre na mesma *História* (1630, IX, p. 118 da nova edição): «Nas bahias em que entramos era muito para ver o modo de pescar de *mangas de velludo* e que são passaros muito alvos e formosos com as pontas das azas pretas»². E em vários escritores estrangeiros, como Pyrard, Fryer, Mandelslo.

«A característica saliente da ave, amiúde mencionada pelos escritores, é a de ser toda branca e ter somente as asas pretas»³.

⁴ «Devem de lhe chamar assim, porque vem pousar nas antenas dos navios.» — *Vocabulário port. e latino*, s. v.»

² «O passaro chamado *Manga de velludo* é todo branco, com as asas pretas.» — Cunha Rivara (1858), comentando a *Viagem* de Pyrard, I, p. 17.»

³ «*Alcatrazes*, que chamam *Mangas de veludo*, por terem as pennas das azas pretas, e elles todos brancos, dormem na terra.» — Bluteau.»

O nome que os portugueses lhe deram primeiro parece ser *alcetraz*¹, também empregado pelos antigos viajantes estrangeiros, como Hawkins (*Alcatrazes*, em 1564, in *Glossary*), Linschoten (*Alcatrazes*, em 1589, *Histoire*, p. 166), Général Beaulieu (*Alcartas*, em 1620, *Mémoires*, p. 6). Os ingleses e os francezes corromperam *alcetraz* em *albatross* (*albetross* ou *albitross*), como o afirma Grose² e confirmam Marulo, Devic e Yule. Os nossos lexicógrafos incluem *albatroz*, que o *Novo Dicionário* diz ser «grande ave palmípede, muito voraz», e suprime na 2.^a edição as palavras «corr. de *alcetraz*», como se não fôra verdade³ temos, portanto, três nomes genuinamente portugueses e um estrangeirado para uma mesma ave: *alcetraz* ou *albatroz*, *autenal*, *mangas-de-reludo*.»

* Antolhos

M. — Passos abonatórios tirados de autores quinhentistas: «Que novo modo de *antolhos*?», Camões, *Seleuco*, v. 298; «Mana tirai os *antolhos* / e vereis meus tristes damnos», idem, ibidem, 363; «Eu trazendo lembranças por *antolhos*», Camões, *Elegia O Poeta Sínones*, v. 79. «Amor que por *antolhos* tudo ordena», Sá de Miranda, *Poesias*, p. 477 da ed. de D. Car. M. de Vasconcelos.

* Antremez

M. — Abone-se com estes passos: «...caçoulas de prata com muytos cheyros & perfumes, & *antremeses* de invenções muyto

¹ 1541 — «Este dia polla manhaa vimos hums passaros, aqui chamados rabos de juncos, e á tarde *Alcatrazes*.» — D. João de Castro, *Roteiro do Mar Roxo*, p. 8.»

² 1555 — «E vimos neste pedaço de terra muitos passaros com pontas das azas pretas, a que chamam *alcetrazes*.» — Manuel Rangel, *Hist. Trágico-marítima*, II, p. 14.

³ 1561 — «Tinham visto uns passaros, a que os marinheiros chamam *alcetrazes*, os quaes não andam senão junto da terra onde possam fazer o ninho.» — Henrique Dias, *ibid.*, III, p. 54.»

² 1750 — «Les Portugais leur donnerent, en conséquence le nom d'*alcetraz*, d'où par corruption on les appelle *Albatrosses*.» — *Voyage*, p. 16.»

³ 1836 — «Diz um escritor inglez que o nome que geralmente lhe dão = *albatross* = é uma palavra de portuguez = *alcetraz* = que os nossos primeiros navegantes applicaram indistinctamente aos corvos marinhos, e ás demais aves de maior grandeza, que encontraram nos mares em suas descobertas.» — *O Panorama*, de 12 de agosto.»

custosos», F. M. Pinto, *Peregrinação*, cap. 68; ... levava diante de sy muytas danças, pellas, folias, jogos, & *antremeses* de muitas maneyras...», idem, ibidem; cap. 69; «... acompanhava de muytas trombetas, atabalhes, pífaros, tambores, & de muitos *antremeses* de diversas invenções», idem, ibidem, cap. 70.

* Anzolada

M. — Palavra que julgo ainda não registada nos dicionários. Significa lanço de anzol: «... e à primeira *anzolada* recitava a *Paixão* de Cristo segundo S. João», Aq. Ribeiro, *Avent. Marav. de D. Sebast.*, cap. II, p. 51.

* Apa

M. — Palavra ainda não registada. É o nome de um bôlo fabricado no Malabar: «... mandou-lhe dar de comer lûs bolos de farinha de trigo, a que os Malabares chamão *apas*, & coeles mel», Castanheda, *História*, I, cap. XV, p. 50.

* Apadessado

M. — Será o mesmo que *apadesado*? Cf.: «... porque em chegando ao varadoyro muytos paraos que ali estavão bem *apadessados*, & com as proas nagua, & as popas ainda em terra...», Castanheda, *História*, III, cap. 30.^a, p. 98.

Apale

D. — «Esta palavra, pertence à lingua dos cafres da Beira, na África Oriental, é assim definida... — «Quando um apale (rapaz) chega à idade de oito a dez anos.»

«*Apale* é na lingua de Tete (que não tem *l*) plural de *m'pare*, «moço».»

(Continua)

JOSÉ PEDRO MACHADO

Défense de la méthode cymographique

Dans une suite d'articles publiés dans cette revue¹ et intitulés *Fonética experimental*, l'excellent phonéticien portugais M. Armando de Lacerda a soumis la valeur de la méthode cymographique en phonétique expérimentale à une critique sévère et a esquissé ensuite les grandes lignes d'une nouvelle méthode d'investigation plus sûre et plus exacte au point de vue physique. Nous n'avons aucunement l'intention de contester ici l'utilité de la critique de M. de Lacerda, ni de mettre en doute la valeur de la méthode proposée par lui. À en juger par la description donnée, celle-ci pourra rendre des services précieux à la phonétique et, par là même, à la linguistique. Il est évident que l'ancienne méthode a ses défauts. Mais il ne faut pas perdre de vue que l'utilité d'une méthode dépend à un certain degré du but des expériences faites et que la même méthode peut être imparfaite dans tel cas et tout à fait suffisante dans tel autre. Quand il s'agit de phonétique expérimentale, on a le plus souvent plusieurs moyens de contrôler l'exactitude des résultats obtenus. L'impression acoustique, l'évolution phonétique, la comparaison avec d'autres parlars, l'étude purement physiologique de la parole, voilà tout de suite des facteurs qui nous aident à juger

¹ Tomes II, pp. 48-62, 193-206, 329-346, III, pp. 193-206, 333-349, IV, pp. 294-306, V, pp. 1-28, 229-255. Rappelons aussi que l'auteur a publié des articles sur le même sujet dans les *Archives Néerlandaises de phonétique expérimentale*, tomes VII, VIII, IX et X.

de la valeur de tel ou tel résultat expérimental. L'expérimentation en phonétique est un moyen de saisir l'essence des phénomènes étudiés plutôt qu'un but propre. Et l'utilité d'une méthode est vérifiée facilement à l'aide de la langue elle-même.

Notre article a tout simplement pour but d'attirer l'attention sur quelques disciplines de la phonétique où l'application de la méthode débattue pourrait se défendre malgré ses défauts incontestables¹ et d'indiquer jusqu'à quel point même une méthode physiquement imparfaite est capable de fournir une contribution précieuse à la connaissance des faits linguistiques.

Admettons d'abord que la méthode cymographique a un très grand avantage au point de vue pédagogique². Peut-on se figurer un moyen à la fois plus sûr et plus efficace de faire comprendre aux débutants en phonétique les différentes phases de l'articulation et le rôle des organes en jeu pour la production de la parole? Il est, nous semble-t-il, inutile de parler d'assimilation, de nasalisation ou de sonorisation à quelqu'un qui n'a jamais vu sur un tracé cymographique comment se présentent les choses. Les tracés obtenus autrement, plus perfectionnés au point de vue physique, sont tous trop compliqués et demandent trop de connaissances physiques et techniques pour servir de modèle à quelqu'un qui cherche une image nette et facile à interpréter de la nature phonique de la parole. À ce point de vue, l'ancienne méthode ne cessera pas de rendre des services à la linguistique.

Nous voudrions ensuite souligner l'importance du tracé cymographique pour l'étude des faits d'assimilation. Il est évident que les vibrations enregistrées correspondent à quelque chose. Si la ligne nasale par exemple présente d'amples vibrations pour un *a* nasal français et rien du tout pour un *a* oral — deux voyelles sur la nature desquelles on est assez bien renseigné sans appareil³ —

¹ Nous partageons pleinement l'avis de M. de Lacerda (III, p. 336): «O facto de a sua obra necessitar uma revisão, à luz de novos auxiliares, incomparavelmente mais perfeitos, não significa a sua condenação. O próprio método, em questão, continuará a ser utilizável, embora limitado às suas possibilidades.» Soulignons aussi la vérité de l'opinion de M. Menzenrath, citée d'après *Acta Physiologica* 1, même page, note 1.

² Il est vrai que ceci n'a rien à voir avec sa valeur scientifique.

³ Au point de vue phonétique naturellement. Personne n'a prétendu que la nature physique des voyelles se laisse constater à l'aide d'un tracé dont les vibrations ne représentent que le ton fondamental et non pas les harmoniques.

il va sans dire que l'image donnée par l'inscripteur n'est pas sans valeur. Si on a obtenu un tracé comme celui de la fig. 1, il est évident que la nasalisation partielle de la voyelle, qui n'offre rien que de très naturel et qu'on aurait attendu même sans voir l'enregistrement en question par la connaissance qu'on a de la fonction des organes de la parole, correspond parfaitement à la réalité. C'est là un résultat banal et qui ne contribue pas beaucoup à la connaissance de la langue étudiée si cette langue a déjà fait l'objet d'études phonétiques approfondies. Mais s'il s'agit d'une

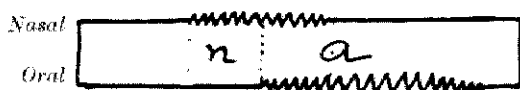


Fig. 1

langue sur la phonétique de laquelle on est encore mal renseigné, un tel résultat, quoique défectueux pour le physicien, peut être très précieux pour le linguiste.

Une étude de la nasalisation d'une langue quelconque, faite à l'aide de tracés cymographiques, nous donnera sans aucun doute une idée assez précise de ce phénomène si on compare les résultats obtenus à une langue qui vous est connue à ce point de vue, par exemple le français. Il va sans dire qu'une expérience ou deux ne prouvent rien, mais si tel ou tel résultat est obtenu plusieurs fois et si ce résultat est confirmé à l'aide d'autres méthodes, nous avons le droit de supposer qu'une étude consciencieuse faite avec cette méthode nous apportera un résultat utile. Et dans la plupart des langues, les études expérimentales ne sont pas encore assez poussées pour qu'on puisse contester l'utilité d'une méthode capable de fournir des renseignements élémentaires sur leur nature phonique.

Il arrive trop fréquemment que le phonéticien qui s'occupe d'une langue phonétiquement inconnue soit forcé d'avoir recours à des appareils peu compliqués, et il est donc naturel que la méthode cymographique soit appliquée assez souvent. Il vaut mieux avoir une méthode expérimentale simple, quoique défectueuse, que de ne pas avoir d'appareil du tout.

Pour les études d'intonation, la méthode cymographique donne des résultats sûrs et précis. Les vibrations inscrites sur le tracé

correspondent grosso modo aux vibrations de l'air phonatoire¹. Et nous n'avons pas besoin d'autre chose. Qu'il s'agisse de ton syllabique ou de ton de phrase, nous ne cherchons jamais que les types d'accent. Les vibrations multiples de nature individuelle ou combinatoire intéressent peut-être le physicien, mais elles n'entrent pas dans le domaine de la langue proprement dite. Outre cela, un résultat obtenu expérimentalement se laisse toujours vérifier par l'impression acoustique. Et même si ces méthodes d'investigation sont toutes deux quelque peu défectueuses, on a le droit de dire que si elles donnent un résultat identique, ou peu s'en faut, celui-ci ne sera pas trop éloigné de la vérité objective. Pour mieux faire comprendre ce que nous voulons dire, nous allons choisir un exemple tiré de notre propre expérience.

Nous avons publié ailleurs (*Archives Néerlandaises de phonétique expérimentale*, numéro xvi, 1940, pp. 62-76) des résultats de recherches expérimentales sur l'intonation du mot en suédois. Et nous avons appliqué pour ces recherches la méthode cymographique. On sait qu'en suédois il existe, pour les mots de plus d'une syllabe, deux types d'accent musical. Le suédois connaît, comme le chinois et d'autres langues d'Extrême Orient, un accent musical phonologiquement pertinent, qui peut servir à distinguer tout seul deux mots autrement parfaitement homonymes. C'est là un fait qui se laisse facilement constater à l'aide de l'impression acoustique mais dont la nature physique et physiologique a donné lieu à beaucoup de discussions et sur laquelle il est facile de se tromper.

Pour nos expériences, nous avons choisi des paires de mots qui ne différaient les uns des autres que par leur intonation. Nous avons mesuré avec un microscope la distance entre les vibrations sur les tracés obtenus et calculé la hauteur et le mouvement musical à l'intérieur de chaque syllabe. Il va sans dire que les courbes ainsi obtenues montraient des irrégularités considérables entre elles. Et il est hors de doute que, dans chaque cas, les calculs laissaient beaucoup à désirer au point de vue précision et exactitude. Il est normal que les mesures ainsi faites ne répondent pas tout à fait

¹ Cf. la note, p. 3. Il est évident que la perfection des appareils joue un rôle considérable à ce sujet. L'assertion de M. de Lacerda (III, p. 333) que «os melhoramentos introduzidos foram mais aparentes do que reais» est exagérée, nous semble-t-il. La perfection de la méthode a consisté, de Rousselot jusqu'à nos jours, à réduire, si possible, l'influence des facteurs accessoires, à zéro. Et il serait vain de contester que la méthode décrite par M. Grammont par exemple (*Traité de phonétique*, p. 119-123) soit très près de l'idéal.

à la réalité et qu'avec d'autres méthodes physiquement plus perfectionnées on aurait pu obtenir des résultats plus précis et peut-être quelque peu différents. Mais il ne faut pas oublier que la phonétique expérimentale est en premier lieu une branche de la linguistique et que son but principal est d'examiner les faits qui comptent dans la langue. Ce sont les traits pertinents dont se compose le système phonique¹ qui font l'objet de nos études et non pas les nombreux faits accessoires de nature purement physique ou physiologique².

Des différentes courbes musicales que nous avons obtenues, il s'est dégagé deux types d'intonation, l'un répondant à l'accent dit primaire, l'autre à l'accent dit secondaire³. Non que toutes les courbes du premier type fussent identiques entre elles. Loin de là. Mais elles avaient toutes quelque chose de commun et s'opposaient par là nettement aux mots du second type, qui présentaient également entre eux des variations considérables. Si nous avions fait une ou deux ou cinq expériences, l'intérêt de nos résultats aurait été nul. Mais avec des centaines, ou davantage, les faits se présentent différemment. La multiplicité des exemples choisis permet des conclusions sur la nature de cette opposition d'accent. Elle permet aux traits essentiels (pertinents, pour ainsi dire) de se dégager des autres⁴. Il est vrai, nous venons de le faire remarquer, que le mouvement musical dans le même mot n'est jamais, ou

¹ C'est à dessein que nous disons phonique et non pas phonologique. Un phénomène phonique peut très bien remplir une fonction et faire partie du système de la langue sans pour cela être de nature phonologique dans le sens propre du mot. Et la phonologie proprement dite ne s'occupe point de recherches expérimentales et n'en reconnaît même pas l'utilité pour le linguiste. Des recherches telles que nous venons d'en faire sur l'intonation du suédois ne l'intéressent guère. Le phonologue ne regarde que la fonction des phénomènes, et leur nature propre (physique et physiologique) qui n'entre pas dans le domaine étudié, ne joue aucun rôle pour lui.

L'accent musical du mot en suédois n'intéresse le phonologue que par sa fonction, qui reste la même quelle que soit la façon dont elle se réalise objectivement. Notre manière d'envisager le problème traité ici n'est donc pas phonologique, mais purement phonétique (seulement phonétique dans le sens linguistique, non pas dans le sens physique ou physiologique).

² Leur intérêt se trouve pour ainsi dire sur un autre plan.

³ Pour la terminologie, voir notre article.

⁴ L'objection de M. de Lacerda (*Archives Néerlandaises*, x, pp. 73-74) qu'avec une méthode défectueuse même le résultat moyen de recherches nombreuses reste sans valeur aucune, n'est pas tout à fait convaincante. Si notre méthode avait été si imparfaite que le veut M. de Lacerda, les résultats obtenus n'auraient rien montré de constant. Les deux types de courbes ne se seraient

presque jamais, le même deux fois de suite. Il est soumis aux influences extérieures les plus diverses. Il dépend de l'intonation de la phrase, du caractère de celui qui parle, de la rapidité du débit,

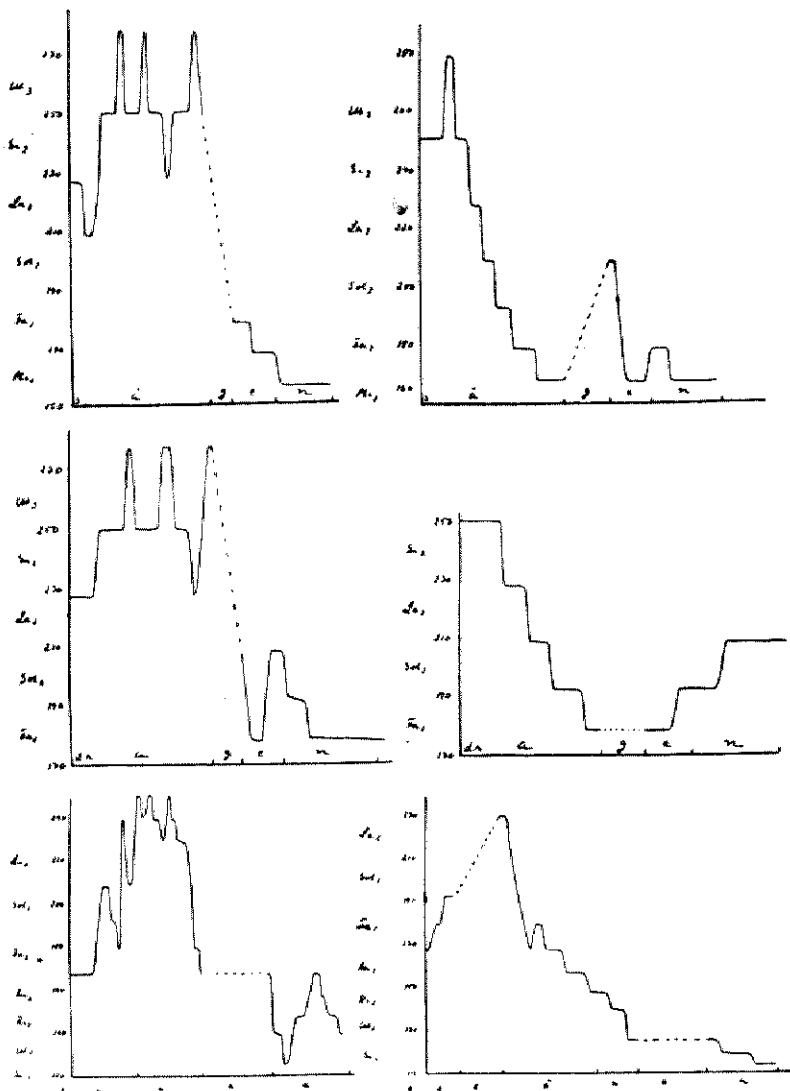


Fig. 2

pas dégagés des tracés étudiés d'une manière si exacte. Et de plus, notre résultat se laisse facilement vérifier à l'aide de l'oreille et son exactitude est contrôlée par là d'une manière satisfaisante.

il change d'instant à instant, d'individu à individu, de région à région, etc. Mais malgré tout cela, le grand nombre d'expériences faites nous renseignent sur la nature des deux accents en ce sens qu'elles nous montrent que, en dépit de leur diversité, ils présentent toujours quelque chose de permanent, de stable, ce «quelque chose» qui est perçu inconsciemment par l'auditeur et qui sert toujours à opposer le mot en question à un autre d'intonation différente.

Prenons quelques exemples. Nous donnons ci-après quelques courbes de mots suédois à accent primaire et quelques autres à accent secondaire, choisis au hasard. Les courbes de droite représentent l'accent primaire, celles de gauche l'accent secondaire.

On voit que les trois courbes de gauche sont assez différentes entre elles, et de même les trois de droite. Mais on voit aussi que les mots à accent dit primaire (courbes de droite) ont ceci de commun qu'ils présentent un mouvement assez simple et caractérisé par un seul sommet de hauteur et une chute rapide et constante du ton. Les autres au contraire qui se distinguent par plusieurs sommets de hauteurs sont d'une nature bien plus compliquée. On peut dire que les deux schémas suivants représentent ce qu'il y a d'essentiel dans les deux types d'accent :



Fig. 3

C'est là un résultat tout à fait satisfaisant pour le linguiste. Ce ne sont pas toutes les particularités de la mélodie de tel ou tel mot qui l'intéressent. C'est ce qu'il y a de typique et de constant, ce qui remplit une fonction déterminée qui le regarde.

Il est sans doute exact qu'un résultat obtenu de cette façon est une grosse simplification de la réalité objective. Mais ce n'en est pas pour cela une falsification. Et il faut ajouter que pour le mouvement en vogue actuellement un peu partout en linguistique qui s'efforce de ne pas se laisser aveugler par les mille et une petites choses accessoires dans la langue parlée mais qui cherche partout les traits pertinents, le système et la structure, cet inconvénient

n'est pas trop grave. Nous avons parfois besoin de simplifier les choses pour mieux comprendre leur caractère. Nous avons besoin aussi de nous concentrer sur l'essence des phénomènes, de laisser de côté les petits détails et de ne chercher que les grandes lignes, les schémas.

Par là, nous n'avons aucunement voulu contester l'utilité de recherches de détail et d'expériences subtiles. La méthode indiquée par M. de Lacerda peut, nous semble-t-il, rendre maint service précieux à la linguistique. Et il ressort très nettement des résultats obtenus expérimentalement combien cette science doit à la perfection de la phonétique expérimentale. Nous avons seulement voulu rappeler l'avantage que peut offrir parfois la méthode cymographique et les moyens qu'a le savant qui travaille avec cette méthode de contrôler et de vérifier les résultats obtenus. Nous sommes convaincu que cette méthode, malgré ses défauts, par sa simplicité même, peut rendre des services au linguiste qu'une méthode compliquée (et plus sûre au point de vue physique) ne serait peut-être pas capable de rendre à cause de la diversité et de la multiplicité des phénomènes enregistrés.

BERTIL MALMBERG, LUND.

Acrescentos de Gonçalves Viana às suas “Apostilas”. Outras notas a propósito

(Continuação)

Apanha(s)

V. — Acrescenta: «O verbo *apanhar* (*apañar*) é também usado em Leão, no sentido do castelhano *recoger* «levantar do chão» ¹.»

Apani(a)guado

V. — Na p. 74, antes de citar o passo de M. Pinto, acrescenta: «Eis aqui um exemplo; «muitos privilégios que alguns fidalgos apresentam, nos quais se contém, que seus caseiros e apaniguados não sirvam nem contribuam nos encargos do concelho» — ² (1459).»

Na penúltima linha do art. emenda *Sa* para *Su* e no fim acrescenta: «Exemplo recente português vemo-lo no trecho seguinte: — «há já varias queixas contra Nunes e os seus apaniguados ³.»

«Darei também um exemplo moderno castelhano, de primoroso escritor: — «comenzó a distribuir puestas, honores y destinos entre sus diversos paniguados ⁴.»

«Outro exemplo português recentíssimo, e no qual *apaniguado* quer dizer «mantido, dependente» é este, que vemos num primoroso artigo a respeito das grutas de Púri, no concelho de Amba, — «O soba Angolense Acaíta, que dominando nos Empures (Capas ?) proximos de Ambaca, não via com bons olhos as façanhas que brancos, e negros seus *apaniguados*, exerciam nos seus dominios.» — ⁵.»

«Outro trecho decisivo com relação à origem do termo *apani-*

¹ *Revue Hispanique*, xv, 3; xxv, 123.»

² V. *Archeologo Português*, xv, 18.»

³ *O Século*, de 13 de Agosto de 1907.»

⁴ P.^o Luis Coloma, *Pequeñeces* (Bilbao, 1894), p. 449.»

⁵ *Gazeta das Aldeias*, de 8 de Março de 1908.»

guado, é o seguinte que se lê na relação da viagem de um francês a Espanha, nos princípios do século XVII: «Autres (comendadores) n'ont que la bouche et se disent de *pan y agua*» —¹ também foi usada em português a forma *paniguado*, como em castelhano: — «os possam aver de seus parentes e paniguados»².»

M. — Muitos destes materiais foram utilizados depois por G. Viana, no artigo das suas *Palestras Filológicas* (p. 18 da 2.^a ed.) consagrado a esta palavra.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos aceitou a doutrina de Viana nas *Miscelas Etimológicas* saídas na *Homenaje... a Menéndez Pidal*³.

Diz ainda essa senhora que «*apaniguado*... já fôra derivado de *a pan i a agua* por Duarte Nunes de Leão em 1600 com os argumentos historicos conhecidos, repetidos por Gonçalves Viana nas *Apostilas*.»

* Aparador

M. — Um passo abonatório quinhentista: «... defronte destas tres mesas estavam tres *aparadores* da mesma maneira, com grande soma de porcelanas muito finas...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXX.

* Aparrado

M. — A acepção de *baixo*, *atarracado*, pode alargar-se até *chato*: «... eraõ todos de gestos grosseyros, & robustos, tinhaõ os beiços grossos, os narizes baixos & *aparrados*, as ventas grandes...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXIII.

* Aperto

M. — Momento difficil: «E estão neste *aperto* socorro dom Jorge de meneses que estaua mais perto...», Castanheda, *História*, v, cap. 75, p. 281.

* Apiadar

M. — O mesmo que *apiedar*: «... como quem se *apiadava* de

¹ *Revue Hispanique*, xx, 590.»

² *O Archeologo Português*, xiv, 72.»

³ Vol. III, p. 452.

nòs, & se condohia de nossa desaventura, & das feridas que lhes mostramos, tomando hum pao na mão, fez chegar a barcaça a terra...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXVII.

* **Apinhoado**

M. — Aglomerado, reunido em pinha, cheio: «Poseram-se em hum teso soberbo todos *apinhoados*, a ver o que os nossos faziam», Barros, *Décadas*, I, v, 2; «Ainda as náus não eram bem surtas, quando os batéis eram cheos de gente *apinhoadas* de *alvorôço*», idem, ibidem, II, III, 4; «O maior numero dellas he estar tam conjunctas, e *apinhoadas*, que parecem hum pomar meio alagado dagoa», idem, ibidem, III, III, 7; «He muito *apinhoadas* (a cidade de Tabriz) em partes, onde tem portas pera em ella entrarem...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 29.

* **Apolegar**

V. — «O *Nôvo Diccionario* regista êste verbo como antiquado. É usado ainda hoje no concelho de Baião: — «Nunca lhas apoleguei» — significando «nunca lhas apalpei.» — ¹»

M. — Um passo abonatório do emprêgo quinhentista desta palavra: «... os que vendem peixe vivo, tambem o hão de ter em grandes tinas dagoa, preso com hum junco pelos narizes por onde o tome o comprador que o quiser ver de que tamanho hé, porque o não *apolegue*, nem suge, nem enxovalhe...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLVII.

* **Aporfiar**

M. — Ateimar: «... comigo *aporfiavaõ* que olhasse bem...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 44.

* **Aportilhado**

M. — Que tem portas, portilhas: «E porque aquella fortaleza estava já *aportilhada* na parte debaixo junto do mar», Barros, *Décadas*, II, VII, 5.

¹ Carta ao sr. Álvaro de Azeredo, dali natural, datada de 14 de março de 1907.»

* Aporveitar

M. — Por *aproveitar*. Era a forma vulgar no séc. XVI: «... que me *aporueitã* ceos / onde minha essencia mora», Camões, *Enfant.*, v. 217; «... mas que me à de *aporueitar* / me não querem abrir», idem, ibidem, v. 1502; «vosso amigo Filodemo que assi se soube *aporueitar* do tempo», idem, *Filodemo*, v. 2064.

* Aposentadoria

M. — Julgo ainda não registada esta palavra na acepção de *ajuda de custo para hospedagem*: «E dezoito mil reis mais *d'aposentadoria* cad'ano», *Subsidios*, II, 61.

* Aposentar

M. — Forma antiga, usada por *aposentar*: «... para com a graça de N. Senhor nos irmos a noite seguinte *apossentar* dentro na Villa...», D. Galvão, *Crón. Afon. Henr.*, p. 102.

Apo(u)sentamento

V. — Depois de citar o passo seiscentista extraído do *Archeologo Português*, acrescenta: «— «a gente nobre aposentada em derredor» —¹.

«Camões também usou a forma *apousentos* (*Lusiadas*, x, 87).»

* Apousentar

M. — É curioso este passo onde esta palavra nos aparece na acepção de *instalar*: «Depois de serem enterrados estes defuntos, nos fomos *apousentar* num charco dagoa, no qual estimos até quasi a menham com medo dos tigres...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXX.

* Apressado

M. — Este adj. também se empregava na acepção de *perse-*

¹ João de Barros, *Décadas*, I, IV, 7.»

guido: «Chegando ao passo onde dom Fernando cuidava que tinha algum refugio, por vir já muy *apressado* de muytos mouros», Barros, III, I, 8.

* Apupada

M. — Amigos de papaguear e de trocar como os portuguezes são, mesmo nos momentos mais difíceis, não admira que este vocabulo seja vulgarissimo nas relações de combates feitas pelos cronistas das nossas coisas do Oriente: «Responder com grita e *apupadas* aos alaridos dos mouros», Barros, *Décadas*, II, 4, 1.

Cf. ainda Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, p. 12; II, p. 90; III, pp. 32, 42, etc.

* Aquesendó

M. — Vocabulo oriental, usado em Pequim, que não encontrei registado, nem mesmo no *Hobson-Jobson*. Eis o que diz a seu respeito Mendes Pinto: «Vimos mais aquy nesta cerca de fora (que como já disse, cinge toda estoutra cidade) em distancia de mais tres legoas de largo, & sete de comprido, trinta e dous aposentos muyto grandes, apartados hûs dos outros pouco mais de tiro de falcão, que são os estudos das trinta & duas leys que ha nos trinta & dous reynos deste imperio, em cada um dos quais estudos, segundo a grande quantidade de gente que vimos nelle, deve de aver mais de dez mil estudantes, & o mesmo *Aquesendoo*, que he o livro que trata destas cousas, os orça todos por jûto em numero de quatrocentos mil», *Peregrinação*, cap. CVI. Mais adiante (cap. CVII) torna a falar dêste livro: «Mas deixando agora isto para se tratar a seu tempo, esta cidade, segundo o que se escreve della, assi no *Aquesendoo* de que já fiz menção, como em todas as chronicas dos Reys da China, tê em roda trinta legoas.»

* Árábio

M. — Esta palavra é abonável, como adjectivo, já em textos quinhentistas: «Mansor Rei, & Pontífice de Marrocos, quomo ho

contam hos historicos *Arabios*, foi Rei mui guerreiro...», Damião de Goes, *Crón. Princ. D. João*, cap. xi; «... tomou ahos Mouros, da qual segūdo affirmam hos scriptores *Arabios*...», idem, ibidem, cap. xv; «Será de mil vizinhos mouros *Arabios*, e judeus hespanhóes...», Ant. Tenreiro, *Itinerário*, cap. 34.

Como substantivo, veja-se: «... e com ho dinheiro deste que vemde, paga os *arabios* que merca aos portuguezes...». *Crón. Reis de Bisnaga*, p. 70.

* Aranzel

M. — «... dantes significava *rol, lista*, e especialmente *pauta alfandegária*, e agora significa *longa e impertinente série de alegações*...», Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, p. 113.

Um passo abonatório com a palavra na segunda acepção: «Aqui chegava o temeroso *aranzel*, cada vez mais embrenhado em latim...», Arnaldo Gama, *Última Dona*, p. 48. Cf. ainda p. 362.

* Aravia

M. — Palavra vulgaríssima. Designava a lingua arábica: «... também falam Parçeo e *aravia*...», *Descrição das Terras*, p. 32. Cf. ainda: Castries, p. 24. Castanheda, *História*, I, pp. 18, 37, 50, etc.

* Arcabuzada

M. — Já se empregava no século XVI: «... sem fallarem palavra nos assombrarão com doze pilouros, dos quais os cinco erão de falcoões, & roqueyros, & os sete de berços, a fora muytas *arcabuzadas* que também nos tirarão...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. III; «... quiz a fortuna que o matasse hum turco de hũa *arcabuzada* que lhe deu pelos peitos...», idem, ibidem, cap. XXVII.

* Arcabuzaria

M. — Como facilmente se deduz do passo seguinte, esta palavra também significa *grande porção de arcabuzes*. Este sentido está registado, mas, que eu saiba, tem poucas abonações: «apos isto os nossos tiradores... pondo fogo a toda a *arcabuzaria*, conforme ao sinal que lhes fora feito, os conveses dambos os jûcos ficaraõ taõ vazios da multidão que antes nelles se via, que ja nenhũ dos inimigos ousava de apparecer», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 59.

* Arcaz

M. — Uma abonação quinhentista: «... e 8 arcazes...», *Cartas de Quitação*, doc. N. 16.

* Arcepélego, Arcipélago

M. — Formas antigas (sobretudo quinhentistas) de *arquipélago*: «Hum Corsairo que tinha grande nome naquelle *Arcepelego* das Ilhas da Grecia», Barros, *Décadas*, III, 1, 3; «... outras muitas provincias daquelle oriental *arcipelago*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. I; «... poderia tambem facilmente aver á mão toda a drogaria daquelle *arcipelago*...», idem, ibidem, cap. XXVI.

Como se sabe, a palavra *arquipélago* deriva do gr. *ἀρχι*, principal e *πῆλαγος*, mar. Essa palavra significava, portanto, o *mar principal* e referia-se ao Egeu que era considerado como tal pelos gregos.

O prefixo *ἀρχι* evoluciona para *arce-* ou *arci-* como em *arcebispo* ou *arcediogo*, ao passo que em palavras como *arquitecto*, *arqui-diácono*, etc., está representado por *arqui-*.

A razão desta divergência deve estar no carácter popular ou não popular dos vocábulos. Se o são, o *x* evolucionará para *e*, no outro caso gerará *k*.

Arcepélago será, portanto, uma palavra de carácter popular, ao passo que a moderna é um produto de reconstituição erudita.

Arco celeste, arco-da-velha, arco-da-chuva, arco-de-Deus,
arco-iris

M. — Antigamente havia ainda *arco-celestial*: «... a outra parte era de hũa parte muy alua e muy esprandecête, asy como a augua quando ferem em ella os rrayos do sol. Tal coroa como esta de quatro collores, asy como he ho *arco-celestial*, tijinha em sua cabeça aquelle glorioso barom», *Côrte Imperial nos Textos Arcaicos*, de J. Leite de Vasconcelos, pp. 61-62.

Areisco, arisco

V. — A seguir ao primeiro periodo acrescenta: «, mas o étimo, neste sentido há de ser outro, visto que, com a mesma significação,

existe em castelhano *arisco*, como o vemos empregado neste passo das *Pequenezes*, do P. Luis Coloma — «como una gata arisca a que pisan el rabo» — ⁴.

* Arenga

M. — Antigamente significava «discurso (em bom sentido), e hoje tomou acepção depreciativa ou pejorativa (igualmente o verbo *arengar*)», Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, p. 113.

O mesmo sucedia já no século XVIII, visto que Francisco José Freire (*Reflexões*, I, p. 23) diz que «*arenga*, por discurso serio, era antigamente palavra usadissima. Hoje significa discurso desordenado e confuso.»

Abonações da acepção antiga:

«... sairão a recebe-la os da cidade, e das bestas lhe fizerão reverencia e hũa *arenga* pequena de sua boa vinda...», Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, p. 1.

«... até que se acabou hũa *arenga* de oferecimentos palavrosos; e o Duque tambem, quando chegou, mandou fazer outra *arenga* assaz boa», idem, ibidem, p. 1.

«... Bispo d'Evora acabou de prepoêr a *arenga* que em tal cerimonia he custumada, e necessaria...», Rui de Pina, *Crónica de D. Duarte*, cap. II, p. 78, nos *Inéditos da História Portuguesa*, vol. I.

«Nós tanto que chegamos junto do estrado onde o velho jazia, nos pusemos em joelhos & lhe pedimos esmolla, & começando com algũas lagrimas o introito da nossa *arenga*, com as milhores palavras que o tempo & a necessidade nos ensinavão...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXXIII.

* Arfar

M. — Para designar o movimento que o navio faz de pôpa à proa e vice-versa, produzido pela agitação do mar, era esta palavra já usual no século XVI: «No outro saluço que a não faz *arfando* torna a ficar em sua grossura», Barros, *Décadas*, III, III, 7.

*** Argamassa**

M. — No séc. XVI já era freqüente: «... para baixo corre hum entulho a modo de terraplano, alamborado da face de fora de hã betume como *argamassa*...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XCV.

*** Argel**

M. — Francisco José Freire, baseado no Dicionário de Barbosa, afirma que esta palavra se empregava para designar uma pessoa com pouca ventura.

*** Arismética**

M. — Esta forma aparece ainda no Sumário da Gramática Árabe de Fr. João de Sousa (1795).

Arlequim

V. — Acrescenta: «Sobre este vocábulo diz-nos Lázaro Sainéan o seguinte: — «*Arlequins*, restes de repas, surtout de viandes («ce mot est passé dans le langage populaire», Vidocq [*Voleurs*, 1837])» — ¹»

Armada

M. — *Armada* também podia significar na língua antiga *exército* (cf. fr. *armée*): «... mando que se eu morrer fora desta terra em esta *armada* onde hora vou em companhia do Jffante dom hêrrique meu jrmaão...», *Test. do inf. D. Fern.*, na *Cron. de D. João I*, de Fernão Lopes, p. XLVI. No início do séc. XVI já se empregava na acepção de *esquadra*, *frota*²: «... ho enviamos com nosa *armada*... a buscar a dita índia...», *Almirantado*, p. 28 (1500).

No passo citado por G. Viana, parece-me ver restos da acepção antiga desta palavra (*armadilha*, *cilada*), que, por sua vez, representaria a evolução semântica da mesma palavra *armada* como termo

¹ *L'argot ancien* (1455-1850), Paris, 1907, p. 83 e 282.»

² Havia diferença entre *frota* e *armada*. Cf. *Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas*, p. 34. Lisboa, 1892.

de montaria. Na nomenclatura dêste desporto, designava o conjunto dos que levantam a caça e a afugentam na direcção dos caçadores.

É por êste último sentido que se pode comprehender a significação da palavra *armadilha*, derivada da que se estuda neste artigo.

* Armatoste

M. — No *Arqueólogo Português*, vol. v, publicou-se um documento seiscentista rico em nomenclatura de guerra, sobretudo no que se refere a instrumentos. Al (p. 148) se fala em «hũa besta daço cõ seus *armatostes*.» A *Enciclopédia* regista esta palavra.

Armazém

M. — Que eu saiba, o primeiro que aventurou a analogia com *arma* para explicar a evolução do ant. *almazém* para o moderno *armazém*, foi D. Rafael Bluteau nas *Prosas Portuguezas*, p. 18.

A palavra *almazém* significava *arsenal*: «... e do *almazem* de Lixboa levavom pera cada hum logar as armas e cousas que mester avia pera sua defenssom», F. Lopes, *Crón. D. Fern.*, cap. xxxvi; «Nenhũa outra cousa lhe mostrava, senam os seus *almazens* cheos darmas», Barros, *Décadas*, II, VIII, 5; «... ha hy muytos espingardeyros e frecheyros dacaninos e malavares e muytas armas defenssyvas, cosoletes e capacetes e couraças hafôra has que no Reyno de Cambaya se fazem easy ha usança portugues / muyto fortes e boas cõ capacetes que de todas has partes cheguão ao pescoço e diante tê suas mascaras de ferro muyto bem feitas, das quoaes armas tinhão cheos muytos *almazens*...», *Hist. Quin. do 2.º cerc. de Diu*, p. 7: «... de refresco tinhão *xxiij* (vinte e três mil) omens e gastavam formosamente de seu *almazem*», idem, p. 64; «... dos esquecidos de teus *almazês* me socorras com pilouros & polvora, de que ao presente me acho muyto falto...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XIII.

Almazém podia ainda designar qualquer quantidade de armas: «... apanhem os bêteiros, e gente de pee o mais *almazem* que poderem», Azurara, *Crón. D. Duarte de Men.*, cap. LII, nos *Inéd. de Hist. Port.*, III, p. 137; «... entrou pelo vao ate dar em seco tirando cõ a artelharia & espingardaria, & *almazẽ* de setas, & arremessos com que fez neles tanto dâno...», Castanheda, *História*, I, cap. 73, p. 212.

Nas *Mercês* que D. João de Castro fez aos que serviram no cerco

de *Dio*¹, já aparece *armazem*: «... Luis de Braga Girão, de tesoureiro da casa do *armazem* das armas e munições de Goa.»

A palavra é na realidade de origem arábica e o étimo dado por G. Viana é exacto: de *المخزن* (*al-mahazan*) que significa além de «(casa de) arrecadação», *botica, celeiro, sotam, entreposto*.

Ao lado do fr. *magasin*, é conveniente registar como divergentes românicas daquela palavra arábica mais os seguintes: o it. *magazzino*, o sic. *magasenu*, *maasenu*, *malasenu*, *malase*, o sard. *magasinu*, *camasinu*, o esp. *almacen*, *almagacen*, *magacén*, o rom. *magaza*, *magazin*, etc.

Cf. o *Etymologisches Wörterbuch der Europäischen (...) Wörter Orientalischen Ursprungs*, N. 1362.

* Arnela

M. — Como se sabe, esta palavra pode ter a significação de «resto de dente que fica na gengiva, por ter apodrecido ou por ter quebrado ao arrancá-lo».

Pois, por extensão de sentido, também pode ser as cristas dos rochedos susceptíveis de ser cobertas pela maré enchente. Uma abonação: «... fazendo parte da paisagem marinha como as *arnelas* do recife à volta do Promontório Sacro», Aquilino Ribeiro, *Aventura Maravilhosa de D. Sebastião*, cap. II, p. 50.

* Arrabalde

M — «... queimou duas povoações muyto grandes, que a maneyra de *arrabalde*s estavam fora dos muros...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XVI.

Também havia a variante *arrebalde*: «Chegamos junto com as portas da cidade e na entrada do *arrebalde* estavam a moor parte dos cidadãos a pee...», Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, p. 1.

Conforme já o disse (*Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v.), não vejo facilmente a maneira como se operou a evolução de *الرباض* (*arrabd*) para *arrabalde*. Conforme aí digo, parece-me mais plausível explicar esta palavra pelo plural *أرباض* (*arabād*).

¹ Na *História Quinhentista (Inédita) do Segundo Cêrco de Dio*, p. 324.

* Arraiaz

M. — Baseado não sei em quê, Francisco José Freire (*Reflexões*, III, 17) diz que esta palavra é «o mesmo que *raiano*, isto é, que vive na raia de algum reino. Era termo mui usado no tempo d'El-Rei D. Diniz.»

* Arrais, arraiz

M. — *Arraiz* seria ortografia preferível, se se tivesse em vista o étimo respectivo: الرأس (*ar-rāiç*), adj. formado de رأس (*rāç*), cabeça.

Para pormenores, q. v. o que escrevi nos *Comentários... do Dicionário de Nascentes*.

Resta-me acrescentar que, nos nossos escritores quincentistas, era vulgar aparecer esta palavra junto aos nomes de alguns orientais. Era um indicativo da sua importância social: «... com hũ Capitão Turco sobrinho do Baxã do Cayro, por nome Morado Arraiz...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xxxii.

Num documento datado de 1272, e redigido em Murcia, fala-se duma «heredat que fue del arraz Abuzhae Abenhud.» Foi publicado por Menéndez Pidal nos *Documentos Lingüísticos de España*, p. 485.

Como é sabido, *arraiz* também existe em português como apelido. Um dos maiores escritores sacros da nossa literatura tinha este apelido: Frei Amador Arrais, bispo de Portalegre.

O uso dêste apelido data, pelo menos, do século xiv. Para fazer esta afirmação, baseei-me no texto de Fernão Lopes, que, no cap. CLIX da primeira parte da sua *Crónica de D. João I*, dá-nos os «nomes dalguñas pessoas que ajudaram o Meestre a deffender o rreino.» Entre elas estão «Gonçallo Arraiz, [Martim Arraez]...», p. 300.

Arrasta, arrastador

M. — Em port. arc. também havia o verbo *arrastrar*: «... pensa como os Judeus dauam a ihesu chrispto com os ponhos e *arrastrauamno* pellos cabellos...», *Contemplação de São Bernardo*, 105 v., 4.

De *rastro* (e lat. *rastru*).

* Arratel

M. — Antigamente o plural desta palavra aparecia escrito, pelo menos, das seguintes maneiras: «... 9 *arrates* de marfim...

20 *arrates* de algodam...», *Cartas de Quitação*, doc. 4; «Nos porcos, hũs tratão em os venderem vivos por jũto, outros em os matarem, & os venderem aos *arratês*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XCVII.

* **Arrazoamento**

M. — Barros empregou muito êste vocábulo; é o mesmo que *razoamento*: «Aos quaes ante que o baptisassem fez hum *arrazoamento*», I, III, IX. Cf. ainda I, IX, 5; II, III, 3; III, V, 7, etc.

* **Arreatar**

M. — Ligar, atar com muitas voltas: «Como lhe caio debaixo da lança mandou muy bem *arreatar* a nós», Barros, *Décadas*, II, III, 6.

* **Arrebeçar**

M. — D. Francisco Manuel de Melo empregou esta palavra. Pois só agora é que ela aparece registada. Foi nos *Apólogos Dialogais* que êle a utilizou neste passo: «*Arrebeçay, arrebeçay*, que vos vejo com engulhos de desgraçado...», p. 10.

A palavra devia pertencer à gíria da época. Significava *falar, vomitar*, segundo a opinião de Fernando Nery, o anotador da edição de que me sirvo (a de 1920, feita no Rio de Janeiro).

Não faço a menor idéia do étimo desta palavra.

* **Arreceber**

M. — O Doutor Leite de Vasconcelos publicou, no primeiro volume (p. 7) da sua preciosa obra *De Terra em Terra*, umas quadras do Soajo, onde esta palavra aparece algumas vezes na acepção de *casar*.

* **Arreceio**

M. — Esta era a forma vulgar no séc. XVI. Empregava-se por *receio*: «Estando nos nesta coafusão & variedade de sospeitas, com assaz de *arreceio* do que tínhamos diante...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. VII; «... nos fizemos na volta do mar com bem grande *arreceio* que por nossos peccados nos acontecesse aly outro desastre semelhante...», idem, ibidem, cap. VII; «... em muitos passos deste caminho tivemos grande *arreceio* de ladrões...»,

A. Tenreiro, *Itinerário*, cap. VII, p. 20; «... polo *arreceio* que tínhamos assim de ladrões, como de qualquer outra alimária...», idem, ibidem, cap. LX, p. 113; «... navegando com muito *arreceio* de turcos...», idem, ibidem, cap. LXVII, p. 127. Cf. ainda *Memórias de Literatura*, VII, p. 47.

* Arrecife

M. — Forma vulgaríssima no século XVI por *recife*: «... antes de chegarmos ao ilheo do *arrecife*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. v; «... neste tempo acabou o nosso junco de assentar sobre a estacada das pesqueyras que estavam junto do *arrecife*...», idem, ibidem, cap. LVII, p. 127; «... não enxergou o baixo que estava entre o ilheo & a ponta do *arrecife*...», idem, ibidem, cap. LXI, p. 148.

Arredores

M. — *Arredor*, por sua vez, é vulgar na acepção de *à volta de*. Este emprêgo é atestável desde cêdo: «Assi como os ten postos pelos outros logares *arredor* de seu herdamento», *Livro de D. João de Portel*, doc. XI; «o guia que vinha comigo não quiz que entrássemos de dia em ella, porque por *arredor* della em o deserto não topássemos alguns ladrões», Tenreiro, *Itinerário*, cap. LXI, p. 115.

No plural a palavra generalizou-se com a significação de *rizinhanças*, *subúrbios*.

Arrenega, *greve*, *grevista*

V. — Modifica o titulo para «*arrenega*, greve, grevista, parede, paredista».

Depois de dizer que a palavra *greve* podia cá chamar-se (*as*)*suetto*, acrescenta:

«A folga premeditada, quando referida a estudantes, denominava-se e ainda se denomina, *parede*, que é comparável ao *pare* castelhano, de que parece provir, com influência ou confusão do termo *parede* no seu sentido natural. De *parede* se derivou recentemente *paredista*, que equivale a *grevista*. Eis aqui abonações dos dois vocábulos, e também de *greve*: «A presente *grève* ou parede, como se dizia no meu tempo¹» «— sendo as pobres creanças tratadas

¹ *Diário de Notícias*, de 19 de Abril de 1907.»

mais como facinoras do que como estudantes em parede¹» — «Estava preparada uma manifestação aos estudantes paredistas²» — Vemos que de *grève*, e à imitação do francês, se derivou *grevista*, que para ficar sendo português se deve pronunciar *grevista*, e não *grèvista* — «O meu anteriormente procedimento de *grévista* e da defensor de uma greve³». De *greve* formou-se já outro vocábulo, *grevicultor*, com que se designa quem explora as *greves*: «algumas indicando nomes e pedindo a expulsão dos grevicultores, d'esta e outras greves⁴». Refere-se à do pessoal da Companhia Carris de ferro de Lisboa».

* Arrevesar

M. — Também se empregava no sentido de *vomitar*: «Lançam a casca de hum certo pão, a qual moida lançam o pó della nagoa que bebe: e se nam *arrevesa*, he salvo o reo: se *arrevesa*, he condenado», Barros, *Décadas*, I, X, 1.

O mesmo que *arreversar* — do lat. *reversus*.

* Arrezoar

M. — O mesmo que *arrazoar*. Já se empregava no séc. XVI: «... lhe mandava que logo *arrezoasse* em final...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. CI, p. 21.

* Arrear; arriar

M. — Este vocábulo está já registado em alguns dicionários. A *Enciclopédia* diz que é «empregado nas marinhas de sal de Aveiro, para designar a idéia de inutilização, segundo informação do *Museu tecnologico* (p. 71), referida por Sá Nogueira em *A Linguagem das Salinas*».

Vou transcrever agora um passo curioso da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto: «Estava então naquelle porto surto hum junco só, & sem aver outro nenhum, o qual tinha pouca gente,

¹ *O Dia*, de 17 de Abril de 1907.»

² *Diário de Notícias*, de 16 de Abril de 1907.»

³ *O Dia*, de 12 de Junho de 1907.»

⁴ *O Dia*, de 1 de Junho de 1912.»

& esses que erão estavam então todos dormindo, & vendo Antonio de Faria que era esta boa occasião para effectuar sem intento, fez logo *arriar* da amarra, & se igualou com elle, & escolhendo dos vinte & sete soldados que levava os quinze, com mais oito moços, se subio acina ao convês do junco, sem até então ser sentido de ninguê...», cap. LV.

Trata-se duma locução (*arrear a amarra*) ainda hoje usual na nomenclatura marítima, onde significa *largar a bóia, o ancora-douro*.

Em muitos casos perde-se a amarra.

Na gíria dos marinheiros esta locução pode significar ainda *defecar*.

* Arribas

M. — Parece-me feliz a equivalência desta palavra ao francês *falaises*.

Arriba emprega-se desde cêdo na acepção de *para cima*: «Qvin leuare tenda redonda de xx cordas aut deinde *arriba* quod pertinent...», *Leges*, I, p. 765; «... se os ditos judeos, que assy forem em os ditos recebimentos, ou vodas, ou festas, foram dez, ou dalli *arriba*, que levem armas...», *Ordenações de D. Afonso V*, II, p. 454-455; «... grandes senhores mouros, que habitavão pela comarca da cidade polo rio Nilo *arriba*», Tenreiro, *Itinerário*, cap. XXXIX, p. 79.

* Arricáveis

M. — É estranho que esta palavra ainda não merecesse a consideração de ser registada nos dicionários da Língua Portuguesa. Pelo menos nos mais completos (*Grande Enciclopédia* e na 5.^a ed. do de Cândido de Figueiredo, actualmente em publicação) não aparece.

A palavra significa *estribo* (de cavallo). Uma abonação: «Os estribos são como *arricáveis* de bestas do tempo antigo, porém de mais ferro...», Ant. Tenreiro, *Itinerário*, pp. 39-40.

O étimo está no árabe *الركاب* (*ar-rikāb*), estribo.

Desta palavra árabe formou-se, com a adjunção do sufixo *-eiro*, o port. *arricaveiro*. O autor desta doutrina foi Dozy (*Glossaire*, s. v. *arricaveiro*).

Devo, porém, dizer que a forma vulgar não é الركايبى (*ar-rikābī*), como o erudito holandês disse, mas a que dou mais acima para explicar a palavra que motivou esta nota.

* Arrincado

M. — No século XVI aparecia em bons escritores esta forma hoje popular: «Entenderam que isto eram balsas daquelle lastro de coral *arrincadas* com a força do impeto do mar...», Barros, *Décadas*, II, VIII, 1.

* Arrincar

M. — Nesta palavra pode dizer-se o mesmo que se disse na antecedente. Uma abonação: «Começaram sua obra *arrincando* as stacas pequenas», Barros, *Décadas*, III, v, 4.

Arriô, arriós, arrioz, arriol

V. — Na p. 93 ao declarar que «em vasconço *ezquer* < *escu*, «mão» e *oquer*», põe nesta última palavra a seguinte nota: «Todavia o Dr. Hugo Schuchardt é de opinião que o vasconço *ezquer* é conexo com o alemão *schel*¹ «vesgo», e portanto estranho ao vocabulário propriamente vasconso. V. *Nubisch und Baskisch*, in «Revue Internationale des Études Basques» (1912).

Na p. 94, nos exemplos da condensação do ditongo, acrescenta *arre(i)al*. O parêntesis fica, portanto, assim: «(cf. *rial*, *arre(i)al*, *arraial*)».

* Arriscamento

M. — Palavra ainda não registada nos dicionários. Vale o mesmo que *risco*: «... e em comprimento de noso mandado prosperaria todo priguo de sua pessoa e *arriscamento* de sua vida», *Almirantado*, p. 28 (ano de 1500).

* Arroído

M. — Em alguns autores quincentistas aparece a palavra *arruido* com esta grafia, que é errada.

¹ A forma mais vulgar no alemão é *scheel*. (J. P. M.).

*** Arroz**

M. — Esta palavra tinha antigamente como plural a forma *arrozés*: «...he tão agradável à sua vontade, como a chuva em tépo seco na lavoura de nossos *arrozés*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xv.

*** Arruado**

M. — Adjectivo já vulgar no séc. xvi: «(a cidade de Lara) he bem *arruada*», Tenreiro, *Itinerário*, cap. iii, p. 9; «Arvoredos de toda a sorte, como em Hespanha, tudo *arruado*, e posto ao cordel», idem, ibidem, cap. vi, p. 17; «E o mais desta cidade he bem *arruado*, e de suas largas...», idem, ibidem, cap. xi, p. 81.

*** Arruído**

M. — Alguns autores antigos escreviam erroneamente *arroido*: «...já por duas vezes o tinham tentado com *arroydo* feitiço...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xxxiv.

A grafia com *u* é a exacta, porque se trata da palavra *ruido* com *a*-prostético.

Arrunhar

M. — Uma abonação: «Rebateram toda a terra de cima do poço sobre o solhado, como que *arrunhavam* o poço», Barros, *Décadas*, II, 1, 6.

*** Artelheria**

M. — Forma antiga e popular de *artelharía*: «...e 1 libra e mea de polvora de *artelheria*...», *Cartas de Quitação*, doc. 16.

(Altesa), artesa, artesão

V. — Na nota acrescente: «V. *Revista Lusitan*, VIII, 97.»

*** Artilhado**

M. — O mesmo que *artelhado*. Já se empregava no século XVI: «O navio rume ya tam *artilhado*, que parecia levar em sy mais ferro que madeira», Barros, *Décadas*, II, VII, 5; «Tres navios bem *artilhados*, e providos», idem, ibidem, III, V, 4.

Arvoar

M. — Dêste verbo formou-se o adjectivo *arvoado*: «... parece que por não dormirem tanto tempo, vinhão tão *arvoados* das cabeças que cahião no chão com hūs estremecimientos (*sic*) de maneira que por hũa grande hora não tornavão em sy», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXIV.

Êste passo parece-me excelente para justificar a significação dada por Gonçalves Viana ao verbo: *entontecer*.

*** Árvore sêca**

M. — Abonações quinhentistas: «pelo qual nos foy forçado alijar o convès, & corrêdo assi aquella noite a *arvore seca*, sem mostrar ao vento hum só palmo de vella, por serem insofriveis as refregas que a miude o tempo de sy lançava...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXIII; «... ficando a lanchara o *arvore seca*, sem masto, nê vellas, porque tudo o vento nos fez em pedaços...», idem, ibidem, cap. XXIII. Cf. ainda cap. LXII, LXXVIII, etc. «... saltandolhes logo ho vento ao sudueste arribará coele, & por ser muyto correrã *aruoreseca* ate o outro dia... durou vinte dias cõtinos cõ que a frota correo *aruoreseca*...», Castanheda, *História*, I, cap. XXXI.

Asada, asado

V. — Acrescenta «, e em texto mais antigo, na Visão de Tündalo: — «E aquela bêsta (h)avia dous pees e duas aas muyto grandes» — ¹».

¹ In *Revista Lusitana*, III, 108.»

* **Ascordar**

M. — O Dr. Leite de Vasconcelos (*De Terra em Terra*, I, p. 17) abona o vocábulo e di-lo da região do Soajo.

Aselha

M. — Esta palavra também se emprega na linguagem familiar na acepção de *palerma*, *imbecil*.

* **Asfalto**

M. — Êste vocábulo pode ser abonado já em textos quinhestistas: «Chama-se lago de Asphalto, que quer dizer betume, porque cada dous annos lança de si grande quantidade de betume, a que chamão pez Arabico...», Pantaleão de Aveiro, *Itinerário*, cap. LXVII.

* **Asselado**

M. — Mais um passo abonatório do emprêgo desta palavra na acepção de *selado*: «esta nosa carta per nos asynada e *asellada* de noso sseello pemente», *Almirantado*, doc. 30.

* **Asselar**

M. — Êste verbo pode ter duas acepções: «O mesmo que *selar*: confirmar, validar» e «curvar, deprimir à maneira de sela».

No séc. XVI era vulgar no sentido de «ter a certeza, ficar certo, confirmar».

«qué bẽ ama tudo soffre
 não no faz mudado nada
 mandou me dizer que *asselle*,
 que ja contra mi se agasta,»

Policiano, vv. 479-482.

«& vossa merce *asele*
 que qualquer segredo nele
 he como hũa pedra en poço.»

Camões, *Filodemo*, vv. 655-657.

«Pois, senhor, isso *asselle*,
Porque a pena que sabeis,
Que eu cuido que està nelle,
Darlhe ha penas crueis...»

Idem, *Seleuco*, vv. 510-513.

«Sabeis, senhor, que eu *assello*?», Gil Vicente, *Nau d'Amores*, p. 316.

* Assinado

M. — Este adjectivo também se empregava com o sentido de *designado, indicado*: «Passados os seis dias que lhe forão *assinados*, em que não provou contra nós cousa alguma...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. CI.

No texto de Tenreiro também aparece, mas aí significa *marcado*: «Neste tempo, que vay crescendo o rio, se sabe por hũa colúna de pedra, que está posta em hum edificio como cáes, metido hum espaço pequeno dentro do rio, em que estão *assinadas* pollegadas, palmos e medidas», *Itinerário*, p. 89.

* Assolto

M. — Uma abonação desta palavra: «... mando que estes nove estrangeyros sejam *assoltos* de tudo o que contra elles requereo o Continão Prometor da justiça sem lhes dar castigo nenhũ de pena crime...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. CIII (p. 32-33 do vol. 4.^o).

* Assombrar

M. — Este verbo julgo que ainda não foi registado na acepção de *surpreender, assustar*. Uma abonação: «... sem fallarem palavra nos *assombraram* com doze pilouros...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. III.

* **Assopta**

M. — Significará esta palavra *sôpro*? Ocorre, pelo menos, neste passo: «He dar *assoptas* á flama», *Policiana*, v. 525.

Assorear, assoreamento

V. — Depois de citar o passo da *Portugalia* acrescenta outro: «O assoreamento que foi sepultando nas areias as vilas rurais romanas» —. A nota passa a englobar as indicações dos dois passos e fica assim: «*Portugalia*, I, p. 609; II, 399.»

No fim acrescenta: «Portanto, a escrita com *i*, que se vê no seguinte passo, não tem fundamento: — «o assoriamento completo do estuario —¹»

* **Astea**

M. — Aparece em Mendes Pinto. É má grafia da palavra *hastea*, forma ainda hoje popular de *haste*: «... cõ sombreiros de citim cramesim nas mãos a modo de esparaveis postas em *asteas* muyto compridas...», *Peregrinação*, cap. CVI.

* **Atabafado**

M. — Esta palavra era já conhecida no séc. XVI: «... âtes que ho vissem ho mandou emburilhar em hũa mãta dum remeiro: & assi ficou sua morte *atabafada*, que a não souberão mais que algûs que ali estavam...», Castanheda, *História*, v, cap. LXXV. Neste passo dá-nos o sentido figurado: encoberto, escondido, oculto.

* **Atabão**

M. — Também se diz *atavão* e *tavão*. É um moscardo. Passos abonatórios: «Aly nos agasalhamos aquella noite medidos na agoa até o pescoço, & a passamos com assaz de tormento & trabalho, por parte dos *atabões*, & mosquitos do mato que nos atanazavão de tal maneyra que não avia nenhum de nos que não estivesse

¹ *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, xxv série, p. 99.»

banhado em sangue», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXIII: «... a ferida cheya de agua salgada, & muito mordida dos atabões, & mosquitos...», idem, ibidem, mesmo capítulo.

* Atabaqueiro

M. — Também se diz *atabaqueiro*. É o tangedor de *atabaque*. Um passo abonatório: «A cada porta hum terreyro / cada aldea dez folias / cada casa *atabaqueyro*», G. Vicente, *Triunfo do Inverno*, vol. 6-8.

(A)tabefe

M. — O étimo está no árabe الطيب (at-tabīḥ), o que está cozido.

Na verdade verifica-se muitas vezes a aférese do *a-* inicial, representante do artigo arábico.

* Atagantar

M. — «Traz Cardoso no seu Diccionario, dá-lhe elle em latim a significação de *obtundo* e *fatigo*», Francisco José Freire, *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, III, p. 18.

* Atás

M. — Esta preposição que se empregava na mesma acepção que *até*, ainda aparece em textos quincentistas onde se procura reproduzir a linguagem popular de então: «E s'ella não parecer / *Atás* per noite fechada...», Gil Vicente, *Mofina Mendes*, I, p. 109.

* Atassalhar

M. — Como se sabe este verbo significa *fazer em tassalhos, em postas; rasgar; retalhar; desacreditar, difamar*. É já documentável o seu emprêgo no século XVI: «A pé quedo se deixavam *atassalhar*», Barros, *Décadas*, III, v, 9.

* Atauiado

M. — Este adj. já se empregava no séc. XVI: «... sessenta alabardeyros com panouras & alabardas *atauiadas* de ouro...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LVXIII.

* **Atazanar, atazanar**

V. — No fim do primeiro período acrescenta: «O Conde de Mon-saraz usou a forma *atanazar*, «e o diabo a rechupar e atazanar o homem¹». Mas Esculápio, pseudónimo de um conhecido e engraçado poeta contemporaneo emprega a forma popular:

Sapateiro remendão,
Que nesse sapato fino
Deitas cosido tacão,
Aqui tens um paladino
A atazanar o patrão².

«Este verbo vem apontado no Vocabulário pelo sr. Araújo e Melo coligido, com o título da linguagem dos arredores do Pôrto, nos *Anais do Notariado Português* (vol. XXXVI, p. 62, 1912)».

M. — A forma *atanazar* ocorre em Mendes Pinto: «... mosquitos do mato que nos *atanazavão* de tal maneyra que não avia nenhum de nos que não estivesse banhado em sangue», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXIII.

* **Atochado, atochar**

M. — Apertado. Muito cheio. Os quinhentistas já empregavam este vocábulo: «Voltou, mas nunca pode romper pelos trazeiros, por virem tam *atochados*, que se nam podiam revolver», Barros, *Décadas*, II, IV, 1.

Atochar, como é natural, significava *encher*, *atulhar*: «Eram tantos huns sobre outros, que *atocharam* a ponte», idem, ibidem, II, IV, 4.

* **Atulhado**

M. — Já aparece em textos do século XVI: «E além destas tres cabeças ficava a gente da terra, de que a Cidade estava *atulhada*», Barros, *Décadas*, III, IV, 9.

¹ A Cruz de Trovisco, in *Musa Alentejana*.

² O Século, de 1 de Maio de 1910.

* **Atupir, atopir**

V. — «Diz-se de uma cova, vala, buraco ou vão, que é preciso *encher, cobrir* (no concelho de Baião). — Note-se que o povo diz *atope-se*, e não *atupe-se*¹». «V. *entupir* e *tupir*».

* **Aução**

M. — Mais um passo abonatório desta palavra, que se empregava ainda no século XVI, no sentido de *acção, poder, força*: «... desta maneyra lhe ficava a elle *aução* & justiça contra o Rey do Achem...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXI.

* **Ausa**

M. — Vocábulo ainda não registado. Não sei ao certo o que significa. Será *perdão*?

Ocorre neste passo: «Como elrey vio da maneyra que os seus vinhão começou de dizer que os seus traydores, e que elle viria os que com elle hirião, e avyão de morrer pedido (*sic*) *ausa* da morte segundo ho tem de costume...», *Crónica dos Reis de Bisnaga*, p. 36.

* **Ausaluto**

M. — A-pesar do seu aspecto arcaico, esta palavra ainda é abonável num documento datado de 1500: «e por lhe fazermos graça e mercee de noso moto proprio livre vomtade certa ciemcia poder Reall e *ausaluto* ssem nollo elle pedir...», *Almirantado*, p. 28.

* **Aūstar**

M. — Fernão Mendes Pinto empregou este vocábulo que julgo mal definido por Cândido de Figueiredo.

Não tenho dúvidas de o derivar de *aūste*.

Esta última palavra é abonável neste passo: «... & quando a perdessem que se marcassem pela agulha: & logo se meterã todos

¹ Carta do sr. Álvaro de Azeredo, natural de Baião, datada de 14 de Março de 1907.»

ao cabrestante, & muy asinha meterão dêtro todo ho *auste*, & metêdo ho se fizerão à vela seguindo a via que estaua demarcada...», Castanheda, *História*, II, cap. CXVI.

Outro do mesmo autor: «... onde as agoas corrê tanto que em deitando ancora acêdeo ho *auste* fogo no escouem...», *História*, V, cap. XII, p. 140.

O sentido, como se conclue, é amarra da âncora, cabo.

De *auste* derivam *aüstar*: «... hum escarceo taõ alto de vagas taõ grossas, que com quanto se buscaraõ todos os meynos possiveis para nos salvarmos, com cortar mastos, desfazer chapiteos & obras mortas de popa & de proa, alijar o convês, guarnecer bõbas de novo, baldear fazêndas ao mar, & *ahustar* calabretes & viradores para talingar em outras ancoras com a artilharia grossa que se desencarretara dos repairos em que estava...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LIII.

Melhor do que «amarrar, atar, atracar por meio de *auste* ou cabo semelhante», parece-me que êste verbo, pelo menos no passo que acabo de transcrever, significa «reforçar as amarras».

Avelar, avela

V. — Depois de abonar *avelar*, acrescenta: «Por informação do sr. J. Leite de Vasconcelos sei que na Beira-Alta se pronuncia *avêlâr*, e não *avêlâr*¹.»

D. — «O Novo Dicionário inclui o vocábulo *avela* como usado na Índia, com o significado de arroz torrado.»

«*Avel* ou *avela*, ou *avêla* (ant.), do dravídico *aval* (em malaiala também *avil*), é «arroz em casea mal cozido, ligeiramente torrado e depois pilado e achatado no gral.» Era muito usado como mantimento nas nossas armadas do Oriente².

«¹ Bilhete de junho de 1907.»

«² 1554 — E a Renda das pescoas que fazem *avel* e vendem, paguão tres *fedasas*.» — Simão Botelho, Tombo, p. 156.

«1600 — «Chamam *avella* aos grãos de arroz nam cozidos, mas maal torrados ao fogo.» — P. João Lucena, *História*, VII, cap. 24.

«1615 — Uma especie de arroz cosido e depois secco, que se guarda por dous ou tres annos, e do qual fazem grande provimento em todos os navios da

«Arroz descascado e depois torrado é conhecido por *chirbuliôs*, *chirmulyô* em concani⁴.

«No aludido dicionário o vocábulo *avel* ou *avela* está figurado paroxítono e proparoxítono, não sei se com fundamento no uso ou na etimologia, ou na analogia com *ávila*. De entre as minhas fontes só Diogo do Couto acentua *ávila*². Na Índia todos dizem *arél* ou *avêla*; a geminação de *l*, que ocorre em algumas das abonações antigas, pode ser indicio de idêntica pronunciação.»

* Avesseiro, abesseiro

V. — «Em Baião é empregado (êste termo) como qualificativo de terra, campo, horta, etc. que são sombrios, úmidos, onde não entra o sol³.»

«É o latim *adversarium* (*locum*). Também se diz *baleeiro*.

«As formas *abeseiro* e *abicheiro* (?) parecem provir de *adversarium*⁴.»

India, servindo-se delle como nós do biscoito... E chamam a este *Avel*.» — Pyrard de Laval, *Viagem*, I, p. 230.

«1619 — «Os que pilam *avela* paga cada hû de direitos hû barganin e quatro leaes.» — *Regimento do Vedor Nuno Vaz*.

«1852 — «*Avel* — Arroz, que depois de mal cozido se enxuga ao lume, e se bate no gral, ou Vana de madeira.» — F. N. Xavier, *Bosquejo Historico das Comunidades*, IV, p. 8.

«1886 — «Vão... offerecer no altar da Sé em Goa Velha, e em seguida ao governador e outras auctoridades, o arroz novo o *avel*, isto é, arroz pisado com assucar.» — Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, I, p. 46.»

«¹ 1788 — Por cada Panella em que se fazem *chirbuleos*, meio xerafim.» — F. N. Xavier, *Collecção de Bandos*, I, p. 45.

«1832 — «De Fabricas de *chirbuleos*, a 1 xerafim.» — *Ibid.*, p. 131.»

«² 1514 — «Por este vos mado que des (deis) para mantimêto dos alifantes que hora mando a Goa corenta e cinco paras darroz e onze paras *avilla* e qynze mãos de jagra.» — Afonso de Albuquerque, *Cartas*, VI, p. 21.

«1563 — «Coços e *avilla*, que he arroz molle pizado.» — Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 902.

«1514 — «Não leuaua outra cousa mais que *avilla*, que he arroz torrado, Banhas (côcos tenros), e cocos pera mantimento, e pera beberem.» — *Déc.* VII, III, 1.

«1578 — «... con el açucar dela misma Palma, llamado jagra, y con *Avilla*, que es hecha de arroz, cozido en agua, y despues picado y muy bien seco al Sol.» — Cristóvão da Costa, *Tractado*, p. 102.

«³ Carta do sr. Álvaro de Azeredo, de 14 de março de 1907.»

«⁴ V. *Correio do Norte*, de 21 de março de 1909, em que Júlio Moreira impugna êste último étimo, com pouco fundamento, a meu ver.»

* **Avorrecido**

M. — Também existia êste adjectivo que os dicionários ainda não registaram: «E para que acabes de entender quão vil & baixa he a triste & *avorrecida* pobreza...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXII.

* **Azar**

M. — Como se sabe, esta palavra também designava uma moeda asiática. Diz a *Enciclopédia* «que valeria dois xerafins». Segundo o Conde de Ficalho (*Colóquios*, de Garcia da Orta, II, p. 45), em Ormuz equivalia a meio pardan.

Azeite, azeitona, azeitoneira

M. — Os étimos apresentados parecem-me bem. Devia-se talvez falar ainda em *azeitão*, que tem a sua origem no árabe الزيتون (*az-zeitūne*), olival. *Azeitona* não é mais, pois, do que o nome de unidade dêste vocábulo.

Quanto a *azambujo*, *zambujo*, Dozy tem razão: a palavra que lhes deu origem não é arábica, mas sim berbere.

Veja-se a propósito o que escrevi nos meus *Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*, s. v. *azambujo*.

Azinhaga

M. — O étimo proposto por Gonçalves Viana é sedutor: de *azinho* + *-aga*, sufixo vasconço formador de colectivos. O étimo arábico oferece algumas dificuldades fonéticas que não se transpõem facilmente.

O étimo arábico que se costuma dar para esta palavra é a forma ocidental الزنيقة (*az-zunaiqa*), correspondente ao oriental زناقة (*zanaqa*), rua estreita.

Por aqui se verifica que o autor das *Apostilas* não foi muito exacto na sua doutrina.

Uma abonação quinhentista: «... tanto que me vio se meteo por hũa *azinhaga* que aly fazia o mato, & á entrada della me esteve esperando», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. cxvi.

* Azoiano

M. — Esta palavra ainda não está registada nos dicionários. Emprega-se como adjectivo e como substantivo para designar o que diz respeito, o que é próprio ou aquele que é natural duma vila chamada Azoia.

No *Diário de Noticias*, de 22 de Dezembro de 1936, vem a noticia necrológica dum individuo do Barreiro com êste apelido.

* Azuago

M. — Como se sabe, com esta palavra designavam-se os individuos pertencentes às tribus berberes da Grande Cabília.

Aquilino Ribeiro empregou recentemente esta palavra: «teve ainda alma de arrancar o alfanje das mãos dum *azuago* e embañar-lho no ventre», *Aventura maravi!*, de D. Sebast., pp. 11-12.

* Azurrar

M. — As sátiras parvas de certos pseudo-censores immortalizaram (digamos assim) esta palavra pelo facto do primeiro tomo do *Dicionário* da Academia das Ciências de Lisboa, publicado em 1793, ter ficado nela.

Devo dizer em abôno da verdade que não conheço nenhuma obra de complemento ou correcção àquele dicionário, com que qualquer dos críticos pudesse justificar inteligentemente as suas palavras.

Só tenho a lastimar que nesse número esteja o nome de Alexandre Herculano, mas isso de maneira alguma pode invalidar o que mais acima digo.

Esta palavra é já abonável em textos quinhentistas: «... por me desfadear / farey os asnos *azurrar* / e cantar os rousinoes...», Gil Vicente, *Auto da Lusitânia*, fl. 242 v.¹; «Ha tâbê hũas aues

¹ É curioso que na edição de 1852 (p. 281) vem *zurrrar*.

a que chamão sotilicayros que sam tamanhas como patos & voão porque não tẽ penas nas asas & *azurrão* como asnos», Castanheda, *História*, I, cap. III.

Babaré

D. — «O Novo Dicionário consigna esta palavra como desusada, com a significação de «rebate, aviso de que há ladrões na vizinhança.»

«*Babaré*, *babaréu* (p. us.⁴) é termo corrente em indo-português, do qual passou à África Oriental, no sentido de «rebate, alarme», equivalente à *cucuiada* do Malabar. *Dar babaré* é «dar rebate, pedir socorro». É costume em várias partes da Índia, quando uma pessoa se acha em grave perigo ou aflição, gritar em voz continua, batendo ao mesmo tempo na bôca com a palma da mão direita. A este acto se chama *bób* em concani e *bomb* em marata. A exclamação que de ordinário se repete é *bābā-rê!* em concani, *bap-rê!* em indostano: vocativo singular de *bāb* ou *bāp*, «pai». *Babaré* corresponde, portanto, às frases portuguesas: «aqui del-rei!», «ó da guarda!». *Babaré*, em sentido figurado, é «alarido, gritaria». Conforme Bluteau, a expressão era usada no seu tempo em Portugal².»

Babiruca, babirussa

D. — «A palavra é malaia, composta de *bábi*, «porco», e *rusa* (pron. «rúça»), «veado». Poderia também escrever-se em português com ss. *babirussa*.»

«É um animal singular, que se encontra em Celebes e algumas outras partes do Arquipélago Malaio, e que, pelos testemunhos de Plínio e de Cosmas Indopleutes (que até diz ter comido sua carne), teria existido antigamente na Índia. Pertence ao género do javali,

«¹ Morais considera *babare* e *babaréu* vocábulos diferentes, e Vieira liga *babaréu* ao francês *bavarderie*. Bluteau reputa-os, com razão, sinónimos.»

«² 1727 — «*Babaré* ou *babaréu* he palavra de Goa, e suas vizinhanças, e val omesmo que gritar à que delRey... e daquella origem veyo a ser em Portugal applicado o *Babaré* em sentido semelhaute ao da India, mas entre nós he termo baixo.» — Bluteau, *Supplemento*.

«1886 — «As mulheres da casa e da vizinhança, que são convidadas para fazer *babaré* — carpir — estão lamentando em altos gritos o passamento.» — Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, I, p. 265.»

mas tem galhos como o veado — *Sus babirussa*, Linn., *Babirussa alfurus*, Cuvier¹. V. *Glossário Anglo-indiano*.»

Bacalhau, bacalhaus, bacalhoeiro, bacalhoa, badejo

V. — Na p. 114, depois de dizer que «não há remédio senão contentarmo-nos por enquanto com o étimo *baccalaureus*, há trinta anos proposto, como disse», acrescenta:

«Todavia C. C. Uhlenbeck propõe que o castelhano *bacallao*, ou *bacalao*, derive imediatamente do vasconço *bacallao* ou *kaballao*², mas van Eys dá-o como vocábulo estrangeiro.»

Na p. 115, depois de dizer que *bacalhau* pode ainda significar «cadeiras de pinho (chamadas de bacalhau)» acrescenta:

«Outra ainda é o nome do que no *capote de honras*, de Miranda, se chama também *honra*, isto é, uma tira larga, pendente pelas costas abaixo e muito guarnecida, cujo desenho se pode ver na *Revista Portugalia*, vol. II, pág. 364.»

* Báculo

M. — Na *Enciclopédia* diz-se que esta palavra é «o mesmo que *bácoro*» e vem abonada com um passo da *Eufrosina*. Acrescente-se que nesta mesma acepção ainda hoje se emprega, pelo menos em Olalhas (Tomar).

Bacia, bacio, bátega

D. — «Acepções destas duas formas, hoje desusadas, são as seguintes: bacia, prato grande e largo de metal, que se tanje com uma vaqueta, e supre o sino, entre vários povos da Ásia.»

»¹ 1658 — «Quadrupes hoc inusitatae figurae monstruosis bestiis ascribunt Indi, quod adversae speciei animalibus, Porco scilicet et Cervo, pronatum putent... ita ut primo intuitu quatur cornibus juxta se positis videatur armatum hoc animal *Baby-Roussa*». — G. Piso, em apêndice a Bóncio.»

»² *Revue des Études Basques*, t. III (1909), p. 465-503 e t. IV (1910), p. 65-120.»

«Neste sentido *bacia* é ainda hoje corrente em Macau: «Em macaista chama-se á batega *bacia* e ao tocar batega *bater bacia*». *Ta-ssi-yang-kuó* (1900), I, II, 11¹.»

«É o que hoje indevidamente chamamos tantã, que na Índia significa «tambor».

«Efectivamente, o termo é onomatopaico na Índia e quer dizer «tambor, atabale»: concani-marata *tam' tam'*, bengali *tan' tan'*, singalês *tamattama*, malaio *tongtong*. O inglês *tontom* usá-se nesta acepção². Mas em Portugal foi o termo importado do francês, assim na escrita, como no significado. Os franceses trouxeram-no do Oriente e empregaram-no erroneamente, como nota Littré no *Suplemento*, por *gong*: *bacia* ou *bátega* dos nossos escritores antigos³.»

«O verdadeiro nome da *bacia* de arame que se tanje com *vaqueta* é *gom*.»

«Encontra-se a palavra *gong* ou *agong* em todos os idiomas do Arquipélago Malaio, mas Crawford considera-o originário do javanês⁴. Na China chamam-lhe *lô*⁵.»

¹ 1514 — «... tres trombetas e tres tabaques e dous sestros e duas *bacys*.» — Afonso de Albuquerque, *Cartas*, VI, p. 165.

² 1553 — «Mandou *Lacsamaná* [almirante na Malásia] tanger todos os seus sinos, que são de metal ao modo de *bacias* grandes, e delles taes, que o seu *tam* quando são muitos em húa frota se ouue no mar húa leguaa.» — João de Barros, *Déc.*, II, IX, 2.»

³ 1860 — «... those most frequently alluded to in their chronicles are drums, resembling the *tontoms* used the temples to the present day.» — Emerson Tennent, *Ceylon*, I, p. 470.»

⁴ Le *tam-tam* ou *gong* est un instrument à percussion, originaire de l'extrême Orient, formé d'une plaque de bronze circulaire.» — *La Grande Encyclopédie*.

⁵ 1898 — «Quando ao toque do *tantan*, como nas magicas, entravam no refeitório os 12 creados hindustanicos, nos seus alvos e compridos *duglas* (cobaíias). . . .» — Oliveira Mascarenhas, *Atravez dos Mares*, p. 16.»

⁶ 1898 — «À entrada vê-se tambem um enorme tambor ou *gong*, onde qualquer pessoa pode bater quando urgentemente quer pedir justiça.» — Joaquim Calado Crespo, *Cousas da China*, p. 25.

⁷ 1908 — «... no estugido metallico dos *gong* e o ritmo secco dos tangeres.» — Alberto O. de Castro, *Flores de Coral*, p. 218.»

⁸ 1868 — «O posta (postilhão) toca forte, e animadamente em húa *bacia*, a que o China chama *Lo*, que leva pendurado ao hombro.» — Frei Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 167.»

«Outro nome português do mesmo instrumento é bâtega... É este que deveria substituir o erróneo tantã.»

«Na acepção de «bacia de metal», rasa para tanger, côva para nele comer, *bâtega* ou *bátiga* vigora entre os portugueses no Oriente¹, e em ázio-português com os sentidos adicionais de «bandeja e escudela de latão» e nas formas de *bática* ou *bátic*². Dá-se geralmente por étimo o ar. *bātya*; mas Dozy observa que a inserção de *g* é singular e a etimologia está longe de ser certa. Seria conveniente saber se a palavra era conhecida em Portugal antes do descobrimento da Índia. Alguns dos nossos indianistas interpretam o termo por «bacio»³. Viterbo menciona, como um dos étimos possíveis, «*batica*, que na India he o nome, que se dá á bacia». O vocábulo mais aproximado que encontro nas línguas indianas e na persiana é o arábico *tabac*, «prato, salva»; mas a sua equação fonética implicaria a transposição das sílabas. V. Fr. João de Sousa (*Vestígios*) e *Influência*.

Bategaria é «multidão de bâtegas»⁴. *Bategada* tem dois sentidos:

¹ 1882 — «Avultam as variadas especies de bandejas usadas no paiz (Siame), e caixas para *bethel*; *bategas*, *bules*, etc.» — Henrique Prestes, *Bol. S. G. L.*, iv, p. 399.

«1883 — «A grande *batega* ou *tam-tam*, pende de um lado do tecto, enquanto de outro está situada uma *sineta*». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, i, p. 362.

«1886 — «A frente dos conductores collocam-se os caçadores e *bazantery*s (músicos) tocando *xinga* (instrumento da feição de chifre), *bategas* de cobre...» — Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, ii, p. 51.

«1908 — «Leva o resto do preço n'uma *batega* de latão ou cobre». — Alberto de Castro, *Flores de Coral*, p. 176.»

² 1727 — «*Batica*. He o nome, que na India se dá á Bacia. Huma *batica* de prata, de cobre, etc.» — Bluteau, *Supplemento*.»

³ 1535 — «As quaes (iguarias) vem em hûas *bategas* que são bacias douras». — *Chronica de Bismaga*, p. 70.

«1546 — 3 *Bategas* de Diu, 2 douradas. 1 *Batega* fechada grande, com 12 *bategas* pequenas de pau dentro, aqui da terra». — *Espolio de Balthazar Jorge*, in *Bol. S. G. L.*, iv, p. 290.

«1618 — «*Bategas* de latão, que são bacias, cheyos de arroz cozido». — Francisco de Andrade, *Chron. de D. João III*, iii, cap. 24.

«1615 — «De bordo dos navios com tambores, *bategas*, e caldeiras, fizeram tão grande barulho, que os afugentaram». — Pyrard de Laval, *Viagem*, i, p. 272.»

⁴ 1569 — «Vsam de infinidade de vasilhas de latão, e da China se enche toda a Jaca e Siam destas vasilhas a que na India chamam *Bategaria*, e sam em cada especie muy perfeitas». — Frei Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 11.»

«báttega cheia», e «pancada na báttega» com uma vaqueta, a modo de badalada, como sinal ou como salva¹.»

M. — A admitir o étimo proposto por G. Viana (lat. da deca-dência *bassinum*) era difícil explicar a mudança que se observou cêdo dos *ss* em *c*. Note-se ainda que essa palavra não ocorre em nenhum texto (pelo menos que eu conheça) que semânticamente possa explicar a portuguesa.

Tudo isto me leva a não aceitar a etimologia proposta de G. Viana.

Posteriormente Meyer-Lübke (REW, 866) apresentou o catalão *baci* (do lat. *baccinu*).

Esta explicação já me parece mais aceitável, e aceitava-a mesmo se eu não encontrasse em Gaffiot (*Dict. Hist. Latin-Français*) a indicação de que em Santo Isidoro de Sevilha (*Origens*, 20, 5, 4) aparece a forma *baccia* ou *bachña* que primitivamente significava *vaso de vinho* e depois tornou-se vulgar na acepção de *recipiente para água*.

Báttega tem sido explicada pelo árabe باطية (*bāfīa*). Julgo esta etimologia pouco satisfatória. O aparecimento do *-g-* da forma portuguesa é uma dificuldade. Uma abonação: «... ygoarias, as quoaes vem em hũas *bategas* que são bacias douro...», *Crón. dos Reis de Bisnaga*, p. 70.

Bádur, badur

D. — «O Nôvo Diccionário dá este vocábulo com a significação de — «chefe de algum districto, dependente do Estado da Índia portuguesa» —, escreve-o porém Badhur.»

«A Índia Portuguesa nunca teve *badures* dependentes. Os nossos escritores mencionam em especial um soberano de Cambaia com esse nome, o qual foi morto pelos portugueses. *Bahādur* (em persa, de origem mongólica, composto de *bahā*, «valor», e *dur*, «pérola») era o título que alguns reis muçulmanos tomavam para si e também conferiam a seus súbditos conspícuos, com o sentido de «valente, herói». O governador Francisco da Cunha e Meneses recebeu-o do Grão Mogol Xá Alama, por seu formão de 10 de Outubro de 1791.

¹ «De sete *bategadas* quer dizer que tinha direito a ser annuciado com sete pancadas de *batega* ou *tam-tam* chinês nas suas visitas officiaes ou quando em passeio». — *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 11.»

Há na Índia Britânica uma ordem militar para os naturais com a denominação de *bahadur*.

«Quanto à ortografia: Simão Botelho (*Tombo*, p. 134) tem *bador*; Lopo de Sousa Coutinho (*Historia*, p. 19), *badur*; Garcia da Orta (Col. x), *bhadur*; Francisco de Andrada (*O Primeiro Cerco*, I, 7), *baudur*; Filipe Néri Xavier (*Collecção de Bandos*, Apêndice II, p. 64) e F. X. Ernesto Fernandes (*Índia Portuguesa*, p. 157), *bahador*; Herculano de Moura (*O Oriente Português*, II, p. 530), *bahadur*.»

M. — Este título ainda hoje é vulgar na Índia.

A-propósito da significação: «*Badur* na lingua Guzarate quer dizer cavalleiro», Couto, *Década*, IV, liv. IX, cap. v.

Bafo, bafejar, abafar, bafo

D. — «*Êstes vocábulos são entre si indubitavelmente aparentados, e para o primeiro deles existe em castelhano a forma vaho.*»

«Quási todas as línguas indo-árícas tem *bāph* ou *bāp*, com idêntico sentido, mas com mais probabilidade derivado do sânsc. *vaspa* ou *baspa*, «lágrimas, vapor». Cf. lat. *vapor* e vid. *Influência*.»

M. — Uma abonação da primeira destas palavras, onde se pode verificar que no séc. XVI já se empregava com o significado de *respiração*: «... cobras de capello, & outras... tão peçonhentas que co *bafo* somente matão», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXIII.

Ligadas ao mesmo radical temos ainda, entre outras, estas palavras:

Bafagem («uma *bafagem* tépida vem das bandas do mar», Herculano, *Lendas e Narrativas*, II, p. 106) e *bafugem* («para dahy cõ as primeyras bafugês da monção fazerem sua viagem», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LIII).

Ambas significam *aragem*.

Baforeira, bêvera, abeberar

V. — Em (*a*)*beberar* põe esta nota: «*Gazeta das Aldeias*, de 18 de outubro de 1908.» Acrescenta ao artigo: «É erro manifesto, em vez de *abeberar*, a forma popular *aboborar*, que vemos no trecho

seguinte: — o pão põe-se a aboborar no leite.» Êste passo vem remetido para a nota acima transcrita.

Baga, bagada, bágoa, bago

V. — Depois da frase «*bago* deve ai estar por *báculo*» acrescenta: «, como no seguinte texto de xiv século: — E tynham baagos [*sic, id est* bagoos] douro em duas maons —¹. Camões também o usou:

Mas olha um eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro².»

* Bahar

M. — Cf. *bar*.

* Baile, bailadeira

V. — «No sentido de «auto representado nas aldeias», v. *reiseiro*. V. p. 541.»

Na p. 541 acrescenta o seguinte ao artigo *bailadeira*:

«Em nota à tradução de um conto, cuja acção se passa na Índia, publicada na *Gazeta das Aldeias*³, põe-se em dúvida que o francês *bayadère*, ali erroneamente aportuguesado em *bayadeira*, seja o português *bailadeira*. A citação que aqui fazemos do Padre Manuel Barradas prova que não há razão para a dúvida. Por outra parte, diz-se ali também que o nome sanscritico *Devadasi* se não encontra nos dicionários, e que é o correspondente daquele. Encontra-se em todos os dicionários daquela lingua, por exemplo, no de Monier Williams⁴, que é o que possuo, lê-se ai: «Deva dāsa as m. a servant of a God or of the gods (especially slaves or servants who serve in a temple or Buddhist monastheys». — Ora *devadasi* é o feminino de *devadasa* [pr. *dēvadāṣa*, *dēvadaci*). Mas sem ir tam longe, encontra-se na obra capital de Yule & Burnell, *A Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words, and phrases and of Kindred terms*, Londres, 1886, na ordem alfabética competente (p. 237,

¹ Visão de Tündalo, in *Revista Lusitana*, III, 118.»

² *Lusiadas*, VIII, 23. Refere-se ao bispo Martins López, que nomeia no principio da estança.»

³ «De 3 de novembro de 1907.»

⁴ «*A Sanskrit-English Dictionary*, Oxónia, 1872, p. 431, col. 1, p. 52.»

cap. II) por estas palavras: — «*Dera-dāsī*, s. i. e. (Hind.) Slave girl of the gods; the official name of the poor girls who devoted to dancing and prostitution in the idol-temples, of the Southern India especially.» — Todo o artigo merece leitura, e contém as abonações do termo; nele se faz referência a outro — *Dancing-girls*, no qual se diz: — «This, or among the older Anglo-Indians *Dancing-wench* was the representative of the (Portuguese bailadeira) *Bayadère* or the *Nautech-girl*, also *Cunchunee*.» — As abonações inglesas são oito de 1673 a 1843, uma holandesa, em que se denominam prostitutas (*hoesen*), e referência a Gouveia (A. de) formada do Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes... quando foi as terras de Malabar, 1666). A forma *Cuncunee* é em português concani.

«Vê-se pois claramente a superficialidade da nota, que ninguém pedira ao tradutor, e que só lá pôs para fazer alardo de erudição que não possui.»

D. — Referindo-se ao texto das *Palestras Filológicas* (p. 22 e seg.):

«*Já houve entre nós quem pusesse em dúvida que a palavra francesa bayadère proviesse da portuguesa bailadeira.*»

«Que admiração, se a literatura francesa está mais ao nosso alcance do que a portuguesa antiga? Supor que os franceses, ingleses ou espanhóis tenham recebido de nós alguma palavra repugna à nossa modéstia, e sobretudo a certa ilustração da actualidade, habituada a macaquear, não obstante as autoridades em contrário de Littré, Delatre, Yule e outros filólogos, e de tantos viajantes estrangeiros, antigos e modernos.

«Também houve quem fosse mendigar às línguas estrangeiras a etimologia de *catre*, *cassa*, *saraça*, e doutros vocábulos semelhantes, e não faltará quem derive, com copiosa erudição, de qualquer idioma europeu a palavra *casta*, no seu sentido técnico.»

«*Advertirei unicamente que este último [bayadère] é provável que assente na pronúncia vulgar balhadeira, e não na culta bailadeira.*»

«O termo figura na literatura portuguesa, na sua significação indiana, desde 1525, em ambas as formas: — **balhadeira**: *Chronica de Bisnaga* (1525, p. 100), *Primor e Honra da vida soldadesca* (1577, fl. 9), *Cartas Régias* (1709 e 1729, in *Archivo*, Suppl. II,

pp. 217 e 312); — **bailadeira**: *Foral*, de D. João III (1526, in *Archivo*, v, p. 132), Gaspar Correia (1563, II, pp. 77 e 363), Terceiro Concílio de Goa (1585, in *Archivo*, IV, p. 139), Frei António de Gouveia (1603, *Jornada*, fl. 39), P. Manuel Barradas (1613, *Hist. Tragico-maritima*, II, p. 107), P. Francisco de Sousa (1697, *Oriente Conquistado*, II, I, 1), José Inácio de Andrade (1825), etc. Tavernier (1676, *Voyages*, III, p. 250) e Raynal (1770, *Histoire*, II, p. 18)¹ escrevem em francês *baladines* e *balliaderes*.

M. — Lokotsch (art. N.º 1530) dá o industâni *nāch*, *dansar* (do sânscrito *nrtya*, *dansa*, em prácrito *nachcha*), como a origem do anglo-indiano *nautch*, do inglês *nautch-girl* (dançarina) e do alemão *Natsch*.

Acrescenta que na Europa as dansarinas com esta designação chamam-se ordinariamente «*Bajaderen* [aus pg. *bailadera* «Tänzerin»].

Bailique, bailéu

M. — A-propósito de *bailéu*, q. v. o que escreveu posteriormente M. Sebastião Rodolfo Dalgado a este propósito na *Revista de Língua Portuguesa*, 1920 (N. 5, p. 68). Cf. ainda *Lusa*, 1918, II, p. 131. Abonações: «& erguendose do *baileu*, que era a tribuna em que estava assentado...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xv; «... na qual (armada) fez embarcar quinze mil homens, os doze mil de peleja, a que elles chamão de *baileu*, & os mais chuzma do remo...», idem, ibidem, cap. XXXII; «... sayrão de dentro do rio dous juncos muyto grandes, forçados de *baileus* postiços de popas & proas», idem, ibidem, cap. XXXXVI.

Na verdade também não conheço na palavra *bailo* um sentido que possa satisfazer a opinião que pretende derivar *bailique* e *bailéu* dela.

Apenas a conheço na acepção com que aparece s. v. *balhão*.

Também havia *sobrebaileu*: «... lorchas com duas ordês de paveses por banda, com seus bailens de popa & de proa, & outros *sobrebaileus* levadiços para se poderê armar nos tempos necessarios», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LVIII.

¹ «C'étoient les danseuses, ou *balliaderes*, nom que les Européens leur ont toujours donné d'après les Portugais.»

Balhão, bailão, bailadeira, balhadouro

M. — O verbo *bailar* e as palavras dele derivadas apresentam na pronúncia popular uma alteração perfeitamente normal: o grupo *-il-* passa a *lh*, conservando o *a* da primeira sílaba o seu timbre aberto, embora átono.

Não se julgue, porém, que isto é um fenómeno moderno. Como vamos verificar, data (pelo menos) do século XVI.

Ao lado de *baile* havia (e há) a variante *baïlo*: «... estava el Rey celebrando com grande aparato & pôpa funebre de tangeres, *baïlos*, gritas...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XIX.

Também havia as formas (hoje populares) *bailho* e *balho*: «... acabando o *bailho*, olhão pera hũu dos paynes omde estaa o fim daquelle *balho*...», *Crónica dos Reis de Bisnaga*, p. 122.

Daqui se derivaram as formas *bailhar* («... quoadando elle come *baylhão* lhes molheres diante...», *Crón. dos Reis de Bisnaga*, p. 85), *balhar* (*â*) («... aly se emsyna a quebrar de todo o corpo pera mais fremoso seu *balhar*...», idem, p. 122), *baïlhador* («... em cada painel estaa o fim de hũu *baïlhador*...», idem, p. 121), *baïlhadeira* («Elrey tem mais das suas portas pera dentro passante de quootro mil molheres... hũas são *baïlhadeiras*...», idem, p. 70), *balhadeira* («... e vem as *balhadeiras* a balhar...», idem, p. 120; «... são todas de molheres *balhadeiras*...», idem, p. 121). A-propósito desta última palavra q. v. *baile*, *baïlhadeira*.

Bainha: bainhar, abainhar, embainhar, vagem

V. — O título do artigo passa a ser: «*bainha*: *bainhar*, *abainhar*, *embainhar*, *vagem*; *bainha*, *bainilha*, *baunilha*.

No fim acrescenta:

«O nome *bainha* foi pelos portuguezes dado à *baunilha* como vemos em Dom Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino*, apar dos diminutivos *bainilha* e *bainica*, castellanos, derivados de *vaina*... *bainha*, que os espanhoïs lhe puseram, em razão de as odoríferas favas se acharem no arbusto encerradas em vagens. Frei José de Santa-Rita Durão empregou a denominação *bainilha*, em quatro sílabas, juntamente com os nomes *cacau* e *chocolate*, na estança 47 do VII canto do *Caramuru*:

— Nas preciosas árvores se conta
 O cacau, droga em Espanha tam comua;
 Pouco na altura mais que arbusto menta,
 E rende novo fruto em cada lua:
 A baunilha nos cipós desponta,
 Que tem no chocolate a parte sua;
 Nasce em *bainhas*, como paus de lacre
 De um suco oleoso, grato o cheiro, e ácre.»

**Bairro, bairrista, bairrismo; barro, barreira, barreiro,
 barroso, barrista**

D. — *O derivado bairrista tem também as duas acepções; na segunda significa o habitador do mesmo bairro.»*

«Na Índia diz-se *bairreiro* neste sentido, assim como se diz *lojeire* por *lojista*.»

M. — Julgo que a palavra *barra* (foz de um rio) também se deve prender ao mesmo radical arábico (*barr*, terra, continente; *barrī*, de fora; *barrānī*, exterior).

*** Bajuri**

M. — Vestimenta oriental: «... e trazem as vezes *baiuris* do mesmo theor, que são como camisas e a fralda...», *Crónica dos Reis de Bisnaga*, p. 71.

*** Balão**

M. — *Balão* também aparecia em textos do séc. XVI para designar certo navio de orientais. Segundo Castanheda (*História*, VI, cap. 58) «*balões* ... em Malaca... sam como boas almadias».

*** Balaúste**

M. — Como se sabe, é o mesmo que *balaústre*. Nesta palavra a intercalação do *r* foi provocada pelo grupo *st*, como em *estrêla*, *mastro*, *listra* (pop.), etc. Uma abonação: «... por quarteis de seis em seis braças fechavão nūs *balaustes* do mesmo lataõ...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXV.

(Continua)

A. R. GONÇALVES VIANA

Essai de phonétique
et de phonologie
de la langue portugaise

D'APRÈS
LE DIALECTE ACTUEL DE LISBONNE

(2.^a Edição)



PALAVRAS PRÉVIAS

Por ter sido Aniceto dos Reis Gonçalves Viana uma das maiores de entre as maiores figuras da Filologia Portuguesa, resolveu o Centro de Estudos Filológicos comemorar o dia em que completou cem anos que o insigne filólogo veio ao mundo.

Para isso, na impossibilidade de ir além, realizou uma sessão no dia 6 de Janeiro de 1940, e determinou publicar um número especial do seu *Boletim de Filologia*, inteiramente consagrado a Gonçalves Viana.

A sessão foi tocantemente solene, não pelo aparato nem pelo número dos assistentes, mas pela devoção e sentido respeito dos que para ela contribuíram.

Se da outra vida Gonçalves Viana viu o que então aqui se fêz em sua memória, certamente terá ficado mais lisonjeado com êsse pouco do que, se em vez dêsse pouco, se lhe tivesse consagrado uma espectacular homenagem, onde predominasse o espírito de exhibicionismo sem a devida compreensão do que êle foi para a ciência e para a Pátria Portuguesa.

Homens da craveira de Gonçalves Viana, só os venera quem os compreende; e obras como as que Gonçalves Viana escreveu, só as compreende quem as venera.

Porque poucos são os que veneram Gonçalves Viana, é lícito supor-se que poucos são os que compreendem o alcance científico, social e patrió-

tico do seu notável labor; e porque poucos são os que apreciam a importância dêsse labor, é lícito supor-se que poucos são os que compreendem o significado nacionalista do idioma nacional.

Por tudo isto, de modo nenhum seria possível ao Centro de Estudos Filológicos a organização de uma homenagem espectacular; por tudo isto, não podia ir o Centro além da sessão que realizou, particularmente solene pela sua comovedora modéstia, e da publicação de um número especial do seu *Boletim de Filologia*, consagrado ao homem, que na vida civil portuguesa nunca passou de um vulgar funcionário da Alfândega de Lisboa, mas que na vida científica ascendeu às culminâncias dos verdadeiros sábios.

Julgou o Centro de Estudos Filológicos que, além de com isso prestar uma das mais significativas homenagens ao insigne foneticista português, grande serviço faria aos estudiosos da Fonética Portuguesa, se reeditasse o *Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue Portugaise d'après le Dialecte actuel de Lisbonne*, publicado pela primeira e última vez na *Romania*, (tômo XII), em 1883.

Prontificou-se à tarefa da cópia dêsse trabalho o meu discípulo universitário Sr. Luiz Gordinho Moreira, a quem testemunho aqui os meus melhores agradecimentos.

Se bem que tenham decorrido já 58 anos desde que foi publicado, o *Essai* é uma obra em que os estudiosos da Fonética Portuguesa encontram fartos e seguros ensinamentos.

Prochigo de Sá Nogueira

Feito Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise

D'APRÈS LE DIALECTE ACTUEL DE LISBONNE

TABLEAU DES VOYELLES

Voyelles orales					Voyelles nasales				
		â				—			
	è	ê	ô			—	â	—	
	ê	—	ô		ẽ	—		õ	
ĩ		ɛ		u	ĩ	—			ũ
(i)			(u)		—			—	

L'accent circonflexe ^ sert à désigner en portugais les voyelles fermées, c'est-à-dire pour ê, ô les sons des lettres françaises é, o. L'accent aigu ´ marque les voyelles ouvertes ; je le remplace toutefois par le grave ` , l'aigu n'étant nécessaire pour indiquer la voyelle tonique du mot, ce qui d'ailleurs se trouve d'accord avec l'orthographe portugaise, où le signe ´ fait double emploi. Le ~ til exprime la nasalité, et, dans l'orthographe actuelle, il n'est employé que sur les lettres ã, õ, lorsqu'elles font partie de diphtongues nasales. Son emploi sur toutes les voyelles est ici parfaitement arbitraire ; il en est de même des différents signes diacritiques dont j'affecte les consonnes, ainsi que du petit cercle souscrit dont je fais usage pour désigner les voyelles neutres ɐ et ɨ ou ɪ. Les notations suivantes sont également conventionnelles : u ɔ représentant un u (ou français) très bref et presque étouffé, tantôt écrit par u, tantôt par o, dans l'orthographe usuelle ; ɨ ɛ désignant l'atténuation en i brevissime de e ou i ; ʊ ɔ pour la semi-voyelle labiale, ɨ ɛ pour la semi-voyelle palatale, lorsque ces lettres atones se trouvent devant une autre voyelle, ou font partie

d'une diphtongue comme subjonctives réduites. L'orthographe portugaise ne connaît point ces signes, que j'emploie ici seulement pour me faire mieux comprendre. Pour plus de clarté, je vais mettre sous les yeux du lecteur deux tableaux, l'un des voyelles portugaises et l'autre des voyelles françaises au moyen d'exemples.

Voyelles françaises				Voyelles portugaises			
					<i>Sá</i>		
	<i>çà</i>	—	—		—	—	—
	—	—	—		—	—	—
	—	—	—		<i>sé</i>	<i>da</i>	<i>só</i>
	<i>ces</i>	—	<i>ce seul sotte</i>		—	—	—
	<i>thé</i>	—	<i>ceux sceau</i>		<i>sê</i>	—	<i>sou</i>
	—	—	—		—	—	—
<i>si</i>	—	<i>chapelain tu tout</i>		<i>si</i>	—	<i>se</i>	<i>tu</i>
	<i>dieu</i>	<i>zouave</i>			<i>cear</i>	<i>soar</i>	

TABLEAUX COMPARÉS DES VOYELLES
DU CASTILLAN, DE L'ITALIEN, DU CATALAN
ET DU PORTUGAIS

Castillan			Italien			Catalan			Portugais		
	<i>ya</i>	—		<i>là</i>	—		<i>ha</i>	—		<i>Sá</i>	—
	—	—		—	—		—	—	—	—	—
	—	—		<i>è</i>	<i>nò</i>	<i>vosté</i>	—	<i>jó</i>	<i>sé</i>	<i>da</i>	<i>só</i>
<i>fe</i>	—	<i>yo</i>		—	—	—	<i>mateix</i>	—	—	—	—
—	—	—		<i>se</i>	<i>voto</i>	<i>net</i>	—	<i>bot</i>	<i>sê</i>	—	<i>sou</i>
—	—	—		—	—	—	—	—	—	—	—
<i>si</i>	—	<i>tú</i>		<i>si</i>	—	<i>tu</i>	—	<i>tu</i>	<i>si</i>	<i>se</i>	<i>tu</i>

On peut considérer comme presque identiques les voyelles françaises et portugaises de la même ligne dans les deux premiers tableaux ; seulement la différence de quantité prosodique n'est pas appréciable en portugais, exception faite de la longueur des voyelles provenant d'une *crase*, et de leur brièveté dans les syllabes atones.

Dans la prononciation de Lisbonne, ainsi que dans celle de tout le sud du royaume, les voyelles nasales sont fermées : ainsi il n'y a point de voyelles nasales qui répondent aux voyelles orales *è*, *ò*, *ê*, et la voyelle nasale correspondante à l'*à* de *Sá* ne se trouve que

dans la crase : brève par exemple dans la phrase *vi-a andar* = je l'ai vue marcher, prononcée *vi ādār* ; longue dans *via-a andar* = je l'avais vue marcher, prononcée *vi āādār*.

La nasalité de ces voyelles à Lisbonne, ainsi que dans tout le sud du royaume, est de premier degré, c'est-à-dire qu'elle n'est pas accompagnée de gutturalisation, comme dans les voyelles nasales françaises¹.

REMARQUES SUR LA PRONONCIATION DES VOYELLES

Quoique la simple inspection des tableaux que j'ai dressés eût peut-être suffi à une appréciation assez correcte de ces sons, je dirai cependant quelques mots sur la prononciation de mes voyelles portugaises.

a est plus ouvert que l'*a* castillan et il n'est pas légèrement palatalisé comme l'*a* français, lequel, comparé à l'*a* italien, tient un peu du son d'un *e* très ouvert. L'*a* portugais devant *l* est un peu labialisé, c'est-à-dire il tient de l'*o* ouvert, presque autant que l'*o* bref anglais de *body*.

α est une voyelle neutre bien plus ouverte que l'*e* du français *me, te, le* ; moins ouverte cependant que l'*u* bref anglais de *bud* : il est tout à fait semblable à l'*a* atone de l'anglais *about, he gave me A book*.

è est un *e* aussi ouvert que l'*æ* danois, *è aperto* de l'italien dans *piède, gelo*, c'est-à-dire plus ouvert que l'*è* français, *ä* allemand ; un peu moins cependant que l'*a* bref anglais de *bad*, lequel ne se retrouve que dans quelques dialectes portugais², dans l'Algarve ou Beira-baixa, par exemple.

ê est l'*é* fermé français, sans aucune distinction de quantité, cependant ; il se trouve plus près de *i* que l'*e* unique des Castillans³. Dans le système de Bell, adopté par M. Sweet dans ses deux

¹ V. E. Sievers, *Grundzüge der Lautphysiologie*, Leipzig, 1876, S. 47 et 48, et Joh. Storm, *Engelsk Filologi*, Kristiania, 1879, p. 24 et 25.

² J'appelle « dialectes » toute différence de prononciation ou autre, par rapport à une seule langue.

³ Assurément M. Storm n'est pas dans le vrai lorsqu'il écrit (*Remarques sur le vocalisme des serments de Strasbourg, Romania*, vol. III) *ustéd, qué*, s'il veut désigner par l'aigu *é* le son de l'*é* fermé français. Il n'y a que les Aragonais qui prononcent l'*e* castillan comme un *é* fermé, ou à peu près.

remarquables ouvrages «A History of English sounds» et «Hand-book of phonetics», l'e fermé est appelé *mid-front-narrow-vowel*: l'e castillan est donc la *low-front-narrow-vowel*, selon la terminologie du même auteur. L'*ä* allemand de *Väter* se rapproche beaucoup de l'e castillan, ou plutôt ces deux voyelles sont tout-à-fait identiques en ce qui concerne leur timbre.

ê est un e muet, comme on l'appelle généralement, bien plus étouffé, bien plus fermé, cependant que l'e français de *me*, *le*. Que l'on essaye de prononcer le mot *rejeter* sans trop appuyer sur la seconde syllabe, mais sans dénaturer non plus le son du *j*, c'est-à-dire sans le remplacer par *ch*: on pourra par l'e de cette syllabe *-je-* se faire une idée du son de l'e muet en portugais, lorsqu'il se trouve en conjonction avec des consonnes sonores. Entre deux consonnes sourdes différentes, cet e est le plus souvent nul. Que l'on ne dise point qu'il l'est également ailleurs: aucun Portugais ne confondra jamais ces deux mots *trás* et *terás*, et la seule différence entre eux, du moins dans la prononciation de la presque totalité des Portugais du continent, est précisément le son de cet e muet entre le *t* et le *r* du second mot¹; et cependant le son de cet e est bien différent de celui de l'e français de *me*, *le*, etc. La place que nous lui avons assignée dans la pyramide des voyelles nous paraît être parfaitement exacte. Dans le mot anglais *said* la syllabe est close par la consonne sonore *d*, tandis que dans les mots portugais *sêde*, *sêde* il y a deux syllabes distinctes *sê-de*, *sê-de*. Le son de

¹ On ne saurait nier que cet e est souvent nul, surtout devant *r*, et quelquefois après: ainsi le mot *mercêr* se prononce le plus souvent *mercêr*, mais dans *perçêr*, on prononce les deux ê. Je prononce le substantif commun *pereira* = «poiriers» comme *pêrâîrê*, et le nom propre *Pereira* comme *pêrâîrê*.

Du latin *februarium*, on a fait *fevereiro*, qu'on a dû prononcer *fêvêrêîru*: on a introduit ê entre le *e* et le *r*, parce que le groupe *er* était très rare en portugais; aujourd'hui on continue d'écrire *fevereiro*, mais on prononce *fêvêrâîrê*. Cet e ne représente plus la prononciation et il est contre l'étymologie; il est toutefois le signe muet d'une ancienne *svrabhakti*. Il en est de même du mot *fêvêrê*, de *fibrum*, prononcé *fêvêrê*. En général, le ê devant *r* et une autre voyelle est seulement prononcé dans les futurs et les conditionnels des verbes de la seconde conjugaison (en-êr); par exemple: *terás*, *verás*, *serás*, *cedêrei*, *cedêria*, *perçêrei*, *merçêria* (= *mercêria*), *parçêrê* de *parçêr* (pron. *parçêrê*, *parçêr*). Cette voyelle se prononce également lorsqu'elle est précédée de *s* ou *z*. Avec les palatales *x*, *j*, *nh*, *lh* elle se prononce *î*, excepté lorsqu'elle est suivie de *r*, *l*; donc *gerâl*, et non pas *jêrâl*. Autrefois on prononçait *jêrâl*; *jêrâl* est populaire.

Il faut ajouter que l'existence de ce *êrê* rend possible la prononciation de certains groupes de consonnes, que l'on évite dans d'autres dialectes. Ainsi le

cette voyelle est celui qui accompagne les fricatives douces, lorsqu'on s'efforce de les prononcer sans une autre voyelle; ce son les précède lorsqu'elles sont initiales: c'est là un fait sur lequel M. Lepsius avait insisté dans son *Standard Alphabet*, et que M. Brücke paraît avoir méconnu¹.

i a le son de l'*i* italien ou français, sans aucune distinction de quantité, lorsqu'il est accentué. Atone, devant une continue palatale, il se prononce *réduit*, c'est-à-dire plus bref et plus étouffé: nous marquons cet *i* avec le signe $\sim$ (*i*). L'*i* atone devant ou après une voyelle, comme subjonctive de diptongue, est encore plus bref; nous le désignons par *i*; il est parfaitement analogue à l'*y* de l'anglais *boy, play, my, (boi, plei, mai)*. Dans ces trois cas l'*i* atone se confond avec l'*e* atone en un son unique, qui est celui d'un *i* chuchoté (*whispered*). Entre deux voyelles on peut considérer l'*i* comme l'équivalent de la semi-voyelle palatale; mais il a bien moins le caractère d'une consonne que le *y* français ou castillan: ainsi le mot *mayor* est bien différent du portugais *maior*; il n'y a de commun entre eux que les consonnes initiale et finale. Le mot portugais a deux syllabes, *mai-or*, dont la dernière est la tonique. La division phonétique du mot castillan au contraire est *ma-yór*.

ò est l'*o* italien de «vuoto», «loda», «avrò», sans aucune distinction de quantité, lorsqu'il est tonique; cette voyelle est donc plus ouverte que l'*o* français de *vote, robe*. Dans le sud de la France on entend souvent cette voyelle dans des mots où l'on prononce généralement *o* fermé ailleurs, par ex. dans *chose, autre, chaude*, etc.

ô. Ce son est peut-être un peu moins ouvert que *ò* français de *trône, apôtre, beau*, beaucoup plus fermé cependant que l'*o* castillan de *no, yo, todo*, etc., lequel se rapproche de *aw* anglais, bien plus

mot *observear* se prononce *òbsegrvár*, c'est-à-dire qu'il a quatre syllabes, tout à fait comme *obedeçer*, tandis que l'ont dit en français *observer*, en anglais *obzerre*, et en italien *osservare*. Toutes les fois que deux consonnes appartenant à des genres différents (sourde et sonore, ou sonore et sourde) se trouvent en contact, l'insertion, la *svarabhakti* de cet *g*, permet aux Portugais de ne pas en altérer le son et d'éviter des assimilations qui, autrement, seraient la conséquence de ces rencontres. On sait que le même phénomène a lieu dans les langues sémitiques, où l'on trouve souvent des groupes formés par des consonnes de genres différents, surtout par une sourde précédée d'une sonore: un *éqā* intercalaire sépare ces consonnes incompatibles.

¹ Du moins ce son ne fait point partie de son Tableau des voyelles (*Grundzüge der Physiologie u. Systematik d. Sprachlaute*, Wien, 1876, S. 24-33). Voy. cependant S. 153.

fermé lui-même que l'*o* bref de *body, what*¹. La voyelle portugaise *ô*, lorsqu'elle est tonique, est plutôt longue que brève, et on y peut constater une protraction labiale plus prononcée qu'en français. Dans le dialecte de Lisbonne, ainsi que dans tout le sud du royaume, on ne fait aucune distinction entre *ô* et *ou* (la diphtongue *ôû* des dialectes du nord).

o, u. Cette voyelle a le son de *ou* français réduit, c'est-à-dire très bref et comme étouffé. Elle se trouve en portugais à la fin des syllabes atones. Lorsque, précédé d'une consonne, ce son termine un mot, on l'écrit par *o*, et il est en général le signe grammatical du genre masculin, comme l'*a* est le signe du féminin; les articles *o, a, «le, la»* ont respectivement cette prononciation. Tout *o* ou *u* atone se prononce généralement *u*. Comme exercice, nous présentons quatre mots distincts, qu'une oreille étrangère confondra aisément, mais que tout Portugais reconnaîtra comme parfaitement différents et suffisamment caractérisés dans la prononciation: *môra* = il demeure, *môro*, je demeure, *môrg*, qu'il demeure, *môr* (contraction de *máior*), majeur. L'atonie et l'obscurcissement de la

¹ On a depuis longtemps constaté l'existence d'une classe spéciale de voyelles entre *à* et *ê-ô* en anglais; elles se trouvent dans les trois mots *bad, bud, body*. Cette dernière voyelle, entre *à* et *ô*, doit peut-être son origine à l'influence progressive de *w*. Ce son se serait étendu dans la suite à tous les *oo* brefs qui ne son pas devenus *y* (*bud*). Les Américains ont un *o* ouvert différent de l'*o* de *body*, c'est-à-dire moins ouvert. Cet *o* se trouve ordinairement dans les mots où la prononciation anglaise a des *oo* longs (*ôû* ou *ôû*) ou des *ui* brefs (de *bud*), comme dans *home, none*. Un Américain me dit, il a bien longtemps, que les mots *sun* et *son* n'avaient pas la même prononciation: il prononçait *son* comme le français *sonne*. Sur ce sujet, on peut consulter Marsh, *Student's English language*; Whitney, in *Oriental and linguistic Studies*, 2nd. Series, «The Elements of pronunciation», où ce son est représenté par *ô*, et Storm, op. cit. p. 35, 42, 182, 188, 313, où Ellis est cité; M. Storm représente cette voyelle par *ô* et l'identifie avec le *o* du français *homme*, ce qui le met d'accord avec mon Américain; le mot *son* n'est cependant pas cité.

L'*a* de *bad* se retrouve dialectalement en portugais, dans l'Algarve, où, dans des localités qui sont encore à déterminer, le pluriel du mot *pé* est *pês* (*e* = *a* anglais de *bad*). V. João de Deus, *Diccionario prosodico da lingua portugueza*, passim.

On trouve dialectalement d'autres voyelles en portugais: à Madère, par ex., l'*i* des syllabes ouvertes accentuées a le son de l'*y* polonais, et l'*u* et l'*e* de ces syllabes se rapprochent respectivement de l'*u* suédois et de l'*â* roumain, *ê* de Diez. Dans le continent même, l'*i* devant *l* gutturalisé est prononcé bien souvent comme le *y* polonais, *bl* des Russes (l'*i* de Lepsius, *y* de Diez), par ex. dans *barril, funil*, que je prononce avec un *i* ouvert.

voyelle finale réduite rend ces mots identiques pour une oreille peu exercée.

Lorsque *o*, *u* atones se trouvent devant une voyelle, ou font partie d'une diphtongue comme subjonctives, ils sont encore plus brefs et plus imperceptibles : nous les désignons par *û*, *ô*. Dans ce cas ils répondent au *w* anglais des mots *swell*, *now* (*naû*), *know* (*nôû*), à peu près l'*ou* français de *zouave*.

u accentué a le son de l'*u* italien, ou français, sans aucune distinction de quantité.

Toute voyelle orale suivie dans la même syllabe de *l* (gutturo-lingual) devient gutturalisée. Ces voyelles sont, sous ce rapport, identiques aux voyelles polonaises en conjonction avec *l*. La consonne *l* dans ce cas s'atténue, elle est à peine perceptible, de sorte que, entre les mots *alto* et *auto*, par exemple, la différence de prononciation est presque insaisissable. C'est là ce qui explique que des mots latins tels que *saltum*, *altarium* sont devenus *souto*, *outeiro*, tout à fait comme s'ils étaient *sautum*, *autarium*. Il semble qu'une telle prononciation de *l* a existé en français à une certaine époque, ce que prouveraient les pluriels en *aux* (*âûs*) des mots en *al*, et des formes telles que *beau* (*bêû*) de *bel*, *fou* (*fôû*) de *fol*. Le changement de *l* en *û* est d'ailleurs fréquent dans plusieurs langues de la même famille comparées entre elles, par exemple le hollandais *goud* à côté de l'allemand *gold*. Il en est de *l* final en portugais comme de *r* en anglais la voyelle qui précède ces consonnes en est modifiée en un certain sens, à cette différence près que les voyelles portugaises devant *l* ne sont que gutturalisées; leur timbre ne change que très peu¹. Pour en connaître la différence il serait bon de faire prononcer devant soi par un Portugais les mots suivants : *ato*, *alto*, *auto*, *setta*, *cêta*; *cêpa*, *fêpa*; *mirro*, *birro*; *sôta*, *sôlta*; *souto*, *sôlto*; *muta*, *multa*; *mal*, *mel*, *barril*, *sol*, *sul*.

ã (*an*, *amp*, *amb*) est la voyelle *a* nasalisée. De toutes les nasales françaises, celle qui lui ressemble le plus c'est *un*. On écrit ce son de plusieurs manières.

¹ M. J. Storm (op. cit. 18 et 44) trouve en anglais un *l* gutturalisé, qui serait parfaitement identique à *l* portugais après une voyelle. Il me semble que ce *l* ne se trouve en anglais, que lorsqu'il forme une syllabe indépendante, précédé de *g*, comme dans *noble*, *sample*, *principle*. Ailleurs j'entends *l* gingival et rien de plus; du moins son influence sur la voyelle précédente est nulle, ce qui ne permet pas de lui attribuer une puissance modificative semblable à celle de *-r*. M. Storm donne à ce *l* le nom de *haloguttural*, sous-guttural, et le retrouve en allemand aussi bien que dans les langues slaves.

ẽ (*en, emp, emb*) est un *ê* fermé nasalisé; il n'est donc pas identique à *in* français.

ĩ (*in, im, imp, imb, en, emp, emb*) est un *i* nasalisé, voyelle qui n'existe pas en français.

õ (*on, om, omp, omb*) est un *ô* fermé nasalisé, différent de *ou* français.

ũ (*un, um, ump, umb*) est *u* (*ou* français) nasalisé, lequel n'existe pas en français.

Je répète que la nasalité en portugais est bien différente de la nasalisation des voyelles françaises; d'abord parce qu'elle n'est point accompagnée de gutturalisation, et puis parce que le timbre de la voyelle ne change pas. En effet, il n'y a point en français de voyelles orales dont le timbre soit parfaitement égal à celui de ces voyelles nasales: *an, in, on*; à peine si l'on reconnaît la voyelle *æ* (*eu*) dans la nasale *un*, tandis qu'en portugais les nasales *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* ne diffèrent que par leur nasalité des voyelles orales *a, ê, i, ô, u*¹.

¹ M. Jules Cornu, le savant et aimable professeur de philologie romane à l'Université de Prague, que j'ai eu l'avantage de connaître personnellement à Lisbonne en 1881, et qui, à une connaissance approfondie de la langue portugaise, éclairée par une méthode rigoureuse et sûre, joint une excellent prononciation, une délicatesse d'oreille qui le met en état d'apprécier et de reproduire les moindres nuances de la phonétique portugaise, à coup sûr l'une des plus difficiles à maîtriser, ce phonéticien habile a néanmoins une tendance à gutturaliser les nasales portugaises, tout à fait comme dans le nord du pays. M. Cornu ne confond point les nasales portugaises avec les nasales françaises, il sait très bien les prononcer, et cependant la force de l'habitude le porte quelquefois à reproduire les nasales françaises, surtout *an*, lorsqu'il parle le portugais.

J'ai remarqué que les Portugais acquièrent aisément la prononciation de la nasale française *an*, les femmes surtout. J'ai enseigné le français à deux enfants, frère et sœur: la petite prononce très bien la syllabe *an*, son frère ne le fait jamais; tous les deux confondent ordinairement *un, an* et *in* en un seul son, qui est pour Frédéric le *ã* portugais, et pour sa sœur *an* français. Les Portugais n'imitent qu'à grand-peine la syllabe *in*, qu'ils remplacent par *ên* ou par *gîn*. Moi-même j'ai quelque difficulté à reproduire *un*, que je remplace, lorsque je n'y fais pas attention, par *ã* portugais; lorsque la voyelle *un* n'est pas finale, par ex. dans *humble*, la difficulté disparaît pour moi.

J'ai consulté sur les nasales polonaises M. Adolphe Pawinski, professeur d'histoire à l'Université de Varsovie, l'un des membres du congrès anthropologique réuni à Lisbonne en 1890. Je l'ai prié à plusieurs reprises de les prononcer devant moi. Pour mon oreille, *g* sonne toujours comme un *o* ouvert nasalisé sans gutturalisation, et par conséquent il n'est pas le *on* français; *ę* me fit l'impression tantôt de *è*, tantôt de *g*, nasalisés.

DIPHTONGUES

Subjonctive *i*

Orales			Nasales		
	<i>âi</i>		—		
<i>êi</i>	<i>əi</i>	<i>ɔi</i>	<i>âi</i> (avec un <i>g</i> nasalisé)		
—	—	<i>ôï</i>	—	—	<i>ɔï</i>
—	—	<i>ui</i>	—	—	<i>ũi</i>

Subjonctive *u*

Orales			Nasales		
	<i>âu</i>		—		
<i>êû</i>	—	—	<i>âu</i> (avec un <i>g</i> nasalisé)		
<i>éû</i>	—	—	—	—	—
<i>îû</i>	—	—	—	—	—

Des diphtongues nasales *âi*, *ɔi*, *âu* s'écrivent *âe em en*..., *de*, *ão am*; la diphtongue orale *əi* s'écrit ordinairement *ei*, surtout lorsqu'elle est la tonique du mot. Je ferai suivre ce tableau d'un

Dans le dialecte du Minho il y a les voyelles nasales suivantes : *ã* (*à*) *ẽ*, *ê* (*è*, *é*) *ē* (*g*) *i*, *õ*, *ô* (*ò*, *ó*) *ũ*; et les diphtongues *âũ* (*âû*), *âï* (*âî*), *êï* (*êî*), *ôï* (*ôî*), peut-être aussi *êũ* (*êû*). Les Portugais, lorsqu'ils prononcent le latin, donnent à la terminaison *-em* la valeur de cette dernière diphtongue nasale, par ex. dans *rem*, *fidem*, qu'ils prononcent *rêũ*, *fidêũ*, avec un *e* fermé; et ils prêtent au groupe *eum*, par ex. dans *deum* la valeur de *êũ*, avec un *e* ouvert. Cette répugnance à prononcer des voyelles nasales dans des syllabes découvertes les porte à prononcer la terminaison latine *am* como *ão* (*âũ*), par exemple, *nam*, *musam*, prononcés *nâũ*, *múzâũ*. Il paraît que cette répugnance à prononcer des nasales simples à la fin des mots était autrefois plus grande, car aujourd'hui les nasales *ã*, *i*, *õ*, *ũ* sont assez communes comme finales, par ex. dans *tan*, *sím*, *som*, *atum*; ces nasales ont dû être prononcées jadis comme des diphtongues : *äg*, *iï*, *ôũ*, *ũũ*. (V. Duarte Nunes de Leão, *Orthographia da lingua portuguesa*.) La prononciation *bôa* est encore assez commune à Lisbonne, et la plupart des féminins en *-ôa*, formés des masculins en *-ão*, avaient autrefois sans doute un *o* nasal. Aujourd'hui, les noms en *-ão* ont leur féminin tantôt en *-ôa*, tantôt en *-ôna*, tantôt *ã*, comme *leão*, *leôa*, *valentão*, *valentona*, *allemão*, *alleman*, que l'on écrit aussi *allemã*, *allemãa*. Un *ão*, devenu *ôa*, change l'*ô* en *ɔ* (*ũ*) lorsque cette voyelle perd l'accent; du substantif *coração* on forme le verbe (3.^e prés. ind.) *descoroçoá* (*dĩskyrusôg*) dont l'infinitif est *descoroçoar* (*dĩskyrusũár* que l'on prononce aussi *dĩskyrusũár*).

Les nasales de «Entre Douro e Minho» sont presque partout gutturalisées comme en français.

autre, où, par des exemples, on pourra connaître l'orthographe commune de toutes ces diphtongues ; j'y ajouterai quelques remarques sur leur prononciation.

EXEMPLES DES DIPHTONGUES

Subjonctive *î*

Orales			Prepositives		
	<i>mais, pais</i>			<i>à</i>	
<i>réis</i>	<i>reïs</i>	<i>roes, heroico</i>		<i>à</i>	<i>ò</i>
—	—	<i>sois</i>	—	—	<i>ò</i>
—	—	<i>sues, fluido</i>	—	—	—

Nasales			Prépositives		
	—			—	
—	<i>mãe, bem, bens</i>	—		<i>ã</i> (neutre)	
—	—	<i>pões</i>	—	—	<i>õ</i> (fermé)
—	—	<i>mui(to)</i> ce seul mot	—	—	<i>ũ</i>

Subjonctive *û*

Orales			Prépositives		
	<i>mau, Macao</i>			<i>à</i>	
<i>ceu, reo</i>	—	—	<i>è</i>	—	—
<i>seu</i>	—	—	<i>ê</i>	—	—
<i>riu</i>	—	—	<i>î</i>	—	—

Nasales			Prépositives		
	—			—	
—	<i>mão, tam</i>	—		<i>ã</i> (neutre)	
—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—

Les diphtongues *âî*, *âû* se prononcent comme en allemand *ai*, *au* ; la diphtongue *êû*, à peu près comme l'*ow* dialectal anglais de *cow* (keow), ou *eu* de l'italien *neutro*, *Euro* ; seulement en italien l'*u* n'est pas réduit ; *ôî* ne diffère que très peu de l'anglais *oy*, *oi* ;

ôi, uî, êû répondent à *ooi, oei, eeu* du hollandais. La diphtongue *û* est formée par la voyelle *i* ouvert (à peu près *i* de l'anglais *bid*) et *u* réduit.

Nos diphtongues nasales ne se retrouvent peut-être que dans les langues aryennes de l'Inde¹. Quoique la diphtongue *ão* (*âû*) soit considérée comme très difficile à imiter, comme un vrai *shibboleth* enfin, j'ai remarqué qu'en général presque tous les étrangers ont plus de peine encore à reproduire la diphtongue *õe* (*ôï*). Il faut ne pas oublier que pour toutes ces diphtongues la nasalisation embrasse les deux éléments, la subjonctive aussi bien que la prépositive, et que toutefois celle-ci doit être, autant que possible, réduite, atténuée. La vraie transcription de ces sons devrait donc être *ãï, ãû, ôi*, en surmontant chaque pair de voyelles d'un signe de nasalité qui les embrasserait toutes les deux.

Dans le sud du royaume (Alentejo et Algarve), aussi bien que

¹ V. Beames, *A Comparative Grammar of the Modern Aryan languages of India*, v. II, p. 255, et Stevenson, *The Principles of Marathe Grammar*, p. 8, et aussi *Grammatica da lingua Concani composta pelo Padre Thomaz Estevão*, Nova-Goa, 1857, p. 168; G. de Vasconcellos Abreu, *Princípios Elementares da lingua Sânskrita*, Lisboa, 1879, p. 9. Le savant professeur de sanskrit à l'École supérieure des lettres (*Curso superior de Letras*) de Lisbonne, que nous venons de citer, enseigne la prononciation *âû* pour l'a surmonté de l'anousouara nécessaire, c'est-à-dire devant une consonne fricative, comme dans *hâsa*, prononciation qui lui a été transmise par Mart. Haug, et qui, d'après cet illustre orientaliste qui habita longtemps l'Inde, y serait la plus commune.

J'ai également remarqué la prononciation *âû* pour *âe* chez des habitants de Goa qui connaissent le marâthi. Le professeur Vasconcellos Abreu m'a aussi communiqué la prononciation *hâû* pour l'allemand *haben*, dans le Wurtemberg.

M. Adolphe Pawinski, qui a appris à Lisbonne la prononciation de l'*ão* portugais, le représente dans son ouvrage récent *Portugalia* par *aq*, combinaison de lettres qui en imite le son aussi fidèlement que l'orthographe polonaise le permet.

Les Anglais peuvent s'en faire une idée par le groupe *oung*, et Stevenson (op. cit.) le représente par *ane*, qui répond à peu près à *ân*. La diphtongue *õe*, en pourrait être représentée par *ây*, et *õe* par *ôy* en supposant le *y* affecté du virâma.

L'orthographe *ain* pour des mots tels que *main, sain, saint*, indique en français une ancienne diphtongue nasale analogue à l'*ão* portugais. Peut-être l'a était-il = *â*, comme dans le nord du Portugal. Son identification avec *in* a dû être postérieure. Le groupe *ain* a peut-être encore, dans quelques dialectes français la valeur d'une diphtongue; je ne saurais dire cependant sous quelles conditions ni dans quels dialectes. J'ai vu, il n'y a pas longtemps, dans un journal, la prononciation de certains mots tels que *fin, moins*, indiquée *faïn, moains*, attribuée à un personnage de roman.

dans le Brésil, *em* est différent de *ãe*, y étant prononcé *ẽf*, ce qui est certainement sa valeur primitive, exprimée par l'ancienne orthographe *ẽe*. A Lisbonne, ainsi qu'à Coimbre, cette diphtongue *ẽf* a tout à fait disparu.

SYLLABES

Par le tableau ci-contre ¹, on pourra se faire une idée de la constitution, soit de la syllabe, soit du mot en portugais. Nous ajouterons que la syllabe doit être formée par :

a) Une voyelle orale ou nasale : *â, ê, ã, ô*, etc.

b) Une diphtongue orale ou nasale : *ãi, ôi*, etc. *ãũ, âi*, etc.

c) Une voyelle orale suivie de *-l* gutturalisé : *al, el*, etc., ou de *-r* simple : *ar, er*, etc.

d) Une voyelle orale ou nasale suivie de la palatale réduite sourde : *aš eš*, laquelle devient *sonore* devant une consonne sonore.

e) Une diphtongue orale ou nasale, suivie de la palatale réduite *š* sourde, ou sonore devant une consonne sonore.

f) Une explosive quelconque suivie de l'une des formations précédentes : *ga, gã, gal, gar, gas, gãi, gãi, gãis, gãis*.

g) Une explosive quelconque, ou la fricative *f* (rarement *v*) suivie de *r* simple et des formations a) b) c) d) e) : *gra, pra, fra, crai, draš, frau*, etc.

h) Une explosive quelconque, ou la fricative *f* suivie de *l* lingual (non gutturalisé) et des formations a) b) c) d) e) : *cla, pla, fla, clai*; jamais *dl, vl*, cependant.

i) Une nasale quelconque, une ancipite (*l* gutturalisé excepté, lequel ne peut jamais être initial), ou une fricative (la fricative réduite *š* fait exception) et les formations a) b) c) d) e) : *ma, saš, ja, za, ra, lai*, etc.

j) Une explosive ou une fricative (la réduite *š* exceptée) suivie de *i* ou de *ũ* et des formations a) b) c) d) e) : *pĩa, pĩa, tĩa, tĩa, śĩa, qua (kĩa)* etc.

La syllabe constituée par une explosive ou la fricative *f* suivie de *l* liquide et d'une voyelle quelconque, c'est-à-dire des groupes tels que *pl, tl, fl, cl*, etc., n'est pas foncièrement portugaise, pas plus qu'elle n'est italienne. En effet, dans le passage des mots

¹ Em consequência de alteração forçada no dispositivo desta edição do *Essai de Phonétique*, o quadro a que o autor se refere aparece nas páginas 178 e 179. N. do E.

latins aux mots portugais, la liquide *l* s'est changée en *r* après une explosive douce, et est devenue, précédée d'une sourde, la consonne composée *ch* (*tʃ*), qui se maintient dans les dialectes du nord, et s'est simplifiée en *s*, par la chute de la prépositive *l* dans tout le pays au sud du Mondego, et même dans presque tout le littoral au nord du Mondego, jusqu'à Vianna : les groupes latins tels que *gl*, *bl* sont devenus *gr*, *br*; tandis que *pl*, *cl*, *fl* se sont changés en *ch* (*tʃ*, *s*). Ce changement de *l* en *r* après une consonne sonore est vraiment l'un des caractères du portugais. Il y a aussi des exemples de ce changement après une consonne sourde, mais ils sont bien plus rares : *craro*, *cravo* de *clarum*, *clauum*, *prea* de *plenam* à côté de *cheia*, *pranto* de *plantum* à côté de *chanto* qui s'est perdu, et *prantar* (*plantare*) qui a vieilli, *prazer* de *placere*, etc. *Ch* me semble être en tout cas le traitement le plus ancien de ces groupes, tandis que *pl*, *cl*, *fl*, etc., sont tout à fait littéraires. Cependant quelques-uns de ces mots, de formation savante et artificielle, sont devenus populaires et ont banni les formes anciennes : *craro* en est un exemple, il a été partout remplacé par *claro* ; *fròl* a de même disparu devant *flòr*.

CONSTITUTION DES MOTS

Des syllabes, soumises aux conditions que nous venons de citer, sont formés les mots selon les règles suivantes, que nous pouvons constater.

Lettres initiales :

a) Toutes les voyelles orales des deux côtés de la pyramide, *à*, *ê*, *é*, *î*, *ô*, *o*, *u*, lorsqu'elles sont accentuées.

b) Toutes les voyelles nasales accentuées, *ã*, *ê*, *î*, *ô*, *ũ*.

c) Les voyelles atones *a*, *i*, *ê*, *o*, *u*, rarement *à*.

d) Les voyelles nasales *ã*, *î*, *ô*, *ũ*, lorsqu'elles sont atones.

e) Toutes les diphtongues orales, à l'exception de *êi*.

f) Toutes les consonnes (*r* simple, *nh*, *lh*, *l* gutturalisé, et les palatales réduites exceptées) suivies de voyelle ou de diphtongue accentuées.

g) Les consonnes précédentes suivies de voyelle ou de diphtongue orale atone, ou de voyelle orale ou nasale atone.

Les consonnes *lh* *nh*, sont très rares comme initiales de mots. *Lh* n'occupe cette place qu'au datif du pronom personnel de la 3^e personne *lhê* *lhêš* (prononcé *lê* dans les environs de Lisbonne et à Trás-os-Montes) ou dans des mots empruntés à l'espagnol, comme

TABEAU DES CONSONNES PORTUGAISES

D'APRÈS LE DIALECTE DE LISBONNE

Ordres	Sonores					Sourdes	
	Continues					Continues	Arrêts
	Semi-voyelles	Nasales	Ancipites		Fricatives douces	Explosives douces	Explosives dures
			Latérales	Centrales	Vibrante		
Gutturales							
						gala, lago guerra, seguir	cala, lacar queda, aqui

Labiales	faia, fiar	banha	malha			lá, haja desde gado, frigar	chá, raxa desde, das chita, dixe	
Linguales	qual, soar	pena, nada	mal, alto lá, placa, mola	ór, caro, erer	ré, carro	zelo, fazer desde	dá, mala	só, passa tudo, rato
Labiales		mala, jama				vã, cava bada, lobo		futo, mofa pala, lapa

lhano (*llano*) à côté de *chão*; *nh* ne figure comme initiale que dans des mots appartenant au dialecte brésilien; le seul mot portugais est, peut-être, l'ancien *nhafete* de *neophyto*.

La consonne *d* fricatif ne commence jamais un mot après un repos.

Lettres finales :

Seulement les consonnes suivantes :

a) La réduite palatale *ś* sourd, qui devient sonore devant la consonne sonore initiale du mot suivant et prend le son de *z* lingual devant une voyelle, comme en français.

b) *L* gutturalisé, qui devient lingual devant la voyelle du mot suivant.

c) *R* simple.

d) *N* dans quelques mots latins ou grecs adoptés sans accommodement orthographique.

Les voyelles suivantes accentuées :

e) Orales *â*, *ê*, (rarement) *ē*, *ī*, *ò*, (rarement) *ô*, et *u*.

Nasales :

f) *ã*, *ĩ*, *õ*, *ũ*.

Les diphtongues suivantes accentuées :

g) Orales : *ai*, *aĩ*, (rarement) *eĩ*, *oĩ*, (rarement) *oĩ*, *uĩ* *aũ* *eũ* *eũ*, *iũ* (seulement à la 3^e personne du singulier du prétérit parfait de l'indicatif, ex : *viũ*).

h) Nasales : *ãi*, *ãũ*, (rarement) *õĩ*.

i) Les voyelles atones *a*, *e*, *u*, et rarement *i*.

j) La diphtongue orale *aĩ*, suivie de *s* palatal réduit.

k) Les diphtongues nasales *ãi* et *ãũ*.

Lorsque le mot finit par *l* (gutturalisé) ou *r* (simple), ces consonnes ne peuvent être précédées que des voyelles claires *â*, *ê*, *ē*, *ī*, *ò*, *ô*, *u*, si cette dernière syllabe est accentuée, ou de *â*, *ê*, *ĩ*, *ò* si elle est atone.

Jamais une voyelle neutre *a*, *e*, ou réduite *i*, *u*, une voyelle nasale ou une diphtongue ne peuvent se trouver à la fin d'un mot, suivies de *l* ou *r*.

En résumé nous pouvons dire qu'un mot portant l'accent sur la dernière syllabe ne peut se terminer que : 1.^o par une voyelle orale claire suivie ou non de *l*, *r* ou *s* palatal; 2.^o par une des voyelles nasales *ã*, *ĩ*, *õ*, *ũ* ou les diphtongues, suivies ou non de *s* palatal; que lorsqu'un mot n'a pas l'accent sur la dernière syllabe, il ne peut se terminer que : 1.^o par une voyelle neutre ou réduite, les diphtongues *aĩ*, *aĩ*, ou *aũ*, suivies ou non de *s* palatal; 2.^o par *l* ou *r* précédés de *â*, *ê*, *ò*, rarement *i*.

Nous ajouterons encore que dans le corps d'un mot jamais une voyelle neutre ou réduite ne peut se trouver devant *l* gutturalisé ; jamais une diphtongue nasale ne peut commencer un mot ou former la syllabe médiale d'un mot primitif.

Toute syllabe atone finale de mot latin ou grec terminé par *a* exige *a*, *i*, *e*, ou *o* comme voyelle, jamais *â*, *ê*, *é*, *ò* ou *y*.

A la fin d'un mot latin *e* ou *o* atones se prononcent *è*, *ò*, lorsque ces mots n'ont pas subi d'accommodation orthographique, par ex. : *retro*, *ipso facto*, *maxime*, pron. *rêtrò*, *ipsò fàktò*, *máksimè*.

On trouvera souvent des mots portugais qui dérogent à quelques-unes des règles que nous venons de constater. De tels mots, formés contre les analogies de la langue populaire, se rencontrent surtout dans les livres modernes : ce sont des mots savants empruntés au latin, au grec, des noms bibliques, des vocables étrangers, qui ont été introduits après que la langue eut été formée. Il faut, cependant, se rappeler que le plus souvent ces anomalies ne sont rien moins que réelles. C'est l'orthographe qui déguise la prononciation ; elle perpétue le souvenir d'un son disparu ou transformé, en conservant le symbole qui le représentait. Il en est ainsi de presque toutes les langues néo-latines, l'italien et l'espagnol exceptés, lesquels ont une orthographe plus conforme à la prononciation, et parmi les langues germaniques l'anglais en est un exemple frappant. Nous ne citerons que peu de mots. Du latin *actum* l'ancien portugais avait formé *auto* : la gutturale *c* s'était vocalisée en *û* après une voyelle gutturale¹. Le portugais moderne a repris le mot sous la forme apparente de *acto*, réelle de *átu*, le *c* étant tout à fait nul dans ce mot, ainsi que presque partout devant *t* et *ç*. Autre exemple : le latin *directum* a donné *direito* ; le *c* s'est vocalisé en *i* après une voyelle palatale. Le portugais artificiel a pris le latin *directorem*, *directionem* sous les formes apparentes de *director*, *direcção*, réelles de *dirêtôr*, *dirêçãũ* ; le *c* est tombé, et par compensation, la distinction de quantité n'étant pas reconnue comme un élément de la langue, la voyelle *e* a gardé le son ouvert, elle n'est pas devenue neutre, autrement cet *e* se serait changé en *é*. Autre exemple : on écrit le plus souvent *edade*, *equal*,

¹ Il me semble que le mot *feito* ne vient pas immédiatement de *factum*, mais bien de **fectum* ; la voyelle *a* se serait donc palatalisée avant la vocalisation du *c* en *i*. On trouve *fecto* pour *feito* dans *Vida do Iffante Josaphat*, Cod. 266 de la bibliothèque du monastère d'Alcobaça, déposé à la Torre do Tombo (Archives nationales), p. 1.

de aetatem, aequalem et toujours *elogio*, mais on prononce *idâde*, *igûâl*, *ilyjûy*, car l'e atone initial est toujours prononcé i, lors même qu'il est nasal (ï).

Nous ferons encore remarquer qu'une voyelle atone qui n'est pas neutre, c'est-à-dire un *e*, un *a*, un *o* qui gardent la prononciation de â, è (*e*), ô (*o*) dans une syllabe ouverte, indiquent dans la plupart des cas la disparition d'une consonne, d'une voyelle, ou d'une syllabe entière. Ainsi le mot *pâdeiro* (*pâdâiru*) est une contraction de *paadeiro* (castillan *panadero*); *caveira* (*kâvâira*) une contraction de *caaveira* (castillan *calavera* de *calvaria* avec un *a* intercalaire); *credor* (*krêdôr*) est une contraction de *credor*, de *creditorum*, *aquecer* (*âkêçêr*) est pour *aquecer* *calescere*. Le verbe assez moderne *optar* se prononce *ôptâr*; le verbe plus ancien *adoptar* se prononce *âdôtâr* et non pas *âdôptâr* ou *âdûtâr*. Le *p*, de même que le *c*, est généralement nul devant *t*; il rend ouvertes, cependant, les voyelles *a*, *e*, *o*, qui le précèdent, et qui sans cette consonne seraient devenues *a*, *ê*, *u*, en perdant l'accent.

REMARQUES SUR LA PRONONCIATION DES CONSONNES

Pour ne pas introduire dans cet essai des innovations de nomenclature qui y seraient déplacées, parce qu'elles me forceraient à une discussion que je ne pourrais aborder sans trop m'éloigner de mon but, j'ai adopté la terminologie généralement connue, remplaçant seulement la dénomination de *dentales* par celle de *linguales*. J'appelle linguales toutes les consonnes qui sont produites par un contact ou un rapprochement formé par le bout de la langue et un autre organe. Je me suis écarté de l'usage commun seulement sur ce point: en effet, appeler *r* une dentale est un contresens manifeste, un *r* dental étant impossible.

Les quatre groupes dans lesquels j'ai distribué toutes les consonnes portugaises comprennent douze articulations différentes, produites par des organes distincts, ou par des parties diverses du même organe. J'ai divisé ces douze articulations en treize lignes, parce que je sépare des articulations palatales les consonnes fricatives réduites, sourde et sonore, qui jouent un rôle tout particulier, et qui sont soumises à des lois spéciales, dans le dialecte portugais dont j'entreprends de faire connaître la phonologie.

La première ligne de notre tableau des consonnes contient les deux explosives gutturales, douce et dure (sonore et sourde), fran-

çaises (g^2 et k^2 de E. Brücke) g et c devant a ou ou , r ou l . Elles ne peuvent se trouver que devant les voyelles gutturales $à$, $ò$, $ô$, u , et leurs subordonnées neutres g , e , ou une consonne. Devant e ou les écrit par gu , qu , comme en français.

Devant les voyelles palatales $ê$, $é$, i , $î$, elles se changent en gu , qu de la seconde ligne, qui se prononcent un peu plus avant, contre le palais : ce sont g^1 et h^1 de Brücke¹.

Il n'y a point en portugais de fricatives gutturales, pas plus que la nasale ng des langues germaniques.

La nasale de la 3^e ligne, nh , est la palatale représentée en castillan par $ñ$ et en français par gn . Elle ne peut se trouver que comme médiale dans un mot portugais. C'est là un son simple, et non pas une diphtongue $ñî$, comme la plupart des phonéticiens allemands ou anglais le soutiennent.

Les palatales de la 4^e ligne sont un peu différentes des palatales françaises correspondantes.

D'abord, l'incipite th a depuis longtemps disparu du langage commun en français ; elle y a été remplacée par un i consonne moins fricatif que le j allemand.

Le th portugais est tout à fait semblable au h castillan et catalan, et il n'est pas redoublé comme le ghi toscan (= th ou $thî$). Il est à peu près identique au t polonais en conjonction avec des voyelles palatales, h russe, à cette différence près que la palatale slave est produite par une plus large surface de contact entre la langue et la partie antérieure du palais, ce qui a pour conséquence une plus large fissure labiale, et un rétrécissement latéral plus fort des deux côtés de la langue contre les parois de la bouche par où le souffle s'échappe, de sorte que les lèvres se trouvent écartées l'une de l'autre dans toute leur longueur. C'est là du moins la différence de formation qui résulte de mon observation personnelle.

Les fricatives j et x (ch) sont tout à fait identiques aux fricatives anglaises de *shall*, *vision*. Les palatales françaises j et ch sont prononcées un peu plus en avant contre les gencives, et

¹ *Grundzüge der Physiologie u. Systematik d. Sprachlaute*, p. 60-61. Peut-être était-ce là le son des lettres latines c , g devant des voyelles palatales. Au siècle dernier, de Wailly avait déjà fait observer que c , g n'avaient pas la même prononciation que qu , gu , qu'il disait avoir un son moins fort. « Principes généraux et particuliers de la langue française, » Paris, 1786, p. 383 et 395. Comme on sait, dans un grand nombre d'idiomes les gutturales k et g se palatalisent en k^1 , g^1 , t^1 , d^1 , etc. devant des voyelles palatales, et en français, provençal, portugais et castillan elles ont avancé jusqu'à s (z), z , z .

l'organe actif est positivement le bout de la langue; en outre, pour prononcer le *ch* et le *j* en français, on arrondit les lèvres presque autant que pour le *sch* allemand. Les palatales portugaises *j*, *x* sont tout à fait indépendantes de cette labialisation¹, et l'organe actif est un point de la surface supérieure de la langue, plus ou moins rapproché de son extrémité, selon que la voyelle précédente ou suivante est palatale ou gutturale. Le *ch* français, et surtout le *sch* allemand sont pour nous des sons étrangers.

Les réduites *s* sourde et sonore ne sont que *x* et *j* atténués. Presque tous les étrangers ont une grande difficulté à les prononcer, surtout à la fin d'un mot. Il faut remarquer que *s* palatal réduit se prononce *sourd* lorsque, à la fin d'un mot, il est suivi d'un repos quel qu'il soit; qu'il se prononce également *sourd* devant une consonne sourde; qu'il devient *sonore* devant toute consonne sonore, à quelque classe qu'elle appartienne, c'est-à-dire devant les fricatives et les explosives douces, ainsi que lorsqu'il est suivi d'une nasale ou de *l*.

À la fin d'un mot, devant la voyelle initiale du mot suivant, *s* palatal devient lingual = *z*, tout à fait comme en français, formant l'initiale d'une syllabe avec la voyelle du mot suivant, parce que les palatales réduites ne peuvent pas se trouver devant des voyelles; ainsi *os arcos* se prononce *u zárkyš*.

Devant *r*, *x* et *j* le *š* réduit est nul, ou bien *r*, *x*, *j* sont redoublés.

Pour apprendre à reproduire les fricatives palatales réduites du dialecte commun, il ne faut pas consulter les habitants du Minho ou de Trás-os-Montes, qui les prononcent d'une manière différente. Dans ces dialectes elles sont analogues au *s* castillan, lequel est formé dans un canal qui est le résultat du rapprochement de la surface inférieure de la langue et des gencives des dents supérieures. Cette prononciation est désignée par l'épithète *xabancas*, chez les habitants de Lisbonne, pour lesquels le mot *santo*, par ex., prononcé par un habitant du nord, sonne comme *xâty*.

¹ Voy. Storm, *op. cit.*, p. 27. J'aurais quelque chose à ajouter à ce que M. Storm dit à propos d'un *s supradental* des basques: ce doit être le *s* des Castillans et des Portugais du nord, le *s* de Trás-os-Montes, différent de *ç* = *s* alvéolaire dans ce dialecte: *paço* s'y prononce *pásu*, tandis que dans *passo*, le groupe *ss* a une prononciation différente, qui ressemble, si elle n'est pas identique, à *s* du castillan *paso*; peut-être le son portugais tient-il un peu plus du son du *ch* français que le *s* castillan, l'ouverture par où le souffle s'échappe étant plutôt circulaire.

L'*i* de *faia*, *fiar*, n'est que l'*i* atone, réduit parce qu'il se trouve devant une autre voyelle. Il est analogue à l'*i* de *Dieu*, *mien*, et tient plus de la voyelle que de la consonne, tandis que *y* de l'anglais *young* et du castillan *yunque* se trouve plus près de la consonne; pour produire ce dernier son, le rapprochement des organes facteurs est bien plus grand que pour l'*f* portugais. Le Portugais croira toujours que *faia* est un mot de deux syllabes, qui doit se diviser *fai-a* : l'*i* forme une diphtongue avec le premier *a*, la syllabe suivante est formée par le second *a*; le portugais *faia* contient donc une diphtongue décroissante¹ suivie d'une voyelle : le mot espagnol *haya* a pour éléments une voyelle suivie d'une diphtongue croissante, quand même on n'y regarderait pas le *y* comme une vraie consonne.

Les consonnes de la 6^e ligne sont prononcées plus en arrière contre le palais. Elles se trouvent seulement en conjonction avec les voyelles palatales, *è, ê, i, î*. Elles ne sont pas tout à fait identiques à *ś* et *ź* polonais, car l'aplatissement de la langue n'y est pas aussi considérable, l'étendue de la fissure étant à cause de cela moindre que pour les palatales slaves. La fricative sonore de cette ligne est le plus souvent représentée par *g* suivie de l'une des voyelles *e, i*.

Les fricatives réduites *s* sourd et sonore deviennent plus palatalisées lorsqu'elles se trouvent en conjonction avec des voyelles palatales.

L'ancipite centrale vibrante *rr* (*r*) est le *r* initial ou *rr* double des langues néo-latines, le français excepté. Elle est prononcée un peu plus en arrière que *r* simple, et est généralement linguale. On trouvera individuellement des *r* vibrantes uvulaires, même parmi des gens qui prononcent *r* simple comme une linguale. En général, les Français et les Allemands, ceux-là même qui ne *grasseyent* point, ont l'habitude de gutturaliser le *rr* lingual, ce qui n'a jamais lieu chez les Portugais, les Espagnols ou les Italiens. En italien, *r* simple après une consonne est souvent prononcé double; en espagnol et en portugais ce *r* liquide est toujours simple.

Quelquefois je prononce le *r* initial comme une fricative sonore une espèce de *rz* (non pas *rż* comme le *rz* polonais). J'ai rarement trouvé cette particularité dans la prononciation d'autres individus portugais. Ce *r* fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le *r* vibrant;

¹ V. *Romania*, III, 323. J'accepte la désignation proposée à cet endroit par M. L. Havet pour distinguer les deux sortes de diphtongues *aï*, *ia*, que Lepsius proposait d'écrire *aï*, *ia*, en affectant la voyelle atone de la marque de la brève.

je ne saurais dire, toutefois, jusqu'à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale; je l'ai surtout remarquée chez des naturels de Pernambuco et de São Paulo.

R de *cara*. C'est le *r* médial ou final. Il ne se trouve jamais comme initiale du mot, pas même lorsque ce mot est précédé d'un autre terminé par une voyelle atone. C'est là une différence qui sépare l'italien du portugais et de l'espagnol. Un Italien prononcera le *r* de *rosa* tout à fait comme un Espagnol ou un Portugais; lorsque, cependant, ce mot est précédé d'une voyelle atone, celle de l'article par exemple, l'Italien dira *la rosa*, l'Espagnol *la rrosa*, le Portugais *a rrosa*; les lois de la position faible ou forte des consonnes en italien n'étant pas connues dans le Peninsule hispanique, si ce n'est peut-être en Catalogne.

Il faut s'abstenir de toute gutturalisation dans la prononciation de *r* simple, lequel est bien plus près de *d* que le *r* germanique ou français.

La neuvième ligne ne contient qu'une consonne, le *l* gutturalisé, lequel, parmi toutes les langues néo-latines, est propre au portugais. Tandis que le bout de la langue s'appuie contre les gencives, ou plutôt contre les alvéoles des dents incisives supérieures, le dos s'en élève vers le point guttural. La seule différence entre le *l* portugais après une voyelle et le *l* polonais consiste, ce me semble, en ce que pour celui-ci le bout de la langue se trouve en contact positivement avec les dents, ce qui détermine une moindre flexion de cet organe; d'où il résulte que la gutturalisation est plus perceptible à l'oreille. Outre cela, le *l* des langues slaves peut précéder une voyelle gutturale aussi bien que la suivre; le *l* gutturalisé du portugais, au contraire, ne peut que suivre la voyelle, qu'elle soit d'ailleurs gutturale ou non; il la gutturalise en même temps, et de cette particularité provient une série de voyelles qui ne se trouvent que devant *l* dans la même syllabe. Il n'y a généralement que la voyelle *a* qui soit affectée par la prononciation de *l*, lorsque cette consonne est médiale, comme dans *malla*, *salla* (*mâl-a*, *sâl-a*). Bien des personnes, cependant, gutturalisent toutes les voyelles devant *l* dans le corps du mot, parce qu'elles gutturalisent aussi le *l* médial entre deux voyelles. On pourrait à la rigueur considérer le *l* gutturalisé réduit comme la subjonctive de diphtongues analogues aux diphtongues anglaises *are*, *ere*, *ïre*, *ore*, *ure*, *oor*, et en dresser le tableau suivant, qui viendrait s'ajouter aux quatre tableaux que nous avons donnés des diphtongues portugaises, comme contenant des éléments spéciaux de cette langue.

DIPHTONGUES ORALES AYANT POUR SUBJONCTIVE *l* RÉDUIT

Exemples

	<i>âl</i>			<i>mal</i>	
<i>il</i>	—	<i>òl</i>	<i>mel</i>	—	<i>sol</i>
<i>êl</i>	—	<i>ôl</i> (rares)	<i>feltro</i>	—	<i>sôlto</i>
<i>ùl</i>	—	<i>ul</i>	<i>mil</i>	—	<i>sul</i>

La voyelle *i* devant *l* dans la même syllabe est plutôt ouverte, presque autant que l'*i* bref anglais de *till*, *bid* ; elle est en outre gutturale comme toutes les prépositives de ces diphtongues.

De même que pour les diphtongues anglaises à subjunctive *er* et les nasales françaises, le *l* a une valeur double lorsqu'il se trouve à la fin d'un mot suivi d'un autre mot qui commence par une voyelle : il sert à former la subjunctive de la diphtongue, et il se lie en outre à la voyelle initiale pour former une autre syllabe ; il a donc la valeur de deux *ll*, dont le premier est gutturalisé et réduit, et le second lingual et plénisonant. Ainsi *sal amargo* se prononce *sâl lamârgu*, tout comme en anglais *pure angel* = *pîhê rêîndjêl* et en français *mon ami* = *mon namî*.

Il y a des Portugais qui ne prononcent dans ces cas que le seul *l* de liaison, ne gardant du *l* gutturalisé que son influence sur la voyelle qui le précède : ils disent donc *sa lamargo*, prononciation analogue à celle de l'anglais *hê rûn'kêl* au lieu de *hêr rûn'kêl* (her uncle).

La 10^e ligne contient l'ordre des linguales sous-dentales, lesquelles sont prononcées, surtout les explosives *t d*, bien plus près des dents incisives que les sons analogues en français, beaucoup plus que *t* et *d* anglais, lesquels sont, comme on sait, des consonnes sous-cacuminales, qui deviennent de vraies cacuminales devant *r*. Lorsque la consonne *d* se trouve entre deux voyelles, elle est le plus souvent fricative, c'est-à-dire qu'elle se prononce comme le *d* danois après une voyelle longue. C'est là ma prononciation du *d* entre voyelles, même d'un mot à l'autre, lorsque je fais l'élision de l'*e* muet. Il y a cependant des personnes qui ne *sifflent* cette consonne que lorsqu'elle se trouve en contact avec une fricative sonore, comme dans l'exemple que nous en avons donné, ou dans cet autre : « a casa de Deus », prononcé *ã kâza dê dêũs*, ou plutôt *ã kâza ddêũs*, l'*e* neutre de la préposition *de* y étant le plus souvent tout à fait nul.

La consonne *n*, lorsqu'elle ne se trouve pas devant une voyelle dans le même mot, ne sert qu'à rendre nasale la voyelle qui la précède. Ainsi non seulement on prononce *canto*, comme si l'on écrivait *kāty*, mais encore les deux mots *lan azul*, par exemple, se prononcent *lā qzūt*, sans faire aucune liaison entre la nasale *ā* et la voyelle initiale du mot suivant. Il en est de même de la nasale labiale *m*: on écrit *rombo* et *com a casa*, et l'on prononce *rōby*, *kō q kaza*. Cette nasalité d'une voyelle devant une autre voyelle se retrouve dans les dialectes de Minho et Douro: on y prononce *bōū* au lieu de *bō* (*bom*), *ūq* au lieu de *uma*. A Lisbonne on entend souvent *bōq* au lieu de *bōq*, comme je l'ai dit plus haut. Cette prononciation était autrefois générale: on disait *kumūq* (*commūa*) pour le féminin de l'adjectif *commun*, lequel est à présent uniforme à côté des substantifs *communa* = *commune*, *commua* (= sentine, lieux d'aisance). On disait aussi *lūa*, et Garret a voulu rétablir *ūa* à la place de *uma*, féminin de *um*, devant un mot dont l'initiale serait *m*.

Son exemple n'a pas été suivi. Aujourd'hui, la suppression de *n* entre deux voyelles, dans des mots où autrefois il nasalisait la voyelle tonique, est un fait accompli dans le dialecte usuel, et toute autre prononciation sentirait le provincialisme. Il me semble que l'ancienne orthographe *āa* pour *ā* ou *an* indiquait aussi une diphthongue qui a depuis longtemps disparu.

Les consonnes des deux dernières lignes n'offrent rien de particulier. Elles sont tout à fait semblables aux sons exprimés par ces lettres en français, pourvu que pour la nasale *m* on observe la règle que nous venons de mentionner à l'égard de *n*. La semi-voyelle *u* de *quando*, *o* de *soar*, répond à *ou* français de *zouave*, *u* de *équateur*.

Pour l'orthographe des voyelles nasales, nous ferons remarquer que le *tīl* ~ ne se place que sur *a*, *o*, lorsqu'ils font partie d'une diphtongue nasale, *āo*, *āe*, *ōe* (*āū*, *āī*, *ōī*); quelques-uns le mettent aussi sur l'*a* des finales *ā*, que d'autres écrivent *an*, et aussi *āa*, selon l'ancienne façon de représenter ces terminaisons. Toutes les autres nasales s'écrivent par *m* à la fin des mots et devant *b*, *p*, et par *n* partout ailleurs, par ex. *campo*, *som*, *atum*, *santo*, *sons*, *atuns*, prononcés *kāpy*, *sō*, *atū*, *sātu*, *sōš*, *qtūs*. La diphtongue *āī* s'écrit *em* à la fin d'un mot, et *ens* lorsqu'elle est suivie de l'*s* qui sert à former les pluriels, comme on vient de voir pour les mots *sons*, *atuns*; il en est de même de tout *m* désignant la nasalité: il se change en *n* devant l'*s* des pluriels ou de la 2^e personne des verbes.

Le pluriel du mot *mãe* et les pluriels en *ãs* de mots qui se terminent au singulier par *ão* s'écrivent toujours par *ães*. J'ai déjà fait observer que dans les provinces de l'Alemtejo et de l'Algarve *de* et *em* se prononcent différemment, le premier étant égal à *ãi*, et le second à *ẽi*, avec un *e* fermé. Cette différence coïncide partout avec la prononciation *ẽi* à la place de *gi*, attribuée à la diphtongue *ei*.

Lorsque la diphtongue *ãu* (*ão*) est atone, on l'écrit communément par *am* dans les verbes et dans quelques noms assez rares qui ont cette diphtongue comme finale atone, tels que «Estevam, Christovam, orpham,» prononcés *ĩstêvãũ, krĩstóvãũ, órfãũ*; ce dernier mot reprend l'orthographe ordinaire de la diphtongue au pluriel, *órfhãos*, car la lettre *m* ne saurait être suivie de *s*.

Il faut se rappeler que *am*, *em* ne sont pas des diphtongues dans le corps des mots devant *p*, *b*; elles n'y sont qu'une simple variation orthographique de *an*, *en*, et la voyelle qui les précède se prononce comme une nasale simple, *ã*, *ẽ*, (*i*, lorsque *em* est initial). Il y a des personnes qui écrivent le mot *tão* (aussi) par *am*, et je suis de ce nombre; le mot *tambem* (également, de même) s'écrit toujours par *m*, et on le prononce tantôt *tãbãĩ*, tantôt *tãũbãĩ*; la dernière syllabe, cependant, en est toujours la tonique. Garret voulait que l'on distinguât *tambem* (*tãbãĩ*) = de même, de *tam bem* (*tãũ bãĩ*) (également bien, aussi bien que), et son opinion fut un temps respectée sur la scène; elle ne l'est plus.

On ne trouve des consonnes réellement doubles dans aucun mot portugais; on les rencontre seulement d'un mot à l'autre, et c'est ordinairement la suppression de l'*ç* des monosyllabes *de*, *me*, *te*, etc., qui y donne lieu; on vient de voir un exemple de ce redoublement dans la phrase «a casa de Deus».

La consonne *rr* ne saurait être non plus regardée comme le redoublement de *r*, car les points où les deux consonnes sont produites ne sont pas identiques: leur *sthāna* est différent.

On ne doit donc pas dire qu'il y ait des *assimilations totales* de consonnes en portugais: mais il y a plutôt des *absorptions*. Le mot *acto* est prononcé *átu* et non pas *atto* comme en italien; le *c* tombe devant le *t*, il ne devient pas *t*. C'est à une absorption semblable qu'est due la simplification de *tç* en *s*, dans les dialectes du sud, pour le groupe *ch*. Dans des mots tels que *director*, *acção* (*dĩrêtor, àsãũ*), il y a d'abord la chute du *c*, puis la compensation de cette consonne dans les voyelles *a*, *e*, qui restent *ã*, *ẽ* au lieu de devenir *g*, *ç*, sons qui autrement seraient le résultat de leur atonie.

On connaît certainement des assimilations partielles, par exemple dans la prononciation de *š* palatal comme *ž* devant une consonne sonore; mais on ne saurait trouver des assimilations totales, je le répète, que d'un mot à l'autre.

Nous terminerons cette revue des consonnes portugaises par quelques observations sur la prononciation de *s*, *š*, *ç*, *z*; *x*, *ch*; *b* et *v*.

Dans presque tout le domaine de la langue portugaise, *s* et *ç*, *š* et *z*, *x* et *ch* sont identiques deux à deux, et répondent à peu près aux lettres françaises *s*, *z*, *ch*. Dans la province de Trás-os-Montes et dans quelques endroits du Minho, les habitants des villages et des hameaux gardent encore l'ancienne prononciation qui distingue *s* de *ç*, *š* de *z*, *x* de *ch*, distinction tout à fait perdue, du moins dans le dialecte moderne, depuis le fleuve Douro jusqu'à l'extrémité méridionale du royaume, aussi bien que dans les colonies et dans le Brésil. Je ne saurais dire jusqu'à quel point cette différence se maintient dans toute la province de Trás-os-Montes. A Bragança et dans ses environs, tout près de la frontière espagnole, *s* et *š* (doux) sont la sourde et la sonore d'un ordre spécial; ces deux consonnes, comme toutes les fricatives, sont produites par le passage du souffle ou de la voix à travers un canal formé par le rapprochement de deux organes: la surface inférieure de l'extrémité de la langue et les gencives derrière les dents incisives supérieures. La sourde est pour ainsi dire tout à fait semblable à *s* castillan, et on les retrouve toutes les deux en Catalogne et dans quelques dialectes italiens¹. J'appellerai ces consonnes *sous-cacuminales*. La fricative *s* de cet ordre se prononce sourde au commencement des syllabes, à la fin d'un mot, devant un repos quelconque, devant une consonne sourde et entre deux voyelles, quand elle est

¹ Trouve-t-on en Auvergne ces deux sons, *s* et *š*? C'est aux phonéticiens français de le décider. M. Jules Cornu, dans un article, excellent sous tous les rapports, sur le dialecte grégorin, publié dans la *Romania* (vol. iv), nous dit que *s* et *z* ne s'y trouvent que dans les composés *ts*, *tz*, et que partout ailleurs ils se prononcent *x* (*ch* français) et *j*. J'avais des doutes là-dessus, et j'avouerai qu'ils ne se sont pas entièrement dissipés. Je croirais plutôt que *s* et *z* y son notre paire de fricatives sous-cacuminales. J'ai consulté personnellement M. Jules Cornu, il n'est pas de mon avis; je le prierais cependant de faire de nouvelles épreuves, car il connaît maintenant ces deux sons, dont j'ai eu occasion de lui expliquer le mécanisme dans le portugais dialectal.

Pour les dialectes italiens, j'ai remarqué que l'actrice Pezzana et l'acteur Rossi prononçaient la sourde comme *s* commune, mais que leur *s* douce (de *rosa*) était toujours sous-cacuminaire.

redoublée (écrite, non pas prononcée, deux fois). Médiale entre deux voyelles, ainsi que devant une consonne sonore, elle se prononce douce.

Les consonnes *ç* et *z* ont le son de *s* et *z* français, seulement ils sont produits plus en arrière par le dos de la langue, non pas avec son extrémité; toutefois *z* à la fin d'un mot se prononce *s* (*ç*), de sorte que les mots *dez*, *feliz*, s'y prononcent *dès*, *félisç*, et non pas *dès*, *félis* comme dans les dialectes du sud, et presque partout ailleurs.

A cause de cette distinction entre *s* et *ç*, *s* et *z*, les mots *passo* et *paço*, *coser* et *cozer*, ne sont point des homophones; on les prononce respectivement *pásu* (un pas) et *páçu* (un palais), *kúsêr* (coudre) et *kúzêr* (cuire, bouillir).

C'est aussi à cause de cette distinction que l'orthographe *-ês*, *-eses* de la terminaison des adjectifs dérivés de noms propres de nations, suivie par Alexandre Herculano et autrefois presque générale est préférable à l'orthographe *-ez*, *-ezes*, adoptée par la plupart des écrivains modernes, car, à Trás-os-Montes, des mots tels que *português*, *francês*, se prononcent toujours «*portuguêš*, *frâcêš*» au pluriel «*portuguêšês*, *frâcêšês*» et non pas *portuguêš*, *frâcêš*, *portuguêzês*, *frâcêzês*, comme ailleurs.

Dans la province de Beira-Alta, il semble que l'on ne prononce *s*, *ç* sous-cacuminales que lorsqu'elles sont finales de mots ou se trouvent devant des consonnes, par ex. *flores*, *estrada*, pron. *flôrêš*, *êstrada*.

Dans presque tout le nord *x* est une fricative analogue à *sh* anglais; *ch* répond au *ch* de cette langue et de l'espagnol, c'est-à-dire à une consonne composée, *tš*.

Dans tout le sud et dans la partie moyenne du royaume, *b* et *v* sont parfaitement distincts: *b* est l'explosive bi-labiale douce, *v* la fricative labio-dentale également douce et plus ou moins bourdonnée. Dans la région la plus septentrionale du royaume, on confond *b* et *v* en un seul son: lorsqu'ils se trouvent dans la position forte, c'est-à-dire après un repos ou une consonne, ils sont tous les deux explosifs = *b*; dans la position faible (entre deux voyelles) ils deviennent fricatifs, et alors ils ont tous les deux la valeur du *v* simple entre voyelles du dialecte romain, analogue au *w* dialectal allemand, c'est-à-dire ils ont le son de la fricative bi-labiale douce, tout à fait comme dans une grande partie des dialectes espagnols.

A Porto, et probablement dans toute la région environnante, on fait un échange entre les sons de ces deux consonnes, phénomène

analogue à la permutation du *v* et du *w* à Londres : *b* a le son du *v*, et *v* a le son du *b*. On dit par exemple, et le plus souvent les gens peu instruits l'écrivent, *binho rom*, au lieu de *vinho bom*. A Trás-os-Montes, le son *b* prédomine pour ces deux consonnes. On sait que presque partout en Espagne *b* et *v* se trouvent confondus. La prononciation du *b* comme fricative bi-labiale douce, dans la position faible, et surtout sous l'influence médiate ou immédiate d'autres fricatives, n'est pas d'ailleurs rare, même à Lisbonne, ce qui met ce son d'accord avec l'assibilation du *d* dont j'ai parlé plus haut.¹

Le catalogue des sons d'une langue ou de ses dialectes qui, quoique méconnus ou déguisés par l'imperfection de l'orthographe ou l'uniformité littéraire, n'en existent pas moins, serait curieux à dresser. J'ai tâché d'en révéler quelques-uns, et je serai plus long si je ne craignais pas de trop m'éloigner de mon sujet. J'ai constaté, par exemple, une autre nasale, moins palatale que le *nh*, et qui ne se trouve que devant une voyelle à la suite de la diphtongue *ai*, dans la prononciation de Bragança ; par exemple, la phrase *em altos montes* s'y prononce *ẽi ãltus môtês*, et cette sorte de *glide*, ou phonème nasal d'union qui évite l'hiatus, n'est autre chose que le π' de E. Brücke, le *ng* allemand de *stengel*, c'est-à-dire le *ng* germanique en conjonction avec des palatales².

PHONOLOGIE DES VOYELLES

On doit établir deux divisions spéciales pour les voyelles portugaises.

a) Voyelles ouvertes	à	è	ò
Voyelles fermées	â	ê	ô
Voyelles indifférentes	e	i, j	u, y

¹ V. dans *O Positivismo*, 4.^e anno (1882), n.^{os} 1 et 2, mes articles sur la phonétique du dialecte de l'Andalousie, à propos d'un travail analogue de M. Schuchardt (*Zeitschr. f. Rom. Phil.* V), où je traite la question de *s*, *z*, *b* et *v* en portugais.

² On doit s'être aperçu que je n'ai rien dit de l'explosive pharyngienne qui est l'initiale des mots allemands qui, en apparence, commencent par une voyelle, tels que *ander*, *Art* etc., et que l'on représente ordinairement par l'apostrophe. Elle n'existe pas en portugais ; les voyelles qui se trouvent en contact, comme on verra plus loin, forment des crases ou des diphtongues, ou bien on évite

b) Voyelles pleines	à	ê	é	i	ò	ô	u
Voyelles réduites	a	ɛ	(i)	ɪ	(e)	y	

Les voyelles pleines se trouvent dans les syllabes accentuées ; les voyelles des syllabes atones, au contraire, sont réduites toutes les fois qu'elles ne sont ni nasales, ni suivies de *l* gutturalisé, ni protégées par une consonne anormale fermant la syllabe, que cette consonne soit d'ailleurs prononcée ou nulle. Les syllabes terminées par *s*, ainsi que les syllabes médiales ou initiales commençant par une consonne et terminées par *r*, sont traitées comme des syllabes ouvertes, c'est-à-dire que la voyelle qui précède ces deux consonnes *s* et *r* devient réduite, tout à fait comme si elle terminait la syllabe.

Les seules diphtongues atones soumises à la réduction sont *ai*, *ei*, (écrites *ai*, *ei*) devant des voyelles.

La voyelle réduite *i* ne se trouve que devant ou après une consonne palatale, dans une syllabe atone. L'*f* et l'*u* jouent le rôle de subjonctives dans les diphtongues, comme nous avons déjà vu.

Les voyelles *i* (*ɪ*) *y* (*ɪ*) s'écrivent tantôt par *i*, *u*, tantôt par *e*, *o*. Seulement *i*, *ɪ* ne peut s'écrire *e* que devant une autre voyelle, comme subjonctive de diphtongue, ou en conjonction avec des palatales (*e*), et cela parce que la voyelle *e* atone a une prononciation différente, celle de *ɛ*, toutes les fois que, hors des circonstances que nous venons de constater, elle appartient à une syllabe atone ouverte ou terminée par *r*. La voyelle réduite *y* (*ɪ*), au contraire, répond aux trois voyelles pleines *ò*, *ô*, *u* ; il serait donc indifférent pour la prononciation de l'écrire par *o* ou par *u*. Quelques exemples éclairciront ce point.

Des mots primitifs	<i>gôla</i> , <i>bôlo</i> , <i>mula</i>
on forme les diminutifs	<i>golinha</i> , <i>bolinho</i> , <i>mulinha</i>
qui se prononcent	<i>gultinha</i> , <i>bultinho</i> , <i>mutinha</i> ;
tandis que de	<i>prêto</i> , <i>fêro</i>
on forme les diminutifs	<i>pretinho</i> , <i>ferrinho</i>
et du mot	<i>fittã</i> on forme <i>fittinha</i> , sans atténuation

l'hiatus par la semi-vocalisation. On pourrait à peine constater l'existence de cette consonne, que j'indiquerai par *o*, entre le mot *treze* et le mot suivant, commencé par *i* atone, par ex. *treze irmãos* (treize frères) pour le distinguer de *três irmãos* (trois frères), ou dans des cas analogues.

de la voyelle devenue atone par le déplacement de l'accent que les terminaisons *-inho*, *-inha* exigent.

Le son de l'*â fermé* coïncide avec celui de l'*â neutre*, seulement celui-ci est plus faible, surtout après l'accent; ces deux voyelles *â*, *ɑ* sont entièrement identiques en ce qui concerne leur timbre. Les rapports entre *â* et *ɑ* ne sont pas analogues à ceux de *è* et *ê*, *ò* et *ô*¹.

On peut établir cette règle générale que lorsqu'une syllabe est ou est devenue atone, sa voyelle orale devient réduite dans les conditions exprimées par le tableau suivant :

¹ Le son de *ɑ* pour *a* ne dépend point de l'origine de cette voyelle, mais bien de la place qu'elle occupe par rapport à l'accent et aux sons contigus. En principe *e* et *o* fermés proviennent de *ē*, *ō* ou de *ĩ*, *ũ* latins. L'*a*, au contraire, se prononce *ɑ* par l'influence de la consonne nasale suivante, lorsqu'il est tonique, ou bien c'est l'absence de l'accent qui l'assourdit : son origine n'y est pour rien.

Quelques mots sur ce son en provençal.

Le *Donatus Provincialis* (éd. de 1858 par M. Guessard, la seule que je possède et que je puisse consulter pour le moment), dans la partie qui traite des *Rimas*, outre des *e* et des *o* larges (ouverts) et *estroits* (fermés), nous donne aussi des *a* larges et *estroits*. Quel son avait donc l'*a estroit*? Si nous voulons suivre l'analogie de *e* et de *o*, nous avons devant nous trois hypothèses, c'est-à-dire trois sons plus fermés que *à* : l'*a* anglais de *bad*, qui se retrouve dans quelques dialectes italiens et dialectalement aussi en portugais; l'*a* anglais de *wad*, *what*, soit *a* palatalisé ou labialisé; et enfin l'*u* bref anglais de *bud* dans la série moyenne ou neutre (v. la pyramide des voyelles et la note 6), ou quelque chose d'analogue. Dans le *Donatus Provincialis* (p. 45), les *a estroits* se trouvent réunis en deux sections, et dans tous les mots cités, *abbas* excepté, on voit que *n* a été supprimé, si l'on compare tous ces mots aux mots latins correspondants. Dans les dialectes portugais parlés dans la région comprise entre le Mondego et l'extrémité méridionale du royaume, l'*a* accentué devant une consonne nasale est fermé, c'est-à-dire il a un son neutre un peu moins ouvert que l'*u* anglais de *bud*, par ex. dans *mundâno*, vocable que nous retrouvons dans le *Donatus* sous la forme *mundas*, subordonné à la rubrique *a estroit*. Cette terminaison *-as* se prononçait-elle *ɑs*? Précisément, un grand nombre de ces *e* et des *o* fermés ou ouverts cités dans le *Donatus* coïncident avec le son de ces voyelles dans les mots portugais correspondants, lorsque celles-ci n'ont pas subi l'influence de sons contigus; c'est là une raison de plus en faveur de notre hypothèse : *a estroit* du *Donatus* = *ɑ* portugais de *cama*, *canna*, *manha*. V. Milá y Fontanals, *De los Trovadores en España*, p. 460, n. 8; et aussi sur la prononciation de *o* = *u* et *e* ou *a* = *ɑ*, lorsque ces voyelles sont atones, dans quelques dialectes catalans, anciens aussi bien que modernes, ib., p. 461-464 et les n. 10, 11 et 12. Je suis cependant bien loin de me conformer pleinement à la doctrine de la note 8 citée, et en encore moins à la terminologie adoptée par le savant romaniste. Qu'est-ce, en effet, qu'une voyelle *gangosa*, *sucia*, *límpia*, et *una articulacion pronunciada con mas ó menos suavidad*? Il serait assez difficile d'attribuer à cette *vaguedad* d'épithètes un sens précis.

Voyelles pleines	
Voyelles réduites	
devant des consonnes	
devant des continues palatales ¹	
devant des voyelles	

â, â ^a	—	a	a	a	(ordinairement forme crase en â)
è, ê	—	e	ɛ	i	que l'on écrit par e, et que nous représen-
					terons par e, ė=i, i
i	—	i, ɛ ^b	i	i	que l'on écrit par i
ò, ô	—	u	u	û	que l'on écrit par o, et que nous représen-
					terons par o, ô=û, û
u	—	u	u	ü	que l'on écrit par u.

a) Dans la notation que j'ai adoptée, *â* désignera dorénavant l'*a* neutre accentué, ou *a* fermé; *â*, l'*a* neutre atone, *a* l'*a* neutre sans aucun rapport à l'accentuation; je le répète cependant, le timbre en est partout le même; et si nous voulions établir une échelle de l'acuité de ces trois *a*, nous dirions que *a* accentué (*â*) est celui qu'on entend le mieux; puis vient *a* prétonique, puis enfin *a* posttonique qui est le plus bref et le plus obscur de tous.

b) Les voyelles *e* et *i* atones devant une continue palatale ou une voyelle sont identiques; il en est de même lorsqu'elles forment la subjonctive d'une diphtongue. Devant une autre consonne quelconque, *e* se prononce *ɛ*, et l'*i* est plénisonant, et à la fin des mots (très rare) il s'atténue en *ɨ*. Dans une suite de syllabes atones dont la voyelle sera toujours *i*, le dernier *i* seulement garde le son qui lui est propre; ceux des syllabes qui le précèdent

¹ J'appelle «continues» toutes les consonnes qui ne sont point formées par le contact parfait de deux organes, c'est-à-dire toutes les fricatives, les ancipites *l* et *r*, les nasales et les semi-voyelles.

se prononcent ϵ : ainsi les mots *ministro*, *militar* se prononcent *menistro*, *mēlitr*. Toute autre prononciation sentirait le pédantisme. Cet obscurcissement de l'*i* est très ancien : l'ancienne orthographe le démontre. Nous avons donc deux lois : ϵ devient *i*, *i* devient ϵ .

Du concours de ces deux lois, il résulte que le mot *vicejar* se prononce *veçijár*, et le mot *privilegiado* communément *praveļi-jlādo*.

Il y a sans doute des exceptions à cette règle du changement de *i* en ϵ : les *i* des terminaisons du conditionnel des verbes, *-ir-ia*, *-ir-ias* etc. ne sont pas soumis à cette atténuation ; on prononce *viria*, *dividiria* (*devidirig* ou *devedirig*) ; c'est là un fait qui démontre l'existence indépendante du suffixe *-ia* dans cette forme, d'un usage d'ailleurs assez restreint, puisqu'elle est presque toujours, dans le style ordinaire, remplacée par l'imparfait de l'indicatif, son emploi dans le langage commun étant presque borné à exprimer le prétérit d'un mode dubitatif, dont le présent est formé par le futur simple en *-r-ei*, lequel, à son tour, est rarement employé dans le sens de futur.

Nous avons déjà vu que les syllabes formées par des voyelles nasales ou gutturalisées (devant *l* gutturalisé) ne se modifient pas lorsqu'elles deviennent atones : *rēndg* — *rendēr*, *fālta* — *faltār* ont à la première syllabe des voyelles identiques. Il en est de même pour les terminaisons en *-r*, dont la voyelle atone est toujours ouverte, *ār*, *ēr* ; cette voyelle ne devient réduite que lorsque le mot s'accroît d'une syllabe, par exemple : *Cēsār*, au pluriel *Cēsgrēs* ; *cadārēr*, au pluriel *cadāgrēs*. Ces mots, cependant, ne sont pas populaires, surtout au pluriel.

Les voyelles *a*, ϵ , *ū* offrent quelques particularités : ϵ ne saurait être l'initiale d'aucun mot, comme nous l'avons vu dans la constitution de la syllabe : lorsqu'un mot commence par *e* (ou *he*) atone, cet *e* se prononce *i* devant une continue palatale, *i* devant toute autre consonne ; *elogiō*, *esposō* se prononcent *ilujju*, *išpōzu*. Il en est de même de la voyelle nasale *en em*, qui se prononce *ī* au lieu de *ē* au commencement d'un mot, et dans le langage ordinaire la préposition *em* (*āi*) sonne également comme *ī* ; la phrase *entrei em tua casa* se prononce donc *ītrāi ī tuā kaza* ou bien *ītrāi āi tuā kaza*, jamais *ētrāi* ... etc., du moins dans le dialecte commun.

Les voyelles *a* et *o*, lorsqu'elles sont initiales d'un mot dans une syllabe fermée, gardent généralement le son ouvert ; on pro-

nonce donc *hortelão*, *hospedar*, *armario* et *aspirante* comme *òrtelãũ*, *òspedár*, *armárfy*, *àspirãtẽ*. On entend souvent *urticultúra* (*horticultura*), *armazãĩ* (*armazem*) et surtout *àspirár*; cette prononciation, cependant, n'est pas celle du peuple, quoique assez commune parmi les instruits, qui se sont fait une prononciation à eux; le peuple continue de dire *ũ armazãĩ* (*um armazem*), *ũ òrtelãũ* (*um hortelão*), *ũ mòspedária* (*uma hospedaria*).

Lorsque la voyelle *e* se trouve dans le corps d'un mot, suivie de *r* ou précédée de cette consonne dans la même syllabe, elle est tellement obscure qu'une oreille exercée peut seule distinguer la place qu'elle occupe par rapport à *r*. De là une foule de fautes d'orthographe. Des gens instruits même s'y trompent souvent. En effet, les deux vocables *predicção* (*predicãũ*) et *perdição* (*perdiçãũ*) sont très difficiles à distinguer. On voit communément dans les journaux et même dans des livres *pertenção* au lieu de *pretensão*, le mot *pertencer* (appartenir) servant à égarer ceux qui n'en connaissent pas l'origine. Cette confusion, due à la prononciation obscure de l'*e* de la première syllabe (*e*), est sans doute très ancienne, ce dont fait preuve le mot *perguntar*, qui a dû être prononcé *preguntár*, car autrement le premier *e* du latin *percunctare* ne serait point devenu *g*. L'orthographe *perguntar* a été certainement refaite sur le latin, car le peuple, par exemple celui des environs de Lisbonne, prononce ce mot avec un *e* ouvert à la première syllabe, *prẽguntár*, ce qui le rapproche du castillan *preguntar*.

Il y a une prononciation de *e* atone devant l'*r* de la syllabe suivante très commune parmi le peuple, c'est-à-dire celle de *a*. Ainsi on entend souvent *amaricãno* au lieu de *americãno*, *jarãl* au lieu de *gerãl* (*geral*).

Quelquefois aussi on prononce à tort l'*e* atone comme *y* lorsqu'il est en conjonction avec des labiales, par ex. : *purmetir* = «permettre.» J'ai vu, il n'y a pas longtemps, une enseigne de cabaret qui portait *bubidas* au lieu de *bebidas*, «des boissons». Le mot «prometter» (*prumetêr*) est souvent prononcé *purmetêr*. C'est là sans doute l'origine de *por* (*pur*) = «par» au lieu de *per* du latin *per*.

Les deux prépositions *per* et *por* se trouvent confondues dès les premiers monuments de la langue, et *per* a presque disparu du langage actuel, après y avoir laissé les composés *pelo*, *pelas*, *pela*, *pelas* (*perlo*, etc.), écrits à tort avec un seul *l*, et prononcés tantôt *pely*, *pela*, etc., tantôt *pely*, *pêla*, etc. La distinction que Duarte Nunes de Leão voulait établir me semble plutôt ingénieuse

que vraie¹; elle aurait cependant en sa faveur le fait cité plus haut de *purmetêr* au lieu de *prumêtêr*. Selon sa théorie, *per* serait le latin *per* et répondrait par conséquent au français *par*, tandis que le latin *pro* se retrouverait dans *por*, qui aurait pour correspondant en français *pour* dans le sens de *à la place de, en faveur de*. Pour exprimer le but on emploie en portugais la préposition *para* = *per ad*², qui se distingue de *a* en ce que cette dernière répond plutôt à *jusqu'à*, et suppose l'idée de retour. On dira, par exemple, *rou a Cintra e volto hoje mesmo*, «je vais à Cintra, et j'en reviendrai aujourd'hui même»; mais on dira *rou para Cintra*, si l'on a l'intention d'y rester; *rou a casa*, «je vais chez moi et je reviendrai», *rou para casa*, «je vais chez moi et j'y reste». Le portugais est la seule langue, que je sache, qui fasse une telle distinction de rapports par le seul emploi de prépositions différentes.

¹ Voy. Fréd. Diez, *Grammatik d. Romanischen Sprachen* Th. II, S. 484; Th. III, S. 175-179.

M. Jules Cornu, dans un article récent (*Romania*, t. X), sous le titre de «Influence des labiales sur les voyelles aiguës atones», nous présente une suite de mots portugais où *e* est devenu *u*, *o* (*u*) sous l'influence progressive ou régressive d'une consonne labiale. Le savant romaniste nous dit: «Le portugais surtout fournit un nombre fort considérable d'exemples, et la langue populaire doit en posséder bien d'autres.» Certainement, elle en possède. À la longue liste dressée par M. Cornu, j'ajouterai: *derrubar* à côté de *derribar*, *forçura* à côté de *fressura* qui est rare dans le dialecte populaire, *supultar* au lieu de *sepultar*, *lugar* pour *legar*, *possôal* pour *possôal*, etc. Dans cette liste nous voyons *bubida*, que nous avons cité dans le texte avant de lire l'article intéressant dont nous occupons maintenant. Le peuple confond souvent *sprragens* avec *ferragens*. Au lieu de *ruselução*, qui n'est plus usité, je mettrais *rozulção*, qui est assez commun. Le mot *escandula* pour *escandalo*, dans le sens d'offense, tort, est très répandu à Lisbonne: *ocupação* au lieu de *ocupação*, *gratorio* au lieu d'*oratorio* sont aussi très fréquents. Ce sont des cas de dissimilation. M. Cornu ne cite pas *incômmodo* au lieu de *incômodo* qu'il doit avoir entendu très souvent, même parmi des gens d'une certaine instruction. Ce dernier changement de la voyelle posttonique me semble être dû à un effort fait pour éviter la réduction du mot, qui serait aisément devenu *incôndo* (*incômmedo*, *incôm'do*) sans la dissimilation. Son explication de *velume* au lieu de *volume* me semble être tout à fait satisfaisante. C'est là un cas semblable à celui de *mêltitar* pour *militar*, que nous avons mentionné dans le texte. Nous nous occuperons bientôt des remarquables articles de M. Cornu sur le portugais.

² La préposition *para* (*parq*) a théoriquement l'accent sur la première syllabe comme en castillan. Cependant la prononciation usuelle met l'accent sur la seconde syllabe; la première devient atone et l'*q* est changé en *ç* ou il disparaît tout à fait. Cette prononciation *parç*, *parç*, ou plutôt *prç* est sans doute très ancienne, comme l'ancienne orthographe *pera* le prouve. Nous citerons Damião

INFLUENCE DES SONS CONTIGUS SUR LES VOYELLES.

Nous avons à examiner les cas suivants :

1^o Influence des voyelles sur les voyelles ;

2^o Influence des consonnes sur les voyelles.

Le premier de ces points se subdivise naturellement ; on a donc les influences de :

A. Voyelles accentuées sur les voyelles atones qui les suivent ;

B. Voyelles accentuées sur les voyelles atones qui les précèdent ;

C. Voyelles atones sur des voyelles atones.

Ces rencontres de voyelles peuvent se retrouver dans le corps du mot (a) ou (b) d'un mot à l'autre.

I Aa. — TRAITEMENT DES VOYELLES ATONES APRÈS DES VOYELLES ACCENTUÉES DANS LE CORPS DU MOT.

à + a = àia, que l'on écrit aia. Ex. : *attraia* (pr. *atrâia*) de *attrahir*.

à e = àê, que l'on écrit ae. Ex. : *saes* (pr. *sâis*) ; *es*, e sont les terminaisons de la 2^e et 3^e personne du présent.

à i = àî, que l'on écrit ai. Ex. : *judaica* (pr. *judâika*).

à âi = âîî, que l'on écrit aem. Ex. : *saem* (pr. *sâîî*).

à $\left. \begin{smallmatrix} o \\ u \end{smallmatrix} \right\}$ = àû, que l'on écrit au ou ao. Ex. : *mau*, *mao* (pr. *mâû*).

de Goes, *Chronica del rei dom Emanuel* : ... do dinheiro que se tomou dos órfãos *perâ* (= para a) mesma guerra, ... (P.^{te} 1.^a, cap. I).

... que *perâ* (= para a) paga destas dividas del Rei seu pai, et *pera* has (as) suas se apartassem... (ib., ib., ib.).

... *pera* o qual trato... (ib. P.^{te} 3.^a, cap. LXXII).

V. Milá y Fontanals, *De los Trobadores en España*, p. 463, sur la prép. *per*, pron. *par* (*par*). Ces prépositions, comme toutes les autres, sont à la rigueur atones en catalan, comme elles le sont en portugais. L'auteur a parfaitement raison sur ce point.

On peut aussi constater la prononciation populaire *pgr* = *para*, à Lisbonne et dans ses environs, chez les *saloios*. Ces populations ont en général un dialecte très archaïque, et leur prononciation ne l'est pas moins. On y remarque *êl* au lieu de *ai*, *ê* au lieu de *êû*, atone comme dans *mê pâi* = *mêû pâi* (*mêû pae*), etc. ; *Calros* pour *Carlos*, *vigairo* pour *vigarío*, *trouve* pour *trouze*, *havéra* pour *houvera*, *havéria* et *havía*. J'ai aussi constaté la cacographie *Carrolos* (*Karrylys*) pour *Carlos* dans un document contemporain.

āi	āi	āīāi, āī, que l'on écrit <i>eem</i> , <i>ēm</i> . Ex.: <i>teem</i> (pr. <i>tāī'āī</i> ou <i>tāī</i>).
ē	ā	ēīā, que l'on écrit <i>ea</i> . Ex.: <i>idea</i> (pr. <i>idēīā</i>).
e	ē	ēī, que l'on écrit <i>ei</i> . Ex.: <i>anneis</i> (pr. <i>anēis</i> , pl. de <i>annēi</i>).
ē	ō]	ēū, que l'on écrit <i>eu</i> ou <i>éo</i> . Ex.: <i>mantéo</i> , <i>ceu</i> (<i>mātēū</i> ,
ē	ū]	<i>cēū</i>).
ē	a	āīā, que l'on écrit <i>ea</i> , <i>eia</i> , <i>ēa</i> . Ex.: <i>europa</i> (pr. <i>eūru-pāīā</i>).
ē	u	āīu, que l'on écrit <i>eio</i> , <i>éo</i> . Ex.: <i>receio</i> , <i>recéo</i> (pr. <i>rēsāīu</i>).
e	i	āī, que l'on écrit <i>ei</i> . Ex.: <i>protheico</i> (pr. <i>prūtāīky</i>).
ei	e	āī, āīē, que l'on écrit <i>eie</i> . Ex.: <i>rodeie</i> (pr. <i>rudāī</i> , <i>rudāīē</i>).
ē	ū	ēū, que l'on écrit <i>eu</i> . Ex.: <i>judeu</i> (pr. <i>judēū</i>).
ē	āī	ēāī, que l'on écrit <i>ēem</i> . Ex.: <i>dēem</i> (pr. <i>dē'āī</i>).
i	ā	īā, que l'on écrit <i>ia</i> . Ex.: <i>Maria</i> (pr. <i>Marīā</i>).
i	e	ī, īē, crase, le seul cas d'allongement. Ex. <i>fiē</i> (<i>fī</i> , <i>fīē</i>).
i	ō	īū, que l'on écrit <i>io</i> . Ex.: <i>rio</i> (pr. <i>rīū</i>).
i	ū	īū, que l'on écrit <i>iu</i> (3 ^e pers. prét. des verbes de la conj. en <i>-ir</i>). Ex.: <i>riu</i> (pr. <i>rīū</i>) différent de <i>rio</i> .
ō	ā	ōā, très rare. A l'origine, <i>ō</i> + <i>ā</i> a donné <i>ō</i> . Ex.: <i>mō</i> (anciennement <i>moo</i>) pr. <i>mō</i> du latin <i>m o l a m</i> .
ō	ē	ōī, que l'on écrit <i>oe</i> . Ex.: <i>soes</i> (pr. <i>sōis</i> , pl. de <i>sol</i>) <i>heroe</i> (pr. <i>irōī</i>).
ō	i	ōī, que l'on écrit <i>oi</i> . Ex.: <i>heroico</i> (pr. <i>irōīky</i>).
ō	āī	ōāī, écrit <i>oem</i> . On intercale <i>i</i> pour éviter l'hiatus. Ex.: <i>doem</i> (pr. <i>dōīāī</i>).
ō	ā	ōā, écrit <i>ōa</i> . Ex.: <i>dōa</i> (pr. <i>dōā</i>).
ō	e	ōī, écrit <i>ōe</i> . Ex.: <i>sōe</i> (pr. <i>sōī</i>).
ō	ī	ōī, écrit <i>oi</i> . Ex.: <i>oiro</i> (pr. <i>ōīru</i>). Cette diphtongue s'écrit aussi <i>ou</i> = <i>ō</i> .
ō	ō	ōū, écrit <i>ōo</i> . Ex.: <i>dōo</i> (pr. <i>dōū</i>).
ō	ū	ō, écrit <i>ou</i> . Ex.: <i>dou</i> (pr. <i>dō</i>). Dans le nord, cette diphtongue se prononce <i>ōū</i> . Il est généralement indifférent, surtout devant <i>r</i> , de prononcer et d'écrire <i>ou</i> ou <i>oi</i> (<i>ō</i> ou <i>ōī</i>).
ō	āī	ōāī ou <i>ōīāī</i> , écrit <i>oem</i> . Ex.: <i>perdoem</i> (pr. <i>pērdōāī</i> ou <i>pērdōī'āī</i>).
ō	āī	ōī'āī, écrit <i>dem</i> . On intercale <i>i</i> . Ex.: <i>pōem</i> (pr. <i>pōī'āī</i>).
u	ā	ūā, écrit <i>ua</i> . Ex.: <i>rua</i> (pr. <i>rūā</i>).
u	ē	ūī, écrit <i>ue</i> . Ex.: <i>azues</i> (pr. <i>azūīs</i> pl. de <i>azul</i>).
u	ī	ūī, écrit <i>ui</i> . Ex.: <i>fui</i> (pr. <i>fūī</i>).

<i>u</i>	<i>o</i>	<i>ū, uu</i> , écrit <i>uo</i> (crase). Ex. : <i>destruo</i> . (pr. <i>djstruū</i> ou <i>djstrū</i>).
<i>u</i>	<i>āi</i>	<i>uāi</i> , écrit <i>uem</i> . Ex. : <i>suem</i> (pr. <i>suāi</i>). On n'évite pas l'hiatus.

Par ces tableaux nous voyons que les seuls cas d'allongement en portugais sont dus à des crases, à la rencontre de deux voyelles semblables, c'est-à-dire contiguës dans la même série, ou classe. Nous avons des *aa*, des *uu*, des *ii* longs, mais non pas des *èè*, des *êê*, des *òò* ou des *ôô*, parce que de tels sons ne sauraient concourir et se rencontrer dans des mots portugais. Nous y voyons encore que l'*ε* neutre ne peut se trouver qu'entre deux consonnes, ailleurs il se dénature en *i* ; que généralement une voyelle atone (l'*a* excepté) forme diphtongue avec la voyelle tonique qui la précède, et que l'on a le plus souvent recours à la semivoyelle *i* pour éviter l'hiatus, lorsque les deux voyelles ne sauraient former diphtongue ou crase. Ils nous montrent aussi que deux voyelles peuvent se rencontrer sans former de diphtongue, lors même que la réduite est *u*. Toutefois, ce phénomène n'a lieu, pour ainsi dire, que d'un mot à l'autre comme nous le verrons dans le tableau suivant, car c'est l'union de l'objectif du pronom de la 3^e personne avec le verbe dont il est le complément qui, le plus souvent, donne lieu à ces rencontres.

Nous allons étudier la rencontre d'une voyelle accentuée finale avec la voyelle du mot suivant ; le concours de ces deux voyelles donne lieu, en général, à des phénomènes semblables à ceux que nous venons de voir.

I A b. TRAITEMENT DES VOYELLES ATONES APRÈS DES VOYELLES ACCENTUÉES, D'UN MOT À L'AUTRE.

Nous ne citerons que les cas fréquents ; les autres se règlent sur I Aa. Nous citerons quelques exceptions remarquables.

<i>ā</i>	+	<i>a</i>	= <i>ā</i> , crase, le seul cas d'allongement en portugais. Ex. : <i>dā-a</i> (pr. <i>dā</i>).
<i>ā</i>		<i>u</i>	<i>āu</i> , différent de <i>āū</i> . On l'écrit <i>ā-o</i> . Ex. : <i>dā-o</i> (pr. <i>dāu</i>).
<i>āi</i>		<i>a</i>	<i>āiā</i> , écrit <i>ae-a</i> . Ex. : <i>dae-a</i> (pr. <i>dāiā</i>).
<i>āi</i>		<i>u</i>	<i>āiū</i> , écrit <i>ae-o</i> . Ex. : <i>dae-o</i> (pr. <i>dāiū</i>).
<i>āū</i>		<i>a</i>	<i>āūā</i> , écrit <i>āo-a</i> . Ex. : <i>dāo-a</i> (pr. <i>dāūā</i>).

—	—	<i>ãũa</i> , écrit <i>ão-na</i> , qui est préférable. Ex.: <i>dão-na</i> (<i>dãũa</i>).
<i>ãũ</i>	<i>u</i>	<i>ãũu</i> , écrit <i>ão-o</i> . Ex.: <i>dão-o</i> (pr. <i>dãũu</i>).
—	—	<i>ãĩnu</i> , écrit <i>ão-no</i> , préférable, <i>dão-no</i> (pr. <i>dãĩnu</i>).
<i>ãi</i>	<i>a</i>	<i>ãiã</i> , écrit <i>em-a</i> . Ex.: <i>tem-a</i> (<i>tãĩã</i>).
—	—	<i>ãiũa</i> , écrit <i>em-na</i> , préférable <i>tem-na</i> (pr. <i>tãĩũa</i>).
<i>ãi</i>	<i>u</i>	<i>ãiũ</i> , écrit <i>em-o</i> . Ex.: <i>tem-o</i> (pr. <i>tãĩũ</i>).
—	—	<i>ãiũu</i> , écrit <i>em-no</i> , préférable <i>tem-no</i> (pr. <i>tãĩũu</i>).

Pour éviter l'hiatus, on intercale *n* à cause de la diphtongue nasale précédente. Lorsqu'on n'évite pas l'hiatus par l'insertion de *n*, les subjonctives des diphtongues nasales *ão*, *em* deviennent des semi-voyelles nasalisées.

<i>ê</i>	+	<i>a</i>	=	<i>êã</i> , On n'évite point l'hiatus. Ex.: <i>dê-a</i> (pr. <i>dêã</i>).
<i>ê</i>		<i>u</i>		<i>êũ</i> , différent de <i>êu</i> . Ex.: <i>dê-o</i> (pr. <i>dêũ</i>).
<i>eu</i>		<i>u</i>		<i>euũ</i> , différent de <i>êũ</i> et de <i>êu</i> . Ex.: <i>deu-o</i> (pr. <i>dêũu</i>).

N. B. Il faut savoir distinguer ces trois expressions, que nul Portugais ne confondra : *Deus* = Dieu, *dê-os* = donnez-les, *deu-os* = il les a donnés, pron. *Dêũs*, *dêũs*, *dêũũs*.

<i>êu</i>	+	<i>a</i>	=	<i>eu-a</i> . Ex.: <i>deu-a</i> (pr. <i>dêũã</i>).
<i>i</i>		<i>a</i>		<i>ia</i> . Ex.: <i>vi-a</i> (pr. <i>viã</i>).
<i>i</i>		<i>u</i>		<i>iu</i> , différent de <i>iũ</i> et de <i>iu</i> . Ex.: <i>vi-o</i> (pr. <i>viũu</i>).

N. B. Il faut distinguer *vi-o*, *viu* et *viu-o*, je l'ai vu, il a vu, il l'a vu : on les prononce *viũ*, *viũ*, *viũu* : aucun Portugais ne les confondra.

<i>ô</i>	+	<i>u</i>	=	<i>ôu</i> , écrit <i>ou-o</i> . Ex.: <i>vou-o</i> (pr. <i>vôu</i>). Un habitant du nord fera une différence entre <i>vôo</i> (<i>vôu</i>), je vole, <i>vou-o</i> (<i>vôũu</i>), je le vais, et <i>vou</i> (<i>vôũ</i>), je vais. Le concours de <i>ôũu</i> , quoique rare dans le dialecte commun, peut se trouver, par exemple, dans <i>perdôo-o</i> , prononcé <i>per-dôũu</i> , <i>rôo-o</i> , je le ronge, prononcé <i>rôũu</i> , ou plutôt <i>rôũ</i> .
<i>ũu</i>		<i>a</i>		<i>ũũ</i> ou <i>ũã</i> , écrit <i>uo-a</i> . Ex.: <i>destruo-a</i> (pr. <i>dĩstrũũã</i> , ou <i>dĩstrũã</i>).
<i>ũu</i>		<i>u</i>		<i>ũũu</i> ou <i>ũũã</i> , écrit <i>uo-o</i> . Ex.: <i>destruo-o</i> (pr. <i>dĩstrũũũu</i> ou <i>dĩstrũũũ</i>).

Il faut remarquer que la semi-voyelle *ü* dans de telles combinaisons se rapproche beaucoup du *w* bi-labial de quelques dialectes allemands, et que les mots *destrou-o*, lorsqu'ils ne sonnent point *dîstrû*, se prononcent plutôt *dîstrûwu* que *dîstrûü*.

I B a. VOYELLES ATONES DEVANT DES VOYELLES ACCENTUÉS, DANS LE CORPS DU MOT, OU D'UN MOT A L'AUTRE.

Ces groupes de voyelles, appelés diphtongues croissantes, ne sont pas considérés comme de vraies diphtongues en portugais. Les tableaux suivants montrent les modifications que subissent les voyelles atones dans ces groupes.

a + *â* = *gâ*, *ââ* ou *â*, qui est ma prononciation habituelle. Dans le nord on intercale *l*, pour éviter l'hiatus ou la crase ; cet *l*, serait ridicule à Lisbonne. Ex. : *a arma* (pron. *gârmâ*, *âârmâ*, *ârmâ*, dans le nord *gâârmâ*). Il en est de même de l'*a* devant les diphtongues *âi*, *âü*.

a *ê* *gê*. Ex. : *a era* (pr. *gêrâ*).

a *ë* *gê*. Ex. : *a Emma* (pr. *gêmâ*).

a *i* *ai*. Ex. : *a ida* (pr. *aïdâ*).

a *ò* *gò*. Ex. : *a hora* (pr. *gòrâ*).

a *ô* *gô*. Ex. : *a olha* (pr. *gôlhâ*).

a *ú* *gú*. Ex. : *a unha* (pr. *gúnha*).

a *ai*, + *au*, se règle sur la prononciation de *a* + *â*.

a *â* = *gâ*, on along l'*â*. Ex. : *a ama* (pr. *ââmâ*).

a *ã* *gã*, *ãã*, on alonge *ã* fermé, ou on les sépare. Ex. : *a anta* (pr. *a âtâ* ou *ââtâ*, qui est ma prononciation ordinaire).

a *âi* *ââi*, on allonge la prépositive. Ex. : *a eira* (pr. *ââîrâ*).

a + diphtongue qui ne commence point par *a* se sépare dans la prononciation. Ex. : *a oiça*, pr. *a ôiçâ*, c'est-à-dire on a un hiatus.

ê
ë
ê
î } + une voyelle orale ou nasale, ou une diphtongue, deviennent *î*

dans le corps du mot ; d'un mot à l'autre seulement *ê î* sont possibles et ils se changent également en *î*, sans varier cependant d'orthographe. Ex. : *tear*, *fiar*, *e hoje* etc., pr. *tîâr*, *fîâr*, *îôji*.

$\left. \begin{array}{l} \hat{o} \\ \hat{o} \\ u, \text{écrit } o \\ \hat{u}, \text{écrit } u, \text{ ou } o \end{array} \right\} + \text{une voyelle orale ou nasale, ou une diphtongue,}$

deviennent $\hat{u}$ dans le corps du mot; d'un mot à l'autre seulement $\hat{o}$ et $\hat{u}$ sont possibles et ils deviennent également $\hat{u}$.
 Ex.: *soar*, *suar*, *moer*, *o ouro*, *o homem*, prononcés *sûâr*, *mûêr*, *ûôry*, *ûômâi*. Il faut distinguer *quando* (*kûãdo*) de *coando* (*kuãdo*).

Les seules diphtongues atones qui se modifient devant des voyelles toniques sont: $\hat{a}\hat{i}$, qui se change en $\hat{a}\hat{i}$, écrit *ai*. Ex.: *caiar* (pr. *kâiâr*); $\hat{a}\hat{i}$, écrit *ei*, qui se change en $\hat{i}$, écrit *e*, ou *ei*. Ex.: *recear*, ou *receiâr* (pr. *reçêâr*).

Ces deux verbes font au présent de l'indicatif, par exemple, *caio*, *receio* prononcés *kâiy*, *reçâiy*, parce que les diphtongues *ai*, *ei* deviennent toniques. Toutes les autres diphtongues sont inaltérables, qu'elles soient accentuées ou non. Il en est de même de *ai*, *ei* devant des consonnes, dans les dialectes du sud du Mondego. On y prononce donc *pâirâr*, *pâinêl*, *pêitoril* ($\hat{e} = \hat{a}$).

C. RENCONTRE DE VOYELLES ATONES AVEC DES VOYELLES ATONES.

a) Devant la syllabe tonique :

$\hat{a} + \hat{a} = \hat{a}$, $\bar{a}$. Ex.: *a armação* (pr. *ârmãçãô*).

$\hat{a} + \hat{e} + \hat{i} = \hat{a}\hat{i}$, $\hat{a}\hat{i}$. Ex.: *a igreja* (pr. *â igrâjâ*).
 — — — *baetilha* (pr. *bâitilha*).

$\hat{a} + \hat{o} = \hat{a}\hat{o}$. Ex.: *a oração* (pr. *âôraçãô*).

$\hat{a} \quad \hat{o} \quad \hat{a}\hat{o}$. Ex.: *a horrível* (pr. *âôrrivêl*).

$\hat{a} \quad u \quad \hat{a}u$. Ex.: *a unhada* (pr. *âunhãdâ*).

N. B. *a* préposition + *o* article fait *ao* (pr. *ây*, *âû*, populaire $\hat{o}$.
 Ex.: *ao rei*, pr. *ây râi* ou $\hat{o}$ *râi*).

$\hat{a} + \hat{a}\hat{i} = \hat{a}\hat{i}$. Ex.: *a airocidade* (*âîryzidâdê*).

$\hat{a} \quad \hat{a}\hat{u} \quad \hat{a}\hat{u}$. Ex.: *a audacia* (*âûdâciâ*).

$\hat{a} \quad \hat{a} \quad \hat{a}$ (*a* ouvert nasal bref). Ex.: *a António* (*âtônîâ*).

$\hat{a} \quad \hat{a} \quad \hat{a}\hat{a}$. (*a* ouvert nasal long). Ex.: *a Antonia* (*ââtônîâ*).

u (écrit *u* ou *o*) devant une voyelle quelconque = $\hat{u}$. Ex.: *o Antonio* (*uâtônîy*).

e, *i*, *i* devant une voyelle quelconque = *i* ou *j* ou *ï*. Ex. : *e acaso* (*iakázu*), *de ouro* (*dï ôru*).

u (*o*) + *u* = *û*. Ex. : *o unheiro* (*ûnhâiru*).

u' + *u* (*o*) = *u*. (populaire *ô*). Ex. : *todo o dia* (*tôdudia*, *tôdôdia*).

b) Après la syllabe tonique :

a + *a* = *â*. Ex. : *dava-a* (*dávâ*).

a o(*u*) *ay*, *au* ou *ô*. Ex. : *dava-o* (pr. *dávay*, *dávô*).

N. B. La prononciation *ô* est toujours permise dans la conversation : *a-o* se prononce toutefois *ay* ou *au* dans le style oratoire, ainsi que sur la scène, ou dans une lecture soignée.

On trouvera rarement d'autres rencontres de voyelles après l'accent, exception faite de celles qui forment des diphtongues, et dont la plus commune est *ai* (écrite *ei*), qui sert à former le pluriel des noms en *-vel* (**-v-eles*, **-v-ces*, *-v-eis*), ainsi que de rares noms en *-il* atone, comme *faceis* (*fâçais*) de *fácil* ; car l'hiatus dû à la rencontre de l'accusatif du pronom de la troisième personne, est le plus souvent évité par l'insertion de *-n-* lorsque la désinence du verbe est une diphtongue nasale, que celle-ci soit d'ailleurs accentuée ou atone ; et cela malgré la confusion qui résulte de l'identité de cette forme d'accusatif avec l'objectif du pronom de la première personne du pluriel. Ainsi, « ils les achètent, » « qu'ils achètent » se traduisent par *compram-os*, *comprem-os*, et par l'insertion de *-n-*, ces deux formes deviennent *compram-nos*, *comprem-nos* (*kôprâûns*, *kôprêûns*) tout à fait comme *compram-nos* = « ils nous achètent, » *comprem-nos* = « qu'ils nous achètent, » le trait d'union après le *n* n'étant pas usité.

En ce qui concerne les rencontres de voyelles atones après l'accent, il faut encore remarquer que *o*, *u* se prononçant tous les deux *û*, et que *e*, *i* ayant de même une valeur égale, celle de *ï*, il est tout à fait indifférent pour la prononciation d'écrire *língua* ou *língua*, *glória* ou *glória* : autrefois on préférerait *o*, *e* pour désigner *û*, *i* après une consonne ; aujourd'hui on a égard à l'étymologie ou à l'analogie et on écrit *língua*, *equa*, *agua*, *glória*, mais on se sert de l'*o* pour les mots *mágoa*, *nôdoa*, à cause des verbes *magôa*, *ennodôa*, quoique l'étymologie semble exiger un *u* (*macula*, *notula*). L'orthographe *o* pour *û* est encore plus commune que celle de *e* pour *ï* : on trouvera des personnes qui écrivent *agoa*, *egoa*, mais qui ne s'aviseraient point de préférer *e* à *i*, en écrivant *glória* comme *marmorea*, quoique ces deux mots forment une rime parfaite.

Je dirai quelques mots sur un changement de voyelle dans les verbes de la 1^{re} conjugaison, lequel est dû tout simplement à une fausse analogie.

Nous avons vu que *e* atone devant une voyelle se prononce *i*, et que l'on préférerait anciennement l'orthographe *e*. Dans le tableau I A a nous avons vu également que, lorsque cet *e* reçoit l'accent et se trouve dans le corps d'un mot, on intercale *i* pour éviter l'hiatus, c'est-à-dire, *e* se change en *ei* (*âf*) ; par exemple, le verbe *recear* (*ręcfâr*) devient *receio* (*ręcfâiŷ*). D'un autre côté, il y a une foule de verbes où le suffixe *-ar* de l'infinitif est précédé de la voyelle *i* (*i*). Ils sont pour la plupart dérivés de substantifs et ils appartiennent à l'élément littéraire de la langue, non pas au vocabulaire primitif et populaire, quoique un grand nombre d'entre eux soient devenus d'un usage général dans le dialecte populaire : tels sont *odiar*, *negociar*, etc. Cependant, le mot populaire pour *odiar* = haïr, est encore aujourd'hui *aborrecer*. Lorsque la dernière voyelle de la base, c'est-à-dire l'*i*, reçoit l'accent, cet *i* se change en *ei* (*âf*), et on dit : *odeio*, *negoceo* (*ôdâiŷ*, *nęgusâiŷ*). Il y a ici deux fautes. D'abord, c'est le verbe qui dérive du nom et non pas le nom qui dérive du verbe, comme c'est le cas pour ceux en *-ear* : puis on a confondu les deux voyelles *e* et *i*, qui, quoique identiques dans une syllabe ouverte atone, ont une valeur différente lorsqu'elles reçoivent l'accent.

Cette confusion regrettable se trouve surtout dans les verbes en *-ci-ar*, et elle tend à disparaître dans tous ceux qui ne sont pas devenus populaires : on dit aujourd'hui *evidencia*, *providencia*, et l'on ne dira plus *gloreia*, au lieu de *gloria* dans le verbe *gloriar*, dérivé de *glória*. Selon l'ancienne orthographe du mot *historia* (*estorea*) on pouvait dire *estoreia*, qui serait blâmable aujourd'hui à la place de la seule forme correcte *historia*¹.

Nous venons de voir que dans la rencontre de voyelles d'un

¹ Il me semble que l'orthographe *estorea* (on trouve aussi *estoria*) a été tout simplement un expédient pour éviter la prononciation *istorja* (*istorja*) lorsqu'on n'avait pas encore introduit la lettre *j*. M. J. Cornu n'est pas de mon avis et suppose une prononciation différente pour l'*e*. Dans les «*Chronicas Breves de Sancta Cruz de Coimbra*» (*Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, v. I, f. I, Olisipone, Typis Academicis M DCCC LVI, passim), on trouve la forme *Leiria* (Leiria), qui semble indiquer une prononciation *leiręg* ou bien *leiręg* ou *leiręg*, qui sont moins probables, à moins que l'on ne suppose un déplacement de l'accent, qui d'ailleurs n'est pas rare dans des noms communs devenus propres.

mot à l'autre on observe en général les mêmes règles que lorsque cette rencontre a lieu dans le corps du mot. J'ajouterai seulement un tableau séparé de ces rencontres entre *a*, *e* et d'autres voyelles prétoniques :

<i>a</i>	+	<i>a</i>	=	<i>â</i> . Ex. : <i>a avelan</i> = <i>âvelâ</i> .
<i>a</i>		<i>â</i>		<i>â</i> , un <i>â</i> long. Ex. : <i>a armação</i> = <i>ârmacão</i> .
<i>a</i>		<i>a</i>		<i>â</i> , un <i>â</i> long. Ex. : <i>á avelan</i> = <i>âvelâ</i> .
<i>â</i>		<i>â</i>		<i>ââ</i> , c'est-à-dire un <i>â</i> plus long. Ex. : <i>á armação</i> = <i>âârmaçãũ</i> .
<i>ç</i>		<i>a</i>		<i>ia</i> , ou <i>a</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>fôrte abrigo</i> = <i>fôrtiãbrigu</i> = <i>fôrtãbrigu</i> .
<i>ç</i>		<i>â</i>		<i>iâ</i> , ou <i>â</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>pobre artista</i> = <i>pôbrĩartistã</i> = <i>pobrãrtistã</i> prononcé aussi <i>pôbrãrtististã</i> .
<i>ç</i>		<i>è</i>		<i>iê</i> , ou <i>è</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>grande epocha</i> = <i>grãndiépucã</i> , plus rarement = <i>grãdépucã</i> .
<i>ç</i>		<i>ê</i>		<i>iê</i> , ou <i>ê</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>triste ermo</i> = <i>tristĩêrmũ</i> , plus rarement = <i>tristêrmũ</i> .
<i>ç</i>		<i>i</i>		<i>ĩ</i> , ou <i>i</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>deve evitar</i> = <i>dêvĩvitãr</i> , plus usuel = <i>dêvivitãr</i> .
<i>ç</i>		<i>î</i>		<i>i</i> , ou <i>î</i> par l'élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>dere estabelecer</i> = <i>dêvĩtabêlêçêr</i> , ou <i>dêvĩstãbêlêçêr</i> .
<i>ç</i>		<i>ò</i>		<i>iò</i> , ou <i>ò</i> par l'élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>deve optar</i> = <i>dêvĩòptãr</i> , plus usuel = <i>dêvòptãr</i> .
<i>ç</i>		<i>ô</i>		<i>iô</i> , ou <i>ô</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>grande horror</i> = <i>grãdĩôr-rôr</i> = <i>grãdôrrôr</i> .
<i>ç</i>		<i>u</i>		<i>iũ</i> , ou <i>u</i> par élision de <i>ç</i> . Ex. : <i>grande unheiro</i> = <i>grãdĩũnhãĩrũ</i> , plus usuel = <i>grãdunhãĩrũ</i> .
<i>ç</i>		<i>û</i>		<i>iũ</i> , ou simplement <i>u</i> , non pas <i>û</i> . Ex. : <i>deve o homem</i> = <i>dêvĩũómôĩ</i> , plus usuel = <i>dêvũdmôĩ</i> .

Ces élisions de l'*e* muet sont assez capricieuses.

Lorsque la voyelle initiale du mot suivant est accentuée, la prononciation la plus commune rejette l'élision, et l'*e* devient *ĩ*, suivant la règle. Ainsi l'expression *nove horas*, «neuf heures», doit se prononcer *nôvĩórãş*; *nôvórãş* serait un provincialisme.

L'*ç* neutre des monosyllabes *me*, *se*, *te*, *lhe*, *que* et celui de la préposition *de* s'élident le plus souvent, et ce dernier principalement lorsque le mot suivant n'est pas le sujet d'une proposition infinitive; ainsi on dira *a casa d'elles* (*a kãzã dêlĩş*), mais la phrase: *no caso de elles não irem* se prononcera *nũ kãzũ dĩ êlĩş nãũ lĩrãĩ*, =

«s'ils ne vont pas.» Cependant, bien des écrivains ne font pas cette distinction; ils écrivent dans les deux cas *d'elles* ou *delles*. Je fais cette distinction spontanément, même en parlant rapidement.

Il serait assez minutieux et assez difficile de constater les différentes circonstances où l'*e* des monosyllabes, et surtout celui de la préposition *de* et du pronom-conjonction *que*, lequel se prononce *q* devant une consonne, s'élide devant la voyelle du mot suivant: on entendra souvent *d'ouro*, *dí ouro*, *dí biro*, jamais *d'ouro*, du moins à Lisbonne, où la diphtongue *ôí* pour *ou* (*ô*) est d'ailleurs presque générale, surtout devant *r*. On ne dira pas non plus: *porqu'eu*, *porqu'elle*, *sem qu'outro*, *do qu'antes*, *para qu'homens*, *diz qu'ha*, mais bien *porque eu*, *porque elle* (*pyrkfêû*, *pyrkfêle*); *sem que outro* (*sôí kîôtru*), *do que antes* (*dy kîâtîé*), *para que homens* (*parâ* ou *prâ kîômais*), *diz que ha* (*dîs kîâ*). On peut dire qu'à Lisbonne on fait seulement l'élision de l'*e* de *que* devant une voyelle palatale atone d'elle-même, ou devenue atone par le mouvement de l'accent oratoire. Ainsi on dira: *É porque isto é bom*, *é porque este é bom* (*è pykîîstû è bô*, *è pyrkîêstê bô*), mais on prononcera *è pyrkîêstî ômêf è bô* (*é porque êste homem é bom*), parce que l'emphase frappe le le substantif *homem*, et non pas l'adjectif *este* qui le précède, et qui fait, pour ainsi dire, un seul mot avec lui. Il est évident que ces voyelles devenues atones par le déplacement de l'accent oratoire ne deviennent pas pour cela réduites, d'autant plus qu'elles ne sont pas proprement atones, mais seulement moins accentuées que celle du mot suivant qui porte l'accent oratoire: l'accent principal devient secondaire, voilà tout (voyez plus loin ACCENTUATION).

INFLUENCE DES CONSONNES SUR LES VOYELLES ACCENTUÉS QUI LES PRÉCÉDENT.

Cette influence est le résultat: I, d'une consonne nasale; II, d'une consone palatale.

I. Influence régressive d'une consonne nasale.

Nous avons déjà vu que les voyelles nasales *ã* *ẽ* *õ* sont toutes fermées dans le sud du royaume. Les voyelles *e* *ô* toniques devant une consonne nasale sont également fermées, lorsque la voyelle de la syllabe suivante n'est pas *e*: ainsi on prononce *mêno*, *pêna*,

penna (poena et penna) ; mais *fome*, *homem*, se prononcent *fômê*, *ômâi*¹, parce que la voyelle de la syllabe suivante est *e*.

Il en est de même des mots italiens en *-one*, *-oni* employés en portugais, tels que *trombone*, *Manzoni*, qui ont un *ò* ouvert, malgré l'*o* fermé qu'ils ont dans la langue italienne². La voyelle *o* est fermée devant *nh*, quelle que soit d'ailleurs la voyelle finale, pourvu que l'*o* soit accentué : ex. *vergôonha*, *euervergôaho*, *euervergôahe*, *euervergôair*.

Sur la voyelle *e* devant *nh*, voyez plus loin «Influence régressive des consonnes palatales sur *ê* et sur *es*».

La voyelle *a* devant *n* se prononce toujours fermée *â* (*â*, *a*) : ex. : *canna*, *mano*, *damne*, prononcés *kâna*, *mâny*, *dâne*.

Devant la nasale *nh*, l'*a* est toujours fermé, exception fait du verbe *ganhar* et de ses dérivés, car cet *a* radical reste toujours ouvert, qu'il soit accentué ou atone, *gânho*, *gânhêi*. Cf. l'*a* long du français *gagner*.

Devant la nasale *m*, l'*a* est partout fermé, à la seule exception de la terminaison *-amos* de la 1^{re} personne du pluriel du prétérit parfait de l'indicatif des verbes de la 1^{re} conjugaison (en *-ar*). L'*a* de cette terminaison se prononce ouvert à Lisbonne et Coimbre, et on fait une différence entre cette désinence et celle de la 1^{re} personne du pluriel du présent de l'indicatif des verbes en *-ar*, ainsi que de celle du subjonctif des verbes en *-êr* et en *-ôr*. Dans le Minho, dans Trás-os-Montes, dans l'Alemtejo, on ne fait pas cette distinction, et les 1^{res} personnes du pluriel des deux temps, présent et parfait, se confondent dans la 1^{re} conjugaison, de même qu'à Lisbonne et Coimbre celles de ces temps dans les deux conjugaisons en *-er* et en *ôr*.

¹ La prononciation de *ê*, *ô* sous l'influence de la terminaison *em* indique clairement que la valeur ancienne de cette diphtongue, écrite *êe*, était *êi* et non pas *âi*. Cette prononciation s'est maintenue, comme je l'ai dit plus haut, dans l'Alemtejo, l'Algarve, ainsi qu'au Brésil, et même dans les environs de Lisbonne, chez les *Saloios*, qui parlent un dialecte très archaïque.

² L'influence de la voyelle finale sur la voyelle accentuée des mots paroxytoniques, de même que celle de la consonne suivante, domine tellement la langue, que les Portugais ont une difficulté extrême à bien prononcer les voyelles *e* et *o* de l'italien ; leurs habitudes de prononciation les forcent à régler le son de ces voyelles sur les consonnes suivantes ou sur les voyelles finales : un Portugais dira toujours *piêno*, *piêna*, au lieu de *piêno*, *piêna*, *êlêno* au lieu de *êlêno*, *ôro*, *môrto* au lieu de *ôro*, *môrto*, *mîstêro* au lieu de *mîstêro*, *êssa* au lieu de *êssa*, *piâno* au lieu de *piâno*, *têmpo* au lieu de *têmpo*, *dôna* au lieu de *dôna*.

Il serait difficile d'assigner une origine certaine à cette distinction, qui d'ailleurs doit être très ancienne.

Nous avons, par conséquent, des différences dialectales dans ces formes de la 1^{re} conjugaison.

Verbes en -ar	Indicatif.	
	Présent.	Parfait.
Nord du royaume	<i>amâmos</i>	<i>amâmos</i>
Sud du royaume	<i>amâmos</i>	<i>amâmos</i>
Centre du royaume	<i>amâmos</i>	<i>amâmos</i>
Latin	<i>amamus</i>	<i>amānimus</i> .

Ordinairement on distingue dans l'écriture *amâmos* de *amamos*.

Verbes en -êr et en -ir.	Indicatif.	
	Présent.	Parfait.
Nord du royaume	<i>debemos, oubimos</i>	<i>debemos, oubimos</i>
Sud et centre	<i>devemos, ourimos</i>	<i>devemos, ourimos</i>
Latin	<i>debemus, audimus.</i>	<i>debuimus, audivimus</i>

	Subjonctif.	
	Présent.	
Nord du royaume	<i>debâmos, ouçâmos</i>	
Sud et centre	<i>devâmos, ouçâmos</i>	
Latin	<i>debeamus, audiāmus.</i>	

On voit que la seule différence dialectal de quelque importance pour le sens se limite à la 1^{re} conjugaison. Il se peut, cependant, que jadis on ait distingué dans ce dialecte le présent du parfait (1^{re} pers. pl.) dans les deux conjugaisons en -êr et en -ir.

INFLUENCE RÉGRESSIVE DES CONSONNES PALATALES SUR *ê* ET SUR *ç*.

A Lisbonne surtout, l'*e* fermé tonique devant les palatales *nh*, *th*, *j* et *x* se prononce *â*. Je désignerai cette espèce de palatalisation de *ê* par deux points sur l'*ê*. Ainsi on dit *tênho*, *abêlha*, *vêjo*, *fêcho*, au lieu de *têno*, *abêlha*, *vêjo*, *fêcho*. L'*e* fermé devant une palatale ne se trouve de nos jours que là où les diptongues *ei*, *em* se prononcent *êi*, *êi* au lieu de *âi*, *âi*, qui est leur valeur à Lis-

bonne. Cet *ê* devant les fricatives *j* et *x* peut prendre un *f* subjonctif et il devient alors *êf* (= *âf*), par exemple dans *seja*, *reixa*, que l'on prononce *sâja* ou *sâîja*, *râra* ou *râîra*. (Voy. *O Dialecto Mirandez*, par M. Leite de Vasconcellos. Porto, 1882, p. 17.)

L'*e* ouvert ne change pas de prononciation et l'on dit *vêlho*, *gêlha*, non pas *vêlho*, *gêlha*.

Il me semble qu'à l'origine cet obscurcissement de l'*ê* fut produit par l'épenthèse de *f*, introduit sans doute pour faciliter la prononciation de la palatale. Cet *i* épenthétique devint donc la subjonctive d'une diphtongue *ef*; et lorsque cette diphtongue, par dissimilation de ses deux éléments, vint à se prononcer *âf*, comme partout ailleurs, des mots tels que *vermêlho*, *egrêja* se changèrent en *vermêlho*, *igrêja*, et par la chute de l'*f* en *vermêlho*, *igrêja*, qui est leur prononciation actuelle à Lisbonne. Devant *j*, *x*, comme nous avons dit, plusieurs personnes gardent encore l'*f*. (Voy. sur le même phénomène en catalan Milá y Fontanals, *De los Trovadores en España*, p. 462, n. 9.)

Nous ne dissimulerons pas qu'une autre explication pour les mots *seixo*, *eixo* est aussi possible. *Seixo* (pr. *sâşu*) de *sarum* serait d'abord pour **saïso*, **saïxo*, par vocalisation du *k* de **sakso*; puis *âf* serait devenu *êf* par assimilation, rapprochement des deux éléments de la diphtongue. Cependant, dans une note précédente, nous avons exprimé notre répugnance à accepter dans la généralité la diphtongue *ei* comme venant de *ac-*, et quoique la palatale suivante rende la vocalisation en *f* moins invraisemblable, l'explication que nous venons de proposer nous paraît encore plus plausible. Dans cette hypothèse, *seixo* viendrait de *saxum* à travers les formes **saşu*, *saşu*, *saîşu*, *sêîşu*, *sâîşu*. Comparez les mots *baixo* (*baîşu*) de *bassum* et *caixa* (*kaîşu*) de *capsam*, que l'on prononce aussi *bâşu*, *câşu*. Cette dernière prononciation est encore assez commune à Lisbonne, et *baxo*, *caxa* (*bâşo*, *kâşu*) devenus plus tard *bajo*, *caja* (*bâjo*, *kâja*), par une gutturalisation de la fricative palatale dure, peut-être unique, et assez difficile à expliquer¹.

¹ Les Andalous ont conservé les anciennes fricatives douces lorsqu'elles sont médiales, et se trouvent entre deux voyelles. Ils prononcent le *j* médial comme *γ* (du grec moderne) et non pas comme *χ*. Dans un mot tel que *bajo* (andalous *baγo*, castillan *baγo*) de *bassum* nous pourrions supposer les formes suivantes intermédiaires: *basso*, *baxo*, *bažo*, *bafo*, *baγo*, *baγo*; *ceja* (*ceγa*) de *cilia* à travers *ciāa*, *ciāa*, *ceγ'a*, *ceγa*, *ceγa*. Une foule de mots se sont arrêtés à *f* ou *γ'* (*γ* palatal): *leyes*, *hoyos*, etc. Ainsi nous dirions que *f* latin est devenu

Nous avons donc deux formes dialectales dans le temps ou dans l'espace: l'une comparable à l'ancien castillan *caxa*, l'autre au catalan *caixa*, vraisemblablement prononcée *kaïsa*.

L'a fermé (c'est-à-dire l'a neutre accentué) n'est dû en portugais, comme nous venons de voir, qu'à l'influence régressive d'une nasale sur l'a, ou d'une palatale, y compris l'i, sur l'é fermé; car les mots *para*, *cada* sont toujours subordonnés à l'accent du mot suivant, le premier étant encore presque toujours prononcé *pra*.

χ à travers γ', γ, le changement de i en γ' (du grec moderne γῆ, γέω) étant physiologiquement très naturel et assez commun. Diez avait déjà démontré que l'existence de χ en castillan n'est pas ancienne, et qu'elle n'est pas due à l'influence arabe: en effet, les fricatives postéro-gutturales *cha*, *cha* se trouvent représentées en castillan par *f* ordinairement, tandis que χ répond le plus souvent à *t* ou *gin* arabes. Le mot «Badajoz», prononcé par les Castillans modernes *badaxós*, se trouve sous la forme *Badathouze*, dans les anciens monuments portugais, et est prononcé à présent chez nous *badajós*. Cette dernière prononciation est due sans doute à l'influence de l'orthographe espagnole.

Pedro de Alcalá, que je cite de mémoire, représente le *cha* par une modification de *k* et le regarde comme un son difficile; il représente le *sin* par *x*. Aujourd'hui le *j* castillan ne diffère que très peu du *cha*; il est seulement un peu moins *grassejé*, le *cha* arabe se prononçant, comme on sait, à peu près *xr*, avec un *r* guttural. On a proposé chez nous une autre théorie: la prononciation gutturale du *j* castillan serait due à l'influence allemande. Cette théorie est insoutenable. D'abord le *ch* allemand n'est pas le *j* castillan; puis le *ch* allemand se modifie sous l'influence des voyelles palatales (les dialectes suisses peut-être seuls exceptés) ce qui n'est pas le cas pour le *j* castillan; puis le *ch* allemand, comme le *ש* hébreu, ne se trouve qu'après des voyelles, tandis que le *j* castillan est, à peu près, toujours initial de syllabe; enfin, et c'est la raison la plus forte, il n'y a pas d'exemple d'une telle importation de sons étrangers pris dans une langue aussi différente que l'allemand de l'espagnol. La gutturalisation de l'ancienne palatale, qui semble être contemporaine de l'assourdissement des anciennes fricatives sonores, doit être due à des causes physiologiques, ou bien elle se trouvait dans des dialectes et peu à peu elle a remplacé la palatalisation dans la langue commune. La première de ces origines est la plus vraisemblable, et je viens de présenter une hypothèse de plus pour tâcher de l'expliquer.

Les gutturales arabes *cha*, *cha*, et aussi *he* se trouvent représentées en portugais par *f*, comme en espagnol: cette dernière langue a aussi *h* à côté de *f*, ce qui n'arrive jamais en portugais, si ce n'est dans des mots qui ne nous sont pas parvenus directement de l'arabe, comme *alcohol*, *Sahara*: ce dernier se retrouve sous la forme *Safira*, nom d'une localité. Les formes *Mafoma*, *Mafameda*, par exemple, ont été modernement et à tort remplacées par *Mahomet*, et chez quelque écrivains qui se piquent d'une plus grande exactitude par *Mohammede*: cette exactitude, toutefois, n'est qu'apparente, car les anciennes formes étaient bien plus près de la prononciation arabe. Il en est de même pour *Sahara*.

comme il l'a été dans le passé, ainsi que le prouve l'ancienne orthographe *pera* (*pera*).

Une autre influence régressive de la palatale fricative (sonore ou sourde) atténuée ou plénisonante, est celle qui est produite sur l'*é* neutre, lequel devient *i* en conjonction avec ces palatales; ex. *historia*, *desdizer*, *chegar*, *hoje*, prononcés *ĩstõria*, *dĩždĩzĩr*, *ĩgĩr*, *õzi*: nous en avons parlé plus haut.

Le *s* (palatale atténuée sourde ou sonore), de même que *x* et *j*, ont dans ce cas une prononciation plus palatale, c'est-à-dire qu'ils sont prononcés avec une partie de la surface de la langue plus près de sa partie moyenne, et sur la limite du palais et des gencives; tandis que *s* (réduit), *x* et *j* en conjonction avec *a*, *q*, *ò*, *ô*, *u*, voyelles gutturales, sont formés un peu plus en avant sur les gencives par la partie antérieure de la surface supérieure de la langue, tout près de son extrémité. Si nous marquons par un trait cette palatalisation, nous avons les combinaisons suivantes, où *š*, *ž*, *š'*, *ž'* désignent les palatales réduites: *xā*, *xq*, *xò*, *xô*, *xu*, *jā*, *jq*, *jò*, *jô*, *ju*, *ās*, *qš*, *òš*, *ôš*, *uš*, *āž*, *qž*, *òž*, *ôž*, *už*, union d'une consonne palatale avec une voyelle gutturale d'un côté; et de l'autre *x'è*, *x'ê*, *x'í* (*xq* ou *xi*), *j'è*, *j'ê*, *j'í*, *ā'x'*, *q'ix'*, *ā'j'*—, *q'ij'*, *èš*, *êš*, *íš* (*es*, *is*) *is*, *èž*, *êž*, *iz* (*es*, *is*), *iž*, union d'une voyelle palatale ou de la neutre *é* avec une consonne palatale modifiée.

On voit bien que ces palatalisations ne sont pas tout à fait analogues à la palatalisation des langues slaves, car dans celles-ci, ce sont les linguales qui deviennent sous-palatales devant les voyelles palatales, *s* se changeant en *š*, et *z* en *ž*.

INFLUENCE MÉDIATE OU IMMEDIATE DES VOYELLES ATONES FINALES *e o a* (*é ĩ, u, q*) SUR LES VOYELLES ACCENTUÉES DE LA SYLLABE PRÉCÉDENTE: RÉFRACTION.

On connaît les phénomènes appelés *Brechung* et *Umlaut* dans les langues germaniques, et dont on trouve encore des vestiges remarquables dans le haut-allemand moderne, en danois, en suédois, et surtout en islandais. Ces phénomènes se réduisent à deux:

1° La voyelle palatale de la syllabe atone finale palatalise la voyelle gutturale de la syllabe accentuée précédente; ainsi *a*, *o*, *u* deviennent *ā*, *ô*, *ū*: c'est la *périphonie*, le *Umlaut* des Allemands.

2° Une voyelle sombre, *u*, *o*, de la syllabe finale altère la tonique précédente en un certain sens; ainsi en islandais, où l'on retrouve d'ailleurs la périphonie très développée, *a* devient *ō* par

l'influence régressive de *u* ou de *û* ; tandis que *ô* devient *a* par la réfraction de l'*a* final atone. Cette influence est, comme on voit, toujours régressive et n'a donc rien de commun, si ce n'est dans quelques-uns de ses résultats, avec l'*homophonie* ou *parallélisme* des voyelles dans les langues ouralo-altaïques ou ougro-finnoises ; dans cette famille de langues, c'est la voyelle tonique qui palatalise ou gutturalise les voyelles atones de syllabes suivantes, et non pas la voyelle tonique qui subit l'influence des voyelles atones finales. En hongrois, par exemple,

on dit : *bab*, fève, *babok*, fèves, au pluriel ;
 szék, chaise, *székek*, chaises ;
 mais *üst*, chaudron, *üstök*, chaudrons.

La voyelle du suffixe se règle sur la voyelle du radical.

Des deux cas de réfraction ou influence régressive de la voyelle atone que nous venons de citer, le portugais ne connaît que celui d'une voyelle obscure rendant obscur, c'est-à-dire fermé, le *e* ou le *o* de la syllabe tonique précédente. La réfraction palatale lui est inconnue ¹.

Les lois de la réfraction en portugais n'ont pas été étudiés, que je sache, dans toutes leurs importantes manifestations. Je ne ferai que les citer, me réservant de chercher à les expliquer plus complètement dans une autre étude. Elles sont d'autant plus remarquables que, dans un dialecte du moins, celui de Bragança, elles ne sont pas, à ce qu'il semble, observées : ce seul fait nous autoriserait à supposer deux dialectes, bien différents, de l'ancien portugais : l'un dans le midi, où la réfraction aurait lieu, un autre au nord, où ce phénomène ne se serait pas manifesté ; car il doit être antérieur à la domination arabe, et a sans doute son origine dans la prononciation du latin populaire dans cette partie de la péninsule. Ainsi le mot *ôro* avec un *o* fermé s'expliquerait par le latin *ouum*, c'est-à-dire par l'influence de la voyelle sombre *u* de la terminaison *-um* ; et le pluriel *ôros* avec un *o* ouvert, par le pluriel

¹ On pourrait à la rigueur considérer comme un cas de réfraction palatale l'épenthèse de *i*, populaire dans le mot *quãizî*, *quãizê* = *quãsi*, analogue à celle de *û* dans le mot *âûgûa* pour *âgua*, phénomène bien fréquent dans le zend, par ex. *airîa*, *haurîa*, répondant au sanskrit *ārîa* (*ārya*), *sarçā*. Elle serait en tout cas assez rare. J'ai aussi entendu dire à une dame, dans le nord du pays, *lôljî* pour *lôje* (logge), et à des enfants *tâbûa* pour *tâba*.

ou a, dont la terminaison est un a, voyelle claire. La réfraction vocalique se serait peu à peu répandue dans le nord, et l'absence de cette distinction dans quelques lieux, qui sont encore à déterminer, serait la preuve d'une distinction dialectale antérieure à l'invasion arabe.

Ce qui est hors de doute, c'est que ce phénomène constitue l'un des caractères les plus frappants du portugais, comparé aux autres idiomes néo-latins. Nous ne trouvons rien de semblable en castillan, en français, en italien, etc., et ce n'est que dans le roumain, où la voyelle o du masculin devient oa au féminin, que quelque chose d'analogue pourrait être signalé.

RÉFRACTION DANS LES VERBES DE LA 2^e ET DE LA 3^e CONJUGAISON (EN -êr ET EN -îr).

Verbes de la 2^e conjugaison en -êr et -ecêr.

La voyelle finale e rend ouvert un e ou un o de la syllabe tonique précédente, lorsque ces voyelles ne sont point nasales¹.

Ex. *Devêr* — dêvê, *deves* (dêvîs)

Comêr — cômê, *comes* (kômîs)

Rôêr (rûêr) — rôe (rôî), *roes* (rôîs).

N. B. On voit par le dernier exemple que l'e atone devient i parce qu'il est immédiatement précédé d'une voyelle: c'est donc par analogie que l'on écrit la diphtongue ôi par oe, parce que la désinence du présent de l'indicatif à la 2^e et à la 3^e personne du singulier, dans les verbes en -er et en -ir, est -e, -es et non pas -i, -is. Les formes *deves* = dêvîs, *comes* = kômîs, montrent l'influence régressive exercée par la palatale s sur l'e qui la précède:

¹ Dans le nord, la nasalité n'empêche point la réfraction (v. Barboza Leão *Collecção de Estudos e documentos a favor da Reforma da orthografia em sentido sónico*, p. 919, Lisboa, 1878). J'ai eu l'occasion de m'en assurer: à Porto les nasales toniques subissent l'influence de la réfraction, tout comme les voyelles orales du dialecte commun. Ainsi le verbe *tender* s'y conjugue: *vêdêr* (v = ç nasalisé), *vêdu*, *vêdes*; le verbe *romper*: *ruñpêr*, *rôñpy*, *rôñpes*, et toutes ces voyelles nasales sont gutturalisées.

Les verbes dont la voyelle radicale est *a* n'ont que deux modifications de cette voyelle, qui y dépendent de l'accent, l'*a* tonique n'étant point soumis à la loi de réfraction. Ex. *batêr*, *bâto*, *bâte*.

Les verbes dont la voyelle radicale est *i*, *u*, une nasale, ou une diphtongue, ne subissent aucune modification de cette radicale. Les voyelles *i*, *e*, *u*, *o*, et les diphtongues *ai*, *ei*, devant d'autres voyelles, se prononcent *i*, *ê*, *ai*, *f*, lorsqu'elles sont atones, comme nous avons vu plus haut, et constituent par là autant d'exceptions dans ces verbes, pour suivre seulement la règle générale des voyelles atones ou accentuées.

Les verbes dont la voyelle radicale atone est ouverte à l'infinitif n'éprouvent aucun changement. Ex. :

Esquecer, *esqueço*, *esqueça*, *esquece*
 pr. *iskèsêr*, *iskèsu*, *iskèsa*, *iskèsê*
Arrefecer, *arrefeço*, *arrefeça*, *arrefece*
 pr. *arrefèsêr*, *arrefèsu*, *arrefèsa*, *arrefèsê*.

Je présenterai au lecteur la conjugaison du présent de l'Indicatif dans tous ces cas.

La voyelle radicale n'éprouve aucun changement :

Verbe *vender* (*vêdêr*) = vendre.

vendo, *rendes*, *vende*, *vendemos*, *rendeis*, *rendem*
vêdu, *vêdis*, *vêde*, *vêdêmys*, *vêdaïs*, *vêdâi*.

Verbe *romper* (*rôpêr*) = rompre, déchirer.

rompo, *rompes*, *rompe*, *rompemos*, *rompeis*, *rompem*
rôpu, *rôpis*, *rôpe*, *rôpêmys*, *rôpaïs*, *rôpâi*.

La voyelle radicale, devient neutre en devenant atone ;

Verbe *bater* (*batêr*) = battre, frapper.

bato, *bates*, *bate*, *batemos*, *bateis*, *batem*
bâtu, *bâtis*, *bâte*, *batêmys*, *batâïs*, *bâtâi*.

La voyelle radicale, en devenant la tonique, s'altère par l'effet de la réfraction :

Receber (*reșebêr*) = recevoir.

recebo, *recebes*, *recebe*, *recebemos*, *recebeis*, *recebem*
reșêbu, *reșêbis*, *reșêbe*, *reșêbêmys*, *reșêbâïs*, *reșêbâi*.

Comer (kumêr) = manger.

Come, comes, come, comemos, comeis, comem
kômû, kômîs, kômê, kumêmuş, kumâîs, kômâî.

Roer (rûêr) = ronger.

roo, roes, roe, roemos, roeis, roem
rôu, rôîs, rôî, rûêmuş, ruâîs, ròîâî.

Mexer (mîşêr) = remuer. (L'e fermé devient ê = â.)

mexo, meres, mere, meremos, mereis, merem
mâşu, mêşîs, mêşî, mîşêmuş, mîşâîs, mêşâî.

La voyelle radicale ouverte ne change point :

Aquecer (akêşêr) = réchauffer.

aqueço, aqueces, aquece, aquecemos, aqueceis, aquecem
akêşu, akêşîs, akêşê, akêşêmuş, akêşâîs, akêşâî.

Exemple d'un verbe en *-erêr* qui subit les changements dus à l'accentuation et à la réfraction :

Parecer (parêşêr) = paraître, sembler.

pareço, pareces, parece, parecemos, pareceis, parecem
parêşu, parêşîs, parêşê, parêşêmuş, parêşâîs, parêşâî.

Les verbes irréguliers de la conjugaison en *-er*, ainsi que les verbes monosyllabes (également irréguliers) ne subissent pas en général l'effet de la réfraction : leur voyelle radicale est soumise à d'autres altérations, ou bien ne change pas. Ainsi par exemple :

Saber (sâbêr) = savoir.

sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
sâî, sâbîs, sâbê, sâbêmuş, sâbâîs, sâbâî.

Ver (vêr) = voir

Vêjo, vês, vê, vemos, vedes, vêem
vâju, vês, vê, vêmuş, vêdîs, vêâî.

Ter (têr) = tenir, avoir

tenho, tens, tem, temos, tendes, teem, têm
tânhy, tâîs, tâî, têmuş, tēdîs, tâîâî, (tâî).

Ser (sêr) = être.

sou, és, é, somos, sois, são
sô, ês, è, sômuş, sôîs, sâû.

RÉFRACTION DANS LES VERBES EN *-ir*.

La réfraction dans les verbes irréguliers de la 3^e conjugaison en *-ir*, dont la voyelle radicale est *u* ou *o*, est toujours exprimée par l'orthographe, et elle s'étend aux verbes dont la voyelle radicale *e* est nasale; mais elle n'est pas générale, comme pour ceux en *-êr*.

Verbe *fugir* (*fujir*) = fuir.

fujō, fujes, fuge, fugimos, fugis, fogen
fujy, fōjīs, fōjī, fujimūs, fujīs, fōjāi.

Verbe *divertir* (*divertir*) = amuser.

divirto, diviertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
devirtū, divērtīs, divērtē, devērtimūs, devērtīs, divērtāi

ou bien

divirtu, — — divērtimūs, divērtīs —

Verbe *vestir* (*vistir*) = vêtir, habiller.

visto, vestes, veste, vestimos, vestis, vestem
vīsty, vēstīs, vēstē, vīstimūs, vīstīs, vēstāi.

La seule difficulté que présentent les verbes à voyelle radicale *u* ou *i*, c'est de savoir si l'on doit écrire cette radicale par *u* ou *o*, par *i* ou *e*, lorsqu'elle est atone: l'étymologie est généralement consultée; on écrit donc *cuspir*, *dormir*, *despir*, *frigir*, les voyelles radicales de ces verbes étant *u*, *i*. Ils font au présent de l'indicatif:

Cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspīs, cospem
kušpy, kōspīs, kōspē, kušpimūs, kušpīs, kōspāi

Durmo, dormes, dorme, dormimos, dormīs, dormem
dārmu, dōrmīs, dōrmē, dūrmimūs, dūrmīs, dōrmāi

Frijo, freges, frege, frigimos, frīgīs, fregem
frijy, frējīs, frējī, frijimūs, frijīs, frējāi

Dispo, despes, despe, despimos, despīs, despem
dīšpy, dēspīs, dēspē, dīšpimūs, dīšpīs, dēspāi

Il y a encore une différence entre la réfraction à la 2^e conjugaison et la réfraction à la 3^e conjugaison. Dans la 2^e conjugaison en *-êr* elle est de règle dans les cas cités. Dans les verbes en *-ir* elle n'est pas si commune: un grand nombre de verbes échappent à ce changement de voyelle radicale. Nous citerons, par exemple, *luzir*,

rugir, entupir, permittir, etc. Dans plusieurs de ces verbes la réfraction n'est pas de longue date. Ainsi nous trouvons dans les Lusitains (*canto* III, *est.* 105) *acude* à l'impératif, tandis que l'on dirait aujourd'hui *accède* dans le dialecte commun. Il y a donc deux conjugaisons différentes des verbes en *-ir*, dont l'une a sa voyelle radicale soumise à la réfraction, et l'autre a cette voyelle inaltérable par rapport à la voyelle finale atone.

La réfraction dans les verbes en *-ir*, je le répète, embrasse ceux dont la voyelle radicale est *e* nasal (*ê*).

Verbe *mentir* (*mêtir*) = mentir.

Minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem
mîtu, mêtîz mête, mêtîmîz, mêtîs, mêtai.

Comme on voit par cet exemple, la voyelle radicale ne change qu'à la condition d'être accentuée, et la voyelle nasale devant les terminaisons claires *e, i, ô, ã*, reste fermée, du moins dans le dialecte commun: *i* devient *ê* au lieu de monter jusqu'à *è*, les voyelles nasales étant toutes fermées. L'effet est d'ailleurs analogue, car il y a autant de différence entre *ê* et *è* qu'il y en a entre *i* et *é*.

RÉFRACTION DANS LES NOMS.

Les adjectifs en *-oso* ont au singulier masculin *ô* fermé; cet *o* devient ouvert au pluriel, ainsi qu'au féminin des deux nombres.

J'y vois un cas de réfraction, c'est-à-dire d'influence de la voyelle finale atone sur la voyelle de la syllabe tonique, qui doit avoir sa source dans le latin vulgaire. Ainsi *formôso* de *formôsum*: mais *formôsoz* de *formôsos*, *formôsa*, *formôsas* de *formosam*, *formôsas*, l'*u* final seul y jouant le rôle de voyelle obscure.

Que je sache, il n'y a pas d'autre exemple de cette flexion interne dans les différents dialectes néo-latins, si ce n'est dans le roumain, où elle se borne au féminin *frumôs, frumôssi, frumôsa, frumôse*. Dans tous les autres dialectes romans, l'*o* gard toujours le même son dans ce suffixe. Le toscan et le catalan ont un *o* fermé dans les quatre formes *-oso, -osi, -osa, -ose*; *-ôs, -osos, -osa, -osas*; le français a *eux, euse, euses*, avec *æ* également fermé. Le castillan nous présente partout *o*, lequel dans ce dialecte est un son entre *ô* et *ô*, dont le timbre ne change jamais, quelle que soit la place qu'il occupe dans le mot par rapport à l'accent.

Les participes contractés, généralement employés comme des adjectifs ou des substantifs, et dont la syllabe tonique est fermée et a pour voyelle *o*, suivent la règle des adjectifs en *-oso*, *-osa*. Ex. :

tôrto ; *tôrtos*, *tôrta*, *tôrtas*

môrto ; *môrtos* ; *môrta*, *môrtas*

pôsto ; *pôstos*, *pôsta*, *pôstas*

um pôsto ; *uns pôstos*, *uma pôsta*, *umas pôstas*.

Il y a un certain nombre de substantifs paroxytons dont la syllabe tonique a un *o* fermé au singulier, et un *o* ouvert au pluriel. M. Epiphânio Dias, dans sa *Grammaire portugaise*¹, nous donne une liste de tous ces substantifs, lesquels sont les suivants :

Abrolho, ~~*adorno*~~, *cachopo*, ~~*cachopo*~~, (*choco*) *choro*, *compôsto*, *corcovo*,
(*coro*) ~~*corpo*~~, ~~*curo*~~, *despojo*, *destroço*, *escolho*, *esforço*, (*esposo*) *estorvo*,
fogo, ~~*furo*~~, *foro*, *fosso*, *impôsto*, *fogo*, ~~*mulo*~~, *olho*, ~~*ouro*~~, (*ovo*) ~~*pôrco*~~,
(*porco*) *pôsto*, *preposto*, *reforço*, *renovo*, *rogo*, ~~*saco*~~, *socorro*,
suppôsto, *tijolo*, ~~*tojo*~~, *tordo* (*torno*) ~~*torno*~~, (*troco*) ~~*troco*~~

Il ajoute au bas de la page, dans une note, qu'il ne faut pas faire ce changement dans les mots *adorno*, *bolso*, *estorvo*, *folho*, *globo*, *môlho* ; mais il ne nous en dit pas la raison. Le mot *adornos*, cependant, est généralement prononcé avec un *o* ouvert au pluriel. J'ai aussi entendu prononcer *gostos* (pl. de *gosto*) à des Algarviens.

Nous avons supprimé dans cette liste le mot *arô*, parce qu'il est oxyton. Ce mot fait au pluriel *arôs* (*arôs*) pour les deux genres, au féminin singulier *arô* (*arô*). A Bragança, on dit *arô* au masculin et *arôa* au féminin. Il y a des personnes qui distinguent *arôs* = aïeux de *arôs* = grandspères ;

Si de la liste donnée par M. Ep. Dias on élimine les dérivés *compôsto*, *impôsto*, *preposto*, *suppôsto* (de *posto*) et même ce dernier, parce qu'il est un participe, ainsi que les composés ou dérivés *abrolho*, *esforço*, *reforço*, *renovo*, nous avons devant nous une quarantaine de vocables, plus ou moins primitifs, qui sont soumis à cette loi dans le dialecte commun.

Nous l'avons déjà dit : il nous semble que l'origine de ce singulier changement se trouve dans les noms latins neutres, qui

¹ *Grammatica Portuguesa*, 2.^a edição. Porto e Braga, 1873, p. 21.

avaient *-um* au singulier et *-a* au pluriel; c'est donc un cas de réfraction qui s'est étendu à d'autres mots par une fausse analogie. On a formé *tremôços* de *tremôço* comme on avait formé *fôgos* de *fogo*, *côrvos* de *côrvo*, par une fausse analogie avec le mot *ôros* (*oua*) de *oro* ou *uum*; ou plutôt le thème a un *o* ouvert, qui devient fermé au singulier par l'influence de l'*u* de la terminaison, car dans les mots latins cités l'*o* a dû avoir un son ouvert, comme le prouve l'italien *forza*, *côrpo*, *pôrto*, *côrno*, etc.

Il faut remarquer que le mot *espôso* fait au pluriel *espôsos*, mais que le féminin a un *o* fermé dans les deux nombres; *espôsa*, *espôsas*. En italien ce mot est également une exception à la règle des terminaisons *-ôso*, *-ôsa*, car l'*o* y est toujours ouvert (*spôso*, *spôsa*) lorsqu'il est accentué.

Quelques adjectifs paroxytons, dont la voyelle accentuée est un *o* dans une syllabe ouverte, suivent la règle des adjectifs en *-ôso*, *-ôsa*, par ex. *nôvo*, *nôvos*, *nôva*, *nôvas*. D'autres gardent l'*o* fermé partout; ex. *tôdo*; *têdos*, *tôda*, *tôdas*. Dans ce dernier mot l'*o* est régulièrement fermé, parce qu'il répond à *o* long en latin; dans *nôvo*, il est fermé au masculin singulier par l'influence de la voyelle finale; dans les autres formes il garde le son ouvert parce qu'il répond à *o* bref en latin: c'est donc l'inverse des adjectifs en *-ôso*, dans lesquels le changement de voyelle s'opère au pluriel masculin et au féminin des deux genres, puisque l'*o* est long dans ces formes en latin. Les résultats sont cependant identiques.

Les noms paroxytons dont la voyelle accentuée est *e* gardent généralement le son étymologique de l'*e*, c'est-à-dire *ê* pour *ē*, *î* et *ï* de syllabe fermée en latin, *è* pour *ĕ* et *e* de syllabe fermée; ex. *grêgo*, *grêga*; *sêcco*, *sêcca*; *lêdo*, *lêda*; *azêdo*, *azêda*, etc.; *bêllo*, *bêlla*; *cêrto*, *cêrta*; *fêro*, *fêra*; *vêlho*, *vêlha*, etc., parmi les adjectifs; *cêra*, *segrêdo*, (à côté du mot savant *secrêto*), *dêdo*, *cêlla*, *frêsta*, etc., parmi les substantifs.

On trouve cependant *mêda* de *mētām*¹, *mêdo* de *mētum* (castillan *miedo*, régulièrement); *cêgo*, *cêga* de *caecum*, *caecam*, de même qu'en italien *cieco* et en castillan *ciego*, est régulier, puisque l'*ae* en latin vulgaire était traité comme *e* bref.

En général, dans les mots proparoxytons il y a une tendance à prononcer ouvert l'*e* ou l'*o* de la syllabe accentuée, comme en

¹ M. Camilo Castelo Branco écrit *mêda*, ce qui indique une prononciation différente et régulière (*ê* = *ē*) dans le nord.

italien, ce qui peut être comparé à la règle des voyelles brèves *a* et *i* ou des proparoxytons en anglais.

La voyelle *e* dans les noms n'est donc pas soumise à l'influence de la voyelle finale, comme il arrive pour *o*. On peut cependant citer les pronoms démonstratifs *ête*, *esse* et le pronom personnel *êlle*, lesquels, quoiqu'ils ne changent pas au pluriel masculin, font au féminin *êsta*, *êssa*, *êlla*, *aquêlla*, dans le dialecte commun. Il est évident que c'est là encore un phénomène de réfraction, puisqu'ils sont dérivés des nominatifs *iste*, *ista*, *ipse*, *ipsa*, *ille*, *illa*, au pluriel *isti*, *istae*, *ipsi*, *ipsae*, *illi*, *illae*, et non pas des accusatifs *istum*, *istam*, *istos*, *istas*, etc.¹

VERBES DE LA PREMIÈRE CONJUGAISON (EN -ar).

Dans les verbes de la conjugaison en -ar, on constate un changement de la voyelle radicale accentuée, si on les compare aux substantifs de forme identique, changement qui n'est pas aussi évidemment dû à la refraction.

Toutes les fois que l'*e* ou l'*o* deviennent toniques, ils sont ouverts, tandis que dans les substantifs ou adjectifs à radicaux identiques, ces voyelles sont fermées. Elles gardent le son ouvert quelle que soit d'ailleurs la voyelle finale de la forme verbale, pourvu qu'elles soient accentuées, orales, et qu'elles ne se trouvent pas devant une consonne nasale.

Ce changement de son dans la dernière voyelle radicale est analogue, comme fonction, aux différentes voyelles des mots anglais *bleed*, *blood*, *sing*, *song*, grecs *ἔγω*, *ἔγω*, à l'allongement de l'*e* dans la forme verbale *fërme* comparée à l'adjectife *fërme*, ou au déplacement de l'accent dans les verbes dissyllabes anglais d'origine romane, tels que *to desèrt*, *to presènt*, comparés au noms *désèrt*, *prèsent*. Ce déplacement de l'accent dans les verbes est aussi de règle en portugais et en castillan ; beaucoup plus dans le portugais, car tandis qu'en italien on dit *la fabbrica*, *egli fabbrica*, on prononce en portugais, aussi bien qu'en castillan, *a fábrica*, *elle fabrica*, avec

¹ Dans le Minho, l'*e* des pronoms démonstratifs et personnels reste fermé au féminin, comme en italien ; on dit donc : « *êlle*, *êlla*, *ête*, *êsta*, *êsse*, *êssa*, *êlles*, *êllas*, *êstes*, *êstas*, *êsses*, *êssas*. » Un de mes amis, né à Cabeceiras de Basto, et qui habite Lisbonne depuis trente ans, trahit son origine par ce seul provincialisme, peut-être.

un déplacement de l'accent ; tandis que le castillan dit *el principio*, *yo principio*, on dit en portugais *o principio*, *eu principio*.

Je donnerai quelques exemples de ces changements de voyelles.

A côté de l'adjectif *sêcco*, *sêccos*, *sêcca*, *sêccas* (latin *siccum*, etc.) il y a le verbe *sêccar*, dessécher, qui se conjugue de la manière suivante :

sêcco, *sêccas*, *sêcca*, *sêccamos*, *sêccais*, *sêccam*
sêku, *sêkas*, *sêka*, *sêkâmos*, *sêkâis*, *sêkâũ*.

sêco A
sêca B

De ce verbe on forme le nom d'action *sêcca*.

A côté du substantif *rôlo* = rouleau, cylindre, on a les verbes *rolar*, *enrolar*, qui se conjuguent :

rôlo, *rôlas*, *rôla*, *rolâmos*, *rolâis*, *rôlam*
enrôlo, *enrôlas*, *enrôla*, *enrolâmos*, *enrolâis*, *enrôlam*.

A côté du verbe *encerrar* = enfermer, qui se conjugue :

encêrro, *encêrras*, *encêrra*, *encerrâmos*, *encerrâis*, *encerram*

on a le substantif *encêrro*, dont la voyelle tonique *e* est fermée.

A côté des substantifs *cêrco* = cercle, siège, et *cêrca* = cimetière d'église, et de la préposition *à cêrca de* = à l'égard de, on trouve le verbe *cêrcar* = entourer, assiéger, qui se conjugue :

cêrco, *cêrcas*, *cêrca*, *cêrcâmos*, *cêrcâis*, *cêrcam*.

Du substantif *pôrto*, *pôrto*, on forme le verbe *aportâr*, dont le présent (1^{re} sing.) est *apôrto*.

A côté du verbe *gêlar*, dont le présent (1^{re} sing.) est *gêlo*, on a le substantif *gêlo* = glace, avec un *e* fermé, quoique l'*e* du substantif latin soit bref, et par conséquent celui de l'italien *gelo* soit ouvert (*gêlo*).

Il en est de même de *cêra* subst., *encêra* verbe ; *fôro*, *afôro* ; *fôrro*, *fôrro* ; *tôrto*, *entôrto*. Ce dernier mot est un exemple frappant de tous ces changements de voyelles :

Adjectif *tôrto*, *tôrto*, *tôrta*, *tôrta* ;

Verbe dérive *entôrto*, *entôrta*, *entôrta*, inf. *entôrta*, 1^{re} conj.

Verbe primitif *tôrço*, *tôrças*, *torce*, inf. *torcêr*, 2^e conj.

Subst. dérivés *retôrta*, *tôrta*, *tôrta*, adj. *tôrmentôso*, verbes *atôrmentâr*, *tôrta* ; subst. composé *torcêcillo*.

On peut signaler quelques exceptions à ces lois de l'altération des voyelles *e* *o* dans les verbes de la conjugaison en *-ar*.

a) Lorsque l'*e* ou l'*o* sont nasalisés, ils gardent, comme partout, le son fermé :

assento, assentas, assenta, assentamos, assentais, assentam
asêty, asêtas, asêta, asêtâmyś, asêtâîś, asêtâũ
conto, contas, conta, contâmos, contaîś, contam
kôto, kôtas, kôta, kôtâmyś, kôtâîś, kôtâũ,

lesquels ne se distinguent point des substantifs *assento, conto, conta*.

b) Lorsque les voyelles *e* *o* sont immédiatement suivies d'une consonne nasale, elles deviennent également fermées en recevant l'accent tonique :

rêmo, rêmas, rêma, rêmâmos, rêmâîś, rêmam

à côté du substantif *rêmo* = aviron.

Mais on fait la distinction lorsque la nasale ne suit pas immédiatement les voyelles *e* *o* :

tôrno, tôrnas, tôrno, tôrnâmos, tôrnâîś, tôrnam

à côté de *tôrno, tôrnos* = un tour, des tours ; *retôrno* = retour ; *emtôrno* = autour.

Le verbe *tômâr* = prendre, a un *o* ouvert dans toutes les formes où cet *o* est accentué :

tômo, tômas, tôma, tômâmos, tômâîś, tômam.

c) Lorsque la syllabe douteuse contient une diphtongue, *ei* ou *ou* = *âî*, *ô* :

feïro, feïras, feïra, feïramos, feïrais, feïram
fâïry, fâïrâś, fâïrâ, fâïrâmyś, fâïrâîś, fâïrâũ

à côté du primitif *feïra* (*fâïrâ*) = foire ;

roubo, roubas, rouba, roubamos, roubais, roubam
rôby, rôbâś, rôbâ, rôbâ'myś, rôbâîś, rô'bâũ

à côté de *roubo* (*rôby*) = vol, rapt. A Lisbonne le peuple prononce *rôbâr, rôbâmos*, etc., avec un *o* ouvert atone.

Lorsque la dernière syllabe radicale contient la voyelle *o* suivie de *l* gutturalisé, cet *o* est ouvert dans les formes du verbe où il est accentué, fermé lorsqu'il est atone, mais il n'est jamais muet, comme nous avons vu plus haut. Ainsi à côté de l'adjectif *sôlto*, *sôltos*, il y a le verbe *sôltár*, qui se conjugue au présent de l'indicatif :

sôlto, sôltas, sôlta, sôltá'mos, sôltáis, sôltam

Le peuple de Lisbonne, cependant, prononce l'*o* ouvert dans toutes les formes de ce verbe et d'autres analogues, comme *vôltár*, *môldár*, etc.

d) Lorsque la dernière voyelle radicale *o* appartient à une syllabe découverte, c'est-à-dire lorsqu'elle est suivie immédiatement de la voyelle de la flexion, elle garde le son fermé, quand elle est la tonique :

magôo, magôas, magôa, magôâmos, magôáis, magô'am

à côté du substantif *mágoa*.

e) Lorsque la voyelle douteuse est *e* suivi d'une consonne palatale, cet *e* se prononce *i* lorsqu'il est atone, et toujours *â*, que nous marquons par *ê*, lorsqu'il est accentué. Ex. *fêcho, fêchar, fêcha*; *grêha, desgrehâr, desgrehâ*; *bafêjâr, bafêja, bafêjo*; *espêho, espêhâr, espêha*. Quelquefois devant *lh* l'*e* rest ouvert quand il est accentué, comme dans *gêlha, grêlha, engelhâr, grêlhâr*.

Il y a un mode assez connu de dérivation dans les langues romanes, au moyen duquel on forme des substantifs dérivés de verbes, par le retranchement de la terminaison de l'infinitif, laquelle est remplacée en portugais par *a* pour désigner l'action, et par *o* pour désigner le produit ou le résultat, quelquefois aussi l'instrument. Dans ces substantifs, l'accent recule sur la pénultième.

Lorsque cette pénultième est formée par les voyelles *e* ou *o*, et que ces voyelles ne sont pas suivies immédiatement d'une nasale (et l'*e* aussi d'une palatale), ou qu'elles ne sont pas elles-mêmes des nasales ou des prépositives de diphtongues, *ei*, *ou*, on prononce *ê*, *ô*, lorsque le substantif est féminin, formé par la terminaison *a*, et désigne l'action, et *ê*, *ô*, lorsqu'il est masculin, formé par la terminaison *o*, et sert à indiquer le résultat, le produit ou l'instrument, quelle que soit d'ailleurs la prononciation de ces voyelles dans le mot primitif d'où dérive le verbe.

Nous donnerons quelques exemples :

Du substantif *êro*, pluriel *êros*, on forme le verbe *dêšovâr*, *dêšovâ*, d'où le substantif d'action *a dêšovâ*. Ce verbe a un *ô* ouvert exceptionnel partout, lors même qu'il est atone. Il en est de même du verbe *emmôlhâr*, dérivé de *môlho* = faisceau.

Du substantif *rôda* = roue, on forme le verbe *rogâr rôda*, d'où le substantif masculin *rôdô* = râteau, cylindre (voyez plus loin).

Du substantif *cêra* = cire, on forme le verbe *encerâr*, *encêra*, d'où le substantif d'action *a encêra*.

Du substantif *têrra* = terre, on forme le verbe *entêrrâr*, *entêrra*, d'où le substantif masculin *o entêrrô*.

Nous avons bien des substantifs terminés par *a* avec des *e* ou des *o* toniques fermés : mais ce sont des mots primitifs, et la qualité de la voyelle dépend de son origine. Les substantifs *cêra*, *gôttâ*, par exemple, ont leur voyelle tonique fermée, parce qu'ils dérivent des mots latins *cêra*, *gutta*, *u* et *i* des syllabes fermées, et *ê*, *ô* répondant à *ê*, *ô* en portugais, comme en italien. La seule différence entre ces deux langues consiste en ce que l'italien garde partout la qualité de ses *e* ou *o* accentués, tandis que le portugais ne la conserve qu'à la condition de ne pas troubler les analogies et les lois qu'il s'est créées.

Je présenterai une suite de mots primitifs suivis de leurs dérivés, où ces lois et ces analogies pourront être pleinement analysées.

Adj. *gôrdo*, *gôrda*, verbe *engordâr*, *engôrdo*, *engôrda*, substantif d'action *a engôrda*.

Subst. *gôttâ*, verbe *esgottâr*, *esgôttô*, *esgôttâ*, subst. d'action *a esgôttâ*, subst. de produit, instrument, *o esgôttô* (on écrit le plus souvent ces mots avec un seul *t*).

Subst. *môlho* = jus, sauce, verbe *môlhâr* = mouiller, *môlho*, *môlha*, subst. d'action *a môlha*.

Adj. *revôlto*, *revôlta*, verbe *revoltâr*, *revôlto*, *revôlta*, subst. d'action *a revôlta*.

Subst. *dôbro*, verbe *dôbrâr*, *dôbro*, *dôbra*, subst. d'action *a dôbra*. Ce subst. désigne aussi le produit.

Verbe *rogâr*, *rôgo*, *rôga*, subst. *rôgo*, pl. *rôgos*.

Subst. *jôgo*, verbe *jogâr*, *jôgo*, *jôga*.

Subst. *fôrro* = doublure, verbe *fôrrâr*, *fôrro*, *fôrra*.

Adject. *fôrro* = libre, affranchi, verbe *fôrrâr*, *fôrro*, *fôrra*, subst. *a desfôrra* = la revanche, de *desfôrrâr*.

Verbe *consolar*, *consôlo*, *consôla*, subst. *o consôlo*.

Adj. *fôrte*, subst. *fôrça*, verbe *confôrtár*, *confôrto*, *confôrta*, subst. *confôrto*.

Subst. *fôlha*, verbe *esfolhár*, *esfôlho*, *esfôlha*, subst. *esfôlha*, subst. *um fôlho* = un volant de robe.

Subst. *fôgo*, pl. *fôgos*, verbe *refogár*, *refôgo*, *refôga*.

Subst. *fêrro*, verbe *ferrár*, *fêrro*, *fêrra*, subst. d'action *fêrra*, subst. *affêrro* = attachement opiniâtre.

Adj. *cêrto*, *cêrta*, verbe *acêrtár*, *acêrta*, *acêrra*, subst. *acêrto* = réussite, bon sens.

Subst. *cêro*, verbe *cêrrár*, *cêro*, *cêrra*, subst. *cêrra* = engraissement.

Verbe *pegar*, *pêgo*, *pêga*, subst. *pêga*, subst. *apêgo* = attachement.

Subst. *rêgo* = sillon, verbe *regár*, = arroser, *rêgo*, *rêga*, subst. *rêga*.

Adj. *sêcco*, *sêcca*, verbe *sêccar*, *sêcco*, *sêcca*, subst. *sêcca*, la sécheresse, le manque d'eau de pluies.

Verbe *esperár* = espérer, attendre, *espêro*, *espêrra*, subst. *espêrra* = attente ; verbe *dêesperár* = désespérer, *dêesperô*, *dêespera*, subst. *dêesperô* = désespoir.

Verbe *gêlár*, *gêlo*, *gêla*, subst. *gêlo*, *regêlo*.

Subst. *grêlo*, verbe *grêlár*, *grêlo*, *grêla*.

Il faut remarquer que ce sont seulement les substantifs dérivés de verbes qui sont soumis à ces flexions internes. De l'adj. *azêdo*, *azêda* = acide, âcre, on forme le substantif *azêdas* = oseille, et le verbe *azêdár*, *azêdo*, *azêda*, dont on pourrait former un substantif d'action, en remplaçant *-ár* par *-a*, et qui serait *azêda*, et non pas *azêda*. On trouve un substantif *azia* (pour *azedia*), acidité d'estomac, qui répond au castillan *acedia*, l'e cependant serait atone, s'il n'avait pas disparu avec le *d* (*azedia* ; *azeia* ; *azia*).

Il y a dans les langues romanes un autre procédé de dérivation nominale, qui a reçu un grand développement en portugais, et dont la vitalité ne s'y est pas encore éteinte. Ce procédé consiste dans le changement de terminaison de certains substantifs, désignant le plus souvent un objet matériel.

En changeant la terminaison, on change aussi le genre : si le substantif primitif se termine par *a* et est par conséquent féminin, le dérivé deviendra masculin par le changement de cet *a* en *o*. Quelquefois c'est le primitif qui est terminé en *o*, et le dérivé remplace cet *o* par *a* et devient féminin. Ordinairement le vocable formé par ce mode de dérivation désigne un objet qui a une grande ressemblance ou quelque rapport évident de signification avec celui qui est désigné par le substantif primitif. On peut même dire

qu'il y a un certain symbolisme dans ce procédé de dérivation nominale : lorsque le primitif est féminin, le dérivé masculin exprime communément un amoindrissement, une atténuation de forme ou de volume ; un dérivé féminin désignera, au contraire, l'expansion, l'élargissement.

Or dans ces mots, qui sont toujours des paroxytons, la voyelle accentuée peut être *e* ou *o*. Lorsque la voyelle accentuée d'un primitif masculin est *ê* ou *ô*, ces voyelles deviennent *è* ou *ò* dans le dérivé féminin. Quand le substantif est féminin, et se termine par conséquent en *a*, les voyelles *è*, *ò* de la pénultième tonique se changent en *ê*, *ô* dans le dérivé masculin.

On peut constater les particularités suivantes :

a) Les pénultièmes nasales, ou qui se trouvent devant des consonnes nasales, et l'*e* devant les palatales, ainsi que les prépositives des diphtongues *ei*, *ou*, ne changent pas.

b) Les voyelles *ê*, *ô* de primitifs féminins se maintiennent, comme de raison, dans ces dérivés masculins.

c) Lorsque d'un nom masculin désignant un animal quelconque on forme le féminin par ce procédé de dérivation, la règle est ordinairement celle des adjectifs en *-oso*, *-osos*, *-osas* : *ô* devient *ò*, *ê* reste inaltérable. On trouve cependant bien des exceptions à cette dernière règle : à côté de *pôrco*, *pôrcos*, *pôrca*, on a *rôlo*, *rôlos*, *rôla*, *lôbo*, *lôbos*, *lôba*. Il ne serait pas difficile d'expliquer la différence : *lôbo*, par exemple, venant de *lŭp u m*, l'*ô* y est primitif et non pas dû à l'influence de la voyelle finale.

Je ferai suivre ces observations de quelques exemples, choisis parmi les nombreux cas qui se trouvent dans la langue, de cette espèce de dérivation, laquelle, comme nous l'avons dit, a encore assez de vitalité pour produire chaque jour de nouveaux dérivés.

SUBSTANTIFS A VOYELLES INVARIABLES.

Primitifs masculins.	Dérivés féminins.
<i>Machado</i> , cognée ;	<i>machada</i> , hache.
<i>Çapato</i> , soulier ;	<i>çapata</i> , botte de paysanne ; console pour soutenir une poutre.
<i>Bico</i> , bec, pointe ;	<i>bica</i> , tuyau de fontaine.
<i>Rio</i> , fleuve, rivière ;	<i>ria</i> , embouchure d'une rivière, bras de mer.
<i>Lagarto</i> , lézard ;	<i>lagarta</i> , chenille.
<i>Rato</i> , souris ;	<i>rata</i> , rat.

<i>Carneiro</i> , mouton, blier ;	<i>carneira</i> , peau de mouton tanne.
<i>Bezrro</i> , veau ;	<i>bezrra</i> , gnisse.
<i>Vitllo</i> , bouvillon ;	<i>vitlla</i> , gnisse.
<i>Bicho</i> , ver ; bte ; chat ;	<i>bicha</i> , sangsue ; couleuvre ; chatte.

Primitifs fminins.

<i>Tta</i> , mamelle ;
<i>Caba</i> , tte ;
<i>Bda</i> , noc ;
<i>Csta</i> , corbeille ;
<i>Corta</i> , corce, lige ;
<i>Casca</i> , corce, pelure, coquille ;
<i>Candeia</i> , lampe ;
<i>Veia</i> , veine ;
<i>Casaca</i> , frac ;
<i>Caldeira</i> , chaudire ;

Drivs masculins.

<i>tto</i> , mamelon.
<i>cabo</i> , monticule.
<i>bdo</i> , repas donn aux pauvres  l'occasion d'une solennit.
<i>csto</i> , panier.
<i>corto</i> , ruche d'abeilles.
<i>casco</i> , crne ; sabot.
<i>candeio</i> , pharillon.
<i>veio</i> , filon ; raie.
<i>casaco</i> , surtout, paletot.
<i>caldeiro</i> , chaudron.

SUBSTANTIFS A VOYELLE VARIABLE.

Primitifs masculins.

<i>vo</i> , pl. <i>vos</i> , uf ;
<i>Po</i> , puits ;
<i>cachpo</i> , (dialectal), garon ;
<i>sgro</i> , beau-pre ;
<i>Capllo</i> , capuchon ;
<i>Sldo</i> , solidum, paie.

Drivs fminins.

<i>va</i> , ufs de poissons.
<i>pa</i> , mare d'eau.
<i>cachp</i> (dialectal), fille.
<i>sgra</i> , belle-mre.
<i>caplla</i> , couronne de fleurs.
<i>slda</i> , solidam, soudure.

Primitifs fminins.

<i>Rda</i> , roue, tour ;
<i>Ourlla</i> , bord ;
<i>Canclla</i> , herse ;
<i>Maara</i> , pi de mas ;
<i>Cara</i> , carabe ;
<i>Canlla</i> , tibia ; bobine ;

Drivs masculins.

<i>rdo</i> , rteau ; cylindre.
<i>ourllo</i> , lisire d'une toffe.
<i>cancllo</i> , porte grille.
<i>maaro</i> , pain, gteau cru ; boucle de cheveux laineux.
<i>caro</i> , (adj.), noir (familier).
<i>canllo</i> , os long.

ACCENTUATION.

L'accentuation des mots portugais  l'tat de radicaux est ordinairement la mme que celle de toutes les langues no-latines, le franais moderne except.

Chaque mot a un accent tonique, qui frappe ordinairement l'avant-dernière syllabe, lorsque la dernière se termine par une voyelle orale seule ou suivie de *s*, et retombe sur la dernière lorsque celle-ci est terminée par une consonne autre que *s* (*l*, *r*, *z*), par une diphtongue ou par une voyelle nasale. Les mots qui dérogent à ces lois générales sont relativement peu nombreux.

Toutes les autres syllabes du mot, lorsqu'elles sont ouvertes ou fermées par *s*, ou terminées en *r* avant l'accent, ont leurs voyelles réduites, si ces voyelles sont *a*, *e*, *o*, *u*, qui se prononcent *ə*, *ɛ* (*i*), *ʊ*. L'atténuation des voyelles est plus grande après l'accent.

La différence d'acuité entre la voyelle tonique d'un mot et ses voyelles atones est plus considérable en portugais qu'elle n'est en italien ou en castillan, beaucoup plus qu'en français, presque autant qu'en anglais, ce qui est dû sans doute à la réduction qu'éprouvent les voyelles atones.

L'accent de l'avant-dernière syllabe domine la langue : pour arriver à ce résultat, les mots se sont raccourcis comme en français, et en général c'est l'avant-dernière syllabe qui a été sacrifiée dans les vocables latins dactyliques, ex. *combrio* de *cumūlum*, *līnde* de *limītem*; bien souvent aussi la dernière, ex. *caco* de *calcūlum* (cast. *cacho*), *margem* (ancien et encore aujourd'hui *marge*), de *marginem*.

Cette particularité donne lieu dans le langage actuel à bien des doublets avec ou sans changement de signification, comme c'est le cas en français; pour les mots cités nous avons les formes suivantes : *cūmulo*, *limīte* (sous l'influence du français, car le castillan a *limite*), *cálculo*. De telles formes ne diffèrent des formes françaises que par la permanence de l'accentuation latine, dont la tradition ne s'est jamais perdue en Portugal et en Castille, comme il arriva pour la France et les pays de langue d'oc. En français c'est l'accentuation de la dernière syllabe qui a prévalu, et les mots d'origine populaire y sont communément plus courts que dans les autres idiomes néo-latins. L'italien possède et a toujours possédé un plus grand nombre de mots proparoxytons, accentuation pour laquelle on peut dire que cette langue, de même que l'anglais moderne, a une prédilection, comme des mots tels que *cristianésimo*, *fantásima*, etc., avec un *i* intercalaire, le démontrent.

L'accentuation du portugais, de même que celle du castillan et de la langue d'oc, est donc conforme à celle de la grande majorité des idiomes connus.

Lorsque l'avant-dernière syllabe est ouverte et que la dernière est une voyelle, l'accent recule ordinairement sur l'antépénultième. Cela ne contrarie nullement la règle générale, puisque ces voyelles *e i, o u* deviennent respectivement *í, ú*, c'est-à-dire des semi-voyelles, en quelque sorte des consonnes; les mots *agua, gloria* peuvent donc être regardés comme des dissyllabes, *a-gûa, glo-ria*. L'ancien portugais changeait cette sorte de mots en de parfaits dissyllabes, car il disait *áuga, grófra*; il ne saurait souffrir des proparoxytons, pas même ceux dont la dernière syllabe serait simplement une voyelle. Cette métathèse est bien connue par le grec littéral et l'ancien français.

La flexion seule dans les verbes était et est encore exceptée.

Hors de la flexion verbale, les proparoxytons appartiennent presque tous à la langue savante, quoiqu'un grand nombre d'entre eux soient depuis longtemps passés dans la langue populaire. Du latin *rigidum* la langue populaire a formé *rijo* en supprimant la dernière syllabe; la langue savant a repris le mot latin sous la forme *rigido*, tout à fait comme en français *roide* et *rigide*; la seule différence entre le portugais *rigido* et le français *rigide* est due à ce que la tradition de l'accentuation latine s'est perdue en France.

Aucun mot par lui-même ne peut avoir trois syllabes atones après la syllabe accentuée, pas même dans la flexion verbale, comme il arrive en italien. Les seuls exemples d'une telle accentuation en portugais ne se trouvent que par suite de l'inclinaison des cas obliques des pronoms personnels, lesquels se placent toujours après le verbe dans les propositions principales affirmatives. Ces pronoms sont: *me, te, se, lhe, nós, vós, o, os, a, as*, lorsqu'ils viennent s'ajouter à des formes verbales paroxytoniques ou proparoxytoniques; ex. *contavam-se-lhe, davamos-t'o*, prononcées *kōntávãusêlhe, dívãmuštý*. Quatre syllabes atones après la tonique ne sauraient se trouver dans aucune de ces combinaisons phraséologiques en portugais. Elles sont possibles en castillan et en italien: ex. *dábamostelo, portándomivelo*.

Il faut encore avoir égard à ce que les cas obliques des pronoms personnels *o, lhe, me*, etc., sont tout à fait atones. Jamais un accent secondaire ne vient les faire ressortir dans la phrase.

Lorsqu'on veut ajouter l'emphase à un de ces pronoms régimes, on emploie le prépositionnel, toujours accentué (*mim, ti, si, elle, elles, ella, ellas, nós, vós*), précédé de la préposition *a* à l'accusatif personnel et au datif, ou d'une préposition quelconque quand on

veut exprimer une autre relation. Les formes absolues des cas, nous le répétons, sont parfaitement atones ; tandis qu'en castillan ces cas des pronoms ont un accent secondaire, lequel dans certains dialectes se change en accent principal¹, ou du moins allonge la voyelle qu'il frapp. Comparez entre elles les phrases suivantes castillanes et portugaises : *decialē, decialē, decialē*, portugais *diziā lhē ; dābatelō, dābatelō, dābatelō*, portugais *dārgat'ō*.

Il en est de même pour le rythme des proparoxytons. Dans ces vocables, les deux dernières syllabes sont tout à fait atones ; en castillan, au contraire, la dernière syllabe peut avoir un accent secondaire : cast. *tūmulō*, port. *tūmulō*².

En castillan on allonge souvent la dernière syllabe atone d'un mot, lorsqu'on parle emphatiquement, ce qui n'a lieu en portugais que bien rarement, par exemple dans les *pregões* de fruits, légumes, poisson, etc., qui se font dans les rues et qui sont à demi chantés : castillan *cāsa* ou *cāsā*, portugais *cāsā*.

Les syllabes qui précèdent la tonique sont toujours atones, à moins que le mot ne soit d'une longueur extrême. Le mot portugais *contribuição* n'a qu'un accent, sur la syllabe *-ção* qui le termine ; en anglais le mot correspondant a deux accents, dont le dernier est le principal, *contribūtion*. C'est là une particularité qui dénonce immédiatement un Anglais qui parle le portugais : il dira toujours *cōtribuição*³. Le défaut contraire dénoncera le Portugais lorsqu'il s'exprime en anglais. La manière dont un Anglais prononce nos longs mots est en effet assez caractéristique : le vocable *brincadeira* = badinage, par exemple, se change en deux mots consécutifs, *brim* = toile écrue, *cadéira* = chaise.

Il n'y a en portugais que quatre cas de mots à deux accents :

1° Les mots composés : *trāga-mālho, pórtā-machādo, québra-nōzes, quōtrocēntos*. Plusieurs mots composés n'ont cependant qu'un accent : *ābróhlos, massapāes, torcicóllō*.

¹ V. *Gramática de la lengua castellana por la Academia Española*. Madrid, p. 300-301.

² *Ibid.*, p. 301.

³ Lorsque, par la longueur du mot ou la difficulté de prononcer plusieurs voyelles atones de suite, on place l'accent secondaire sur quelque syllabe prétonique, le plus souvent sa place est différente de l'anglais ; ex. portugais *constituição*, anglais *constitution*, *predisposição* — *prédisposition*, etc.

2° Les adverbes formés d'adjectifs au moyen de la terminaison *-mente*: *ricamēnte*, *cândidamēnte*, *sêccamēnte*, *tristemēnte*, *felizmēnte*, *gloridsamēnte*¹.

N. B. La terminaison *-mente* est un mot indépendant dans la locution adverbiale *de boa mēnte* = volontiers, *gern*.

3° Les diminutifs et les augmentatifs formés au moyen de l'infixe *z* placé entre le radical et la terminaison diminutive ou augmentative: *prêgozinho*, *mulhêrzinha*, *homemzarrão*". Ceux qui n'intercalent pas le *z* n'ont, au contraire, qu'un seul accent qui frappe le suffixe, et les syllabes prétoniques suivent la règle d'atténuation des mots primitifs, c'est-à-dire leurs voyelles deviennent réduites; ex. *prequinho*, *mulherinha*, *mulherôna*, *portão*, *regrinha*.

Cet accent secondaire frappe toujours, comme nous venons de voir, la syllabe du radical qui était affectée de l'accent plein à l'état de primitif, et la voyelle de cette syllabe garde le son qu'elle avait au primitif. Cette règle des deux accents est tout à fait opposée à l'accentuation des langues germaniques, puisque dans celles-ci l'accent principal se maintient ordinairement sur le mot radical, exception faite de quelques suffixes romans en anglais.

Nous avons déjà vu que, dans le nord, les diminutifs ont toujours deux accents: on dit *rôsinha*, *bôttinha*, qui seraient ridicules dans le dialecte commun, où il faut prononcer *rusinha*, *butinha*, en suivant la règle des syllabes atones. On dira cependant *rôsazinha*, *bôttazinha*, à cause de l'infixe *z*.

Aucun mot à deux accents ne saurait avoir l'accent principal le premier; celui-ci est toujours le dernier. Ainsi, si l'on veut faire ressortir la première syllabe des verbes *surprehender* et *apprehender*, ce qui n'a lieu que par emphase, on prononcera *sûrpriêdêr* i *âpriêdêr*, non pas *sûrpriêdêr* i *âpriêdêr*, et l'a initial gardera le son *a*.

Le quatrième cas de double accentuation se trouve dans les futurs et les conditionnels avec des pronoms régimes infixes, c'est-à-dire placés entre l'infinitif et le présent ou l'imparfait du verbe *haver*, formation bien connue dans les langues romanes.

¹ Les grammairiens espagnols regardent l'accent de l'adjectif comme le principal dans les adverbes en *-mente*. Selon leur théorie, l'adverbe *públicamente* se prononce *públicamēnte*. Mon oreille cependant me dit que c'est là tout simplement une théorie: l'accentuation réelle est en espagnol, comme en portugais, *públicamente*.

L'accent secondaire frappe la terminaison de l'infinitif; ex. *contá-lo-hão* " , au lieu de *contarão-o* = ils le raconteront, *recomendá-lo-ia* (pr. *rəkymēdálũĩã*) au lieu de *recomendaria-o* = je le recommanderais.

Exception faite de la loi qui détermine que l'accent radical dans les verbes ne peut dépasser la dernière syllabe de ce radical, la flexion respecte en général la quantité de la pénultième latine : c'est-à-dire que les suffixes flexifs restent atones lorsqu'ils sont brefs en latin, et reçoivent l'accent lorsqu'ils y sont longs. Il n'y a que deux exceptions, l'une générale, l'autre populaire, résultant de l'analogie.

A la première et à la seconde personne du pluriel de l'imparfait, l'accent, au lieu d'affecter le suffixe personnel, se conserve, comme en castillan, sur le radical, malgré la longueur de la pénultième latine. Ex. :

<i>amáva,</i>	<i>amávamos,</i>	<i>amáveis</i>
<i>amābam,</i>	<i>amabāmus,</i>	<i>amabātis</i>
<i>devía,</i>	<i>devíamos,</i>	<i>devieis</i>
<i>debēbam,</i>	<i>debebāmus,</i>	<i>debebātis</i>

Par analogie, comme nous venons de dire, le peuple reporte, en général, l'accent sur le radical au présent du subjonctif également, à la première et à la seconde personne du pluriel dans les conjugaisons en *-er* et en *-ir*. Ex. :

<i>dēva,</i>	<i>dévamos,</i>	au lieu de	<i>devámos</i>
<i>fúja,</i>	<i>fújamos,</i>	—	<i>fujámos.</i>

Ce serait là une faute grave dans le langage cultivé, inadmissible même dans la conversation; elle est cependant assez commune, aussi bien en Espagne que dans le Portugal, et n'est à vrai dire qu'une extension de l'analogie qui a irrémissiblement déplacé l'accent à l'imparfait de l'indicatif dans les deux langues de la péninsule, déplacement qui s'étend aux verbes irréguliers, comme *éramos, vinhamos, íamos, víamos, éreis, vinheis, íeis, vieis*, etc.

Ce vulgarisme est devenu la règle dans le dialecte mirandais (voy. l'intéressant opuscule récemment publié par M. Leite de Vasconcellos, *O Dialecto Mirandez*, Porto, 1882, p. 21-25, et n. 23). Aux observations qui terminent la monographie du jeune et habile folkloriste, j'ajouterai qu'un autre dialecte, que j'appellerai le

«bragançais» (*bragancês*) constitue la transition entre le dialecte général du nord du pays et le mirandais. J'y ai fait allusion plusieurs fois dans cet essai, et avant peu je m'en occuperai avec toute l'étendue que mérite ce *fallar especial*, dont la phonétique si caractéristique s'écarte beaucoup de celle de la langue générale.

Les mots dont la pénultième syllabe est fermée ou naturellement longue (fermée par une diptongue ou une voyelle nasale) ne sauraient être des proparoxytons. Des vocables tels que le grec littéral *μῆλας*, *mélavaz*, *πέπρωτα*, ou l'italien *O'tranto* (rare), l'anglais *character*, *scavenger*, l'allemand *annehmen*, *arbeiten* ou le russe *úlita* (polonais *ulica*) seraient impossibles en portugais. Les seuls cas de pénultième atone longue, précédée de la tonique, se trouvent dans les verbes suivis des pronoms régimes, par ex. *dávam-t'o*, *comprá-vamos-t'o*, *fizéram-n-o* ou *fizéram-o*, que l'on peut comparer à l'exception déjà citée de mots *bisdruccioli*, dont le second de ces vocables est aussi un exemple.

On trouve assez rarement des mots dérivés ayant trois accents, tels que *misericordiosissimamente* (*mizerikyrdiyzisimamẽ "tẽ*): ce dernier en est toujours le principal.

Dans une combinaison phraséologique de deux ou plusieurs mots, c'est ordinairement le dernier qui porte l'accent principal; ex. *dêste nóvo livro que te dôu*, *aprenderás o sufficiẽte para entenderes a questãõ* " *de que se tracta*.

On voit par cet exemple qu'il peut y avoir en portugais une suite d'ê atones, et que l'usage français de supprimer les uns et d'accentuer les autres, ordinairement les impairs, n'est pas observé. Les phrases suivantes ont en français et en portugais un autre mouvement, une accentuation différente: *dê cẽ que jẽ tẽ dis* — *dẽ que tẽ digo*, *dẽ sẽ tẽ reçebẽr*. Dans cette dernière, on dira tout au plus *dẽ sẽ tẽ' reçebẽr*. La période que nous avons citée plus haut se prononcera: *dẽ' stẽ nóvu livru kẽ tẽ dô', aprẽderáz y sufẽsiẽ " tẽ parã itãdẽ' rẽ:g kištãũ " dẽ kẽ s trãtã*.

L'ê des cas obliques des pronoms personnels et du réflexif *se* est souvent tout à fait supprimé, surtout devant la voyelle ou la consonne du même genre que celle du pronom (sourde ou sonore) qui est l'initiale du verbe auquel ces pronoms appartiennent logiquement; on vient de voir un exemple dans «*de que se tracta*».

L'accentuation des mots primitifs se règle sur la quantité de la pénultième du mot latin correspondant, et il faut la voir dans les

dictionnaires¹. Ordinairement on ne marque l'accent que sur les vocables qui pourraient se confondre avec d'autres vocables dont l'orthographe est identique, mais dont la prononciation est différente. On marque encore l'accent sur tout mot finissant par *à, è, ê, ô, o u*, dans une syllabe ouverte ou fermée par *s*, lors même que de tels mots sont des monosyllabes, par ex. *chá, pé, sé, sê, só, avô, avô, cajú*. L'*i* et l'*u* accentués, quelle que soit la place qu'ils occupent dans le mot, sont rarement marqués de l'accent, lequel, selon l'usage le plus général, est en tous cas l'aigu², parce qu'il n'y a qu'une seule espèce d'*i* et d'*u*. L'*i* surtout n'est presque jamais accentué.

Les mots terminés en *z*, qui sont toujours des oxytons, ne sont pas marqués de l'accent, quelle que soit la voyelle qui précède le *z*. Ex. *rapaz, marquez, nariz, arroz, alcaçuz*, prononcés *rapás, markés, narís, arrós, alcaçús*. Le plus souvent *e* et *o* devant ce *z* ont le son fermé *ê, ô*.

Les mots terminés en *el, ol* sont presque tous des oxytons, et les voyelles *e, o* sont ouvertes (*ê, ô*) dans ces vocables.

Les mots en *ôr* ont toujours l'accent sur cette syllabe qui se prononce avec *o* fermé (latin -*ōrem*), à l'exception peut-être unique des mots *côr* (latin *cor*—*cordis*) employé dans la phrase *de côr*=par cœur, *môr* (contraction de *maïôr*), *maïôr* et *pêôr, menôr*.

Il n'y a que de très rares mots latins en *-or*, employés en portugais sans accommodation, qui gardent l'accent sur la pénultième ;

¹ On peut aussi consulter sur cette matière, comme sur bien d'autres sujets se rapportant à la langue portugaise usuelle, et avec une grande utilité, la *Nouvelle Méthode pour apprendre la langue portugaise, composée d'après les principes de F. Ahn*, par F. de Lencastre. Leipzig, chez F. A. Brockhaus, 1883, 4 livraisons.

M. de Lencastre a fait preuve d'une grande sagacité et d'un esprit sérieux dans la rédaction de son petit traité; pour la mise en œuvre, il s'est surtout réglé sur la *Grammaire complète de la langue anglaise*, par Charles Græser, Leipzig, Brockhaus, 1878. Comme dans celle-ci, la prononciation des mots est presque partout indiquée au moyen de signes purement conventionnels, généralement d'une grande clarté. Je souhaite et j'espère, cependant, que dans une autre édition de son excellente *Méthode*, l'auteur adopte une notation plus conforme aux principes de la transcription scientifique; son ouvrage n'en acquerra qu'une plus grande utilité; plusieurs observations importantes, en effet, courent le risque de n'être pas assez bien comprises, à cause de la notation contradictoire dont M. Græser lui a donné l'exemple.

ils ont par conséquent l'o de la dernière syllabe ouvert; ex. *sóròr* (écrit *soror*), sœur, religieuse.

Les mots en *ol* ont, à peu d'exceptions près, toujours l'accent sur la dernière syllabe, et l'o y est toujours ouvert, par ex. *arreból*, *cargacól*, l'ancien *fról* (du latin *florē*, par le changement de la liquide *l* en *r* et par dissimilation du *r* final en *l*, non pas, comme les étymologistes portugais le prétendaient, par métathèse¹); la forme *flôr* a prévalu; elle doit être, cependant, d'origine savante: l'ancienne forme est *fról*.

Les pluriels des mots en *-ol*, *al*, *ul* sont formés au moyen des diphtongues *oes*, *aes*, *ues*, (pr. *ôis*, *âis*, *ûis*) par la chute de *l* médial, et c'est pour cela que l'ò a le son ouvert, et qu'on en écrit la subjonctive par *e* au lieu de *í*. Ainsi nous avons *ròes* de *ról*, le nom de famille *Fròes*, pluriel de l'ancien *fról* = *flôr*, qui a donné lui-même le nom de famille *Flòres*.

Les adjectifs terminés en *vel* sont cependant des paroxytons, et l'e, également ouvert au singulier, devient *êis* au pluriel (*eis* = *ees* = *eles*). Ex. *amávêl*, *têmvêl*, au pluriel *amávêis*, *têmvêis*. Lorsque la terminaison *el* est, au contraire, accentuée, la diphtongue *ei* du pluriel est ouverte. Ex. *painêl*, *docêl*, au pluriel *painêis*, *docêis*.

Presque tous les adjectifs et tous les substantifs en *il* sont des oxytons; ex. *subtil* (*sutíl*), *funil*, au pluriel *subtis*, *funis*. Les adjectifs *facil*, *util*, *difficil*, *inconsutil* et quelques autres encore sont des paroxytons; au pluriel *-il* se change donc en *êis* (*eis* = *iles*), *faceis*, *uteis*, *difficeis*, *inconsuteis*, prononcés *fâcêis*, *ûtêis*, *dêficêis*, *îkôsûtêis*; le peuple prononce *fâcêl*, *ûtêl*, *dêfisêl* par une fausse analogie avec les adjectifs en *-avel*, *-ivêl*. Les pluriels de ces adjectifs deviennent alors *fâcêis*, *ûtêis*, *difficêis*.

Les substantifs en *-êr*, à peu d'exceptions près et encore celles-ci d'origine savante, ont l'accent sur la dernière syllabe; ex. *mulhêr* (le latin vulgaire disait *mulierē*). Le mol *charâcter* fait au pluriel *charactêres*. On ne marque pas ordinairement l'accent, pas même lorsqu'il frappe l'avant-dernière syllabe de ces mots.

Les mots en *-êr* (des infinitifs de verbes de la 2^e conjugaison) ont toujours l'accent sur cette syllabe, lors même qu'ils sont dérivés de verbes en *-êre* latins; ex. *fazêr*, *dizêr*, *cozêr*. En effet, la conjugaison en *-êre* n'a laissé aucun vestige dans le portugais ou

¹ La preuve, c'est que le mot *fról* se trouve en prose dans les anciens écrivains, et dans le vers hors de la rime.

le castillan ; à peine si l'on peut supposer qu'à l'origine le verbe *poer* (*ponér*, actuellement *pôr*) ait eu l'accent sur la syllabe *po*, puisque la contraction d *o* + *ér* tonique en *ô* n'a peut-être pas d'exemple dans la langue. Les verbes de la 3^e conjugaison latine se sont répartis entre la conjugaison en *-êr* (*trê*) et celle en *-ir*, bien souvent d'une manière différente dans les deux langues ; ex. *cadêre*, port. *caír*, castill. *caer* ; *dicêre*, port. *dizer*, castill. *decir*, ou dans deux périodes de la même langue. Plusieurs de ces verbes suivaient anciennement une conjugaison différente et qui s'accorde souvent avec celle choisie par le castillan¹. Il semble que le verbe *caír* est encore aujourd'hui *caêr* à Goa ; du moins je l'ai entendu prononcer ainsi à des gens de Goa, dont le portugais a depuis longtemps remplacé leur langue naturelle, le concani.

Je terminerai cet essai en faisant remarquer que la prononciation classique du latin dans nos écoles entre pour beaucoup dans la valeur que l'on donne aux voyelles dans les mots que l'on emprunte chaque jour à cette langue. Le latin est prononcé chez

¹ V. Milá y Fontanals, *Los Trovadores en España*, p. 456 ; Diez, *op. cit.* pass., et surtout F. Adolpho Coelho, *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*, Lisboa, 1871, p. 64-66. Le choix arbitraire de l'une des deux conjugaisons latines *-êre* ou *-îre* pour les verbes dérivés des verbes latins en *-êre* me semble être parfaitement expliqué, du moins en espagnol et en portugais, par la perte absolue de cette conjugaison. Il est à désirer que le savant romaniste portugais fasse une seconde édition de son remarquable ouvrage, et qu'il y étudie la question intéressante du rôle des voyelles dans la conjugaison portugaise. Cette question offre des problèmes intéressants et assez difficiles à résoudre. En voici un. Tous les verbes réguliers ont le futur du subjonctif égal à l'infinitif, et l'imparfait de ce mode est en apparence formé en remplaçant le *r* de l'infinitif par *sse*. Exemples :

<i>amâr</i> , futur sub.	<i>amâr</i> , prét. subj.	<i>amâsse</i>
<i>cedêr</i> ,	<i>cedêr</i> ,	<i>cedêsse</i>
<i>partír</i> ,	<i>partír</i> ,	<i>partísse</i> .

Mais presque tous les verbes dits irréguliers, y compris la grande majorité des verbes monosyllabes, se comportent bien autrement. Dans ces verbes quelle que soit d'ailleurs leur conjugaison, le futur du subjonctif est presque toujours différent de l'infinitif, et il est formé, quelques verbes, surtout monosyllabes, exceptés, par le suffixe *-êr* avec un *e* ouvert ; et le prétérit du subjonctif est formé par le suffixe *-sse* précédé de la même voyelle qu'à le futur de ce mode, c'est-à-dire le plus souvent *ê*. En outre l'*e* de la terminaison de la 1^{re} personne pl. du prétérit de l'indicatif est ouvert, tandis que dans la seconde conjugaison régulière il est fermé. Pour le futur et le prétérit du subjonctif, la voyelle radi-

nous à peu près comme le portugais; nous pouvons cependant signaler les exceptions suivantes.

Les voyelles *e*, *o* ont toujours le son ouvert lorsqu'elles sont toniques et qu'elles ne sont pas suivies d'une nasale fermant la syllabe ou suivie elle-même de *a*, *o*, *u*. C'est à cause de cette prononciation conventionnelle du latin que des mots tels que *tela*, *forma* ont la voyelle tonique ouverte en portugais, tandis que dans les mots populaires *têia*, *fôrma* (moule), l'*e* et l'*o* sont fermés comme dans l'italien *tela*, *forma*. C'est aussi cette prononciation conventionnelle qui, vraisemblablement, a fait donner la préférence au son ouvert de ces voyelles dans les proparoxytons, tels que *rêplica*, *histôrico*, etc. *E* et *o* ont de même le son ouvert à la fin des mots, et l'on prononce donc en latin *parcè*, *fôrò*. Ce dernier mot se trouve représenté en portugais par deux vocables, *fôro* et *fôro* ou *forum*.

Cette prononciation ouverte de l'*e* et de l'*o* final n'est employée en portugais que dans les mots qui n'ont pas subi d'accommodation

cale est généralement la même que celle de la 1^{re} personne du singulier du présent de l'indicatif. Exemples:

Seconde conjugaison régulière

	Infinitif.	Parfait sing.	Parfait pl.	Préter. subj.	Futur sub.
Verbes irréguliers	<i>dêvêr</i>	<i>dêvi</i>	<i>dêvêmos</i>	<i>dêvêsse</i>	<i>dêvêr</i>
	<i>quêrêr</i>	<i>quîz</i>	<i>quîzêmos</i>	<i>quîzêsse</i>	<i>quîzêr</i>
	<i>fazêr</i>	<i>fîz</i>	<i>fîzêmos</i>	<i>fîzêsse</i>	<i>fîzêr</i>
	<i>trazêr</i>	<i>trouxe</i>	<i>trouxêmos</i>	<i>trouxêsse</i>	<i>trouxêr</i>
	<i>dizêr</i>	<i>disse</i>	<i>dissêmos</i>	<i>dissêsse</i>	<i>dissêr</i>
	<i>podêr</i>	<i>pûde</i>	<i>pudêmos</i>	<i>pudêsse</i>	<i>pudêr</i>
	<i>havêr</i>	<i>houve</i>	<i>houvêmos</i>	<i>houvêsse</i>	<i>houvêr</i>
	<i>Cabêr</i>	<i>côube</i>	<i>coubêmos</i>	<i>coubêsse</i>	<i>coubêr</i>
	<i>Pôr</i>	<i>puz</i>	<i>puzêmos</i>	<i>puzêsse</i>	<i>puzêr</i>
	<i>têr</i>	<i>tîve</i>	<i>tivêmos</i>	<i>tivêsse</i>	<i>tivêr</i>
	<i>Vîr</i>	<i>vîm</i>	<i>vîêmos</i>	<i>vîêsse</i>	<i>vîêr</i>
	<i>îr</i>	<i>fui</i>	<i>fîmos</i>	<i>fîsse</i>	<i>fîr</i>
	<i>sêr</i>	<i>fui</i>	<i>fîmos</i>	<i>fîsse</i>	<i>fîr</i>
	<i>vêr</i>	<i>vî</i>	<i>vîmos</i>	<i>vîsse</i>	<i>vîr</i>
	<i>dar</i>	<i>dei</i>	<i>dêmos</i>	<i>dêsse</i>	<i>dêr</i>

Comme on voit, ces verbes appartiennent généralement à la conjugaison en *-êr* et ils ont tous la 1^{re} p. pl. du parf. ind. en *-êmos*, le préterit subj. en *-êsse* et le futur de ce mode en *-êr*, tandis que les verbes de la 2^e conj. régulière ont un *ê* fermé dans toutes ces formes. Quelle est donc la cause de ce changement?

orthographique, par exemple *francò-prussiano*, *anglò-luso*, *minimè*, *rétrò*.

Les voyelles *e* et *o* ont encore le son ouvert devant l'accent dans les syllabes fermées par quelque consonne que ce soit, excepté *s*, et ces consonnes sont toujours prononcées ; ainsi on dit en latin *actòrem*, *infectiònem*, *sèptem*, *nòctúrnum*, quoiqu'on prononce en portugais *âtò'r*, *îfèsâũ*, *sête*, *notúrno* (aussi *nòtúrno*).

Les *i* et les *u* ne sont jamais réduits, lors même qu'ils appartiennent à des désinences : entre le mot latin *sèrvus* et le mot portugais *sèrvô*, la différence consiste en ce que l'*u* de *sèrvus* est plénisonant. L'accusatif pluriel latin se prononce *sèrvôs*.

La voyelle *a* suit les analogies du portugais.

La consonne *t* se prononce *d* à la fin des mots : le mot *fiat* se prononce donc *fiad*. Devant *i* et une autre voyelle, il se prononce *c* comme en français ; on le change toutefois en *c* lorsque le mot latin est employé en portugais.

On ne fait aucune différence entre une consonne double et une consonne simple ; les seules exceptions sont *r* et *rr*, *s* et *ss*, car le

Il est évident que l'origine de ce suffixe *-esse* exigerait un *e* fermé, et cependant dans le verbe *vir*, où nous le trouvons indépendant, *viêsse*, il a un *e* ouvert. Dans les conjugaisons régulières le suffixe se trouve réduit à *-sse*, et la voyelle qui le précède est toujours celle de l'infinitif du verbe, *amâ-sse*, *devê-sse*, *fugi-sse* : dans les verbes irréguliers que nous venons d'examiner, cependant, le suffixe paraît être *-êsse*, à l'exception des formes *fôsse* et *visse*, où la voyelle est disparue. On peut en dire autant des suffixes *-êmos* et *-êr* du prêt. ind. et du futur subj.

Dans un petit traité de la langue portugaise (*Compendio de Literatura Nacional — I — A lingua portugueza*), publié l'année dernière à Porto, et qui est d'ailleurs un livre bien fait, l'auteur, M. F. Adolpho Coelho, consacre une petite note, à peine, aux voyelles portugaises dans des mots identiques en ce qui concerne l'orthographe, mais dont la voyelle tonique a différentes valeurs. Ce sujet méritait sans doute, de la part du savant romaniste, quelque chose de plus détaillé, et surtout de plus précis. Il est vraiment dommage que l'éminent professeur n'ait pas cru nécessaire de donner à la phonétique une place plus importante dans son récent ouvrage, si remarquable sur plusieurs points, et qui sera longtemps consulté avec un avantage réel.

Décidément, il y a encore beaucoup à étudier en ce qui regarde les voyelles des langues néo-latines, et le portugais est certainement l'un des dialectes les plus instructifs sous ce rapport, comme sous bien d'autres. Cet essai n'a d'autre but que d'éveiller la curiosité des romanistes et d'appeler leur attention sur l'intéressante phonologie de cet idiome, encore si incomplètement étudiée jusqu'à ce jour, malgré les précieux travaux de Diez, de F. Adolpho Coelho et d'autres romanistes.

rr est vibrant, et le *s* médial devient sonore comme en français.

J'indiquerai la prononciation que l'on donne à quelques combinaisons de lettres en latin : *ae* — *e*; *oe* — *e*; *ai* — *âi*; *ei* — *âi*; *ui* — *uf*; *au* — *âû*; *eu* — *êû*; *eû* — *èû*; *y* — *i*; *am* — *âû*; *em* — *êû*; *eum* — *êû*; *im* — *î*; *um* — *û*; *an* — *ân*; *en* — *ên*; *in* — *in*; *on* — *ôn*; *un* — *un*.

Les consonnes se prononcent généralement comme en portugais; *x* cependant a la valeur de *ks* après l'accent, et celle de *iz* devant la syllabe accentuée; à la fin des mots il sonne *kś*, qui devient *kəz* devant la voyelle initiale du mot suivant. *Qu gu* se prononcent *kâ*, *gû* devant toutes les voyelles, excepté *u*; devant cette dernière la subjonctive *u* est nulle. La consonne *s* suivie d'un repos ou d'une consonne sourde a la valeur de *ś*; devant une consonne sonore elle devient *ž*, et devant une voyelle *z*, même d'un mot à l'autre: elle suit donc entièrement l'analogie de la prononciation portugaise. On ne fait aucune distinction entre les longues et les brèves, si ce n'est dans la pénultième syllabe des polysyllabes pour déterminer la place de l'accent.

La prononciation du grec dans les écoles se règle sur celle du latin, avec les exceptions suivantes: *χ* et *γ* devant des voyelles palatales se prononcent comme *qu* et *gu* avec un *u* muet en portugais, c'est-à-dire comme *ch* et *gh* en italien; *ζ* = *z*; *χ* = *k*; *θ* = *t*; *φ* = *f*; *τ* toujours comme *t*; *σ* devant une voyelle = *s*; devant une consonne ou un repos = *ś*, *ž*; *ς* suit l'analogie de *s* portugais final; *ρ* = *r*; *ρρ*, *ρ̄ρ̄* = *rr*; *ε*, *η* = *è*; *ο*, *ω* = *ò*; *υ* = *u* français ou *u* portugais; comme subjonctive de diphtongue = *û*; *ου* = *ou*; *αι*, *ηι* = *âi*; *οι*, *ωι* = *ôî* devant une voyelle, = *ôf* devant une consonne; *μ* et *ν* (*γ*) n'indiquent la nasalisation de la voyelle qui les précède que lorsqu'ils sont suivis d'une consonne; *α*, *ι* suivent l'analogie de *l'a* et de *l'i* portugais; les esprits n'ont aucune valeur. L'accentuation se règle sur la quantité de la pénultième; on ne tient aucun compte des accents. — Il faut cependant remarquer que cette prononciation du grec littéral subit des altérations selon l'opinion de chacun, et l'on peut même constater une réaction salubre contre toutes ces absurdités; celle du latin est peut-être irrémisiblement fixée, la connaissance de cette langue étant incomparablement plus générale que celle du grec. La prononciation des noms propres grecs employés en portugais, ainsi que celle des mots scientifiques empruntés à cette langue, se conforme à l'analogie des noms latins selon la prononciation conventionnelle des écoles, qui résulte de la

transcription latine des mots grecs. On peut toutefois signaler l'accentuation de certains mots en *-ia* comme étant due à une manière différente de lire le grec; on prononce par exemple *philosophia* (φιλοσοφία) et non pas *philosophia*; on dit *academia* (ἀκαδημία) et non pas *academia* comme le font les Espagnols ou les Italiens.

Pour les noms hébreux on met en général l'accent sur la dernière syllabe lorsqu'ils se terminent par des consonnes ou des diphtongues et sur la pénultième lorsqu'ils se terminent par une voyelle (Voy. passim le *Nomenclator*, à la suite de l'ouvrage du professeur Consiglieri Pedroso, *Compendio de Historia Universal*, Porto, sans date.)

Nous le répétons, la prononciation des mots d'origine savante dépend beaucoup de la prononciation artificielle du latin; elle s'écarte donc sur plusieurs points de l'analogie des mots d'origine populaire.

A. R. GONÇALVES VIANNA

NOTA FINAL — A revisão das provas do *Essai de Phonétique* fêz-se pelo exemplar do vol. XII da *Romania* existente na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa que pertenceu a Gonçalves Viana. Como êste emendou nesse exemplar alguns pequenos êrros, nesta 2.^a edição tomámos a iniciativa de obedecer ao que o autor aí escreveu. J. P. M.



Cousas luso-marroquinas

Notas filológicas sôbre particularidades vocabulares do português das praças de África

Para os arabistas há em Góis e nos documentos de arquivo relativos a Marrocos, já publicados, matéria para algumas afirmações dessa natureza. É isso que se vai ver nas páginas seguintes. Compreende-se que nesses documentos ocorram vocábulos marroquinos que brotam como fonte viva do ambiente das nossas praças africanas. Já é mais reparável em escritor que mergulhou a sua curiosidade em papéis que dormiam o seu primeiro sono no Arquivo Nacional. É o caso de Góis. A meio século dos acontecimentos, a pena do escritor humanista devia despí-los de todo o aparato exótico e aparecerem apenas em forma pura de linguagem portuguesa. Mas não é assim. Góis quer dar às suas narrativas uns laivos de côr local. Nalguns vocábulos que estudo a seguir há a prova disso. Ele compraz-se no uso dêles e na sua definição, assim: *aduar*, *alhela*, *azemel*, *çoquear*, *marzaganã*...

Muito pelo contrário, D. Jerónimo Osório, *Da vida e feitos de D. Manuel*, em que não fez mais do que parafrasear Góis, evitou êsses nomes bárbaros. Salvo num caso, todavia, mas em que errou, como se vê neste passo: «... porfiada guerra... a elrei de Marrocos e ao Xerife (nome que os Arábios dão ao que por sua vir-tude militar e santidade de religião governa as cabildas dispersas

pelos campos)* [II, p. 312]. O Xerife era o senhor do Suz e de Haha, que depois foi senhor de todo Marrocos.

*

Algumas abreviaturas usadas nas citações de obras:

1. Azurara, *Crónica do conde D. Pedro de Meneses, Inéditos de história portuguesa*, II — Azurara, *Inéditos*
2. Beaussier, *Dictionnaire arabe-français* — Beaussier
3. Conde de Castries, *Une description du Maroc — Description du Maroc*.
4. Cenival, *Chronique de Santa-Cruz du Cap de Gué — Chronique de Santa-Cruz*
5. Cenival, *Les sources inédites de l'histoire du Maroc, Portugal — Sources inédites*
6. D. Lopes, *Textos em aljamia portuguesa — Textos em aljamia*.
7. Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe* — Dozy, *Glossaire*
8. Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes* — Dozy, *Supplément*
9. Góis, *Crónica de D. Manuel* — Góis
10. Pina, *Crónica do conde D. Duarte de Meneses, Inéditos de história portuguesa*, III — Pina, *Inéditos*

1. **Abda, Garbia, Xerquia.** São nomes de tribus da zona de Mouros de pazes do campo de Safim, no tempo de D. Manuel, de que foi alcaide o Mouro Bentafuf, cuja alcaidaria historiei nos meus *Textos em aljamia*. São formas do plural. Abonações: «O capitão

mandou dizer a Abda que se fôsem para onde quisessem e não dessem nada pelo que eu mandasse» [*Textos*, p. 77]. — «Agora Abda estão concertados com o Xerife» [*Ibid.*, p. 89]. — «Porque a Xerquia, ainda que vieram tarde...» [*Sources inédites*, II, p. 61]. — «Quando Xerquia vierom das portas de Marrocos...» [*Textos*, p. 92, 1.^a ed.].

Cedo estes nomes passaram por vezes a geográficos: a Xerquia ou a Garbia, em vez de os Xerquia ou os Garbia, como se vai ver. «E agora que Garbia viu o que Abda fez...» [*Ibid.*, p. 89]. «Quanto às pagas da Xerquia...» [*Ibid.*, p. 76].

«Duquela» e «Enxouvia» ocorrem sempre como nomes geográficos, apesar-de serem étnicos como aqueles na origem. «... xeques, gentes e povo da dita Duquela» [*Sources inédites*, II, p. 8] — «... assim os Mouros da Enxouvia como os da Duquela» [*Ibid.*, II, p. 60]. — «... queriam ir... comprar trigo da Enxouvia» [*Textos em aljamia*, p. 94].

A forma corrente para «Abda» nos documentos e em Góis é «Abida» («Abeda») em que o *i* não é etimológico, mas disjuntivo, como em «Xiátima» (o *i* da sílaba *-ti-*), ou em «Quibir» de «Alcácer-Quibir» (o *i* da sílaba *Qui-*).

2. **Aduar e adixar.** Do árabe *الدشائر* e *الدشائر*, formas em que está o artigo representado por *a-*.

«Aduar» é povoação de tendas dispostas em círculo com os gados no centro; «adixar» é povoação de casas. Cf. Dozy, *Glossaire e Supplément*, s. v.

Abonações: «... e o aduar se chama a povoação de número de 50 e 60 até 100 tendas» [Góis, III, cap. 47]. — «É este campo [da Duquela] muito povoado de alcainas [tendas] e aduares» [*Description du Maroc*, p. 16]. — «Habita esta dita gente [os Berberes do Atlas] em lugares e casas de pedra miúda e barro e taipa, a que chamam adixares» [*Ibid.*, p. 25]. Cf. alcainna.

3. **Alarves (Árabes, Arábios e Arábigos).** Nos documentos de arquivo só ocorre a forma «Alarves», isto é os «Árabes», em Marrocos especialmente os Árabes nómadas. Nos documentos mais antigos é «Alárabes» [José Joaquim Nunes, *Crestomatia arcaica*, pp. 50, 53]. Veio a tomar um sentido pejorativo em português como adjectivo, alarve, porque essas populações se opunham às das cidades, mais polidas [Cf. *Textos em aljamia*, p. 75, n. 5].

Góis usa muitas vezes dêste termo, por exemplo «Alarves de

pazes» [III, cap. 35], mas a par de «Árabes de Bentafuf» [mesmo passo], «Árabes de Xerquia» [III, cap. 34]. O cronista usa também do termo «Arábio» no mesmo sentido; assim em III, cap. 14 tem «Árabes» e «Arábios»; e também «arábigo» com a significação de língua árabe ou aravia. É o erudito já.

4. **Alcaima.** Tenda do Árabe nómada. Do árabe *الخيمة*, em que a 7.^a letra do alfabeto está representada por *c*, o que prova ser forma já do século XVI; no período arcaico teria dado *f*, como vemos em «alforma». Aparece uma vez na forma «algaima» [*Sources inédites*, II, p. 375], como sucedeu com Gorniz e Gormiz, de que se fala adiante.

Abonação: «Os habitantes destes campos [da Enxovial] chamam-se Alarves; vivem pelo campo em tendas de lã negra, a que chamam alcaimas; e quando as ditas tendas estão algumas juntas dizem-se aduares» [*Description du Maroc*, p. 20].

5. **Alforma.** Não vem nos dicionários, mas é de uso corrente nos documentos de arquivo do Marrocos. Significa literalmente «cousa sagrada», que por isso se deve respeitar, daí o sentido de salvo-conduto para ir de um lugar a outro, sem ser molestado: do ár. *الحجرة*, alhorma. Cénival deu já esta etimologia [*Sources inédites*, I, p. 74, n. 4], e dando notícia da sua publicação eu contestei [*Revista da Faculdade de Letras*, IV, p. 405] essa explicação, porque o vocábulo ocorria em documentos do século XVI e neste o *h* devia manter-se e não passar a *f*, como é de regra no período arcaico. Hoje, todavia, acho-a aceitável: o voc. pode ser anterior ao séc. XVI e ter-se formado no séc. XV, já de ocupação nossa em Marrocos.

Designava não só o salvo-conduto mas também aquele que o levava. «Está toda a terra mui bem, e vão daqui [de Safim] os homens para Azamor como de Santarém para Lisboa; mas eu [o capitão de Safim] mando que não vão sem minha licença; e vão com alformas, e os que vão sem elas vão muito seguros» [*Sources inédites*, I, p. 444]. — «Senhor, assim me parece que diz Celeme bem Omar, alforma vossa» [*Ibid.*, I, p. 81].

S. v. *Mafamede* dou outros exemplos da passagem do *h* ár. para *f* em português.

6. **Algarve dalém.** Foi D. Afonso V o nosso primeiro rei que se intitulou dos «Algarves daquem e dalém mar em África», depois que conquistou Arzila e ocupou Tânger em 1471.

Que Algarve dalém é este? — Chamava-se assim ao reino de Fez entre os Mouros. Como os Portugueses possuíam já nêle Ceuta, Alcácer-Ceguer, Tânger e Arzila quis aquele rei, orgulhosamente, tomar tal título. Exagêro evidente, mas desculpável em quem tinha engrandecido a sua coroa com mais três praças, uma das quais — Tânger — de tão grande importância.

Nos documentos árabes publicados nas *Sources inédites*, encontra-se a prova disso. Seja este que possuímos em árabe e em aljamia. «... de grande mêdo que tinham do rei de Fez...». «Saberá que Elrei de Fez com quantas homens há nos Alarves e Bárbaros e o rei de Marrocos e o senhor da Serra e os Alarves de Alhauz...» [*Textos em aljamia*, pp. 99 e 100]. Nos dois casos em que se diz Rei de Fez o texto árabe diz senhor do Garb; e aí mesmo se opõe a sua gente à do sul de Marrocos claramente [*Sources inédites*, II, pp. 154 e 155].

Um autor do século XVIII, traduzido recentemente pelo coronel Justinard [*La rihla du marabout de Tasaf*], é outra prova conclusiva. O autor vivia e escrevia no Atlas. Eis estes passos:

1. «Apprenant que le pacha [de Marrakech] revenait du Gharb...»
2. «Un assemblage mélangé d'Arabes du Gharb, de gens de Haouz...»
3. «Qui t'a porté à te faire proclamer contre le sultan du Gharb?»
4. «Qu'ils sont admirables nos seigneurs les écrivains du Gharb!» [Pp. 19, 21, 103 e 108].

É isto mesmo que diz Valentim Fernandes, escritor do princípio do século XVI, nestes termos: «Esta provincia de Fez do sertão e assim a costa do mar de Cepta para Etiópia chamam os Mouros Algarb, que nós dizemos Algarbe, e por isso elrei de Portugal se escreve em seu título rei de Portugal e Algarbe daquém e além-mar em África» [*O Manuscrito Valentim Fernandes*, p. 26, ed. da Academia da História].

«Algarve» é sinónimo de «Almagrebe»: este designa, todavia, não só o reino de Fez mas o resto do país, Marrocos entim; e é esse, na verdade, o nome de Marrocos hoje.

7. **Alheta.** Exército e arraial, acampamento de gente armada. Abonações portuguesas:

1. «e o aduar se chama à povoação de número de 50 e 60 até 100 tendas e todos estes aduares juntos se chamam alheta» [Góis, III, cap. 47. O texto diz alheila, erradamente, segundo creio].

2. «mandou o almocadém com três Mouros de pazes para saber onde estava a alhela ou arraial de Oledé Saide» [Id., iv, cap. 40. Robert Ricard, *Góis, Les Portugais au Maroc*, p. 189, traduziu alhela: la harka ou armée].

3. «A todos [Abda e Garbia] pareceu bem e folgaram de esquecer suas diferenças e foram logo seus azemeis juntos e suas alhelas...» [*Sources inédites*, II, p. 229].

4. «Há dias que alguns ladrões de Zamor tomaram um garabi [natural de Garbia], destes que estão debaixo do seguro de V. A. e de sua paz, indo desta sua alhela [aduar?] para Almedina a negociar algumas cousas que lhe cumpriam» [*Ibid.*, I, p. 635].

5. «E mandei minhas espias a ver se estava a alhela de Xerquia onde me tinham dito...» [*Ibid.*, II, p. 261].

6. [Bentafuf] «era homem que trazia bem suas rehalas, que andava bem com alhelas» [*Ibid.*, I, p. 635].

7. «Mulei Nâgar, saindo de Mequinez, veio carregando sobre Azamor, recolhendo assim tôdas as mais cabildas e Alarves de toda aquela terra, de maneira que trazia uma alhela que tomava 3 ou 4 léguas, de muitos aduares, muitos camelos, muito gado...» [Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, pp. 112-113]. Cf. com o seguinte passo: [o rei de Fez] «se foi para o Xercão, donde tinha a sua almahala e arraial...» [*Ibid.*, p. 72].

Como se vê, alhela e almahala são vocábulos sinónimos aqui e claramente significam exército ou o acampamento da gente que o compõe, como disse.

Abonações de textos árabes marroquinos: وصاع حالنا من المال والحلة والرجال [*Sources inédites*, II, p. 283: Não temos gados, nem acampamento, nem cavalos, nem homens]. — وان أخذت لد سبع دور من حلت [حلة] الشريف [*Ibid.*, II, p. 156: E eu tomei 7 aduares da alhela do Xerife].

Em Beaussier tem o mesmo significado de acampamento ou ajuntamento de tendas e por isso o de aduar em Marrocos, como na abonação portuguesa 4.

Em Mármol e Ibne Caldune tem a significação também de tribo [Dozy, *Supplément*].

8. **Almilá.** Na *Crónica do Infante Santo Dom Fernando*, p. 53, ed. de Mendes dos Remédios, vem este vocábulo que o editor não soube explicar no Glossário: «E quando já tornava ao acabamento da festa [da Páscoa moura], encontraram [o Infante e os compa-

nheiros] no caminho alguns Cristãos do almila e não lhes ousaram de falar, porque lhes era defeso».

Em Marrocos, os Judeus não vivem misturados nas povoações com os Mouros, mas em bairros próprios que se chamam «mellah». Os Cristãos que iam às cidades mouras eram aposentados nesses bairros. Quando em 1531 Bernardo Rodrigues, o autor dos *Anais de Arzila*, foi mandado pelo capitão de Arzila a Fez a tratar de certo assunto oficial, Elrei ordenou que fôsse aposentado na judiaria da cidade [II, p. 205].

É, pois, nome oxitono. Do árabe *المحلة*, almehala, com transposição das duas sílabas finais, como se pode ver em Dozy, *Supplément*.

9. Azemel. Ocorre muitas vezes em Góis e nos documentos de arquivo. Góis dá mesmo a sua definição: «Azemel de Abida, que é o lugar em que os capitães das cabildas e aduares têm suas tendas, mulheres e filhos e família, e por mais nobre lhe chamam em sua linguagem azemel, que quer dizer na nossa corte ou cabeceira de toda a capitania de qualquer daqueles aduares ou cabildas» [III, cap. 32].

Seja também este passo de uma carta do capitão de Safim. D. Nuno Mascarenhas: (Bentafut) «tem consigo o azemel de Abida e o de Garbia e Ceja; ambas as alhelas estão derramadas até o rio de Aguz» [*Sources inédites*, II, p. 149]. Aqui «azemel» e «alhelas» são vocábulos sinónimos.

Nos documentos árabes publicados nas *Sources inédites* ocorre ora a forma «azemel», como nos documentos portugueses, ora «zemel»: [1. *ازمل آسوى* [الشوى], azemel da Enxovia [II, p. 50]; *زمل العرب*, zemel dos Alarves [I, p. 363. S6 *زمل* em II, p. 134].

Dozy e Beausnier dão neste sentido *زمال*, zmal: «douar ou village composé de tentes où réside un caid d'un rang supérieur avec les principaux de sa tribu» [Dozy, *Supplément*, s. v. É a definição que se lê em Góis]. Daí *smala* por *zmal* que entrou na língua francesa. Em Marrocos, como se viu nos passos citados, tomou as formas *zmel* e *azemel*, que não vêm registadas nos dicionários.

O português já tinha o mesmo termo, mas com outro significado: *azemel*, almocreve, nome de ofício em árabe: o que guia azemeleiros. Na toponímia portuguesa ficou na forma do pl.: (Oliveira de) Azeméis.

10. Belamarim. É o árabe «Beni Marim», os Merínidas. Nome com que no século XV os nossos escritores designavam o

reino de Fez, por esta dinastia estar à testa d'ele. Era o Algarve dalém.

O vocábulo *Beni*, «filhos», tomou formas várias nas fontes portuguesas: *Bene*, *Bena* e *Bela* no caso que vamos estudar. Abonações tiradas de Azurara, *Inéditos*: «... êle passara de Graada [Granada] para Belamarim» [p. 341]. — «Elrei de Belamarim» [p. 447]. — «... mas elrei de Graada sentiu muito o dano que recebia [das desavenças no reino de Fez], porque a sua principal governança toda era daquelle reino de Belamarim» [p. 419].

Herculano na sua poesia *A perda de Arzila* empregou-o:

«Quando, ao longe, nos campos de Arzila
Alvejava do mouro o albornoz
E corria, e corria veloz
O ginete de Belamarim.»

[*Poesias*, p. 144, 3.^a ed.].

Beni indica geralmente em Marrocos tribu de origem berbere, como *Oude* de origem árabe [Beaussier, s. v.]. Os Merínidas eram, na verdade, de origem berbere.

11. **Citaré.** Do ár. سَيْتَارِيّ, citairé, moço de esporas, de estribeira. Êste passo de Mármol mostra-o bem: «... quando Elrei monta a cavallo, êles [os citeyris] vão na frente: um leva, ao lado do estribo, uma lança erguida, um outro segura as rédeas, e um terceiro leva as pantufas do soberano» [*Description d'Afrique*, II, p. 99. No mesmo passo há outras informações sôbre êste termo. Podem ver-se também em Dozy, *Supplément*, I, p. 632].

Abonações portuguesas: «... e ao despedir, [o capitão de Arzila] contentou aos citarés [do alcaide de Xexuão], que são os homens de pé» [Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 437. Acentuei ai citarés, mas é melhor como agora faço na transcrição. No t. II, p. 204, da mesma obra, ocorre a forma *citareis*: «Logo me tiraram [puxaram] muitos citareis»]. — «Estando os perros descansando, chegou um sitaire [l. sitairé], que quer dizer um lacaios do Xerife» [Cenival, *Chronique de Santa-Cruz*, p. 110. Escrito diferentemente noutros passos: *sitéiros* na p. 120, *sitares* na p. 124].

12. **Çoco e çoquear.** *Çoquear* ocorre em Góis: «... deixou o negócio para um dos dias que êles [os Mouros do campo de Safim] acostumavam vir à cidade fazer feira, a que chamavam çoquear»

[iv, cap. 44]. De *çoco*, mercado, feira, que está também em *açougue*, que primitivamente tinha êsse significado geral.

«Os quatro alvarás que trouxe o Adail-mor foram apregoados no *çoco* com ajuntamento de Mouros e de Judens e Cristãos» [*Sources inédites*, II, p. 64].

Topónimo vulgar nos países de Muçulmanos como apelativo do dia em que aí havia ou há feira: na cidade de Marrocos há uma porta que se chama (do mercado) da quinta-feira. O arrabalde de Safim *Gormiz* significa isso mesmo.

Coquear é, pois, *fazer çoco*, como disse Góis, e se diz neste passo: [os Mouros] «farão o *çoco* da parte de além ao longo do rio [de Azamor]» [*Sources inédites*, II, p. 306]. — «... mouros que ao *çoco* de Arva [isto é da quarta-feira] iam coquear» [Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, II, p. 179].

13. Duquela. É o nome de grupo de tribus estabelecidas no campo de Safim, e também de região para a nossa gente do século XVI. É assim escrito nos documentos de arquivo, quer da Córte, quer dos nossos capitães. Lião [Africano escreveu — «Ducala», mais próximo da forma árabe; mas a forma portuguesa é correcta: a tónico deu *e*, como em «Meça», «Fez», «Mequinez»...

A forma «Ducala» aparece uma vez — tanto quanto pude apurar — em Góis [II, cap. 18: «... e fez toda a provincia da Ducala tributária de elrei D. Manuel»] e uma vez também numa carta de Simão Correia, capitão de Azamor [*Sources inédites*, II, p. 36: «Bentafuf»] «calaide principal de toda a Ducala de V. A.». Logo a seguir usa a forma «Duquela»].

Abonações para «Duquela»: «... se este Mouro [o rei de Fez] não vem este ano a Duquela...» [*Sources inédites*, II, p. 61]. — «... ninguém destruiu e despovoou Duquela...» [*Textos em aljamia*, p. 88]. — «A Duquela é um campo formoso e muito chão, sem árvore nem mouta» [*Description du Maroc*, p. 15].

A forma de Góis é muito estranha. Podia usar a de Lião Africano — fê-lo uma só vez —, como para outros casos: «Serife», «Sebta», «Hea», etc., mas preferiu uma forma errada. «A provincia a que nós corruptamente — só se era no seu tempo, não no principio do século, como vimos — chamamos da Duecala [no texto: Da duecala]» [II, cap. 18. Dá vontade de corrigir em Duecala, mas outras abonações não permitem essa correcção]. — «Uma das principais cidades da Duecala é a de Almedina» [III, cap. 33. Ocorre três vezes neste capítulo]. — «... naquela parte e provincia

que se chama a Duecala» [no texto: Aduecala]. — «Desta provincia da Duecala» [no texto: da Aduecala]. — «Dêstes Árabes há na Duecala...» [no texto: na Aduecala] [Estes três passos estão em III, cap. 47]. — «... os Mouros de toda Duecala» [III, cap. 53. Este passo ocorre numa carta de D. Manuel ao Capitão de Safim publicada por Góis. É exemplo único — creio — nos documentos da Córte para Marrocos e por isso suspeito que Góis alterou ou leu mal o original neste lugar].

Dei a descrição da «Duquela» nos *Portugueses em Marrocos* [História de Portugal, III, p. 482-4] e nos *Tertos em aljamia*, p. 211-216.

14. Gazua e agazuar. *Gazua* é vulgar nos nossos escritores e por isso não trato do vocábulo, sinónimo de *gazu* e *algazu*.

Fazer gazua é menos vulgar. Tenho esta abonação: «A causa desta vinda [do rei de Fez a Arzila] foi por fazer gazua ou matar Cristãos pela alma do irmão» [Molei Nácer] [Bernardo Rodrigues. *Anais de Arzila*, I, p. 461].

É esta a significação de *agazuar* que ocorre no passo seguinte: «E quis Nosso Senhor que caíssem [os Portugueses] dentro na vila [de Santa-Cruz do Cabo de Gué] para que os enterrassem e não irem para fora às mãos dos Mouros, para os agazuarem e espedaçarem» [Cenival, *Chronique de Santa-Cruz*, p. 100].

Cf. com *çoco* e *çoquear*.

Não confundir com o seu homónimo *gazua*, chave falsa.

15. Guarniz (*Gorniz* e *Gormiz*). Nome do arrabalde sul de Safim na época portuguesa. Hoje chama-se «Rebate» e constitue um bairro da cidade.

São estas as formas mais correntes nos documentos de arquivo e em Góis. *Guarniz* deve ler-se *Garniz*, como *quarta* por *carta* em muitos documentos. O *r* de todas as formas não deve ser etimológico, mas intercalado, como em todos estes casos: «Arzila», «alferce», «alicerce», etc. Cenival [*Sources inédites*, I, pp. 273, n. 1, e 681, n. 1] disse ser o vocábulo خيس , isto é (mercado da) «quinta-feira», mas depois renunciou a essa explicação [em Robert Ricard, Damião de Góis, *Les Portugais au Maroc*, p. 258]. Creio, todavia, que ela é boa. Góis dá Guarniz [III, cap. 12] e Gormiz [IV, caps. 56 e 64]. Nos documentos, D. Nuno Mascarenhas, capitão de Safim, escreve ora Guarniz, Gormiz, ora Gorniz, ora, uma vez, Guarniz [*Sources inédites*, I, p. 722; II, pp. 65, 200 e 245; II, pp. 48, 169, 208 e 223; II, p. 75].

Antes do século XVI, este vocábulo árabe daria *Alfemiz* e de facto este é nome de localidade da Enxouvia [*Sources inédites*, I, p. 486, n. 5], ainda que tardiamente para esta forma. No séc. XVI devia dar *Alcamiz* ou *Alcomiz*. Na verdade assim se deu com *alcaima*, tenda, mas também *algaima* [*Sources inédites*, II, p. 375]; e *marzagani* oferece esta mesma forma (*g* por *c*). Bernardo Rodrigues diz «soco de Alhamiz», mercado da quinta-feira, como «Alhar-robo», serra do Farrobo, como o faria para a 6.^a consoante do alfabeto árabe [*Anais de Arzila*, I, p. 156, II, p. 13]. cf. s. v. *Mafamede*.

16. **Mafamede.** Este nome a-par de outros mostra que nos séculos XV e XVI o valor da 6.^a consoante do alfabeto árabe era transcrita de dois modos diferentes: *f* no séc. XV e *h* no séc. XVI, em regra. Pina dá sempre *Mafomed* e *Mafamede* [*Inéditos*, pp. 228, 246, 267 e 271]. A *Crónica do Infante-Santo*, p. 36, dá *Mafomed*. Góis já *Mahamed* [III, cap. 53, IV, caps. 30 e 64], mas ainda *Molei Mafamede* [III, cap. 23], que é sem dúvida uma sobrevivência do século anterior.

Nas *Sources inédites*, em documentos do princípio do séc. XVI, há hesitação, como se compreende: *Mafamed* a-par de *Mehamed* [I, pp. 349 e 350]; *Mafamed Maçoude* [II, p. 180]; *Molei Mafamede* [II, pp. 68, 123 e 343]; e *Alhacen Homajot*, [I, p. 345]; *Hacem Anejot* [II, p. 13].

Cf. com o nome árabe da serra do Farrobo, perto de Arzila: século XV, *Gibelfabih* e *Gibelfabibe*, em Pina, *Inéditos*, pp. 259 e 363; Azurara, *Inéditos*, p. 434; — século XVI, *Jibel Alhabib*, «a serra amiga», em Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, II, p. 13. Surpreende-se aqui a passagem do período arcaico para o período moderno. Cf. com os artigos *Alhela* e *Alforma*.

17. **Marzagani.** Vocábulo árabe que significa «soldado de cavalaria». Ocorre muitas vezes nos documentos de arquivo.

Abonações: «Passados 4 ou 5 dias depois d'ele lá estar lhe chegaram faqueres e marzaganis de Molei Mafamede» [*Sources inédites*, II, p. 113]. — «O senhor da Serra e dous irmãos seus e um filho do senhor de Marrocos se juntaram todos com todelos seus Alarves e Marzaganis» [*Ibid.*, II, p. 227].

Os chefes de importância também tinham os seus marzaganis. Bentafui, o alcaide mouro ao serviço de Portugal no campo de Safim, tinha, pois, os seus. «Também de mim fizeram Enxouvio,

como, de feito, fizeram do meu marzaganí» [*Textos em aljamia*, p. 80].

O seu pl. é *marzaganía* que ocorre em Góis: «E após êle Saide com toda sua companhia ou marzaganía, como lhe êles chamam em sua linguagem [IV, cap. 44]. — «... se vieram para êle com toda sua mazaganía, que quere dizer cavalaria» [Cenival, *Chronique de Santa Cruz*, p. 148].

O vocábulo árabe devia dar *magazani*; houve, pois, metátese: e o *r* não é etimológico, foi intercalado, como em *alicerce*, *alferce*, etc. Estas transposições são vulgares em árabe. Dozy no *Glossaire*, pp. 24-25, deu muitos exemplos. Nos *Textos em aljamia*, pp. 58 e 70, há جش por ش (jinxo por xinjo, cinjo; nas *Sources inédites*, II, p. 135, جزم por جزام; na *Chronique de Santa-Cruz*, pp. 150-151, *alhabes* por *alhahes*. Cf. com *Almilá*, *mellah* por *mehalla*.

18. Morábito. É a forma aportuguesada do árabe مرابط. «morābit», donde os Franceses fizeram *marabout*, Portugueses e Espanhóis *almorávide* e *Almorávidas* quando designa a dinastia marroquina que foi senhora da nossa Península do fim do século XI a meado do século XII. *Morabitino*, nome de moeda de ouro, é um derivado alatinado do mesmo vocábulo.

Modernamente tem-se aportuguesado o francês *marabout* em *marabuto*. Viana no seu *Vocabulário Ortográfico* regista-o a-par de *morabito*, mas faz êste paroxítono, indevidamente. No *Vocabulário Ortográfico* da Academia das Ciências também assim. Na verdade, no anónimo português de 1596 [*Description du Maroc*, p. 26] ocorre êste vocábulo bem definido: «Entre os ministros que esta gente [do Atlas] tem, tem uns a que chamam morabitos, entre êles havidos por homens santos.» Bernardo Rodrigues, nos *Anais de Arzila*, I, p. 380, dá uma variante muito próxima: *morābete*.

O Mouro Santo, que Nuno Fernandes de Ataíde cativou no princípio da sua capitania, em 1510, era um *morabito* sem dúvida. [Góis, III, cap. 12]. O nome mais corrente nos documentos de arquivo, árabes e portugueses, é, todavia, outro: *faqueres*, *faqueles*, que são o ár. فقيه. Nos *Textos em aljamia* [pp. 95 e 101] chama-se-lhes beguinos, mas o texto ár. *focara*, pl. de *faquere*, e a tradução francesa dêle *marabout*.

Passos que abonam êste vocábulo: «O qual Mouro é de grã resgate, porque é alfaquer dos Mouros e o têm por grande santo êles» [*Sources inédites*, II, p. 80]. — «Passados. senhor, 4 ou 5 dias,

depois d'ele lá estar, lhe chegaram faqueres e marzaganis de Molei Mafamede» [*Ibid.*, II, p. 123]. — «Mandaram-me muitos faqueles pedir pazes» [*Ibid.*, II, p. 77].

19. **Olede.** É o pl. árabe *اولاد*, «filhos», tribu, sinónimo de *beni*, mas usado geralmente para populações árabes, ao contrário de *beni*, como vimos. Nos documentos de arquivo e em Góis nos capítulos relativos a Marrocos do sul é de uso muito vulgar. Quer nuns quer noutro, o nome aparece muitas vezes em construção e por isso me ocupo d'ele para rectificar transcrições erradas. Assim: Olledambram, Olledambrão, Olle Dambram, são: Oled Ambram e Olled Ambrão; Arábios Dolidemeto são: Arábios d'Olide Mete (por Meta) [Góis, III, cap. 14]. Arraial do Leide Caide é arraial d'Oleide Caide: xeques do Leizobeta é xeques d'Olei[d] Zobeta [Góis, IV, cap. 40]. Cf. Benimagre, população berbere que deu nome à serra assim chamada no campo de Safim.

20. **Rehalar.** Este verbo não vem nos dicionários. Também não vem em Góis, mas ocorre várias vezes nos documentos de arquivo relativos a Marrocos. São estas as fontes que conheço em textos impressos:

1. «Senhor, assim me parece que diz Celeme bem Omar, alforma vossa, que ele se atreve a fazer uma fortaleza a V. A. se lhe der para certas cabeceiras principais algumas cousas, para lhe dar e os contentar enquanto se a casa ou fortaleza fizer [em Mazagão] e para os fazer rehalar sobre o dito pórtio» [*Sources inédites*, I, p. 81].

2. «E diz Dia que, se os de Ouled Ambrão não fizerem o que quere, rehalará o seu aduar e que se irá assentar a-par dos muros de Safim» —, isto é levantará as tendas para ir acampar junto de Safim [*Sources inédites*, I, p. 347].

3. «E hoje me chegou o almocadêm, Henrique de Ataíde, e três escudeiros meus que mandei saber onde era Elrei de Fez... e eles chegaram a... onde acharam um Mouro... e disseram-lhe que Elrei de Fez que estava em Aurara... e lhe disseram que [êle] hoje rehalaria daí» [*Sources inédites*, I, p. 724].

4. «... E estando lá vieram-me dizer que Elrei de Marrocos e Molei Mafamede, sephor da Serra, que vinham para correr os païs de Duquela, e que tinham assentados seus aduares nela. Quando isto soube arahalei três dias de dia e de noite até vir a Duquela em sua busca... O feito passou desta maneira: mandei arahalar o

azemel à meia-noite, e fui-me com a gente de cavalo diante...» [*Sources inédites*, II. pp. 68 e 69].

A significação do vocábulo é clara nestes exemplos: levantar as tendas, o acampamento, e pôr-se em movimento para outro lugar. Cenival [*Sources inédites*, I, p. 347, n. 2] disse que era a transcrição pura e simples do verbo رحل, «rahala». Não creio que verbos árabes passassem directamente para português ou espanhol, a-pesar do que afirmou Dozy [*Glossaire*, p. 2, n. 2]. O que é preciso é descobrir o substantivo de que se formou. Para *rehalar* esse substantivo existe: é *rehala*. «Ele me respondeu que nunca mais se meteria em peleja com Mouros, e que se Eheia [Bentafuf] o fizera ali mal que era homem que trazia bem suas rehalas e que andava bem com alhelas, que os mandava bem», [*Sources inédites*, I, p. 635]. — «Este outra xerife ao tempo que esta nova soube ia com sua arrehalas duas jornadas de Marrocos com toda sua gente», [*Ibid.*, II. p. 336]. — «C'est pourquoi ils ont transporté leurs douars et leurs arrahales autour de cette ville», [Safi]. — «Le Chérif fut irrité de cela et ordonna de réunir toute l'arrahala d'Abida et de Guarabia qui forme 55 douars» [*Sources inédites*, 1.^{re} série, France, I. pp. 119 e 120. Documento da Torre do Tombo, Reforma das gavetas, gav. 2. m. 6, n.º 6, na sua tradução francesa].

Os dois vocábulos deviam ser de uso corrente entre os Cristãos de Marrocos. De facto, ocorre também num documento em inglês. «Mulley Abdella... left the citie and rehalled one rehalle beyond Foz» [*Sources inédites*, Angleterre, II, p. 453], isto é, Molei Abdelá saiu da cidade e foi acampar para além de Fez. Em nota o Conde de Castries transcreveu em árabe a expressão «rehalled one rehalle»: رحل رحلة واحدة. O substantivo *rehalle* mostra que foi sobre ele que se formou o respectivo verbo.

24. **Serife.** Góis escreve assim sempre este vocábulo que todos os outros escritores e documentos de arquivo grafam *Xerife*. É nêle o nome do príncipe que primeiro só senhor do Suz, onde fez muita guerra à nossa praça de Santa-Cruz, se espraçou depois pelos territórios de Haba, Xiátima e cidade de Marrocos e em 1549 tomou Fez e com ela todo o Marrocos.

Este modo de escrever é já prurido de erudição, mal cabido pelo que disse. É dêle culpado Lião Africano. Góis conheceu e utilizou o seu famoso livro da *Descrição de África*. «João Lião,

escritor arábigo, homem muito douto e de muita autoridade que se fez Cristão em Roma no tempo do Papa Lião Décimo e compôs muitos livros em arábigo, entre os quais um que intitulou da «Descrição de África e outras cousas notáveis dela», na segunda parte do qual, falando da cidade de Safim, trata destes negócios e diz mais que elle mesmo fôra por mandado de Elrei de Fez e do Serife, príncipe do Suz e de Hea, falar com Ihea Bentafuf...» [III, cap. 14].

A 1.^a ed. dessa obra, em italiano, é de 1550, e sobre ella se fizeram as ed. e trad. latina e franceza de 1556, logo seguidas de outras [Massignon, *Le Maroc dans les premières années du xvi^e siècle*, pp. 4-7]. De qual se serviu Góis não sabemos. Lião Africano transcreve a 13.^a letra do alfabeto árabe [x] por s: Serif, Lharais, Sella, etc. [Massignon, *ibid.*, p. 30].

Do mesmo modo para a 12.^a letra [ç]: assim Septa, Side, etc., por Cepta, Cide, etc., [Massignon, *ibid.*, p. 30]. Todavia, para *Side* há hesitação em Góis, porque ora escreve *Side* ora *Cide*. [Por exemplo, III, cap. 50: cide, e cap. 69: side]. A forma *Cepta* é pura transcrição da forma árabe — mais rigorosamente Cehta, em que se deu assimilação de sonora a surda — donde regulamente Ceita e ceitil em português e Ceuta em espanhol, que é a forma que acabámos por adoptar. Todos os outros nossos escritores têm a forma Cepta, Ceita e Ceuta.

DAVID LOPES



Inéditos de Gonçalves Viana

Como afirmei no fim do trabalho denominado *Gonçalves Viana* (*Boletim de Filologia*, VII, pp. 1-16), existem na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa vários manuscritos do nosso homenageado.

Estes, que estão encadernados, constituem 13 volumes em papel almasso azul, dobrado pelo meio.

As matérias de que tratam são as seguintes, distribuídas desta maneira: 7 volumes com o *Vocabulário Usual das cinco principais línguas neo-latinas existentes: Português, Catalão, Castelhana, Italiano, Francez*; 2 tratam de *Graphica*, 1 de *Phonetica*, 1 de *Vocabulário*, 1 de *Notas Etymologicas, Morphologicas e outras* e finalmente 2 de *Lexicographia*.

O *Vocabulário Usual* parece-me obra da mocidade de Gonçalves Viana. As razões que me levaram a tal conclusão são três:

1 — O traçado da letra é incerto e só próprio de quem não tem o carácter ainda formado, ao lado da circunstância de só de vez em quando nos aparecerem poucas, e mesmo essas pequenas, características que depois se tornaram peculiares à caligrafia do autor da *Orthografia Nacional*.

2 — O sábio não podia empreender a realização duma obra desta natureza, onde pretendia comparar palavras e algumas locuções comuns naquelas línguas, sem outra finalidade que não fôsse a do paralelismo.

3 — Finalmente, o grande filólogo se escreveu (ou tentou escrever, o que me parece mais exacto) esta obra quando já se encontrava na posse dumas regulares luzes de Lingüística, não cometeria certamente o erro de afirmar que as «cinco principais línguas neo-latinas existentes» eram o português, o catalão, o castelhano, o italiano e o francês.

Faltou-lhe o romeno, sem dúvida muito mais importante que o catalão, que, por sua vez, tem menor importância que o provençal, também não citado no manuserito.

Como o assunto, a sua utilidade e ainda a organização da matéria contida nestes primeiros sete volumes, não me parecem de importância e ainda menos capazes de atrair a curiosidade de qualquer, julgo preferível não a publicar.

Resolvi, portanto, começar pelo oitavo.



O primeiro dos volumes que vou apresentar tem este frontispício :

VOCABULARIO ESPECIAL
DAS
PEREGRINAÇÕES
DE
FERNÃO MENDES PINTO
COM ESPECIALIDADE A ONOMASTICA
LOCAL E PESSOAL
POR ORDEM ALPHABETICA DE INICIAES.



Edição de 1929. Lisboa. Typographia Rotlandiana
e Conforme à 1.^a de 1614.

Como notas adicionais a este frontispício, aparece-nos, escrito com tinta diferente, o seguinte :

«A 1.^a edição de 1614, que serviu de typo a ésta é posthuma; não existe m. do auctor.»

«A differença entre ésta edição e a de 1614 está apenas em se usarem para os *uu* consoantes os *vv*.»

«A letra romana designa o capítulo, o algarismo a página da edição extractada.»

«Em prologo diz que as edições de 1678, 1711, 1725 e 1762 são infieis na orthographia e texto.»



Como se vai verificar, o registo não está feito sob uma ordem alfabética escriptulosa.

Gonçalves Viana adoptou este processo: attribuiu um certo número de páginas a cada letra do alfabeto, não perdendo de vista a circunstância de que umas são mais ricas em vocábulos do que outras.

Depois, à medida que ia colhendo no texto palavras ou frases, que julgava interessantes para o seu vocabulário, registava-as seguindo a ordem por que essas curiosidades lexicais iam aparecendo no texto. As excepções são devidas ou a associações de idéias, ou à falta de espaço que o obrigava a aproveitar as entrelinhas.

Muitos são os casos em que a transcrição de Gonçalves Viana não é fiel; quando as diferenças são grandes, eu, em nota, previno o leitor. Devo dizer que não o faço em certos casos, como alterações ortográficas, porque, a fazê-lo, não faltariam as observações.

Daqui depreende o leitor que eu fiz a cópia do manuscrito com o texto da *Peregrinação* diante dos olhos.

Fi-lo não só para verificar o escrúpulo que Viana pôs neste trabalho, mas também porque a sua caligrafia nem sempre é muito legível.

Algumas palavras aparecem repetidas, como é natural. Para facilitar as buscas do investigador, marco-as com um asterisco (*).

Como se verifica, as listas alfabéticas são duas: a primeira é a que podemos chamar *lexicológica*; a segunda trata de *Nomes próprios e citações em línguas estrangeiras*. Estas geralmente (para não dizer sempre) são orientais. Não se julgue, porém, que essa separação é rígida. Muito vocabulário que pertence à segunda parte, e nela aparece devidamente registado, consta também da primeira. Estas repetições não são raras.

Cada uma destas alfabetações consta de outras duas, sendo a segunda a continuação da primeira. Não quis eu saber da ordem seguida no manuscrito e juntei-as nas suas alturas devidas. Assim simplifiquei muito as buscas do investigador.

Alguns dos vocábulos trazem significações; certas palavras ou frases que são reprodução de outras de línguas orientais, trazem, por vezes, a indicação da língua e, em alguns casos, até a etimologia. Como é óbvio, reproduzi escrupulosamente todas essas informações.

À primeira vista, pode parecer que esta obrinha não tem valor, porque nem todos podem ter à mão a edição da *Peregrinação* de que Viana se utilizou, para mais facilmente verificar a existência de certa palavra e, sendo necessário, copiar o passo onde ela

ocorre. Mas o seu autor, como pessoa conhecedora dêstes assuntos, pensou com certeza nessa circunstância e indicou o capítulo. Assim o seu valor é muito grande, embora sejam para lastimar as lacunas que se observam neste vocabulário.

Estou convencido que esta obra do autor das *Apostilas* bastante importância terá para o conhecimento da língua portuguesa do século de quinhentos e para a nossa lexicologia em geral. Junte-se a tudo isso a circunstância de ser mais uma obra do grande filólogo a enriquecer a sua bibliografia já tam vasta como valiosa.

Na cópia adoptei o seguinte sistema: os passos de Mendes Pinto vêm em *italico*, excepto a palavra que motivou o apontamento. Essa vem em *egípcio*.

Os algarismos romanos referem-se aos capítulos da *Peregrinação*; os outros à página da edição que Viana seguiu (como já disse, foi a de 1614).

Guardei para o fim pequenas notas que aparecem dispersas neste códice (Vêm nas pp. 200-201, 381 e 385 do ms.).

JOSÉ PEDRO MACHADO

Glossário

A

- Apupos. CLXXXIV, 104.
 Apupadas. III, 10.
 Arabia felix. I.
 Arcipelago. I. (a que os escriptores Chins, Siames, Gueos, Elequios nomêao nas suas geografas por pestana do mundo). CXXXII. CXLIII. CLXXXVIII.
 Andrés. III.
 * Assaz de alegria. II, 7.
 * Assaz de confusão e pena. XIII, 84.
 Abedalcuria. III, 9. Ilha.
 Aderis. LV, 210.
 Arquico. III, 12. Terra do Preste João.
 Anrique. IV, 12.
 * Abexins. IV, 13.
 Azebibe. IV, 14. Povoação.
 * Aciprestes. IV, 14. Ciprestes.
 * *Ihe beijamos o avano que tinha na mão.* IV, 15.
 * Avanar com um avano. XIX, 67.
 * Avano. CXXXV.
 Apellação dos remos. V. VI. XVII.
 Abrão Muça. VI, 24.
 Ale. VIII, 28. Nome arábico.
se fez alardo da gente. XI, 35. *Se feridos dos quais os nove flearão ó depois aleijados.* XI, 35.
 Acedecão. XII, 38. Nome.
 * Aquarem Dabolay. XIII, 41. Embaixador do rei dos Batas.
paos de aguilã. Ib. bis.
 Angeessiry, rei dos Batas. XIII, 42.
 * Alfandega. XIII, 42.
 * Almazens. XIII, 42.
 * Aquarem Dabolay. XIII, 42.
 * Achês. XIII, 42.
 * Achem. XIII, 43.
 Ataballes. XIII, 46.
 Arpas. Ib.
 Atraçoada. XIII, 47.
 Agardecimento. XIII, 46.
 * reino de Aarú. XIII, 47.
 * estrondo de atabaques e sinos. XV, 50.
 Amborrajás. XV, 50. XXXI, 110. Carge, casta (?).
 Ambarrajas. CLXXXIV.
 Andraguires. XVI, 53. N. gent.
 * Andraguire. XVI, 54.
 Alifantes. XVI, 53. Elephantes.
 * Amoucos. XVII, 51. XXVIII, 101.
 * feitos a amoucos. XLIII, 158. LIX, 233. CLXIX.
as alâpadas douro que lá mandou ao alcorão do seu Mafamede¹. XVIII, 62.
seis azagaias cos alevados douro. XVIII, 62.
hum ilheu que se dizia Apefingau. XVIII, 62.
 * Abexim. XX, 71.
 Acoimar. XIX, 64.
 Alfama. I, 2.
 Alcosser. XX, 72. Logar.
 * com alcanzias de fogo. XXI, 76.
 * Antre fulcões & berços. XII, 79.
 * por antre os espinhos. XXXIII, 84. Entre.
 * Aarú. XXII, 78; XXI, 77. Logar.
mil homêes Aarús. XXII, 79. Gentílico.
 Avorrecida. XXII, 79.
 * Rey de Andraguire. XXII, 81.
 * Andraguiré. XIX, 67.
 * Avanar, avano. XIX, 67.
os ilheos de Anchepisão. XXXII, 83.
 Almoxarife. XXII, 71.
 Até a cinta. XXXII, 84.
 Almagrados. XXII, 80.
 Aly nos agasalhamos aquella noite mettidos na agua até o pescoço. XXXII, 84.

1 O passo não está bem copiado; deve ser: «das alâpadas douro que lá mandou de esmola ao alcorão do seu Mafamede».

- * **Alcanzias.** xxii, 80.
Atabões, *de mosquitos do mato que que nos atanzavão de tal maneyra.* xxiii, 85.
deste rio que se chamava Arissumhee. xxiii, 88.
deitado ao almarge. xxiii, 88.
acertou de passar. Ib.
 * *os officiaes da alfandega,* xxiii, 90.
o soldão Alaradim. xxvii, 98.
Algodão. xxvi, 90.
mais pende da adherencia que do merecimento da pessoa, xxx, 107.
 * *the ficava a elle aução e justiça.* xxx, 108.
 * *sua aução diante de Deos.* xxxi, 110.
Achesiny Raynha de Aará. xxxi, 110.
Alibomcar, *seu marido.* Ib.
dous baluartes mais d'aventagem. xxxii, 113.
hum lugar que se dizia Apessum hee. xxxii, 114.
Arraiz. xxxii, 113.
tengendo adufes, xxxii, 116.
 * *tão arvoadas das cabeças que cahião no chão.* xxxiii, 121.
Ainão. xxxvii, 136.
Acreeedores¹. xxxviii, 138.
os acabarão de escorar de todo. xl, 146.
e afagando-o com palavras brandas. xl, 146.
três arcas encouradas. xliii, 150.
Aljofre. xlii, 160.
Anchacy *de Coleman, que he como Corregedor entre nós.* xlvii, 180.
Anchacilado. xlv, 165.
 * **Alfandegas** *dos portos do mar.* xlv², 166.
 * **Alfaques** *de coroas de arcia.* xlvii, 168.
 * *sem baixo nem alfaique.* xlviii, 181.
 * **Atabaques.** xlvii, 176.
Almiscre. lii, 198
arvores de angelim. lii, 201.
aquirido. liii, 202.
hum assinado teu. lvi, 217.
Acem. lvii, 223. N. pess.
arcabuzeiros. lviii, 227.
arcabuzaria. lviii, 230.
quasi às Ave Marias. lviii, 229.
atiradores. lviii, 230.
aldea. lx, 237.
almizcre. lx, 240. clviii, 2.^o, 332.
paos aboyados em cordas. lxii, 244.
aspar. lxxv, 255.
se quisessem averiguar com elle. lxxv, 257.
alvissaras. lxxvii, 267.
tempo aprasado. lxxviii, 268.
atauxiados. lxxviii, 271. V. *tauxiadas.*
antremeses. lxxviii, 272.
ilhas de Angitur. lxxi, 282.
grandes algazaras. lxxi, 282. cxlvi, 2.^o, 264.
antrelunhos. lxxii, 286 (interlúnios).
serranias. . . Alimania. lxxii, 288.
adibes. lxxiii, 290. cxxxviii, 2.^o, 230.
Pilau angiroo. (n. pessoal). lxxviii, 314.
por ser agora a terra de grande serrania. lxxx, 318.
era tão pouco que não abrangia a mais. lxxx, 321.
o lugar onde estava a albergaria. Ib.
com licença do Aytão do Paquim. lxxxii, 322.
açor. lxxxiii, 332.
alçada. lxxxiv, 337.
afabelmente. lxxxvi, 344.
 * **almazem d'armas.** lxxxviii, 353.
tendo por davante contar. lxxxiii, 354.
azulejos de porcelana. xc, 364.
Apancapatur (n. de mulher). xc, 365.
 * **cheyros de aguila.** xc, 366.
 * **alicece.** xciv, 2.^o, 9.
aneixa (aueca). xcii, 2.^o, 13.
 * **amago deste sertão.** xcv, 2.^o, 16.
 * **outra cerca no amago desta.** cx, 2.^o, 47.
do azogue. xcvi, 2.^o, 18.

1 A edição de 1990 traz *acredores*.

2 Viana escreveu, por lapso, LXV.

- adinhos** (adens pequenos). xvii¹, 2.º, 26.
- antas**. xvii, 2.º, 28.
- alcofas**. xvii, 2.º, 29.
- porque o não apolegue* (ao peixe). xvii, 2.º, 30.
- almotaceis**. xvii, 2.º, 31.
- almotaçaria**. xviii, 2.º, 32.
- deita a avoar*². xviii, 2.º, 36.
- adros**. cv, 2.º, 70.
- agraduar**. cvi, 3.º, 77 (dar grau)
- * **alaqueca**. cvii, 2.º, 83.
- anil**. cvii, 2.º, 83.
- muito arreganhado*. cix, 2.º, 94.
- altirnas verdes**. cx, 2.º, 97.
- azinhaga**. cxvi, 2.º, 124.
- achegas**. cxviii, 2.º, 139.
- olhos algum tanto achinados*. cxxii, 2.º, 155.
- arganeis de latão**. cxxiv, 2.º, 164.
- açamos**. cxxiv, 2.º, 164.
- * **argentaria**. cxxiv, 2.º, 165.
- alcatifada de grandes tapetes**. cxxiv, 2.º, 165.
- toalhas adamascadas*. cxxiv, 2.º, 165.
- dois aparadores*. cxxiv, 2.º, 165.
- * **agrem**, *que era o pulpito*. cxxvii, 2.º, 176.
- os argueyros na restea do Sol*. cxxvii, 2.º, 177.
- a arvore grande* (o mastro). cxxvii, 2.º, 226.
- ervas que na nossa terra se chamam*
azedas. cxxviii, 2.º, 228.
- aprema** (oprime). cxl, 2.º, 236.
- * **aguila brava**. cxliii, 2.º, 253.
- almas christans**. cxlvi, 2.º, 267.
- * **alfandegas**. cxlvi, 2.º, 267.
- atoardas**. cxlviii, 2.º, 277.
- arremangados**. cl.
- aleyves**. cliii, 2.º, 309.
- assacavam todos aquelles falsos testemunhos**. lb.
- afanchonado e inimigo de mulheres**.
CLV.

finjia que se não dava por achado.
CLV.

*mil*¹ **alcás** *douro, que são da nossa moeda setecentos e vinte mil cruzados*. clviii, 2.º, 332.

* **aciprestes**. clix, 2.º, 337.

azeviche. clxi, 2.º, 348.

alacraas. clxi, 2.º, 352.

com seus aldrabões nas portas. clxii, 2.º, 351.

que como não arrayal estavam todos alojados ao longo do rio. clxii.

* *suas eladas de argentaria*. clxiii, 2.º, 364.

e asas do mesmo (ouro) da maneira que entre nós se pintão os anjos. clxiii, 2.º, 374. Cf. clxxxiv.

* *assi como arvoado*. clxiv, 2.º, 374.

* *pelo amago do sertão*. clxv.

* **alaqueca**. clxv, 3.º, 3.

azevre. clxv, 3.º, 3 (metal?)

açafrão. lb.

ambre. clxv, 3.º, 6.

* **aguila**. clxvi, 3.º, 12.

bem acondiçoadas. clxvi, 3.º, 12.

arrefecer. clxviii, 3.º, 22.

* *se subio num agrem, que era o pulpito*. clxviii, 3.º, 22.

* **argentaria de retrós**. clxviii, 3.º, 31.

andor douro e pedraria. clxix, 3.º, 33.

terra muito agra. clxx, 3.º, 40.

no agro das serras. cxcv, 3.º, 162.

aventajadas. clxxiii, 3.º, 52.

* **alfagues e bancos de arra**. clxxiii, 3.º, 52.

aguias (peças de artilharia). lb. 3.º, 53.

arraya. clxxi, 3.º, 35.

arrayal. clxxiii, 3.º, 53.

* *e a estes que se untião desta maneira* (V. *minhamundy*) *chama o vulgar da gente amoucos*. clxxiv, 3.º, 57.

* **aliceces**. clxxviii, 3.º, 73.

amutinador. clxxix, 3.º, 77.

amigo (amante). clxxxiv. . . xxxv.

alparca. cc, 3.º, 165.

alcatrates da nau. ccli.

1 No ms. XVII.

2 A ed. de 1930 (conforme a de 1614) traz: *clauça logo a avoar*.

1 No texto: sessenta mil.

- * *hã Ave Maria*. ccvii, 3.º, 223.
arrevessaria de nojo. ccxi, 3.º, 261.
ahuste. ccxiv, 3.º, 275.
*acertas*¹. ccxvi, 3.º, 294.
afogar-se (morrer afogado). ccxviii, 3.º, 300.
dalcunha o palha. ccxxii.
 * *com avanos Lequios*. ccxxv, 3.º, 339.

B

- * *o Rey dos Batas que habita na ilha de Çamatra*. xiii, 41.
 * *senhorios de Dayaa de Batas*. xxxi, 111.
 * *beijoim de boninas*. xiii, 41.
 * *hum bardouro*. xxvii, 98.
 * *bares de ouro que fazem da nossa moeda duzentos mil cruzados*. xiii, 44.
 * *peças de artilharia de bronzo*. xiii, 44.
 * *dez ou doze balões*. xiiii, 46; xxix, 102. V. *ourobalões*.
 * *doze ballões*. Embarcações. xv, 50.
 * *bichos de voço*. xiiii, 48.
bugios. lb.
hã povoação... Baterrendão, que quer dizer *pedra frita*. xv, 50. Malaio.
 * *O Bendara de Malaca, que é o supremo no mundo*. xiiii, 46.
 * *O Bendara, governador do reyno*. xv, 50.
 * *e erguendose do bailen que era a tribuna em que estava assentado, se pôs em joelhos diante de hã caveyra de vaca que nãa cousa como prateleyra ou cantareyra estava posta*. xv, 51.
 * *Borneo* xxxv, 124. Ilha.
Borneos. xvi, 53. xvii, 58 N. gent.
Baxá. xvii, 58.
Begala. xvii, 60.

- Bugay (Pulo)*. xix, 63.
bailos. xix, 63. Bales.
Berdio. xix, 67. Logar.
bombardeiros. xx, 70.
Broteo. xx, 71. Rio.
Botum. xx, 70.
Banda. xx, 72. Ilha.
 * *Duque de Borgança*. xx, 72.
 * *Bragança*. xxxv, 127.
 * *Borneo*. xxi, 76.
 * *el Rey de Bintão*. xxii, 80.
lamentando com bem de lagrimas. xxi, 84.
mais que os limos do mar que habugem da agua achavamos. xxiii, 84.
 * *barçaça*. xxiii, 87.
ser bom. xxiii. Valer, acudir.
bulirnos podiamos (que nem). xxiiii, 88.
o reyno de Baarrós. xxvi, 95.
navios de alto bordo. xxvi, 95.
lhe derão cõ ellos tres batarias muyto grãdes. xxvi, 96.
com ballas de algodão. xxvi, 96.
a terra em si era brejosa. xxviii, 101.
co harrete na mão. xxix, 103.
 * *Bintão*. xxx, 107.
 * *os doze mil de peleja, a que elles chamão de bailen*. xxxii, 114.
hã que chamavão Batoquirim. xxxii, 116.
 * *Banchá*. xxxii, 118.
ê fez tão bõ barato della. xxxv, 124. Negócio.
Brasil (pau). xxxvii, 136.
 * *beijoim*. xxxiv, 122.
 * *na cidade de Banchá*. xxxviii, 137.
 * *seiscentos bares douro*. xl, 142.
 * *daquelas povoações por nome Boaquirim*. xxxix, 148.
uma costa de bizcoito. xl, 146.
a mim me chamão Bastião. xl, 147.
badas. xli, 152.
gentes baças. xli, 152.
Bandar. xliii, 157.
Baçaim. xliii, 158.

1 No capitulo indicado não ocorre a palavra *acertas*, mas sim *acertaste*: «tu só bem aventurado és o que *acertaste* em servires a Deos».

1 No texto de F. M. Pinto *hãa*.

- bragas nas pernas e algemas nas mãos.** XLIII, 160.
- * **barcaças.** XLIV, 160.
- bandeira de veniaga ao costume da China.** XLIV, 160.
- boçais.** XLIV, 164.
- * **arteilharia de bronze.** XLVII, 175.
- * **bacias...** *com que tangiam.* XLVII, 176. LVIII, 231.
- reino de Benão.** XLVIII, 182.
- consulta, a que elles chamão* **bichara.** LI, 198.
- tres boyões grandes de almiscar.* LV, 210.
- boyante.** LV, 215.
- * **porcelanas de barça.** LX, 240.
- barças de porcelana.** LX, 259.
- bareja triste.** LXIII, 253.
- * **brochas.** LXIII, 254.
- * **brallas de ouro.** LXIII, 250.
- * **brallas, que são os seus templos.** CLXXXIV, 3.^o, 105.
- Buncalou.** LXVI, 263.
- * **bahia...** **Buxipalem.** LXXII, 286.
- Buxipalem, a que os nossos puserão nome rio das serpes.** LXXII, 287.
- serra...* **Botinafau.** LXXIII, 290.
- * *outras sortes de bichos...* *como são reados, porcos,* **bogios,** LXXIII, 290.
- * *traziam*¹ **nos buchos dos braços.** LXXIII, 293.
- bestas (béstas).** LXXXII, 330.
- húas contas ao pescoço, ao modo daquellas a que o povo costuma chamar* **beatas.** LXXXIII, 332.
- noce moças...* *lavrando de* **bastidor.** LXXXIII, 334.
- * **Aytão de Batampina na cidade de Pequim.** LXXXV, 346.
- * **Batampina (rio), que na nossa língua quer dizer frol do peixe.** LXXXVIII, 351.
- rio Batobasoy.** LXXXVIII, 351.
- hú dos tres* **bonzos**²... *(que são os seus sacerdotes).* xc, 366.

- betume.** xcv, 2.^o, 15.
- batardas.** xcvi, 2.^o, 28.
- * **bufaros.** lb. **Bufara,** cvii, 2.^o, 84.
- a terra... esta toda* **branquejando com os ovos**¹. xcvi, 2.^o, 29.
- bicar dagoa.** cv, 2.^o, 70.
- becos.** cvii, 2.^o, 82.
- bufarinheiros.** cvii, 2.^o, 83.
- hode.** cvii, 83.
- ouro muyto* **brunhido.** cx, 2.^o, 94.
- * *o lion das* **brochas douro.** cxv.
- * **bazares.** cxv, 2.^o, 120.
- bigodes à turquesca.** cxii, 2.^o, 155.
- * **300 mil cavalos, vinte mil badas.** cxiii, 2.^o, 159.
- * **300 mil cavalos sessenta mil badas.** lb.
- boçais de cavalos, os quais açamos.** cxiv, 2.^o, 166.
- baixellas.** cxiv, 2.^o, 166.
- busano (gusano).** cxviii, 2.^o, 183.
- húá boceta cheia de avanos.* cxxxv, 2.^o, 208.
- tambores e* **buzios.** cxxxxviii, 2.^o, 228.
- pao preto* **brasil.** cxliii, 2.^o, 253.
- húá grande* **banda de porcos monteses.** cxliii, 2.^o, 257.
- trinta mil* **bicos de prata.** cxlviii, 2.^o, 280.
- * *na bralla de* **Quiay Adocaa.** cxlviii, 2.^o, 283. cli.
- beijoim.** clviii, 2.^o, 332.
- * **bicos (dignidade).** clx, 2.^o, 339.
- bandeja.** clx, 2.^o, 342.
- * **Sinos, bacias.** clxi, 2.^o, 345.
- flores e* **buninas.** clxii, 2.^o, 370.
- à borda da agoa.* clxvi, 3.^o, 6.
- brincos da China.** clxvi, 3.^o, 8
- os quais animais dição que chama-*
ram **banazas.** clxvi, 3.^o, 10.
- barbaçudos.** clxvi, 3.^o, 10.

1 Este passo não está bem transcrito. Vou copiar com maior pormenor o texto da *Peregrinação* e por aí o leitor facilmente concluirá que não era a *terra* que estava branquejando: "... o dono com outros dous ou tres que traz consigo se vão a terra com alcofas nas mãos, & chegando à relva onde as adês puserão, que está toda branquejando cos ovos...

1 No texto: *trazião*.

2 No texto: *hus tres bonzos*.

- * **bazares.** CLXVII, 3.º, 16. — **bázar,** CXCI (bis).
 * **bicos** (sacerdotes). CLXVII, 3.º, 17.
bocejo. CLXVII, 3.º, 21.
bagage. CLXIX, 3.º, 38.
betere, que são hãas certas folhas como de tanchagê¹. CLXXVII.
bagugem da agoa. CLXXX.
 * **buchos dos braços.** CLXXX.
 os vinte e quatro **bracaloens** do governo. CLXXXIV, 3.º, 105.
 * **juntas de bufaros e badas.** CLXXXV, 3.º, 101.
 mil **biças** douras... da nossa moeda quinhentos mil cruzados. CLXXXVI.
bainhás (dignatários). CLXXXIII, 3.º, 123.
bestioens ao modo Turquesco. (bastiões). CLXXXVIII, 3.º, 124.
barça de ourinal. CXCIII, 3.º, 174.
balões (embarcações). CCX.
 os **bragueyros** com que estava amarrado². CCXIV, 3.º, 176.
 de **bruços.** CCXIV, 3.º, 178.
pendores e balanças. CCXIV, 3.º, 278.
 velas como **brandões.** CCXVII, 3.º, 298.
baba. CCXXIII, 3.º, 326.

C

N. B. — O *Ch* está separado do *C*, e assim também o *Ç* inicial.

- capeando-nos.** III, 10.
Calaminhan, 1. Frontispício da 1.ª Edição.
cos = com os. Cap. I.
 * **fui ter ao cayz da pedra onde achey** hãa **caravella d'Alfama.** Cap. I, 3.
 * **caiz da cidade.** XI, 50. LXXXIX, 356.
costume. I, 5.
Cambaya. I, 7.
Curia. III, 9. Ilha.
 se **concruyo.** III, 10 = concluiu = decidiu.
Cayro. III, 11.

Constantinopla. Ib.

Cerdenha. Ib.

- * **Cacizes.** v, 49. Cargo.
 um seu **caciz.** XXXII, 98.
 * **com grandes benções e celás.** v, 19.
Coja Genial. v, 19; VI, 22; XXXV, 124. Nome turco.
Coja Ale. XIX, 66.
 * **cafila de mercadores.** VI, 24.
Cabaya. VI, 22.
Cayxem. Ib.
Calecú. II, 25.
 o rio de **Carapatão.** VIII, 27.
Cide Ale. VIII, 28. Nome.
Citim cramezim. IX, 32.
carapuções. x, 33.
 * **hãa peça grossa, que segundo a forma do pilouro parecia ser camello de marca maior, o qual desparando com hãa roca de pedra.** x, 33.
 em **collos de outros.** x, 34. Ao collo.
calheta. x, 34.
cinquenta. x, 35.
 * **catorze.** XII, 38.
caravelas. XII, 38.
 * **Catur de Din.** XII, 39.
Cochim. XII, 39.
 * **os Reis comarcações.** XIII, 41.
 * **paos de calambaa.** XIII, 41.
 * **canfora.** XIII, 42.
 uma serra que se dizia **Cagerrendão.** XIII, 43.
cometeome. XIII, 47. Perguntou-me se.
 * **lagartos...** **côchados por cima do lombo.** XIII, 48.
bichos... a que os naturaes da terra chamão **Caquesseitão.** XIII, 48.
 com a **calada da route.** XIII, 49.
cobras de capello. XIII, 48.
 cidade que se dizia **Câpalator.** XVI, 50.
 * **catorze.** XVII, 59.
 & como a **menham fey clara**¹. Quando amanheceu.
 dos malditos **cafres.** XVIII, 62. Infieis (os cristãos).
 * **doze cates de calambuco.** XVIII, 62.

1 Na ed. de 1931: *táchagê*.

2 No texto: os brageyros ambos com que estava amarrado.

1 Viana não indica o passo.

- * *a mym fez mercê de dous cates douro.* ll.
- * **cofos.** xix, 65. Armas.
- * **contos douro.** xix, 64.
- cadella sayda.** xix, 68.
- hum cris que trazia.* xix, 69.
- Cayro.** xx, 71.
- * *reguo de Câmpar.* xx, 72.
- cinquenta.** xxi, 75.
- * *uma coura de laminas de citim.* xxi, 77.
- * *uma corja de caraças.* ll.
- cal virgê.** xxii, 80.
- postos em cocaras.* xxiii, 84.
- * **casas palhaças.** xxiii, 88.
- cravo.** xxv, 94.
- a cerca deste.* xxvi, 94.
- os estreitos de Cincapura.* xxvi, 95.
- * *alguns calaluzes de Javu.* xxvi, 95; xxxii, 113.
- * *que o caciz não quiz defender.* xxviii, 98.
- um Mouro Malavar por nome Cutiale Mareau.* xxvii, 98.
- * *& vindose retirando para os vallos da cava.* xxvii, 98.
- catorze.** xvii, 59.
- e depois de conceder no que the perdão.* xxviii, 101.
- * *se the não negaria cousa de quantas pudiesse.* xxviii, 102.
- * *& dous catures e vinte balões.* xxix, 102. Embarcações.
- disse cõtra Pero de Faria.* xxix, 104. A.
- * **calaluzes.** xxxii, 113.
- * *Ilha Campar.* xxxi, 109.
- hũa povoação pequena que se dizia Campalarau.* xxxiii, 121.
- * *ter alguma cousa de meu.* xxxiii, 117.
- rio de Calantão.* xxxv, 126.
- coey todos estes males.** xxxvii, 135.
- Pulo Condor.** xxxix, 140¹.
- Camboja.** xxxix, 140¹.
- rio que se chamava Pulo Cambim.* xxxix, 141¹.
- povoação grande, que se chamava Catimparã.* xxxix, 141¹.
- estava no convés deitado encima de hũa capoeira².* xl, 144.
- hũa costa de bizeito,* xl, 146.
- fui cativo de Gaspar de Mello.* xl, 147.
- onde a canalha estava deitada.* xl, 148.
- * *ouro, & Calambaa, & marfim.* xli, 149.
- * **Congrau.** xli, 150. terra.
- caflas de alifantes.** xli, 151.
- Calaminhan.** xli, 152.
- Pullo Capás.** xlii, 153.
- * *duas cavas de agoa ao redor.* xlii, 154.
- com a calada do reno,* xlii, 154.
- Cauchenchina.** xliii, 159.
- * **Cauchins.** xlviii, 182; lxxvii, 266.
- colchas.** xliii, 160.
- tres castiçaes.** xliii, 160.
- cinco copos dourados.* xliii, 160³.
- * *duas corjas de roupa de Bengala.* xliii, 160.
- * *tres corjas de porcelanas.* lxxiii, 294; clxvii, 3.⁴, 21.
- nove crianças.* xliii, 160.
- Cantão...** & **Comhay.** xlix, 161; lxxxi, 322.
- * *rei de Cauchins.*⁴ xlv, 165.
- ilha de Pulo Catão.* xlvi, 172.
- Colem.** xlvii, 180.
- pilouro de ferro coado.* l, 192.
- Camellos.** l, 192. Peças de arte-lharia.
- Citim.** lii, 198.
- cartazes.** lii, 199.
- * *caça ou carniça em que aquelas aves se cevavão.* liv⁵, 207.
- convalecencia.** lv, 215.
- Coja Acem.** lvii, 223.

1 Neste vocábulo Viana pôs, por lapso, a indicação de que se encontra no capítulo XL.

2 Na edição de 1930: *capocyra*.

3 Viana não indicou nem o capítulo, nem a página.

4 No texto de 1930: *rei dos Cauchins*.

5 Viana, por lapso, escreveu LII.

1 Nestes vocábulos Viana pôs, por lapso, a indicação de que se encontram no capítulo XL.

- * **couras**. LVII, 223.
dois cães com meias esperas. LVIII, 227.
calhas, por ser cousa com que toda
a esquipação peleja. LVII, 227.
concertando. LVIII, 228.
concertados na ordem necessaria.
LVIII, 229.
* **Caciz mayor del Rey de Bintão**. LIX,
235.
* **à carniça dos mortos**. LX, 239.
canas de açucar. LXIII, 248.
cetro. LXIII, 254.
contradição. LXV, 256. Oposição.
couraças de veludo roxo. LXV, 258.
ilhas de Comolem. LXVI, 261.
caçoulas de prata. LXVIII, 272.
sete mil de cruz. LXIX, 275. Dinheiro.
se correrão dez touros e cinco ca-
vallos bravos. LXX, 279.
caças de allenaria. Ib.
ilha... **Calemply**. LXX, 280.
bahia... **Calindão**. LXXII, 287.
caleus. LXXIII, 290. Animais.
cur cur hinau fulem ¹. LXXIII, 293.
grande soma de celcas. LXXIII, 294.
hūs edifeios... **cosidos em ouro**.
LXXV, 302.
Copilem. LXXVIII, 315. Cidade.
minas de **Conxinacau**. LXXVIII, 316.
Cantão. LXXXI, 322.
Catihorau. LXXXI, 325. Aldeia.
cadeiras ². LXXXI, 326.
um escudo... **o qual tinha pintado**
hum homem da feição de um cágado
cos peis para cima ³. LXXXIII, 333.
camilha. LXXXIII, 334.
calacear. LXXXIV, 338. Mandriar.
colares. LXXXIV, 338. Coleiras.
na cadea estivemos nove dias. LXXXV,
341. **Cadeas**, CXVIII. Correntes.

1 Parece-me estranho que Gonçalves Viana pusesse estas palavras no Vocabulário, visto que se trata de um verso duma canção de indígenas, cuja significação Mendes Pinto ignorava.

2 No texto: *cadeyras*.

3 No texto: *hum escudo... o qual no meyo de hū circulo tinha pintado hum homem quasi da feição de hum cágado cos peis para cima*.

- Conchacys**, que são como juizes do
crime. LXXXVI, 345.
Conchalins do despauho. LXXXVI, 346.
uma colcha para nos cobrirmos ¹.
LXXXVII, 348.
rios caudais. LXXXVIII, 351.
* *a terra do* **Cauchim** *e o senhorio de*
Catebenão. LXXXVIII, 351.
barra de Cuy. LXXXVIII, 352.
curucheos cozidos em ouro. LXXXVIII,
353.
* **casas**. LXXXVIII, 354. Fossos.
* *dous castiçaes muito grandes com*
suas tochas de cera. CXXIV, 2.º, 161.
* *hūs castiçaes e hũa alampada de*
prata. xci, 369 ².
Christovão Borralho lhe fez um cader-
ninho. na letra china. xci, 371 ².
* *hũa casa muito comprido*. xcii, 2.º, 1
curiscos. xciii, 2.º, 7.
pao preto, a que elles chamão Cau-
bey, que quer dizer *pao ferro*.
xcv ³. É malaio *Káyu bési*.
calcedelas. xcvi, 2.º, 26.
cevãos. xcvi, 2.º, 30.
depois do sino ser corrido. xcvi, 2.º, 34.
comedia das ofertas. xcvi, 2.º, 35.
cristaleiras. xcvi, 2.º, 39.
calçados de lageas. cvi, 2.º, 79.
* *tres contos de pessoas*. cviii, 2.º, 89.
duas caixas, que erão tres reis da
nossa moeda. cix, 2.º, 93.
candeeiros de prata de seis e sete
torcidas ⁴. cxi, 2.º, 100.
Chamon a cortes. cxiii, 2.º, 109.
forrado de **cordeyras brancas** ⁵.
cxvi, 2.º, 124.
* *Cruz de prata, e dous castiçaes e*
hũa alampada do mesmo. cxvi, 2.º
127.

1 No texto: *hũa colcha para nos cobrirmos*.

2 Estes dois passos vêm no ms. com a indicação de ocorrerem no cap. XC.

3 Viana não indicou o capitulo.

4 Na ed. de 1930 vem: *... cãdieyros de prata de sete torcidas*.

5 *... forradas de pelles de cordeyras brancas*.

- Canutilho** (ouro de). CXXII, 2.º, 156.
cortesia (mesura). Ib.
calções. CXXIV, 2.º, 163.
calças. CXXIV, 2.º, 164.
Conteyras de prata. CXXIV, 2.º, 164.
celadas a mode de qualteyras. CXXIV, 2.º, 164.
caçoula. CXXIX, 2.º, 165. CLXXII, 3.º, 17.
cacheyra muito felpuda. CXXIV, 2.º, 166. Roupá.
carapuções do mesmo. Ib.
concava (subst.). CXXVI, 2.º, 174.
tão coado que não trazia cor de homem rico. CXXXVI, 2.º, 218.
me deu um grande couce (o bonzo). CXXXVI, 2.º, 219.
tumanko contraste de vento Nordeste. CXXXVII, 2.º, 226.
cutiladas de ostras. CXXXVIII, 2.º, 227.
cumprir com. CXXXIX, 2.º, 234.
 * **so color de mercancia**. CXL, 2.º, 240.
canastras. CXLIII, 2.º, 251.
alguns crises. CXLIII, 2.º, 258.
cercola douro, que he divisa de nobreza. CXLVI.
the mandou cometer. CXLVIII, 2.º, 280.
 Propôr.
crimemente. CXLVIII.
 * **cofos dobrados**. CXLIX, 2.º, 289.
cossollettes. CXLIX, Ib.
cubertas ricas. Ib.
corda de cayro. CL.
dar campo franco. CL. Licença para sacco.
Custear. CLV.
 * **caluete**... *que the meterão pelo sesso, e the sabio pelo toutiço*. CLXXVII, 3.º, 68¹.
 * *mandou espetar em calostes*. CLV.
seis mil candis, que são da nossa vinte e quatro mil quintais. CLVIII, 2.º, 333².

1 A edição de 1930 traz assim: «calvete... que the meterão pelo festo (?), & the sabio pelo toutiço».

2 Na edição de 1930: «seys mil candins, que da nossa conta são vinte & quatro mil quintais».

- * *em cabildas como ciganos*. CLIX, 2.º, 337.
craustais. CLXI, 2.º, 351. Claustrais.
mytylos candieiros... seys sete torcidas cada hum. CLXII, 2.º, 360.
cornetas & buzios. CLXIII, 2.º, 363.
houve uma comedia representada por doze motheres. CLXIII, 2.º, 373.
caulanges. CLXIV, 2.º, 375. Instrumentos.
 * **cabizondos**. CLXV, 3.º, 3. CLXVIII. Sacerdotes per grau supremo no Pegá.
cristal. CLXV, 3.º, 3.
 * **canfora**. Ib.
canafistola. Ib. Canifistula. CLXXXVIII, 3.º, 129.
cochonilha. Ib.
cacho (?). CLXX, 3.º, 3.
 * **cates**. CLXV, 3.º, 4.
conderins. Ib.
capitanias das comarcas. CLXV, 3.º, 5.
 * **cafilas de elfantes**. CLXVI, 3.º, 9.
 * *todo o mais corpo é conchado*. CLXVI, 3.º, 10.
coma. CLXVI, 3.º, 10. Juba.
à costa. CLXVI, 3.º, 11. De costas.
cavalgadores. CLXVI, 3.º, 12.
 * **castiças**. CLXVII, 3.º, 17.
cordas de cairo. CLXVII, 3.º, 18.
canções. CLXVIII, 3.º, 29.
hum grande canaveal daquear. CLXXI, 8.º, 43.
calheta. CLXXI, 3.º, 44.
 * **calaluz**. CLXXII.
 * **camelos**. CLXX, 3.º, 39. Peças de artelharia.
 * *so color de relição*. CLXXIII, 3.º, 55.
 * **comarcões**. CLXXVI, 3.º, 62.
pelo có que el Rey the dera na cabeça. CLXXVII, 3.º, 68.
a canalha. CLXXXI, 3.º, 89. Gente de pouca conta.
 * **calambaa**. CLXXXIV, 3.º, 102.
 * *hũa grande laube que se dizia a cabizona*. CLXXXIV, Ib.
cornos. CLXXXIV, 3.º, 104. Instrumentos.
cães. CLXXXVII, 3.º, 120. Artelharia.

- correio.** CLXXXVIII, 3.º, 124.
 * **cabildas de mil homens.** CXCVI, 3.º, 165.
hũa guarda de seis mil cubertados.
 CXCVI.
convidar. CXCVIII, 3.º, 175. Obsequiar um banquete.
Calabrete, cabrestante. CCH, 3.º, 195.
cameletes. CCVI, 3.º, 219. Artelharia.
cuxia. Ib.
davam cuchimiácós. CCX, 3.º, 246.
as capoeyras do convés. CCXIV, 3.º, 276.
camarote. CCXIV, 3.º, 278. A bordo.
aquelle contraste. CCXIV, 3.º, 280.
 Tormenta.
concertar e prover. CCXV, 3.º, 286.
cavide. CCXV, 286. De armas.
confissão da verdade. CCXV, 3.º, 287.
camaras de sangue. CCXV, 3.º, 290.
cirios acesos. CCXVII, 3.º, 297.
cabido da Sec. CCXVIII, 298.
contestes. CCXXII.
 * **catorze.** XVII, 59.
toda esta gente do Japão he... conversavel. CXXXIV. Afável.

CH

- * **China,** I. Frontispício da 1.ª Edição.
 Cap. I.
Chins. Cap. I.
Chaul. Cap. I, 6; XII, 39.
Choromandel. Cap. III, 9.
chamalote. Cap. III, 12. Tecido.
 * **chusma.** XII, 38 (bis). **Chuzma.** XXVI, 95; XXXII, 114.
 * *marinheiros para chuzma.* LVIII, 226.
 * **champaa.** XXXVIII, 140. É o siame
Kampan, navio?
um piloto Chim. XL, 140.
e a champana. XL, 146.
chapiteo de popa. XL, 148.
Chintaleuhos. XLI, 151.
Pullo Champeilloo. XLII, 153.
 * **chimbeu.** XLIV, 161.
 * **chães.** XLV, 165.
 * **Chaem.** LII, 198.
 * *a charachina.* XLVII, 77; LXII, 244.
 * *abrançandoo então e pedindohe mui-*

- tos perdões ao seu modo, que elles chamão de Charachina.* LXXVII, 310.
 * *ao modo da China.* CLXV, 3.º, 2.
à Chara Japão. CCI, 3.º, 189.
chuças. L, 192.
choaboquec. LI, 196.
 * **Champaas.** LVII, 222, N. gentil.
 * **chifanga.** LXII, 249.
 * **chifanga, que era a prisão.** LXV, 258.
 * **chincheu.** LXVI, 263.
cheiros e perfumes. LXVIII, 272.
charamelas. LXVIII, 274.
rei de Chiammay. LXX, 280.
adês chacinadas. LXXIV, 297.
nos assentamos á borda de um chariz. LXXXII, 327.
nos assentamos á borda de um chariz. LXXXIII, 332.
chantir. LXXXIV, 336. Lugar.
hum Chumbim, que são como presidentes de alçadas. LXXXIV, 336.
 * *o Chaem do Nanquim.* LXXXIV, 338.
 * *o Chaem da justiça, que é título supremo como de Visorey.* LXXXV, 339.
chançareis. LXXXV, 339. Chanceleres.
o Chifuu, que era o alcaide a quem hiamos entregues. LXXXVII, 348.
chafarizes de agua muito boa. LXXXVIII, 344. Supra.
 * *o nome do idolo... em hũa rica charolla.* LXXXIX, 357.
chacinão. XVII, 2.º, 27.
nos chandeus e feiras. XXVIII, 2.º, 33.
chacinas. CVII, 2.º, 34.
Chanipatóes. CVIII, 2.º, 89.
Chanfrado todo ao picão. CLIX.
 * *numa charola redonda* ¹. CLIX, 2.º 338. CLXVIII, 3.º, 31.
ás cinco chavecas da oitava lã do anno. CLXV, 3.º, 2.
nas feiras a que elles chamam Chan-deuhós ². CLXV, 3.º, 3.
chautares. CLXVIII, 3.º, 22. Fazenda.
nũa charana douro. CLXXXII, 3.º, 93.
treçados de chaparia. CXCIX, 3.º, 178.

¹ Na ed. de 1930: «em hũa charolla redonda».

² Na ed. de 1930: «nas feiras ordinarias desta cidade a que elles chamão chandeuhós».

chinelas de veludo preto. ccix.
no prepao do chapiteo. ccxiv, 3.º, 279.

Ç

- * çurriadas de artilharia. Cap. I.
- * çurriada. xlvj, 169.
- Çacotorá. Cap. III, 9.
- Çamorim. Cap. VII, 25.
- * um grande çanguate de muytas galinhas. xi, 35. Presente.
- * çanguate da tua amizade. xiii, 42.
- Çambilão. xx, 69.
- * Çamatra. xiii, 41.
- * nesta ilha Çamatra. xxiii, 88.
- * boqueirão da çunda. xx, 70, mas Sunda, xxi, 76.
- * mar da China & Çûda. xxvi, 95; lv, 215.
- Çaraças, e pannos Malayos... que é o comum traço daquella terra. xxi, 77.
- um Mouro Lusão, por nome Çapetú de Rala. xxviii, 100.
- çumbaia. xxxvi, 130 (fazerem-lhe). xlviii, 184; clii; clxvii.
- Çurrate. xliii, 158.
- çumbor. lvii, 222.
- a çarração da noite. lxi, 242.
- gastas a vida em feitos tão çujos. lxxvi, 308.
- çuje. xcvii, 2.º, 30.
- çurujão. cxxviii, 2.º, 228.
- çafiras. clxy, 3.º, 4.
- çorças¹. clxviii, 3.º, 25.

D

- Dezanove. clxxiii, 3.º, 51.
- dezasseis. clxy, 3.º, 2.
- dezaseta. ii, 8.
- Damão. ii, 6.
- Diu. ii, 6.
- palmeyras de datiles e coeos como na India. iv, 16.
- despidimos. iv, 16.
- destruyção. iv, 16; cxxix, 105.

- descuydavão. iv, 16.
- Soleymão Dragut. v, 18.
- Dabul. viii, 27.
- * desacoroçoarão. x, 33.
- diferença. xiii, 44. Desavença.
- Dabolay. xiii, 44.
- doçainas & violas darco. xiiii, 46.
- * a desembarcação dos inimigos. xiii, 78.
- * depois. xix, 64, 65.
- nenhum remedio nem defensivo. xiiii, 83. Preservativo.
- hum delles honnem já de dias. xxiii¹, 84.
- duas peças de damasco da China. xxv, 98.
- droga & cravo, noz e maça. xxvi, 94.
- * bom e fiel Daroez como os doctos Moulanas. xxxi, 110.
- * daroezes da casa de Meca. lix, 283, cx, 2.º, 97.
- Dayaa. xxxi, 111. Logar.
- dous baluartes mais darentagem. xxxii, 114.
- * dessenho. xxxiii, 118. Designio.
- Demaa. xxxvi, 129.
- debatendo sobre entrar ou não. xl, 143.
- dezia. xl, 147.
- * desembarcação. xlv, 161.
- descabeçados. li, 194.
- damasco. lii, 198. Seda.
- degolado. liv, 207. Morto.
- se degolarão ás dentadas. lix, 284.
- * desde a segunda feyra. liv, 208.
- dorsel de damasco. lxi, 275.
- monstros de ferro coado, que a modo de dança com as mãos dadas de hũs aos outros. lxxv, 301.
- * desde o principio ate o cabo. lxxxvi, 346.
- hũa dessemelhavel serpente. lxxxix, 360.
- defumão. xcvi, 2.º, 27. Ao fumeiro.
- desinquiatar. xcii, 2.º, 4.
- devação. xcvi, 2.º, 35.
- degradados. cviii, 2.º, 35.

1 A ed. de 1930 traz corças

1 Viana, por lapso, escreveu XIII.

- * *ao seu dopo*. cxviii, 2.º, 132. *Estância*.
debruçado. sobre uma cadeira.
 cxxxvi, 2.º, 217.
despegem esta casa. cxxxvi, 2.º, 220.
o desconsolado rey. cxxxvii, 2.º, 221.
desestrada morte. cxxxviii, 2.º, 228.
*muito despercebido de tudo o necessa-
 rio*. cxliiii.
 * *o dopo de Rey*. cxlix.
a decente da agoa. clviii, 2.º, 331.
 * *ao seu dopo, que era a sua estancia*.
 clxviii.
defindores. clxviii, 3.º, 26. *Defini-
 dores*.
 * *despois*. clxxiv, 3.º, 55.
 * *desenho*. clxxxiv, 3.º, 106. *Desi-
 gnio*.
por davante. clxxxviii, 3.º, 124. *Por
 deante*.
a destro. cxxviii, 3.º, 299.
 * *desacoroçoarão*¹. xxxii, 116.
*descabeçar*¹. clv. *Degolar*.

E

- Etiopia*. i. *Ethyopia*. iv, 14.
Elequios (gent.) i. *Por e Lequios*.
escravaria. iv.
Protestos de encampação. ii.
 * *esperas*. vii, 26. *Peça d'art*.
 * *uma espera de bronzo*. i, 192.
tempo esgarrão. viii, 29; ix, 70.
*duas espias*² xii, 38.
escutas. xix, 64. *Espiões*.
esquecidos. xiii, 42. *Sobejos*.
 * *os quais despois sendo Elches* (os
 franceses). xx, 70.
*ensalmourandome com a mesma be-
 beragem as feridas*. xxiii, 88.
 * *a escalla vista*. xvi, 56.
hum turco engenheyro. xxvii, 97.
ezquerdo. cxi, 2.º, 103.

1 Esta palavra vem no ms. na letra E. embora lá a conservasse no lugar que tem original, repetia aqui por razões óbvias.

2 Também no cap. XVI: «... por algumas espias do Achem que ahy se tomarão soube que...», p. 69, da ed. de 1930.

- ezquerda*. cxxx, 2.º, 189; clxxxii, 3.º, 92.
 * *a comêto cinco vezes a escalla vista*.
 xxxii, 113.
homem de grãdes espritos. xxxii, 114.
vozeria de estromentos. xxxii, 115.
*desacoroçoarão*¹. xxxii, 116.
 * *iam emmarados*. xi, 141.
a esmo de algũs. xxi, 154.
esmaltdados deverde e preto. xlv, 174.
esquipar as manchuas. Ib., ib.
esquipação. lxvii, 175.
escarceo. i, 192.
emperradamente. li, 193.
escalados pelas costas. li, 194.
estaleiro. lviii, 226.
bem vista e escudrinhada. lviii, 228.
esquadria. lix, 231.
estacadas (paradas). lix, 232.
espada dambalas as mãos. lix, 233.
estantes na terra. lxiii, 249.
por desfeita portuguesa. lxviii, 268.
espadana. lxx, 276.
esquichos de agoa. lxx, 277.
*trezentos e sessenta talagrepes hum
 em cada ermida*. lxxvi, 309.
*E perguntando se tinham aquelles
 ermitães alguma maneira de ar-
 mas*. lxxvii, 310.
espiritual. lxxxi, 323.
*quatorze estrangeiros, trez baços e
 onze mais brancos*. lxxxi, 325.
*uma casa muito limpa, em que esta-
 vão quatorze esquifes... e hũa
 mesa com muitas cadeiras*. lxxxi,
 326.
*um escudo de armas a modo de pa-
 dês*. lxxxiii, 333.
enfatiado (com fastio). lxxxiii, 335.
nũa esteril prisoão. lxxxiv, 338.
 * *ellos que tinhamos nos peis*. lxxxvii,
 347.
evasão (saída). lxxxviii, 351, iv, 110.
dous castellos de entulho. xc, 362.
olhos encarniçados que metião medo,
 xc, 365.

1 Esta palavra vem deslocada. O seu lugar é na letra D. Lá a coloquei no fim.

- encaminhou... para sua casa.** xc, 369.
empesão. xcvii, 2.º, 27.
emas. xcvii, 2.º, 28.
embica. ciii, 2.º, 66. Tropeça.
sombriões... a modo de esparáveis,
 cvi, 2.º, 78.
escampado muito grande. cxiii, 2.º,
 90.
ao modo de enxadrez. cx, 2.º, 98.
erronias. cxii, 2.º, 107.
fação empreitas¹ para scirões. cxii,
 2.º, 97².
 * **couro escodado roxo e verde.** cxix,
 2.º, 163.
seladas à estardiota. cxix, 164.
estudos (?) cxxvi.
elifantes. cxxvi, 2.º, 194. V. ali-
 fantes.
suas estopadas de ovos (remédio).
 cxxxvii, 2.º, 223.
um esquecimento no dedo polegar.
 lb.
esborrechados. cxxxvii, 2.º, 227.
entregando-se 'de nós. cxxxix, 2.º,
 222.
escandalizarvos. cxxxix, 2.º, 233.
espritasse (despertasse). cxl, 2.º,
 238.
entretescida. cxli, 2.º, 243.
escaldado. cxliii, 2.º, 258. Escar-
 mentado.
 * **emmarados.** cxlvii, 2.º, 275.
 elifanta. cl.
dando grandes estalejaduras. clii.
engenharam uma vela. cliii.
descabeçar³. clv. Degolar.
segundo o esmo dos nossos. clx, 2.º,
 339.
estendartes. clv, 2.º, 341.
encachados. clx, 2.º, 342.
escalou o psixe por uma ilharga.
 clxiv, 2.º, 374.
escamonea. clxy, 3.º, 3.
encenço. lb.

- encencário.** clxxii, 3.º, 14.
os encontros dos ombros. clxvi, 3.º,
 * **pelles escodadas.** clxvi, 3.º, 10.
eessa. clxvii, 3.º, 17.
 * **espadana.** clxx, 3.º, 41.
 * **espadanas de fogo.** clxxxiv, 3.º, 103.
noite de grande escuro e çarração.
 clxxi, 3.º, 44.
enxergamos. lb.
emparelhando por junto de nós. lb.
pedra ensossa. clxxv, 3.º, 59.
 * **escalla vista... escados.** clxxxv, 3.º,
 112. V. 111.
espingardões de dez e doze palmos
de comprimento. clxxxvi, 3.º, 115.
espingardaria¹. lb., 118.
esperar. clxxxvii, 3.º, 122. Agên-
 tar.
ensecarem. clxxxviii, 3.º, 123.
o esmecharão na cabeça. clxxxix,
 3.º, 146.
effeituár. cxcv, 3.º, 163.
entena. ccii.
meias esperas. ccvi, 3.º, 219.
ensaboarão. ccxvi, 3.º, 293.
enramado. ccxvii, 3.º, 296.
 * **dar evasão.** ccxviii, 3.º, 300.
da mesma estofa. ccxii, 3.º, 316.
enxerguei. ccxvi, 3.º, 342.
entressachados. lxviii, 270.

F

- * **fato.** i, 3; vi, 23. Fazenda. lv, 215.
 * **nao frol de la mar.** ii.
fusta. iii, 9. Embarcação.
Fumbau. iv, 15. Povoação ethiope.
naquelle fragante. v, 23. Naquelle
 conficto.
 * **distancia de dois tiros de falcão.** ix,
 31.
 * **falcões.** l, 192.
fossa. x, 33. Cova.
frágão. xi, 35.
 * **feros e juramentos.** xi.
 * **fruytos.** xiii, 42.

¹ A ed. de 1930 traz, por lapso, *em povitas*.

² Deve haver engano no número da página.

³ Palavra deslocada. Repetida no fim da
 letra D.

¹ Viana escreveu *espingaria*.

- * *tinhão seus tratos & fazião suas fazendas.* XIII, 45.
fumaça da polveira. XVII, 57.
feytorizar. XVII, 59.
Este ilheu de Fingau. XIX, 63. Antes chama-lho *Apefingau*.
 * *com feros e açoutes.* XXIII, 88.
fortuna. XXVII, 98. Má sorte.
 * *occupados no despojo de algum fato que ainda nella havia.* XXVIII, 101.
 * *E que ja por duas vezes o tinhão tentado com arroydo feytiço.* XXXIII, 123. Falso.
 * *fazer fazendas.* XLIV, 161. Negociar. CXXXIII, 2.º, 200.
da feição de lagarto. XLVI, 174.
povo de mais de 15000 fogos. LII, 201.
fateixas. LVIII, 227.
Fuchea. LX, 240.
 * *o escarceo arreventava todo em frol.* LXI, 241.
fazendo-lhe forol. LXII, 245.
fanfarrice. LXV, 253.
Firando. LXVI, 263.
frautas. LXVIII, 268.
frautas, orlos. LXVIII, 274.
entressachados. LXVIII, 270¹.
porcos-espins. LXXII, 286.
*acabares de encher bem o fardel do teu infernal appetite*². LXXVII, 309.
Fumbana. LXXVIII, 315. Cidade.
Finginillau. LXXXIV, 336. Lugar.
ferucas que são os desembargadores. LXXXV, 339.
Fanjus. LXXXV, 341. Reino.
 * *o fruto do vosso trabalho.* LXXXVI, 347.
 * *abondancia... assy de fruytas como de carnes.* LXXXVIII, 354.
prisão de Fanjau. LXXXVII, 349.
Fãostir. LXXXVIII, 351. Lago.
uma cruz que nele (braço) tinha es-

- culpida como ferrete de mouro*¹. XCI², 368.
fuzis. XCIII, 2.º, 7. Raios, relampagos.
facas brancas. CVI, 2.º, 77. Éguas.
faca (de cortar). CXV, 2.º, 118.
faquinha. CLXXVII, 3.º, 68.
escritas em letra de forma. CXIII, 2.º, 109.
ferrarias. CXV, 2.º, 120.
ferropiar dos peis. CXVIII, 2.º, 139.
fiambra. CXXX, 2.º, 187. Carreta.
feitiçaria. CXXXIV, 2.º, 205.
facharães. CXXXIV, 2.º, 206.
uma embarcação de remo a que elles chamão funce. CXXXV, 2.º, 211.
foça. CXLIII, 2.º, 258. Lugar onde se foça.
fez hũa fala. CXLVIII, 2.º, 277.
farças. CLVIII, 2.º, 334.
os mais fragueyros. CLIX, 2.º, 334.
frouxel. CLXI, 2.º, 347.
a fisonomia do rosto. CLXI, 2.º, 349.
furnas. CXLII, 2.º, 351.
muyto frecheyros. CLXVI, 3.º, 12.
a menor fornida da sua despesa. CLXVIII, 3.º, 32.
faxina. CLXX, 3.º, 39.
farazes. CLXXXIII, 3.º, 54.
por ordem de cima a fileira. CXCVIII, 3.º, 173.

- * *arruido feitiço.* CCXI, 3.º, 258. Fic-tício.
fisgas. CCXXXIII, 3.º, 326.
 * *fruyta.* CCXXVI, 3.º, 342.

G

- * *Gueos.* I. Gentílico.
Guimarães. II, 6.
 * *Goa.* II, 7.
 * *cidade de Goa.* LXVI, 94.
Grega mouro. III, 11.
Gotar. IV, 12.

¹ Vocabulo deslocado. Pu-lo no fim da da letra E.

² Na ed. de 1990: acabares bem de encher o fardel do teu infernal appetite.

¹ Na ed. de 1990, o passo ocorre assim: chũa Cruz que nelle (braço) tinha esculpida como ferrete de Mouros.

² Viana escreveu XC.

- fortaleza de **Gileytor**. iv, 13.
Gocão (a ponta de), v, 17.
gelvas. v, 17. Certas embarcações.
 * **genellas**. v, 19. Janellas.
 * **jenellas**. lxxviii, 272¹.
guazil da justiça que entre elles é como corregedor entre nós. vi, 20.
Guédez. viii, 29. Guédez.
 * **Galé**. viii, 29. Embarcação.
Gantios. xi, 35. Na Índia.
Galeões. xii, 38.
 * **Galés**. xi, 38.
 * **na travessa de meyo golfão**. xii, 40. rio... que se dizia **Guateamgim**. xiiii, 48.
Guzarates. xvi, 53.
em hum pagode de um ídolo, que se chamava **Guinasseroo**, deos da tristeza. xvii, 59.
 * **golfão**. xviii, 61.
hũa morte crudelissima a que elles chamam **gregoge**, que foy, serravennos vivos pelos pees & pelas mãos, & pelos pescoços, & por deradeyro pelos peitos até o fim do lombo. xix, 65.
Gaa (Tristão de). xx, 69, 70.
Geilolo. xx, 72. Ilha.
 porto de **Gale**. xx, 72. Em Ceilão.
 bom **gasalhado**. xxii, 76.
 * **os mais gastadores** & chuzma. xxvi, 95.
cinco bandeiras, com outros mnytos **guiões**. xxvi, 96.
Genial. xxv, 124.
lhe havia de pagar ao **galarim**. xxxviii, 138.
jarrar... até o **gargalo**. xl, 142.
querendo tambem **guindar o cafre**. xl, 146.
 * **Gueos**. xli, 151.
Guamboy. xliv, 161.
um ilheu que se dizia **Guintoo**. lv, 213.
Gundel. lxxvi, 261.
serra... **Gangitanou**. lxxviii, 291.
- * *desforme gente que se chamava* **Gigauhos**. lxxviii, 291.
ponta de terra... **Guinaytarão**. lxxiv, 300.
hũas grades de latão feitas no torno. lxxv, 301.
todos os **grepos** & **menigrepos** (q. v.). lxxviii, 315.
Guinapalir. lxxxiv, 337. Lugar.
gerozemas e **ferucas**, que são desembargadores. lxxxv, 339.
goaritas. xc, 15.
gosos. xlvii, 2.º 31. Cães.
Guedeas. xlviii, 2.º, 32. Embarcações.
 * **gigauhos**. liii, 2.º, 59. Gigantes fingidos.
as atgemas das mãos, os **grilhões** dos peis e os colares dos pescoços. ciii, 2.º, 64.
 * **Gengivre**. cvii, 2.º, 83.
tudo **guisado** com perfeição. clii, 2.º, 84.
marlotas... de **girões** verdes. cxix, 2.º, 151.
grenhas a modo de cafres. cxvii, 2.º, 153.
um **guardapoo** por cima a modo de sobreceço. cxvii, 2.º, 153.
gualteyros. cxiv, 2.º, 164.
guardanapo sobre hũa salve de prata, com hũa colher e garfo dourado. cxv, 2.º, 165.
uma gomia tinta no sangue. cxviii, 2.º, 219.
grimpas douradas. cli.
hũa **guanta** de rubis, que he uma medida como canada. clvii.
gafanhotos. clxi, 2.º, 352.
 * **gengivre**. clxv, 3.º, 3.
guimões. clxvii, 3.º, 17. Sacerdotes.
gayolas. clxviii, 3.º, 25.
começarão de **guisar a cea**, ccxi, 3.º, 41.
governança. clxxvi, 3.º, 63.
 * *erão todas* **gastadas**. clxvii, 3.º, 66.
gentio. clxxxiii, 3.º, 101. Pagão.
 * **gastadores**. clxxxv, 3.º, 113. Sapa-dores.

¹ Repeti esta palavra na letra J, como devia.

- * **gastada.** CCXXVI.
 * **fazerem os seus gromenares,** *pondo tres vezes a cabeça no chão.* CCX.
 * **gromenare.** Ib.
guesos, *que são como moços de camara.* CCXXIII, 3.º, 326.

H

hũa. 1

- * **Heredim,** *safo, Capitão da cidade.* VI, 21.
Hidalcão. VIII, 28.
dez mil homêns limpos & trinta mil de chusma. XII, 38.
Hum rio que se dizia **Hicanduré.** XIII, 47.
um turco que se dizia **Hametecão.** XVII, 58.
hum **Heredim Mafamede.** XXVI, 95.
não aja que sou esse que disse. XL, 146.
ao **Hoyaa Paquir.** XLI, 150.
doze perolas de **honesta** *grandeza.* XLV, 167.
hospedarão. XLVI, 169. *Mimosearão.*
Pullo **Hinhor.** L, 189.
o **Hiticon** *(que assim se chamava o irmitão).* LXXVI, 305.
ao outro dia... nos despedimos (quem hospeda) do nosso hospede. LXXXIV, 336.
Hiquegens. LXXXV, 349. *Cidade da Alemanha ou Rússia.*
haos de ter. XXVII, 2.º, 30. *Há-de tê-los.*
não **hahi.** XCIX, 2.º, 39.
habiles. CXIV, 2.º, 114.
horribilidade. CL.
horribel. CL.
hũa **hurfangaa.** *douro... que he a modo de mitra.* CLXIII.

I¹

- India.** 1.
ilha da Madeyra. II, 9.

- Ilena.** IV, 16. *Helena.*
Inezamaluco. XII, 38. **Inezamaluco,** Ib. *Nome.*
(povoação) de **Iacur.** XIII, 43.
Iambes. XVI, 53. *N. gent.*
 * **Iambee.** XX, 71. *Rio 1.*
tomara eu antes qualquer ruim **iguaria.** XXII, 81.
intemente a Deos. XXVII, 99.
da minha **infirmidade.** XXVI, 93.
no campo de **Ilher.** XXIX, 103. *Malaca.*
Iacur. (?). XXIII, 44.
logo em proviso. XXIII, 49. *Improviso.*
inventario. XI, 148.
isenção. LI, 195. *Desembaraço.*
 * **incrível.** LXIII, 254.
mao **insino.** LXIII, 254. *Má criação.*
indinou. LXIII, 254.
invernar. LXVI, 260.
as armas reais **illuminadas.** *neia*
(na bandeira) com ouro. LXVIII, 272.
foi demandar hũa **irmida.** LXXV, 303.
Mas veja 308. **CLXVI, 3.º, 294.**
o **Hiticon** *(que assim se chamava o irmitão).* LXXVI, 305. *Mas veja* 310.
issoutro. LXXXIII, 334.
luz **incriada.** LXXXVII, 348.
 * **incríveis.** XC, 364.
com voz **isenta.** CXL, 2.º, 234.
islas platarias. CXLIII. *Castelhanismo.*
inteyros. CLXXIII, 3.º, 53.
ingreme *(o padre foy), sem autoridade nenhuma* 2. CCXV, 3.º, 287.
 * **poderio incrível.** XIII, 42.
 * **& o junco** 3 **& o navio.** XVII, 60.
porta de **Iunçalão.** XIX, 63.
 * **Iambé.** XIX, 67. *Logar.*
 * **reino de Iambee.** XXIII, 88.
jarra 3 **de polvora.** XXI, 75; XXV, 92.
ilha da Iapara. XXXVI, 129.
Japão 3. XL, 148.
 * **sessenta jãos** *de tres legoas cada*
jão. XLI, 152.

1 Como se vai verificar, G. Viana pôs neste Capitulo algumas palavras começadas por j.

1 Aliás nome de lugar.

2 No texto: *nenhuma*.

3 Cf. na letra j.

- a jula vento. XLVI, 168.
jantana¹ LI, 195.
 de **invernada**. LVII, 221. Invernando.
 * **inveja honrosa de que ambos se pica-**
vam. LIX, 282.
havia infinidade de peixes. LXXII,
 286.
javaris. LXII, 287. Javalis.
pescado... todo vivo com juncos
metidos pelos narizes. LXXXVIII, 354.
 * **jãos**. xcv, 2.º, 14. 4 1/2 léguas. (Sing-
 -jão).
idolos. CIX, 2.º, 91.
 * **hãa inveja tão regozijada**. CLXIX.
impando. CXXIV, 3.º, 279.

J²

- Judaa**. III, 12; XX, 71.
Jerusalem. IV, 16; V, 17.
Janiçaros. V, 18.
 * **jurupangos navegarem**. XIII, 42;
 CLXXII.
 * **jurupango**. XIX, 65.
 * **jurupangos que são do tamanho de**
hãa caracella pequena. XIII, 46;
 XXXV, 124.
Jangalão. XIX, 63.
jangão tacor, não haja medo. XIX,
 66. Em língua do reino de Quodá.
dānān tikul (Malaio).
 * **ilha de Jaoa**. XX, 70. Java.
Japão³. XXI, 76.
*cada jarra*³ *um milhegro*. XXV, 92.
 Vasilha.
*el Rey de Jantana*³. XXX, 107.
joangás. XXXII, 113. Embarcações.
 * **capitão do Jũco**³. XXXIII, 122.
 * **quinze juncos dalto bordo**. XXXII, 113.
 * **ilha da Jaoa**. XXXIII, 120.
jantar. LV, 210.
Jaos. LVII, 222.
jangadas de madeyra por popa á
Charachina. LXII, 244. CLXXIX.

- jurisdição**. LXXXV, 341.
Junquileu. XC, 363. Vila.
jangaa. XCI, 2.º, 4. CXXVII.
em joelhos. CXIX, 2.º, 146.
jaezes. CXLIX, 2.º, 289.
fazer justiça tão novas. CLV. Su-
 plícios.
jardins. CLVIII, 2.º, 333.
As cabidas dos jogos. CLXII, 2.º,
 361.
padres e irmãos da Companhia de
Jesu. CCXVIII, 3.º, 299.
jenellas. LXVIII, 272.

L

- Larache**. I, 4.
leilão. VI, 23 (bis).
liões. VII, 26. Peças de art.
lancharas. XIII, 42. Embarcações.
Lingau (*porção de*). XIII, 43.
Lũa. XIII, 43. Lua.
 * **Lindau**. XIII, 44.
 * **Lusões**. XVI, 53. N. gent.
 * **Um mouro lusão**. XXVIII, 10.
 — *da ilha Borneo*. XXVI, 95.
rio Lampom. XX, 70.
e tirando do braço duas loyas douro,
que são manilhas moças tiradas
pela piegra. XXII, 82.
caminhamos ao longo da ilha Sama-
tra. XXIII, 84.
 * **arremeterão a elles duas lagartos**
muito grandes. XXIII, 86. Jacarés.
 * **buchos de lagartos**.
Lequios. XXVI, 94. XL, 140.
vinha dos Lequios. LVI, 216.
(Rey) de Lingaa. XXXI, 109.
 * **rios de Lave & Paneticão**. XXXI, 110.
a grande Laque Xemena seu Almi-
rante. XXXII, 113.
lancharas. XXXII, 113.
 * **Lave**. XXXI, 110; XXXV, 124, 129.
Lugor. XXXVI, 129.
Lasagrará. XXXVIII, 135.
rumo de leste. XI, 140.
 * **do Noutaquim de Lindau**. XXXIX, 140.
Liampoo. XI, 147.
Lanhos. XII, 151.

1 Cf. na letra J.

2 Algumas palavras começadas por esta letra, foram registadas por Viana na ante-
cedente.

3 Cf. na letra J.

- * **lorcha.** XLII, 154.
- * *uma lorcha ou lanteaa como lhe chamam os chins.* LXIII, 247.
- * *duas lanteaas que são como fustas.* XLIV, 161. XLVII, 176.
- * **Lamau.** XLIV, 161.
- * *dezaseis lacasaas de homens, e cada lacasaã tẽ cem mil.* XLV, 165.
- Licorpinau.** XLVII, 179.
- dormindo nũa barcaça de louça.* XLVIII, 181; LXIII, 242.
- * **lacre.** XLVIII, 182; LXXXVII, 348.
- Lugor.** I, 189.
- * **Lamau.** LI.
- ilha que se dizia dos ladrões.* LIII, 202.
- lacões.** LV, 210; CVII, 2.º, 84.
- Lailoo.** LV, 214; LVII, 225.
- ilha chamada Luscitay.* LV, 215.
- levantisco.** LVIII, 227. Do Levante.
- e bradando alto... lah hilah hilah lah Mahamed roçol halah.* LIX.
- لا الله الا الله محمد رسول الله
- LA AILLAH ALLAH** Mullammad RaSUL AILLAH.
- noite de grande luar.* LXVIII, 268.
- a que os naturais da terra chamam*
- Lechias.** LXVIII, 270.
- libré.** LXVIII, 270.
- lessueite.** LXXVI, 288.
- Lantau.** LXXIII, 291. Terra.
- uma terra rasa a modo de lizira.* LXXV, 300.
- nũs baluartes de latão.* LXXV, 301.
- * *hũa letra que dizia, Inguarau fin-guan potim aquarau, que quer dizer, tudo que ha em mim é assi.* LXXXIII, 838.
- * *Ilhas de Lamau.* LXXXVI, 244.
- cidade de Lançame.* LXXXVIII, 351.
- O segundo (lago). por nome Lechune tem sua evasão.* LXXXIII, 351.
- (rio) Leysacotay.* LXXXVIII, 352.
- Leuquinau.** xc, 363. N. pers.
- labutão no mar.** xc, 368.
- * **lagias.** xcii, 2.º, 2. Lages.
- * **lageas.** cvi, 2.º, 79.
- * **laulee.** xcii, 2.º, 2. cxvii. Embarcação.
- labarinto.** cvi, 2.º, 75. Laberinto.
- cvi, 2.º, 82.
- lontra.** cvii, 2.º, 84.
- logeas.** cvii, 2.º, 84.
- * **letras de forma.** cxiii, 2.º, 109.
- * **letras de cambio.** cxiv, 2.º, 115.
- seus estromentos de guerra a que chamam liguidões.* cxviii, 2.º, 132.
- barba... loura.* cxxx, 2.º, 190.
- levemente.** cliv, 2.º, 263. Fácilmente.
- laarins.** cxlvi, 2.º, 274. Dinheiro.
- * *na nao do lacre del Rey.* cxlvii, 2.º, 275.
- ladainha.** cli.
- ao nível com as ameias.* clix, 2.º, 337.
- luminarias.** clxi, 2.º, 345.
- dezaseis laquesaas de homens e cada laquesaa tẽ cẽ mil.* clxii.
- lobinho.** clxvi, 3.º, 9. Tumor.
- aos pior livrados.* clxvii, 3.º, 15.
- * **laugas & laulee.** clxix, 3.º, 34. Embarcação.
- liões de metal.** clxxiii, 3.º, 54. Peças de artilharia.
- lagartixas de bronzo.** clxxxvi, 3.º, 114.
- uma loba que levava vestida.* ccxv, 3.º, 287.
- ladrando.** ccxx, 3.º, 307. Ladeando?

M

- Martavão.** I. Front. da 1.ª Ed.
- milhor.** 2; iii, 11; xxiii, 83.
- Macassar.** Cap. I.
- * **menhã.** i, 4. Manhan.
- * **menham.** iii, 10.
- praia de Melides.* i, 5.
- * **molher.** i, 5.
- Moçambique.** ii, 6.
- * **estreiro de Meca.** ii, 9.
- * **da casa de Meca.** xviii, 62.
- * **monção.** iii, 9; xviii, 61. Mas moução. vi, 24.

- Muria.** III, 9. Ilha.
Massuaa. III, 10; IV, 13.
ilha da Madeyra. II, 6.
Malhorquy de nação. III, 11.
Mafamede. III, 11.
mes. IV, 13. Mês.
princesa Trigremahom Mây do Preste.
 IV, 13.
cidade de Mocaa. V, 18.
por nome Raja Moulana. XXXI, 109.
Mafoma. V, 19.
Mafamede. Ib.; XIII, 43.
 * **menham.** VII, 25.
 * **mininos.** V, 19.
 * **mazmorra.** *que estava debaixo do*
chão. Ib. **Mazmorras de presos.**
 LXIII, 253.
 * **Mocadão da mazmorra.** VI, 20.
munhões. VII, 27.
 * **Malavares.** VIII, 28.
 * **Malaca.** XII, 38; XXIII, 81.
mareação. XII, 38.
 * **mamocos.** XIII, 43. Dias.
língua Malaya. XIII, 43.
*bahia... por nome Minharoley*¹.
 XIII, 47.
metropoli. XV, 52.
 * **monos pardos & pretos, do tamanho**
de grandes rafeyros. XIII, 49.
 * **molher.** XV, 51.
 * **Menâcabos.** XVI, 53. Gentílico.
 * **Menancabo.** XX, 71.
 * *no topo de um morro.* XVI, 54.
 * *um morro que se dizia Minacaleu.*
 XVII, 59.
 * **Maluco.** XVII, 60. Lugar.
 * **mar mediterraneo.** XVII, 63.
 * *se por mofina la fosses.* XVIII, 61.
Por desgraça.
estreito de Minhagaruu. XIX, 63.
 * **Malaca.** XIX, 64.
Miroceem. XX, 69. Nome.
mexericos. XIX, 67.
 * **mar Mediterraneo.** XX, 69. Que ba-
 nha Çamatra.
Matalote do Brigas, capitão da
outra nao. XX, 70. Nome francês.
- * **Meca.** XXI, 73.
 * **Maluco.** XX, 72.
Mogores. XX, 70. Mongoes.
Mascarenhas. XX, 70.
manilhas mociças. XXII, 82.
no pé do masto. XXIII, 88.
 * *por minha mofina.* XXIII, 90.
 * *sete mazes doouro que de nossa moeda*
fazem centia de mil & quatrocentos
reis, a meyo cruzado por maz.
 XXV, 91.
menagrepos. CXXVII, 2.^o, 176.
 * **mercadaria em que tratava.** CXXV, 92.
levava esta mercadaria. Ib.; CVIII,
 2.^o, 80.
mapas & cartas. XXVI, 94.
a alfandega de Mandovim. XXVI, 94.
maça. XXVI, 94. Droga.
hã Abexim por nome Mamedecão.
 XXVI, 95.
 * *um Mouro Malavar por nome Cutiale*
Marcaa. XXVII, 97.
da perfeita crença dos Massoley-
mões. da casa de Meca. XXVII, 99;
 XXXIII, 158. Forma idêntica em
 Fr. Gaspar da Cruz.
um rio... **Minhaçumbaa.** XXVIII, 102.
se alguns dos seus the não forão á
mão. XXXI, 111.
por nome Morado Arraiz. XXXII, 113.
Monte de Banchá. XXXIII, 118.
Nome do homem em Sião.
 * **ouro de Menancabo.** XXXV, 120.
mercancia. XXXVI, 125.
mezena. XXXVI, 131.
 * **nas mãchuas.** XI, 147.
Moncalor. XII, 151.
Mandarim. LXII, 154; LXI, 217.
Mortâgue. XLIII, 157.
o Malayo. XLVI, 169.
Mompollacota. XLVI, 173.
Mutipinão. XLVII, 176.
seria mafometica. L, 190.
 * **mininos.** LI, 194.
marear. LII, 198.
Madel. LII, 200.
Matalutagem de arroz, açucar. LV,
 210.
 * **manchua.** LVII, 224; CLXXX.

¹ Viana escreveu *Minhatoley*.

- muito largo de condição e despendio de monte mayor.* LVIII, 226.
gente manceba. LVIII, 227.
suqui hamidau miranquao lapopa dagatur ¹. LXIII, 240. Malaio?
malenconizado. LXIII, 248.
munturo. LXIII, 252.
moço nosso. LXV, 259. Marinheiro.
murrões dos arcabuzes. LXV, 260.
mero e místico imperio. LXVII, 266.
Prechau Muão. LXVII, 266.
peixes de feyção de rayas, a que os nossos chamavam peixes mñas. LXII, 286.
lago... **Moscumbiú.** LXII, 289. Moscou?
 * **monos.** LXIII, 290. Macacos.
matos. LXIII, 291. Bosques.
trezantos e sessenta talagrepes e quatroenta menigrepes que os servirão de fora. LXXVII, 309; LXXXV, 340.
Moscovia. LXXXV, 340.
hãa mesa (Tribunal) que se chama Xinfau nieor poitan que quer dizer Bafo do Criador de todas as cousas. LXXXVI, 345.
a carta... **mutrada com tres sinetes de laere verde.** LXXXVII, 348.
aldeia... **Minhacutem.** LXXXVIII, 350.
Moscevitaz. LXXXVIII, 352.
myta riqueza que estava mostrando. LXXXVIII, 351.
a qual maquina. LXXXVIII, 359.
os merchants que os (sindeiros e egoas) cortão nos açougues. xc, 363.
muymente. xc, 364. Mormente.
 * *dando-nos com isto dous mazes de esmola.* xc, 366.
marinhas (de sal). xcvi, 2.º, 7.
mongilotos. xcvi, 2.º, 39.
hã mapa em. 2.º, 55.
capitão e monteio. ciii, 2.º, 65.
os mainatos que lavam a roupa. cv, 2.º, 71.
mulato. cvii, 2.º, 84. Mulo.
marrãs. cvii, 2.º, 84.
adoccer de modorra. cxv, 2.º, 121.
mestre da musica. cxvi, 2.º, 123.
marchando tudo com esta ordem. cxix, 2.º, 140.
manilha dourada. cxix, 2.º, 142.
marlotas. cxix, 2.º, 151.
merceeyros (obrigados a rezar pelos defuntos). cxix, 2.º, 174.
mutra do real selo. cxxx, 2.º, 191.
 * *aos sete mamocos da lã.* cxxxv, 2.º, 210.
 * *monção tendente.* cxxxv, 2.º, 211.
Moução. cxlvii.
mezinha. cxxxv, 2.º, 212. Remédio.
 * *o primeiro mamoco da lã.* cxlii, 2.º, 250.
montaria. cxliii, 2.º, 257. Caça, não caçada.
a outra galeota que andava manca. cxlvi, 2.º, 272.
Marquez (?) — marquês. cxlviii, 2.º, 284.
um montante na mão. cli.
de macenaria muito rica. clix, 2.º, 338.
marfim. cxlv, 3.º, 3.
mirra. cxlv, 3.º, 4.
maviosas. cxlv, 3.º, 4. Meigas.
 * **maazes.** cxlv, 3.º, 4.
minhamundy, *que é hãa certa feição de azeite cheiroso.* cxlix, 3.º, 57.
jurado num moçafio de Mafamede, que é o livro da sua ley. cxlxv, 3.º, 59.
lhe davão... **myrtas matracas.** cxlxv, 3.º, 59.
mosquetes de bronzo. cxlxviii, 3.º, 90.
minhotos. cxlxix.
molinetes. cxlxviii, 3.º, 120.
mixilhoens. cxlviii, 3.º, 174.
mergulhadores. ccli, 3.º, 195.
Margulho. lb.
matartemos. cli. Matar-te-hemos.
Orabalões de manilha doura. ccvi, 3.º, 223.
mixiricado. ccx.
marear a moneta. ccxiv, 3.º, 276.

¹ Não sei o que levou Viana a registar esta frase na letra *M*.

martire. ccxv, 3.º, 286.

mulheres portuguesas e misticças.

ccxxi, 3.º, 313.

aos nove mamocos da terceira lã.

ccxxv, 3.º, 339.

N

Naique. iv, 16. Categoria militar (?)
na Abyssinia.

o Profeta Noby. vi, 21. Mafamede.

Narsinga. ix, 30.

Nausem. xx, 71.

ilhas de Nicubar. xx, 72.

nũas arvores altas. xxiii, 85.

nũa fusta. iii, 9.

nojo. xi, 36. Aflicção.

Naos. xii, 38.

os tres Necodás. xxxv, 128.

ao nornoroeste. xxxviii, 140.

o Nautaquim de Lîndau. xl, 40.

pagará o noveado. lviii, 225.

Nouday. lxiii, 247.

o tubão Nay. lxvii, 266.

invernadas da tartaria & de Nixi-

humflão. lxxi, 281.

Nanquim. lxxi, 282.

nauacaranguee, que quer dizer ta-
drões. lxxxii, 330.

trazia duas febres, e outros cinco ni-

vatores, que são a modo de fâsões.

lxxxiii, 332.

reino de Nacataas. lxxxviii, 352.

Nadelgau. lxxxix, 361. Monstro em
figura de mulher.

negaça. cxvi, 2.º, 124.

no natural. cxii, 2.º, 154. Ao na-
tural.

neepois. clx, 2.º, 339. Dignidade.

negoceia. clxy, 3.º, 4.

necessaria. clxxx, 3.º, 133. Sen-
tina.

O

Ormuz. ii, 6.

villa de Obidos. iv, 13.

da nossa moeda tam cada o queá.
(douro) doze cruzados, iv 14.

Onor. viii, 29.

Ontem. xi, 36.

oje. ld, lb.

Ouroballões, *que é a melhor gente*
d' a mais fidalga de todo o reyno.

xiii, 44; xxxl, 113; clxxiv.

* *erreceu nelle tanto o animo e a oufa-*
nia. xvii, 57.

* *cõ hũa odiã au presẽte (como lhe*
nós cá chamamos). xix, 63.

cal delida em ourina. xxiii, 88.

ovas dos saveis. xxiii, 90.

me não cerreis as orelhas. xxix, 103.

Ouvidos.

emparo & escudo da minha orfindade.

xxix, 105. Viuvez.

esta desconsolada mulher tão orfam
do que pretendia. xxx, 107.

* **Odiaa.** xxxvi, 131; lxiii, 252;
clxxxiii, 3.º, 97. Presente.

rentos oeste. xlv, 167; lxxix, 316.

metendo à orça. lvi, 216.

* **oufania.** lxvi, 264.

castanheiros com seus ouriços. lxviii,
270.

opa de damasco roxo. lx.

canto dorgão. lxviii, 274.

ortelam. lxx, 277.

esquichos de agua que por cantim-
prosas corria de lãs para os

outros. lxx, 277.

vestidas umas operlandas... de da-
masco roxo. lxxxii, 328.

Ochilenday. xc, 365. Rio.

ourivizarias. cxiii, 2.º, 90.

ser oca por dentro. cix, 2.º, 94. Óca.

ombros. cx, 2.º, 99.

dão bons ordenados. cxii, 2.º, 108.

onião. cxv, 2.º, 120. Motim.

cheios de opinião. cxlvi, 2.º, 265.
Presunção.

Opiniatica. clxxvii, 3.º, 67. Presu-
mida.

um pagode de grandes officinas.
cxcv, 3.º, 108.

ostagas da vela grande. ciii.

olheiro da fortaleza. cxviii, 3.º,
305.

ouvidor. cxviii, 3.º, 305.

míminos orfãos. ccxxi, 3.º, 311.

P

- pestana do mundo** — extremo do mundo.
- * **Pegú**. 1 — Front. da 1.^a Edição.
- * **Pegú**. xx, 69.
- * **doze pilouros dos quais cinco eram de falcões & roqueyros, & os sete de berços, a fóra muytas arcabuzadas**. III, 10¹.
- * **panellas de polvora**. Cap. 3.^o.
- pastel** (*fardos de tinta como cá o —*). III, 12.
- * **Portugueses**. IV, 12.
- Portuguesa**. IV, 12.
- * **Portuguez**. IV, 13; XVII.
- pidia**. IV, 13. **Pedia**.
- pidira**. XIII, 45.
- pindurados**. V, 19.
- * **estive tentado para me matar com peçonha**. VI, 24.
- passamuros**. VII, 26. **Peças d'art.^a**
- peças de bater**. Ib., Ib.
- Patemarcaa**. VII, 5 (?).
- pagnol**. VIII, 28. **Embarcação**.
- pifafes e tambores**. VIII, 29.
- pilouro**. X, 33.
- * **pagode — alparcas do seu** — IX, 30.
- * **pagode onde seu pae jaz enterrado**. XI, 36; LXXVIII, 312.
- e prantadas nella vinte & seis peças de artilharia**. X, 32.
- * **emperador da Ethiopia, a que cá o vulgar chama Preste João**. XX, 71.
- * **Preste João**. XII, 40.
- * **Panaajú**. XV, 50.
- * **Panajú**. XIII, 43. **Logar**.
- * **Pacem**. XIII, 44. **Logar**.
- * **Paacem**. XVII, 59; XXVI, 96; XXXI, 111.
- * **reyno de Peedir**. XIII, 47.
- logo em proviso**. XIII, 48.
- * **contra peçonha**. XIII, 48.
- pachy parau tinacor, que quer dizer, ó quem o visse e logo morresse**. XV, 52. É malaio (?). É ao rei de Bata,

- ou antes á sua gente que a exclamação é attribuida. Oh! o supremo Sol¹ (? Vasconcellos Abreu). o rio que se chamava **Penacão**. XVI, 56.
- * **Peedir**. XVII, 59; XXXI, 111. **Logar**.
- * **Portuguez, portuguez** (?). XVII, 59. *hum lugar que se dizia Pachissará*. XVII, 59.
- me fuy ao passeivão das casas del Rey*. XVIII, 61.
- Pullo Bugay**. XIX, 63. **Logar**. *no rio de Parlès*. XIX, 63; XX, 69.
- * **Patane**. XIX, 64. **Logar**.
- pós**. XIX, 65.
- * **hũa panella com agoa**. XIX, 67.
- pude**. XIX, 65.
- * **pregão**. XIX, 68.
- * **peçonha**. XIX, 68.
- Pullo Cambilão primeira terra da costa do Malayo**. XX, 69. **Logar**.
- Pullo Bohun**. XX, 70. **Bahia**.
- Pullo Tiquós**. XX, 71.
- Pullo Quenin**. Ib.
- Persia**. XX, 72.
- * *O rio de Puneticão, onde está situada a cidade de Aarú*. XXI, 77.
- panos malaio**. XXI, 77.
- * *no rio Paneticão*. XXVI, 95.
- * *ao rio de Puneticão*. Ib.
- * *fortaleza de Puneticão*. XXXII, 113.
- * *uma boa quantidade de paveses almagrados*. XXII, 80.
- * *logo punhão os peis sem medo onde queria*. XXII, 81.
- * *penedos atados nos peis*. XXXIII, 122. *lugar que se chama Pocaasilim*. XXIII, 83.
- * *o cento Sueste, inda que algum tanto ponteiro*. XXIII, 83.
- fizeram a cada um delles em quatro pedaços*. XXIII, 86.
- ilha de Palimbão*. XXIII, 89.
- cem pardaos*. XXIII, 90.
- estarem já diferentes na praçaria*

1. Este passo não está bem copiado. Deve ser: «doze pilouros, dos quais os cinco erão de falcões...»

1. Antes desta frase escreveu umas palavras em sânscrito a que dá esta tradução. Os caracteres estão pouco legíveis.

- de conformidade que antes tinham. xxv, 91.
- * por **peita** de hum bar douro que valia quarenta mil cruzados. xxvii, 97. o mandou **publicamente**. xxvii, 99.
- * com hum espantoso **pregão**. lb.
- * **algôs** **parcos** de pescadores. xxviii, 102. Malaio *prahu*.
- piadosamente**. xxix, 103.
- * **Panetição**. xxxi, 110.
- * que elle **perdesse pôto** da opinião que todos tinham delle. xxxii, 115.
- * **Paacem**. xxxi, 111.
- Pera**. xxxii, 115. Logar.
- * **perdesse pôto**. xxxii, 115.
- ilha de Pulo Tindão*. xxxiii, 119.
- * **barra de Pão**. xxxiii, 118; xxxiv, 121.
- * *el Rey de Pão*. li, 196.
- * **Patane**. xxxv, 127.
- Panaruca**. xxxvi, 129.
- Passarvão**. xxxvi, 129, clxxii.
- Prechau Saleu**. xxxvi, 130.
- pareas**. xxxvi, 130.
- um viso-rei, a que em sua lingua chamão Payho*¹. xxxvi, 131.
- perlongando**. xxxvii, 134.
- o Pate de Laisapurá*. xxxviii, 137.
- com os olhos longos*². xxxviii, 138.
- esse perro que ahy está atado*. xl, 147.
- * **panellas de polvora**. xl, 148.
- ao Hoyaa Paquir*. xli, 153.
- â cidade de Pilaucacem*. xli, 151.
- Papuaas**. xli, 181.
- Passiloco**. xli, 152.
- Prom**. xli, 152.
- passante de cem mil cruzados**. xliii, 158.
- num prato dagoa ás mãos*. xliii, 160.
- perguntas**. xliii, 163-164; xliii, 249; lxxiv, 295.
- e **perguntandolhe** na lingua do chim. lxxv, 340.
- Paguarol**. xlv, 165.
- * **picos** (quinze mil). xlv, 166.
- * **prão**. xlvi, 171; lxi, 243. Porão.
- * **ventos ponteiros**. xlvii, 176.
- Panduree**. xlvii, 176.
- Prechau**, Imperador dos Cauchins. xlviii, 182.
- * **payol da proa**. li, 194.
- pasmados**. li, 197. Aterrados.
- * **porcelanas**. lii, 198.
- * **porcelanas de barga**. lx, 240.
- um pegão de vento tão rijo*. liii, 201.
- um milharo...* **peneirando**. liiii, 206.
- dois proizes de papa & de proa*. liv, 208.
- Panjão**. lvi, 216. Nome chinês.
- Pontir**. lvii, 221.
- * **paos tostados**. lviii, 226 1.
- proverão** (= provêrão) de esquipação. lviii, 226.
- pesqueiras**. lviii, 228.
- pronostico**. lviii, 230².
- o payro*. lxii, 244. Flutuação.
- * **pancadas**. lxi, 241.
- * **pancadas** (de tempo). lxii, 249.
- * **peis**. lxiii, 248. Pl. de *pe*.
- * **perafusar**. lxiii, 253.
- Prematá gundel**. lxvi, 261.
- pinheiros nansos e brucos**. lxvii, 261.
- Prechau Muão** Imperador dos Cauchins. lxvii, 266.
- pifaros**. lxviii, 268.
- perchas**. lxviii, 270.
- * **panouras**. lb., 271; **panouras de guerra**. cxxxi, 194 [que são as espadas que levam nos dentes quando pelejão (os elefantes)].
- * **panouras**, que são como *Galeotas*. lxxi, 281; cxxiv, 2.^o, 163.
- danças, pelas, foliás*. lxix, 274.
- * **perpatanas**. lxxii, 287. Barbatanas.
- puchissucões**. lxxii, 287. Peixes.
- rio...* **Paatebenam**. lxxii, 288.
- Pocasser**. lxxiii, 291.
- caçadores que querem passarinhar por matas alheias*. lxxiii, 292.

¹ *Paypho* na ed. de 1930.

² Esta frase foi certamente registada na letra *P* por lapso.

¹ Cf. também cap. CXXVIII.

² Esta palavra já appareceu antes no cap. LIII no seguinte passo: «Nos vêdo isto o tomamos em bô *pronostico*...»

- pur pacam pochý pilaca hunangue** doreu. LXXIII, 293.
- potes de mel.** LXXIV, 297.
- Pilau Angiroo.** LXXVIII, 314. N. pess.
- Paquim.** LXXXI, 322. Lugar.
- * **um escudo de armas a modo de pavés.** LXXXIII, 333.
- vós pega** sempre aceis de fêbr onde vos não chamam. LXXXIII, 331.
- elle por ser doente e enfatiado.** LXXX, 335. Com ser.
- * **porque em todo aquelle imperio chin se não costuma comer com a mão, como nós fazemos, senão com dois paus feitos como fusos.** É o que em Macau, Honcom, e Cantão chamam *furis*.
- Pohinleu.** LXXXV, 340. Vila.
- prometer de justiça.** LXXXV, 341.
- pitau hinasur macuto chendo.** que quer dizer Venhão com Deos os ministros de suas obras. LXXXVI, 346.
- peitar.** LXXXVI, 344. Pagar.
- montes de Paneruum.** LXXXVIII, 351.
- * **porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria.** LXXXVIII, 353.
- * **porcelana adamascada.** CXXVIII, 2.º, 183.
- cidade Pocasser.** LXXXVIII, 356.
- * **pedra hume.** LXXVIII, 356.
- no mais alto della estoca húa grande poma.** LXXXVIII, 338.
- * **cinco mil picos de prata.** XCII, 2.º, 2.
- proluxo.** XCII, 2.º, 2. Prolieso.
- proluxidade.** CLXXII, 3.º, 51.
- * **payoes estanques.** XLVII, 2.º, 21.
- pitaleus.** CV, 337.
- poeyra.** CIII, 2.º, 59.
- comer a pasto.** CVI, 2.º, 75.
- pedra de fogo.** CVII, 2.º, 85.
- a penas.** CVIII, 2.º, 85. Com custo.
- * **patranhas.** CX, 2.º, 96.
- * **lageas muito primas.** CX, 2.º, 98.
- * **cantaria muito prima.** CX, 2.º, 101. (V. lageas).
- perjudicial.** CXV, 2.º, 117.
- palosguindões, que são os seus atabales.** CXIX, 2.º, 140.
- piambre, que é como andas antre nos.** CXXI, 2.º, 140.
- pirange.** CXXIV, 2.º, 164. Carro com cadeira.
- priorezas.** CXXVI, 2.º, 174.
- paul.** CXXXIV, 2.º, 205.
- * **nove palmos dagoa no prão da segunda coberta.** CXXXVII, 2.º, 2.6.
- piadosamente.** CXXXVIII, 2.º, 229.
- peretandas, que são como correjedores.** CXXXIX, 2.º, 231.
- * **paraoo.** CXLIV, 2.º, 260. Parau?
- presumptuosos.** CXLI.
- piqueiros.** CLI.
- pagodes.** CLI.
- * **pucho.** CLI. Droga.
- pumares.** CLVIII, 2.º, 333.
- produze.** CLVIII, 2.º, 333. Produz.
- pranchas de prata.** CLIX.
- palanquins.** CLX, 2.º, 340.
- patolas de seda.** CLX, 2.º, 342.
- panha.** CLXI, 2.º, 347.
- * **pães de galinha.** CLXI, 2.º, 352.
- o fez perdidoço.** CLXIV, 2.º, 376. O deu por perdido.
- * **pedra hume.** CLXV, 3.º, 3; CLXXXIX.
- pastel.** lb.
- * **pucho.** CLXV, 3.º, 3. Droga?
- O rendimento dos direyos reais, que lá se chama preço do cetro.** CLXV, 3.º, 5.
- * **perpetanas de peise.** CLXVI, 3.º, 10.
- muyto em que lhe pês.** CLXVI, 3.º, 11.
- * **comiam com paus como os Chins.** CLXVI, 3.º, 12.
- A modo de prosa.** CLXVII, 3.º, 18.
- * **pães de ouro.** CLXVII, 3.º, 21.
- * **peita.** CLXVIII, 3.º, 24.
- piçarra.** CLXX, 3.º, 39.
- * **treze paraos de ladrões.** CLXXI, 3.º, 46.
- prazeria.** CLXXVI.
- * **peçonha.** CLXXXII, 3.º, 91. Veneno.
- pusillanimo.** CLXXXV, 3.º, 110.

1 Viana, por esquecimento, não indicou o capítulo onde este passo ocorre. Vem no LXXXIII.

- * **parafusando consigo.** CLXXXVIII, 3.º, 124.
 o **passaivão** do bazar, que é a principal praça onde se vendem todas as cousas. CXCII.
 o **triste padecente** que vai a justicar. CXCVIII, 3.º, 175.
juiz pedaneo. CCIII.
pingar. CCV, 3.º, 216. Tormento.
hum Pater noster. CCVII, 3.º, 223.
 o **papafigo.** CCXIV, 3.º, 277.
 ao **prepaio** do chapiteo. CCXIV, 3.º, 279.
prepassando. CCXVII, 298.
 * **pregar patranhas.** CCXX, 3.º, 308.
 * **comer com dous paos.** CCXXIII, 3.º, 327.
peregrinação. CCXXVI, 3.º, 342.

Q

- * **quicá mais asperas.** XI, 35.
 * **do principal idolo da sua gentileza seita, por nome Quiay Hocombinor, Deus da justiça.** XIII, 44.
Quenim. XX, 71.
 um rio que se dizia **Quilem.** XVI, 53.
Quedá. XVII, 60. Logar.
quisera. XIX, 65.
 algumas cousas que **quiz** saber. XXII, 78.
 já **quando quiser** recreio. XXII, 80.
quitar os direitos. XXV, 93. Dispensar de os pagar. CXCII, 3.º, 153.
quaijão. XXXIII, 135. Na Ilha de Jaoa.
 reino de **Quintirvão.** XL, 142.
 * **Quiay Taijão.** XLIII, 158. Nome de homem.
 * **cidade de Quangepaarú.** XLVIII, 183.
 * **Quangiparú.** LI, 201.
Quoamão. LV, 211.
Pullo Quirim. LV, 214
 * **Quiay Tanjão.** LVI, 216.
 * **Quanjaparú.** LVI, 216.
 cidade de **Quoansy.** LXVII, 266.
Quiten parão **fau** fun, **porem** não se soube o que queria dizer. LXXXII, 292.

- lua quadrilha** de seis ou sete cães. LXXXIII, 332.
 casas nobres que deviam de ser **quintãs** de Mandarins. LXXXVIII, 355.
 * **quica.** CIII, 2.º, 65.
 * **o rio quimão** do seu vestido. CXXV, 2.º, 355.
 * **queimões** de seda como os Japões. CLXIV, 3.º, 12; CCXXXIII.
quartaos. CXXIV, 2.º, 163; CXXXIV, 2.º, 205. Cavalo **quartão**?
fazer em quartos. CXL, 2.º, 240. Esquartejar.
queixuma (?) CXLI, 2.º, 243. Queixume.
quamanha. CXLVIII, 2.º, 282.
quietar. CXLIX, 2.º, 287.
quintis. CLXII, 2.º, 356.
 com **quita** de muito dinheiro. CLXVII, 3.º, 16.
quilates. CXCIX, 3.º, 178.

R

- Rumecão.** II, 8.
Roma. V, 17.
Rajaa Dato **Moulana** maior da cidade de Medina. VI, 21.
Rateo. XII, 40.
rafinou para o ar o **Capitão Bata,** com mais de trezentos dos seus, feitos todos em pedaços. XVII, 57.
retificar. XVII, 60.
 * **quarenta rocas** de pedra. XXI, 77.
remocarme o pouco castigo. XXII¹, 81. Censurar-me.
 de **rapina** (cagação). XXIII, 49.
 * **pelos muitos repiques & rebates** de inimigos. XXII, 81.
 * **rebate.** XIX, 65.
 com medo dos **tigres & reimões.** XXIII, 86.
 com duas **rotas** dobradas nos sangrão muito sem piedade. XXIII, 88.
reparou & fortificou. XXVIII, 100.

¹ Viana escreveu XX.

- hum dia da festa do seo Ramadão.* xxx, 103.
refregas. xxxiii, 120.
the faças restituyção. xxxi, 110.
reparados *daquelle falta.* xxxiiii, 121.
refusavam. xxxvii, 134.
um destes por nome Rajahitau. xl, 142.
resgate. xlv, 161. Negócio.
as peças que estavam rifando. xlv, 163. Jogando.
retrós. lii, 198.
ribanceira. liv, 208.
*** roqueiros.** lvi, 216.
** cinco roqueiros que tiravam pelouros de pedreiros.* lviii, 227.
entrou de romanía com nosco. lvii, 228.
** muitas rocas de pedra.* lviii, 227.
regra *de esquadria.* lviii, 231.
todo o recheyo de suas fazendas. lxvi, 260.
uma borda da mesma cantaria reliça, como cordão de frade. lxxv, 301.
chegamos quasi sol posto a hñas roças de mato. lxxx, 321.
fortalezas roqueiras quasi ao nosso modo. lxxxviii, 351.
regatões. xvii, 2.º, 30.
rendas. ciii, 2.º, 56. Bordados.
relicayro. cviii, 2.º, 88.
regateiras. cxii, 2.º, 108.
a salve Regina. cxvi, 2.º, 127.
reção. cxiii, 2.º, 159. Ração.
roupetas. cxiv, 2.º, 163.
roupas curtas. cxiv, 2.º, 164.
** roxo com enxadrez de seda vermelha* ¹. cxxiv, 2.º, 164.
cramesim franjada douro e roxo. lb. *tapeçarias de raas.* cxxiv, 2.º, 165.
romagem. cxxvi, 2.º, 216.
retroguardia. cxlvi, 2.º, 264.
repiques. cxlix, 2.º, 287. Toques de rebate.
ressenha. cxlix, 2.º, 287.

¹ Esta frase está pouco legível, sobretudo a terceira palavra.

- reçaga.** cl.
roçomacha. cli.
rebuliço. clv.
relogios. clxiii, 2.º, 364.
randivaas *(vestidos de quimões e).* clxiii, 2.º, 371.
reposta. clxv, 3.º, 1. (bis). Resposta.
reubarbo. clxv, 3.º, 3.
roçamalha. lb. Droga?
reuites douro como colchetes. clxvi, 3.º, 10.
rubis. clxvii, 3.º, 21.
repicando-se então todos os sinos da cidade. clxviii, 3.º, 33.
requere. clxxii, 3.º, 50.
rigurosos. clxxvii, 3.º, 68.
** roqueiros.* clxxxvii, 3.º, 121. Arte-haria.
reteudos. cxevi, 3.º, 166.
roznando. cex.
tomou... repouso. ccxvii, 3.º, 297.
recolhido em pura casa. ccxxv, 3.º, 334.

S

- * Sornau que vulgarmente se chama São.* Frontispicio da 1.ª edição.
** Sornau. Rei de São.* xvii, 58.
Samatra. i, mas *Camatra*, passim.
** Siames.* i. Siameses.
a tenção deste men tio não teve o successo que elle imaginava porque avendo anno de meio que eu estava no serviço desta senhora, me socedeo um caso. i.
Setuval. i, 3. Setubal.
Setuvel. i, 5. Idem.
Suez. ii, 8.
Soleymão Bará. iv, 12.
Satilgão. iv, 13. Noíe de um mosteiro na Abyssinia.
noviços a que elles chamam Santi-leus. iv, 14. Na Ethiopia.
** Salamão recebeu a nossa Raynha Sabaa.* iv, 16.
** Ruinha Sabaa.* xi, 71.
monte Sinay. vi, 24.
de sobressalente. vii, 26.
** dorentas de vinte e cinco velas, de*

- que sós as oitenta & tres crão de alto bordo. xii, 38. Passim.
- sintindo. xiii, 44.
- * so color de Embaixador. xiiii, 47.
- porto de Surotilau, que he na costa do reino de Aará. xiiii, 47.
- ñzerão os inimigos duas saydas. xvii, 56. Sortidas.
- * o repuxo que era de pedra em sossa¹. xvii, 57.
- Salangor. xvii, 60. Logar.
- * Siaca. xviii, 62. Rio.
- Senhorio. xx, 69.
- * Soltão. xx, 70.
- * Soltão de Baarrás que he o proprio nome de Rey entre os Mouros². xxviii, 100.
- Sunda. xxi, 76.
- surgidouro. xx, 80.
- * & dez ou doze milheiros de paos tostados a que elles chamão Salignes, ervaes com peçonha. xxii, 80.
- * cobra de sardas verdes & pretas, tão peçonhentas que co bafu somente matão. xxiii, 86.
- * povoação... chamada Siaca, xxiii, 88.
- * como sindeyro sem dono. xxiii, 89.
- * outro lugar... por nome Sorobaya. xxv, 91.
- os estreitos de Cincapura & de Sa-baom. xxvi, 94.
- * Siribi Iaya quemdou pracamaa de raja... a ty Soltão Ataradim Rey do Achem. xxxi, 109. Malaio.
- * Soltão... que é o próprio nome de rei entre os Mouros. xxviii, 10.
- * se lhe fez hũa nobre salva de artilharia. xxix, 102.
- se tornou para su casa. xxx³, 107.
- Siribicão, meu Embaixador. xxxi, 111.
- * pedra em sossa⁴. xxxii, 114.
- * a ponta Surobaya na ilha de Jaon. xxiii, 120.
- Solor. xxxv, 124.
- Saleu. xxxvi, 130.
- Sião. xxxvi, 130.
- * Siames. lvii, 228.
- Sumheebitão. xxxviii, 138.
- sargos e corvinas. xl, 141.
- * hũa bahia... que se chamava Sa-leyjacau. xl, 143.
- * hum cossairo... que se chamava Similau. xl, 146.
- Sauady. xli, 152.
- Saleiro. xliii, 160.
- * depois de fazerem suas salvas. xliv, 161.
- Sumbor. xliv, 161; lv, 214.
- sedas da China. xliv, 163.
- * sinos. xlvii, 176.
- * sountos de castanheiro. lii, 201.
- o Sucão de Pontir. lvii, 221.
- Saías de malha. lvii, 223.
- sesudo. lviii, 228.
- satisfazer na Cruz pelos peccadores. lxi, 242.
- * sindeyros bem magros. lxxv, 256.
- sertão. lxxv, 258.
- sestros. lxxviii, 268. Instrumentos.
- sombreiros de citim. lxxviii, 271.
- Guardasol (sic).
- sermão. lxxix, 275.
- Sancrestia. lxxix, 277.
- estreito que se dizia Sileupaquim. lxxi, 283.
- rio... Sumhepadão. lxxi, 284.
- * serra... a qual o Similau disse que se chamava Fanjas. lxxi, 284.
- cidade... Sileupamor. lxxiv, 296.
- Susoquerim. lxxviii, 316. Aldeia.
- * Sileyjacau. lxxxi, 323. Vila.
- Deos, sabeduria para. lxxxi, 324.
- Sabiduria. lxxxii, 336.
- Susoanganee. lxxxii, 327, mas Su-
zoanganee. lxxxii, 330.
- sambexugas. lb. cxxxix.
- * so graves penas. lxxxvi, 345.
- provincia de Sansim. lxxxviii, 342.
- Sampitay. xci, 367. Cidade.

1 A edição de 1930 não difere neste passo da de 1614. Na minha opinião, não se deve ler em sossa, mas emsossa (< insúsa).

2 Viana esqueceu a palavra he,

3 Viana escreveu XX. Na ed. de 1930 escreveu-se sua.

4 Cf. nota 1.

- panouras... de tres e quatro sobradados.* xvii, 2.º, 28.
doze homens a cavallo que se chamam seretandas. cvi, 2.º, 78.
sandalo. cvii, 2.º, 83.
seiras, seirões. cxii, 2.º, 107.
 * *somanas.* cxvi, 2.º, 122.
 * *arremessos de saligues.* cxxviii, 2.º, 183. Armas.
sembrante alegre. cxxxi, 2.º, 192.
dormir a sesta. cxxxvi, 2.º, 216.
 * *Tres pancadas num sino.* cxxxiv, 2.º, 232.
 * *seroos.* cxliii. Barcos.
 * *soutos de noqueiras e castanheiros.* cxlix, 2.º, 337.
herbas que nesta terra chamão salgadeiras. cxli.
serviços de barcelas de prata. clxy, 3.º, 4.
 * *ruyvos & algûs com algûas sardas.* clxvi, 3.º, 10.
salmento. clxvii, 3.º, 18.
 * *sino.* clxviii, 3.º, 29, 30.
 * *seroos.* clxix, 3.º, 34.
hum supito. clxxiv, 3.º, 58.
 * *em sôs tres dias.* clxxviii, 3.º, 73.
sossegar. clxxix, 3.º, 74.
 * *ao modo siame.* clxxxiii.
sapos. clxxxiv, 3.º, 103.
perder o sentido. clxxxvi, 3.º, 116.
 Os sentidos.
a seista. ccxi, 3.º, 260. 6.º.
simplices. ccxiii, 3.º, 264.
 * *somana santa.* ccxvii, 3.º, 295.
sovertendo. ccxxii, 3.º, 321.

T

- Tartaria.* l.
S. Tomé. l.
 * *Santiago de Cacem.* i, 5.
Turco. ii e iii.
toucas. iii, 10.
 * *terçados nós.* iii, 10.
 * *armada com treçados.* xix, 65.
princesa Tigremahom. iv, 13.
tiquaxy, capitão da terra. iv, 13.
 * *Santiago de Galiza.* v, 17.
tarradas. v, 17. Certas embarcações?
tamaras. vi, 24.
cidade de Toro. vi, 24.
toldo. x, 33.
tranqueira. ix, 31; x, 32.
timorraja. (rei dos Batas). xiii, 42.
taboleyro da igreja. xiiii, 45.
tisouro das tuas riquezas. xiiii, 46.
treição. xiiii, 46. Traição; mas gente atraçoada. xiiii, 47.
cortou toda travessa da terra. xiiii, 47.
hû lugar que se chamava Turbão. xv, 52.
Tondacur. xvi, 53. Logar.
Tanauçarim. xvii, 58; xix, 67. Logar.
tartamelear. xix, 65. Titubear.
Ternate. xx, 72; xxxiii, 120.
Timor. xxi, 76.
 * *umas terecenas cobertas de colmo que eram os seus almazês.* xxii, 79; xc, 364.
com ventos terrenhos. xiii, 83.
nos deu hûa trovoadade de Noroeste que são os temporaes. xiiii, 83.
Este tyrão Rey Achem. xxvi, 94.
 * *hum lança de terra pleno.* xxvii, 97.
Teinão (Pulo). xxxiii, 118.
matar por tredor. xxxii, 115.
Tuão Narrafão. xxxiiii, 122.
Tanjampura. xxxv, 124.
Talâgame. xxxiii, 120.
 * *tacis.* xxxv, 128.
 * *a razão de seis tostões o tael.* xlix, 188.
traquete. xxxvi, 131.
nos tomarão ds costas. xxxvii, 134.
ilha da Tosa. xl, 140.
um rio... Toobasoy. xl, 143.
hum cafre que nos mostrava o tra-seiro. xl, 146.
tá, tá, tá, não quero saber mais. xl, 147; cxxxvi, 2.º, 218.
tranca. xl, 147.
 * *seis tostões por tael.* xl, 148.

(Continua)

Acrescentos de Gonçalves Viana às suas "Apostilas". Outras notas a propósito

(Continuação)

Baldio, valadio, vadio; baldo, baldar, balde, baldão; valdevinos

M. — Recentemente o prof. Max Leopold Wagner voltou à doutrina de Dozy, que Viana não cita.

Vejamos o que disse a este propósito o grande orientalista holandês:

Começa por se admirar que Engelmann não tenha notado a entrada da palavra (*bātīl*) no romance peninsular, visto que «perhaps no word is so much used in *Ghadames and The Mountains* as the epithet *batel*, *vain*, *useless* etc., and really answers in its use to something like our tremendous *humbug*. It especially denotes everything bad, false, and wrong, in any matter and in any body,» conforme diz Richardson,¹ cujas palavras vêm no *Glossaire*.

Antes porém de Dozy já Tamarid, Cobarruvias, Sousa, Marina e Müller tinham reconhecido em *balde* um arabismo.

Dozy explica, pois, *baldo* pelo árabe *bātīl*. *Balda*, *baldio* e outros vocábulos que lhe estão ligados pelo radical, são derivados românicos.

Wagner, depois de aceitar a doutrina supra, acrescenta: «parece que já em árabe *bātīl* se aplica ao terreno estéril e sem cultura».

Como é óbvio, estas palavras nada têm com o substantivo *balde*, vaso (< lat. * *batulu*), donde se fez *baldear*: «... guarnecer bôbas de novo, *baldear* fazêdas ao mar...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LIII. Cf. caps. LVI, LVII.

¹ *Travels in the Great Desert of Sahara*, 1, 133.

* **Balravento**

M. — O mesmo que *barlavento*: «Fôrça e manha os de Luso exercitaram procurando ganhar o *balravento*», Sá de Meneses, *Malaca Conquistada*, IV, 56; «... E emparelhando connosco surgiu, hũ pouco a balravento donde nos estavamos...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXVI.

* **Banda**

M. — Esta palavra tinha já no século XVI emprêgo vulgar na acepção de *lado*: «... por ter muyta gente, o baluarte do mar com a couraça da *banda* da terra...» Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XII; «... ou por seu respeito virmos nos a perder toda a *banda* do Sul...», Idem, *ibidem*, cap. XXVI; «... era de aver em hũa destas casas quarenta fornallias, a razão de vinte por *banda*...», idem, *ibidem*, cap. XCVI.

Sobre a Etimologia q. v. Ernst Gamillscheg, *História Lingüística de los Visigodos*, na *Rev. de Fil. Esp.*, XIX, p. 145.

Bandar, bandel

M. — O primeiro destes vocábulos ainda não foi registado com este sentido, que eu saiba.

É muito vulgar em textos quinhentistas na acepção de *cais*, *pôrto*. Cf., por exemplo, Barros (II, II, 4).

A segunda já vem registada na *Grande Enciclopédia*. É uma forma saída da primeira. Cf. «... desembarcamos em hum lugar de casas palhoças, que se chama o *Bandel*, que em nossa lingua quer dizer porto...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 8; «... por que a que partio do *bandel* diante de nos...», Mestre Afonso, *Itinerário*, p. 157.

O étimo está no persa *bandar*, cidade marítima, *pôrto*, *cais*; cidade de comércio. Esta forma também existe em árabe.

* **Baneane**

M. — Esta palavra é indiana e significa:

a. — Comerciante da costa oriental da África.

b. — Membro duma seita religiosa da Índia.

Segundo Dalgado (*Rev. de Ling. Port.*, III N. 5, p. 68), esta palavra vem do guzarate *vāmīyan*, mercador.

É até curioso este passo de Garcia da Orta: «Estes sam; posto que agora se deitam mais a serem mercadores que letrados; e ha delles muytas especias, e todas sam conformes em não matar, nem comer cousa que padeça morte; o qual preceito guardam em tanta maneira, que resgatam e compram aves pera as deitar a voar; não comem rabãos nem cebolas, nem alhos, nem huns bredos que parecem vermelhos, por causa da cor; dão ás formigas agoa com açucare, dizendo que fazem esmola aos mezquinhos; deitam agoa aos passaros, e vem a beber cada dia; e muitos dos que morrem deixam huma certa cantidade pera pessoas que caminham em despo-vado, e que deem agoa aos caminhanes. Eu vi em Cambaiete hum espirital de passaros, onde os curam, se vem aleijados e doentes; e ahy vi curar papagaios e muitos outros pasaros; e como saravam, não tornavam mais a casa, e andavam no campo: não bebem vinho, nem vinagre, nem ninpa, nem erraca, nem vinho de pasa», *Colóquios*, col. xxxiv (vol. II, p. 105).

«O padre superior da casa da Companhia em Dio me enviou tambem dizer que os *baneanes* da dita cidade concederam por muitas vezes esmolos...», *Doc. remetidos* (I, 247).

«... alem da gente que tinham assoldada ao seu serviço trazião todo ho povo da cidade, *baneanes*, mercadores...», *Hist. Ined. do 2.º Cêrco de Dio*, p. 35.

* Banjães

M. — Fanáticos gentios de Cambaia: «Ahi outro genero de gentios a que chamão *Banjães* que vivem misticamente...», Goes, *Cron. D. Man.*, III, cap. 64, p. 214.

* Banquetear

M. — Este verbo era já conhecido no século XVI: «...me levou à cidade, que estaria daly quasi hum quarto de legoa, onde me *banqueteou* em sua casa, com mostras de muyto gasalhado...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xxii; «...em cinco dias que em aqy estive me *banqueteou* sempre esplendidamente...», idem, mesmo capítulo.

* **Banzé**

D. — «Esta palavra de jiría, que quer dizer «folgança, função» e também «desordem, tumulto», pode ser o japonês *banzai* «viva!», como me sugere Z. Consiglieri Pedroso».

«A expressão japonesa *banzai* significa literalmente «dez anos mil», e usa-se na saudação ao *micado* ou imperador. Mas quem o teria transmitido à gíria portuguesa e por que motivo? Os nossos escritores não a mencionam, e o *micado* ou o *daire* raras vezes aparecia antes em público¹.»

M. — Nas *Palestras* (p. 190), G. Viana atribui a esta palavra, com dúvida, a origem japonesa.

Baptizar, baptizo, bantizar, bantismo

V. — Substitui *Espana* por *Espanha*.

* **Bar**

M. — Também se empregava esta medida de pêso oriental para roupas: «...a Afonso de Rojas, para poder carregar na náó... vinte *bares* de roupas e fazendas», *Mercês que D. João de Castro fez aos que serviram no cerco de Dio*, na *História do Segundo Cerco de Dio*, p. 319.

* **Barafustar**

M. — Há já abonações quinhentistas desta palavra. Barros I, 4, 3; III, 3, 1. Duarte Nunes de Lião (*Origem*, cap. XVIII) indicou este vocábulo como antiquado.

¹ 1897. — «Aproveitam-se avidamente os minimos pretextos, aqui nas cidades como alem nas aldeias, para pomposas glorificações; e o grito — *banzai!* — freme entre a turba. De *banzé* vem por certo este grito, ou dele deriva o termo portuguez, mas aqui com uma significação respeitosa, imponente, de comemoração festiva.» — Venceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, p. 202.

* Baralhada

M. — Segundo o Dr. Leite de Vasconcelos (*De Terra em Terra*, I, p. 9), no Soajo emprega-se esta forma na acepção de *badalada*: «Cem *baralhadas* ouvi dar ao sino».

Barão, varão, varonil

M. — Viana parece hesitar quanto à etimologia de *barão*. Não há dúvida que está no latim *barone* —.

Baro era, nesta língua, uma forma convergente, pois apresentava dois sentidos: *parvo*, *imbecil*, por um lado, com os seus derivados *barosus* e *barunculus*, e, por outro, *mercenário* (Cf. S. Isidoro, *Origines*, 9, 4, 31). Neste último sentido é de origem germânica, segundo o *Dict. Etym. de la Langue Latine* de Ernout e Meillet.

Grandgent, *Latin Vulgar*, § 16 (trad. espanhola), diz que a palavra significava *atleta*.

* Barba(s)

M. — As *barbas* eram muito usadas nos juramentos: «... mas todavia não tanto fora della que deixasse de jurar, pondo a mão nas *barbas*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXIV; «avey doo de mi que morro por / estas *barbas*», Henrique Lopes, *Cena Policiãna*, vv. 325-326; «Parestas *barbas* que estays muyto fermosas», J. Ferreira de Vasconcelos, *Aulegrafia*, v, cena 1.^a, fl. 148.

* Barbarizar

M. — Há já abonações quinhestistas. Uma: «Escrituras que *barbarizam* o engenho, e enchem o entendimento de cisco», Barros, *Década III*, prólogo.

* Bardacha

M. — Significa esta palavra *sodomia*. Tem como paralelos nas outras línguas românicas, pelo menos, estes vocábulos: it. *bardascia*, fr. *bardache*, esp. *bardaja* e *bardaje*. A sua origem está no ár. *bardaj*. Cf. os meus *Comentários a alguns arabismos do «Dicionário» de Nascentes*, s. v.

Bar(e); matuca

D. — «Vemos êste vocábulo num sentido muito especial, como usado na Zambézia, no seguinte trecho...»

«*Bare* é «mina» em tetense¹.

«Por exemplo, Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental*, liv. II, cap. 11 e 13, no último dos quais se encontra um vocábulo não colijido nos nossos dicionários: — «Também se tiro ouro de pedras, a que chamam ouro de *matuca*...»

Frei João (1609) escreve mais de uma vez *matuca*²; julgo porém que o Padre Manuel Barreto (1667) ortografa melhor e explica com mais clareza e termo: «Estão os cafres passando de mão em mão a *mataca* ou terra que lhe dão os que cavão em huns *pandes* ou ganchos de pau. A primeira *mataca* não tem ouro consideravel, a *mataca* d'ouro já he conhecida, em dando nella (ou pedras de ouro como muitas vezes succede) não cessão té a não esgotar». — (*Bol. S. G. L.*, IV, pag. 50).

Vê-se daqui que *mataca* é «terra, barro», no qual pode também haver ouro em pó ou lascas. O verbo *maticar*, «barrar», deve derivar-se desta dição. Na língua de Tete *mataka* é «barro», e *ndarema ya mataca*, «ouro em pó». — »

* Bargante

M. — Não deve ser necessário apresentar passos abonatórios desta palavra tam vulgar nos nossos quinhentistas.

Pretendo aqui apenas dizer alguma coisa á propósito da sua etimologia.

¹ 1724. — «O ouro principalmente em tanta quantidade (em Mocaraunga) que no anno de 1720 se descobrio hum *bar*, ou mina da parte de Morave nas terras do Rey Caronga, que se conheceo porque arrancando-se alguns arbustos vinha o ouro pegado nas suas raizes». — In *O Chronista de Tisuary*, IV, p. 45».

² «A êste ouro das pedras chamam os cafres *matucas*, e é ouro mais baixo e de poucos quilates». I, p. 103.

«1687. — «A este ouro chamam *Matuca*, e he bayxo de poucos quilates. A todo o mays Dahabo, quer seja em pó, quer em lascas, e estas mays, ou menos solidas». — P. Fernão de Queiroz, *Conquista do Ceylão*, p. 919».

Segundo Antenor Nascentes, no seu *Dicionário Etimológico* (s. v.), as explicações propostas são as seguintes: «Cortesão tira do esp. *bergante*, a que dá origem céltica. A Academia Espanhola dá origem gótica. A. Coelho, do germ. *brákon*, fazer ruído, ostentação, segundo Storm., Diez ligou ao fr. *brigand*».

Também aqui se pode dizer: cada cabeça, cada sentença.

Vá lá, então mais uma sentença.

A palavra não tem nada de amável. Designa uma «pessoa ruim, de maus costumes, desavergonhada, atrevida, libertina, devassa», conforme escreve a *Grande Enciclopédia*.

Não é impossível, por isso, que se procurasse denominar uma pessoa de quem se fazia uma idéia desagradável com o nome de um animal tido como pouco digno de consideração.

Um dos mais usados em tais condições é o porco.

Acresce dizer que esta palavra devia ter vindo da Espanha.

Estas duas circunstâncias fazem-me pensar numa derivação do basco *bargo*, porco.

Não é impossível que a palavra *bácoro* se ligue a esse mesmo vocábulo.

Barlaque, barlaquear-se

V — Na nota 1 acrescenta: «V. também *Bol. Soc. Geogr.*, série xxv, p. 177».

D. — «*Nas Notas Ethnográficas sobre os povos de Timor, de J. S. Pereira Jardim, remos definido o substantivo, e abonado o verbo portuguez, que se formou dele...*»

«O malaio *bērláki* é composto de *lāki*, «marido», e de *bēr*, prefixo verbal, e quer dizer «tomar marido, casar-se». No português de Timor, porém, emprega-se *barlaque* como substantivo, no sentido de «compra de mulher segundo o rito gentílico»; e formou-se o verbo *barlaquear-se*, «comprar mulher¹».

«¹ 1884. — «*Barlaque*. É o casamento gentílico que consiste em ligar-se um rapaz a uma rapariga; muitas vezes é o rapaz obrigado a casar com uma rapariga de certa e determinada família; o que geralmente acontece com os regulos que pretendem *barlaquear-se*». — José Vaquinhas, *Bol. S. G. L.*, iv, p. 484.

«1908. — «No português de Timor: *Barlaque*, casamento gentílico. *Barlaqueado*, casado, de *Berlaki*, tomar mulher». — Alberto O. de Castro, *Flores de Coral*, p. 139».

M. — Cf. *Palestras Filológicas*, p. 237.

* **Barnagais**

M. — É curioso êste passo de Mendes Pinto: «...onde nos veyo ver hum filho do *Barnagais* Governador deste imperio de Ethyopia...», *Peregrinação*, cap. III.

Esta palavra nada tem de comum com a que se segue.

* **Barnegal**

M. — Esta palavra designava um vaso em metal para liquidos, tinha uma ou duas asas e a sua forma era bojuda.

Possuo abonações destas palavras de várias épocas. Prova isto que, apesar do seu desuso actual, ela teve bastante vida e só há pouco começou a desaparecer.

«...um *barnegal* de prata lavrado de romano pelo bojo...», *Provas da Hist. Geneal.*, II, p. 446; «...e um pucaro ou *barnegal* de prata que pesou um marco...», *Cartas de Quitação de D. Manuel*, doc. 5; «...hũ bacio de prata dagoas mãos (*sic*) cheo daçafrão, & hũ grande *barnegal*, de prata cheo dagoa rosada...», Castanheda, *História*, I, cap. 40; «vendo, entre os estofos e as jóias, os *barne-gais* de ouro», Júlio Dantas, *Pátria Portuguesa*, p. 105.

O último passo citado não prova o emprêgo actual do vocábulo, visto que o autor pôs nesta sua obra muitos vocábulos antigos, para dar ainda mais a côr do tempo às suas narrativas.

* **Barrão**

M. — Esta palavra emprega-se em Santarém, como já consta na maior parte dos dicionários da nossa língua, na acepção do individuo de fóra de portas, o que não é da cidade.

O Dr. David Lopes occupou-se desta palavra nas suas *Cousas arábico-portuguesas*, p. 24 da separata.

Arnaldo Steiger (*Contribución*, p. 312) aceitou a doutrina do arabista português. Vejamos qual é ela:

«...êste nome (*barrão*) tem o mesmo significado que *saloio*. Os vocábulos ALBARRE e ALBARRA significam o «subúrbio de uma povoação», «o campo extra-muros», «arrabalde». Igualmente, o advérbio BARRÁ quer dizer: «fora»! Em documentos antigos espanhoes ocorre muitas vezes *alvara* para designar «casas fora

das portas de uma povoação, povoado suburbano». Vejam-se Dozy e Engelmann, *Glossaire*, p. 62, e Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes*, s. v. O termo português provém directamente do derivado BARRAN(e), com o mesmo sentido. No feminino é ALBARRANA, como em *torre albarrã*, ou fora da muralha de uma cidade, e *cebola albarrã*, isto é «silvestre, do campo». É sinónimo de BARRANÍ, formado como ÇAHROÍ, nome com que na Argélia se designam os individuos que vão do campo servir na cidade. No sul de Portugal chamam *serranos* aos que em Lisboa e Santarém chamam *saloios* e *barrões*.

«Outros modos antitéticos de dizer. O *beduíno* (isto é BADAUI, que habita a BADIA, outro nome para significar o «campo») designa o individuo que vive em casas. Ao BARRANÍ, que citamos, «camponês», opõe-se o BALADÍ, que é o natural ou o habitante de uma povoação, cidadão ou burguês».

Há sempre, portanto, a idéia de pôr em planos opostos os individuos da cidade e os que vivem fora dela, melhor, há sempre a tendência para distinguir as gentes mais polidas das que se consideram mais atrasadas, como sejam as que não vivem nos grandes centros.

Em Lisboa chama-se ao habitante dos arredores *saloio*, isto é, camponês.

Em Santarém é o *barrão*, que é, à letra, o que está do lado de fora.

No sul chamam-se *serranos*, segundo o Sr. Dr. David Lopes. No Algarve é geral a forma *montanheiro* (*montanhêro*, como lá dizem).

* Barregueiro

M. — Esta palavra é antiga em Português. Viterbo, no seu *Eluucidário* (s. v. *Meemfestar*), cita este passo tirado do *Cod. Alf.* (liv. v, tit. 19, § 1): «E outro si a maior parte dos leigos desprezarão os Sacramentos dos ditos clérigos, porque eram *barraqueeiros* publicos, e perdião devaçom nas Igrejas, e muitos delles se nam queriam meemfestar aos Clerigos».

Camilo também o empregou no seu parcialíssimo *Perfil do Marquez de Pombal*: «... o juizo do dissoluto e macrobio *barregueiro* de Paris justificou-o...», p. 90 da 2.^a ed.

* Barril

M. — Palavra abonável em textos antigos: «... e assi recebeo de salitre o dito anno 131 *barris*. . . », *Cartas de Quitação de D. Manuel*, doc. 2.

Na Galiza (Lugo), *barril* é uma das designações do rebôrdio superior da fôlha da gadanha. Cf. Walter Ebeling, *Die landwirtschaftlichen Geräte im Orten der Provinz Lugo (Volkstum und Kultur der Romanen*, vol. v), p. 124.

Barroco, barroca, barrocal

V. — No fim do primeiro parágrafo acrescenta:

«A significação de *barroco* está confirmada pela definição que lêmos na *Revista Lusitana* como termo da Beira-Baixa: *bloco de granito*¹».

O fim do segundo parágrafo fica assim: «... pois temos *barranco*, *barranca*, *barrocal* e *barroca*».

M. — Havia também *barranco*. Uma abonação: «... como ally chegarõ por que parte dos castelhanos da frota erã ja ençima do *barôco*», *Condestabre*, p. 28.

* Basilisco

M. — Nome de uma peça de artelharria. Esta palavra é muito abonável em passos de autores quinhentistas: «hum entulho a modo de terraplano, alamborado da face de fora de hũ betume como argamassa, de mais largura que o mesmo muro quasi duas vezes, por onde fica sendo tão forte que nũ mil *basiliscos* o poderão derrubar...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xcv.

Pelo passo seguinte, conclue-se que a famosa peça de Diu pertencia a esta categoria: «Manoel de Macedo quẽ trouxe o Basilisco, a que câ chamaraõ o tiro de Diu, por se tomar ahy na morte do Soltão Bandur...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. II.

O *basilisco* propriamente era um sáurio fabuloso que matava com a vista.

Trata-se, portanto, de mais um zoónimo empregado como designação de peças de artilharria. Havia também cães, camelos, etc. Também se dizia *basalisco*.

¹ Vol. XI, p. 149».

* Bastardo

M. — Costuma-se dizer que as velas denominadas *bastardas* eram de pequenas embarcações. Veja-se o passo seguinte: «... cinco Galês muyto grandes, com seus *bastardos* quarteados de verde & roxo...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. VII.

* Bastiões

M. — Alguns dicionários remetem esta palavra para *bastiões*. Devo, no entanto, dizer que esta é muito mais rara do que aquela.

Bastiões eram os labores de alto relêvo de ouro e prata que representavam geralmente animais: «... e 4 bacios de agua ás mãos de prata de *bastiões* que juntamente pesaram 39 marcos...», *Cartas de Quitação*, doc. 5; «O presente de D. Duarte era hũa baixéla de prata de *bastiões* muito dourada», Tenreiro, *Itenerário*, p. 37.

Não confundir com *bastião*, trincheira que defende o ângulo saliente de uma fortaleza. Cf., por exemplo, Castanheda, *História*, VI, cap. 113.

* Bastidor

M. — Esta palavra já se empregava no séc. XVI na acepção do caixilho onde se segura o estôfo que se pretende bordar: «Fora do estrado estavam nove moças vestidas de damasco cramesino & branco lavrando de *bastidor*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 83.

Bastos

D. — «Basto é em caló bate, baste, e nele significa, na realidade, mão.

«O *Nôvo Diccionário* também o regista como termo de gíria e com idêntico significado. Se com efeito é vocábulo de origem

indica, como este declara, o seu étimo deve ser o neo-árico *hāta* < sânc. *hasta*, «mão». O malaio tem *batang* no sentido de «mão», cabo de instrumento».

* Batarda

M. — Uma abonação: «... ha rumas muyto altas de lacões, marrãs, toucinhos, adês, patos, groues, *batardas*, emas...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 97.

Bate

V. — Feitas as modificações, o primeiro parágrafo fica como segue:

«Esta palavra na Índia portuguesa quer dizer «arroz em casca», em concani *Bāt(a)*, e não «arroz descascado», como se vê no *Nôvo Dicionário*, e tanto que se diz *várzeas de bate*¹, onde o arroz, de certo, não está sem casca. O que o vocábulo também lá significa é «arroz cozido», como em indostano. Era malaio chama-se *pádi*, ao arroz em herva em terra, e é natural que seja a mesma palavra, a qual, porém, parece ori-jinária da Índia, pelo menos no sentido de «arroz cozido». Sobre este objecto, veja-se Burnell & Yule, *A Glossary of Anglo-Indian Words and Phrases*², sub. *v. Paddy* — «que de tudo tenho muito pouco, e com especialidade de batte para o sustento deste militar»³.

D. — «Esta palavra na Índia portuguesa quer dizer arroz em casca».

«É também «arroz em erva». Arroz, por si só, querer dizer «descascado ou cozido»⁴.

«Mas *bata* não é «o mesmo que *bate*», como diz o *Nôvo Dicionário*, talvez apoiado na autoridade de Rodrigo Félner (editor dos *Subsidios*), significa «ração, comedorias; gratificação, propina». Provêm do indostano *bhata*, *batta* em indo-inglês. V. *Influência*».

¹ *O Oriente Português*, iv, 225».

² Londres, 1896. V. também *Rev. Lusitana*, ix, 217».

³ *O Oriente Português*, iv, 225».

⁴ 1687. — «E sendo junto muito *bate* (assim chamão em Goa ao arroz com casca, e no Sul se chama *nêle*), não se contentando com o que buscavão...» — P. Fernão de Queiroz, *Conquista de Ceylão*, p. 396».

* **Batecha**

M. — Palavra ainda não registada nos dicionários. Ocorre neste passo de Mestre Afonso: «Havia tambem outra especie delles (melões) a que chamam *batechas* o carpuzes», *Itinerário*, p. 161.

É o mesmo que *pateca*. Cf. os meus *Comentários a alguns Arabismo do Dicionário de Nascentes*, s. v.

* **Bâtizo**

M. — O mesmo que *baptizado*. É um derivado regressivo de *baptizar*. Cf. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, p. 411.

Batoque

D. — «Não respondo pela forma, visto que o periódico onde a encontro, vem crivado dos mais inverosímeis erros tipográficos. No entanto, entendo que devo registar este vocábulo (talvez *batuque*)... *Batoque será, pois, um tambor.*»

«Sem dúvida que está por *batuque* que não tem nada que fazer com o verbo *bater*, como aventa o *Nôro Dicionário*, que lhe attribui o significado de «dansa especial entre os negros de Angola». É termo africano, provavelmente do landim *batchuque*, «tambor, baile»¹. Na Índia *batuque* é sinónimo de *gumate*, instrumento que acompanha o canto e a dança popular, conhecidos por *mandó*².»

M. — A *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz que esta palavra é o «nome genérico de tambores de guerra no Barué».

¹ «1897 — «Em tôdas as raças se encontram instrumentos mûsicos, marimbas, gaitas de canna, *batuques*, etc.» — Caldas Xavier, *Bol. S. G. L.*, II, p. 483.

«1882 — «Um tambor ou *batuque*, afinado em tom grave era tângido à mão pela mais velha do rancho». — Henry O'Neill, *ibid.* III, p. 208.

«1882 — «Acompanhadas por tôdas vestidas de gala, tocando *batuque* e dançando». — José Vaquinhas, *ibid.*, IV, p. 483».

² 1896 — «Preparação já elle tinha feito ás 4 horas da tarde ao som do *batuque* e tambores dos brincoos» (em Goa). — Gij, *Jacob e Dulce*, p. 87».

Batuque, bataúda

V. — Acrescenta: «Descrição muito circunstanciada do *batuque*, como dança, pode ver-se na monografia de Ciro Bayo, *Provincialismos argentinos y bolivianos*¹».

D. — O segundo parece ter significado análogo no trecho seguinte... — «Depois começa a vida de noctambulo: horas e horas de *batuque*... *cantigas de bataúda*».

Não é *bataúda*, é *batanda*, que, conforme Rafael das Dores, no seu *Dicionário Teto*, é «dança própria dos indígenas, no qual passam noites inteiras ao som de um canto monotono e sem graça». *Bataúda* destoa da fonologia do teto.

* Baude

M. — Não achei esta palavra registada em nenhum dicionário. Encontrei-a neste passo da *Crónica dos Reis de Bisnaga*: «...acometerão aos contrayros tão desvayradamente que lloguo forão muytos delles postos por cima das cavas e *baudes* que os mouros tinham neste tempo...», p. 35. Parece tratar-se duma construção bélica de caracter defensivo.

* Bautismo, bautisar

M. — Por vezes sucedem coisas curiosas em alguns dicionários. Um conheço que indica esta palavra como arcaica e abona-a com dois passos: um extraído da p. 181 da 2.^a ed. da *Crestematica Arcaica* de José Joaquim Nunes, que é um trecho da *Vita Christi* e o outro de... Gaspar Correia. Mais outras abonações quinhentistas: «...não he muyto conforme â ley Christam que no *bautismo* professaste...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 42; «...porque elle fora seu padrinho do *bautismo*...», idem, ibidem, cap. 46.

Na mesma época também se empregava o verbo *bautisar*: «tem por seu costume circundarem-se, e *bautisarem-se*...», Ant. Tenreiro, *Itinerário*, p. 86».

¹ In *Revue Hispanique*, XIV, 281».

* **Baxá**

M. — Cândido de Figueiredo diz que esta palavra é o mesmo que *pará*. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, por seu turno, afirma que se trata da «designação antiga de *pará* (provavelmente de *pára-paxe*, cabeça. Abreviatura de *padirab*...)».

Não compreendo algumas das afirmações da segunda obra citada.

Vejamos :

1. — Não me parece que *bará* seja a designação antiga de *pará*. E se não vejamos estes passos extraídos de autores da mesma época :

«He senhoreada polo grão turco, onde tem um *Baraa* por governador della...», Tenreiro, *Itinerário*, cap. XXIX, p. 57.

«...que fosse cegura pera hir meu caminho do que foy dado aviso ao dito *Baraa*...», idem, ibidem, cap. cit., p. 59.

«...que depois de lhe mostrarem o carauão-*pará* por quem elle perguntou...», Mestre Afonso, *Itinerário*, p. 158.

«...hũa rei antigo da armenia alta gigante que se chamava gazán *pachá*...», idem, ibidem, p. 189.

«...contando hũu turco ao *pará* se espantara elle muito...», idem, ibidem, p. 257.

Outras abonações de *bará* :

«...hũa grossa armada de Turcos, de que era capitão mor Soleymão *Bará*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. VII.

«...hũa nao de Turcos que estava ahy no porto carregando de mantimentos por mädado do *Bará*», idem, ibidem, cap. VIII.

Cf. ainda nesta mesma obra os capitulos XXI, XXVI, etc.

Fica, portanto, demonstrado que as duas palavras não diferem no tempo.

Reconheço, na verdade, que são formas divergentes. Mas, qual será a causa da sua diferenciação ?

Apenas a língua dos povos que as empregavam.

Mas antes de prosseguir, vamos desdizer duas outras afirmações, para depois concluir.

2. — *Bará* nada tem que ver com qualquer forma *paxe* que signifique cabeça, não sei em que língua, porque a *Enciclopédia* não o diz.

3. — *Bará*, ou *pará*, não são abreviaturas de *padirab*, como vamos ver.

Tanto *pará*, como *bará*, têm a sua origem na expressão persa

pād xāh, senhor rei, que nessa mesma língua originou a forma *padxāh*. Foi desta que os nossos viajantes e historiadores fizeram mais ou menos *directamente* a palavra *pará*.

Ora succede que os árabes também a receberam e, como é natural, modificaram-na para a adaptar aos seus hábitos glóticos. Como em árabe não há *p*, fizeram *bāra*, donde o nosso *bará*.

Note-se que a *Enciclopédia* escreveu *abreviatura*, quando seria preferível dizer *evolução* e, além disso, a forma *padixab* não existe, mas sim *padxāh*, como acima se disse. É pérsica, não esquecer.

Aqui está: as variantes *pará* e *bará* são devidas apenas aos povos de que as recebemos. Nada mais.

O mesmo disse eu há pouco nos meus *Comentários a alguns arabismos do «Dicionário» de Nascentes*, s. v. *Bará*.

Julgo, no entanto, que o *Hobson-Jobson* foi, directa ou indirectamente, o inspirador dalgumas das informações que eu acima rebati. Se o foi, a culpa não foi sua, mas de quem não o soube entender.

O facto de aí se dizer *bashaw* «the old form of what we now call *pasha*», nada quer dizer, porque êsse livro refere-se, como é natural, à língua inglesa e não à portuguesa, onde, como demonstrei mais acima, as duas palavras eram coevas.

Mesmo assim, Yule e Burnell não se esqueceram de dizer que *bashaw*... «being taken from *bāshā*, the Ar. form of the word, which is itself generally believed to be a corruption of the P. *pādishāh*» (s. v. *Bashaw*).

A questão da palavra dada com a significação de *cabeça* pode-se atribuir a um dos passos dados aí como abonatórios. Diz êle: «*Filius alter Osmanis, Vrchanis frater, alium non habet in Annalibus titulum, quam Alis bassa: quod bassae vocabulum turcis caput significat*», Lennclavius, *Annales Sultanorum Othmanidorum*, ed. 1650, p. 402.

Mas os editores dêste precioso dicionário anotaram logo êste passo dizendo que essa etimologia devia ser rejeitada, tanto mais que a forma turca do título em questão é *pādixāh*, e a palavra porque êles designam a cabeça é *bāx*.

Foi a forma turca que originou o romeno *padişah*, *padişach*, o alemão *Padischa* e o polaco *padyszach* (Lokotsch).

* Bazemal

M. — *Bazemal* de Taná. Parece tratar-se de certo direito ou rendimento. Ocorre nos *Subsidios para a História da Índia Portuguesa*, II, pp. 139, 142, 144. Cf. Dalgado, *Glossário*, s. v.

Beata

M. — Na acepção de mulher freirática, religiosa, já se empregava esta palavra no séc. XVI: «... hũa molher velha, que trazia hũas vestiduras compridas & hũas contas ao pescoço, ao modo daquellas a que o povo custuma de chamar *beatas*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXXIII.

Andar às beatas, na gíria, é andar desocupado, sem fazer nada e ainda por cima sem recursos.

* Bebedice

M. — Muito vulgar no séc. XVI: «... pelas inconsideradas palavras della conheci a *bebedice* dos seus conselheiros...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXI; «O gentes tristes & ensopadas na *bebedice* do sono da carne», idem, *ibidem*, cap. LXXVIII.

Bebedouro

M. — Recentemente (e já nesta homenagem ao autor das *Apostilas*) o sr. Dr. Joseph Piel também aludiu ao facto curioso de *bebedouro* não ser «unicamente o lugar para onde se levam os animais para beberem, mas também a pia, onde bebem», *A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*, § 1.

* Beberagem

M. — Umaa bonação quinhentista dêste vocábulo: «... me não derão hũa certa beberagem como derão ao pobre do meu companheiro, que foy hum certo modo de cal delida em ourina, com que logo lhe fizeram vomitar os figados..., mas ensalmourandome com a mesma *beberagem* as feridas dos açoutes...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXIII.

Bedem, bedém

M. — Nas abonações que possuo nada há, como se vai ver, que justifique o que disse o *Dicionário Contemporâneo* sobre as capas feitas de ésparto ou junco: «...hũ homẽ ençima de hum canallo ã osso, & ho homẽ vestido de hũa capa quomo *bedem*, sem barrete...»,

Damião de Goes, *Cron. do Príncipe D. João*, cap. ix; «... hião logo vinte senhores dos principais da corte, & estes em nulas vestidos de marlota de seda & *bedês*...», Castanheda, *História*, vi, cap. xxix, p. 60; «... fazem hũus panos pardos de lã como a maneira de *bedêns* que chamão carambolis que valem muito He muito çerta mercadoria Pera a costa de melimde e mombaça que se muito delles Servem», *Descrição das terras da Índia Oriental*, p. 18; «... de *bedês*, 10 peças...», *Cartas de Quitação*, doc. 18.

Nada há, portanto, que abone o sentido de «capa de couro ou palha, para resguardar da chuva».

G. Viana aceita-o ainda nas *Palestras Filológicas*, p. 174.

O étimo está, na verdade, no árabe *tadan*, túnica sem mangas.

O acento deslocou-se como em *armazém*, o que equivale a dizer que a forma *bedém* não deve repugnar.

Beduí, beduim, beduíno

D. — «As únicas formas portuguesas são as duas primeiras; a terceira é uma versão mal feita do francês *bedouin*».

«D. João de Castro (1541) escreve *ladoil*, plural *ladoies*¹; Garcia da Orta (1563), *bedoins*²; Frei António de Gouveia (1603), *luduíno*³; Frei Agostinho de Santa Maria (1699), *luduíis*⁴».

* Beleguim

M. — No século xvi já se empregava esta palavra: «que o senhor mescolhera, / e por meu bem vi *teleguins*», Gil Vicente, *Barca do*

«¹ *Badoil*, em bom Arabio, significa homeni, que vive soamente de gado: estes homens chamados *Badoies* he propriamente a gente de Trogloditas...». — *Roteiro do Mar Roxo*, p. 234».

«² Somente hum mercador que tratava de Melinde para Moçambique me disse, que os *Bedoins* a traziam a Brava e a Magadoxo por terra». — Col. iv.

«³ Os naturaes (de Socotorá) se chamão *Biduins*, que he nome commum a toda a nação entre os Arabios, que vive de pasto de gado». — *Jornada do Arcebispo*, fl. 145».

«⁴ Determinou ir pessoalmente à Ilha de Socotorá, para reduzir à fé os Barbaros, que a habitão, chamados *Buduins*». — *História*, p. 22.

«1625. — «... nè sono affatto *Beduini*, ò *Beduini*, cioè *Deserticoli*, che fra loro sono i più nobili, che non stano nai in luoghi murati, ma vanno sempre con le tende negre per le campagne errando». — Pietro della Valle, *Viaggi*, iii, p. 397».

Inferno, fl. XLIX; «...inda que seja upo daçoute, que são como algozes ou *beleguins* entre nós», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XCVII.

Embora não seja para aceitar de olhos fechados, não deixa de ser conveniente e mesmo útil apontar o étimo proposto por Fr. João de Sousa para esta palavra: o aí *bāleguīn*, tirado do verbo *balaga*, «que na II conjugação significa trazer, acompanhar, guiar, lançar mão a alguém».

* Beletrista

M. — Um passo abonatório do emprêgo dêste vocábulo: «...Castro Lopes, o pranteado filólogo e beletrista carioca...», Álvaro Bomilcar, *Intellectual Esquecido* em *A Língua Brasileira* de Domingos de Castro Lopes.

Belfa

M. — Muitos dicionários posteriores à publicação das *Apostilas* não citam esta palavra na acepção ali apontada.

Belhó

M. — D. Carolina ocupou-se desta palavra na *Rev. Lusitana*, III, p. 133.

Bengala, pingalim

V. — No fim do primeiro parágrafo acrescenta¹ «o bastão foi principalmente denominado *cana de bengala*, quando era de *cana-da-Índia*, e ao depois ou simplesmente *cana*, como em França (*canne*), ou no exemplo seguinte: «uma matrona com uma cana (na) mão», ou por fim *bengala*, que prevaleceu».

D. — «São os portugueses o único povo europeu que chama ao bastão *bengala*».

¹ «O Oriente Portuguez, VI, p. 198».

«V. — *Contribuições*. *Bengala* é também o nome que se dava antigamente a um tecido fino, que era importado de Bengala¹. Os dicionários não consignam esta acepção da palavra, que já era conhecida em Espanha no tempo dos mouros e é registada por Dozy². Morais diz que *bengaleiro* é «o que vende lençarias de Bengala, e outras mercadorias, que de lá se trazem». E muito antes dele Bento Pereira interpretava *bengaleiro* por «*propola lintearius*» — fanqueiro»,

Beniaga

M. — Como se sabe, é o mesmo que *veniaga*, uma abonação muito interessante: «A quinze Dagosto chegou á ilha *Tamam* a que os nossos chamam *beniaga*, que quer dizer *Mercadoria*, vocabulo já tam recebido entrelles, que o tem feito proprio», Barros, *Décadas*, III, II, 6.

Bem-aventurado, bem-aventurança

V. — Acrescenta: «No Alentejo, porém, fazem a ligação do *m* com a vogal seguinte, pronunciando *bēmaventurança*³.»

Benjoim, beijoim

M. — Viana parece que não gostava de indicar os locais onde ocorriam as citações que fazia.

Garcia da Orta ocupou-se da benjoim no IX colóquio e explicou-se esta palavra na p. 109 do 1.º vol., na edição do Conde de Ficalho.

A transcrição arábica não me parece grande coisa: deve ser *lubān jāūl*, *resina javanesa*.

«¹ 1561 — «... coifas de Lisboa, *bengalas* corpinhos de chamalotes» — Jorge F. de Vasconcelos, *Eufrosina*, act. III.

«² 1620. — «... e infinidade de caixões cheos de roupa de tôda a sorte, a saber, cossas, cochas, *Bengalas*, Balagates»: — Frei Nicolau de Oliveira, *Grandezas de Lisboa*, fl. 13.

«³ 1611. — «Bengala es vn cierto genero de velo mui delgado». — Covarrúvias, *Tesoro de la Lengua Castellana*.

«² *Albengala*, (étouffe de lin très-fin, dont les Maures d'Espagne ornaient leurs turbans) semble être formé d'un nom propre *Bengale*, car c'est dans cette province que l'on fabriquait la mousseline la plus fine que l'on connaisse dans l'Inde».

«³ *Revista Lusitana*, VII, 299».

Berço

M. — Como é sabido, também tinha êste nome uma peça de artilharia antiga. A amplitude do seu tiro servia para indicar distâncias: «... hũa terra rasa... Antonio de Faria... sendo já passadas mais de tres horas da noite surgio obra de *hum tiro de berço della*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXV.

Ainda hoje não se chegou a uma conclusão segura sôbre a origem desta palavra. Cf. a propósito o *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes, s. v.

Besique

M. — O francês *bézique* ou *bésique*, além das variantes *bézy* e *bési* apontadas por Littré, tem ainda *bésy*, conforme diz Albert Dauzat no seu *Dictionnaire Etymologique*, s. v. *bésique*.

Besouro, besoiro, bisouro, bisórro

V. — Feitos os acrescentos de V., o início dêste artigo fica como segue :

«A forma mais comum em Lisboa é *bisoiro*; a que se considera mais correcta é *besouro*, sem grande fundamento, pois é desconhecido o étimo. Conforme Silvio de Almeida é (*ajuis auro*)¹. Esta origem é confirmada pela pronúncia popular *bisouro*, *bisoiro*, devendo ser esta a escrita preferível».

Besta

M. — Como medida de comprimento usava-se muito a expressão *tiro de besta*: «... chegamos à boca de hum rio pequeno, de pouco mais de hum *tiro de besta* em largo...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXIII. Cf. cap. XL, LX, etc.

¹ (*ajuis auro* produziu *besouro* (*bes* em lugar de *bis*, justifica-se pelo *e* (aliás *i*) latino em posição antevocálica.)

Bétele, (bétere, betre, betle)

V. — No fim do primeiro parágrafo acrescenta: «No crioulo indo-português do norte a forma é *betla*¹».

E o fim do segundo: «Eis aqui um exemplo da forma *bétele*: «folhas de *betle* (*sic*) e noses de areca.»²

No fim vem ainda: «Outra forma portuguesa é *vitele*, que mais se aproxima da original».

D. — *É esta a melhor escrita portuguesa, porque é a mais antiga, ou então bétere, betre, e não bétel».*

«**Bétele**: Afonso de Albuquerque, Duarte Barbosa, Tomé Pires, Barros, Monclaio, Góis, Francisco de Andrade, Faria y Sousa, *Conquista do Pegu*. **Bétel**: Simão Botelho, P. Manuel Godinho, Bernardo Francisco da Costa. **Betle**: *Primor e Honra*, Francisco Luis Gomes, Tomaz Ribeiro, Lopes Mendes. **Bétere**: Fernão Mendes, *passim*. *Betre*: D. João III, Orta, Couto, Erédia, Bocarro.

«A palavra *cátele* (que provém do malaiala *Kattil*, como *bétele* de *vettila*) passou por *idêntica* evolução. V. *Contribuições*».

M. — Por vezes algumas destas variantes ocorriam na mesma obra: «O pagem do *betelle* delrey levava quymze mill homes de pee», *Cron. dos Reis de Bisnaga*, p. 27; «lamção no Jogo huñ pano com com arroz, e outro em que trazem *betre*», *idem*, p. 77.

É interessante este passo acerca do uso do *betre* pelas baia-deiras no reino de Narsinga: «Entrão estas molheres onde estão as molheres delrey, e estão com ellas, e comem *betre* diante dellas, o que não come outra pessoa nenhũa de nenhũ estado que seja. Este *betre* he hũa erva que tem a folha como a folha da pimenta, ou a era da nossa terra, esta folha comem sempre, e a trazem na boca com outro fruto que se chama areca, da feição de hũa nespera, mas he muito dura, e faz muito bom bafo, e tem outras muitas virtudes, e he meyo mantimento pera elles que não comem como nós, algũs desses comem carne, tirando vaca e porco toda a outra comem, e nem por ysso deixão de comer todo dia este *betre*», *Cron. dos Reis da Bisnaga*, p. 85.

¹ S. Rodolfo Dalgado, *Revista Lusitana*, ix, 217».

² *O Oriente Português*, vi, p. 44».

* **Betenigus**

M. — Palavra ainda não registada nos nossos dicionários. Ocorre neste passo da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto: «... fomos dormir a hûas casas grandes que se dizião *Betenigus*, que quer dizer casas de Rey», cap. III.

A composição da palavra justifica plenamente o significado que lhe attribui o grande aventureiro — escritor. Trata-se do amárico *biêt*, casa (cf. em árabe *beit*.) e *negûs*, rei.

* **Betudete**

M. — É a primeira vez que se regista esta palavra. Foi Castanheda quem a empregou na sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, quando descrevia a comitiva do Preste: «Levava mais ho Preste dous capitães da goarda que na sua lingua se chamão *Betudetes* & sam grâdes senhores», VI, cap. XXVIII.

Betume

M. — Esta palavra era já muito usual no século XVI. Duas abonações:

«Chama-se lago de Asphalto, que quer dizer *betume*, porque cada dous annos lança de si grande quantidade de *betume*, a que chamão pez Arabico, o qual sahe de poços, que estavam naquelle valle illustre antes da subversão das Cidades. Tem este *betume*, ou pez hum cheyro pessimo, mas muyta virtude para muytas cousas, & val muyto em todo o Oriente», Fr. Pantaleão de Aveiro, *Itenerário*, pp. 377-378, ed. de 1721.

«... terraplano, alamborado da face de fora de hû *betume* como argamassa...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xcv.

Também ocorria a variante *bitume*: «... se poem na taboa do braço direyto hûa chapa de hûa certa confeição de oleos & *bitumes* de lacre...», *idem*, cap. CVIII.

* **Biabar**

M. — Nome de uma casta no Malabar: «A hûa ley de mercadores Indios mesmo, naturais da terra a que eles chamão *biabar* os quais eram mercadores amtre elles antes que a India viesem gôtes

estrãogeiras nem ouvesse navegação do mar», *Descrição das terra da Índia*, p. 104.

Bicha, bicho

D. — *Difícil de identificar é o animal a que Fernám Méndez Pinto chama bicho de voo, no que o compara ao morcego.*

«E acrescenta o autor da *Peregrinação*: «Os quaes animaes dizião que se chamarão *banazas*».

• «Estou investigando a etimologia da palavra e a natureza do quadrúpede, que, a julgar pela descrição, parece fabuloso.»

M. — O passo apontado por Gonçalves Viana não é o único da *Peregrinação* em que Mendes Pinto se refere a um indeterminado animal com a palavra *bicho*. Há, pelo menos, êste exemplo mais: «... muytas invenções de animais bravos muyto para ver & temer, em que entrão cobras, serpentes, lagartos muyto grãdes, tigres, *bichos* & outros muytos de diversas maneyras...», cap. xcix.

Mas Mendes Pinto também empregou a palavra em sentido geral: «... & outra muyta diversidade de *bichos*, os quais fazião cruel guerra a outras sortes de *bichos* & animais de natureza mais fraca...», cap. lxxiii. Notar que o autor faz diferença entre *bicho* e *animal*.

Mais algumas palavras relacionadas com *bicho*:

• **Bicho do mar** — *Biche-de-mer* (francês); *beche de mer* (inglês). — O *bicho do mar*, a *holothuria* das águas da Oceânia e da China foi um dos produtos mais apreciados no comércio de Portugal com a China. Os parós de Macassar iam pescar o bicho perto de Timor e também de Ceilão e Sanzibar, para levá-lo, sêco ou fumado, em milhares de picos para o pôrto de Macáu. Os franceses e os ingleses adoptaram a palavra tal e qual a enviaram da boca dos portugueses da Índia», Hedwig Fitzler, *Algumas notas acerca da influência portuguesa na linguagem comercial dos povos da Europa*¹.

Bichanca. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* dá a esta palavra apenas a significação de «grande bicha; grande e desconforme animal» e ainda como brasileirismo. Ora o Doutor Leite

¹ A *Lingua Portuguesa*, 1, p. 137.

de Vasconcelos trá-la nos seus *Opúsculos*¹ com a idéia de «tôda a qualidade de bichos».

Vou agora referir-me a mais dois vocábulos que à primeira vista podem paracer ligados ao *bicho* (ou *bicha*) mas que, na realidade não estão.

Trata-se de *bichaneira* e *bichara*.

«**Bichaneira**, dada a sua estrutura e o significado que tem de «abertura ou registo por meio do qual os padeiros regularizam o calor do forno» (Figueiredo), bem o podemos considerar proveniente do esp. *mechinal* ou *mechinel*, que, por adaptação, teria sido transformado em * *mechineira*, donde *bichaneira*...», Santos Agero, *Notas Etimológicas em A Língua Portuguesa*, (I, p. 284).

Bichara é uma palavra que os dicionários registam, mas não abonam. Tem a significação de *consulta*, *conferência*, *reñido*.

Abôno-a com o seguinte passo: «... se ajuntarão todos em hũa consulta, a que elles chamão *bichara*, & nella elegeraõ entre sy dous dos mais hõrados...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LI.

* Bico

M. — No Oriente, além da dignidade eclesiástica budista,² designava também esta palavra uma moeda. Abonação: «... nas quais torres ambas nos affirmarão os Chins que estavam em tisouro quinze mil *bicos* de prata do rendimento daquelle *anchacilado*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xc.

* Bicornia

M. — Duarte Nunes de Leão, *Origem* (cap. xvii), dá este vocábulo como um dos «antigos Portugueses, que se achão em scripturas», Diz o erudito quinhentista que é o mesmo que *bigorna*.

Trata-se, evidentemente, dum vocábulo suspeito.

¹ Vol. I, p. 435.

² «... hião quarenta mil sacerdotes... dos quais muytos tinhaõ differentes dignidades, como eraõ grepos, talagrepos, roolins, neipois, bicos, sacureus...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. clx; «... bicos, grepos, menigrepos, talagrepos, guimões, & roolins, que são as ordẽs & dignidades do seus acerdocio...», idem, cap. clxvii.

Bigode, mostacho

M. — Na *Descrição das Terras da Índia*: «...fazem a barba a naualha, deixam hũs *buguodes* muito compridos a maneira de turcos», p. 77.

Regista-se não só a forma, mas também o emprêgo do plural.

*** Biliz**

M. — Diz a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* que esta palavra é o mesmo que *beliz*. Lá vai uma abonação: «Não sejais vos tão *biliz*», Camões, *Filodemo*, v. 1015.

O árabe *iblīq* tem como correspondente vulgar a forma *blīq*. Designa o *demónio*.

*** Biocho**

M. — Forma ainda não registada. O mesmo que ânus. Cf. *castufo*.

Bíri-Bíri

D. — «... tocado em combate, do lado do maior diametro, dá signal de avançar, e do lado do menor, signal de retirada».

«É *mbéribiri*, «tambor de guerra», em tetense».

*** Biscato, biscalho, biscalheira**

V. — Acrescenta estas palavras no primeiro parágrafo: «Eis aqui um exemplo de *biscato*: «copiosas libações ingeridas com buchas de pão e biscatos de sardinha¹».

Bisnaga

M. — A doutrina de Viana neste artigo parece-me bem. Ha apenas um pequeno ponto que eu quero esclarecer.

Na minha opinião os Arabes encontram o vocábulo *pastinaca* na Península. Digo-o por duas razões:

¹ Ludovico de Meneses, *No país do Sol*, in *O Dia*, 22 Abril 1908.»

1. — *Pastinaca* sofreu esta deformação (digamos assim), tam profunda, só na Península;

2. — Só nesta região é que eu tenho noticia de o grupo *-st-* reduzir-se a *ç* (neste caso, em consequência da posição prôtónica, chegou a *s*).

Os exemplos abonadores desta última evolução são vários. Podem-se ver vários casos na obra de A. Steiger¹.

Em esp. arc. havia *biznaga*.

Costumam alguns autores dizer que *pastinaca* é uma forma hipotética, formada de *pastinare*. Tal não é verdade, porque *pastinaca* pode ver-se em Plínio (xxv, 42; ix, 73).

No primeiro dos passos apontados designa a planta umbelífera, que em francês é *ammivisnague* e *panais* (no séc. xiii *pasnaie*). Na primeira vejo influência peninsular.

Na mesma lingua existia ainda *pastenade* na mesma acepção. Nota-se aí uma alteração final operada pela lingua d'oc. (Dauzat, *Dict. Etym.*, s. v. *pastenague*).

Por analogia de formas, esta palavra passou a designar determinado peixe, que se denomina *pastenague*. Trata-se da forma plena.

O brinquedo de carnaval chama-se em francês *bisnague*. Deve ser também de origem peninsular.

* Bôca

M. — Que eu saiba, ainda não se registou a expressão *dizer por uma bôca*, isto é, falar de comum acôrdo, ter a mesma opinião. Veja-se: «... lhes perguntou miudamente pelo que pretendia saber, a que elles ambos por *por hũa boca disserão*, que quanto ao entrar do rio não avia que temer...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLVIII.

Esta palavra podia (e pôde) ainda designar a foz, a barra dum rio, dum estreito, dum canal: «... atravessando daquy outro golfão, abocou a leste franco hum estreito de dez legoas na *boca*, que se dezia Sileupaquim...», Mendes Pinto, *Per.*, cap. LXXI. Mas na maioria dos casos aparece acompanhado do determinativo: «... he hũa ilha despovoada que está na *boca da enseada* da Cauchenchina...», Idem, cap. XLII; «trabalhamos quasi toda aquella noite para às toas nos metermos da *boca do rio* para dentro», Idem, cap. XLVI, «... surgimos na *boca da barra* defronte de hũa povoação pequena...» cap. XXXIV.

¹ *Contribución*, p. 141.

Fernão Lopes também empregou uma expressão dêste tipo: «ElRei Dom Pedro entrou logo na frota e foise poer na *boca do rio...*», *Cron. D. Pedro*, cap. XXXV.

* Boga

M. — Castanheda emprega muito esta palavra por *voga*: «O que vêdo Fernão Perez cõ os outros capitães se partirão donde estavam *aboga* (*sic*, isto é, *à boga*) arrancada, & se forão poer na boca do rio», *História*, IV, cap. XVII; «& todas hião a *boga* arrancada por chegar ao nosso batel», *idem*, V, cap. XXXVII; «E remando a *boga* arrancada cometeo a barra do rio com grandes gritas», *idem*, VI, cap. XCI.

Bói (Pal.)

V. — «... *assim também existe lá o termo bói, que na pronúncia e no significado coincide com a palavra inglesa boy, «rapaz».*

«O vocábulo *boi* ou *boy*, de origem indiana, acha-se empregado pelos escritores antigos no sentido genérico de «homem que exerce mesteres baixos», como carregador, aguadeiro¹, e no especial de «portador de palanquim e de sombreiro grande, pesado e rico»². Nesta acepção, que única voga ao presente, usa-se na *Índia bôia*, (não *bóia*, que não existe)³, que em concani é forma temática, representada pelo vocativo *bhōyá*, sendo *bhōi* o nominativo.

O étimo da palavra é, conforme a história, o conc. *bhōi*, que também se encontra em outras línguas neo-áricas, como marata,

¹ 1511. — «Per este vos mando que des (deis) a este *mocadam* (capataz) dos *boys* que carregão pedra grande tres panos de cambaya». — A. de Albuquerque, *Cartas*, v, p. 22.

1554. — «Hum *boy* de sombreiro, dous maynatos (lavadores de roupa), seys *bôyes* d'agua, que todos servem o goverdador». — Simão Botelho, *Tombo*, p. 57.

² 1552. — «... cubertos com sombreiros de pé que lhe tambem levão homens que chamão *boyes*». — Castanheda, *História*, I, cap. 16.

1715. — «Nenhuns *Boys* christãos carretem andares e sombreiros dos gentios». — *Carta régia*, in *Archivo*, Suppl. II, p. 8.

³ 1862. — «Os Portuguezes diziam antigamente com os naturaes *Boy*, tomando o nominativo; mas hoje tem prevalecido entre elles o caso obliquo, e declinando-o a seu modo dizem em todos os casos do Singular, *Boyá*, e em todos os casos do Plural, *Boyás*». — Cunha Rivara, em *Pyrard de Laval*, II, p. 38.

guzarate, indostano, oriá. Os idiomas dravidicos tem igualmente *bôri* ou *bôri*, que parece ligar-se a *bhói*, e designa uma casta de pasta-palanquins e ao mesmo tempo pescadores.

«A palavra, no Dicionario portuguez-francês de Roquete, apparece-nos acentuada *bói*, por má comprehensão dos acentos no Vocabulário de Bluteau, no qual o som fechado das vogaes e, o é figurado com acento grave, servindo o circumflexo para denotar o valor de é, ó, abertas».

«Como quer que acentuem a palavra os lexicógrafos, tenho para mim que a verdadeira ortoépia e prosódia é *bói*, em concordância com a etimologia e com a pronúncia indo-portuguesa, que naturalmente deve representar a tradição. Os vocábulos indianos *bóy* o *bóyes*, que ocorre no *Tombo da Índia*, indica presumivelmente o mesmo, e não que o o é aberto, o que Simão Botelho não costuma notar. Vê-se, portanto, que não «é conveniente acentuarmos *bói*, para o differencarmos de *boi* (*bói*), esta palavra peregrina». E embora houvesse homofonia entre os dois vocábulos, como aconteceu com *chapa*, *tanque* e *varanda*, não deveríamos differencá-los por acentuação arbitrária.

«Advertirei que o vocábulo, nem como simples, nem como composto, se encontra no Dicionario Konkani-Portuguez, de Monsenhor Rodolfo Dalgado».

«Está na página 367, 1.^a columna».

Boião, pires

D. — «Vê-se que o boião, no tempo do grande cronista da Ásia e eminente escritor quinhentista (Diogo do Couto), ia ao lume, e por conseguinte havia de ter pegas, para do fogo ser retirado».

«Não era indispensável que, por esse motivo, tivesse asas; ainda hoje vão ao fogão no Oriente muitas panelas e tachos que as não tem, e são retiradas por meio de trapos de cozinha. Além disso, o caso que narra o cronista é de extrema necessidade, em que qualquer vaso se deveria aproveitar, para se não morrer de

fome. As *jarras martabanas* ou de Martavão, tão celebradas pelos historiadores, eram usadas na armada para água, por se julgar que a conservavam em bom estado.¹

«Conclui-se que o boião perdeu as asas com que da Ásia voara para Portugal, porque asiático é que é o nome deve ser considerado... Com efeito, em malaio, buiong designa uma vasilha de barro.»

«Eu da minha parte, ainda não estou plenamente convencido da etimologia do vocábulo. É verdade que o malaio tem *buyong* com o sentido de «bilha, cangirão, jarro», como o tem, mais ou menos modificado foneticamente, varios idiomas da India, que, com muita verossemelhança, o receberam dos portugueses.

«A principal dificuldade está em que os nossos indianistas não reputam o termo novo e peregrino, pois empregam-no em sentido amplo, sem nenhuma explicação, e falam de *boião de barro*, como se houvesse *boões de vidro*, já conhecidos. O próprio Diogo do Couto, cujo testemunho se invoca para a derivação, diz simplesmente *boyão de Pegu*².»

¹ Também se fazem neste lugar (Martabani) muytas e grandes jaras de porcelana, muy grosas, rijas e formosas; ha hy delas que leuaom hũa pipa dagoa; saom vidradas de preto e muyto estimadas autre hos Mouros». — Duarte Barbosa, *Livro* (2.^a ed.), p. 361.

«1563. — «E o pao que houverdes de levar para Portugal seja metido em jarras *martavans* de colo alto; porque são vidradas por dentro, e sostem muyto o pao (da China) sem se danar». — Garcia da Orta, *Col.* XLVII.»

² 1540. «Setins, damascos, e tres *boyões* grandes de almiscar». — «Sineco *boyões* grandes de almiscar». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, capp. 55 e 65.

1581. — «Fazem pouca conta das nossas joyas, e pedraria, e por huma panela ou *boyão de barro* para o uso do seu chá, se for feita por algum insigne official antigo, darão mil cruzados... El-Roy de Bungo me mostrou hum *boyão* mui pequeno de barro... e qual elle mesmo comprou por nove mil taeis de prata». — P. Valignano, in *Oriente conquistado*, II, IV, 2.

1605. — «Hum *boyam* da India, i hua pallangana e hua toalha grande todo da India». — Tomas Pires, *Materiaes*, etc., in *Bol. S. G. L.*, XVI, p. 729.

1616. — «Não comiam senão de uinte e quatro em uinte quatro horas huma pouca de canja, que se cozinhava em hum *boyão de Pegu*». — Couto, *Déc.* X, III, 13.

1668. «Tinha també pegado fogo no entre forro també em lavareda; traba-
lhouse com diligencia trazendo os moços e catres da caza *boyões* (bilhas, como em malaio) de agua repetidamente». — In *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 12.»

* Boléo

M. — A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* regista esta palavra, como nome comum, apenas na acepção de «género da família das crucíferas».

Esta palavra existe como apelido, e este não pode ter a sua origem naquele sentido, porque se trata duma palavra sábia.

Ora na *Cena Policiãna* aparecem estes versos: «Estes boleos / são pera m'ir enforcar», vv. 294-295.

Deve tratar-se de uma palavra que designa qualquer género de cordas.

Será esta a origem do apelido?

Boliço

V. — O título passa a ser *boliço*, *boliçoso*, *buliço*, *buliçoso*.

No fim acrescenta: «É evidente que o adjectivo *buliçoso* provém de *buliço*, e não da *bulício*. Em castelhano diz-se *bullício*, o que prova ser *u* a melhor escrita para a vogal da primeira sílaba».

A boma (e não), o boma

D. — «É palavra da *Africa Oriental Portuguesa*. . . : — «no boma ou forte só pernoita a guarda».

«A lingua de Tete tem *bondo* com idêntico significado e *ngome*, com o de «muralha»; mas parece que *boma* provém de alguma outra lingua»¹.

Bombaça

V. — Acrescenta: «A forma (*chaminé*) porém é antiga, pois já figura em documento do XVI século: «e tem a um canto hũa chaminee de trombã»².

¹ 1912. — «A *boma* (recinto onde se encontram as palhotas para funcionários pernoitarem, etc.), e também semelhante à que encontramos junto de Mamanze». — *Bol. S. G. L.*, xxxiv, p. 300».

² O *Archeologo Português*, vol. xiv, p. 286».

Bondoso, bondadoso

V. — Acrescenta ao terceiro parágrafo: «em castelhano *hijo d'algo*»¹.

Bonzo

D. — «Não é desta forma (bózu), porém, que o vocábulo foi tirado, mas sim de outra dialectal, bónzu».

«Não é inteiramente certo, suposta a existência da forma dialectal; a nasal podia desenvolver-se dentro do português, como aconteceu com *biombo* de *biôbu*, com *nanguinata* de *naginata*. V. *Contribuições*. Os portugueses tinham tendências a nasalizar não sòmente a sílaba final, mas até a medial. CF. *çandil* de *sadi*, *sinsó* de *sissó*. Deve-se, contudo, notar que desde Fernão Mendes (1545) e S. Francisco Xavier lemos quâsi invariavelmente *bonzo*. O japonês *bonsô* quiere dizer «religioso ordinário ou ignorante»; pode ser que essa expressão influísse na forma portuguesa.

«É possível que o termo japonês *bozu* se relacione com o sâns. *vandya*, «venerável», aplicado ao clero de Buda em nepali-*bandya*, e em tibetano-*bandhe*; ou *bande*. O chinês *fan-seng*, «pessoa religiosa», ou *fū-sze*, «mestre da lei», corresponde ao vocábulo japonês.

«*Bonza* é «freira budista»²; *bonzaria*, «colectividade de bonzos»³; *bonzeiro*, «amigo apaixonado dos bonzos»⁴.

M. — Gonçalves Viana occupou-se também desta palavra nas *Palestras Filológicas*, p. 173, mas apenas como breve referência. Deu-lhe aí a mesma origem.

Lokotsch tira do japonês *bonsô*.

¹ *Revue Hispanique*, xx, 332.

² 1549. — «Magnus est his locis numerus tum virorum, tum foeminarum religiosam vivendi rationem profitetium, *Bonzios* et *Bonzias* appellant» — S. F. Xavier, *Lib. iv*, epist. 2.^o

³ 1684. — «Las Cidades, tienen *Tundos* (correspondeu a Arcebispos y Obispos) a que obedece toda *Bonzeria*». — Faria y Sousa, *Asia Portuguesa*, II, p. 770.»

⁴ 1668. — «Dizem entrou tambem hum Velho grande *Bonzeiro* avô do Rey que governa». — In *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 12.»

Note-se que uma boa parte da doutrina acima exposta por Dalgado é tirada do *Hobson-Jobson*.

Boqueirão

M. — Em Lisboa já ouvi chamar *biqueirão* a este peixe. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* regista esta forma.

* Bordate

M. — Vem esta palavra registada nos dicionários com a seguinte significação: «Espécie de tecido antigo usado em tempo de D. João III». A seu respeito são curiosas estas palavras do Prof. Dr. David Lopes: «Os bordates eram em geral de fabrico egípcio, porque eram de algodão, que o Egipto produzia muito... Os bordates eram a principal mercadoria que se vendia em Safim, dizia o seu feitor em 1512 a D. Manuel», *A Expansão em Marrocos*, erudito capítulo da *História da Expansão Portuguesa no Mundo*¹.

Como se depreende daqui, já se usava este tecido no tempo de D. Manuel e era vulgar em Marrocos, não no continente.

Não sei ao certo qual o seu étimo. É de crer que seja árabe. Nesta língua existe a forma *bordâ* que significa *um tecido, um manto*. À primeira vista pode parecer o seu plural: *bordât*, mas aquela palavra tem plural fracto (*burūd*).

Tratar-se-á dum plural formado analogicamente?

* Bordo

M. — Não está ainda registada esta palavra como *acto de abordar*: «Fyz huum bordo em Alcobaça / onde fycio muy cansado», *Conc. Geral*, I, p. 106.

* Boril

M. — No *Itinerário* de Mestre Afonso, é o mesmo que *buril*: «... officiais de cousas de cobre, outros que as laurão de *boril*...», pag. 167.

¹ Vem no vol. I, p. 181.

* Bosque

M. — Num passo da *Peregrinação* (no cap. LXVIII), Mendes Pinto fala-nos de uma manifestação feita por «hũa lanteaa muyto bem remada, toda coberta de hũ fresco *bosque* de castanheyros cõ seus ouriços assi como a natureza os criara nelles».

Bostear; bosteiro

D. — O Nôvo Diccionário regista este verbo, como sinónimo de «embostar», derivado de *bosta*.

«O que regista é *bostar*. Na Índia *bostear* não é sómente «revestir de bosta as paredes», mas também e principalmente o pavimento da casa, os pátios e as eiras. E formou-se o derivado *bosteadeira*, «a mulher que bosteia». Narra Diogo do Couto (Déc. v, vi, 4) que, indo com dois ou três companheiros de Goa para Chaul por terra, os brâmanes, em cujas varandas se agasalhavam, «depois que nos yamos fazião mûy grandes purificaçoens, lauandosse com muitas cerimonias, e *embostando* as varandas, como se foramos feridos de algum mal contagioso»¹.»

M. — Um passo curioso: «Depois de morto o doente mandão lavar o chão onde estava deytado o doente de lavado tomão *bosta*

¹ Manchão os seus aposentos e as suas paredes com as suas bostas». — Ben-Batuta (1334) *Viagens*, II, p. 66.»

1736. — «Nos dias dos partos de suas mulheres, nem antes, nem depois d'elles com respeito aos mesmos partos, se não *bosteie* o logar, ou casa em que o parto tiver sido ou houver de ser... Que morrendo alguma pessoa, se não *bosteie* o logar, ou casa em que morrer». — *Editat* da Inquisição de Goa, *apud* Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, I, p. 256.

«1916. — «Devo dizer ao consulente que *bostar* ou *embostar* é sujar, emporcalhar, embodegar, e não revestir o chão ou as paredes de bosta, o que se exprime por *bostear*, termo já registado, com essa acepção, no Diccionário de C. de Figueiredo» (na 2.^a edição). — *Heraldo*, de 26 de Agosto..

«1623. — «Pensauo io che fosse alcuno rito supersticioso di Religione, ma ho saputo meglio che si fã per pulitezza, e per ornamento... Certo è cosa bella, e io ho voglia di prouare à farne fare de' simili en Italia, tanto più che dicono per certo, che le caso co' i pauimenti in quella guisa stercorati son molte buone contro la peste, che non è virtù sprezzabile». — Pietro della Valle, *Viaggi*, III, o. 166.»

de vacca, e embostão aquelle chão, e llamção o morto em cima desta *bosta*, por que tem elles que o doente que morre em catre, ou com cousa que não seja no chão, que peca mortalmente», *Crónica dos Reis de Bisnaga*, p. 78.

* Bostela

M. — Nos *Livros de Falcoaria*, publicados por Rodrigues Lapa no *Boletim de Filologia*¹, já aparece esta palavra: «... porque lhe inchão (as mãos) e tẽ hũas *bostellas* nas palmas...», p. 230.

* Boubá

M. — A propósito desta palavra leia-se o que escrevem Garcia da Orta, no Colóquio xxxiv, (vol. II, p. 107).

Bouça

V. — Acrescenta no fim do artigo: «Conforme o excelente artigo de Araújo e Melo, publicado nos *Annaes do notariado portuguez*, é assim definido o termo *bouça*: «O terreno *inculto* ou *bravio*, semeado de *mato* (tôjo, carqueja, urze, queiró, etc.) e pinheiros bravos, embora contenha tambem outras arvores silvestres em menor numero, é designado communmente, no concelho do Porto, pelo nome de *bouça*, e mais raramente pelo de *leira de mato*²».

* Bracalão

M. — Designava-se com este nome certos altos dignitários de Pequim: «... estado de tutões, Chaës, Anchaecys, Aytaos, Puchancys, & *Bracalões*, porque todos estes governão reynos & provincias muito grandes...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. cvii; «porquanto o Rey era minino de nove annos somente, ordenarão os vinte & quatro *bracaloens* do governo que a Raynha sua mãy fosse tutora & sua aya...», idem, cap. clxxxiv.

¹ Tõmo I.

² Tõmo xxxi, p. 5 (1907).

Braga, bragal

V. — No fim do primeiro parágrafo diz ainda que «Em Goa havia uma cadeia denominada Sala das Bragas, e também Prisão da Ribeira, «onde se recolhiam os condemnados ás galés¹»

M. — A palavra latina *brāca* (com o seu divergente *brāces*) é gaulesa e, como se pode ver no REW, está largamente representada na România.

Grandgent (Latin Vulgar, § 163 da ed. esp.) cita ainda a forma latina *bracca*, mas esta devia ter tido vida muito reduzida.

Cf. o que escreveu o Doutor Leite de Vasconcelos nas *Lições de Filologia*, p. 24 (2.^a ed.).

Abonação quinhentista que prova o uso da palavra na acepção *grilhetas*: «... crianças de seis até oito annos, todos com *bragas* nas pernas, & algemas nas mãos...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLIII.

Com o significado de *calças*: «... sôpre ouve maneira pera lle çeguaem suas mantas e daquy por deante mandou ho capitão que hos guzarates e marjnheiros andasẽ com *bragas* e asalhassem ha artelharia, por escusar perigno aos portugueses...», *Hist. Quinh. do Seg. Cêrco de Dio*, p. 25.

Acrescente-se ainda que se chama *braga* na gíria de cerralharia a uma braçadeira que tenha um olhal para prender em cantoneiras.

Brejo, brejeiro (= *brègeiro*)

V. — No fim do primeiro parágrafo acrescenta: «Além disto, o significado primeiro do brejo é *urze*², em castelhano *brezo*. Confronte-se o francês *bruyère*, que também tem as duas acepções e cujo étimo parece ser o câmbrico *brwg*, «silvedo», se também o não é do vocábulo português e do castelhano, *brejo*, *brezo*, em baixo-latim *bruarium*, *bruera*».

¹ Hipácio de Brion, *A Índia Portuguesa*, Lisboa, 1908, p. 8».

² Bluteau, *Vocabulário portuguez e latínos*.

* Breve, s. m.

M. — Para definir esta palavra de maneira rápida, clara e exacta vou transcrever o seguinte passo do *Manuale Pratico per gli Archivististi* de Pio Pecchiai: «Brevi si dissero le lettere chiuse e sigillate in cera rossa con l'anello del pescatore (*sub annulo piscatoris*), datate con l'anno solare e non con quello del pontificate. Loro oggetti erano le cose personali dei Pontifici, affari politici ed amministrativi del loro dominio temporale e, in epoca più moderna, anche affari ecclesiastici, concessioni d'indulgenze, ecc. La pergamena dei Brevi è finissima e, per lo più, di piccolo formato, reca in alto il nome del Papa col suo numero ordinale, e l'incipit è in forma di epistola familiare» (p. 135 da 2.^a ed.)

Brinco, brincar

V. — Onde escreveu «ou ainda, o substantivo *brinco* significando «pinjente» seja o latim...», emenda para «ou ainda, o substantivo *brinco*, antigamente «vinco¹», significando «pijente» seja o latim...»

D. — «Entre o povo, no continente, o verbo brincar era usual no sentido de «bailar»... Este significado conserva o substantivo verbal na India portuguesa, em Goa pelo menos».

«Não é bem assim: em Goa *brinco* é «cegada ou grupo de palhaços, que cantam, tocam, bailam e esgrimem por ocasião do carnaval ou no cortejo cívico de grande regosijo». Também se diz, para melhor especificação, *brinco popular*². Creio que é uma mera tradução de concani *khêl*, que diz o mesmo, bem como o verbo *khelunk*.»

¹ J. J. Núñez, *Chrestomathia archaica*, Lisboa, 1906, p. 484.

² 1874. — «Em Raia encontramos os *brincos*, danças do paiz, em que o caprichoso e pittoresco dos trajos e a arrogancia febril dos meneios parecia accender-se e tomar formas phantasticas...» — Tomás Ribeiro, *Jornadas*, II, p. 37.

«1945. — «O grupo, a que se refere o viajante (Pietro della valle), foi, sem dúvida, um *brinco popular*, como ainda hoje se vêem em préstitos nupciais e festas públicas». — Ismael Gracías, *A India*, p. 162.

* **Bronze, bronzó**

M. — Não está ainda bem esclarecida a origem destes vocábulos. O primeiro é o usual hoje; o segundo era mais vulgar no século XVI. Autores há, no entanto, onde ocorrem os dois vocábulos. Mendes Pinto, como vou mostrar, é um deles.

Bronze: «... quarenta peças de artilharia de *bronze*, em que entravão doze falcões...», *Peregrinação*, cap. cap. LVIII.

Bronzo: «... com algũas peças de artilharia de *bronzó*, & de ferro coado...», cap. XIII; «... em que entravão dous camellos, & hũa meya espera de *brôzo* com as armas de França», cap. XVI; Cf. ainda capítulos XLVII, L, LXXXIX, XC, CX, etc.

Bruxa, bruxo, bruxulear

V. — Depois das palavras «a designação popular do fenómeno» (p. 172) acrescenta:

«Neste sentido o empregou Alexandre Herculano, sem dúvida, no seguinte passo: — «os reflexos dos ferros dos azevans populares, que erguidos scintillavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer¹». Todavia noutra narrativa, *A morte do Lidador*, o grande escritor empregando comparação análoga, deu ao vocábulo *bruxa* a acepção usual de «feiticeira». — «Pelas horas mortas da noite viam-se as almenaras das suas atalaias nos pincaros das serras, semelhantes ás luzinhas que em descampados e tremedaes accendem as bruxas em noites de seus folguedos²».

Depois das palavras «averiguado a etimologia do vocábulo, *hueste antigua*», acrescenta:

1916. — «... em quanto uma dúzia de *brincos* e uma banda de musica secundavam a ovação com todo o alvoroço» — *O Ultramar*, de 24 de Janeiro.

«1916. — «Numerosos *brincos populares* precediam e tras bandas de musica se encorporavam no colossal cortejo». — *Heraldo*, de 30 de Janeiro.

«1624. — «Innanzi à gli sposi veniua vn choro di quattordici, ô sedici huomini vestiti all'Indiana... andarono sempre ballando, accompagnando i balli co'l canto di molti versi in lingua loro, e con sbatter quoi legnetti, che auenano in mano... e certo i balli di questi Canarini sono assai leggiadri». — Pietro della Valle, *Viaggi*, III, o. 318.»

¹ *Arras por fóro de Espanha*, III. V. *O Dia*, de 4 de Março de 1909».

² *A morte do Lidador*, II».

«É de notar que, nos arredores de Torres-Novas se denominam *bruxas* certos pirilampos de luz ficsa, não intermitente. Veja-se a páginas 542».

Depois de «conforme todas as probalidades» diz ainda :

«A palavra *caipora* tem lá também a significação de «infeliz, tumba» (como diremos), ou «que traz consigo infelicidade¹». Conforme o visconde de Beaurepaire Rohan é o tupi *caapora*. «habitador do mato²» V. p. 542».

M. — Como facilmente se pode verificar, o primeiro passo de Alexandre Herculano dado por G. Viana no acréscito acima copiado vem já nas *Palestras Filológicas*, p. 42.

Esta palavra emprega-se ainda como exclamação de carácter afirmativo: *Bruca!* quer dizer: sim! isso mesmo!

Bubela

V. — Na palavra *opacum* põe esta nota: «De *opacum* veio directamente o provençal *ubaq*. V. *Romania*, xxxvii, p. 615.»

Bucho, bucha

V. — Na segunda linha do art. emenda *cora* para *coixa*.

Bufo

V. — Emenda o título do art. para «*bufo, desabufo*», e acrescenta esta abonação:

«Já não são apenas os *bufos* de chapen de côco ou d'aba larga... Agora ha os *bufos* engravatados, de lindas *toilettes* de verão³».

E ainda:

«Uma nova formação arbitrária mas engraçada, é *desabufo*, no trecho seguinte, de um diálogo fingido: — «Viva o Marquez de Pombal da actualidade — Então o sr. Luiz José Dias, ouvindo falar em Marquez de Pombal, ruboriza-se. O sr. João Franco tranqui-

¹ *Correio Mercantil*, de 23 de Março de 1907».

² *Diccionario de vocabulos brasileiros*, Rio-de-Janeiro, 1889. Veja-se também Teodoro Sampaio, *O tupi na Geographia Nacional*, Sam Paulo, 1910, p. 81».

³ *O Dia*, de 17 de Junho de 1907».

lisa-o: — Tão simples desabafos, meu amigo — Houve quem accrescentasse (*sic*): — *Desabufos, desabufos* é que me quiz parecer» — A aclamação estulta fôra proferida por um *bufo*, industrializado para o vivorio encommendado.»¹

* **Bugode**

M. — Cf. *bigode*.

* **Bugoldafe**

M. — É o nome de um animal peçonhento da Índia a que se refere Castanheda no seguinte passo: «hũa pedra tamanha como hũa auelaã, muyto proveitosa cõtra a peçonha que se acha na cabeça de hũa alimaria a que na India chamão *bugoldaf*», *História*, I, cap. XLVI.

Bul; bule

D. — «Como peça de aparelho em que se serve o chá, o vocábulo *bule* é malaio».

«Não pode haver nenhuma dúvida acêrca de procedência do vocábulo português do malaio *būli*, «frasco». O inglês *bowl*, que aponta o *Nôvo Dicionário*, não se emprega neste sentido, mas sim *tea-pot*. Vê-se de Bluteau e de Domingos Vieira que a acepção mais antiga de *bule* em português era «frasquinho de louça da India, de gargalo estreito»; e em concani *būl* é também (ou pelo menos era há quarenta anos) «frasquinho de louça para rapé».

* **Bula**

M. — Ouçamos Pio Pecchiai: «Le Bolle sono i diplomi muniti delle *bullae* (onde assumono il titolo) di piombo pendenti che recano impresse da un lato le teste de' duz apostoli Pietro e Paolo e incisi dall'altro il nome del papa e il numero d'ordine che gli viene attribuito», *Manuale pratico per gli Archivisti*, p. 134 da 2.^a edição.

¹ Ib. 29 de Junho de 1907.»

Butaca

D. — «No Relatório Oficial de João de Azevedo Coutinho... encontra-se este vocábulo, que parece ser africano: — «A entrada de Manuel de Sousa para a butaca» — e em nota explica-se: — *butaca, throno*».

«*Butaca*, em tetense *utaca*, não é, em vigor, «trono», são «bens de família», que, em certos casos, podem ser trono ou reino¹. O próprio autor do *Relatório* emprega a palavra no sentido de «reino ou soberania»: — «Xipaputa, que depois da morte de seu pae conseguiu bater seu irmão Xibudo e entrar na *butaca* tinha a sua aringa em a Pomposa (p. 17)» — «Mandou Manuel Antonio gente sua tomar conta immediata da *butaca* (p. 18)».

* Ca

V. — «*V. que*».

Cabaça, cabação, cababinha, cabaço

V. — Depois do segundo parágrafo acrescenta:

«*Cabaça*, nos arredores do Pôrto, é um adorno pessoal de ouro, diferente de *cabeça* (q. v.), e é formado de uma só peça, tendo pouco mais ou menos feição do ponto da cucurbitacea assim chamado²».

«*Cabaço* ou cacifo na Ria de Aveiro é — «um cabaz circular de verga com uma abertura na parte superior e duas azas (*sic*) lateraes, onde vem atar a correia suspensora³».

Cabana, cabanela, cabanal, cabanão, cabaninha

M. — Esta palavra é, na verdade, conhecida por quasi tôdas as linguas românicas. O químrico também a conhece, tem-na sob a forma de *cabán*.

¹ O Canheze entrou na *butaca* (bens de família) e fez a sua aringa nas serras de Macanga». — Padre Vitor Courtois, *Bot. S. G. L.*, V, p. 515».

² Apontamento ministrado pelo dr. António Augusto de Araújo e Melo, residente no Pôrto».

³ *Portugalia*, II, p. 457, com uma figura».

A forma latina *capanna* é atestada nas *Origines* de S. Isidoro neste passo: «*casulam faciunt sibi custodes uinearum ad tegimen sui... hanc rustici capannam uocant, quod unum tantum capiat*», xv, 12, 2.

Ernout e Meillet julgam-na uma deformação de *cannapa*, *cannaba*, sob a influência de *capio*.

Sendo assim, S. Isidoro não andou longe.

Note-se que nem nos aparece a variante *cavannam*, que está muito próxima da forma dada pela *Glossa de Reichenau* (*tugurium: camanna*)¹.

A propósito dêste vocábulo q. v. o que escreveu Johann Sofer no seu eruditíssimo trabalho *Lateinisches und Romanisches aus den Etymologiae des Isidorus von Sevilla*, p. 124.

Conheço uma pessoa com o apelido *Cabanelas*, que também existe como topónimo.

Cabeça, cabeceira, cabeçalha, cabeçalho, cabecilha, cabecinha

V. — Depois do segundo parágrafo acrescenta:

«*Cabeça*: nome dado no norte do reino a um adorno, quer por si só, quer formando a parte inferior do pingente ou de brinco de orelha².»

M. — A propósito de alguns sentidos de *cabeça* q. v. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, I, p. 390.

Na Galiza (Lugo) também se empregam, segundo Walter Ebeling³, algumas palavras destas na nomenclatura dos carros rurais. Assim, *cabeza* é a extremidade do eixo dos carros de bois; o varal é o *cabeçalho*.

*** Cabedela**

M. — O mesmo que *cabidela*: «... adês grandes para matar & vender chacinadas, outros tratão na penna somente, e nas *cabedellas* & nas tripas...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XLVII.

¹ Muller e Taylor, *Chrestomathy of vulgar Latin*, p. 253.»

² Apontamento ministrado pelo dr. António Augusto de Araújo e Melo, residente no Pôrto.»

³ *Aie landwirtschaftlichen Geräte im Orten der Provinz Lugo, no Volkstum und kultur der Romanen*, V. p. 50-151.

* Cabeiro

V. — «Este adjectivo no Baião significa «último», por exemplo, *dente cabeiro*, «dente do siso».

Cabelo, cabeleiro

V. — Este artigo com os acrescentos fica assim :

«Na língua comum *cabelo* ora é colectivo, correspondendo ao francês *chevelure*, ora nome de unidade, equivalente ao francês *cheveu*. Nesta última acepção usa-se em vários pontos do Minho, Caminha por exemplo, o derivado *ca'eleiro*, que também se aplica como termo de filigraneiro, ao fio mais delgado de ouro ou prata, que se pode obter puxando-o à feira. Veja-se sobre esta indústria um excelente artigo de Rocha Peixoto, publicado na revista *Portugal*, vol. II, p. 540 — 579».

«A terminação — *eira*, ou — *eiro* serve no Minho para, de nomes colectivos, formar nomes de unidade, como *palheira*, «haste de palha», *milheiro*, «grão ou pé de milho¹». Neste caso está *cabeleiro* com relação a *cabelo*.

«É galicismo usar *ca'eleira*, na acepção de *chevelure* francês, pois corresponde a *perruque*; deve traduzir-se *chevelure* por *cabelo*, ou *cabelos*. Em castelhano, porém, usa-se neste sentido *cabellera*, pois «cabeleira» se diz *peluca*, V. *Revista Lusitana*, XIII, p. 89, n.º 2».

Cabide, cavide

M. — No artigo relativo a esta palavra dos meus *Comentários a Alguns Arabismos do «Dicionário» de Nascentes*, escrevi o seguinte:

«Gonçalves Viana previu bem: segundo explicação verbal do Dr. David Lopes, a base d'este vocábulo deve estar realmente no radical *qabada*, *agarrar*, mas na forma *qibād*, plural do masdar *qobada*, *pega*».

Daqui se depreende que o autor das *Apostilas* apenas errou no vocábulo próprio, porque o radical não lhe passou despercebido.

¹ *Gazeta das aldeias*, de 2 de Maio de 1909».

«Ninguém ignora que existem na nossa língua uns mil vocábulos de procedência arábica ... Deve haver, há com certeza, número maior dêles, abstraindo mesmo dos nomes próprios de lugares...»

D. Carolina Michaëlis acreditava também que os vocábulos portugueses de origem arábica iam além do milhar, ao passo que Adolfo Coelho computava-os apenas em quatrocentos.

O Prof. Doutor David Lopes calculava uns seiscentos, dos quais um terço é antigo ou desusado e o maior número está na letra A.

Modernamente o filólogo João Ribeiro, num artigo denominado *A influência do Árabe na Língua Portuguesa*¹, cita um estudioso (Ragy Basile) para o qual «só na letra A foram descobertas (por R. B.) mil e duzentos vocábulos»; o léxico português terá ao todo «dez mil palavras de origem arábica». Tal como nas minhas observações ao *Dicionário de Nascentes*, digo: sem comentários.

Ora, para mim, estas hipóteses são ainda um pouco prematuras, porque, para que uma seja emitida e possa ser aceita, é necessário o aparecimento prévio de um *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Como ainda não apareceu nenhum em condições, nada se pode dizer, porque falta alguma coisa que sirva de base.

A maioria dos arabismos do português está na letra A, conforme se disse acima reproduzindo uma afirmação do Dr. David Lopes.

A letra A, por si só, constitui um décimo do léxico português. As razões disso são duas:

1. — A abundância de palavras arábicas que entraram em português com o artigo aglutinado;
2. — A tendência que a nossa língua tem para o emprêgo do a — prostético.

Cabila, cabilda (Pal.)

«Este termo cabilda, ou se quiserem, corrigido em cabila, substituiria com vantagem o vocábulo clan, inglês, de origem celta, e que já vai sendo empregado, como termo de etnografia geral, para designar o que entre os serranos da Alta-Escócia expressa, «parentela», indivíduos aparentados pròxima ou remotamente entre si, que usam o mesmo apelido, e têm um só de entre êles como chefe da família, cabeça de casal, considerando-se oriundos de um só progenitor.»

¹ Revista de Língua Portuguesa, fasc. 49 (1927), pg. 149 — 184.

M. — Trata-se, afinal, de o mesmo que *tribo*. É esta até a significação em árabe da palavra.

A forma *cabila* não corrige *cabilda*, tal como *plano* não emenda *chão*. *Cabilda* representa a evolução de um vocábulo arábico, de que a outra forma é mais ou menos a transcrição. A que leis fonéticas se deve aquela forma é que eu não sei, mas que ambas estão ligadas entre si isso é facto incontestável.

Note-se até que *cabilda* é muito mais vulgar.

Não aprovo que se tente usar *cabilda* em substituição de *clan*, pela mesma razão por que Gonçalves Viana não a empregou em vez da palavra *gotra* da nossa Índia. Não devemos confundir mouros com escoceses, tal como não se confundem aqueles com os índios.

Cahocio

V. — Acrescenta: «Frei José de Santa-Rita Durão, no *Caramuru* (VII, 46; I, 34) usou a forma *cabocio*, e não *caboco*».

Na nota 3 acrescenta: «V. também o *Dic.* de Beaurepaire Rohan».

Cabouco

V. — Acrescenta: «No concelho de Baião designa «terrenos particulares, na margem do Douro, e por este inundados no inverno»⁴.

Cachalote, cacholote, caixalote, queixalote

V. — Depois de «o que em castelhano se diz *muela*», acrescenta: «, em Trás-os-Montes *mó*».

Cacho

M. — Serafim da Silva Neto, *Fontes do Latim Vulgar (O Appendix Probi)*, admite também o étimo *caputu*.

* Cachola; cacholeira

V. — O título passa a ser: «*Cachola; cacholeira, cacholeta.*»

O artigo, com as alterações e acrescentos, passa a estar redigido assim:

⁴ Carta do sr. Álvaro de Azeredo, de 14 de Março de 1907».

«Em Lisboa designa o primeiro destes vocábulos «cabeça», e principalmente «cabeça de peixe». Em castelhano *cholla* é um termo chulo que significa sòmente «cabeça de gente».

«Parece haver relação entre os dois vocábulos; todavia não é fácil explicar a primeira sílaba da palavra portuguesa, cujo étimo, bem como o da castelhana, é desconhecido.

«*Cachola*, no Alentejo, é um guisado feito de fressura de porco, e dêle parece derivar-se o termo seguinte¹.

«*Cacholeira*, que dêste modo se poderá considerar como derivado de *cachola*, pelo menos no sentido que no Alentejo se dá a êste vocábulo, é o nome pelo qual é conhecida uma casta de chouriço, «enchido fumado, em que entram aparas de carne de porco, misturadas com pedaços da entrenha».

«*Cacholeta* é pancada dada com a mão na *cachola*, «na cabeça».

Cachondé

D. — «*Mistura de areca, âmbar, açúcar e outros ingredientes, para mascar, que serve para perfumar a bôca, e é muito usada na Índia e na Malásia*».

Dos quais ingredientes o principal é o *cacho* ou *cato*. A palavra é composta de duas malaias: *cáchu*, «cato», e *ondeh*, «bôlo» — bolinho de cato². V. Bluteau.

Cacifo

V. — O título passa a ser: «*cacifo, cacifro*».

A nova redacção do artigo é:

«— «O cacifo em que [os caçadores] levam o furão para o monte é um pequeno cesto de vime em forma de cabaça, com porta de

¹ *Rev. Lusitana*, ix, 167.

² 1619 — De cada candil de *cachundy* se pagará de direitos meio pagode». *Regimento do Vedor Nuno Vaz*.

1589 — «... et usent (damas de Goa) de certains gasteaux appellez *Cachunde* faits de diverses choses aromatiques pour estre chatovillées à incontinence». — Linschoten, *Histoire*, p. 31.

1760 — «To these three articles (betel, areca and chunam) is often added for luxury what they call *cachoon*, a Japan-earth, which from perfumes and other mixtures, chiefly manufactured at Goa, receive such improvement as to be sold to advantage when re-exported to Japan». — Grose, in *Glossary*.

madeira». — Em Baião, além dêste significado, é o nome que se dá a qualquer cestinho fechado.

«*Cacifo*, ou *cabaço* (q. v.) é também um cabaz de vêrga, usado na pesca ¹».

Cacimba, cacimbo

V. — O terceiro período fica assim :

«Como se vê, trata-se da África Ocidental, mas o termo é aplicável à África Ocidental Portuguesa, como se vê pelo trecho seguinte, referido à campanha contra os Cuamatas em 1907: «*Cacimbas* são poços onde os indígenas recolhem as águas das chuvas, algumas vezes, raras, fontes ²».

«A *Gazeta das Aldeias* ³, em nota a II columna de páginas 114 do 13.º ano, num excelente artigo acêrca das grutas do Púri, no concelho de Ambaca, põe perfeitamente a claro os dois vocábulos: «[Cacimbo] é a forma aportuguezada do *kiribo* dos ambundas, que significa *tempo frio*, o nada tem que ver com os nevoeiros, e muito menos com o *kizima*, que significa pço ou cisterna».

D. — «O primeiro dêstes dois vocábulos tem duas acepções».

«A expressão *cacimba* emprega-se na Índia no sentido de «mangra, neblina» (*pālvi* em concani), que costuma aparecer na estação dos *terraes*, isto é, de Novembro a Fevereiro, e cresta a inflorescência das árvores, particularmente de cajueiros, mangueiras e jaqueiras ⁴».

Cacique, cacico, caciquismo

V. — Acrescenta: — «Nos outro logares do paiz apenas ha, por ora, *nucleos de vida moderna*, que o analfabetismo e o caciquismo atrophiam ⁵», «... pessoas... que são geralmente conhecidas pela designação de *caciques eleitorais* ⁶». V. p. 543.

¹ *Portugalia*, II, 457».

² *Diário de Notícias*, de 26 de Setembro de 1907».

³ De 8 de Março de 1908».

⁴ 1916. — Pelo aspecto de mangueiras que quasi em toda a parte apparecem florescidas, espera-se boa producção de mangas, este anno, caso não haja danno pela *cacimba*. — *O Ultramar*, de 28 de Janeiro.

⁵ *O Século*, de 6 de Abril de 1907».

⁶ *O Dia*, de 13 de Julho de 1908».

* **Caciz**

M. — Esta palavra é muito vulgar em autores quinhentistas. Para a sua significação é curioso este passo de Castanheda: «... veo ter à frota hũ mouro branco que era *caciz* dos mouros, que em nossa lingoa quer dizer clerigo,» I, cap. VII.

O plural era *cacizes*: «... mandou chamar os seus *cacizes* e homẽes do conselho...», *Crónica dos Reis de Bisnaga*, p. 25.

Os *cacizes*, pelo menos em algumas regiões, estavam subordinados a um *caciz-maior*: «... el Rey fez este juramẽto nas mãos do seu *Caciz mayor*, por nome Raja Moulana...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXI. A palavra *raja* ajuda a demonstrar o seu elevado gráu social.

Caço ; cacete

V. — O último periodo fica redigido assim:

«De *caço*, no sentido de «moca», vem provávelmente a palavra *cacete*, e não do francês *casse-tête*, e com tanta maior certeza, que o vocábulo *cacete* é vernáculo no norte, onde não poderiam chegar galicismos tam modernos: — «O pau o *cacete* a *cajata* (Rebordões)... são accessorios indispensáveis.»¹

Cada

V. — No fim do primeiro periodo acrescenta: «Estas construções sintácticas são análogas às populares latinas *cata tres*, *cata unum*, que foram, na opinião de Grandgent² transmitidas pelos comerciantes e gregos, como reprodução das suas *katà tréts*, *katà éna*, *kad'éna*.»)

O quinto fica redigido assim:

«Ainda hoje, valendo por advérbio, se emprega *cada* em frases elípticas, como as que vou citar, e que, a meu ver, são um trivialismo defeituoso: — «Esta fornada representa 3 carros de loiça,

¹ *Portugalia*, II, p. 384.

² *Vulgar Latin*, Boston, 1908.

que o oleiro venderá a 125000 reis cada» — 1. Ha pêçegos que se vendem a 15500 réis cãda» — 2.

«Emprêgo muito idiomático de cada, já muito a propósito apontado por Júlio Moreira, é o de, junto a um substantivo no singular, equivaler a «grande, com intenção de espanto e encarecimento: — «É cada osso!» — tem cada olho, que parece um repólho» — O mesmo competentíssimo filólogo declara¹ não ter nunca ouvido no Douro o adjectivo *cadancico* a que abaixo me refiro, confirmando porém o significado que no lugar competente attribuo a *aneiro*. Sinto não ter deixado apontamento que abone o emprêgo daquelle vocábulo.»

M. — Nos autores eclesiásticos é, na verdade, algo freqüente a preposição *cata*, de origem grega (κατά). O conhecido passo de Ezequiel (XLVI, 14) é como segue: «Et faciet sacrificium super eo cata manè manè». Ferreira de Almeida² traduziu por «Tôdas as manhãs»; o mesmo fez Pereira de Figueiredo.

A minha edição da Vulgata (Veneza, 1731) tem à margem esta nota curiosa:

«Vox *cata* greca significat ergo κατά manè, per singula manè.»

Eram vulgares frases do tipo *Evangelium cata Matthæum* (em Thascius Cæcilius Cyprianus, bispo de Cartago, *Ad Quirinum testimonia*, I, 10; séc. III); *euangelio cata Iohanem* (*Peregrinatio*, apud *A Chrestomathy of Vulgar Latin* de Muller e Taylor, p. 134).

Cf. a propósito Otoniel Mota, *Horas Filológicas*, p. 199.

Era vulgar, até ao séc. XVI, a construção *em cada um ano*: «... que aja elle e sseus descendentes nosas sisas da dita villa de santiaguo coremta mil Reaes *em cada huum anno*...», *Almirantado*, 29.

* Caderno

M. — Esta palavra já existia no séc. XVI: «o traram ao meu *caderno*», Jorge Pinto, *Cena Policiãna*, v. 495.

¹ Rocha Peixoto, *As Olarias do Prado*, in *Portugalia*, I, p. 267, nota. 1.ª.

² *Gazeta das Aldeias*, de 15 de Setembro de 1907.

³ *Questões de Linguagem* in «Correio do Norte», de 2 de Junho de 1908.

⁴ *Correio do Norte*, de 25 de Julho de 1908.

⁵ *A Bíblia Sagrada*, Nova York, 1856.

Cadilho, cadilha

V. — Acrescenta: «*Cadillo* na República Argentina quiere dizer o *cotão que largam certas plantas*».

* Cafraria

M. — Duas abonações desta palavra; uma antiga e outra moderna: «...caminhando pela *Cafraria* a pé mais de trezentas léguas», Melehnor Estácio do Amaral, *Tratado das Batalhas e Sucessos do Galeão Santiago*, na *História Trágico-Marítima*, V. p. 229, ed. de 1937; em sentido metafórico: «Macário começou a afinar com a troça e a fechar-se em casa, muito arreliado, com um grande arrependimento de voltar àquela *cafraria*», Camilo, *Corja*, p. 142, ed. da Livraria Lelo.

Cágado

V. — O fim do primeiro período fica assim.

«Ora no norte de Portugal o cágado é chamado *sapo cocho* ou *concho*, isto é, «de concha»¹».

O terceiro por sua vez:

«Portanto, a não ser mera coincidência como tantas outras, foi o nome levado de cá para o Japão, com mais alguns poucos vocabulos, e não de lá trazidos como outros, tais *biombo*, *quimão*, *catana* (q. v.), e poucos mais² V. *dáimio*».

M. — Uma abonação quinhentista: «...no meyo de hũ circulo tinha pintado hum homem quasi da feição de hum *cágado*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXXIII.

A grafia mostra que a palavra era esdrúxula já no séc. XVI. Ficam, portanto, desvanecidas as dúvidas.

¹ *Gazeta das aldeias*, de 1907 (p. 201). — «Trago no meu quintal um kágado (sapo côcho)».

² Ao todo, talvez umas quarenta, são as palavras que deixámos na língua do Japão. Veja-se, pelo Prof. N. Muratami, *The influence of early intercourse with Europe in the Japanese Language*, Tóquio, 1906, sete páginas».

Çagu, çagüeiro

M. — Hoje escreve-se *sagu*, *sagüeiro*.

A primeira palavra designa uma «substância amilácea, extraída da parte central das hastes de algumas palmeiras. Espécie de licor, destilado pelos ramos de palmeira, e usado na Índia. Substância farinácia, extraída de algumas plantas e de que fazem pão os Japoneses» (Cândido de Figueiredo).

Sagüeiro é a palmeira donde se extrai essa substância.

Abonações: «... podião seguramête yr buscar mantimentos hũa legora da fortaleza, em que não achavão nenhûs, por serẽ todas as *çagueiras* cortadas, & assi palmeiras, & as eruas, que não avia aruore nõ erua de que se podessem aproueitar ...», Castanheda, *História*, VIII, p. 308.

«... hũ alqueire darroz valia cinco cruzados, & hũa jarra de *çagu* vinte cinco cruzados & trinta...», idem, ibidem, mesmo livro e mesma página.

Cf. Dalgado, *Glossário*, s. v.

Caída

V. — O artigo passa a começar assim:

«É o particípio passivo do verbo *caír*, substantivado no feminino e hoje quasi desusado, porque se contraíu em *queda*, como mestre de *magistrem*, *esvècer*, usado no Alentejo por *esvaeecer* > *eruanescere*¹, *caente* em *quente*, *acaecer* em *aguècer*...»

* Caimal

M. — Além das abonações dadas por Delgado, acrescentem-se estas: «Nestes treze dias manda e gouerna hũn *caymal* que he como escriuão moor do Reyno ho qual carreguo e denidade he seu mesmo de Juro», *Descrição*, p. 80; «...logno certos condes A que eles chamão *quaimal*...», idem, p. 80.

¹ Tomás Pérez, *Vocabulário Alentejano*, in *Rev. Lus.*, x, 80.

Cairo; Cairo

D. — «Este termo, que designa uma substância vegetal tenacíssima, de que se fazem cordas e calabres, trouxemo-lo da Índia, com o objecto que tem este nome».

«Cairo (do malaiala-tamul *Kayura*, «corda») é fibra do mesocarpo de côco; corda dessa fibra. O cairo era largamente usado nas nossas antigas armadas para cabos e calafatagem; e os nossos historiadores exaltam a sua superioridade, proveniente da sua elasticidade e incorrutibilidade na água. O maior centro produtor e fornecedor para as armadas eram as ilhas Maldivas. Também no Malabar há muitas fábricas e grande exportação para Bombaim¹.»

M. — Abonações quinzentistas:

«... tem este *coquo* duas cascas grandes até que cheguem ao meolo; e o meolo, quando he maduro, pera se comer, he bem que se raspe a casca de cima ... A primeira das cascas he muito lanuginosa e desta se faz *cairo*, que assi he chamado dos Malabares e de nós: delle se faz a cordoálha, emxargia de totalas náos; serve muyto nesta terra, porque he muyto gentil cordoálha, porque nam se apodrece na agoa salgada: e por esta causa he boa esta lã destes cocos de que fazem *cairo*; porque todos os navios sam calafetados com elle, de maneira que serve de linho e de estopa e de esparto. E por esta causa he boa mercadoria pera Portugal, senão fizesse tanto volume, esta he a causa porque se gasta tanto delle; porque sempre faleçe, com aver na India tantas palmeiras, e darem a elrey de parias tanto *cairo* das ilhas de Maldiva, e certo que no calafetar dos navios acertam muyto; porque incha este *cairo* metido

¹ 1502. — «Hião de huma Ilha para Cananor, a tomar carga segundo disserão, e levavão *Cairo* e inhame». — Tomé Lopes, *Navegação*, cap. 7.

«1516. — Dam-lho ha troqus de *cairo*, que he hũu fio para fazer calabres e cordoalha, que se fas de casquas de quoquos». — Duarte Barbosa, *Livro* (2.^a ed.), p. 301.

«1563. — «Da primeira casca que o (côco) cobre, se faz *cairo*, que dissemos ser tão commum e necessario para a navegação de todo aquelle Oriente, depois que a curtem, mação, e fião, á maneira do linho canhamo». — João de Barros, *Dic.* III, III, 7.

«1563. — «A primeira das cascas he lanuginosa e desta se faz *cairo*, que assi he chamado dos Malavares e de náos». — Garcia da Orta, *Col.* XVI.»

na água salgada», Garcia da Orta, *Colóquios*, col. xvi, vol. 1, p. 237; «has naos em que nauegam (os Mouros de Quiloa) sam de cauilha, cosido com cairo, breadas cõ incenso brauo, por na terra nã hauer breu», Damião de Goes, *Crónica de D. Manuel*, vol. 1, cap. lvii, pp. 126-127.

Cf. também Barros, *Décadas*, III, 1, p. 308 e este passo dum texto escrito em 1609 (4 de Novembro): «e mando ordeneis ao vedor de minha fazenda de Cochim que da do dito rey e seus vassalos não toma mais cairo que o que for necessario para meu serviço...», *Documentos remetidos da Índia*, 1, p. 262.

Cf. Dalgado, *Glossário*, s. v.

A forma arábica do nome da cidade do mesmo nome é *al-qārhirā*, a vitoriosa.

O nome antigo era *fugtāt*. Cf. os meus *Comentários a Alguns Arabismos do «Dicionário» de Nascentes*, s. v. *fustão*.

Caixa

D. — «Este termo, designativo de uma moeda asiática, é frequente nos nossos escritores dos séculos XVI e XVII».

«Caixa (mais usado), *cava* (mais conforme com a etimologia-dravídica *Kāsu*, «pêso de prata ou de ouro») é nome duma moeda de pequenissimo valor, corrente outrora na Índia austral. Os portugueses applicaram-no à moeda miúda de outras regiões, como Malásia, China e Japão. Segundo António Nunes uma caixa de Maluco vale $\frac{3}{10}$ do rial e de Sunda $\frac{3}{5}$.»

M. — Cf. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s. v.

«¹ 1511. — «De *caixas* da moeda da terra, de cobre, que vieram feitas de Portugal, e ca nam valem nada, hum quintal, tres arrobas, e quinze arrates» — In *Cartas* de A. de Albuquerque, III, p. 25.

«1541. — «...davão duas *caixas* (na China), que são tres reis da nossa moeda». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 109.

«1554. — «E se faz conta de 1000 *caixas* hum pardao, de 300 reis o pardao» (em Maluco). — António Nunes, *Livro dos Pesos*, p. vi.

«1561. — «...da hum dā hūa *caca*, moeda que vale dous reis». — *Cartas de Japão*, I, ff. 78 v.»

* Caixão

M. — Na acepção de «caixa para transportar armamento e munições», q. v.: «...muytos caixões de espingardas & armas...», Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XIII (vol. I, p. 56).

* Cais

M. — Mendes Pinto escrevia sempre *caiz*: «...fui ter ao *caiz* da pedra onde achey hũa caravella d'Alfama...», *Peregrinação*, cap. I; «...até hum *caiz* da cidade, que se dizia Capalator», cap. XV; «...daly a hũa hora surgio no porto defronte do *caiz* da cidade», cap. XXXVIII; «...& chegando ao *caiz* com grande estrondo de trombetas...», cap. LXVIII.

Cajuri (*cajury*)

D. — «*Árvore da Índia Portuguesa...*».

«É uma espécie de palmeira — *Phoenix silvestris*, Dalz. & Gibs. Do marata-guzarate *khājuri*, sânsc. *kharjura*, «tamareira»¹».

* Cala

M. — Significa esta palavra *enseada*. Aparece várias vezes no texto de Azurara: «...meteram-se em huma *calla*, que hum delles sabia», *Cron. do Conde D. Pedro*, cap. XLVI Ined. *Academia*, II, p. 361).

No *Elucidário* (s. v. *Demonstrar* II), cita-se um passo desta obra onde ocorre o mesmo vocábulo.

¹ 1613. — «Ha em Ceilão toda a sorte de palmeiras... as brancas de Trerolins, os *cajuris*, nipeiras». — P. Manuel Barradas, *Hist. tragico-maritima*, II, p. 84.

1663. — «As fazendas constam de varzeas de arroz, em muitos *cajuris*, de que se tira um licor para fazer vinho». — P. Manuel Godinho, *Relação*, p. 12.

1873. — «Um *cajuri*, visto de longe parece uma cabelleira elegante muito frisada... O fructo é como a tamara, uma baga ovada de côr alaranjada, andando por metade do volume da tamara e nascendo em abundantes cachos». — Bernardo da Costa, *Manual do Agricultor*, II, p. 233.

1905. — «O *cajuri* é uma outra árvore que tem especial consagração e alta cotação por todo o Guzarate, que é sua patria. Como a palmeira em Goa, o *cajuri* é considerado divindade tutelar do campo». — F. X. Ernesto Fernandes, *Índia Portuguesa*, p. 248.

* Calabrete

M. — Trata-se do mesmo que *calabrote* (calabre de pequena grossura). Abona-se: «...co convês todo empachado de amarras & *calabretes*...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XXXXVI: «... & abustar *calabretes* & viradores para talingar em outras ancoras com a artilharia grossa...», idem, cap. LIII.

* Calado

M. — A expressão *calada da noite* aparece já em Mendes Pinto: «...com orelha por escuta pregada no chão, sentem com a *calada da noite* toda a cousa que bole». cap. XIV.

Calambá, calambac, calambuco

D. — «É *duvidoso se calambuco, ou calambuque, designa a mesma substância vegetal aromática*».

«Não se pode entreter nenhuma dúvida à vista da nossa literatura oriental. *Calamba, calambá, calambac, calambuc, calambuco*, são todos variantes do malaio *kalāmbaq*, devidas a *q* quasi imperceptível e ao carácter comercial do termo.¹ A forma normal em português seria, a exemplo de *bada* do malaio *bādaq*, *calamba* (Erédia, Couto, Henrique Dias, Jacinto de Deus, Linschoten, Pyard); *calambá* tem apoio no macaçarês-húgni *Kalāmbā* (Fernão Pinto); *calambac* diziam os indígenas, índios, persas, árabes, chineses (Garcia da Horta); *calambuc* deve atribuir-se a *a* surdo, que na bôca dos índios se aproxima de *o* ou *u* breve abafado (Lucena); **calambuco** é em obediência à fonologia portuguesa (António Nunes, Gaspar Correia, Gaspar da Cruz, Sarretti e também Pinto.

«Diferença há, mas é entre *calamba* ou *calambuco* e *áquila* ou *áquila*, sendo esta de inferior qualidade².

¹ Confina com champa, donde vem ho muyto precioso **Callambuco**, ou pola sua lingua *calambach*. — Fr. Gaspar da Cruz, *Tractáto da China*, cap. 1.»

² 1561. — «...e muito gengibre e pão *aquila*, e *calambu* excellentissimo e de muito grandissimo valor» — Henrique Dias, *Hist. tragico-maritima*, III, p. 85.

1563. — «Os malaioes (acham) *garro* e estes chamam ao muyto fino *calambac*. — Garcia da Orta, Col. xxx.

«Outro nome do cheiroso pau era aquila, vocábulo acentuação é duvidosa».

Se *aquila* é o mesmo que *águila* (forma mais antiga e comum, sendo Damião do Góis o primeiro que diz *aaquila*), e se *águila* vem, evidentemente, do malaiala *agil* (= *águil*), não pode subsistir a dúvida, havendo de mais atracção do port. *águia* e do lat. *áquila*. O *g* de *agil* é *k* abrandado, isto é, tem som intermédio; podia por isso dar *águila* e *áquila*¹.

Calão

D. — «Na realidade, calão é o caló espanhól, que designa cigano».

«Calão quer dizer no português da Índia «bilha de barro ou cobre, com capacidade de mais ou menos um almude», usado para água e, como medida, a de barro para a aguardente da terra, e a de cobre para azeite. Provém do malaiala *kalam*, singalês *kalaya*, sans. *kalaça*².

M. — Mais passos abonatórios: «...acabado estas tres voltas quebra o calão, que he hũa panela...», *Cron. dos Reis de Bis-*

«1679. — «Produzem a *aquila* cheirosa, o estimado sandalo, e precioso *calamba*.» — Frei Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 264».

«¹ 1514. — «Sam mercadores; trazem aqui ouro; *aguilla* levam daquy» (Malaca). — Rui de Brito, in *Cartas de A. de Albuquerque*, III, p. 218.

«1539. — «Trouxe hum rico presente de paos de *Aquila*, *calambaa*.» — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 13.

«1563. — «Já este pao faz por mercadoria a Bengala, e chamam-lhe *aquila brava*.» — Garcia da Orta, Col. XXX.

«² 1521. — «Dentro na feitoria se nom achára nada, somente hum calão que ally trazia». — Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 640.

«1525. — «Muytos calões de manteiga e mel». — *Chronica de Bisnaga*, p. 93.

«1552. — «Depois hindo os nossos por ella (agua) acharão os calões que são huns vasos de barro em que os da terra atrazião, todos quebrados». — João de Barros, Déc. I, V. 3.

«1585. — «A agoa que os enfermos ouverem de beber, seja sempre da fonte de Banganim, trazida em calões». — *Archivo Portuguez-Oriental*, V, p. 1036.

«1911. — «Em geral o liquido fertilisante é extraído dos poços por meio de calões ou grandes vasilhas de barro». — José Emilio Castel Branco, Bol. S. D. I. XIX, p. 320.»

naga, p. 76; «...toma hũu *callão* dazeite na cabeça e bota se fogo contanto esforço que he pera espantar», idem, p. 77; «...dêrão hũ cõbate de muita espigardaria e m.^{tos} *calões* dalecatarão e polvora...», *Hist. Quinh. do 2.º Cêrco de Din*, p. 137; «De calões vazios pera pollvora tres myl», *Munições de guerra e mantimentos* etc. na mesma obra, p. 242.

* **Calar** no fundo = afundar

M. — Verifique-se neste passo: «Estavam tres náos grandes carregadas de pedras com rombos dados: pera o tempo da necessidade as encherem dagoa, e as *calarem no fundo*», Barros, *Décados*, III, IV, 9.

* **Calavre, cabre**

M. — Existia no século XVI («...quebra quantos *calavres* de profia lhe armo...», Ferreira de Vasconcelhos, *Eufrosina*, acto V, p. 237), ao lado de *cabre* («...vão os ãmigos de noyte a nado a ver se podião ficar as *cabres* das ancoras...», Castanheda, *História*, I, cap. IX).

* **Calcadouro**

M. — O mesmo que *eira*. Já se usava esta palavra no século XVI, «...andarão hum pedaço â roda, como que debullhavão *calcadouro* de trigo...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. LXV.

* **Calcês**

M. — «Parte quadrada do mastro ou mastaréu, desde a romã para cima, e na qual encapela a enxárcia real», segundo a 5.ª ed. do *Dicionário* de Cândido de Figueiredo, onde se lhe dá como origem o lat. *carchesium*.

Ora a verdade é que *calcês* vem do it. *calcese*, que, por sua vez, tem como origem aquela forma latina, oriunda do gr.

Abonação: «...nos *calceses* dos mastros estendardes muyto compridos...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. VII.

* **Caletim**

M. — Nome de uma casta indiana: «...outra lei muito mais baixa que eles chamão *caletim* que são teceloes nã tem outro oficio

è que ganhõ de comer senão em teçer panos dalguodão», *Descrição das Terras*, p. 106.

* Calhandeira

M. — Acrescente-se ainda que em Olalhas significa «criança endiabrada, desinquieta»,

Calhau

M. — Parece-me pouco viável a etimologia proposta por I⁷, porque o grupo *cl* só passa a *lh*, quando intervocálico (*macla* > *malha*), o que não sucede neste caso, onde nos aparece *calclum* a dar *calho*, tendo *calclo* como forma intermediária (Cp. * *mancla* > *mancha*),

Não tenho dúvidas quanto ao parentesco port. *calhau* — cast. *callao* — fr. *caillau* — prov. *calhau*.

Stappers e Grandgagnage (apud Nascentes) falam-nos no cimbriço *callestr*, no bretão *calastr*, ao mesmo tempo que Dauzat (*Dict. Etym.*, s. v. *caillou*) nos revela a existência da forma *cagl* em galês. Segundo este autor, seria desta forma que se derivaria a forma gaulesa * *caclavo* que explicaria o fr. *caillou*.

Diante desta documentação, julgo não ser muito difícil acreditar que o esp. *callao* (donde julgo provir a palavra portuguesa) tem origem céltica.

A forma *calculus* a que Viana alude na *Ortografia Nacional* (p. 33) também nada adianta, apesar de ser tardia (*Dict. Etym.*, de Ernout e Meillet, s. v. *calx*).

O étimo arábico é ridículo¹.

Uma abonação de Mendes Pinto: «... obra de tres ou quatro bateis de *calhao*...», cap. XXII.

* Calheta

M. — Abonações tiradas da *Peregrinação*: «... chegou a onde às suas fustas estavam, onde depois de embarcado, se veyo a remo até a *calheta* donde tinha partido...», cap. x; «... atracarão cõ

¹ Nascentes cita-o como de Sousa, quando é de Fr. José de Santo António Moura.

dous proizes de popa & de proa cõ a ribanceira q̄ a ponta da *calheta* fazia...», cap. LIV; «... estava na boca da barra na ponta de hũa *calheta*...», cap. LXIII.

A etimologia desta palavra não está ainda suficientemente esclarecida.

Calombo; carimbo; carcunda

V. — O título do art. passa a ser: *Calombo; carimbo, carimbar; carcunda*.

Acrescenta no fim:

«O termo *carimbo*, e o verbo dêle derivado *carimbar*, passaram à República Argentina e à Bolívia, por intermédio do Brasil, com o significado especial de «ferro para marcar escravos ou reses»¹.

Caluete

D. — *O Nôvo Diccionário rejista como inédito este vocábulo, que escreve caluete... O vocábulo malabar, que na letra da terra se escreve kaluekki, é pronunciado káluetti.*»

«Quando o aludido dicionário nota que é inédito um termo, deve-se entender que se refere ao *Diccionário Contemporâneo* e ao de Adolfo Coelho (nem sempre), como declara no prefácio, e não aos de Bluteau, Moraes, Vieira, Roquete e outros.

«*Caluete* é «pau de empalar e empalamento», na Ásia. O étimo que o autor reproduziu do *Glossário* de Jule, é inadmissível, assim porque o malaiala não tolera o encontro de *ueo*, porque não reconhece o som *tt* a *kk*, que somente admite para *rr*. V. Gundert (*A Malayalam and English Dictionary*). O étimo imediato deve ser o tamul-malaiala *kaluviri* (leia-se *kaluvitti*), «merecedor de empalamento, empalando», de *kalu*, «pau de suplicio», e *lururu*, «empalar»².»

¹ V. Ciro Bayo, *Provincialismos argentinos y Bolivianos*, in *Revue Hispanique*, xiv, 305.

² 1504. — «E (Duarte Pacheco) o haviã de espetar em hum *caluete*, que haviã de mandar fazer, com que haviã de mandar espetar quantos Mouros e gentios achasse em falsidades. Com que se sahio muyto merencorio, e mandou logo muytos *caluetes*, e hum mais alto que todos, dizendo que era para o Çamorim». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 930.

* Calvo

M. — Em sentido figurado, quer dizer: despido de vegetação. Um passo abonatório: «...aparecerão tres ilhas... em duas auia grandes aruoredos, & a outra era *calua*», Castanheda, *História*, I, cap. v, p. 17.

No ant. esp. aparece-nos esta expressão com o sentido em alterado: «... media caualleria de *tierra calua* de toda eheredat», doc. de Córdoba de 1243 ¹.

* Camarte

M. — Esta palavra, até agora ainda não registada nos nossos dicionários, parece que era a mesma coisa que *camartelo*: «... barras de ferro, *camartes*, fonces, limas de ferro, enxarceas de navio, vergas...», *Cartas de Quitação de D. Manuel*, doc. 4.

* Cambo

M. — Em Ponte-Morcela (Coimbra) designa o *ancinho*.

Cambola

D. — «... encontra-se este termo, próprio da África Oriental Portuguesa, pertencente ao vocabulário das linguas bantas, e que é assim ali definido — «corda feita com fibras vegetais» — ».

«Nkambora na lingua de Tete».

«1603. — «...E possem no *caloete*, que he hum pao muyto agudo e fixo no chão fortes em que espetão com grandissimo tormento». — António de Gouveia, *Jornada do Arcebispo*, fl. 48 v.

«1685. — «Esta cidade (de Coenim) tem hum bairro, que chamam o *Caloete*, e hoje por nossos pecados toda esta feita hum *Caloete*. — João Ribeiro, *Fatalidade Historica*, III, cap. 3.»

¹ Publicado por Menéndez Pidal nos *Documentos Lingüísticos de España*, p. 451.

* Camilha

M. — Palavra já abonável no texto de Mendes Pinto: «... entre ellas estava hum homẽ velho deytado em hũa *camilha*...», *Peregrinação*, cap. LXXXIII.

Camisa-de-onze-varas; camisaõ

V. — Acrescenta:

«Hoje em dia, sem se lhe saber a orijem, nem mesmo a ela fazer a mínima referência, esta expressão querẽ dizer «grande dificuldade, e emprega-se usualmente com o verbo *meter* — *meter-se em camisa de onze varas*: — «O sr. Ramiro Leão foi [à recepção do Príncipe Real no Arsenal do Exército] para dar a sua opinião sobre se... a camisa de onze varas, em que o governo está metido, ainda tem panno para mangas¹».

Campa, campã, campana, campainha, campainheiro

V. — Êste artigo fica redigido como segue.

«O primeiro dêstes vocábulos tem duas acepções, a primeira, «(laje que cobre a) sepultura», não é fácil de subordinar a um étimo. Esta acepção, porém, parece ser secundária, a aceitarmos, como é de razão, o sentir de H. O. Sommer, expresso por estas palavras: — «the word (campa) io, of course, used in the sense of bell — shaped cover, or, cupold».

«Na segunda acepção, é um primitivo suposto, formado pelo que se considerou derivado², *campã* < *campãa* < *campana*, *campana*, ainda usado no concelho de Pinhel, e que já em latim significava «sino»³; como *venta*, foi induzido de *ventã* e *ventana*, e *aco* < *aceiro*, que era o nome do metal, como actualmente o é em castelhano *acero*. Supôs-se, em vista da terminação, que a palavra estava na mesma relação que *ferreiro* com *ferro*. Também se disse *azeiro*, e Alexandre Herculano empregou *azeirado*, no sentido em que usamos o castelhanismo *acerado*⁴.

¹ *Novidades*, de 30 de Setembro de 1907».

² *Romania*. XXXVI, p. 556».

³ V. Wölflin, in *Jahresbericht für die Fortschritte der Romanischen Philologie*, VI, 1, p. 126».

⁴ «A seta de um epigramma azeirado» — *O Bobo*, II».

«*Campanus* em latim é um adjectivo, empregado por exemplo em *aes Campanum*, e em (*uasa*) *Campana*. Formas regressivas análogas são *rosmano* e *rosmaninho*, *rêoa* < *revoada*¹»

«Um derivado de *campainha* é *campainheiro*, que no concelho de Vila-Nova-de-Ourém, e, provavelmente em todo o distrito de Santarém, designa o vendedor de campainhas e chocalhos para gado, na feira, e que anuncia a fazenda tocando alternativamente duas campainhas que empunha, uma em cada mão.

O termo *campã*, «campana» figura num documento publicado no *Archeologo Português*, vol. XIV, p. 291: «e tem em ãa linha da dita igreja duas campãas de bõo tamanho»,

«Em francês dialectal existe igualmente o vocábulo com a forma *campaine*:

«Campaine au son mat, presque éteint,
Clochette au son clair, argentin,
Toutes tintant dans le matin».

«A diferença entre os dois instrumentos é assim explicada, mais adiante, por F. Boillot: «Il importe de distinguer entre la «*cloche*» et la «*campaine*»: la première est en bronze, la seconde est faite d'une feuille de pôle repliée en cornet dont le battant est constitué par un clou de fer forgé». Vem a ser o que nós chamamos *choca* ou *chocalho*, cuja primeira forma, ou radical, é idêntica ao francês *cloche*, alemão *glocke*, sino².»

M. — A propósito da etimologia de *campa*, *quinta* e *venta*, veja-se o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 407.

* Campanairo

M. — Em templos pagãos do Oriente: «...afora muytas torres & casas ricas de suas gentílicas seitas, com *campanayros* de sinos & curucheos cozidos em ouro...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. xcvi. Cf. *alcorão*.

Cana-verde; cana, caninha, canicinho

V. — O título passa a ser: *Cana-verde; cana, caninha, caniço, canicinho*.

¹ Júlio Moreira, *Correio do Norte*, de 30 de Junho e 28 de Janeiro de 1908, e *Estudos da lingua portuguesa*, Lisboa, 1908, p. 202.

² H. Pauphier, «Au village», in *Bulletin de dialectologie romane*, t. II, p. 106; 109, «Faune et Flore Franc-comtoise».

No fim do primeiro parágrafo acrescenta: É todavia preferível a interpretação que lhe dá o passo seguinte da narração da festa das flores: — «A cana verde é uma alusão às corridas de cavalos, de que ha ainda uma sobrevivência em Morfote da Beira¹».

Dápois do terceiro põe o seguinte:

«*Canico*: além dos significados já colijidos nos dicionários, e do de «espigueiro», a que me referi em *canastro*, tem este termo em Baião mais a seguinte applicação: — «É um estrado formado por um entrançado de vergas, que se suspende nas cozinhas, por cima da lareira. Serve para ali se deitarem as castanhas, a fim de secarem, ou antes pilarem. As castanhas piladas servem para cozer no caldo, e fazer assim o caldo de castanhas²».

A primeira nota d'este artigo fica conforme se vê no pé da página.

* Canaca

M. — Casta indiana: «Outra ley a muyto mais baixa, que elles Chamão *canagua*, que seo officio he fazerê adarguas sombreiros Estes homês Aprendê letras pera estrolomia, sam muy grandes estroliquos porque muitas cousas que ã daconteçer dizem as muito çertas ha homês que lhe dam seu serto nacimiento», *Descrição das terras*, p. 108.

Canastro

V. — No fim do primeiro parágrafo acrescenta: — «um rei Chefe de Estado, que, embora novo, não é um rei... de meninas e de carcassas³».

M. — *Canasta* é forma antiga e popular, atestável em Gil Vicente («atada fica a *canasta*», *Romagem*, fl. 186 v. 4).

Canastrão emprega-se em Loureiro (Oliveira do Hospital) no sentido geral de *canastra*; o mesmo succede em Portalegre com *canastro*.

¹ *O Século*, de 5 de Outubro de 1902, e *Diário de Noticias*, de 20 de Maio de 1912».

² Carta do sr. Álvaro de Azeredo, de 14 de Março de 1907».

³ *O Dia*, de 21 de Setembro de 1908».

⁴ *Obras Completas*, reimp. de Bibl. Nov. 1928».

Candeia, candeiro, candel (1); candil (2)

V. — Depois de aludir à *Senhora das Candeias* adiciona:

«Em documento do XVII século vemos *candeia* no sentido de «luz»: — «Às dez horas em ponto se fará sinal a apagarem todas as candeas, e nenhuma será lícito ter candeia acesa sem licença expressa do Prelado¹» — Neste passo ainda o sentido é mais evidente: — «a Santa Igreja... instituiu a festa da Purificação da Santíssima Virgem com a cerimonia da Procissão e das velas, denominadas Candeias².»

Depois de falar do emprêgo de *candil* acrescenta:

«Como castelhanismo, entre outros vários ali usados, denominam os mineiros da mina de S. Domingos assim as suas lanternas: — «se não fosse a luz baça dos *candis* que lhes alumiam o cerco onde trabalham³. — »

D. — «A forma portuguesa candil foi erradamente induzida do plural *candis*».

«*Candil* (do marata *khandī*, em concani *khāndī*, em tamul e malaiala *kandī*) é medida de capacidade na Índia, à qual varia conforme as localidades e às vezes conforme os géneros. Também se diz *candim* e *candins*, que são formas normais⁴. V. *caril*».

(Continua)

¹ *O Oriente Português*, III, p. 311».

² Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento, «Directorio Sacro», in *Revista Lusitana*, XIII, 23.»

³ *O Século*, de 11 de Setembro de 1907.»

⁴ 1511. — «Nove fardos de arroz giraçall e dous *candys* de mâtega». — Afonso de Albuquerque, *Cartas*, v, p. 151».

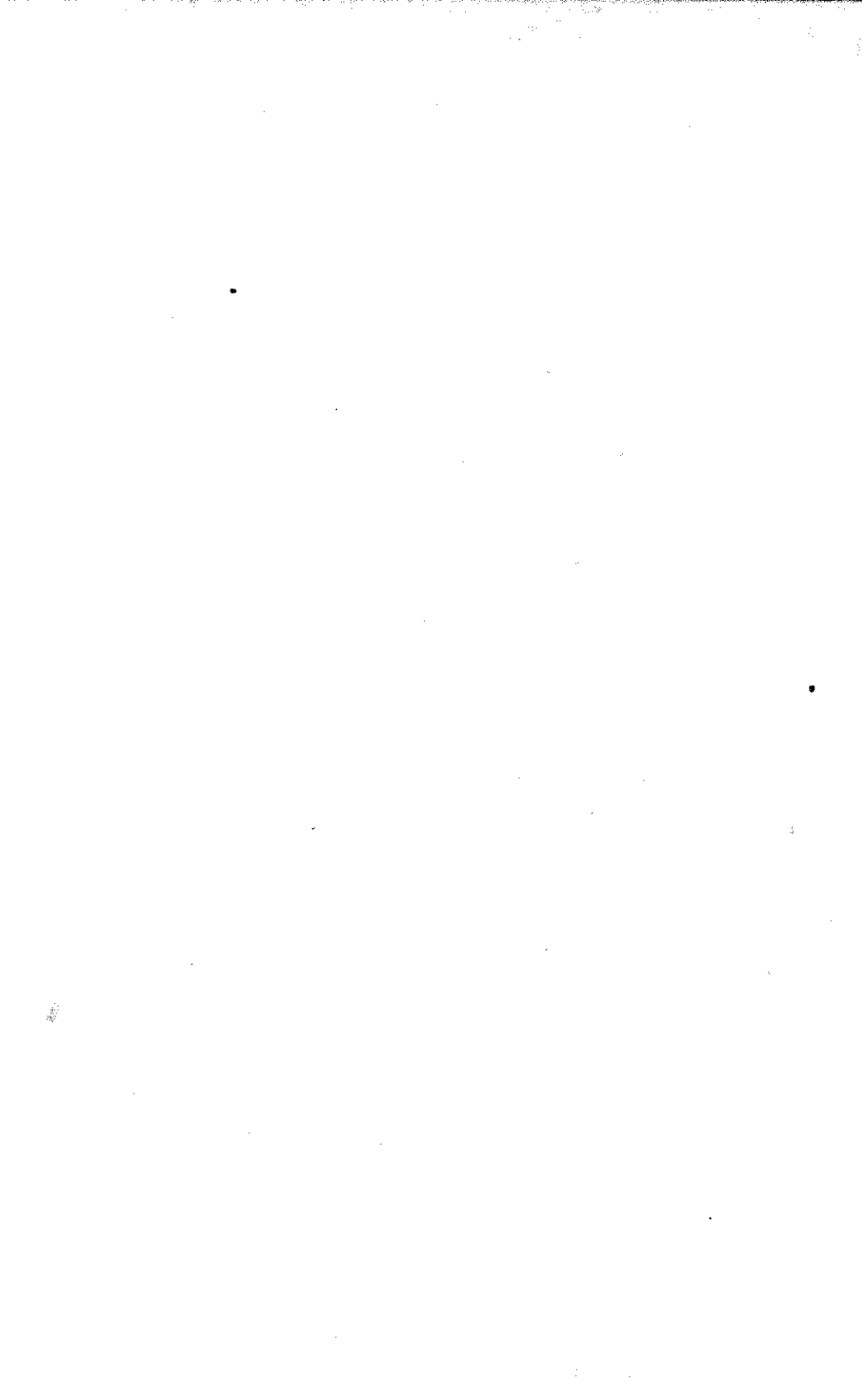
1516. — «Tem outros pesos maiores que chamaom *candil*, que pesaom quatro quintaes pouco mais ou menos segundo os lugares». — Duarte Barbosa, *Livro* (2.^a ed.), p. 189».

1545. — «Teria de peso seis mil *candins*, que da nossa conta são vinte e quatro mil quintaes». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 158».

1915. — «Eu tive a fortuna de colher 34 *candins*, dez *candins* mais do que o anno passado». — *O Ultramar*, de 21 de Outubro».

Dificuldades várias impedem a continuação da «Homenagem a Gonçalves Viana», pelo que a consideramos terminada com o aparecimento deste fascículo.

Os trabalhos nela começados continuarão nos próximos números do «Boletim de Filologia».



Os nomes germânicos na toponímia portuguesa

(Continuado do *Tômo VI*, p. 350)

T

1284¹. ***Tadim** (Braga).

Parece que este topónimo é tirado do nome histórico **TATA** (ostrogodo mencionado por Cassiodoro, e vândalo a que se refere Procópio), cf. Schönfeld 221, e que representa um genet. ***TADINI** de ***TAD-IXUS**. A existência do tema **TAT-** no antigo onomástico português é atestada por *OM TAD-ILO* fem., séc. x. Desconhecemos o seu significado. Veja-se também o art. **TEDIM**.

1285. **Tagilde** (Guimarães, B).

A explicação deste nome não oferece dificuldade: Assenta no genet. de **ATANAGILDUS** 906, **ATANAGILDO** 867-912 (cf. **ATANAGILDIZI** 965, **ATANAGILDIZ** 1053) e **TANAGILDUS** 870. Esta última forma mostra que a aférese do **A** inicial é antiga. A actual freguesia de **TAGILDE** vem documentada em numerosos diplomas medievais, apresentando as formas seguintes: **ATANAGILDE** 959, **ATANAGILDI** 1059, **ATTANAGILDI** 1070, **TAAGILDI** 1200, cf. Oliveira Guimarães: *Tagilde* (Pôrto 1894), e Sachs 34. Chamava-se **ATHANAGILDUS** um rei visigodo do século vi (554-567). O primeiro componente, que Sachs, seguindo uma sugestão de von Grienberger, faz derivar de **ATAÞNI** «ano», representará antes um gót. ***AÞANS** «nobre», tirado do mesmo tema que ***AÞALS**, cf. Schönfeld 34, Holthausen 9, e

¹ Por inadvertência saiu errada a numeração dos artigos que abrangem as letras R e S, que, em vez de 1022-1246, deve ser 1058-1283.

Meyer-Lübke 15. O próprio Sachs, aliás, estranha o emprêgo de uma palavra que significa «ano» na formação de nomes de pessoas. Veja-se também o art. TANGIL.

1286. [***Tagim** (Macieira de Cambra, Av)].

O tema TAG- encontra-se também em OM MONTE TAGIO 1258. Se não fôr de origem germânica, TAGIM deverá explicar-se como sendo o genetivo do nome latino TAGINIUS, apontado por Schulze, 240 e 372.

1287. **Taíde** (Póvoa de Lanhoso, B).

Outro nome formado com o tema *AḫAN- : ATHANA-ILDUS, cf. OM ATANIDO 1258, ATANITO 1067 e o ant. nome de lugar TANAYDO 1258, a par de TAYDI 1258, *Inquis.* 409⁴, que deve ser o actual TAÍDE. Não creio que ATAÍDE, art. 96, seja uma forma divergente de TAÍDE, porque todos os nomes modernos que se filiam em antigos nomes compostos com *AḫANS, perdem o A inicial, cf. TAREI, TARIZ, etc.

1288. [***Taím** (Maia, P)].

Repete-se este nome quatro vezes na Galiza, onde se escreve TAÍN. Figura nas *Inquis.* 497⁴ na grafia TAYM, e não é impossível que se filie num nome visigodo. Deve contudo dizer-se que o genet. do lat. TADINUS, tirado de TADIUS, cf. Schulze 549, proporciona uma explicação fonologicamente perfeita.

1289. [***Tãião** (Valença, Via)].

Pertence este nome ao apelido OM TAYOM 1258, que talvez se relaciona com o nome TAGIO, apontado no art. TAGIM.

1290. ***Tainde** (Paredes, P).

As formas antigas deste topónimo são ATAHINDI 1220, *Inquis.* 159², e TAINDI 1258, *Inquis.* 491-92, que correspondem aos apelidos ATAINDI, ATAYNDI, TAINDE 1258, e que considero como vindo do genet. de TANAYDO 1258. TAINDE seria, neste caso, uma forma divergente de ATAIDE e TAIDE. O N intervocálico do tema inicial,

ATANA-, conserva-se por ter sido atraído pela sílaba seguinte, formando um grupo com o *n* do componente final, -*id*, exactamente como sucedeu com o topónimo românico CASTENDO¹, de CASTANĒTUM, a-par de CASTÊDO, que interpretámos mal no art. 229.

1291. ***Tangil** (Monção, Via).

Quási o mesmo fenómeno que acabámos de registar produziu-se em TANGIL, que não passa de uma variante de TAGILDE < ATANA-GILDI. Esta última forma baseia-se na pronúncia sem síncope da vogal intertónica, que quer dizer TAAGILDE.

1292. ***Tardariz** (Gondomar, P).

É provavelmente o genet. dum nome híbrido TARDA-RICUS, composto com o lat. TARDUS, cf. *Rom. Germ.* III, 51 o nome borgúndio TARDA, e OM TARDAZ 1220.

1293. **Tarei** (1. 2. Feira, Av).

Estamos em presença do genet. dum nome *ATANA-REDUS, formado como ATANAGILDUS, cf. o art. TAGILDE.

1294. ***Tarendo** (Monção, Via).

Julgamos poder explicar esta forma pelo nome *ATANA-REDO, que teria evolucionado para *ATANREDO, passando o *n* do primeiro componente para a sílaba seguinte, como já observámos no caso de TAINDE, o que fêz com que não só se salvasse esta consoante, mas também o *n* a que se juntou, e que normalmente deveria desaparecer. Há também dois lugares chamados TARENDO na Galiza, o primeiro no mun. de Creciente, Pontevedra, o segundo no mun. de Padrenda, Orense.

1295. ***Tariz** (Monção, Via).

Em 1258 escreve-se TAARIZ, *Inquis.* 370². Estamos em presença dum genetivo *ATANA-RICI, de ATANARICUS, ATANARIGO, que é o nome dum rei visigodo (366-381). Sobre o primeiro componente veja-se o art. TAGILDE.

¹ Freguesia de Insua, concelho de Penalva do Castelo.

1296. ***Tazém** (1. Valpaços, VR; 2. Gouveia, Guar).

A primeira destas duas localidades vem mencionada em 1257, *Leges* 676, na forma TASINDI. Esta identificação permite-nos afirmar que -ZEM (ou melhor -SEM) é uma forma divergente de -SENDE < -SINDI. TAZÉM, que se deveria escrever TASÉM, representa por conseguinte o genet. dum nome *ATANA-SINDUS, cuja forma «completa» se conservou no topón. galego TASENDE, no mun. de Cereceda, Corunha.

1297. ***Teamonde** (1. Oliveira de Azeméis, Av; 2. Resende, Vis; 3. Macieira de Cambra, Av).

Existe na Galiza uma formação análoga: TOMONDE (1. Cerecedo, Pontevedra; 2. Vedro, Corunha). No *Onomástico* figuram VILLA TODEMONDI 922, TOYMUNDI 1258 e TEAMUNDI 1258, *Inquis.* 593². A origem destas formas está no gen. de *TEODE-MUNDUS < got. *ÞIUD-MUNDS, composição que significa «protecção do povo».

1298. ***Tedim** (Felgueiras, P).

Este lugar da freguesia de Lagares vem documentado em 1220 na forma TEDIN. Deve explicar-se como procedendo do genet. *TEDINI dum nome *TEDINUS, derivado de *TEDO, que vem apontado no artigo que se segue.

1299. ***Tedões** (Resende, Vis).

Trata-se, segundo todas as aparências, do genetivo *TEDONIS dum nome *TEDO, atestado no *Onomástico* na forma do caso obliquo TEDONE 964, TEDON 981, TEDOM 1220, e do patronímico TEDONIZI 1036, TEDONIZ 928, TEDOIZ 1220. Cremos que *TEDO se pode identificar com o nome Teto, registado por Förstemann, e que possivelmente é formado de *TAITS «alegre», cf. também *Rom. Germ.* III, 151, TETONI. Que o D de TEDÕES, TEDONE, etc., procede de um T primitivo, reconhece-se através de OM TETON 915, TETONIZ 1013, e é esta a razão porque estas formas não se podem relacionar com ÞIUDA «povo». Ver também o artigo Todão.

1300. **†Teivães** (Fafe, B).

A forma antiga dêste topónimo é *SANCTO JACOBO DE TEVIANES*, 1220, *Inquis.* 133. A sua origem está no genet. em -ANIS dum nome de homem *TEUILA* 1078, *TEUULA* 1068. O caso oblíquo respectivo aparece em *TEUILAM* 1061, a forma feminina é *TEUILO*, *TEUULO* 1099. O nome de lugar *TIBÃES* não passa de uma forma divergente de *TEIVÃES*. A evolução de **TEVILANIS* para *TEIVÃES* não oferece nada de anormal. Depois do emudecimento do *L* e *N*, donde resultou a pronúncia *TEVIÃES*, a semivogal *i* foi atraída pela vogal tónica, exactamente como em *FEIRA*, do lat. *FERIA*. Em *TIBÃES* o ditongo *ei* reduziu-se a *i* por estar em sílaba átona. Sobre o étimo nada podemos dizer de concreto. Temos contudo a impressão de que existe um conexo entre o tema onomástico *TEV-* e o got. þiufs «ladrao», þiublo «clandestino».

1301. **†Teive** (Felgueiras, P).

Temos aqui certamente um nome que reflecte o genet. de tipo latino de *TEVILA*, que examinámos no artigo precedente, e que corresponde com bastante probabilidade a *OM TEUULI* geogr. (?) 933. O nominativo *TEVILA* deu origem ao antigo topónimo *TEYVA* 1268. De *TEIVE* existe ainda o «doublet» *TIVE*.

1302. **†Teles** (1. [Casal do], Setúbal; 2. [Quintinha do], Évora).

TELES é, como se reconhece à primeira vista, um topón. relativamente moderno que corresponde ao apelido *TELES*, patronimico de *TELLO*: *TELLICI*; cf. o artigo que se segue.

1303. **Telhe** (1. Arouca, Av; 2. Marco de Canavezes, P).

Filia-se esta forma no genet. **TELLI*, de *OM TELLUS* 915, *TELLO* 959, cf. os patronimicos *TELLICI* 1026, *TELLIZI* 1035, *TELLIT* 1044, *TELLIZ* 973, *TELICI* 1063, *TELIZI* 965, que atestam a frequência dêste nome na idade média. O tema onomástico *TELL-* pode provir do got. *TILS* «adequado, conveniente», ou *TILON* «adaptar-se», cf. *F* 1395, *ML* 87, *S* 94, *RG* III, 151. O nome de lugar *TELHE* existe também na Galiza, onde se escreve *TELLE* (município de Miño, prov. da Corunha).

1304. **Telhelhe** (Barcelos, B).

Corresponde este topónimo a *OM TELLELI*, *TELLILI* 906, manifestamente o genet. dum nome **TEIL-ELLUS*, derivado de *TELLUS*, *TELO*, que acabámos de citar. Não parece verosímil que o duplo *LL* de *TELELI* represente a palatal *LH* que está na forma moderna e que, aliás, o presumido étimo não justifica, antes teremos de admitir que *TELHELHE* é o produto de uma transformação de **TELELHE*, devida à assimilação do *L* da sílaba inicial ao *LH* da sílaba final.

1305. **Telhões** (Estarreja, Av).

Como é impossível fazer derivar a forma *TELHÕES* do gen. em *-ONIS* de *TELLO*, por a esta explicação se opôr a palatal *LH*, o mais simples será relacioná-la directamente com *TELHE*, art. 1303, e ver nela o nome de uma localidade povoada por gente de *TELHE*.

1306. **Telo** (Póvoa de Varzim, P).

Já nos referimos a este nome no artigo 1303. Sachs 94 aponta uma forma *TELHO*, que na realidade não existe. Houve confusão com *TELHÓ*, nome de duas localidades, uma no concelho de Botijas, outra no de Cabeceiras de Basto, formado de *TELHA* < *TEGULA* por meio do sufixo *-Ó* < *-IOLA*, e que talvez significa «forno de telhas». A forma oblíqua de *TELO* é *TELON* 1035, representada hoje talvez pelo topónimo galego *TELLÁN* (mun. de Pastoriza, prov. de Lugo).

1307. **Telões** (1. Baião, P; 2. Vila Pouca de Aguiar, VR; 3. Amarante, P).

Eis o genet. de tipo gótico de *TELLO*, que nos é familiar através da *Vita Tellois Archidiaconi*. O *Onomástico* oferece as antigas formas toponímicas *TELLONIS* 1220, *Inquis.* 205 e 257, e *TELOES*, *THOLOES* 1220, *Inquis.* 195 e 239. A explicação de *TELÕES* já foi dada por Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, III, 359.

1308. ***Temonde** (Guimarães, B).

É forma divergente de *TEAMONDE*, que explicámos no art. 1297.

1309. **Teomil** (Tondela, Vis).

O nome dêste lugar da freguesia de Lageosa, que se escrevia antigamente THEOMIL, representa o genetivo de TEODEMIRUS, TODEMIRUS 1001, THEDEMIRUS 950, THEOMIRO 1075, TODOMIRO 972. É conhecido na história por pertencer a um rei ostrogodo do séc. VI, cf. Schönfeld, art. THEUDEMER. A TEOMIL corresponde, na Galiza, TUIMIL, nome de quatro localidades, cf. Sachs 95. Em Portugal existe ainda a forma divergente TOUMIL, cf. o artigo 1326. A composição TEODE-MIRUS significa «o que tem fama junto do seu povo». Veja-se também o art. TEAMONDE.

1310. **Tertomil** (Vila Nova de Gaia, P).

É forma divergente de TORTOMIL, ver art. 1322, com a dissimilação de o-o para e-o que se observa também em REBOREDO por ROBOREDO.

1311. [***Tezelo** (Barcelos, B)].

Trata-se possivelmente de um nome formado com o tema TES-, que aparece em OM TESULFUS 773 (?), e cuja significação desconhecemos.

1312. [***Tezido** (1. 2. Ponte do Lima, Via)].

Em face do antigo topónimo TESEDO 1258, *Inquis.* 732, será talvez preferível ver em TEZIDO um nome comum românico, formado com o sufixo «botânico» -ETUM, do que interpretá-lo como vindo dum nome gótico *TES-ILDUS. Ignoramos contudo a origem e significação do tema.

1313. [***Tezinho** de Ferreiros (Barcelos, B)].

Será um nome *TES-INUS, formado com o tema TES- de TESULFUS, apontado no artigo 1311?

1314. **Teobaldo** (Feira, Av).

Reconhece-se com facilidade nesta forma o genet. dum nome *TEODEBALDUS, composto com þIUDA «povo», mais o elemento BALD-,

que significa «audaz». No artigo ROBALDE emitimos a opinião de que os godos não deveriam ter possuído nomes em que este tema entrava como segundo componente. É esta a razão que nos leva a crer que não se trata de um nome gótico, mas antes francónico, importado de França, onde abunda ainda hoje o apelido THIBAUT. Não será também um mero acaso o facto de THEUDEBALDUS ser documentado como sendo precisamente o nome dum rei francónico, do séc. VI. Ver também a forma divergente TIBALDE.

1315. **Tibães** (1. Guimarães, B; 2. Vila Nova de Famalição, B; 3. Braga; 4. [Quinta de], Mangualde, Vis; 5. [Quinta de], Penalva do Castelo, Vis).

Veja-se o artigo TEIVÃES e OM TIBIANES, TIVIAES, geogr. 1220, *Inquis.* 248¹.

1316. ***Tibalde** (Mangualde, Vis).

É o mesmo que TEOBALDE, art. 1314. Ver também OM TIBALDI, ap. 1258, e o patronímico TIBALDIZ 1220.

1317. ***Tibaldinho** (Mangualde, Vis).

Como parece mostrar a situação geográfica desta localidade, TIBALDINHO seria uma anexa de TIBALDE. Em -INHO havemos naturalmente de ver o sufixo diminutivo moderno.

1318. ***Tive** (Fafe, B).

Temos aqui uma forma divergente de TEIVE, ver art. 1301. Lembramos também OM TIUILLI 1086, TIVILI 1258, nome de mulher.

1319. **Toande** (Ribeira de Pena, VR).

Filia-se este topónimo no genetivo dum antigo nome *TEODENANDUS, cf. OM TODENANDO 1013, composto com þIUDA «povo», mais *NANþs «audaz». A forma feminina THEUDENANTHA vem registada por Schönfeld como sendo o nome de uma princesa ostrogoda (Θευδενάνθη, Procópio). Veja-se também OM TOYANDI, geogr. 1258, *Inquis.* 315¹.

1320. ***Todão**, Quinta do (Vila Real).

Parece tratar-se do oblíquo TEDONE 964, TEDON 981, TEDOM 1220, que apontámos no artigo TEDÕES. Na Galiza existem dois TODÓN (1. Becerreá, Lu ; 2. Friol, Lu). O o do tema explicar-se-ia por assimilação ao ão da desinência.

1321. ***Tões** (Armamar, Vis).

Se não estamos em êrro, a explicação desta forma está no genetivo *TEO-DONIS dum nome *TEODO, cf. *OM TODA* 994, *TODE* 1258, e *THEDON* 1090. Tratar-se-ia de um hipocorisma dum nome composto com þiuda «povo», como sucede com THEUDA, que vem registado por Schönfeld, e que lembra o grego *Δῆπον*, que também está por *Δαμσθένες*; ou outro nome em que entra *δῆπος* «povo». Visto que o D intervocálico do gótico enudece como o D latino, *TEODONIS havia com efeito de evolucionar para *TODONIS, *Toões e, finalmente, Tões.

1322. **Tortomil** (Valpaços, VR).

Temos aqui o genetivo do nome medieval *OM TRUCTEMIRUS*, *TRUCTEMIRO* 960 (ap. *TRUCTEMIRIZ* 968, *TRUITEMIRIZ* 908, *TROITEMIRIZ* 1008), composto na sua primeira parte com o gót. *DRAUHTS* «exército», «séquito» (veja-se o artigo *TRUITE*), cujo D inicial se assimilou ao T interior. A significação dêste nome seria «o que tem fama junto dos seus homens». Uma forma divergente de *TORTOMIL* é constituída por *TERTOMIL*, art. 1310. Cf. o antigo nome de lugar *OM TRUCTUMIR*, *TROTOMIR* (vilar) séc. XIII, que deve corresponder ao actual *TORTOMIL*.

1323. **Tortosendo** (Covilhã, CB).

Eis outro nome formado com *DRAUHTS*: *OM TRUCTESINDUS* 1075, *TRUCTESINDO* 994, *TRUCTESENDO* 924, *TROITESINDO* 986, *TROITESENDO* 1059, *TRUITESINDO* 975, *TRUITIZENDO* 1220, etc., que significa «expedição do exército». É frequentíssimo em documentos medievais. Ver também o artigo *TRUITE*. O genetivo está no antigo topónimo *TROITEGENDI* 1258, *Inquis.* 672¹.

1324. ***Tosando**, Quinta de (Celorico de Basto, B).

Trata-se sem dúvida dum nome TEODE-SANDUS, formado com *PIUDA* «povo», mais *SANÞS* «verdadeiro», tema que entra, por exemplo, em *GUISANDE*, art. 884, e, como primeiro componente, em *SANDAMIL*, art. 1151.

1325 [***Tou**, Casal de (Melgaço, Via)].

Esta forma explica-se talvez como sendo o nome **Teodo*, que vem mencionado no artigo *Tões*, ou o genetivo respectivo, **TEOD-I*.

1326. **Toumil** (S.^{ta} Marta de Penaguião, VR).

Temos aqui uma forma divergente de *TEOMIL*, art. 1309, e do topónimo galego *TUIMIL*. Na provincia de Burgos há uma *VILLATOMIL*. Existe também uma localidade chamada *TOUMIL* no mun. de Covelo, prov. de Pontevedra.

1327. **Tourém** (1. Paredes de Coura, Via; 2. Montalegre, VR).

O presente nome não tem nada que ver com o nome comum *TOURO*. A terminação toponímica *-REM* está, como vimos no art. *OUSARÉM*, por *-REI* < *-REDI*, reflectindo *TOUREM* o gen. *TEODEREDI* de *OM TEODEREDU* 949, (*TEODEREDIZ* 1070), *TEUDEREDUS*, *THEUDEREDUS* 983, *TODEREDUS* 924 (*TODEREDIZ* 1018), *TUDEREO* 1100. O *Onomástico* aponta as antigas formas toponímicas *VILLA TOREDÍ* 1069, e *CASAL DE TOEREY* 1258. Chamava-se *THEODEREDUS* um rei visigodo do séc. VI, significando este antropónimo «conselho do povo», ou antes «aquele que aconselha o seu povo». A *TOURÉM* corresponde, na Galiza, *TUREY* (1. Canedo, Orense; 2. Villameá de Ramiranes, Orense).

1328. ***Tourigo** (Tondela, Vis).

É a forma portuguesa do nome histórico *TEODORICO*. Além do célebre rei ostrogodo, conhecemos vários reis visigodos, e outro francónico, com este nome, cf. *Schönfeld*, art. *THEUDERICUS*. Do onomástico antigo citaremos *TEODERICUS* 924, *TEODERIGO* 971,

TODERICO 1008, TODERIGO 1083, e os nomes de lugar CASAL DE TOERIGO, TOEIRIGO 1220, *Inquis.* 85⁴, TOERIGOS 1258, *Inquis.* 429⁴. Ver também os artigos TOURIS e TURIZ.

1329. **Tourís** (1. Marco de Canavezes, P; 2. Tábua, Coim; 3. Castelo de Paiva, Av; 4. Loulé, F; 5. [Herdade dos] Estremoz, Ev).

Este nome de lugar há de explicar-se de duas maneiras. Nos três primeiros casos, Tourís está por TOURIZ, ou seja o genet. do nome precedente, cf. *O.M.* TEODERIZI 906, TODERICH 1065, TODERIZI 994, TOERIZ 1220, e os topónimos VILLA TEODERICE 969 (?), TODERIZ 946, TORIZ 1220, cf. também o art. TURIZ. Nos dois últimos, trata-se sem dúvida, como mostra a situação geográfica das localidades respectivas, do plural do nome comum TOURIL < lat. TAURILE. O topónimo TOURIS encontra-se também duas vezes na província da Corunha, a forma TUIRIZ três vezes na prov. de Lugo, e uma na de Pontevedra.

1330. ***Tozal** (Paredes de Coura, Via).

É uma variante do nome de lugar que se segue.

1331. ***Tozar** (1. Felgueiras, P; 2. Resende, Vis).

A origem dêste topónimo está no genet. de TORESARIUS, que se explica no artigo seguinte. Nas Inquirições de 1258, a pág. 662, vem o nome geográfico TOSARIE, que deve corresponder a um destes dois lugares.

1332. ***Tozeiro** (Arouca, Av).

Estamos em presença dum nome de homem que no *Onomástico* apresenta as formas seguintes: TORESARIUM 912, THORESARIUS 929, TORSARIO 907, TOSARIUS 1029, (TOSARIZ 1080), TUSARIO 1088. Cf. também o nome geogr. TOSEIROS, *Inquis.* 684². O tema TORES-, que evolucionou para TORS-, TOS-, representa o gót. *ÞAURIS «gigante» (cf. o ant. island. ÞURS, ÞORS, ant. alto alem. DURIS), elemento que entra p. ex. no nome do rei gepidio THORISIN, assim como do rei godo THORISMODO, registado por Schönfeld, 236. O próprio TORESARIUS, que se pode traduzir por «exército de

gigantes», é um nome histórico, cf. Sch. 236 THORISARIUS. Tanto o étimo como as formas antigas pedem as grafias TOSEIRO, TOSAR e TOSAL.

1333. **Tozende** (Paredes de Coura, Via).

Este lugar vem documentado em 1220, *Inquis.* 122¹, na forma TUESENDI, cf. também CASAL DE TOESENDAOS, *Inquis.* 158¹. TOZENDE deriva do genet. de OM TEODESINDO 968, TODESINDO 991, (Todesindes 1091), TUDESINDO 998, TUTESINDU 1056, < *þiuda-sinþs, que poderíamos traduzir por «expedição (ou guerra) do povo». Veja-se também o art. TUIZENDES.

1334. [***Traidos** (Póvoa de Lanhoso, B)].

Esta forma é possivelmente o plural dum nome TRAÍDO, cujo genetivo estaria representado por TRAIÐ, nome dum município da prov. de Guadalajara, e que procederia de *TRADA-ILDUS. O tema TRAD- aparece em OM TRADO 994, e TRAD-ILO fem. 982 (?), cf. também TRAGUNTIA (no mun. de Pozos de Hinojosa, prov. de Salamanca), e o art. TRANDES. Ignoro o significado deste elemento, que poderia ser o mesmo que em DRATO, DRATOLF, citados por Förstemann 1461, formas que este autor aproxima do ant. alto alem. DRÄTI «veloz».

1335. ***Tralhariz** (Carrazeda de Anciães, Bça).

A terminação -RIZ indica com certeza um nome visigodo em -RICUS, genet. -RICI. Não nos foi possível identificar o primeiro componente, TRALH-.

1336. ***Trandes** (Guimarães, B).

Será outro nome formado com o elemento TRAD-, a que aludimos no art. TRAÍDOS, mais NANþs «caudaz»? Um patronímico *TRADI-NAND-ICI poderia de-facto evolucionar para TRANDES.

1337. **Tresmil** (Fafe, B).

Trata-se do genetivo de OM TRASMIRO 915, (TRASMIIRIZI 1089, TRASMIIRIZ 1067) e TRANSMIRUS 1008. Esta última forma sofreu

manifestamente a influência do prefixo latino **TRANS**, com que falsamente se identificou o primeiro componente, **TRAS-**. O patronímico aparece também como nome geográfico na forma **TRANSMIRIZ**, **TRANSMIRES** 1220, *Inquis.* 41. O primeiro membro da composição, **TRAS-**, que em sílaba átona evoluciona para **TRES-**, como sucede com os verbos formados com o prefixo **TRAS-**: **TRESPASSAR**, **TRESLÊR**, etc., vem do got. *þrasa «briga, questão», substantivo fem. pos-verbal que se conhece através da palavra composta þrasa-halþei «vontade de brigar», e que se encontra em numerosos topónimos galegos, cf. Sachs, 97, **TRASMIL** (2). **TRASANDE**, **TRASULFE** (2), **TRASUFE**, **TRASARIZ** (4), aos quais se pode ainda acrescentar **TRASAR** (mun. de Carballido, prov. de Lugo), que é o genet. de *OM* **TRASARIO** 1044, **TRASEIRO** 1059, < *þrasa-harjis. Cf. também *OM* **VILLA TRASUARI** 921, *Diplom.* 15, *VILLA TRASVAR* 1258, *Inquis.* 485².

1338. **Tresmonde** (1. Ponte de Lima, Vía; 2. Guimarães, B).

Temos aqui o genetivo de outro nome formado com *þrasa: *OM* **TRASMUNDUS** 870 (patron. **TRASMONDIZI** 1072), que conhecemos da história por ser o dum rei vândalo do séc. VI: **THRASAMUNDUS** < *þrasa-munds. Lembraremos que os vândalos eram os parentes mais próximos dos godos.

1339. **Tresmonte** (1. 2. Vinhais, B)].

Como noutros casos (cf. art. 988), **-MONTE** poderia estar por **-MONDE**, e **TRESMONTE** por conseguinte não passar de uma variante de **TRESMONDE**. O topónimo **TRASMONTE**, **TRESMONTE** é, porém, tão freqüente na Galiza (contámos uns 16 casos), que talvez seja preferível explicá-lo por **TA(X)S-MONTE**.

1340. **Tresmundes** (Chaves, VR).

Filia-se este nome no patronímico **TRASMONDIZI** que se apontou no art. **TRESMONDE**.

1341. ***Trezoi** (Mortágua, Vis).

A boa grafia é **TRESOI**, cf. o antigo nome de homem **TRASOI** 1056 (?), *Diplom.* 243 e 277. Sobre o primeiro componente veja-se o art. **TRESMIL**, sobre o segundo o art. **VALDOI**.

1342. ***Trostia** (Penafiel, P).

Calculo que o acento deve incidir na primeira sílaba. Sendo assim, **TROSTIA** explica-se como sendo um nome hipocorístico **TRAUSTILA**, cf. F 1339 **TRAOSTILO**, e *Rom. Germ.* III, 152, em que o tema **TRAUST-**, que em português evoluiu normalmente para **TROST-**, corresponde ao gót. **TRAUSTI** «pacto, aliança». Em face dos antigos nomes femininos **TRASTALLUM** 991 e **TRASTALO** 950, seria também possível que **TROSTIA** viesse de uma forma mais antiga ***TRASTIA**. Neste caso seria preferível relacionar o tema com **ÞRAFSTJAN** «consolar, admoestar», ou **ÞRAFSTEINS** «consolação», que entra como primeiro elemento no nome medieval **TRASTEMIRUS**.

1343. [**Trouxemil** (Coimbra)].

Amadeu Ferraz de Carvalho, no seu importante estudo *Toponímia de Coimbra e arredores*, págs. 54-55, demonstrou que o lugar de **TROUXEMIL** é absolutamente idêntico à povoação que em documentos dos séculos IX a XI se chama **VILLA CRESCEMIRI** e **CREISEMIRI**. Embora a evolução fonética destas formas (trata-se do genet. do nome híbrido **CRESCIMIRUS**, que se estuda no art. **CREIXOMIL**) para **TROUXEMIL** seja um pouco desconcertante, e a derivação deste último de ***TRAUSTIMIRI**, de que se lembrara Sachs 94, ser fonologicamente perfeitíssima, teremos de nos render à realidade geográfica.

1344. ***Trufei** (Amarante, P).

Este nome está sem dúvida por **TUFREI**, forma que se explica sem dificuldade como sendo o genet. **TEODEFREDI** de **OM TEODEFREDO** 976, composto com **ÞIRDA** «povo» mais ***FRIÞUS** «paz, protecção». O topónimo já aparece documentado em 1220, *Inquis.* 37², na forma **TROFEI**, o que mostra que a metátese do **r** é bastante antiga. **TEUDEFREDUS** é também o nome de um chefe francónico, cf. *Schönfeld* 230.

1345. **Truite** (Braga).

Estamos em presença do genet. do nome medieval **TRUCTUS** 961, **TRUCTU** 1100, (patron. **TRUCTIZ** 1060) e, já com vocalização do **c**, **TRUITO** 1038, que é tirado do gót. ***DRAUHTS** «exército, bando, séquito» (cf. **DRAUHTINON** «fazer serviço militar, ir para a guerra»,

GA-DRAÚHTS «soldado», DRAÚHTI-WITOþ «expedição militar»), palavra que entra em numerosas composições, como por exemplo em TROCTESINDO 1083, TROITESINDO 1059, TRUCTESINDO 994 (com numerosas variantes), TRUCTEMIRO 960, TRUCTEMONDO 991, TRUCTINO 960, TRUITERO (<*DRAÚHT-HARJIS) etc.; cf. o art. TORTOMIL. O aú tónico de DRAUHT- evoluciona primeiro normalmente para o, que na vizinhança do i, procedente de c (<h), se fecha para u. O *Onomástico* oferece ainda duas formas de TRUTE com a vogal primitiva, quer dizer sem a metafonia a que aludi: TROITE 1258, *Inquis.* 361², TROYTE 1258, *Inquis.* 380 e 370. Sachs 47 explicou muito bem a evolução do D inicial para T por assimilação ao T do interior da palavra. Veja-se também o artigo TRUTE.

1346. **† Truito**, Vale (Castelo de Paiva, Av).

É o caso oblíquo de TRUCTUS, a que nos referimos no artigo que precede.

1347. **† Trulhe** (Paredes de Coura, Via).

Conservou-se neste nome de lugar o antigo nome de mulher OM TRODILI 1083, TRUDILI 907, TRUDILI 960 e, com emudecimento do D intervocálico, TRULLI 1088. Todas estas formas procedem de TRUDILDI 915, oferecendo a assimilação do D ao L a que já me referi nos arts. FAÏL, SAÏL, etc. A evolução de -LLI para -LHE é regular, cf. ILLI > LHE. O componente inicial de TRUDILDI é *þrūþs «fôrça», que entra igualmente no nome hipocorístico feminino TRUDILO 971, TRUYLO 1085, que forma o genet. TRUDILONI 1048. Insisto no facto de TRUDILDI não representar um genetivo, como facilmente se poderia supor, mas um antigo nominativo em -i : *HILDI «luta», que pertence à declinação forte chamada em -ô, do tipo BANDI, genet. BANDJÔs, de que fazem parte só substantivos femininos.

1348. **† Trute** (Monção, Via).

Representa este topónimo uma variante mais moderna de TRUTE, art. 1345. Esta última forma corresponde na sua evolução fonética ao arc. TRUITA < lat. TRŪCTA, ao passo que TRUTE seria comparável ao actual TRUTA.

1349. **Tufe** (Ponte da Barca, Via).

Temos aqui o genet. de *OM TUDEULFUS* 1045, *TUDULFO*, *TEDULFUS* 1037-1065, que provém do gót. **THUDA-WULFS*, à letra «lobo do povo».

1350. **Tugide** (Fafe, B).

Explica-se este nome como sendo o genet. *OM TUDEGILDI* 1040, de *TEODEGILDO* 973, *TODEGILDUS* 1013 (patron. *TODEGILDIZ*, *TUDEGILDIZ* 1014), *TODEOGILDO* 1021, *TUDEGILDUS* 1041. O primeiro componente é naturalmente þiuda «povo», o segundo gild «impôsto».

1351. **Tugido** (Guimarães, B).

Temos aqui o caso obliquo do nome *TEODEGILDO* que se aponta no artigo precedente.

1352. **Tugilde** (1. Feira, Av; 2. Oliveira de Azeméis, Av).

Deve interpretar-se este nome como sendo forma mais conservadora correspondente a *TUGIDE*, com não-assimilação do l ao d.

1353. **Tuizendes** (Vila Real).

Esta forma corresponde ao antigo nome geográfico *TODESINDES* 1091, *Diplom.* 455, que representa o patronímico **TEODESINDIZI*, de *TEODESINDO*, cujo genetivo vive no actual *TOZENDE*, art. 1333. Ambos os topónimos deveriam escrever-se com s, em vez de z.

1354. **Turiz** (1. Guimarães, B; 2. Vila Verde, B).

Filia-se esta forma no genet. *TEODERIZI* 906 (*TOERIZ* 1220) do nome histórico *OM TEODORICUS* 924, *TEODERIGO* 971, *TODERICO* 1008, *TODERIGO* 1083, *TOERIGO* 1220, *TUERIGO* 989 (patron. *TUERIGUIZ* 1258). Existia também uma forma feminina: *OM TEODORIGA* 883, *TODERICA* 1009. De formas antigas toponímicas citaremos *OM VILLA TEODERICE* e *TEODERIZE* 969, *TODERIZ* 946, *VILLA TURISI* 950, *TORIZ* 1220, *TORIS* 1258, que correspondem aos dois actuais *TURIZ*. Na Galiza encontram-se quatro localidades chamadas *TURIZ*, e outra *TURIZ*, cf. Sachs 95-96. Veja-se também o art. *TOURIS*.

U

1355. *Ufa (S. Pedro do Sul, Vis).

Visto o elemento WULF- formar exclusivamente nomes masculinos, não se pode tratar em UFA da forma feminina do nome que se segue, mas deve ser deturpação ou má grafia dêste.

1356. *Ufe (1. Penafiel, P; 2.-3. Barcelos, B; 4. Valença, Via; 5. Felgueiras, P; 6. [Casal d'], Baião, P; 7. [Casal d'], Santo Tirso, P; 8. [... de Cima], Guimarães, B).

Filia-se êste nome de lugar no genetivo de *OM AULFU* 1071, *AUFO* 1074 (patron. *AUFIZ* 1060), cf. *VILLA AUFFI*, composta no segundo membro da composição com WULFS «lôbo», sem dúvida o elemento mais productivo de todo o onomástico visigodo peninsular. Quanto ao primeiro componente, hoje totalmente absorvido pelo segundo por nêle incidir o acento, o A das formas antigas indicam um tema ANA-, de significação obscura, e que entra p. ex. em AGILDE, AMIL, AMONDE e outros topónimos já estudados. Esta interpretação recebe, aliás, uma confirmação directa pela forma *OM ANAGULFO* 985. A evolução de *ANA-(w)ULFI para AUFE, OUFE, (cf. VALE D'OUFE, art. 1376) e, finalmente, UFE, pode comparar-se com a de ATANA-ULFI para TUFE, art. 1349, que mostra a mesma absorção do a pelo u tónico.

1357. *Unhão (Felgueiras, P).

Julgamos reconhecer em UNHÃO o caso obliquo em -ANEM do nome godo HUNILA, citado por Schönfeld 142, hipocorismo dum nome composto com o tema *HUNS «força», cf. Holthausen 49, como p. ex. HUNI-MUNDUS (rei ostrogodo e chefe suevo), HUNI-RIX (rei vândalo), HUN-VIL (rei godo), HUN-VULFUS (príncipe suevo). HUNILA é abundantemente documentado no *Onomástico Medieval*, cf. HUNIA 1006 e os topónimos MONTE UNIONE 983, *Diplom.* 84 e 260, UNHOM 1220, *Inquis.* 72 e 190, UNOM 1258, *Inquis.* 557 e 609, e finalmente, CASAL D'UNAN 1258, *Inquis.* 690. Existem ainda

alguns outros antropónimos compostos com o tema HUN-, cf. UX-SUITO 976, UNISCO (fem.) 983, UNIXCO 986 (UNISCOMI 1013), HUNISCO 990. O *n* intervocalio de *HUNILANEM conservou-se em UNHÃO devido à circunstância de, depois do emudecimento do *l* (que, segundo se verifica, deve ser anterior ao desaparecimento do *n*) ter entrado em contacto com a semivogal *i*, fundindo-se com ela em *nh*.

1358. ***Urgil** (Sinfães, Vis).

URGIL remonta ao genetivo de *OM* ORGILDO 1080, ORRGILDO 1100, que por sua vez parece assentar em *OSGILDO, cf. *OM* VILLA OSGILDI 1008, *Diplom.* 123 e 249. Os nomes germânicos que principiam por *Os-* têm a sua origem no tema *AUS-*, que corresponde ao do lat. *AURORA*, gr. *αὔρος, ἄρος, ἥος* «aurora», cf. Holthausen 10, que aponta os exemplos *Os-win*, *Oso*, *ASO-REDUS* e *OS-GILDUS*. O nome medieval peninsular mais freqüente composto com este elemento é *Oso-REDUS*, cujo genet. *OSOREDI* é a base do actual topónimo *AZURÉM* (Guimarães). O rotacismo que se manifesta em *URGIL* tem um paralelo em *GOSMA*, a-par-de *VURMO*.

1359. **Uzenda** (Marco de Canavezes, P).

Trata-se de uma variante de *OUSENDA*, art. 1031, ou seja o antigo nome de mulher *OM* AUSINDA 1083, a que nos referimos nos arts. *OUSENDA* e *OUSENDE*. Existe, no concelho de Ponte de Lima, também um lugar chamado *OZENDA*. Deveriam preferir-se as grafias *USENDA* e *OSENDA*.

V

1360. [***Vade** (Ponte da Barca, Via)].

As formas antigas indicam o genetivo dum nome *VANATUS, que não sabemos explicar, mas que não parece ser de origem visigoda, a-pesar-de *VADE* lembrar formas como *GONTADE*, *GUILHADE*, etc., cf. *VANAT* 950, *PORTELLA DE UANADE* 1059, *VAAADI* (DA TORRE) 1258, *PORTELA DE VAADE*, séc. xv. Não julgamos existir qualquer nexo com *BADE*, art. 102, nem com *VEXADE*, art. 1388.

1361. [**† Vaiamonte** (Monforte, PA)].

Registamos êste nome não por ser menos admissível a interpretação «vai-a-monte», mas por existir uma leve possibilidade de se tratar de uma adaptação popular de VAMONDE, art. 1385.

1362. [**Valdelhe** (Fafe, B)].

Deverá ler-se VALE D'ELHE? Neste caso o topónimo explicar-se-ia talvez como sendo o genetivo em *i* de EGILO, que figura no art. EGA. Se, pelo contrário, VALDELHE forma um todo, estaríamos possivelmente em presença do genetivo dum nome *BALD-ELLUS, cf. F 236 BALDILO e o art. BALDE.

1363. **Valdemil** (Póvoa de Lanhoso, B).

É simples variante do topónimo que se segue. O próprio *Diccionario Postal* hesita, aliás, entre a grafia com *L* e a com *R*.

1364. **Valdemir** (Alijó, VR).

Filia-se êste topónimo no genetivo de OM BALDEMIRO 972 (patron. BALDAMIRIZ 1258), composto com *BALþs «audaz», ou BALþei «audácia» (cf. o verbo BALþJAN «ousar, atrever-se»), cujo tema serviu também para designar a família real visigoda dos BALTHI, mencionada por Jordanes (séc. VI), que confirma o étimo dizendo: *Baltha id est audax*, cf. Sch 43. Na Galiza existem as formas seguintes: VALDEMIR (Lobera, Orense), BALDOMIR (1. Bergondo, Corunha; 2. Laracha, Corunha), VALDOMIR (Caurel, Lugo) e VALDOMIRO (Corgo, Lugo).

1365. [**† Valdevinos** (Porto de Mós, Lei)].

O nome BALDUINUS, que deu origem a VALDEVINOS, empregado também como apelativo no sentido de «vadio, estroina, devasso», não é de proveniência visigoda, mas franco-francesa. BALDOUINS, ou BAUDOUIN, é figura de relêvo nos cantares de gesta franceses do ciclo carolíngio, que tanta repercussão tiveram na Península. Ainda nos princípios do século XVI contava-se, em Portugal, a dramática história de VALDEVINOS, cf. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Romances Velhos em Portugal*, págs. 94-96.

1366. *Valdígem (Lamego, Vis).

O nome desta freguesia encontra-se bem documentado na Idade Média, cf. *OM BALDOIGH* 960, *BALDIGI* 1059, *BALDIGE* 1182 (Foral de Valdigem, *Leges* 428). Deve interpretar-se como sendo o genetivo dum nome visigodo *BALþ-WEIGS, latinizado em *BALDOIGIUS, e conhecido por ser o dum bispo de Cuenca nos meados do séc. VII; cf. sobre o primeiro elemento o art. VALDEMIR, sobre o segundo o art. GONTIGE. A nasalação da vogal final em VALDÍGEM deve ser relativamente moderna e parece ter sido originada pela existência de -AGEM a-par da pronúncia popular -AGE¹.

1367. Valdiz (Valpaços, VR).

Tenho a convicção de que VALDIZ é má grafia por VALDIGE, forma que tem a mesma origem que o topónimo estudado no artigo precedente. Existe também uma localidade chamada VALDJE na Galiza (Moeche, Corunha).

1368. Valdoi (Vila Nova de Famalicão, B).

O *Onomástico Medieval* regista as formas antigas BALDOI 1008 e VALDOY 1258. Chama-se também BALDOY uma localidade da prov. de Pontevedra (mun. de La Cañiza). A coexistência de VALDIGE(M) e VALDOI permite resolver o problema da origem do elemento -OI, deixado em suspenso por Meyer-Lübke I, 83, e Sachs 116. A origem deste -OI, que já encontramos em CENOI, SIDOI e outros topónimos, não pode ser *WEIGS «combate», porque este tema é representado hoje, como vimos nos dois artigos antecedentes, por -IGE(M), e antigamente por -(v)IGIUS. Fala também contra

¹ Depois de redigido este artigo, vejo que o satídoso mestre Leite de Vasconcellos já tratou do nome VALDIGEM nas suas *Lições de Filologia*, 2.^a ed., págs. 332 s. Tenho a satisfação de verificar que a sua interpretação deste topónimo coincide com a minha. O citado estudo traz as seguintes informações complementares: «A pronúncia BALDIGE conserva-se ainda hoje *in loco*: assim ouvi no concelho de Lamego, até a pessoas que normalmente dizem *virgem* e *origem*. ... Deve entender-se que *Valdigem* é pseudo-correcção literária de *Baldige*; visto que o povo transforma frequentemente -igem em -ije (p. ex. *virje* em *birje*, *impije*, etc.), e por outro lado, na Beira, *val* ou *vate* se muda em *bal* ou *bale*, supuseram os doutores que *Baldige* era corrupção de *Valdigem*, e começaram a escrever deste modo em vez daquele.

esta hipótese o antigo nome de homem *OM VIGOY*, atestado duas vezes no séc. XI e que, se ela fôsse exacta, seria constituído por dois sinónimos, o que não parece natural. Resulta destes factos que -oi só pode assentar em *WEIHS* «santo».

1369. **Valdomar** (1. Vila Nova de Famalicão, B; 2. Santo Tirso, P; 3. [Casal de], Lousada, P).

Estamos em presença de uma variante de *BALDOMAR*, art. 108. A forma *VALDOMAR* encontra-se mais três vezes na Galiza (1. Cuntis, Pontevedra; 2. Nogueira de Ramuín, Orense; 3. La Peroja, Orense). A composição significa «cavalo audacioso». Não tinha razão Meyer-Lübke, *Roman. Namenstudien* I, 18, quando julgava serem poucos os nomes peninsulares visigodos formados com o elemento *BALD-*. Além de *BALDEMIRO*, *BALTARIO* e *BALDEREDO*, existiam pelo menos *BALDERIGO*, *BALDOSENDO* e *BALDUÍGIO*.

1370. **Valdosende** (Terras de Bouro, B).

A freguesia de *VALDOSENDE* (a grafia com *s* é preferível à com *z*) corresponde a *OM S.ª MARINA DE BALDOSINDI* ou *BALDOSENDI*. O seu orago é ainda hoje Santa Marinha, o que vem confirmar a identidade dos dois topónimos.

1371. **Valdreu** (Vila Verde, B).

A actual freguesia de *S. SALVADOR DE VALDREU* identifica-se facilmente com *OM S. SALVATORE DE BALDREI* 1220, que se filia no genetivo do nome de homem *OM BALDEREDO* 964, a que já nos referimos no art. 1369. Em *VALDREU* restabeleceu-se o caso geral românico, por *DE BALDEREDO* e *BALDEREDI* serem formações equivalentes. O nome é histórico, figurando no glossário onomástico de Schönfeld. Significa à letra «conselho intrépido».

1372. **Valgode**, Quinta de (Vouzela, Vis).

Não se dispondo de formas antigas, é difícil explicar este nome. O mais razoável seria talvez ver nele um *VALE GODE*: vale de um chamado *GODUS*, *GODO*, nome tirado de *gōps* «bom, belo», cf. o art. 605, e *OM GOTI* 1036, apelido de homem. O que, porém, torna esta interpretação pouco segura, é o facto de no onomástico medieval

português as formas em -o, -u : GOTO, GOTU, GODU designarem, sem excepções, mulheres. Pensei também na possibilidade de VAL- provir de VALDE-, e VALGODE representar o genet. dum nome bitemático *BALDE-GUDUS, que se poderia comparar com *OM SES-GUDUS* 930, cf. o artigo 1212, SERGUDE, e o topónimo galego REDIGODE (Sobrado, Corunha).

1373. Vale de Agodim (Alijó, VR).

Veja-se o artigo 615. O A «parasita» de AGODIM, por GODIM, encontra-se também em AGOSTEM, por GOSTEI, cf. o art. 715.

1374. Vale de Agodinho, Quinta do (Pesqueira, Vis).

AGODINHO está por GODINHO, art. 619, como AGODIM por GODIM.

1375. Vale de Guilhufe (Valpaços, VR).

Veja-se o art. 809, GUILHUFÉ.

1376. Vale d'Oufe (Celorico de Basto, B).

Veja-se o art. 1356, UFE. OUFE é a forma intermediária entre AÚFE, de *ANA-ULFI, e UFE.

1377. Vale d'Ourigo (Lamego, Vis).

Consulte-se o art. 1025, OURIGO.

1378. Vale d'Ouzanda (Oleiros, CB).

OUZANDA está manifestamente por OUSENDA, que registámos no art. 1031.

1379. Vale de Remigio (Mortágua, Vis).

REMIGIO é uma deturpação de ERMIGIO, que estudámos no art. 360.

1380. [Vale de Sobrigo (Alcácer do Sal, Lísb)].

É possível que SOBRIGO esteja por SABARIGO, art. 1271.

1381. **Vale Truito** (Castelo de Paiva, Av).

TRUITO, que já aparece nesta forma em 1038, vem do nome TRUCTUS 961, a que me refiro no art. TRUITE.

1382. **Vale de Vaide** (Poiares, Coim).

O acento de VAIDE é meu. Trata-se do genetivo dum nome *VALA-ILDUS, cf. *OM* UALIDI 988, UALITI 1036, UALIT 968, VALIDE 978, VALID 954 e OUTEIRO DE VAYDI 1258.

1383. **Vamonde** (1.-2. Felgueiras, P).

Formou-se este topónimo do genet. de um nome BADAMUNDUS, que deixou também vestígios na toponímia galega: BAAMONDE (1. Begonte, Lu; 2. Muras, Lu), VAAMONDE (1. Paderne, Orense; 2. Toques, Corunha). O *Onomástico Medieval* regista o apelido BADEMONDI 995. Os elementos que se encontram na composição são *BADU- «combate», e *MUNDs, ou *MUNDA, «protecção».

1384. **+Vegide** (1. Arcos de Valdevez, Via; 2. Vila Nova de Gaia, P; 3. Castelo de Paiva, Av; 4. Vieira, B).

Se dispusessemos apenas das formas do *Onomástico*: UEGITU 976, UEGITIZI 1032, seria caso de duvidar do carácter visigodo de VEGIDE. Êste está contudo fora de dúvida, segundo mostram os topónimos galegos VIGILDO (Ortigueira, Corunha) e VIGIDE (Irijo, Orense), que indicam claramente um nome *VIGILDUS. Como já sucedeu em vários casos, é difícil decidir se o segundo componente é *HILDI «luta», ou GILD «impôsto, sacrifício». Como, porém, no primeiro caso obteríamos um nome formado de dois sinónimos, *WEIG-HILDS, será talvez melhor recorrer à segunda hipótese, interpretando VEGIDE como sendo o genetivo dum nome VI-GILDUS < got. *WEIH-GILDS, que no ponto de vista semântico satisfaz plenamente, visto a composição significar «sacrifício santo». O *OM* cita as formas antigas VILLA UIGIDI 1100 e VIGIDI 1258. Sobre nomes compostos com *weig, veja-se o artigo VIGIÃO.

1385. **+Veirigo** (Vilaverde, B).

Temos aqui manifestamente o nome antigo que no *OM* se escreve VIAERICUS 959, UIARIKU 1093, VIARIAGU 973, e cujo gene-

tivo se perpetuou no topón. VIARIZ, art. 1396. É certamente idêntico ao nome do rei ostrogodo *VIDIRICUS (as formas documentadas são VITIRICUS e VITERICUS, cf. Sch. 264), que apresenta o mesmo tema VID- que os nomes históricos VIDIGOIA, VIDIMER e VIDUARIUS, que parece filiar-se em *WIDUS «madeira, bosque», cf. Wrede, *Ostgoten* 69, e Holthausen, *Got. etymol. Wörterb.* 124. A-par-de VEIRIGO existe a variante VERIGO, art. 1390.

1386. ***Vejão** (Vila Nova de Famalicão, B).

Interpretamos VEJÃO como sendo uma variante de VIGIÃO, art. 1399, e vindo do caso oblíquo em -AXEM do nome VEGELA 951, VEGILA 1020, que figura no *Onom. Medieval*, e que se verifica ser forma hipocorística dum nome composto com WEIG- «combate».

1387. ***Velofde** (Arouca, Av).

A mesma forma toponímica encontra-se no mun. de Monterroso, prov. de Lugo, escrevendo-se VILOIDE, sendo o tema inicial idêntico ao do antigo nome geográfico OM VELOSENDI 1220, VELOSINDI 1258, que formalmente corresponde ao topónimo galego BELESENDE (mun. de Pol, prov. de Lugo). Citando este último nome de lugar, mais BELESAR e BELSAR, que ocorrem meia dúzia de vezes na toponímia galega, Sachs 43 admite a existência de um tema germânico BELIS-. Ora não há dúvida que as formas modernas postulam um tema com dois LL, e que o s de BELESAR e BELESENDE pertence ao segundo elemento de composição. Este tema BELL-, de origem incerta, é o mesmo que já examinámos no art. BELOI, e que entra também no nome do famoso general de Justiniano, BELISÁRIO. Relacionam-se com ele bastantes formas do *Onom. Medieval*, cf. BELARIO 986, BELLENGO 915, BELIDO 1258 e BELLID 1085 (genet. de *BELLE-ILDUS, a não ser que se trate de um derivado do lat. BELLUS: BELLITUS), BELLOY 929, BELSAR (S.^{ta} Eulalia de) 1258, BELSARE (S. Salvatore de), BELLUDI (villa) 1089, BELLUTI geogr. 1065, BELLECO 1009 (BELEQUE 1044), BELILI geogr. 1258, BELLALLUS 1032, etc.

1388. [***Venade** (1. Paredes de Coura, Via; 2. Caminha, Vis)].

A terminação -ADE lembra nomes visigodos compostos com *HATHUS «luta», como GUILHADE e GONTADE. Não nos deve,

porém, esquecer que o genetivo dos nomes latinos em -ATUS dá o mesmo resultado. A conservação do N intervocálico não permite estabelecer uma relação com VADE, art. 1360. Como por outro lado não parece existir um tema onomástico germânico VENN-, ou BENN-, propomos que se explique VENADE como sendo o genet. dum nome latino-cristão BENE-NATUS, comparável a BENEDICTUS e OM BEN-COLLECTO (à letra «o bem acolhido»). Consultando o *Onom. Medieval*, encontramos a confirmação desta hipótese na forma BENNATO 1010, que figura no *Livro Preto*. A freguesia de VENADE, situada no concelho de Caminha, vem documentada nas *Inquirições* de 1258 na forma de S.^{ta} OVAYA DE BENADI.

1389. * **Vera** (1. Cabeceiras de Basto; 2. Vila Verde, B; 3. Ponte de Lima, Via).

Trata-se dum nome de homem monotemático, que em 968 se escreve BERA (patron. BERACI 1005, BERAZ 1013, BERAS 1258), e que deu também origem ao topónimo TORRE DE BERA, próximo de Coimbra. Não se chegou ainda a uma explicação satisfatória do tema BER-, cf. Meyer-Lübke I, 19, e Sachs 38. Temos a escolha entre *BAIRA «urso» (cf. BAIRA-BAGMS «arvore do urso» ou seja «amo-reira») — e neste caso BERA representa talvez uma tradução do nome latino URUS —, *BAIRUS «javali», e o tema do verbo BAIRAN «trazer, sofrer, parir». Inclinação-nos para a primeira destas hipóteses.

1390. * **Verigo** (Pombal, Lei).

É certamente forma divergente de VEIRIGO, veja-se o art. 1385.

1391. **Vermil** (1. Ponte do Lima, Via; 2. Guimarães, B).

Este topónimo é fácil de identificar com OM VILLA BELMIR 1059, BELMIL 1033, que se filiam no genet. de OM BELMIRUS 870, o actual BELMIRO, que por sua vez procede de BERMIRUS (com dissimilação do R para L) como já reconheceu Sachs 38. O tema inicial VER- é o que nos ocupou no artigo VERA. Na Galiza existem as formas BERMIL (mun. de Paradela, prov. de Lugo), e BELMIL (mun. de Santiso, prov. de La Coruña).

1392. **Vermoil** (Pombal, Lei).

Não passa este nome de uma forma divergente do topónimo que se estuda a seguir. O L é devido, talvez, como julga Sachs 39, à dissimilação dos dois elementos nasais.

1393. **Vermoim** (1. Famalicão, B; 2. Paredes de Coura, Via; 3. Vila Velha de Ródão, CB; 4. Penafiel, P; 5. Santo Tirso, P; 6. Oliveira de Azeméis, Av; 7. Famalicão, B; 8. Maia, P).

Leite de Vasconcellos refere-se de passagem a este topónimo nas *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.^a ed., pág. 40, dizendo que VERMOIM procede de (VILLA) *VERMUDINI. Ora tivemos muitas vezes o ensejo de verificar no decorrer deste trabalho que o sufixo -INUS, procedente do got. -EINS, nunca se junta a formas bitemáticas, mas vem substituir-se ao segundo elemento de composição, cf. BADIM, DADIM, GODIM, LALIM, MANDIM, etc. O próprio mestre L. de Vasconcellos, nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, notara, aliás, que VERMOIM se pronuncia VERMŪI, com duas sílabas, o que mostra claramente que a sua origem está no genetivo do conhecido nome BERMUDUS, VERMUDUS, e não dum derivado deste. A nasalidade do ditongo final é, naturalmente, devido ao M, cf. a pronúncia de MUI e MUITO, onde se observa o mesmo fenómeno. É possível que a grafia VERMOIM represente uma hiper-correcção de gente culta que tinha em mente o paralelismo RÓIM (pop.) e RUÍM, ou que, sabendo que muitos nomes apresentam a terminação -IM, julgou que a pronúncia com -ŪI fôsse corrupção desta. Acrescentarei que a forma *VERMUDINUS não se encontra uma única vez no *Onom. Medieval*, ao passo que VERMUDUS abunda de maneira a justificar a sua frequência invulgar na toponímia hodierna, cf. OM VEREMUDUS 919, UEREMUDUS 926, VEREMUDO 959, UERMUDO 882, VERMUDO 953, UERMULO (?)1110, VERMULO 1220, UERMUDO 1064, UERMUU 1081, VERMUU 1220, etc., etc. O genetivo UEREMUDI está documentado em 928 (juntamente com os patronímicos em -IZI, -IZ, -IT), reflectindo-se nos antigos nomes geográficos VILLA VERMUI 994, CASTRO UERMUI (terr. portug.) 1065 e VERMUY MADIE 1258. As formas correspondentes galegas são BERMUY (Mesía, La Coruña), BERMÚN (1. Cee, La Coruña; 2. Chantada, Lugo; 3. Túy, Pontevedra) e BERMUIN (Nieves, Pontevedra). Em Castela temos VILLABERMUDO (Palencia)

e BERMUDILLO (Martiherrero, Ávila). O segundo componente do nome, -MUDO, elemento bastante raro no onomástico visigodo, filia-se em *mōþs* «coragem», ao passo que o primeiro, BER-, se deve considerar como vindo provavelmente de *BAIRA «urso», segundo vimos no art. 1389.

1394. [***Vernaldo** (Oleiros, CB)].

Trata-se manifestamente do nome BERNARDO que, como sucede com os outros antropónimos em -ARDO < *hardus*, não são de origem visigoda, mas franco-francesa, cf. ML II, 64. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia Portuguesa* 54, aponta as formas BERNALDO e BERNAL.

1395. [***Verride** (Montemor, Coim)].

Schönfeld regista um nome VERRITUS, tirada dos *Annals* de Tácito. Tratando-se, porém, dum chefe frisio, duvido muito que tenha alguma coisa que ver com VERRIDE, embora foneticamente a etimologia não ofereça dificuldade.

1396. **Viariz** (1. Baião, P; 2. Vila Real).

Não é difícil reconhecer em VIARIZ o genetivo *OM UIARICI* 1098 do nome *OM VIAERICUS* 959, *VIARI(A)GU* 973, *UIARIKU* 1093 (patron. *UIARIKIZ* 1094, *UIARIGUIZ* 1097), que corresponde ao nome do rei ostrogodo VIDIRICUS, cf. Schl. 264. O tema *wīd-*, *weid-*, cujo *d* emudeceu normalmente em português, constitui também o primeiro elemento de composição dos nomes históricos VIDIMER (outro rei ostrogodo), VIDUARIUS (rei dos quados) e VIDIVARI (tribú germânica). Já nos referimos a ele no art. 779, *Guia*, onde também indicámos as possibilidades de interpretação. Considerando que a «fugenvokal» de todas as formas antigas correspondentes a VIARIZ é *a*, inclinamo-nos para a etimologia *WEIDA «guia», palavra que penetrou também no vocabulário comum da Península, e cuja significação justifica o seu emprêgo como elemento onomástico. A existência do tema *WEID- é igualmente comprovada por nomes borgúndios, cf. *RG*, III, 157 s. Acrescentaremos que o *w* inicial do gótico evoluciona, no onomástico português, ora para *v*, ora para *gu*. Do topónimo VIARIZ, que se encontra também no mun. de Corullón, prov. de Leão, o *Onomástico Medieval* cita as formas

antigas seguintes: VIARIZI 1034, UIARIZI, UIARIZ 1053, VEARIZ 1220, VEEERIZ 1268.

1397. **Vidão** (Paredes de Coura, Via).

Considero este nome como sendo forma divergente de GUIDÃO, art. 783.

1398. ***Vigião** (Rêsende, Vis).

Já se aludiu a esta forma no art. VEJÃO. VIGIÃO, VEJAO o o galego VIJÁN (no mun. da Ribeira, prov. da Corunha) reflectem um e o mesmo hipocorismo godo: WEIG-ILA = OM VEGELA 951, UEGELA 965 (patron. UEGILAZ 1058), VEGILA 1020, na forma do obliquo em -ANEM. O primeiro componente procede de *WEIG- «luta», étimo que já postulámos, embora com menor convicção, para alguns nomes que principiam por GUI-, cf. o art. GUIMARA. Por ele se deve igualmente explicar o antigo antropónimo masculino VIGOR 1060, e o nome de lugar galego VIJANDE (mun. de Vegadeo, prov. de Oviedo) < VIGINANDI, genet. de VIGINANDUS < gót. *WEIG-NANþs «audaz na batalha». Consulte-se também o art. VEGIDE. O G de WEIG- conserva, como é natural, o seu caracter velar diante de o, evoluçionando para J quando seguido de i ou e.

1399. ***Vijozém** (Fafe, B).

Este topónimo deriva do genetivo dum nome *VIGISINDUS, *VIGISENDUS, composto de *WEIG- mais SINþs, podendo-se traduzir por «expedição de guerra». Sobre a identidade de -ZEM com -SENDE, veja-se o art. TAZÉM. Deveria preferir-se a grafia VIJOSÉM.

1400. ***Vilhades** (Ponte do Lima, Via).

Trata-se do patronímico de OM VILIADUS 1220 = GUILHADO, composto com WILJA «vontade» mais HAþus «combate». A forma do genetivo continua a viver em GUILHADE, art. 792.

1401. ***Vilharigues** (Vouzela, Vis).

Eis outro patronímico em -ICI: *VILIA-RICI, de OM ULIARICO 984, ULIARIGU 995, que reflecte um nome gót. *WILJA-REIKS «o

que tem uma vontade poderosa», cf. também Schönfeld 265, VILIARIC(us). É escusado dizer que a terminação -RIGUES corresponde exactamente à do apelido RODRIGUES.

1402. ***Vilhões** (Melgaço, Via)

A ausência de formas antigas do nome deste lugar da freguesia de Rouças vem dificultar a sua explicação. Julgamos que VILHÕES se prende com o topónimo GUILHÃO, art. 798, sendo o genet. em -onis dum nome, provavelmente de mulher, GUILHO (= *OM* GUILU 1075, GUILU 1096), que corresponde à forma masculina GUILLA 1258 (= GUILHA). Tratar-se-ia, por conseguinte, do hipocorisma dum nome em que entrava como primeiro membro de composição o tema de WILJA «vontade».

1403. [***Virães** (Santo Tirso, P)].

Também este nome de lugar, por estar isolado, não é fácil de interpretar. Possivelmente procederá do genetivo dum hipocorisma BER-ILA: *BERILANIS, forma carinhosa dum nome composto com *BAIRA «urso», elemento a que fizemos referência nos artigos VERA e BEIRE. Haverá qualquer nexo entre VIRÃES e o antigo topónimo *OM* VILLA BIRLANES 1089, *Diplom.* 434?

Z

1404. ***Zendo** (Arouca, Av).

ZENDO está manifestamente por OSENDU < *OM* AUSINDUS 922, AUSENDU 991, que explicámos no artigo OUSENDE. A aférese do o, devida, segundo parece, à confusão com o artigo, verifica-se também noutros casos, como por exemplo no nome do rio ZÉZERE, que em 1159 se escreve OZEZAR, conforme a sua origem: OZECARUS, e o actual topónimo ZEIVE, que representa o genetivo de *OM* OSEBIO 936 < EUSEBIUS.

JOSEPH M. PIEL



Sôbre a poesia de Teixeira de Pascoais

O grande poema de Pascoais nunca foi escrito. Realizou-o, no silêncio, uma criança, ao descobrir o mundo com seus olhos immaculados. Os poemas que lançou, mais tarde, ao papel, indicam apenas momentos duma jornada em busca da infância perdida. Cada poema é uma reconquista. Nasce dum regresso ao estado infantil, que é, para Teixeira de Pascoais, o estado primitivo de poesia.

Pode portanto dizer-se que a poesia de Pascoais se realizou virtualmente na infância. Para a projectar no espaço e no tempo, Pascoais teve de roubá-la ao silêncio e às trevas do passado. Teve de retomar, até, a sua atitude psicológica de menino, a sua concepção infantil do mundo. Só quando fala, dos longes do próprio *eu*, a voz da infância, que é a voz autêntica da sua alma, Pascoais consegue ingressar na vida plena, essencial, independente do espaço e do tempo, que Bergson chamou *durée*, e que Pascoais chama simplesmente *vida*. Os poemas que escreveu projectam e perpetuam cada esforço de evocação, ou cada alegria de nova descoberta. Analisando êsses momentos de êxtase, o poeta afirma: «Vivo mais do que existo. Ouço e vejo fora dos sentidos» (*Verbo Escuro*). Encerrou-se, de facto, num castelo inacessível aos sentidos, no mundo imaterial e nebuloso da lembrança, que é «outro mundo com outras criaturas» (*Ibid.* p. 15).

A vida verdadeira, a vida ausente, revela-se, como num milagre, aos olhos do poeta, mercê de qualquer circunstância propícia. O pressentimento infantil objectiva-se, dêste modo, circunstancialmente, por um acaso imprevisito (Goethe fazia derivar dêste acaso todo o surto lírico). «O anjo que somos nos primeiros anos vai-se, com o andar dos anos, sepultando em nosso corpo. Às vezes, acorda ao contacto duma voz familiar, ou de qualquer cousa que, tendo sido do seu tempo, ficou, em sua memória, perto dêle». (*Litro*

de *Memórias*, p. 34). Nesse instante, Pascoais sente-se «flutuar num rio aéreo» (*Vida Eterna*); fica suspenso: o relógio pára, o mundo exterior desaparece, o poeta reencontra-se na sua verdade íntima, na sua *durée*.

Na expectativa absorvente da «visita do eterno», para usar as palavras de Shelley, o ser todo se recolhe e concentra, numa postura abandonada igual à dos místicos, à dos ascetas orientais, que mortificam a carne, interrompem a respiração, fecham os olhos, a-fim-de tornar mais fácil o contacto com Deus. Genial como sempre na análise dos mais subtils fenómenos psíquicos, Proust define no «Du côté de chez Swann» esse momento religioso em que, por obra e graça da música, é possível comungar no inefável. Uma simples frase musical arrasta Swann para lá da existência, suspende-o na vida plena, permite-lhe, ao mesmo tempo, a subida ao paraíso perdido e a descida às profundezas da alma.

«Sómente apreciara, de comêço, a qualidade material dos sons segregados pelos instrumentos. E já fôra um grande prazer quando, por debaixo da pequena linha do delgado violino, resistente, densa e directora, viu tentar elevar-se, duma só vez, um marulho líquido, a massa da parte do piano, multiforme, indivisa, plana e entrecho-cada como a malva agitação das ondas que o luar fascina e bemo-liza. Mas num dado momento, sem poder distinguir nitidamente um contórno, dar um nome ao que lhe agradava, súbitamente encantado, tinha procurado recolher a frase ou a harmonia — êle próprio não sabia bem — que passava e que lhe abria mais largamente a alma, como certos odores de rosas, quando circulam no ar úmido da noite, têm a propriedade de nos dilatar as narinas. Talvez por não saber música pudera experimentar uma impressão tão confusa, uma destas impressões que são, contudo, talvez as únicas puramente musicais, inextensas, inteiramente originais, irredutíveis a qualquer ordem de impressões. Uma impressão dêste género, durante um instante, é por assim dizer *sine materia* (*Du côté de chez Swann*, I, p. 300).

Teixeira de Pascoais, ao descrever a infância, «estado angélico e perfeito», descreve implicitamente o mesmo instante psíquico, a mesma sensação do inefável: «Eu não tinha ainda esta existência individual, definida ou isolada num pequeno espaço material... Para os meus olhos de criança, as cousas não eram exteriores, não existiam, viviam a vida pura, que é só alma, intimidade, substância eterna, em vez de forma transitória» (*L. de M.*, p. 50-51). Noutro lugar afirma: «Para uma criança tôdas as cousas têm um valor

transcendente; e a sua vida é um êxtase de luz. Lembro-me ainda dessa vida inefável, e revivo-a» (*Ibid.*, p. 77).

Note-se: Pascoais distingue dois momentos, ou duas maneiras de regresso à infância. Uma vez, o poeta *revive*, quer dizer, extingue-se perante a voz da infância, a voz da alma, que nêle se levanta. Outras vezes, o poeta *recorda*, quer dizer, procura, na ausência dessa voz, defini-la, comprazer-se na sua lembrança, e preparar de qualquer modo o seu reaparecimento.

Algumas páginas de Bergson poderão elucidar-nos melhor sôbre o que distingue estes dois momentos da poesia pascoaisiana. Bergson define duas modalidades de memória: a *recordação pura* (relativa à *durée*) e a *memória costume* (relativa ao tempo espacial).

A segunda é um regresso do presente ao passado; a primeira, pelo contrário, uma progressão do passado ao presente. «Partimos dum «estado virtual» que nós conduzimos pouco a pouco, através duma série de *planos de consciência* diferentes, até ao termo em que se materializa numa percepção actual, quer dizer, até ao ponto em que êle se torna um estado presente e agente, quer dizer enfim, até êsse plano extremo da consciência em que se desenha o nosso corpo. Nesse estado virtual consiste a recordação pura» (*Matière et Mémoire*, 26.^a ed., p. 268). Nesse estado virtual, acrescentamos nós, se desenvolve a poesia da infância dos grandes poetas.

Mas será apenas *recordação pura* a memória dum poeta como Pascoais? Eis aqui um novo problema respeitante, dum modo geral, ao fenómeno poético.

Necessariamente, ao evocar o passado, o poeta serve-se também da *memória-costume*. Vai buscar nela dados concretos, motivos. Por exemplo, no poema *A minha história* (em que Pascoais menciona datas no cabeçalho (1877-1901), o que nos faz supor, erradamente, uma biografia versegada), a frase-motivo é esta: «Nasci ao pôr do sol dum dia de Novembro». A frase, porém, é mero estímulo ou circunstância de que vai surgir o crescente enlêvo poético. Não se lhe segue mais nenhum dado particular, nada que represente ordenação lógica ou análise retrospectiva. Do pensamento dessa tarde, o espirito logo generaliza e presencía tóda e qualquer tarde de Novembro:

«Quando os sinos soluçam badaladas
E lúgubres mulheres desoladas,
Com piedosas mãos, espalham flores...

Quando há pálidas faces que se molham,
E há lírios, violetas, brancas rosas
Que sôbre o escuro tumular das lousas,
Ao vento se desfolham...

Essas mulheres desoladas, faces pálidas, violetas, rosas, lousas — tudo isso não existiu nem existe: vive em Pascoais essa vida «que é só alma, intimidade, substância eterna». Tudo isso é interior no poeta, como interior, subjectivo, não localizável, é êste quadro do mesmo poema:

«A chuva a cair, as lágrimas do vento,
Fôlhas mortas doirando o nosso isolamento,
Mendigos a rezar, fantasmas tão velhinhos!
Charco de lodo ao longo dos caminhos,
A reflectir os céus,
Como em nossa alma escura splende, às vezes, Deus.»

Há decerto, no poema citado, os dados objectivos que são pontos de referência, e também elementos de sugestão. O Marão, o Tâmega, Coimbra, o Choupal, Inês de Castro, Camões, Antero, são nomes que sômente a memória podia fornecer, embora venham nimbados, mercê da saúde que diviniza tudo, pelo fervor quási religioso do poeta. Assim quando recorda (*memória-costume* de Bergson), Pascoais faz ainda poesia, como Camões ou Fr. Agostinho da Cruz, amigos de projectar no passado cada nova experiência, e de lamentar o bem ausente. A poesia, neste caso, nasce da união com que se recorda, porque o passado é um culto, os lugares da infância «lugares santos», no dizer de Pascoais. A lembrança enternecida prepara o surto lirico em que fala, directamente, a própria voz da infância. O primitivo *estado virtual* materializa-se numa percepção presente da infância: o *outrora* torna-se *agora*, como nos versos de Fernando Pessoa:

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
Eu era feliz? Não sei;
Fui-o outrora agora.

A memória-costume, cumprido o seu papel, desaparece. Cede lugar à vida mesma, à voz de *anima*, como diria Claudel. Para

continuarmos a usar a terminologia d'êste autor, decerto demasiado simplista mas valiosa do ponto de vista didático, precisaremos que, memorizando, age no poeta o princípio que, no fenómeno lírico, preside, contempla e afirma, sendo nêle o menos participante, o menos essencial — *ánimus*. Revivendo, desponta maravilhosa a voz de *ánima*, recatada e feminina, puríssima, senhora do silêncio divino.

«Em mim desperta
E se extasia
Um anjinho que morreu...
.....
Mete-se em meu coração
Para que eu seja inocente,
E outra vez recém-nascida
A minha vida...»

«O anjinho que morren», renascido no coração do poeta, é a própria *ánima*, que só indirectamente fala nestes versos, porque nêles domina *ánimus*, consciente duma presença estranha, sobrenatural, extasiante. Quando, porém, o sonho sucede à vigília, o canto é outro, espontâneo, e o trabalho de *ánimus* resume-se no esforço expressional :

«E tudo espaço azul, eternidade,
Indefinida luz...»

«As cousas que me cercam silenciosas
São almas a chorar que me procuram...»

Essa voz é tanto a voz da sua poesia, que Pascoais afirma, no *Verbo Escuro*: «a inspiração do poeta é ainda a sua infância sobrevivendo» (p. 184). Se *recorda*, o seu canto é triste e saúdoso ; se *revive*, fruindo outra vez a vida plena, torna-se criança inocente, enleada, e daí a percepção intuitiva do mundo, a dispersão psicológica, no abandono à voz de *ánima*, a virgindade, a candura, o anseio místico, o poder de comungar na Natureza, e a mingua de humanidade real, de carne e osso, que distinguem a sua poesia.

Um romance de Ibn-Tofeil, escrito no século iv da Hégira, e chamado *Hai-Ibn-Yoedhán*, conta uma história cujo simbolismo é pertinente aqui. Hai, ainda criança, foi abandonado numa ilha

deserta, onde só tinha por companhia a cabra que o alimentava. Assim cresceu, isolado, e, pouco a pouco, foi concebendo as cousas à sua maneira. O simples espectáculo da natureza ensinou-lhe os primeiros princípios. Examinando as plantas, os astros, os bichos, o mar, examinando a própria alma, chega ao conhecimento das leis fundamentais, e, por fim, ao conhecimento dum Deus criador e ordenador.

A exemplo de herói dêste romance, o poeta deve iniciar a descoberta do mundo como se fôsse o primeiro homem. O termo *adamismo* (inventado por Ortega y Gasset) cabe-lhe perfeitamente. Tem de reviver experiências passadas, tem de reencontrar a sabedoria ancestral com as suas próprias forças. Mesmo assim, na sua ilha deserta, não lhe é vedado o caminho que leva a Deus.

A cabra que alimenta Hai poderia simbolizar a *imaginação* do poeta, que tudo transforma e dinamiza, e que dêste modo, na *Senhora da Noite* de Pascoais, refere as suas virtudes :

«Fera de mim, há a sombra indefinida,
O Espectro mudo...
A confusão das nuvens... bruto mármore
Que eu torno em minhas mãos extasiadas...
E ei-la donzela e flor, estrêla e árvore,
A música das formas animadas...»

Essa imaginação não é mero *divertimento* do espírito; é antes o poder de completar a obra indecisa, em esbôço, do Criador, tornando-a significativa e animada, transformando o «bruto mármore» em «carne viva». Dêste modo recria-se, revela-se; não se fantasia nam deturpa. Mas o poder de colaborar activamente na obra divina só pertence às crianças e aos poetas — aos que sabem admirar, aos que possuem o dom do espanto :

Ninguém contempla as cousas admirado.
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...

Já na infância se patenteou a Pascoais a verdade das cousas, no estado psíquico do êxtase: «O encanto que eu descobria em tudo, nesse tempo! Êste encanto era a verdade das cousas revelada. Era os meus olhos imaculados. Diante duns olhos imaculados, não há aparências, há só almas». *Livro de Memórias*, p. 46). Os poetas

e as crianças vêem tudo ingênuamente, *desprevenidos*, como se vissem pela primeira vez. Daí o irem muito longe na descoberta das almas; daí o adivinharem o sentido oculto do universo. A primeira impressão encerra mais verdade que a segunda. Esta, que é já de inteligência critica, disseca, devora e mata. O que *define* mumifica. É preciso conservar intacta a primeira imagem recebida:

«Porque todo o milagre ou maravilha
Deixa de o ser, apenas se demora
Diante da nossa vista...»

Esse *milagre* não passa todavia, na opinião do psicólogo, dum fruto da mentalidade infantil. Claparède, para quem o génio é «um prolongamento da infância», afirma que o espirito da criança progride naturalmente do simples para o complexo; do concreto para o abstracto; da receptividade passiva para a espontaneidade; da indeterminação para a especialização; da subjectividade para a objectividade; do interesse do imediato para o interesse do mediato. Esta direcção evolutiva esclarece o processo psíquico do poeta, que, enquanto poeta, permanece no primeiro estádio. A sua visão é de conjunto, em tudo lóbrica a unidade, indistinta e simples. «Nele reúne todos os elementos dum tempo — diz Hofmannsthal, o autor do verso *Und drei sind Eins: ein Mensch, ein Ding, ein Traum*: «e três são um: um homem, uma coisa, um sonho». O *sincetismo*, como Renan designa esta «primeira vista, geral, comprehensiva, mas obscura, inexacta» (*L'Avenir de la Science*, p. 501), funda-se no estreme subjectivismo, na estreme passividade, na estreme simplicidade. O poeta, como a criança, apenas se interessa pelo que a rodeia immediatamente, pelo que é presente e circunstante, e regista, à semelhança do sismógrafo (a imagem é ainda de Hofmannsthal), toda e qualquer vibração do exterior.

Se perde a inocência, o homem logo perde a chave do mundo maravilhoso e real. O segundo olhar, o da pessoa adulta e prosaica, pela sua efficácia objectivante, mostra-nos o definido, as formas, as aparências — o que Pascoais chama «o mundo das sombras». Dá-nos a conhecer o que *existe*, enquanto esconde a verdade que é *vida*. Mas os poetas, mantenedores do privilégio da infância, trazem a sua mensagem, restituem às coisas a face espiritual, anunciam «duas Terras, dois Céus, duas Paisagens». «O espí-

rito afirma, e ri-se da inteligência que discute...» (*Verbo Escuro*). O espírito afirma a correspondência alegórica das coisas.

La Nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles ;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.

Marcel Raymond comenta: «Dos seres, das coisas, só vemos claramente o avesso; só um espírito dotado duma espécie de segunda vista distingue, através das aparências, convertidas em signos e em símbolos, os reflexos dum universo suprassensível». A mesma concepção platónica, essencial no poeta, exprime Novalis: «Todo o visível repousa num fundo invisível, o que se ouve num fundo que se não pode ouvir, o que é tangível num fundo impalpável». Pelo mesmo motivo, para Baudelaire, o mundo constitui «uma floresta de símbolos», uma «universal analogia». E por isso vê Pascoais duas faces na natureza, e «avista sempre, na paisagem, uma forma concreta ou revelada, e outra, a revelar-se vagamente» (*Homem Universal*, p. 9). Enquanto conceitos, idéias, seres abstractos ou imaginados se revestem de formas concretas, as coisas animam-se, cantam e sofrem. A cada objecto sensível corresponde uma essência oculta, quimera ou «*alma viva*», quem sabe? Velhos pobrezinhos que se arrastam na estrada, ao cair da tarde, parecem rezar, «são fantasmas de Jesus». No limite do horizonte «erram vultos de viúvas». Os rochedos surgem petrificados por «fantástico tormento». Uma estrela é «alma sôzinha que passa». De manhã cedo, na aldeia, caminham «almas ansiosas», «almas estremunhadas», algumas de enxada ao ombro, tôdas «sem destino, espantadas, num assombro». E a terra abrupta e nua transforma-se num «céu verde, tangível e fraterno»; e as sombras vivem, as pedras choram, a paisagem integra-se no espírito, o espírito funde-se na paisagem. «As coisas que eu observo causam-me viva impressão estranha, onde elas se continuam transfiguradas» (*Verbo Escuro*). Uma vez, animais, plantas e minerais humanizam-se; outras vezes, o homem cobre-se de aparência telúrica, os braços enrijam e apontam em ramos, alma e corpo penetram-se, diluem-se.

Meus sentidos que são? Êrmo lugar
De Aparições,
Onde, à noite, me empecem, ao luar,
Os Murmúrios, as Luzes e as Visões.

No poeta, o objecto percebido ganha logo um valor transcendente, torna-se aparição, mercê dum *prolongamento* psíquico. Só um poeta como Pascoais falaria de «sensações etéreas». As coisas só existem, para ele, na sua continuação subjectiva. Não há contacto material consciente: os sentidos não passam de «lugar de aparições». E o mundo torna-se criação, melhor, revelação do espirito. «Aproprio-me do mundo, para que ele se mostre como Deus o fez e não como nós o refazemos» (*Livro de Memórias*, p. 77). O poeta é dos primeiros egocêntricos: só existe para ele o que existe nêle; e não duvida em afirmar: «Tínhamos sete anos, eu e o mundo» (*Livro de Memórias*, p. 34), porque, afinal, é ele o mundo. E nas sensações o que procura são elementos para o sonho, meios de aprofundar e conquistar a própria alma. «Ouço e vejo fora dos sentidos. Meu Sonho é a alma do Universo. As estrelas brilham àquem dos meus olhos... no fundo escuro do Passado...» (*Ibid.*). Na sua alma, no seu *espaço psíquico* (no dizer de Carlos Du Bos), tudo se passa e reúne.

A alma é um espelho imaterial
Que tudo quanto existe reproduz
Dum modo original.

Mas porque é um espelho onde as cousas se reflectem, logo passivo, o poeta dispersa-se, aniquila-se na sua imagem do mundo. «Entre mim e as cousas mediavam intimos e fraternos sentimentos, que eram elas continuando-se no meu ser; ou era ele a prolongar-se em árvores, montes e penedos...» (*Livro de Memórias*, p. 50). «Nascem de mim árvores, flores; e os mortos irrompem, vivos, do meu ser. Desapareço numa turba de fantasmas. Já não sou eu; sou os outros...» (*Ibid.*, p. 29). Assim já não é possível a opposição entre o mundo exterior e o mundo interior; tudo se identifica na «tenebrosa e profunda unidade» que Baudelaire atingiu na sua empresa poética.

A mesma estrela que cintila no céu brilha no âmago da consciência. Mais: os papéis invertem-se: e a realidade material é agora considerada a projecção, «o desdobramento, para fora, da realidade espiritual» (diz Pascoais). De qualquer modo, dois aspectos da mesma unidade, faces do mesmo cristal indivisível. Todo o poeta verdadeiro efectiva este intercâmbio entre ele e o mundo. «O carácter mesmo do poeta, é não ter nenhum. É tódas as coisas, e não é nada...» — palavras de Hofmannsthal.

No momento de criar, o poeta deve confundir-se com a Natureza, porque a sua criação repousa numa sublime receptividade. «Queremo-nos encontrar? — pergunta o autor da *Carta de Lord Chandos*, magnífico depoimento dum poeta. Não é em nós que devemos descer. É fora de nós, fora de nós que nos encontraremos».

E Pascoais, nas *Sombras*, p. 168:

«Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo!
E agora, quem sou eu? Nesta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.»

No terceiro volume dos *Ensaços*, Unamuno analisa com argúcia esta correspondência do objectivo e do subjectivo: «Do ambiente exterior se forma o interior por uma espécie de condensação orgânica; do mundo dos fenómenos externos o da consciência, que reage sobre aquele e nêle se expande. Há um continuo fluxo e refluxo difusivo entre a minha consciência e a natureza que me rodeia, que é minha também, a *minha* natureza; à medida que o meu espirito se naturaliza saturando-se de realidade externa, espiritualiza a natureza saturando-se de idealidade interna. Eu e o mundo fazemo-nos mutuamente». E a seguir: «Tudo vive dentro da consciência, da minha consciência, tudo, inclusivamente a consciência de mim próprio, o meu *eu* e os *eus* dos outros homens».

Pascoais teve sempre a noção precisa desta dependência do homem e das coisas; como poeta, fechou-se na sua consciência, negando tudo o que não vive nela e por ela; «o homem, afirma, é o universo consciente», da mesma forma que o universo é a consciência do homem. Talqualmente a criança na ilha deserta, percepção o mundo, percepção Deus, mas não os concebe fora de si mesmo. Com êle tudo nasceu; nêle tudo vive, até os *seus* mortos; com êle tudo morrerá, até o *seu* Deus. Mas a morte (Pascoais pensa como Rilke) não significa o nada, mas a vida, a eternidade que só é dada aos fantasmas, às personagens do sonho, ao que não existe.

Pascoais solitário, Pascoais triste e ausente, profundamente português, define-se pela mais portuguesa das palavras: a *saúde*, filha de *soledade*, sentido em que Bernardim a usa ainda, por vezes, nas éclogas. O poeta das *Sombras* é saudável de tôdas as maneiras: saudável da infância, saudável da terra, saudável do céu. A saúde,

terrena ou metafísica, «é a mãe do nosso canto» (*Sempre*, p. 5), é o grande estímulo da poesia: «Criação quer dizer *saúde*... lembrança, esperança, o que foi, o que há-de ser» (*Verbo Escuro*, p. 55).

A saúde terrena, a lembrança enternecida do ambiente e dos *lugares santos* da meninice, é a que primeiro avulta em Pascoais. Já aos vinte anos, desde os primeiros versos, o espírito se lhe volta para o passado. O seu olhar dirige-se, a cada instante, para coisas bem concretas e determinadas: a sua aldeia, a paisagem serrana, a casa paterna, o campanário, o regato, a fonte, as «alminhas» na estrada, os rebanhos, as histórias de Lucrécia, o encanto de ver tudo pela primeira vez. Êsses elementos da infância, acarinhados pela memória com devoção, refere-os, por exemplo, de espaço, nas poesias *A minha aldeia* e *Quinta da Paz* (do *Sempre*), *A Sombra do Passado* (de *As Sombras*) e *A minha história* (da *Terra Proibida*). Alguns aspectos dêstes poemas sugerem até o paralelo com outros de Cesário Verde. Ambos retiveram e descrevem, com tons desolados e cinzentos, as longas tardes e os vultos dos mendigos, sombras de fome e dor, errantes, de porta em porta. Mas o que notamos em Cesário e em Pascoais, esta saúde das coisas sensíveis, distingue, em conjunto, os nossos poetas. Eles não propendem (veremos que Pascoais é uma excepção) para a angústia metafísica, para a tortura do impalpável: refugiam-se nas saúdes da terra, Camões na lembrança duns «olhos suaves», Garrett na memória da pátria ou das emoções amorosas, Nobre na lembrança duma «virgem de ao pé do Mondego».

Por que motivo Pascoais, ou Nobre, quando moços de vinte anos, idade em que tudo nos chama ao futuro e à vida real, se entregam deliberadamente ao passado? É que o lírico vê-se condenado ao isolamento, desterrado no presente e deslocado na vida de relação¹. O próprio destino o força à vida interior, quer dizer (porque o poeta prefere *receber* a pensar) à vida da memória. «A vida é memória» — afirma Pascoais. «A nossa vida vivida é uma série de imagens...» (*Livro de Memórias*, p. 21). O poeta, que foi feito para outro mundo, só sabe mover-se no plano do espírito evocativo e sonhador. É o caso típico de Mallarmé, a que Thibaudet se refere na seguinte frase: «Êste idealismo resumir-

¹ No caso de Nobre, a doença explica em parte êsse isolamento: daí uma nostalgia mais forte da vida normal.

-se-ia assim : um orgulho desmedido, mais do que uma consciência nítida e profunda, da vida interior, um orgulho que comporta a princípio uma decepção e que a veste — dissimulando-a e revelando-a ao mesmo tempo — com a magia dos sonhos».

Talvez seja possível descobrir em Pascoais o vestígio disfarçado duma decepção idêntica. Pascoais sente-se dolorosamente encerrado, como Santa Teresa, como todos os poetas e todos os místicos, no *castelo da alma*, na «sua Torre de bruma e de silêncio». Reconhece não lhe ser dado comunicar directamente na alma de outrem. «Há sempre uma curva, no caminho, que nos esconde a pessoa amada...» (*Livro de Memórias*, p. 84). Há sempre uma barreira entre ele e os outros; essa barreira é a carne, a forma definida, a presença física. Por isso aconselha: «Não ameis a coisa na própria coisa; amai-a na sua *presença* de saudade» (*Verbo Escuro*, p. 91). Máxima que é fruto duma experiência dolorosa, porque Pascoais (ao menos por momentos) foi homem de desejo, integrado no sentido da terra. Ele afirmou, uma vez, o que afirma qualquer homem: «O corpo é que é tudo, embora sujeito à corrupção... Os nossos braços apertam-no, sentem-lhe o contacto material que o torna, ao nosso lado, uma pessoa igual a nós, e a sua presença querida é o mais a que podemos aspirar» (*Livro de Memórias*, p. 10). Mas, no mundo físico, há duas forças que se contrariam, uma centrífuga, outra centrípeta: e a dualidade reflecte-se no mundo moral, sob as formas de amor e repulsa. Envolvido, por seu turno, nesta luta cósmica (que serviu de tema à *Fala de Percival*, de Teófilo Braga, inserta nos *Doze de Inglaterra*) Pascoais vê esboçar-se o conflito angustioso. O seu impulso de amor, que exigia uma satisfação total, na união total, esbarra no corpo, na *máscara* dos seres queridos. «Quando beijamos uma face bem-amada, sentimos *inesperadamente* o encontro do quer que é de inerte e sensível, onde o nosso beijo desfalece. Aquele corpo que nos incendiara é quasi um bloco inanimado, junto do nosso peito. Conhecemos então a marmórea distância que separa dois focos de ansiedade e de ternura» (*Verbo Escuro*, p. 69). O vácuo forma-se em volta do lírico ou mesmo em volta do homem que sonha e que medita. Pascoais resolve cedo o conflito mal esboçado, renunciando à união através dos corpos, à presença física, para contentar-se com a *presença de saudade*. O homem apaga-se facilmente perante o poeta. Sucede-lhe como ao Gabiru de Raúl Brandão: «o sonho isolou-o da própria mulher transida de frio...» Mas no sonho, na lembrança (que é agora «a *côr* essencial, a forma eterna, a matéria autêntica das cousas»), vai de

novo encontrar, num mundo que é o seu, as pessoas e as coisas desejadas. E agora pode possuí-las *de facto*; pelo menos assim o julga Pascoais, crente de que não logramos *nunca* sair da nossa consciência e de que, na mesma consciência, se realiza a cópula real e completa, cópula puramente psicológica, mera assimilação e associação de imagens. A ausência material é postulada pela presença verdadeira. «Nunca ameis uma cousa ou criatura em si própria; amai-a na sua recordação enterneceida, pois nessa recordação é que ela está presente, e viva, e digna do nosso amor» (*Verbo Escuro*, p. 90).

Recordar é re-criar, e re-criar representa uma autêntica e milagrosa criação. Os elementos do mundo exterior assimilados e memorizados transfiguram-se no espírito, animam-se duma vida subjectiva que, para o poeta, é mais real ainda que a outra. Ver com os olhos do espírito é ver, portanto, a face íntima das cousas. «A verdadeira presença é longínqua e saudável» (*Verbo Escuro*, p. 29).

O próprio pai lhe surge mais vivo, mais real, em figura de saúde: «a morte roubou-me a sua aparência, mas restituiu-me a sua aparição, o seu verdadeiro ser, aquele que meus olhos descobriram quando a sua luz era inocente e tôdas as cousas eram almas» (*Livro de Memórias*, p. 163). Os homens e as cousas, integrados neste mundo saudável, ganham «divina claridade», relêvo quási mitológico. Pascoais crê neste mundo como todo o poeta, segundo as palavras de William Blake, «crê numa coisa indiscutível: a visão interior, a intuição, a imaginação — que vem a ser o contacto directo do homem com Deus».

Pela saúde, («essa distância espiritual que dá perspectiva eterna ao frágil ser transitório» (*Verbo Escuro*, p. 176) e no estado de sonho que é de vigília para a alma, Pascoais chega até Deus. Daí o instituir-se, no poema *Marános*, um culto fervoroso à nova deusa, «virgem nublada e triste», «Virgem-Mãe Saúde», que se dirige ao poeta:

Serei sempre contigo; e nos teus sonhos
Serei mais clara ainda e mais presente...

É ela a parte melhor e mais pura do poeta; buscando-a num ímpeto quixotesco, porque a sabe virgem que nunca se entrega, o poeta busca-se e busca o seu Deus. Ela abrange «o Infinito e a Eternidade». No *Amor Saudoso* (*Sempre*, p. 94) vê-se como da sensação da natureza (em que Pascoais lobriga «as pègadas de Deus»

e o valor simbólico) o poeta entra no enlêvo místico, e ajoelha perante «a virgem pura», a «noiva eterna», forma feminina que toma, a seus olhos, o princípio divino.

Deus vive na Saudade, como outrora
Antes de conceber a noite e a luz da aurora...

A princípio Pascoais sentia-se longe da terra, longe da infância perdida; agora, que as lembranças particulares se esfumaram, êle conserva apenas a vaga noção da distância. Sente-se *longe de tudo* (leia-se a poesia *Longe de tudo*, no *Sempre*, p. 88), longe do próprio eu que se dispersa. E a transição é fácil para o estado em que Pascoais se sente *longe do Tudo*, longe de Deus, sentimento saúdoso conducente ao desejo de Deus. Assim o peregrinar de Pascoais, que se disse «uma saúdade que andou, em alma e carne, sôbre o mundo» (*Sempre*, p. 71) avalia-se, no seu término, pelo harmonioso «virar das saúdades da terra em saúdades do céu» (conforme lhe chamou Fr. Antônio das Chagas): processo místico-lírico de que as redondilhas *sôbolos rios* dão exemplo.

Adivinha-se delineada a justificação metafísica do saúdosismo, doutrina que pretende revelar a *saúdade*, nos seus elementos ideal e plástico, de *lembrança* e *desejo*, como expressão superior da alma portuguesa. Não é nosso intento estudar aqui a doutrina. Apontemos sômente que Pascoais foi saúdosista por natureza: a saúdade nasceu com êle; foi a sua mensagem pessoal implícita, antes de se tornar o evangelho duma escola:

«Para dizer adeus ao mundo vim,
Um adeus me persegue de menino,
Anda na minha sombra, vive em mim»

E se Pascoais descobriu, em parte, a essência da alma portuguesa (no que ela tem de idealismo, de pureza, de preferência pelo eterno e pelo fantástico, de triste e feminina suavidade) fê-lo por intermédio da sua experiência lírica. Êste poeta «abismado nas cousas», que se apresenta como «quimérica saúdade», iria explicar-se e definir-se, ao explicar e definir o sentimento saúdosista do nosso povo.

(Continua)

JACINTO DO PRADO COELHO

A Língua Árábica do Andaluz, segundo os “Prolegómenos” de Iben Caldune

Iben Caldune tinha fortes razões para nunca esquecer o Andaluz.

Descendia de uma família iemenita de alta estirpe (vira um dos seus membros entre os companheiros do profeta), ligada à Península Hispânica desde a hora em que esta vira aparecer o estandarte verde: Calde fôra um dos primeiros generais árabes que pisaram este território.

Estabeleceram-se em Sevilha os Beni Caldune, onde estiveram até que a conquista desta cidade, em 1248, por Fernando III de Castela, os obrigou a emigrar para Tunis, onde Abu Zeide Abd Arramão ben Muhâmade nasceu no primeiro dia do Ramadão do ano 732 da Hégíra, isto é, a 27 de Maio de 1332.

Veio ao Andaluz pela primeira vez em 1362.

Muhâmade V de Granada não lhe regateou manifestações de apreço pela sua pessoa e a tal ponto que o juntou à missão enviada junto de Pedro I de Castela, a-fim-de êste rectificar o tratado de paz concluído algum tempo antes com os príncipes da Hispânia muçulmana.

Chegado a Sevilha, o interêsse do grande polígrafo, como êle mesmo confessa na sua autobiografia¹, foi para os monumentos que testemunhavam a passagem dos seus antepassados por ali.

Quem se lembraria já da família tão antiga como nobre que 114 anos antes tivera de fugir aos exércitos dos Rumes?

¹ *Prolegomènes Historiques d'Ibn Khaldoun*, tomo 19 das *Notices et Extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Impériale*, vol. I, p. XLIV.

Ninguém... a não ser o judeu Ibrahim Iben Zerzer, médico e astrónomo de Pedro, o Cruel, a quem fizera o elogio do ilustre membro da embaixada granadina, ao mesmo tempo que aludia aos vínculos que o ligavam à cidade onde se fazia a recepção.

Entusiasmado por este homem de 30 anos, mas já tão ilustre, o monarca castelhano não só quis conservá-lo a seu lado, mas também restituir-lhe os bens dos seus antepassados.

Apresentando os agradecimentos que tais ofertas exigiam, Iben Caldune teve a arte de escusar tudo o que o irritável rei lhe propusera, sem que este perdesse a entusiasmada consideração que bem claramente patenteava pelo muçulmano.

De volta à corte granadina, continuou aí a gozar privilégios e a brilhar a grande altura. Satisfeito com tudo isto, conseguiu autorização para mandar vir a família para a capital que então habitava. Para que todos se instalassem condignamente, recebeu o presente real de uma casa com largas terras de cultura e tudo o que necessitava para a manutenção dos seus.

Mas as invejas começam a surgir, sobretudo no espírito do vizir Iben Al-Hátibe. Sabedor disto, aproveitou o convite de Abu Abd Alá, senhor de Bugia, para junto do qual partiu em 1365, antes que os caluniadores o pudessem esmagar.

Demorou-se, portanto, aqui três anos.

Desgraças várias forçaram-no, em 1374, a retomar o caminho de Granada, onde tencionava passar o resto dos seus dias, entregue ao descanso e aos livros.

O vizir já não era o mesmo, pois o antigo caíra em desgraça e acabara executado neste mesmo ano, acusado de traição, o que não impediu Iben Caldune de o considerar «vítima das calúnias dos seus inimigos»¹.

Como o monarca o acolheu com a sua bondade habitual, no dizer do próprio Iben Caldune, havia fortes motivos para não acreditar na existência das mesmas invejas junto do monarca vermelho, tanto mais que em Gibraltar encontrara Iben Zamereque, sucessor de Iben Al-Hátibe, que se dirigia para Ceuta. Fizera-lhe este afirmações muito optimistas e, aproveitando o encontro, o autor dos *Prolegómenos* encarregou-o de conseguir autorização para a vinda de toda a sua família. Não contava com a recusa do sultão meri-

¹ *Prolegómenos*, III, p. 358. Cf. também a sua *História dos Berberes*, IV, p. 411.

nida. Temia este que as suas relações com o granadino não continuassem em bom acôrdo por intervenção de Iben Caldune.

Ainda questões relativas ao antigo vizir, hábilmente exploradas pelos amigos deste, levaram o hospedeiro coroadado a expulsá-lo e a desembarcá-lo num ponto da costa africana.

Só conseguiu reunir-se de novo à família em 1375.

Desta vez não se demorou no Andaluz um ano.

Veio a falecer em 1406.

Laços fortes prendiam, pois, Iben Caldune ao Andaluz. Poucos segredos esta região teria para ele, podemo-lo afirmar sem receio de exagerar. As tradições de família, tão fortes entre muçulmanos, forneceram-lhe certamente informações; muitas outras colheu nas leituras que serviram de alicerce à sua vasta cultura; homem muito relacionado em tôdas as regiões e em tôdas as classes sociais, travou com certeza relações com gentes conhecedoras da Península que ainda mais o poderiam elucidar. Temos, por fim, os seus dois estâgios nela. No primeiro, como se viu, percorreu não só os territórios ensombrados pelo crescente, mas também aquêles que a Cruz iluminava.

Em Granada, o feitiço irrequieto e o espirito nómada que o caracterizavam não lhe consentiram que se entregasse à quietude. A sua obra o prova. Os pormenores geográficos e artísticos e a observação das gentes com que a ilustrou só podiam sair de umas mãos cujo cérebro fixara o que os olhos observaram atentamente.

Para a organização deste trabalho utilizou-se o texto dos *Prolegómenos* apenas. As outras obras do erudito muçulmano nada têm que possa interessar de maneira valiosa ao fim aqui se tem em vista.

A falta de uma edição árabe, acessível e moderna, dessa síntese do saber árabe na época deste autor impõe o uso exclusivo da tradução de Slane, o admirador e editor de Iben Caldune.

Felizmente, para a parte lingüística, existe uma possibilidade de consulta do texto árabe: Silvestre de Sacy não se esquecera de introduzir na sua preciosa *Anthologie Grammaticale Arabe* extractos do polígrafo árabe. Desta maneira fica-se em condições de estudar, na língua original, o seu pensamento sobre a matéria que aqui nos interessa, embora alguns pontos se encontrem dispersos por outros capítulos da obra.

Se Abu-l-Ualide Ax-Xaqundi (morto em 1231) vivesse dois séculos depois, teria nos *Prolegómenos* muito por que se alegrar e bastante para se entristecer. Pretendeu aquele autor, na *Riçāla fī fadl Al-Andalūs* (Carta em elogio do Andaluz), mostrar a superioridade desta região sobre a África ou, talvez melhor do que isso, patentear a distância que ia desde os Árabes (personificados nos naturais da Península) até aos pobres dos Berberes (representantes da África).

O vizir Iben Al-Hátibe, autor da *Mufaharat Malaga ua Çala* (Disputa entre Málaga e Salé) estaria nas mesmas condições, se lesse a obra em que me baseio neste trabalho.

Iben Caldune refere-se nela bastas vezes a Andaluzes e Berberes. Dada a fama e a importância do seu nome, não esqueceriam certamente os autores de polémicas relativas à superioridade da Península sobre a África, e vice-versa, de se escudarem nas suas afirmações, se vivessem em época que lhes permitisse tal coisa ou se, a verificar-se isso, conhecessem os *Prolegómenos*.

Infelizmente nem Ax-Xaqundi, nem Iben Al-Hátibe o poderiam fazer e esses foram os principais ases de tais prélios.

Uma das principais cousas que Iben Caldune surpreendeu no Andaluz foi a perda do espirito de tribo. Começou ela, segundo o autor dos *Prolegómenos*, «há vários séculos, com a ruína do poderio arábico nesta região e pela queda da dinastia que ele lá fundara. Libertos do domínio dos Berberes, entre os quais sempre existiu um vivo sentimento de nacionalidade, estes árabes perderam o espirito de corpo e de assistência mútua que conduz ao poder e apenas conservam as suas genealogias. Caídos no número dos povos submetidos que não se socorrem uns aos outros, subjugados pela força, impregnados de humilhações, julgam que a nascença e um emprêgo no governo bastam para conquistar facilmente um reino ou para governar os povos. Encontrareis, entre eles, até empregados ou simples operários que ambicionam o poder e procuram alcançá-lo. O que viu de perto o estado das tribos magrebínas, o espirito de corpo que as anima, os impérios que fundaram e a maneira por que estas populações e tribos estabeleceram o seu domínio, não se deixa cair em tais erros e engana-se raramente na apreciação de tais assuntos»¹.

¹ *Prolegómenos*, vol. I, p. 63.

Na realidade, os Muçulmanos espanhóis esqueceram muitos usos tradicionais :

«Na Hispânia, os habitantes deixaram desaparecer o ensino técnico até aos últimos vestígios e já não se ocupam de matérias científicas. Isto teve como causa o declínio da civilização, que, entre os muçulmanos desta região, começara havia séculos. Não se encontra um vestígio de estudos, à excepção, todavia, da língua árabe e das belas-letras. Limitam-se a cultivar estes ramos de conhecimentos cujo ensino tradicional conservaram, e deve-se apenas a esta última circunstância o facto de estas duas ciências se manterem na Hispânia».

«Do estudo do direito não existe lá mais do que uma vaga recordação, uma sombra da realidade e das ciências intelectuais não ficou nenhum traço. Deve atribuir-se isto à interrupção da tradição escolar, em consequência do declínio da civilização e do progresso do domínio cristão. Um pequeno número de muçulmanos que habitam os países do litoral conservaram a sua independência, mas ocupam-se mais dos seus meios de subsistência que das matérias científicas».

O mesmo, afinal, sucedia, já então no próprio Magrebe e a razão encontra-se facilmente: «Os árabes são, segundo Iben Caldune, o povo do mundo que menos disposição tem pelas artes»; «os Berberes, diz ele mais abaixo, povo não árabe, que habita o Magrebe, podem colocar-se no mesmo plano que os Árabes, porque estão habituados, há muitos séculos, à vida nómada; isto até se pode verificar no número diminuto das suas cidades; por isso as artes estão pouco espalhadas no Magrebe, com excepção, todavia, da tecelagem de lãs, da correaria e dos curtumes. Estas artes aperfeiçoaram-se muito aí, porque se tornaram indispensáveis logo que várias tribos berberes se tornaram sedentárias, e porque a lã e o couro são os produtos mais abundantes nos países ocupados por povos nómadas»¹.

No Oriente, porém, nada disto se observava. Os estudos encontravam aí sempre encorajamento e o ensino desenvolvia-se constantemente.

Esta tradição conservou-se aí porque a civilização nunca lá recuou. Algumas grandes cidades, como Bagdade, Baçorá e Cufa, puderam arruinar-se, depois de constituírem o cadinho de todos os

¹ *Prolegómenos*, vol. II, p. 365.

conhecimentos científicos; mas substituíram-nas outras ainda maiores e a sua ciência espalhou-se pelo Iraque persa, e, de lá, no Coraça e na Tranxociana, pelo lado oriental; depois até ao Cairo e países vizinhos, pelo lado ocidental. Estas cidades continuaram a dispôr de povo numeroso e a gozar uma elevada civilização; por isso as boas tradições do ensino sempre se mantiveram aí.¹

Tal superioridade corresponde, segundo o nosso autor², a maior nível de inteligência e esta, por sua vez, tem como causa a vida sedentária.

Não falando do nomadismo inato de muitas das populações que impuseram o Islão neste extremo do Ocidente, convém não esquecer que vários factores políticos forçavam o deslocamento de populações e facilitavam a fundação de colónias noutras regiões.

O próprio Iben Caldune fornece-nos dados curiosos: «O Andaluz, sob a dinastia dos Almóadas, comunicou ao Magrebe uma porção considerável da sua civilização, o que permitiu o enraizamento dos usos da vida sedentária naquela região. Sucedeu isto porque a dinastia que governava o Magrebe conquistara as províncias do Andaluz, e que muita gente abandonara esta península para se passar ao Magrebe, voluntária ou involuntariamente. A civilização da vida sedentária tomou então, no Magrebe, uma certa consistência e lá se estabeleceu de maneira sólida, mas deveu-a em grande parte aos Andaluzes».

Iben Caldune, porém, não se referia só aos tempos passados, mas também aos mais próximos de si. As armas cristãs, em cada golpe, conseguiam aumentar o número dos Mudéjares e forçar as fronteiras muçulmanas a recuar mais. As emigrações amiudavam-se.

A campanha que levou Fernando III de Castela a conquistar Sevilha em 1248 bastante importância teve também sob este aspecto, pois obrigou um grande número de mouros andaluzes a emigrar para a África e entre eles iam, como se disse, os ascendentes de Iben Caldune.

Lá iam também muitos sábios ilustres, a maioria dos quais preferiu a cidade de Tunis, onde o governo mecenático dos afeidas lhes proporcionava boas condições materiais e intellectuais.

Nos *Prolegómenos* encontram-se alusões a este facto³.

¹ *Prolegómenos*, vol. II, p. 445.

² *Idem*, *ibidem*, p. 446.

³ Vol. II, p. 23.

Por vezes os Andaluzes forçavam os habitantes das regiões onde se instalavam a alterações nos seus hábitos mais usuais e mais enraizados. É o caso do que se passou com a caligrafia. Por parecer bem curioso, transcreve-se estas frases daquela mesma obra:

«Passemos aos (Árabes) habitantes da Hispânia: a destruição do seu poderio nesta região, a queda do domínio berber, que substituiu o deles, e a superioridade que os povos cristãos aí tinham alcançado, forçaram-nos a dispersar-se por outros países e, a partir da época da dinastia almorávida até ao nosso tempo, continuaram a espalhar-se pelas províncias da Ifríquia e do Magrebe, no nosso litoral. Eles comunicaram aos habitantes sedentários desses sítios as artes que possuíam e ligaram-se aos serviços do governo. Daí resultou que o carácter da sua caligrafia tomou ascendente sobre a usada na Ifríquia e pô-la em desuso. Por isso a caligrafia que se usava em Cairuão e em Almahdia está hoje esquecida, assim como os costumes e as artes peculiares destas duas capitais. Todas as caligrafias da província da Ifríquia e sobretudo de Tunis, e suas dependências, tornaram-se conformes à hispânica, por causa do grande número de refugiados que, na época da emigração, abandonaram as regiões orientais do Andaluz para se estabelecerem ali. Ficou apenas alguns traços da antiga caligrafia da Ifríquia no Belade Al-Jeride, porque o povo desta região não tomou contacto com os escribas andaluzes e não sofreu a influência da sua vizinhança, a qual se fazia sentir sobretudo em Tunis, capital do Império»¹.

Nem todos os usos desses refugiados deviam agradar aos que os acolhiam. Muitos seriam os hábitos que tinham tomado aos Galegos, designação genérica dada por Iben Caldune a Castelhanos e Leoneses. Notava-se neles influência destes no vestuário e até (ó horror!) na moda de ornamentar as paredes das casas e dos palácios com quadros².

Mas nestas gentes de cultura especial³, de modas cristãs e usos condenáveis, não haveria qualquer traço de superioridade?

Como se viu, os Andaluzes, nas suas emigrações, levaram a certos pontos do Magrebe uma estabilidade algo consistente, em consequência dos seus hábitos de vida sedentária, a qual implica

¹ *Prolegómenos*, II, pp. 401-402.

² *Idem*, I, p. 307.

³ Cf. o que se disse na p. 405.

quási sempre superioridade de civilização sôbre os que se arrastam no nomadismo. Nas grandes cidades do Magrebe e da Ifriquia, os seus usos chegaram a combinar-se com os dos indígenas¹, pelo que estes beneficiaram com um progresso considerável, embora mais tarde tudo isso desaparecesse com os despovoamentos, ao passo que os Berberes do interior voltavam à grosseria antiga².

Por outro lado, os Andaluzes levaram consigo aptidões especiais, desenvolvidas pelas vicissitudes políticas.

Forçados pelos Cristãos a abandonar terrenos férteis, foi-lhes necessário recuar ou para o litoral, ou para sítios muito acidentados, impróprios para as culturas e pouco favoráveis à vegetação. Viram-se, pois, obrigados a obter colheitas razoáveis em solos que, por serem sofríveis, exigiam muitos cuidados e forte dose de trabalho. Tudo isto trazia enormes despesas. Não admira, por isso, que na Hispânia muçulmana o custo da vida fôsse muito alto.

Curiosa esta conclusão de Iben Caldune: «Quando se fala da elevação dos preços no Andaluz, atribui-se isso à raridade dos víveres e dos legumes; mas engana-se quem tal diz, porque, de todos os povos do Mundo, os Andaluzes são os mais industriosos e os mais hábeis. Toda a gente entre eles, desde o sultão até ao homem do povo, possui uma herdade ou um campo que faz desenvolver. As únicas excepções são os operários, os condenados e os recém-chegados para fazer a guerra santa. O sultão concede mesmo a estes voluntários, a título de soldo e de subsistência, terras que os possam alimentar, a eles e às montadas. Mas a verdadeira causa da carestia dos legumes entre os Andaluzes é a que indicamos. Já o mesmo não sucede ao país dos Berberes: a vegetação é lá vigorosa, o solo é fértil e não exige preparação dispendiosa; as terras cultivadas são numerosas e todos as possuem. Daí resulta que os víveres são lá baratos»³.

Também não desprezavam as artes; antes se observava o adiantado estado em que estas se encontravam na época da redacção dos *Prolegómenos*.

«A alvenaria, a cozinha, o canto, a música em geral, a dança, a tapeçaria, o mobiliário dos palácios, a bela distribuição e a solidez dos edificios, o fabrico de vasos em metal e em barro, os

¹ *Prolegómenos*, II, p. 299.

² Idem, *ibidem*.

³ Idem, II, pp. 285-286.

diversos utensílios domésticos, a maneira de celebrar festas e núpcias, tôdas as artes enfim que o luxo e os seus hábitos fazem nascer»¹, não só subsistiam, mas também se encontravam bem conservados.

«Encontrareis, entre os nativos dêste país, artífices hábeis e inteligentes; vereis como a prática das artes está bem enraizada nos (mourós) hispânicos e como os seus conhecimentos nestes assuntos são assás consideráveis para que os distingamos dos habitantes dos outros países². As suas cidades, porém, estão muito decaídas da sua antiga prosperidade e não igualam em população certas cidades da Mauritânia.

«As artes conservaram-se lá, porque a civilização da vida sedentária teve tempo para se consolidar durante várias dinastias, a dos Godos, a dos Omíadas, a dos reis das províncias (Taifas), e a que se manteve até aos nossos dias. Esta civilização chegara no Andaluz a um estado nunca atingido em nenhum outro país, à excepção do Iraque, da Síria e do Egito, que, como sofreram o domínio de várias dinastias, cada uma das quais durou muito tempo, mantiveram um alto grau de civilização...»

Tôdas as artes chegaram, pois, na Hispânia muçulmana a grande perfeição, graças à atenção que lhes consagraram reis e administradores, sempre com o desejo de as melhorar. «Por isso, conclui o polígrafo, estas artes deram à civilização andaluza uma côr tão persistente que não desaparecerá senão com ela, da mesma maneira que a tinta de um tecido, quando bem tomada, subsiste tanto quanto o tecido durar»³.

O gôsto tradicional também muito concorria para que a poesia se desenvolvesse no Andaluz. Basta dizer que muitos habitantes se applicavam a decorar trechos antigos (algumas vezes em prosa). Os reis das Taifas protegeram muitos versejadores, chegando a considerá-los e honrá-los como poetas oficiais da côrte. Tudo isto se observou nos tempos em que o estudo da língua e da literatura se fazia ainda com grande êxito, e assim se esteve durante alguns séculos até à dissolução do império omíada e até mesmo aos tempos

¹ *Prolegómenos*, II, p. 361.

² Não nos esqueçamos que foi um granadino (Ibrahim Aç-Çahali) o construtor, já em pleno século xiv, das primeiras mesquitas sudanesas em Gau e em Tumbuctu. Antes, nessas regiões, só existiam cabanas cobertas de palha. Cf. André, *L'Islam Noir*, p. 30.

³ *Prolegómenos*, II, pp. 361-362.

da emigração. Com as derrotas infligidas pelos Cristãos tudo se começou a afundar. Já não havia cabeças para estudar a língua; a civilização recuava, a oratória enfraquecia, o mesmo sucedendo, afinal, a todas as artes. Os grandes escritores, os mestres de maior renome que ainda viviam na época da dissolução, tiveram de se estabelecer no Norte de África, sobretudo em Ceuta, para onde emigrou a maioria dos Árabes sevillhanos. Estes, porém, não tardaram a ser assimilados pelas populações indígenas, pouco dadas a estas coisas, forçando o desaparecimento de todos os grandes centros de cultura criados pelos Andaluzes.

É tempo de começar o estudo da parte lingüística.

Entre os Árabes, os estudos lingüísticos, ou, mais particularmente, os gramaticais, como entre quasi todos os povos do Oriente, têm uma origem religiosa. Esses estudos, partidos da exegese do Alcorão, destinavam-se, em grande parte, ao conhecimento das multidões tornadas muçulmanas, cada vez mais numerosas, muitas das quais ignoravam o idioma dos conquistadores.

Não esqueçamos, porém, que as investigações dos Árabes sobre a mecânica da sua língua, também se devem, em grande parte ao ensino da Lógica de Aristóteles¹, mas esta influência foi menor, porque nada houve que pudesse ultrapassar a necessidade de interpretação do livro santo, de explicar as suas dificuldades, o que também forçou o aparecimento da investigação de textos antigos e respectivas críticas, assim como a elaboração de dicionários.

Raramente saíram daqui. É facto comprovado que os Orientais gostam pouco de sair dos estudos de língua materna, o que os força a uma cultura sempre incompleta.

Mesmo hoje, poucos são os trabalhos lingüísticos forjados com métodos modernos, saídos das mãos dos Orientais. Só no Japão se utiliza já o método que no século passado revolucionou a ciência da linguagem. Cite-se, como uma das mais brilhantes figuras neste assunto no Império do Sol Nascente, o professor Matsumoto, autor de um interessante trabalho denominado *Le Japonais et les Langues Austroasiatiques. Étude de vocabulaire comparé* (1928). Nêle demonstra, com dados e métodos tão seguros como modernos, que o elemento austro-asiático desempenhou papel importante na formação do japonês.

¹ A que Iben Caldune alude no volume III dos *Prolegômenos*, p. 151.

Ao contrário do que tem sucedido no Ocidente, a sintaxe mereceu grande atenção aos gramáticos árabes, mas, geralmente, só no que dizia respeito ao Alcorão.

De vez em quando aparecia um ou outro espirito cujas curiosidades lingüísticas olhavam para outros pontos de maior interesse para eles e... para nós.

Um bom exemplo está em Iñuce ben Habibe (séc. VIII), que se dedicou à recolha de algumas particularidades especiais da lingua, de elementos dialectais e provérbios. Devemos dizer que não se trata de um indivíduo de pura raça árabe, mas de um persa ou aramaico.

Outro exemplo encontramos em Iben Al-Jaualiqi (1073-1145), natural de Bagdade, autor de certo tratado sobre as palavras estrangeiras introduzidas em árabe, complemento da *Perola do Mergulhador*, de Hariri.

Casos dêste tipo constituem exemplos muito fugazes na História da Filologia Árábica.

No Andaluz, como parece natural, também se verificou algum interesse por estes estudos.

Cêdo apareceram obras de autores locais em substituição das de Quicai e Cibaguáibi, os primeiros filólogos divulgados nesta Península, cuja tradição nunca se chegou a perder completamente. Basta dizer que, até tarde, muitos trabalhos se elaboraram em seu comentário.

A figura principal dos linguistas andaluzes foi Abu Haiane (1257-1344), cognominado o «príncipe dos gramáticos», que em consequência da reconquista cristã, também se viu na necessidade de emigrar. Tendo percorrido muitos países, aprendeu nessas deambulações o persa, o turco e o etiope, linguas que empregou em algumas das suas obras¹. Êste homem, que só não tinha frugalidade na sabedoria, chegou a professor da Escola Mançuria do Cairo e a recitar na mesquita desta cidade.

Além dos profundos conhecimentos que possuía, a figura dêste gramático merece a nossa atenção pela novidade que ela apresenta na lingüística árábica: o poliglotismo, tornado depois vulgar nos eruditos mais viajados.

Não se pode, ao certo, calcular até onde iam os conhecimentos de Iben Caldune nesta matéria, parece, porém, de crer que seriam

¹ O seu *Idraque* está composto no turco empregado no Cairo trecentista pelos colonos da Ásia Menor.

vastos e tão vastos que não podemos considerar impossível que conhecesse o grego.

Por conhecimento directo ou indirecto, ou ainda por mera casualidade, encontramos influência de Platão no «capítulo onde se estabelece que a linguagem é uma faculdade adquirida artificialmente» (*façla fi in allagâ malaka çana²ia*).

Um dos passos mais elucidativos do seu poliglotismo é o que trata dos processos da derivação.

Iben Caldune deve ter sido um dos primeiros a reconhecer as qualidades imperialistas do seu idioma. Embora verificasse que a força da tradição lingüística de Modar estivesse já bastante abalada, sentia-se em condições de escrever esta frase: «como a língua árabe era a do povo que estabelecera o império muçulmano, abandonou-se o uso de todos os idiomas dos países conquistados, porque cada povo imita o exemplo e segue a religião do seu soberano. Isto teve como resultado que uma das marcas do islamismo e do domínio dos Árabes consistia no emprêgo da sua língua»¹.

Estabelecida por tôda a parte, não admira que em breve os dialectos começassem a surgir nos territórios onde se empregava a aravia.

Iben Caldune (que escrevia nos fins do século xiv) tem sôbre este assunto uma visão muito curiosa, superior à de muitos puristas actuais. *Corrompendo-se* em contacto com os idiomas locais, sofrendo alterações «numa parte das suas regras e das suas inflexões gramaticais», deixando aumentar o seu fundo lexical com numerosas aquisições vocabulares, a aravia «manteve-se sempre e conservou tôdas as indicações da sua origem».

Realmente nada menos científico, ao contrário do que muitos pensam, do que condenar a aquisição de neologismos.

Desgraçada da língua que os não tenha, infeliz o povo que não areja o seu poder expressivo e que não tenha idéias novas.

Pobre civilização a que se recusa a aceitar progressos, mesmo quando alheios.

Isto são factos que se observam nas linguas de todos os povos e em todos os tempos.

Iben Caldune aceita a novidade lexical, certo de que ela não perverterá a língua, desde que, na verdade, se torne necessário e se adapte às condições fonéticas e morfológicas do idioma impor-

¹ *Prolegómenos*, II, pp. 316-317.

tador. Esse novo elemento vem enriquecê-la e não modificar a sua estrutura ¹.

Sabemos até que ponto qualquer idioma pode receber estrangeirismos sem perder a sua estrutura característica. O albanês é dos tipos mais flagrantes conhecidos.

A vitalidade admirável do árabe, que hoje continua a persistir, já então se observava: «Quando os povos de raça estrangeira, tais como os Dailame, e em seguida os Seljuquidas, se tornaram senhores do Oriente, e que outros povos não árabes, os Zenetas e os Berberes, se apoderaram do poder no Ocidente, todos os reinos do Islamismo se acharam sob o domínio de estrangeiros. Isto corrompeu de tal maneira a língua arábica que ela desapareceria completamente se os muçulmanos não se esforcassem pela sua conservação com o zelo que empregaram a guardar cuidadosamente, na sua memória, o texto do Alcorão e das tradições relativas ao Profeta... Mas logo que os Tártaros e os Mongóis, povos que não professavam o Islamismo, conquistaram o Oriente, a língua árabe corrompeu-se aí completamente, porque já não existia a causa da sua preponderância. Desapareceu na íntegra do Iraque, do Coraça, do Farce (a Pérsia), da Índia, do Cinde, da Transoxiana, dos países do Norte e da Ásia Menor... O dialecto árabe laderita (próprio das populações sedentárias) conservou-se de certa maneira no Egipto, na Síria, no Andaluz e no Magrebe, porque a manutenção das religiões assim o exigia».

A persistência do seu idioma em muitos dos territórios que constituíram o antigo império, ainda mais magnífica se torna, se nos lembrarmos que a unidade política há muito se quebrara, que em seu lugar apareceram dezenas de estados independentes, que sobre alguns deles passaram conquistadores de outras raças e línguas e, como se tudo isso não bastasse, convém ainda não esquecer que, no conceito de Ibn Caldune, os Árabes não possuíam capacidades para organizar governos regulares². Não admira, por isso, que os países por eles conquistados caíssem em breve na ruína.

Sendo o povo menos capaz de organizar um governo regular, admira que conseguisse fundar um império.

Mas este não apareceu ditado por motivos políticos, mas exigido pela religião.

¹ Cf., a propósito, o que se escreve no *Bulletin de Philologie*, VI, pp. 461-462.

² *Prolegômenos*, I, p. 311.

O império estrangalhou-se politicamente, mas em cada uma das parcelas ficou o Islão. Este só podia ser prégado e professado em língua arábica, por isso esta e aquêle constituíram o traço de união das forças espirituais antigamente também ligadas pela pessoa política do califa.

Alguns autores dizem-nos que em certas regiões do Andaluz, sobretudo nas meridionais, empregavam-se dialectos arábigos admiráveis pela pureza; essa maior perfeição servia-lhes, ao lado de outras finalidades, para exaltar os homens do Sul, pondo-os em contraste com os do Norte, mais influenciados pelos Cristãos. Marrakuxí diz-nos que «Sevilha, Málaga, Córdoba, Granada, Almeria, Múrcia... possuíam um clima mais temperado, um solo melhor, águas mais agradáveis ao gosto que as do quinto clima (correspondente à Síria); os seus habitantes têm uma tez mais bela, os seus corpos estão melhor talhados, as suas expressões são mais escolhidas que as do Norte, porque o clima e a latitude exercem sobre a linguagem uma influência que parece evidente a quem examina os factos e encontra a respectiva causa»¹.

Não parece que a razão de tal facto estivesse só aí, mas também nas colonizações que, pelo andar dos tempos, se verificaram.

É o próprio Iben Caldune quem nos fornece alguns elementos de bastante valor: «Com êle (Abu Hatar Haçame ben Darar Al-Kalbi, novo governador da Península, nomeado em 742) estava a enorme população siríaca e Córdoba não a comportava, por isso a espalhou depois pelo país. A população de Damasco estabeleceu-se em Elvira e, para recordação dela lá, chamaram-lhe Damasco; os de Hómece estabeleceram-se em Sevilha e chamaram-lhe Hómece para sua recordação lá; os povos de Canaçarine estabeleceram-se no Jar e chamaram-lhe Canaçarine; os de Ardane estabeleceram-se em Ria ou Málaga e chamaram-lhe Ardane e a população da Palestina estabeleceu-se em Sidónia ou Xerez e chamaram-lhe Palestina e os do Egipto estabeleceram-se em Tademir a que chamaram Egipto».

Edricí fornece-nos, a este respeito, um elemento curioso. Descrevendo Silves, diz que «a sua população, assim como a das aldeias próximas, compõe-se de Árabes vindos do Iémene e de outros pontos, que falam um dialecto árabe muito puro; sabem também

¹ P. 5 do texto e p. 6 da tradução.

improvisar versos, são muito eloquentes e espirituosos, não só a plebe, mas também as pessoas das classes altas»¹.

Podemos assim explicar não só as variantes dialectais que necessariamente deviam existir e a causa delas cedo se observarem, mas também a quasi perfeita identidade lingüística que nos primeiros tempos se notava entre Oriente e Ocidente o que bastante auxiliava as actividades religiosas, intellectuais, políticas e comerciais.

Quem lê com atenção os *Prolegómenos* repara que o seu autor apenas teve em vista o idioma falado na Península pelos Árabes. Quere dizer: segundo êle, cá falava-se romance e aravia.

No seu tempo, o moçarabismo estava já muito reduzido, se não assimilado, ou em vésperas de o ser, ao grosso da população cristã, pelo que o idioma respectivo não lhe mereceu consideração. Não se refere também aos Moçárabes, de que com certeza teve noticia, porque estes não falariam quotidianamente a linguagem vulgar do idioma do Alcorão, ou, se o empregassem, nunca o fariam com o mesmo à vontade dos Árabes que o têm como próprio: «Se um homem contraíu na sua mocidade o hábito de falar uma língua que não seja a árabe, jámais conseguirá enunciar perfeitamente as suas idéias em árabe... O estrangeiro, que possui um conhecimento imperfeito do árabe e da significação das palavras articuladas ou escritas pertencentes a esta língua, não reconheceria de maneira perfeita as idéias que estas palavras representam... a menos que o hábito de falar a sua própria língua não esteja ainda tornado numa faculdade persistente na época em que êle pretende aplicar-se ao estudo do árabe. É por isso que na Pérsia as crianças educadas nos meios árabes, e cujo espírito não sofrera ainda a influência da sua língua materna, chegam a falar bem árabe»².

A tomada de Sevilha por Fernando III, já algumas vezes citada neste trabalho, graças às graves repercussões que teve no domínio muçulmano do Andaluz, serviu a Iben Caldune para aludir às diferenças lingüísticas então existentes entre aquela Península e o Magrebe: «De Sevilha, diz, passaram (os sábios professores em fuga) a Ceuta, e das provincias orientais da Hispânia para a Ifríquia. Mas estes homens distintos não tardaram a desaparecer; a

¹ Edrici, *Géographie*, p. 180 do texto e 217 da tradução. Cf. Schack, *Poesia Arte de los Árabes en España*, p. 83 e seg.

² *Prolegómenos*, III, p. 305.

tradição do seu ensino, no que diz respeito à arte da boa linguagem, foi interrompida, porque os habitantes do litoral africano prestam-se pouco a este género de estudos. Achavam a aquisição desta arte muito difícil, por causa dos maus hábitos que os órgãos da palavra contrairam entre eles e ainda porque o caracter estrangeiro da língua dos Berberes lançara neles profundas raízes; ora este idioma está em oposição com a língua de Modar... »¹

E tudo isto, ao passo que no Andaluz o idioma se conservava, segundo Iben Caldane, mais fiel aos cânones tornados clássicos. Por isso muitos foram os nomes de literatos peninsulares que se tornaram célebres pela pureza da sua linguagem.

As características da língua falada cá eram tão especiais que até a tornavam diferente do «dialecto empregado no Oriente pelos habitantes do campo e pelos das cidades».

Parecerá, porventura, estranho que a forte corrente berber não deixasse traços nos idiomas peninsulares.

Realmente os romances quasi nada atestam que se lhe possa ligar² e a aravia andaluza parece que se encontrava em condições idênticas.

Na língua vulgar dos territórios muçulmanos apenas se notava uma forte influência romance (a *al-ʿajamīya*), não só no aspecto frásico, mas também no vocabulário.

O próprio Iben Caldane fornece-nos um exemplo bem curioso desta última particularidade: ao referir-se³ ao comandante da esquadra (do Magrebe e da Ifríquia), diz-nos que «o seu título, na linguagem dos marítimos, é *almilande*, palavra cujo *l* se pronuncia de maneira enfática e que se importou da língua dos Franges, que se servem dela com a mesma significação.»

Este pormenor ainda parece de maior interesse ao verificar-se que a palavra *almirante*, de que aquela proveio, é, por seu turno, de origem arábica.

Sabemos como o idioma do Profeta era pobre em elementos marítimos. O alargamento do império e a conquista de muitos litorais, não só trouxe o progresso da arte de navegar, mas também a importação do vocabulário necessário para o desenvolvimento (se não criação) da indispensável terminologia.

¹ *Prolegómenos*, III, p. 357.

² Cf. G. S. Colin, *Ethnologies magribines*, na *Hesperis*, VI, 1926, pp. 61 e 62.

³ *Prolegómenos*, II, p. 37.

Além do *almilande*, cite-se a palavra *remāda*, designadora de *esquadra*, a *armada* dos românicos peninsulares.

Este vocábulo, tão vulgar no Ocidente, correspondia ao *ustûl* dos marinheiros árabes do outro lado do Mediterrâneo, onde não parece difícil ver-se o grego *στόλος*.

Iben Caldune conhecia e empregava este vocábulo, mas em condições curiosas: *ustûl* designava *navio*, ao passo que o plural (*açâtûl*) é que significava *esquadra*.

Ainda hoje o elemento marítimo dos pescadores do Norte de África, de que há estudos tão valiosos, atestam ou uma grande influência estranha, ou um enorme esforço semântico para aproveitar e adaptar o património lingüístico a uma arte que, para essa gente, se pode considerar moderna.

Nos passos dos *Prolegômenos* relativos ao árabe do Andaluz, não se encontra, pois, uma alusão à existência de elementos berberes.

Parece hoje provado que, nos tempos mais antigos, os Berberes que por cá viviam, apenas empregavam a sua língua entre si. Quasi todos a consideravam um linguajar bárbaro ¹.

Adoptaram rapidamente os falares árabes ou os romances.

A dificuldade de adaptação a qualquer destas não era grande: «qu'il fût musulman, africain ou oriental, ou encore chrétien du Nord, l'étranger que ses affaires ou le goût de l'aventure amenaient à Cordoue, à Seville ou à Almería n'avait aucune peine à se faire comprendre dans sa langue maternelle et s'assimilait très vite au nouveau milieu. Il ne tardait pas à s'intégrer au reste de la population, d'origine, de type et de religion aussi peu homogènes que possible» ².

Nada há, pois, que nos ateste a existência de qualquer ilhote berberófono no Andaluz.

Para Iben Caldune, portanto, os dialectos árabes do Andaluz ainda deviam ser aquêles que apresentavam maiores semelhanças com o tipo modarita, isto é, deviam ser aquêles que mais próximos estavam da pureza inicial, mesmo levando em conta as influências das linguas vizinhas.

Graças a isso, não causa surpresa que os literatos, sobretudo poetas, desta região, conseguissem grande fama por todo o mundo islâmico e que a sua arte fôsse tão imitada; bastava a superiori-

¹ Levy — Provençal, *L'Espagne musulmane au Xème siècle*, p. 191.

² Idem, m. p.

dade da sua arte, facilitada pela maior plasticidade do dialecto que utilizavam nela para lhes garantir o triunfo.

As colonizações vindas do bérço do Islão, o proselitismo religioso que os muçulmanos andaluzes ainda conservavam, e a que se aludiu já¹, no tempo do insigne poligrafo, a vinda de voluntários para fazer a guerra santa², embora já houvesse bastante tempo que esta se submetia a condicionalismos politicos, tudo isso de muito serviu para manter o idioma arábico num estado relativamente puro neste canto da Europa que é a Península Hispânica,

A sua vitalidade era tal que, em Toledo, ainda nos aparecem, em grande abundância e em pleno século XIII, escrituras notariaes redigidas só em árabe³, apesar de Afonso VI ter conquistado aquela cidade em 1085.

Parece que em tudo o que se disse atrás, também se nota a pouca consideração que Iben Caldune sentia pelas gentes berberes, que só serviam para manchar, segundo alguns árabes, o tapete admirável que era o Império Muçulmano.

O espirito do enciclopedista islâmico não permaneceu indifferente às polémicas causadas pelo antagonismo entre os povos andaluz e berber⁴.

Apesar de reconhecer o lamentável desleixo em que caíram nele certos aspectos da cultura, o Andalus, como vimos⁵, ainda lhe merece bastantes palavras de sincera admiração e vivo entusiasmo extensivas aos seus filhos.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

¹ Cf. neste artigo, p. 408.

² Levy — Provençal, ob. cit., p. 191.

³ Cf. os volumes de documentação da obra de Ángel Gonzalez Palencia, *Los Mozárabes de Toledo en los siglos XII e XIII*.

⁴ Cf. Ax-Xaquendi, *Elogio del Islam Español*, (Madrid-Granada — 1931) sobretudo na p. 17.

⁵ Cf. p. 408.

Rol.

Para acostumar as aves de rapina a caçar e apanhar os pássaros, os cetreiros da idade média serviam-se dum instrumento que se chama em francês *leurre* e que expliquei assim no *Glossário* da minha edição dos *Liures du Roy Modus et de la Roynie Ratio*, artigo *loirre*: «morceau de cuir en forme d'oiseau et muni de deux ailes auquel on attachait un appât (on montrait le leurre à l'oiseau de proie pour l'entraîner à la chasse et pour le faire revenir)». Em espanhol o mesmo instrumento se chama *señuelo*, em português *rol*. Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da caça de altanería* (primeira edição de 1616), dá uma descrição do *rol*:

Rol é aquella insignia feita de couro na qual se atam azas de aves e corpanços de gallinhas, com os quaes chamam os caçadores aos Falcões andando á volta no ar, rodeando com aquelle rol, tendo-o atado com uma correia, e o largam ao Falcão costumado a pegar d'elle. Os castelhanos lhe chamam *señuelo* (impresso *ceñuelo*), edição de 1899, I, pp. 21-22.

A ave bem acostumada a pegar do rol chamava-se *roleiro*.

Os mais antigos exemplos que conheço da palavra *rol* acham-se no *Livro de falcoaria* de Pero Menino:

E se o (regeito) nõ fez, esse dia non coma nen seja lançado a nenhũa caça nen chamado de *rol*¹, edição Rodrigues Lapa, pág. 17.

E debes saber que as delores susoditas se gerão por muitas rezões: a primeira, por negligencia dos caçadores non quererem dar a depenar nem a tirar a seus falcões... outrosin nõ son postas ao sol, nõ andão aparelhadas quando lhes

¹ Chamar de *rol* tem o mesmo sentido que o antigo francês *reclamer*, quer dizer «mostrar o rol à ave para fazê-la vir»: vejam-se os artigos *reclamer*, *Glossário*, da minha edição dos *Liures du Roy Modus et de la Roynie Ratio*, e *reclaim* nas minhas *Gleanures lexicographiques*, Lund, 1932.

cumpre, nem som postas na agoa, e quando não ha tempo de se lançare não as chamão ao *rol*, edição Lapa, pp. 11-12.

A cópia do *Livro de falcoaria* de Pero Menino conservada pelo códice 2294 da Biblioteca Nacional de Lisboa salta a palavra no primeiro lugar (edição Lapa, pág. 17, regra 21), no segundo oferece porém a forma *rool*:

E debes saber que estas doores se geeram per muitas rrazões: a primeira per mingoa dos caçadores, que nom querê dar a depenar nê a tirar a suas aves... e nom ssom postas ao soll nem ham seu falparraz quando lhes conpre, nem ssom postas na auga e quando nã ham tempo de caçarê nem os chamam oo *rool*, edição Lapa, pág. 12, regra 15.

Há numerosos exemplos de *rol* na tradução portuguesa do *Libro de la caza de las aves* del canceller Pero López de Ayala (Museu Britânico, ms. Sloane 821, fl. 73-131⁴). Notem-se os exemplos seguintes:

Depois que teu falcão sem nenhũa duvida salta na mão cada vez que lhe mostras o roedeiro e nê busca senão o comer, entoncos êcarna bem teu *rol* de hũ conspanco (corpanzo, Ayala) de galinha cõ seu pescoço, cabeça e rabo, demaneira que de cada parte estê bem encarnado, e busca hũ cordel bem rijo e delgado e ata teu falcão, e apartate fora no campo em lugar que seja chão sem matos e sem pedras porque não trave o cordel, e dalhe ali de comer no *rol* até que o conheça, e dalhe a melhor vianda que tiveres, fl. 91.

Outrosi depois que teu falcão conhecer bem o *rol* e o segue e não o podes tirar delle, fazeo vir per vô au *rol*, todavia com cordel, e olha o que tem o falcão que o tenha dereito na mão, de maneira quo veja bem o *rol* quãdo lho mostrarê, e não no deites da mão ate que elle de sua vôtade saye; outrosi não no chamãdo o olho ao (o ms. do) sol, que nã verá bem o rodear do *rol*, e poderá perderse; outrosi va o bico a vento e lançalhe o *rol* ê lugar limpo sem matos que o veja e pouse logo nelle, e não lho lancê de rosto salvo de traves e às espaldas de quê o chamar, e des que se o falcão poser no chão, vai a elle mui quedo, e falando mansamente dalhe ali toda a melhor vianda que teveres, fl. 91, v.

Outrosi se teu falcão andando na ribeira sae e segue algũa relê, se ê falcão polo e ê ne começo do seu voar, está quedo e dalhe vozes pera que torne, e se não quiser tornar, mostralhe o *rol*, e se tornar, dalhe o *rol* e de comer, e não cures de o fazer mais voar per monte, fl. 94, v.

Outrosi se perderes teu falcão, serás bem diligênte em o buscar e não te efades disso e leva cõtigo galinha viva e teu *rol* bem êcarnado, fl. 98.

E se quando o buscas acudir a ti ao *rol*, fazellie quãto prazer poderes, e dalhe a lingoa a degolar no *rol*, fl. 98, v.

⁴ Vejam-se a introdução da edição Lapa do *Livro de falcoaria* de Pero Menino, pág. xviii, e *Revista de filologia española*, xxiii, 258.

São freqüentísimos igualmente os exemplos de *rol* em Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da caça de altanería*. Citemos os exemplos seguintes :

Querem-se (os esmerilhões) trazidos na mão de noite para amanhecer e as madrugadas, e sendo mangos, chamando-os à mão e ao *rol*, edição de 1899, l, pág. 49.

Então encarne o *rol* com dois corpanços de gallinha, pág. 122.

O dia que não voar o Falcão na ribeira, ou por outra prisão, lhe dêem *rol*, e guarde-se não haja névoa, nem chuva, nem muito vento; e se dê então *rol* junto do caçador, o que se faz porque saiba o Falcão que tanto lhe dão a comida por caçar como por vir ao *rol*, pág. 131.

E desde que houver bem andado no ar, antes que se enfado se lhe dê *rol* e de comer, pág. 132.

Existe, além do substantivo *rol*, o verbo *rolar*, nunca apontado antes, que eu saiba, na lingua portuguesa. A sua significação é «mostrar o rol à ave de rapina, acostumar a ave a pegar do rol». O verbo acha-se duas vezes na precipitada tradução portuguesa do *Libro de la caza de las aves* de Pero López de Ayala :

Otrozi o dia que teu falcão não voar na ribeira ou por outra prisão, não esqueças o *rolar* a tira se bom tempo fezer que não chova ne faça grão vento ou nevoa ou estiveres em môte, que entonce seria gram perigo, porque o poderias perder, e dalhe o *rol* a par de ti e de comer, e poré se a tira *rolares* e texeres galinha, cubertamente dalha a degolar pela boca e beba o sangue, porque he mui bõ e são, fl. 96.

No passo correspondente López de Ayala oferece *señolar a la tira* :

Otrozi, el dia que tu falcon no volare en ribera, ó por otra presion, non olvides el *señolar á la tira* si buen tiempo feciere, que non hí lueva, ó faga grand viento, ó niebla, ó estobieres en monte. Ca entonce seria peligro, ca lo podrias perder, et dále señuelo cabo tí, et de comer, pero si *á la tira señolares*, et tovieres gallina encobiertamente, dágela á degollar por la boca, et beba la sangre, ca aquella sangre de gallinas es muy sana, *Libro de la caza de las aves*, edição José Gutiérrez de la Vega, *Biblioteca venatoria*, III, Madrid, 1879, pág. 203.

Em antigo francês usava-se igualmente a expressão *loirrer a tire*, que traduzi «leurrer le faucon au vol» no *Glossário* da minha edição dos *Livres du Roy Modus et de la Royné Ratio*, artigo *tire*.

*
* * *

É evidente que o verbo raríssimo *rolar* «mostrar o rol à ave» é secundário, derivando do substantivo *rol*, como o espanhol *señolar*

deriva des *eñuelo*, o antigo francês *loirrer* de *loirre*, e o francês moderno *leurrer* de *leurre*. É por isso impossível ver em *rolar* o verbo latino ROTULARE «agitar, brandir» e em *rol* uma derivação regressiva de *rolar*, o que pudera imaginar-se *a priori*, visto que os cetreiros mostravam o *rol* à ave de rapina agitando-o ou vibrando-o.

Para dar com a etimologia de *rol* e do seu derivado, o verbo *rolar*, é preciso proceder da única maneira que se deve seguir buscando a origem duma palavra concreta: estudar o objecto que designa.

O *rol* era feito de couro, ao qual se atavam as asas dum pássaro. Como as aves de rapina gostam muito de pombas, era costume atar as asas de pombas ao *rol*. É o que dizem expressamente alguns autores:

Leurre «Planchette recouverte sur ses deux côtés par les ailes et le manteau d'un pigeon pour rappeler les oiseaux. Le leurre est garni, entre la bifurcation des ailes, d'un petit ruban destinée à nouer au besoin un morceau de viande. A sa partie supérieure est fixé un anneau qui reçoit une ficelle permettant de l'agiter en l'air pour le faire voir de loin par l'oiseau qu'on leurre», J. C. Chenu et O. des Murs, *La fauconnerie ancienne et moderne*, Paris, 1862.

Leurre «C'est une représentation de proie, un morceau de cuir rembourré et garni d'ailes et de pattes de pigeons. A la partie supérieure du leurre se trouve un anneau destiné à l'accrocher et à l'attacher à la filière; il doit également y avoir quelques rubans de quelques centimètres, rouges autant que possible, qui serviront à attacher un petit morceau de viande sur le leurre», G. Foye, *Manuel pratique du fauconnier*, Paris, 1886, pág. 40.

Leurre «manequin imitant la forme d'un oiseau sur lequel on applique une paire d'ailes de pigeons», C. Cerfon, *De la basse volerie et du dressage pratique de l'autour et de l'épervier*, Vincennes, 1887, pág. 158.

Leurre «on appelle leurre en fauconnerie un morceau de bois, une peau de lapin rembourrée, sur lesquels on a placé des ailes de pigeon de manière à donner à l'objet la forme d'un oiseau», *La chasse moderne, Encyclopédie du chasseur*, Librairie Larousse, Paris, sans an, pág. 675.

O imperador Frederico II de Hohenstaufen (morto em 1250) refere na sua célebre obra *Tractatus de arte venandi cum avibus* que muitos falcões ataram ao *rol* uma pomba viva para fazer o *rol* mais apetecível à ave:

Plures falconarii ligant super loyrum columbum vivum aut aliam avem vivam ut magis eis placeant super loyrum, quod non reprobamus, Bibliothèque Mazarine de Paris, ms. 3716, pág. 310.

Em espanhol existe ao lado de *tórtola* a forma masculina *tórtolo*, mas a língua portuguesa carece de forma para indicar o

macho da *rola*. A forma esporádica *roto* apareceu muito tarde, no século XVI, segundo me comunicou o professor Rodrigues Lapa. Não admite, pois, dúvida que *rol* é a forma masculina primitiva de *rola*. Como asas de pombas ou pombas vivas se atavam ao *rol*, o instrumento foi chamado em português *rol*. Em consequência desta especialização do uso de *rol*, a palavra perdeu o seu sentido primitivo «macho da rola».

É provável que *rol*, *rola* componham o mesmo sufixo que as palavras *espanhol*, *espanhola*, *rouxinol*, *lençol*, *linhol*, *terçol*, *bestiola*, *gaiola*, etc.¹

Quanto à raiz das palavras *rol*, *rola*, parece que são onomatopeias, como o verbo *rolar*, que indica a voz das rolas. É o que supõem W. Meyer-Lübke na última edição do seu *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, artigo 9010, e Nascentes. F. Adolpho Coelho, *Diccionario manual etymológico da lingua portugueza*, crê que *rolar* provém de ROTULARE, empregado para exprimir a voz da rola; *rol*, *rola* seriam derivações regressivas do verbo *rolar*.

GUNNAR TILANDER

¹ Vejam-se Carl von Reinhardtstoettner, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Strassburg, 1878, pp. 140-141, W. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, II, § 432.

Le calcul par vingtaines

M. Leite de Vasconcelos a mentionné dans son article sur le parler de Barrancos (B. F., VI, p. 166, et 174) le calcul par *vin-tados* dans la province de Trás-os-Montes (commerce du bétail) et l'usage de compter à Barrancos des sardines par vingtaines. Il est clair que l'individu pathologique originaire de la province de Douro dont il parle à la p. 175 et qui résout cent en *cinco vintes* et qui dit *dois vintes* pour 40 obéit aussi au système vigésimal.

J'avais déjà comparé dans Zeitschr. f. rom. Phil., XLV, p. 4, au fait de Trás-os-Montes plusieurs phénomènes pyrénéens parallèles au *quatre-vingt* français :

port. *corja* «coleção de vinte» ;

» *um vintem* — *pataco* — *tres* *dezanove vintens* (Gonçalves Viana, *Apostilas*, II, p. 197) ; et naturellement le système vigésimal qui est à la base de 1 douro = 20 reales ;

anc. esp. *quatro rezes vinte* (Berceo) ;

San Ciprián de Sanabria (Zamora) : *dos veintes* «40», *cuatro veintes* «80» ;

Santander : *cuatro veintes* «ochentón», . . . *si es más de tres duros y medio que cuento!* «más de 70 años» (García Lomes) ;

Audalousie (attestation par R. Bazin) : *Quel âge avez-vous ?* — *Quatre douros et quatre réaux, Monsieur* (le vieille qui dit cela veut dire qu'elle a 84 ans).

J'ajoute encore le *catalan* (Pont de Suert) : «els cabrers d'aquí contén les cabres, no per *centenars*, sino per *vints*, i arriben fins a *cinquanta vints* . . . ; la canalla (enfants) de molts d'endrets de Catalunya occidental contén també per *vints* fins a *dos vints* i qualche pich fins a *tres vints*» (Alcover, *Bolletí*, XII, pp. 176 et 188).

Deux traits différents devront être remarqués qui pourtant se laissent reconduire à une source unique :

1) l'incapacité de compter en ligne ininterrompue au-delà de 20 (et même l'incapacité absolue de compter plus de 40 ou 60 objects, que mentionne M. Leite de Vasconcelos) qui cause le fractionnement de chiffres plus élevés en vingtaines particulièrement chez des marchands qui vendent des objets concrets (bétail, etc.) et chez des enfants, plus primitifs que les adultes ;

2) la traduction de l'âge en monnaie qui se trouve en Andalousie et en Asturie, due au caractère abstrait des nombres en général et qui se manifeste chez le vieillard de Barrancos dans l'impossibilité où il se trouve de dire son âge. Ce second trait apparaît aussi dans une nouvelle d'Unamuno *Brianzuelo de la Sierra*, nom de lieu fantaisiste, mais à situer dans l'esprit de l'auteur au sud de Salamanque (d'après le commentaire de M.^{lle} Eva Seifert qui a consulté l'auteur) : une vieille dit :

hace setenta años era yo una moza, ahora soy una vieja, ando muy cerca de los cuatro duros y medio («90 ans»).

Dans l'expression *dous carros* pour 80 «ans» que mentionne Cl. Basto, *A Linguagem de Camilo*, p. 78, et dans un passage anglais du roman fantaisiste *Alice's adventures in Wonderland* par Lewis Carroll, chap. XI :

[le roi, le Lièvre, demande] «When did you begin?» — «Fourteenth of March, I think it was», he said. Fifteenth, said the March Hare. «Sixteenth», added the Dormouse. «Write that down», the king said to the jury and the jury eagerly wrote down all three dates on their slates, and then added them up, and reduced the answer to shillings and pence.

Sur la répartition du système vigésimal dans le monde cf., en dehors de mon article cité, le travail de A. R. Nykl dans la revue *Language*, II, p. 165 seq.

LEO SPITZER

Prof. Dr. David de Melo Lopes¹

A morte implacável que, nestes últimos tempos, tem ceifado impiedosa tantas figuras de alto relêvo da ciência portuguesa, veio agora ferir-nos profundamente, levando-nos o eminente professor Dr. David Lopes.

Mais um que marchou para a Eternidade, deixando de luto a nossa Pátria!

Com estas singelas palavras — comovido preito de saúde — não pretendo fazer o panegírico do grande sábio; a outros mais competentes cumpre enaltecer os seus méritos de professor e de filólogo, de historiador e orientalista.

Não precisam, tampouco, os leitores que lhes venha aqui dizer que o nosso Boletim perdeu com o passamento do Dr. David Lopes um dos seus mais ilustres colaboradores, nem que lhes venha ensinar a imensidade do seu saber, cuja fama galgou as fronteiras do país e espalhou-se por tôda a parte.

¿ Quem ignora a vida de labor científico dêsse devotado estudioso da nossa língua, sobretudo no que respeita à influência arábica, dêsse profundo conhecedor da língua francesa, que manejava com rara elegância e correcção, dêsse incansável e probo investigador, que dominava os mais seguros métodos da história e os segredos mais recônditos da Filologia?

Mas, se a importância da sua obra, que se estende do Ocidente ao Oriente, é do conhecimento de todos e a grandeza da sua alma do conhecimento de muitos, há no entanto, facetas, modalidades do seu carácter, que só foi dado conhecer àqueles que alguma vez tiveram a dita de conviver com êle.

¹ Só agora se pôde publicar esta notícia necrológica, cujo original foi entregue à Redacção do Boletim em Fevereiro de 1942.

A ninguém interessaria saber pormenores das minhas relações com o Prof. David Lopes, se elles não fôsse reveladores da singularidade psicológica dum homem que é do domínio da História pelo muito que serviu e prestigiou o nome de Portugal.

Foi assim que o conheci:

Era eu então aluna da secção de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa e costumava esperar o eléctrico, na paragem de Alexandre Herculano, onde muitas vezes aparecia o Prof. Dr. David Lopes, com o seu andar pausado, passo miúdo, a sua fisionomia serena e bondosa.

Já há muito desejava ser sua discipula. Os meus colegas de Filologia Românica transmitiam-me, com palavras cheias de respeito e admiração, as suas impressões sobre o Mestre. Todas as qualidades dum grande pedagogo: intelligência, saber, exposição clara e metódica, o maior escrúpulo na apreciação do trabalho dos alunos, espirito de justiça, maneiras cativantes, acessível, pontual, assiduo — correcção máxima em tudo. Matriculei-me na cadeira de Francês, que o Mestre então regia, mas incompatibilidades de horários não permitiram satisfazer essa minha aspiração e ao ver assomar a sua figura, mais se me agravava a pena de não poder beneficiar-me das suas lições magistrais.

Um dia é elle que, na sua encantadora modéstia, se me dirige: — que me conhecia de vista, sabia o meu nome, ouvira a outros Mestres referências a meu respeito e, já que éramos companheiros no trajecto até à nossa *Escola* (era sempre assim que se referia à Faculdade) poderíamos conversar. E assim, repetidas vezes, eu, que não tivera ensejo de frequentar as suas aulas, fui recebendo as lições da sua douda conversa e as de um coração cheio de lealdade e nobreza e fui vendo como a delicadeza do trato correspondia a delicadeza da alma.

Acabei o curso e interrompeu-se o nosso convívio.

Alguns anos depois, uma tarde, em Sintra, vejo avançar para mim um velho com andar lento e um sorriso cheio de franqueza e bondade. Reataram-se as nossas relações. Estava então em projecto a minha colaboração no Centro de Estudos Filológicos, em trabalhos de investigação. A vida deste Centro interessava-o sobremaneira. Contei-lhe os receios que a minha inexperiência me inspirava e ouvi palavras de incitamento, que me levaram a pôr mãos à obra.

Desde então tive sempre nêle um amigo e um conselheiro.

Era assim o professor David Lopes: nunca deprimia ninguém. O sábio esquecia-se de si próprio, descia até aos pequenos, nivela-

va-se com eles, sabia alentar os fracos, sem, contudo, iludir os ineptos.

Neste desfolhar de saudades, perpassa no meu espirito a fiada das suas interessantes conversas, reveladoras duma mentalidade multimoda, que tanto mergulhava nos enigmas do passado, como divagava pelos mais variados assuntos e pelos acontecimentos palpitantes da actualidade.

Recordava muitas vezes o seu tempo de professor do liceu — «que empregara sempre o método directo e activo no ensino das línguas vivas e nunca se poupava a frequentes exercícios» — e contou-me episódios de exames, em que a preparação de seus alunos sobressaía.

Queixava-se de não poder exercer a actividade que desejava, «mas — dizia elle — a minha aorta e o coração não me deixam, o médico não quere que me fatigue».

Uma vez, na sua voz muito abafada, para não fatigar o coração — disse-me: «Não me encarrego de trabalhos que não tenho possibilidade de realizar, mas cumpro sempre e pontualmente os meus compromissos».

Ainda em Outubro último, regressou de uma viagem a Paris, a que se arrojava, a-pesar dos perigos da Guerra, por causa da publicação da sua obra «Documents inédits sur l'histoire du Maroc», de que o governo francês há anos o incumbira. Vinha bem disposto, bom aspecto e ninguém podia prever que estivesse prestes a extinguir-se a chama daquela vida.

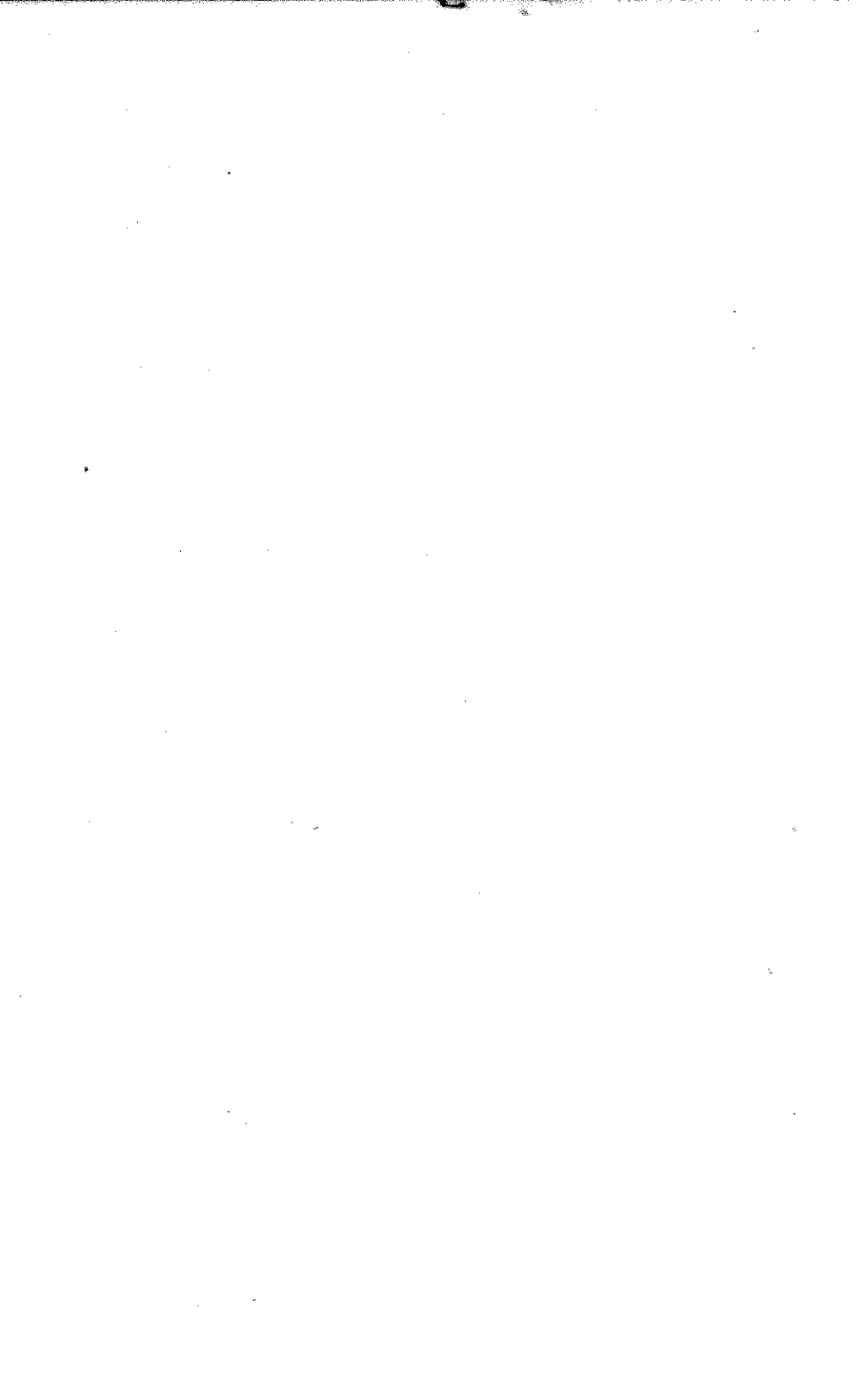
Para maior prova da sua alma de eleição, os seus últimos dias foram de sofrimento horrível, que suportou com resignação cristã e lucidez inigualáveis.

O seu bondoso coração deixou de bater há pouco e, com tal tesouro de virtudes, ninguém duvida de que descansará eternamente na mão de Deus.

Querido Mestre!

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1942.

CARLOTA ALMEIDA DE CARVALHO
Professora do Liceu de Carolina Michaëlis



Para uma futura edição da *Écloga de Crisfal*

1 — Publiquei em 1939 uma edição da *Écloga de Crisfal* (preferi, como Epifânio, a forma *égloga* por ser a da edição de Ferrara, primeira em que esta obra é apresentada como *égloga*) que, destinada principalmente a estudantes do liceu, apresentava no entanto algumas pretensões: ela visava não apenas a ser uma obra feita a rigor dentro dos limites que me tracei mas também a dar uma solução particular ao que suponho ser um problema especial da edição crítica. Além de dar soluções novas a certas questões de interpretação de texto, permiti-me, por um lado, apresentar uma ortografia *minha* de um texto arcaico — isto é, apresentar a minha solução para certas questões que provêm do facto de a um mesmo fonema corresponderem várias grafias; e, por outro lado, interpretei a meu modo as regras geralmente seguidas na apresentação de textos arcaicos de que há variantes.

Em menos palavras: pretendi, entre outras coisas, apresentar um texto *meu*, uma interpretação *minha* do texto da *Écloga de Crisfal*; ou, ainda, apresentar não os dados de um problema, mas uma solução *dêle*. Esta, creio, uma das qualidades mais salientes, e por isso um dos pontos mais discutíveis do meu trabalho. Ela não passou despercebida; e aproveitei essa circunstância para a debater, na esperança de que êsse debate não seja inteiramente perdido.

2 — Excluindo a incorrecta e tardia edição de 1619 há dois textos da *Écloga de Crisfal*, que divergem quanto ao número de estrofes, quando à ortografia, quanto ao sentido de certos versos, quanto à construção sintáctica, e quanto a certos vocábulos.

Das duas edições a primeira (1543-1547) é uma fôlha volante, a segunda é incluída nas obras de Bernardim Ribeiro (1554); a pri-

meira anterior, a segunda posterior à morte dêste poeta. Como geralmente sucede, a edição de fôlha volante é a mais incorrecta, mais inçada de gralhas e de versos sem sentido; e por outro lado é a mais completa e a menos omissa; além disso, a ortografia da 1.^a edição é a mais arcaica.

Da comparação das duas edições, conclue-se: 1.^o que as omissões da segunda são principalmente devidas ao sentido das conveniências e a escrúpulos religiosos; 2.^o que, sendo mais cuidada, a 2.^a edição nos dá freqüentemente o sentido de versos que na 1.^a tinham ficado irreconhecíveis; 3.^o que a 2.^a edição moderniza a ortografia e, por vezes, a linguagem; 4.^o que estas duas primeiras edições derivam de duas cópias diferentes (como já concluíra Epifânio, que não conheceu a edição de 1554, mas uma de 1559, reimpressão daquela).

Estes os dados do problema. Há uma edição mais fidedigna quanto à integridade do texto e quanto à linguagem (por estar mais próxima, ao menos cronologicamente, daquela em que a écloga foi escrita); há outra edição mais fidedigna por ser menos sujeita a lapsos. Se me interessasse apresentar os *dados* do problema, teria, evidentemente, que apresentar os *dois* textos.

Mas interessava-me apresentar uma *solução* do problema. E a solução que apresentei, creio, é a mais justificável: aproveitei o texto integral da 1.^a edição; baseei nela a minha actualização da ortografia; em caso de variante segui a construção gramatical do texto mais antigo; por outro lado apoiei-me, quanto ao sentido, na segunda edição, geralmente mais correcta, sobretudo quando na primeira êsse sentido era irreconhecível.

Epifânio dera uma solução parecida, mas diferente, ao mesmo problema: «seguimos em regra a edição de 1559 como aquela que menos eivada está de erros; deixámo-la, porém, onde a edição sem data e a própria edição de 1619 nos parecem corresponder ao texto original, apresentando sempre em comentário especial as lições diversas» («Égloga de Crisfal»).

Corri, sabendo exactamente o que fazia, todos os riscos dêste difícil trabalho, para o qual me faltava, não apenas a experiência própria mas principalmente a alheia. E um dos pontos em que êsse trabalho deixou a desejar não foi ainda notado: é o verso 5.^o da estrofe LXVII, que deve ser «em ouvir me contentava».

3 — Pôsto isto, apresentava-se o problema da ortografia. Havia aqui a considerar o critério geral a seguir, e alguns casos especiais a resolver.

Sabido que a ortografia do século XVI não obedece a um critério definido e permanente, que não há entre ela e a respectiva pronúncia uma relação constante, que ela varia segundo preconceitos muitas vezes meramente individuais e de natureza literária; sabido, numa palavra, que essa ortografia varia sem que varie a pronúncia correspondente, não é possível a quem pretenda apresentar uma interpretação de um texto limitar-se a simples reprodução d'ele. A única solução possível neste caso (e isto foi bem compreendido pelos Senhores Dr. Rodrigues Lapa e Dr. Salgado Júnior) é estabelecer algumas normas gerais baseadas no estudo da fonética da época em questão, dispensando tudo o que se revele como capricho individual ou tendência não permanente. Este trabalho supõe a resolução de alguns casos particulares.

4—Na minha edição esses casos particulares são principalmente dois. O primeiro é o que diz respeito às terminações *eo*, *ea*, que evoluíram para *eio*, *eia*. Como as duas grafias existem par a par, preferir uma delas seria dar uma solução injustificada e arbitrária ao problema; aceitar as duas seria precisamente furtar-me ao meu objectivo de encontrar uma solução. Ora o estudo atento das rimas do Cancioneiro de Rezende revela-nos que *eo*, *ea* não soavam como hoje *eio*, *eia*; por outro lado a existência par a par de umas e outras mostra que as últimas não tinham então a pronúncia que hoje atribuímos à mesma grafia. Num passo de Fernão de Oliveira, que citei, pareceu-me encontrar a solução d'este caso: segundo o gramático há um fonema que não é «i vogal» nem «j consoante» mas aquilo a que hoje chamaríamos semi-vogal, e que serve para unir duas vogais seguidas que não formam ditongo. Esse fonema representa-o êle, convencionalmente, por *y*: assim *meyo*, *cheiyo*, que êle próprio ortografa por vezes *meo*, *cheo*, e outras *meio*, *cheio*. Aproveitei a teoria de Fernão de Oliveira e (como êle mesmo o não fizera) pu-la em prática.

Esta solução é discutível no seguinte pé: era natural que o grupo em questão tivesse, nesta fase de transição da língua, uma dupla pronúncia. A minha defesa é que, ainda assim, a ortografia da época não pode indicar-nos os casos em que se pronunciava de uma maneira ou de outra, e temos a comprovação disto no facto de formas em *eio* rimarem com formas em *eo*.

5—Outro problema proveniente das condições especiais desta fase lingüística de transição é o que respeita à terminação *eo*, *io* (*eu*, *iu*). A êste respeito há depoimentos divergentes de dois gramáticos (Duarte Nunes de Lião e Fernão de Oliveira), e contra-

dições entre a 1.^a e a 2.^a edição do *Crisfal*. Adoptei, em face disto, texto da 1.^a, que se revela o mais arcaico, como sempre, e também aquêlê que está mais longe de existir a confusão entre as formas *eu, io* e *eu, iu*.

6 — Há na minha edição, além disto, um ponto a que ligo especial importância: a interpretação lógica a gramatical do texto, em que supponho ter aperfeiçoado o trabalho do ilustre Epifânio sobre o qual principalmente baseei o meu. Este ponto não teve a honra de ser discutido; e entretanto supponho que êle constitue a coisa mais nova e mais discutível da minha publicação, além da doutrina expendida no prefácio sobre a autoria da *Écloga*, que já fôra objecto de algumas páginas do *Ensaio sobre a Poesia de Bernardim Ribeiro*.

O vocabulário representa um esforço para encontrar (em certos casos) a tonalidade que o contexto comunicou a várias palavras características do vocabulário poético (a isso se destinam algumas citações); e inclue alguns dados etimológicos na medida em que isso me pareceu útil ao público escolar.

7 — O Dr. José Pedro Machado deu-me a honra de se ocupar dêste meu trabalho no último número do Boletim. Deixando de lado o que respeita à interpretação e fixação do texto, êle exercitou a sua erudição e o seu espirito crítico em três pontos: o problema da autoria da *Écloga*, o critério ortográfico, e algumas etimologias.

Quanto ao último aproveitarei para uma possível segunda edição algumas das informações de que êle me fêz obséquio; desde já me sirvo delas para corrigir ou aperfeiçoar o que escrevi com respeito à etimologia de *al* (< *alid*) e à explicação do *o* de *molher*. Quanto ao segundo ponto, creio que o esclarecerá este meu artigo. No que respeita ao primeiro, isto é, à autoria do *Crisfal*, espero que êle se informe convenientemente da questão pela leitura do meu citado *Ensaio*, que êle mostrou desconhecer até ao ponto de confundir a minha tese com a de Delfim Guimarães. Recomendo ainda à sua atenção e à sua investigação paciente o problema da semi-vogal que efectivamente existe na palavra *cor-reia* (como na palavra *rio*), para ligar o ditongo à vogal seguinte: assim como o estudo da terminação *eo*, *ea* no Cancioneiro de Rezende.

Lisboa, 15 de Maio de 1941.

ANTÓNIO SARAIVA

Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa

Na secção de *Recensões Críticas* deste *Boletim de Filologia* (tômo VI, fasc. 3-4, págs. 461-469) publicou o erudito filólogo dr. José Pedro Machado palavras acêrca da minha actividade filológica, do vernaculismo dentro da Filologia, da influência das linguas estrangeiras no nosso idioma, e bem assim algumas observações a artigos vários do meu *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*.

Limitando-me, quanto ao primeiro ponto, a agradecer as boas palavras do Crítico, não me occuparei agora do vernaculismo, porque noutros lugares (por exemplo, no meu novo livro *A Bem da Língua Portuguesa* e no *Novo Dicionário de Dificuldades*) digo algo do que penso sobre o assunto, que aliás não constitui único ou principal escopo das minhas investigações.

Objectivamente, não devo deixar de fazer alguns reparos à seguinte afirmação do Crítico:

«Barros, Bernardes, Vieira e outros não podem por forma alguma servir para testemunhar o que seria o português das suas épocas. A razão é bem evidente: empregavam uma linguagem que não correspondia à vulgar, escreviam com um preciosismo literário, que, como preciosismo, era artificial e arrebicado.»

É exagéro afirmar que tais escritores não podem por forma alguma testemunhar o português das suas épocas. Esses e outros autores tiveram, como todos têm, os seus arrebiques, os seus artificios, não só do gosto literário do tempo, mas também artificios muito seus, muito do seu estilo. Todavia, cumpre distinguir nos escritos o que é estilo, o que é architectura da frase do que é linguagem, isto é, materiais e construção da obra literária.

Vieira e os demais são excelentes abonadores vernáculos, quando documentam já no seu tempo a palavra, a construção que alguém,

ainda que muito sábio, se lembre de criticar, a-pesar-de o uso teimar há séculos em na manter. Não interessa, filologicamente ou vernaculamente, um boleio artificioso da frase vieirense. Mas interessa encontrar, por ex., nos *Sermões* coisas como: «califado», «a morte do Infante foi ciúmes», «cruelissima morte», «dentro em suas terras», «fermoso principe», «homilia», «lugarinho», «começam os dias a minguar», «em secreto», «paraíso terreal», «valeroso», «vengala», «roda» (= boda), etc., etc.¹

Ora, nisto e em muita outra coisa há, contra o que pensa o Critico, não só valor histórico, mas também «processo justificador» de vários factos e problemas da lingua portuguesa actual.

Quanto às observações directas ao *Dicionário*, necessário se torna esclarecer o que segue:

Abexim, abissinio. — A feição de dicionário dada ao meu trabalho e o reduzido espaço por razões editoriais fixado a cada artigo impediram-me, por vezes, que desenvolvesse, como queria, o meu modo de ver.

Eu devia ter dito, e não disse, que *abexim* se pode usar adjectivamente (como o dr. Machado eruditamente prova) e que *abissinio* é não só adjectivo mas também de emprêgo, menos freqüente, substantivo. No entanto, a proposta da *R. L. P.* não é de todo inaceitável.

Abexim começou por ser substantivo e o emprêgo adjectivo, legítimo e explicável ou compreensível, resultou da possibilidade que há de adjectivar os nomes inicial e restritamente substantivos. Em trabalhos lexicográficos notam-se, por vezes, erróneas classificações morfológicas, precisamente porque se não repara em que tais classificações se deviam fazer em obediência à verdade histórica da evolução — *adj.* para *subst.* ou *subst.* para *adj.* Exemplifico: *Árabe* e *arábico*.

A palavra *árabe* pode empregar-se adjectivamente? Evidentemente: lingua *árabe*, estudos *árabes*, etc. Mas qual a classificação morfológica inicial, própria? É a de substantivo, que se vai buscar ao latim *araba*, *abis* e *Arabes*, *um*. (Cf. Quicherat). O emprêgo *árabe*, *adj.*, é um emprêgo legítimo, mas conseqüente.

Entre *árabe* e *arábico*, qual das duas palavras é mais propriamente, digo, mais caracteristicamente adjectiva? É *arábico*.

¹ Em outro trabalho localizarei estas abonações, que agora refiro só para exemplo rápido.

Poderá, pois, escrever-se: ribeiras *árabes*? Poder, pode; mas o emprêgo característico, próprio, será como Camões escreveu: *arábicas* ribeiras.

Ora, quanto a *abexim*, do mesmo modo se considerará consentida, e até documentada, a adjectivação. Porém, melhor andou Gonçalves Viana ao registar no seu *Vocabulário*: *abexim*, m.

Aerólito, aerolito. — O ter o *Compêndio* do dr. Matoso registado *aerólito* não constitui força capaz de contrariar esta realidade da língua: a prosódia *aerólito* seria a aconselhável, a exacta, se não fôra a analogia com as palavras em *ito* levar o povo a seguir a acentuação tónica geral *aerolito*. Quando há luta entre dições cultas e dições populares ou vulgares, a vitória vem, quasi sempre, para o lado destas.

Afazeres. — Não há discordância do Crítico.

Afurada. — A grafia *Aforada* propu-la diante da etimologia que parece relacionar-se com *aforar*. E a falsa analogia com *furo*, aventada pelo dr. Machado, não impede que, a ser certo o étimo sugerido, se emende um possível erro gráfico, por muito enraizado que esteja. Note-se como pegou bem a emenda de *Rocio* para *Rossio* e a de *Cintra* para *Sintra*, só para citar dois exemplos que me ocorrem. ¹

Agrafe. — Dêmos tempo ao tempo. Se ficar, ficou. O melhor é ir adaptando em *agrafo*.

Albanês, Albanos. — «*Albaneses* (melhor fôra *albanos*, em latim *Albani*).»

Esta opinião de G. Viana (*Palestras*, 147) é muito de atender. O grande filólogo não quis significar que *albanês* (aliás registado no seu seguríssimo *Vocabulário*) era f. errada. Certamente a preferência de G. Viana estava nisto: se já em latim *Albani* referia os naturais da Albânia (além de, como vejo em Quicherat e noutros, indicar os de Alba-Longa), melhor é adaptar este latim em *Albanos*. E isto não impede que se use de *albanês* como *adj.* (respei-

¹ No Minho conheço *Afurada* ou *Furada*, no Cávado. Atribui-se tal nome a terem os mouros «furado» uns penedos... para deixar passar o rio.

tante ou pertencente à Albânia) ou como *subst.* (indivíduo da Albânia; o idioma esquivo).

Alcáçar. — Ao afirmar eu que «*alcáçar* sempre se disse», pretendi emendar a pronúncia do registo *alcaçar* (çár), que andou vulgar em tempo da guerra de Espanha. O dr. Machado, talvez por culpa da minha concisão, não apreendeu o intento e julgou que preferia *alcáçar* a *alcácer*. Esclarecido isto, direi ao erudito crítico que nem só por «leitura de livros antigos» se prova o uso de *alcáçar* em «autores modernos». Os nossos autores não antigos usam de *alcácer* e de *alcáçar* indiferentemente. Aqui deixo um exemplo de Castilho: «guies caminho ao nosso *alcáçar*.» (*A Noite do Castelo*, fim do canto III).

Alcaide, alcalde. — O meu artigo saiu infeliz. A primeira pessoa que me chamou a atenção para o caso foi o dr. Sá Nogueira, em carta. O dr. Alfredo Pimenta (na *Cultura* de 23-vi-38) também fez idêntico reparo. Enganei-me, de-facto, ao traduzir o espanhol *alcalde* por *alcaide*. E, como o dr. Machado diz, eu não ignorava a diferença entre *alcalde* e *alcaide*, em português. Esta diferença entre *alcalde* e *alcaide*, que os nossos léxicos não fazem em geral, não me ocorreu ao redigir o artigo. Emendo-me, pois.

Diz ainda o dr. Machado que a formação do *alcalde* é genuína e que lhe corresponde o francês *cadi*.

Informo o dr. Machado de duas coisas:

- 1.^a) Em francês, além de *cadi*, existe também a forma *alcade*.
- 2.^a) Gonçalves Viana regista no *Vocabulário* (e o mesmo fez o recente *Vocabulário* da Academia) a forma *cádi*.

Já tenho encontrado *cádi* em bons autores. Citarei Camilo, por exemplo: «levado à presença do *cádi* dos turcos, jurou, levantando a mão, reconhecer e servir Mafoma. O *cádi* leu-lhe alguns artigos do alcorão.» (Cf. *O Santo da Montanha*, cap. xxxii).

Alcali. — Se a emenda pegar, bom é. Gonçalves Viana, porém, no *Vocabulário* registou um facto: a pronúncia que alguns seguem de *álcali*. E foi este facto que eu expliquei no *Diccion. de Dif.^{des}*. Na verdade, eu não defendi, expliquei um facto da língua.

Alcool. — Registo a concordância do Crítico.

Allah hu acabar! — Desculpe o distinto arabista dr. Machado que eu lhe faça reparar nisto: *Deus é grande, omnipotente!* — é melhor tradução do que *muito grande*, pois aquêlé *grande*, aplicado a Deus, já só para si equivale a *grandíssimo* (acabar). *Deus é grande* — eis a expressão consagrada.

Almocadem. — Há engano, quando o dr. Machado afirma que *almocadem* «sempre foi» aguda em português (*almocadêm*). Basta que lhe cite Morais (ed. de 1813) e G. Viana, *Vocabulário*. E direi ainda que *armazém*, de pronúncia definitivamente fixa pelo uso vulgarizada, não nos pode forçar à oxitona em vocábulo hoje vivo-doiro em domínios histórico-literários. Mantenho, pois, o que disse.

Alvíssaras. — O artigo do dr. Machado fêz-me, realmente, convencer de que a grafia com *ss* é a melhor.

Amir e emir. — Acho que o dr. Machado exagera ao considerar só *amir* bom português e *emir* galicismo. Mais exacto será chamar a *amir* forma culta. *Emir*, se é verdade que corresponde a uma forma vulgar do árabe, não é galicismo. Tem por si a tradição, aliás.

Azevan. — A etimologia de Eguílaz é fantasiosa? Porquê?

Bagadá e Bagodá. — Prefiro estas grafias por serem as tradicionais. O culto da tradição explica-se por si mesmo. Vale infinitamente mais do que a subserviência a coisas estranheiradas.

Bibelot. — Por me parecer escusado este termo, indiquei sete palavras portuguesas que o evitam, uma vez que se considere o significado exacto que tem em francês: «*petit object de luxe qui se place sur une cheminée, une étagère, etc. Object futile et de peu de valeur.*» Propõe o dr. Machado o aportuguesamento *bibelô*. Não vejo utilidade nisto. Melhor será usar-se (quando se queira usar...) *bibelot*, mas em itálico, ou entre aspas, ou sublinhada.

Boudoir. — O dr. Machado junta *câmara* aos cinco termos que dei. Todavia, o que melhor corresponde é *antecâmara*, preferido por Camilo a *boudoir*. *Toucador* também tem significado correspondente. O passo citado pelo dr. Machado não apresenta *câmara* no

sentido do *boudoir* francês. *Câmara*, ali, é a *alcova*, o quarto de dormir.

Byron.—Pronúncia portuguesa para este apelido inglês? *Birom*? Mas *Birom* fica horrivelmente irreconhecível.

Cago-Shima.—O dr. Machado, sem dizer porquê, prefere *Cangoxima* ao *Cangoximá* de Viana. Era bom que a sua preferência tivesse apoio em razão de pêso.

Carcaça, carcassa.—O dr. Machado mostra-se demasiadamente decidido quanto ao étimo da palavra, a meu ver problemático. Dizer que *carcassa* é preferível por vir de origem francesa ou italiana não é bem seguro. Viana foi mais prudente e registou *carcaça*.

Chalet.—Não há discordância do Crítico.

Charife, xarife, etc.—Emendarei o meu artigo, deixando de preferir *xarife* a *xerife*. Direi já agora ao dr. Machado que, afora estas, conheço ainda outra forma: *xarifo*.

Cheik, cheque.—Informo que *ancião* está no *Dic.* só por tradução de étimo.

Chicago.—Em português devemos proferir *Chicago* como grave. Há quem errôneamente pronuncie *Chicago*, por ignorância de que no próprio inglês da América é palavra paroxitona.

Coromandel.—A confusão de *ch* lido como *c* simples não é razão para preferir *Coromandel* a *Choromandel* (Xo —). É erro que está a tempo de emenda.

Danzigue.—Este meu aporuguesamento foi adoptado pelo *Vocabulário* da Academia, e Xavier Fernandes já o recolhe nos recentes *Topónimos e Gentílicos* (I, 56).

Derviche.—Não há discordância do Crítico.

Divisas.—Registo a concordância.

Dniepre.— Mais uma vez o pouco espaço de que dispunha me levou a ser breve em demasia. Informarei, pois, o dr. Machado, acrescentando que Ingêleses e Franceses espalharam a alteração *Dnieper*, *Dniéper* (respectivamente). Os Alemães, além de *der Borys-thenes*, seguem, porém, a melhor forma *Dniépr*. De modo que, a não se querer a forma antiga *Boristenes*, aliás bem lembrada por Fortunato de Almeida, não devemos adaptar a moderna denominação geográfica em *Dniéper*, mas em *Dniépr*.

Dragomano.— Não sendo minha intenção principal estudar o étimo, ao referir êste segui a informação de Nascentes (que se apoia noutros autores): *tarjuman*, do sirio *tarjum*. J. J. Nunes: *tarjman*.

Écran.— Insistamos em traduzir por *tela*.

Embalagem.— O Critico, talvez por ler o que digo em *sprint*, acha necessário o galicismo. Advirta-se que julgo *embalagem* escusado por *empacotamento*, *enfardamento*. Aliás, não há dúvida que é de origem francesa. Já G. Viana, *Vocabulário Ortoq. e Ortoépico*, filia no fr. *em'allage*.

Équipe.— *Grupo* é a melhor tradução. Noutra acepção: *camisola*, as *côres*. *Combinado* não serve em Portugal.

Estrangeiro.— Escrevi no *Dic.^o de Dificuldades*: «Uns dão para étimo **extraneariu*, outros *straneariu*. Ainda se propôs o francês *étranger*. O adjectivo *estrangeiro* é antigo na língua. Por ex., veja-se a pág. 199, 1 das *Obras* de Gil Vicente (ed. 1907). Gonçalves Viana grafou — *estrangeiro*. Em espanhol é com *j*. Sigamos esta escrita». Mostro neste artigo: 1.^o que é incerto o étimo de *estrangeiro*, 2.^o que encontro *estrangeiro* em autores antigos, 3.^o que o espanhol nos aconselha a escrita com *j*.

Já está dito e redito que o **extraneariu* daria *estranheiro*. Já é por demais conhecida a hipótese da via francesa (quer *étranger*, quer o arc. *estranger*). Ninguém ignora as informações dadas por vários filólogos como Lübke, J. J. Nunes e outros. No entanto, a meu ver, não é resolver o problema relacionar o português com o francês e assentar em: *estrangeiro* > fr. *étranger*, ou arc. *estranger*. Diz o dr. Machado: «Eu julgo não se poder ter dúvidas sobre a origem francesa do vocábulo». Pois a dúvida neste problema é bem aconselhável...

Eu insisti no *Dic.^o de Dificuldades* em não desprezar o espanhol *extranjero*. E insisti, porque acho que não podemos só olhar ao francês, esquecendo o espanhol. Observa o sr. dr. Rebêlo Gonçalves na *Introdução ao Vocabulário* da Academia que a escrita *estranjeiro* é «insuficiente defendê-la com o espanhol». Não me parece insuficiente uma relação etimológica que pode contrariar soluções hipotéticas. Mas, ainda que o espanhol fôsse insuficiente, outra razão militava a favor da precaução com que devemos acolher a hipótese francesa: além do espanhol *extranjero*, existe o italiano *straniero*¹.

Fila indiana.—O dr. Machado não leu com atenção o meu artigo. Referi Bernardes para explicar a expressão *à formiga*. A expressão *fila indiana* é relativamente moderna, em português.

Flandres.—A anteposição articular, tanto com *de* como com *em*, é de uso moderno.

Fonoflme.—A palavra neológica e híbrida *fonoflme* é desnecessária, além do mais, porque a distinção entre *fita sonora* e *fita muda* se vai tornando desnecessária por já não haver *fitas mudas*.

Futebol.—Generalizou-se, de facto, a forma *futebol*. Curioso é, porém, que actualmente se usa apenas dizer *a bola*: jogar *a bola* ou *à bola*, ir ver *a bola* (= *um desafio de futebol*), etc. Reacções da língua, aliás...

Forward.—Não há discordância.

Goano.—Pretende o dr. Machado escorraçar esta palavra, por causa da «confusão com *guano*». Seria absolutamente anticientífico (além de tarefa irrealizável e sem razão de ser) tentar escorraçar tôdas as palavras cujos homónimos e homófonos lembrassem coisas desagradáveis. Não poderíamos, *v. g.*, dizer *pêso bruto*; não poderíamos chamar *Lucas* ao individuo deste apelido;

¹ Já depois de entregue este artigo, vim a ler as sensatas considerações de Francisco Torrinha, as quais transcrevo à pág. 164 do meu livro *A Bem da Língua Portuguesa*.

nem Diogo *Cão* ao navegador, etc. *Goano* é forma imprescindível, a-par das demais.

Alcanzia e granada de mão.— Veja o dr. Machado o *Glossário* do Prof. Agostinho de Campos, na pág. 36.

Haxixe.— Concorde o Crítico.

Harem, harém.— Afirma o dr. Machado que em evolução normal teríamos em português *harem* ou *hãrão*. É de crer, porém, que antes seria *farem*, *fãrão*. Quero ainda fazer observar ao Crítico que, por ex., a forma inglesa *harem* (lida, aliás, por Ingleses *há-ram*) não é de proveniência directa do árabe. [Noto que o dr. Machado esqueceu o italiano *arem*].

Hégira.— 1.º) Escrevi com *g*, simplesmente porque é essa a grafia oficial...

2.º) Pelos motivos dados nos meus *Estudos Vernáculos*, p. 137-138, não concordo nem com o que disse o dr. Alfredo Pimenta no estudo crítico consagrado ao meu *Dicionário* (cf. *Cultura Portuguesa, Cultura Estrangeira*, de 23-vi-38), nem com o que diz o dr. Machado. Insisto em distinguir a significação primitiva do termo (emigração) da aplicação, extensiva e posterior, a um facto histórico (fuga).

Kasba.— O dr. Machado ensina que *alcáçova* deriva de *alqaiba* sem vogal na segunda letra. E nos *Comentários ao Dicionário de Nascentes* pergunta porque foi que este A. a pôs. Porém, *Nascentes* di-lo: vogal anaptítica.

Kibir.— Para substituição desta forma estrangeirada refiro as boas formas *Quebir* ou *Quivir*. O dr. Machado entre estas duas prefere a primeira. No entanto, a tradição da segunda não permite que se ponha de todo de lado.

Língua.— Esta palavra, bem como *guia*, no uso clássico, afóra alguns exemplos que conheço, predominava no feminino. Em F. Manuel do Nascimento já se nota ora num género, ora noutro. No uso actual predomina o masculino, no sentido de *intérprete*. Ora, o meu intuito é mostrar ou documentar que no uso clássico era feminino,

mesmo aplicado a homens, ao passo que no português actual se opta pelo masculino.

Mir-almuminim.— Pelo exame do meu original concluo que houve «gralha» no dicionário. Devo acrescentar que a chamada segunda edição de *Os Lusíadas*, nos cantos por mim referidos, traz: *Miralmomini*.

Moçárabe.— Ao contrário do que pensou o dr. Machado, não houve neste caso qualquer «gralha». Escrevi *moçarab*, porque me pareceu ser acertada a explicação de que o árabe *moçtarab* deu por metátese *moçarab* e, daqui, *moçárabe* (português) e *mozarabe* (espanhol).

Off-side.— *Deslocado*, *deslocação* são as convenientes traduções. *Obessaite* não é coisa aceitável.

Paxá.— Concordância plena do Crítico. Ao refutar *pashah*, escrevi: «*paxá*» ou antes *bará*. *Paxá* é transformação de *padirah*. . . *Bará* é forma árabe da escrita persa». Aquêlé «antes» traduzia o cunho de vernaculidade que vi na arabização *bará*. Quanto à origem de *padirah*, supponho que ficou esclarecido no meu artigo ser persa.

Patechuli.— Propus esta forma em português. O dr. Machado propõe antes *patexuli*, «tendo em vista a forma árabe originária». Todavia, foi pelo inglês e francês que a recebemos. E, afora o mais, o étimo exacto da palavra é problemático.

Pater familias.— Ignoro, como o dr. Machado ignora, a razão da hipótese de ser o genitivo em —as «talvez dialectal». Não me admiro, porém, de que assim seja, atendendo a que nos dialectos acontece dar-se a conservação de factos totalmente desaparecidos no falar geral.

Quebir.— Cf. o que disse em *Kibir*.

Raja.— Pelo que ensinaram G. Viana e Rodolfo Dalgado, fica a gente a saber que *raja* se pode ter como grave, mas que *rajá* não é erróneo. O dr. Machado, aliás, confirma que esta última acentuação não tem de emendar-se. Façamos o que o fez Gonçalves

Viana no *Vocabulário*: admitamos, em português, as duas formas — *raja*, *rajá*.

Reich.—Concordância do Crítico.

Salão.—Agradecendo o elogio, direi ao dr. Machado que nem por sombras oponho a opinião de J. de Castilho à de David Lopes. Conheço as *Cousas Árabe-Portuguesas*, que cito, aliás, no meu trabalho. Ora, eu não deixei de dizer que *salão* provém do árabe. Note, porém, o dr. Machado que, sem ser eu que resolva este difícil problema, a verdade é que a etimologia proposta pelo Prof. David Lopes não é talvez a definitiva, pois há outras hipóteses, como sabe.

Sultão.—Nada opõe o Crítico ao que escrevi.

Táxi.—Evidentemente eu não defendo a pronúncia *ch*. Conhecendo a opinião do Prof. Agostinho de Campos, referi-a, como era meu dever. Mas claramente se vê que opto por *-cs*. Ajuntarei que é esta a pronúncia que seguimos **todos** e já se não dirá doutro modo.

Uale, uáli.—Gostava de conhecer as razões da opinião do dr. Machado.

*

Agradecido fico, não só às palavras excessivamente elogiosas do dr. José Pedro Machado, mas principalmente ao propósito sincero de analisar com objectividade o meu trabalho. E confessarei que a melhor recompensa das canseiras de bem dez anos de investigação não está na idéia illusória ou falsa de que fiz obra perfeita ou sequer bem feita. A melhor recompensa é que a Crítica bem intencionada haja compreendido que ponho em todo o meu labor «honesto estudo» e «probidade».

VASCO BOTELHO DE AMARAL



Recensões críticas

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, **Documentos inéditos de Marrocos. Chancelaria de D. João II.** Publicação dirigida pelo Académico P. M. Laranjo Coelho, em execução do plano elaborado pelo antigo Académico efectivo Prof. Dr. David Lopes. Volume 1. Imprensa Nacional de Lisboa. MCMXLIII. XI, 441 pp.

Em 11 do corrente mês de Novembro, no momento em que, na sessão da classe de letras da Academia das Ciências de Lisboa, o ilustre Académico, Professor Queiroz Veloso lia o elogio do Doutor David Lopes, Mestre em Portugal dos estudos arábicos, saía dos prelos da Imprensa Nacional o primeiro volume da obra intitulada *Documentos Inéditos de Marrocos, Chancelaria de D. João II*, publicado de harmonia com um plano elaborado pelo ilustre historiador das relações luso-marroquinas. O notável Académico Dr. Laranjo Coelho pôs em relêvo a coincidência da evocação do historiador e do aparecimento de mais um monumento da sua labuta incansável e fecunda. O Prof. David Lopes que, durante toda a sua carreira compulso as fontes inéditas da história de Portugal em África, tinha aludido várias vezes à conveniência de separar a massa de documentos relativos a Marrocos daquela que se referia aos nossos descobrimentos e conquistas; o seu plano consistia portanto na publicação dum *Corpus africano*, obra exaustiva, na qual deviam figurar diplomas de toda a espécie, emanados de quantas colecções existem nas nossas bibliotecas e arquivos. Essa obra teria o título geral que vemos impresso na capa do presente volume.

A obra, que presentemente se oferece ao público, continua uma série que Pedro de Azevedo deu à estampa, por ordem da Academia das Ciências, e que se intitulava: *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531*, 1.º e 2.º volumes; esta colectânea encerra documentos datados de 1415 — ano da conquista de Ceuta — a 1456, pelo que abrange os reinados de D. João I (1385-1433), D. Duarte (1433-1438) e D. Afonso V (1438-1481); o volume agora publicado insere documentos emanados da Chancelaria do Príncipe Perfeito, desde 1481 até 1492. Devem-se-lhe seguir outros volumes com os diplomas das Chancelarias dos monarcas seguintes: D. Manuel (1495-1521), D. João III (1521-1557) e D. Sebastião (1557-1578).

O plano de trabalhos do Prof. David Lopes não deixava certamente de incluir a publicação de documentos doutras origens. Seria útil que, nos volumes subsequentes, se desse a indicação dos lugares onde se encontram publicados outros documentos ou extractos de documentos, como, por exemplo, a *Dis-*

sertação XIII de João Pedro Ribeiro, as *Obras Completas* do Cardeal Saraiva, os *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos* do Dr. António Baião, os *Textos em aljamia portuguesa*, 1.^a e 2.^a edições, do Prof. David Lopes, a publicação intitulada *Alguns documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas*, a série *História e Genealogia*, de Afonso de Dornelas, o *Arquivo Histórico Português*, as *Sources inédites de l'Histoire du Maroc*, etc., etc.

O volume de que nos estamos ocupando contém principalmente cartas de perdão, e, bem assim, de comutação ou redução de pena, de sentenças — a perda de lugar, a degrêdo para Arzila, Alcácer-Ceguer, Tânger e Ceuta —, além de cartas de nomeação de capitães e outros funcionários para as praças africanas: D. João de Meneses, Conde de Tarouca, Álvaro de Faria, D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, para capitães de Arzila, o mesmo D. João de Meneses (Tarouca), para capitão de Tânger, e Martin de Távora, para Alcácer-Ceguer. As cartas de perdão são justificadas pelo procedimento daqueles a favor de quem se passavam: uns por terem estado na tomada de Arzila ou em Tânger ou ainda por terem servido contra os turcos, em 1481, na armada de D. Garcia de Meneses, bispo de Évora; outros por se haverem encontrado na armada que foi em socorro da fortaleza da Graciosa, mandada construir em 1489, numa ilha do rio Lucos. Numa dessas cartas alude-se ao perdão geral dado por D. Afonso V, após a tomada de Arzila, em 1471; noutra, fala-se da tomada de Anafé, lugar que os portugueses, comandados pelo Infante D. Fernando, irmão e companheiro de D. Afonso V, desmantelaram, sem, no entanto, o ocuparem (1468 ou 1469). Um dos documentos mais notáveis é a carta alusiva ao imposto de 10 mil sáveis anuais e à obrigação de acolher os feitores do Rei de Portugal que se exigia dos habitantes de Azamor, nossos vassallos, em troca da protecção pela coroa portuguesa dos seus bens e pessoas; essa carta, que se encontra também no *Livro das Ilhas* (fl. 42 v.), foi publicada por Pierre de Cenival nas *Sources inédites de l'Histoire du Maroc, Portugal* (1.^o volume. pp. 5-8).

Acompanham esta obra o valioso Prefácio do Dr. Laranjo Coelho e dois índices: um cronológico, com a súmula muito rápida de cada documento, e o outro alfabético, de nomes próprios e comuns.

JOAQUIM FIGANIER